



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

BOLETIM DE SERVIÇO

Nº 507 - 3 de novembro de 2015

Universidade Federal do ABC

Reitor:

Prof. Klaus Werner Capelle

Vice-Reitor:

Prof. Dácio Roberto Matheus

Chefe de Gabinete:

Marcos Joel Rúbia

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. José Fernando Rey

Pró-Reitor de Pós-Graduação:

Prof. Gustavo Martini Dalpian

Pró-Reitora de Pesquisa:

Prof^a. Marcela Sorelli Carneiro Ramos

Pró-Reitor de Extensão:

Prof. Daniel Pansarelli

Pró-Reitor de Administração:

Prof. Júlio Francisco Blumetti Facó

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional:

Prof. Vitor Emanuel Marchetti Ferraz Junior

Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Políticas Afirmativas:

Gustavo Adolfo Galati

Diretor do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas:

Prof. Annibal Hetem Junior

Diretor do Centro de Ciências Naturais e Humanas:

Prof. Ronei Miotto

Diretor do Centro de Matemática, Computação e Cognição:

Prof. Edson Pinheiro Pimentel

Procurador:

Dr. Reginaldo Fracasso

Prefeito Universitário:

Walter Ignácio Rosa

Secretária Geral:

Soraya Aparecida Cordeiro

O Boletim de Serviço da Fundação Universidade Federal do ABC, é destinado a dar publicidade aos atos e procedimentos formais da Instituição.

Referências:

Lei nº 4.965, de 5 de maio de 1966.

Dispõe sobre a publicação dos atos relativos aos servidores públicos e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, v. 112, nº 157, p. 4.971, de 10 de maio de 1966. Seção I, pt. 1.

Portaria nº 1, de 02 de janeiro de 2007 - UFABC

Institui o Boletim Mensal de Serviço da Fundação Universidade Federal do ABC.

Produção e Edição
Assessoria de Comunicação e Imprensa
3356-7576 / 3356-7577

SUMÁRIO

CONSEPE	05
REITORIA	469
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO	477
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO	485
SUGEPE	515
CCNH	569
CECS	576
COMISSÕES	579

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356-7630/7636/7631/7635
conselhos.superiores@ufabc.edu.br

ATO DECISÓRIO Nº 116, DE 21 DE OUTUBRO DE 2015

Aprova o plano de curso de pós-graduação em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica, em nível de Mestrado Profissional (PROFENSINO).

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CONSEPE) DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), no uso de suas atribuições, considerando:

- ✓ que a proposta de criação ao curso de pós-graduação em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica, em nível de Mestrado Profissional (PROFENSINO) foi avaliada pelo Conselho do Centro de Matemática, Computação e Cognição em sessão ordinária realizada em 12 de agosto de 2015;
- ✓ que a proposta de adesão ao referido curso foi avaliada pela Comissão de Pós-Graduação da UFABC, em reunião realizada em 21 de setembro de 2015;
- ✓ a aprovação da proposta de adesão ao referido curso pelo Conselho Universitário (ConsUni), na continuação de sua III sessão ordinária realizada em 29 de setembro de 2015; e
- ✓ as deliberações ocorridas na IX sessão ordinária deste Conselho, realizada 20 de outubro de 2015.

DECIDE:

Art. 1º Aprovar o plano de curso de pós-graduação em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica, em nível de Mestrado Profissional (PROFENSINO), em rede nacional, conforme anexo, a realizar-se em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Art. 2º Designar o professor Evonir Albrecht como coordenador local.

Art. 3º Este Ato Decisório entra em vigor a partir de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

Klaus Capelle
Presidente



Universidade Federal do ABC

PROFENSINO

Proposta em 14 de julho de 2015



Os números correspondem à numeração dos Polos, na contra-capá

Polo 01	Rio de Janeiro 1-RJ	UERJ	Andrea da Silva Marques Ribeiro
Polo 02	Rio de Janeiro 2-RJ	IFRJ	Marcus Vinicius da Silva Pereira
Polo 03	Niterói 1-RJ	UFF-Div Inclusão	Lucianne Frangel Madeira
Polo 04	Niterói 2-RJ	UFF-Química	Florence M Cordeiro de Farias
Polo 05	Seropédica -RJ	UFRRJ	Pedro Carlos Pereira
Polo 06	Juiz de Fora-MG	UFJF	Janaina Garcia Sanches
Polo 07	Uberlândia-MG	UFU/Eseba	Inia Franco De Novaes
Polo 08	Santo André-SP	UFABC	Evonir Albrecht
Polo 09	Campinas-SP	UNICAMP	Celso Dal Ré Carneiro
Polo 10	Guaratinguetá-SP	UNESP	Rosa Monteiro Paulo
Polo 11	Belém 1-PA	UFPA	Marcio Antonio Raiol dos Santos
Polo 12	Belém 2-PA	UEPA	Pedro Franco de Sá
Polo 13	Marabá - PA	UFESSPA	Ronaldo Barros Ripardo
Polo 14	Ji-Paraná - RO	UNIR	Kécio Gonçalves Leite
Polo 15	Araguaína - TO	UFT	Gecilane Ferreira
Polo 16	Arraias - TO	UFT	Idemar Vizolli
Polo 17	Porto Nacional - TO	UFT	Roberto de Souza Santos
Polo 18	Cáceres - MT	UNEMAT	Josimar de Sousa
Polo 19	Cuiabá - MT	UFMT	Sergio Antonio Wielewski
Polo 20	SINOP - MT	UFMT	Edson Pereira Barbosa
Polo 21	Goiânia - GO	UFG	Elisabeth Cristina de Faria
Polo 22	Inhúmas - GO	IFG	Daniella De Souza Bezerra
Polo 23	Ilhéus - BA	UESC	Irene Mauricio Cazorla
Polo 24	Salvador - BA	UFBA	Luiz Marcio Santos Farias
Polo 25	Maceió - AL (a)	UFAL	Hilda Helena Sovierzoski
Polo 25	Caruaru - PE (b)	UFPE	Iranete Maria da Silva Lima
Polo 26	Pau dos Ferros - RN	UERN	Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Polo 27	Mossoró - RN	UERN	Jean Mac Cole Tavares Santos
Polo 28	Assú - RN	UERN	Francileide B. de Almeida Vieira
Polo 29	Fortaleza - CE	UFC	Diva Maria Borges-Nojosa
Polo 30	São Luís - MA	UFMA	Maria Consuelo Alves Lima
Polo 31	Londrina - PR	UEL	Irinéa de Lourdes Batista
Polo 32	Curitiba - PR (a)	UFPR	Carlos Roberto Vianna
Polo 32	Curitiba - PR (b)	UTFPR	Maria Silvia Bacila Winkeler
Polo 33	Paranavaí - PR	UNESPAR	Conceição Solange Bution Perin
Polo 34	Ponta Grossa - PR	UTFPR	Isabel Ribeiro Gravonski
Polo 35	Maringá - PR	UEM	Maria Júlia Corazza
Polo 36	Florianópolis 1 - SC	UFSC	Edson Souza de Azevedo
Polo 37	Florianópolis 2 - SC	IFSC	Marizete Bortolanza Spessatto
Polo 38	Pelotas - RS	IFSul/CaVG	Raymundo Carlos M. Ferreira Filho

ÍNDICE

Síntese da proposta (PROFENSINO em uma página).....	4
PARTE I – PROFENSINO em 20 páginas	
Apresentação da proposta.....	5
Polos e Instituições	7
Estrutura do Curso	10
Matriz Curricular e Percorso formativo.....	11
Matriz de linhas e projetos de pesquisa	12
Bloco comum de disciplinas (ementas) e demais atividades.....	14
Corpo Docente (perfil).....	16
O processo de construção	17
Estratégias de Financiamento	19
Plano de implantação	20
PARTE II -	
Detalhamento da proposta: textos do APCN inseridos na Plataforma Sucupira.....	21
PARTE III	
Descrição dos polos, por região	53
ANEXOS	
Anexo 1: Regimento e Catálogo de Disciplinas	
Anexo 2: Corpo Docente	
Anexo 3: Cartas de Anuência das IFEE associadas	

Comissão Organizadora: Andrea Marques Ribeiro (UERJ), coordenadora do PROFENSINO, Fábio Merçon (UERJ), coordenador adjunto, Esequiel R. Oliveira (UERJ), Claudia H. Barreiros Sonco (UERJ), Carlos Vianna (UFPR), Dario Fiorentini (UNICAMP), Hilda Sovierzoski (UFAL, coordenação adjunta de Área), Irinéa Batista (UEL), Marcelo Borba (UNESP, Coordenação adjunta de Área), Maria Bicudo (UNESP), Pedro Franco de Sá (UEPA, REAMEC); Tania Araujo-Jorge (Fiocruz, coordenação de Área).

Agradecimentos: Helder Silveira (UFU, DEB-Capes), Lívio Amaral (UFRGS, DAV-CAPES), Isaac Roitman (UnB, externo).

PROFENSINO - Síntese da Proposta em uma única página:

Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica

Objetivo final: Contribuir para a melhoria da Educação Básica no Brasil

Polos: 38

Instit. Federais e Estaduais de Ensino (IFEE) participantes: 36 Docentes: 429 doutores

Sede: UERJ – Colégio de Aplicação - Instituto Fernandes Rodrigues da Silveira - CAP/UERJ

Público alvo: professores em exercício profissional nas redes públicas de Educação Básica.

Perfil do egresso: um profissional sensível e inovador, que trabalhe em sua área específica de ensino, articulando sua prática de modo analítico e reflexivo às teorizações a respeito de aprendizagem, ensino, cultura escolar, inclusão na escola e tecnologias educacionais e sociais.

Seleção: anual, nacional

Vagas: 800 no 1º ano, e 1000 no 2º ano de oferta do curso

Título a ser outorgado: Mestre em Ensino, emitido pela IFEE responsável pelo polo.

Características do Curso:

Uma Área de Concentração: **Ensino na Educação Básica e suas tecnologias;**

Quatro Linhas de Pesquisa:

Linha 1. Ensino e aprendizagem na Educação Infantil

Linha 2. Ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Linha 3. Ensino e aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental

Linha 4. Ensino e aprendizagem no Ensino médio (formação geral, técnico e formação de professores)

16 Macroprojetos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico: relativos aos conteúdos propostos pelas atuais diretrizes da educação básica, e são definidos como “interdisciplinares, transversais e inclusivos”, em cada componente do conteúdo curricular e em cada segmento da Educação Básica. Desse modo, a inclusão e a diversidade, e todos os temas transversais, são tratados numa perspectiva inter e transdisciplinar.

- a- Linguagem e códigos e suas tecnologias.
- b- Ciências da natureza e suas tecnologias.
- c- Matemática e suas tecnologias.
- d- Ciências humanas e suas tecnologias.

Polos: constituídos por no mínimo por 05 docentes permanentes, todos doutores, que desenvolvem no uma ou mais linhas de pesquisa do Programa. Suas IFEE titulam seus egressos. Em 7 de julho de 2015, 38 polos configuram o PROFENSINO, em todas as regiões do país.



Apresentação:

O Mestrado Profissional em **Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica** – PROFENSINO, em Rede Nacional visa à qualificação de professores para o exercício da docência na Educação Básica, preferencialmente da rede pública de ensino, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país. O PROFENSINO é uma proposta para o Brasil, construída por coordenadores de muitos Programas de Pós-Graduação (PPG) em Ensino, Área 46 da CAPES. Foi induzido pela Diretoria de Avaliação da CAPES, com discussões a partir do 2º semestre de 2014, aceleradas no 1º semestre de 2015, e após conversas com o MEC-SEB e a Coordenação da Área. A proposta contribui decisivamente para a Meta 16 do Plano Nacional de Educação (Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014), que prevê a formação continuada em nível de pós-graduação de pelo menos 50% dos professores que atuam na Educação Básica. Tal número é estimado em um milhão de professores a serem alcançados. A proposta atende também a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica (Decreto Nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009) e segue as orientações da CAPES para os cursos de Mestrado Profissional da Área de Ensino, e a Portaria Normativa no. 17 de 28/12/2009 do MEC para Mestrados Profissionais em Rede. Além disso, é uma iniciativa estruturante: o Seminário de Área de Ensino de 2014 recomendou mais cooperação e articulação dos Programas, no sentido do apoio ao fortalecimento da Educação Básica. Assim, a proposta cria uma nova frente de expansão na Área de Ensino, nucleando polos que poderão em futuro breve se transformar em programas autônomos, e gera uma opção de fomento que traz a potência de uma rede nacional para a integração dos programas isolados.

O PROFENSINO nasceu da ideia original trazida à coordenação da Área pelo Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), que vai sediá-lo, e que fez uma pré-articulação com outros Colégios de Aplicação pelo país. É interessante que após 15 anos de funcionamento da Área, sejam Escolas de Educação Básica de excelência reconhecida que venham propor tal ação, indicativo de sua percepção desta lacuna no Sistema Nacional de Pós-Graduação.

Apresentada aos demais PPG da Área de Ensino, a proposta foi encampada por diversas outras Instituições que consideraram oportuno, e urgente, uma articulação nacional para ampliar a escala de alcance do mestrado para professores da Educação Básica. Na base da proposta, a defesa do direito a uma qualificação em pós-graduação de qualidade para os professores da Educação Básica, para ampliar sua valorização nas dimensões profissionais, pessoais e sociais.

O PROFENSINO está sendo proposto com a associação de 36 IFEE e 429 docentes, todos doutores, tendo seu núcleo em uma rede de cinco Colégios de Aplicação de Universidades Públicas, associada a outras redes de 33 Instituições que já operam com mestrados profissionais e acadêmicos e com doutorados em Ensino de vários conteúdos, com destaque para o Ensino de Ciências, de Matemática, de Saúde e de Humanidades.

O PROFENSINO tem como objetivo, em médio prazo, e em todo o território nacional, a formação de professores da Educação Básica¹ (da Educação Infantil, do Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais e do Ensino Médio, segmentos que organizam suas linhas de pesquisa) no ensino contemporâneo e inovador dos conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica², a saber: ensino de ciências da natureza e matemática, ensino de linguagens e códigos, e ensino de ciências humanas, bem como suas respectivas tecnologias, temas transversais e processos e estratégias de inclusão e equidade. Estas diretrizes foram atualizadas em 2013 como consequência da instituição do Ensino Fundamental de nove anos e da obrigatoriedade do ensino gratuito dos 4 aos 17 anos de idade. Tais mudanças ampliaram os direitos à educação das crianças e adolescentes brasileiros, e também de todos aqueles que não tiveram oportunidade de estudar quando estavam nessa fase da vida.

Com o PROFENSINO a experiência dos PPG acadêmicos e profissionais reunidos na Área de Ensino da CAPES vem se somar aos demais cursos de Mestrado Profissional, locais e em rede nacional que já estão estruturados e em operação no Brasil. Atualmente a Área atua com mais de 130 Programas de Mestrado e Doutorado, com destaque para os seus 77 Mestrados Profissionais já credenciados pela CAPES. Acumulando experiências de formação em Ensino desde 2000, os PPG da Área de Ensino já titularam mais de 6 mil egressos, e asseguram a necessária qualidade e diversidade temática que o desafio da Educação Básica impõe.

Diferenciada dos mestrados acadêmicos, a perspectiva do PROFENSINO é de tomar a aplicação da teoria à prática no sentido específico da práxis. Sendo assim, há pesquisa a ser realizada sobre esta prática da sala de aula, e dela indissociável, em que as metodologias participativas e criativas são indispensáveis. Como consequência dessa pesquisa ocorre o trabalho com conteúdos, uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC), desenvolvimento de produtos e procedimentos educacionais, e o acompanhamento de sua implementação em estágios nas escolas, supervisionados pelo/a orientador/a no desenvolvimento da dissertação. O programa lança mão da pesquisa que busca também aproveitar resultados já existentes e os traz para aplicação nas salas de aula, definida como pesquisa translacional no documento da Área de Ensino. Busca trabalhar conteúdos atualizados e desenvolver estratégias instrucionais contemporâneas, nas quais os mestrandos passem a dominar melhor os conteúdos e a incorporar as TIC em suas práticas. Outra diferença fundamental é que a dissertação com que o mestrando conclui o curso é um relato crítico desta prática, associado à geração de um produto técnico concreto para ser disponibilizado ao sistema de ensino. Desse modo, também foi contemplada no PROFENSINO a questão da incorporação, apropriação e geração de TIC.

Público alvo: professores em exercício profissional nas redes públicas de ensino da educação básica.

Perfil do egresso: um profissional que trabalhe em sua área específica de ensino, articulando sua prática de modo analítico e reflexivo às teorizações a respeito de aprendizagem, ensino, cultura escolar, inclusão na escola e tecnologias.

¹ conforme http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf

² http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=15548&Itemid=

Polos: são constituídos por, no mínimo, 05 docentes permanentes, todos doutores, que desenvolvam no mínimo uma das linhas de pesquisa do Programa. São considerados como um PPG *stricto sensu* adicional da IFEE, que é a responsável pela titulação dos egressos daquele polo.

Em sua configuração apresentada para avaliação da CAPES em 7 de julho de 2015, o PROFENSINO se constitui com 36 instituições públicas de ensino e 38 polos, totalizando 429 docentes em todo o país, a saber:

1	UERJ	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	RJ	Polo 01
2	IFRJ	INSTITUTO FED. DE EDUC., CIÊNCIA E TECNOL. DO RIO DE JANEIRO	RJ	Polo 02
3	UFF	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	RJ	Polos 3 e 4
4	UFRRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO	RJ	Polo 05
5	UFJF	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA	MG	Polo 06
6	UFU	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	MG	Polo 07
7	UFABC	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC	SP	Polo 08
8	UNICAMP	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	SP	Polo 09
9	UNESP/GUAR	UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/GUARAT.	SP	Polo 10
10	UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	PA	Polo 11
11	UEPA	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ	PA	Polo 12
12	UNIFESSPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ	PA	Polo 13
13	UNIR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA	RO	Polo 14
14	UFT	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS	TO	Polos 15, 16 e 17
15	UNEMAT	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO	MT	Polo 18
16	UFMT	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	MT	Polos 19 e 20
17	UFG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	GO	Polo 21
18	IFG	INSTIT. FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS	GO	Polo 22
19	UESC	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ	BA	Polo 23
20	UFESBA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA	BA	Polo 23
21	UFBA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	BA	Polo 24
22	UESB	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA	BA	Polo 24
23	UFPE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	PE	Polo 25
24	UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	AL	Polo 25
25	UERN	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE	RN	Polos 26, 27 e 28
26	UFC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	CE	Polo 29
27	UFMA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO	MA	Polo 30
28	UEL	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	PR	Polo 31
29	UFPR	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	PR	Polo 32
30	UNESPAR	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ	PR	Polo 33
31	IFPR	INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ	PR	Polo 33
32	UTFPR	UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	PR	Polos 34 e 32
33	UEM	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	PR	Polo 35
34	UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	SC	Polo 36
35	IFSC	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA	SC	Polo 37
36	IFSul/CaVG	INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNC. E TECN. SUL-RIO-GRANDENSE	RS	Polo 38

Polos do PROFENSINO (julho de 2015)

Docentes

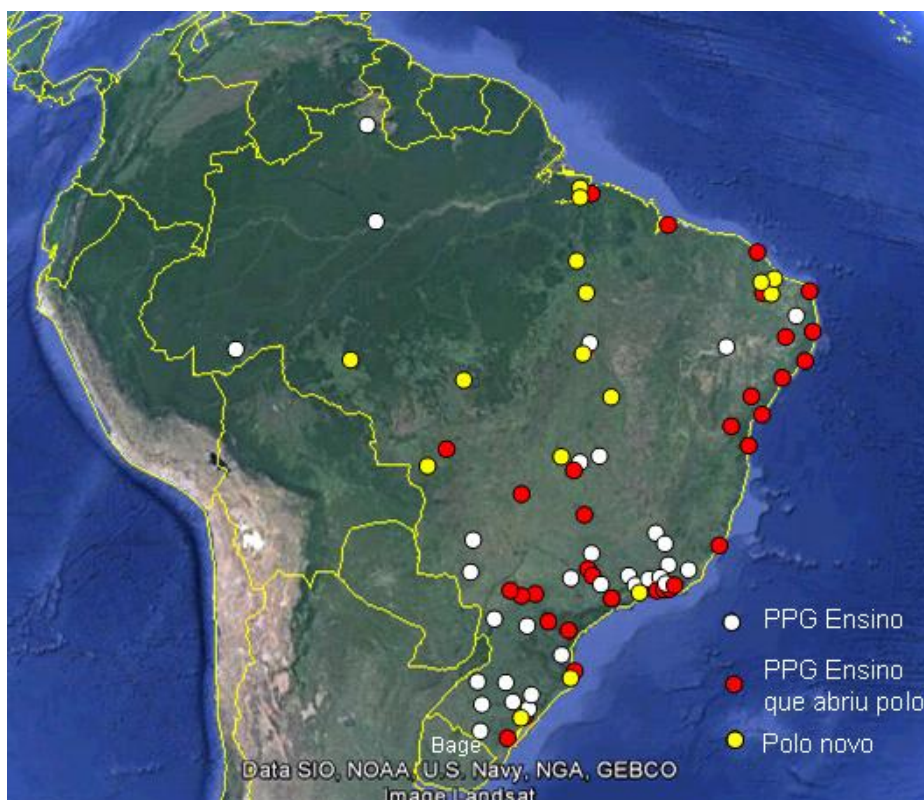
429

REGIÃO SUDESTE: 10 polos	1.	Polo Rio de Janeiro 1- UERJ/Cap *	PPG	33
	2.	Polo Rio de Janeiro 2- IFRJ	PPG	16
	3.	Polo Niterói 1- UFF – Divers. e Inclusão	PPG	12
	4.	Polo Niterói 2- UFF - Química	PPG	6
	5.	Polo Seropédica – UFRRJ	PPG	10
	6.	Polo Juiz de Fora - UFJF/Cap *	NOVO	9
	7.	Polo Uberlândia - UFU/Cap ESEBA *	NOVO	11
	8.	Polo Santo André – UFABC	PPG	8
	9.	Polo Campinas - UNICAMP	PPG	7
	10.	Polo Guaratinguetá – UNESP	PPG nota 6	18
REGIÕES NORTE E CENTRO OESTE: 12 polos	11.	Polo Belém 1 - UFPA/CAP *	NOVO	17
	12.	Polo Belém 2- UEPA	PPG	27
	13.	Polo Marabá – UNIFESSPA	NOVO	6
	14.	Polo Ji-Paraná - UNIR	NOVO	13
	15.	Polo Araguaína - UFT	NOVO	16
	16.	Polo Arraias - UFT	NOVO	12
	17.	Polo Porto Nacional - UFT	NOVO	7
	18.	Polo Cáceres - UNEMAT	NOVO	9
	19.	Polo Cuiabá –UFMT	PPG	15
	20.	Polo Sinop – UFMT	NOVO	8
	21.	Polo Goiânia- UFG/IME	PPG	8
	22.	Polo Inhumas – IFG (GO)	NOVO	10
REGIÃO NORDESTE: 08 polos	23.	Polo Ilhéus/Porto Seguro: UESC – UFSB	PPG	9
	24.	Polo Salvador - UFBA-UEFS	PPG	15
	25.	Polo Maceió -UFAL –UFPE	PPG	10
	26.	Polo Pau dos Ferros/Patu – UERN	PPG	8
	27.	Polo Mossoró – UERN	NOVO	7
	28.	Polo Assu – UERN	NOVO	6
	29.	Polo Fortaleza – UFC	PPG	8
	30.	Polo São Luis -UFMA	PPG	8
	31.	Polo Londrina: UEL	PPG nota 6	17
	32.	Polo Curitiba: UFPR-UTFPR	PPG	13
REGIÃO SUL: 08 polos	33.	Polo Paranavaí - UNESPAR- IFPR	PPG	13
	34.	Polo Ponta Grossa – UTFPR	PPG	7
	35.	Polo Maringá- UEM	PPG	11
	36.	Polo Florianópolis 1- UFSC/Cap *	NOVO	7
	37.	Polo Florianópolis 2- IFSC	NOVO	7
	38.	Polo Pelotas- IFSul/CaVG	PPG	5

* Colégios de Aplicação

Informações:

ensino46@gmail.com



Distribuição geográfica dos polos do PROFENSINO e dos Programas de PG da Área de Ensino

Adesão de docentes e polos: Todos credenciados conforme os critérios do PROFENSINO e a carta de autorização da Reitoria/Pró-reitoria para que os docentes participem. Todos os polos apresentam infraestrutura física suficiente para o funcionamento das atividades da rede (salas de aula/laboratórios/sala de alunos/sala de docentes/coordenação), tal como requerido para um programa MP local. Na discussão da participação destes docentes, recomenda-se que a Reitoria autorize a contabilização/integralização da carga horária definida para cada docente em sua atividade regular de ensino, uma vez que não haverá remuneração adicional nem específica pela atuação docente no PROFENSINO. No total de participantes da rede, os docentes permanentes ultrapassam 80% do quadro³: 83% permanentes e 17% colaboradores.

Exigências adicionais da CAPES para aprovação dos polos (Of.01/2015-DAV/DED/CAPES): “1) assegurar o caráter inteiramente gratuito do programa na instituição; 2) dispor de infraestrutura e acesso a equipamentos de informática atualizados, ligados à rede mundial de computadores e a fontes de informação multimídia para os docentes e discentes; 3) apresentar resultados do Índice Geral de Cursos (IGC-MEC) maior ou igual a 3 (três)⁴; 4) Estar integrada ao sistema da UAB.”

³ Na avaliação trienal 2014 os MP da Área de Ensino que apresentaram 84% de DP receberam conceito B e os que apresentaram no mínimo 88% de DP receberam conceito MB nesse item.

⁴ Isso exclui Institutos sem IGC-MEC, e concentra os polos em Universidades e Institutos Federais.

Perfil dos docentes permanentes: apenas doutores; do quadro efetivo das IFEE participantes; com disponibilidade de dedicação mínima de 10 horas semanais às atividades de ensino e orientação da rede (disponibilidade menor poderá caracterizar “docente colaborador” na rede); com experiência mínima de orientação concluída de 2 (dois) alunos de graduação (IC,TCC), ensino médio (IC Junior, Jovens Talentos, e similares), ou *lato sensu* (TCC), ou 1 (um) aluno de mestrado/doutorado; com formação e/ou atuação como professor na educação básica e/ou nas licenciaturas e/ou produção na Área de Ensino (últimos 4 anos): acadêmica (pontuação mínima⁵ relativa ao conceito B na trienal Ensino 2013 para os MP: 120 pontos totais/DP/ano ou 30 pontos em periódicos A1-B1/DP/ano ou 65 pontos A1-B5/DP/ano) e/ou técnica (>1,5 produto educativo/DP/ano). A produção técnica deve estar registrada no CV-Lattes, em alguma das oito modalidades de produtos definidas no seminário de área de 2014: 1. Mídias educacionais como vídeo aulas, blogs, sites, áudio livros, entre outros; 2. Protótipos, como modelos, maquetes, experimentos, entre outros; 3. Propostas de ensino; 4. Material textual como fascículos, guias, livros didáticos e paradidáticos, entre outros-; 5. Materiais interativos como jogos e outros; 6. Atividades de extensão, como cursos curtos, coordenação de projetos, orientação em extensão e outros; 7. Desenvolvimento de aplicativos; 8. Programa/entrevista de rádio e TV);

ESTRUTURA DO CURSO

Proposta: MP em **Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica**

Uma Área de Concentração: **Ensino na Educação Básica e suas tecnologias;**

Quatro Linhas de Pesquisa:

Linha 1. Ensino e aprendizagem na Educação Infantil

Linha 2. Ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Linha 3. Ensino e aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental

Linha 4. Ensino e aprendizagem no Ensino médio (formação geral, técnico e formação de professores)

16 Macroprojetos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico: relativos aos conteúdos propostos pelas atuais diretrizes da educação básica⁶: **a- Linguagem e códigos e suas tecnologias; b- Ciências da natureza e suas tecnologias; c-Matemática e suas tecnologias; d- Ciências humanas e suas tecnologias.**

Os projetos são definidos como “interdisciplinares, transversais e inclusivos”, em cada componente do conteúdo curricular e em cada segmento da Educação Básica. Desse modo, estarão contemplando a adaptação de materiais didáticos táteis acessíveis, o estímulo ao uso da Língua Brasileira de Sinais no Ensino dos diferentes conteúdos, a flexibilização das diferentes formas de avaliação pedagógica para contemplar os ritmos diferenciados de aprendizagem, a possibilidade de avanço/aceleração de estudos com reagrupamento dos

⁵ Pontuação dos produtos na trienal 2013 Ensino: artigos A1=100 pontos, A2=85, B1=70, B2=55, B3=40, B4= 25, B5=10; Livros L1=10 pontos; L2=25; L3= 50; L4=75; Capítulos L1=5; L2=12,5; L3=25; L4=35,5; Material educativo T1=10 pontos; Trabalhos completos em Eventos E1=5 pontos;

⁶ Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid

alunos de acordo com o nível de aprendizagem e não por idade, entre outros. Do mesmo modo, temas transversais como saúde, ética, preconceito, entre outros, serão tratados por segmento da Educação Básica, e em todos os eles, e não como uma linha de pesquisa separada. E os diversos campos disciplinares que fundamentam os conteúdos estão assegurados em alinhamento com as diretrizes da Educação Básica

Matriz Curricular: O PROFENSINO integralizará 540 (quinhentas e quarenta) horas de atividades, correspondendo a 34 créditos de 15 horas, sendo 270 (duzentas e setenta) em disciplinas e 270 (duzentas e setenta) em atividades relativas à formação (estágio de pesquisa de campo nas escolas, e produção final dos mestrandos - dissertação com produto aplicado ao ensino nos diferentes segmentos da Educação Básica). O perfil geral do PROFENSINO será dado por duas disciplinas comuns e obrigatórias, preparadas pela Comissão Acadêmica Nacional, e oferecidas com os recursos que propiciem sua adoção em todos os polos. Oferece-se para toda a rede um repertório com mais de 200 opções de disciplinas eletivas, preparadas e disponibilizadas em cada polo, com uma oferta mínima de 3 a 4 disciplinas por polo. Os projetos desenvolvidos em cada polo, alinhados à matriz comum dos projetos, configuram o perfil específico do polo e seu componente tutorial e formativo “em campo”.

Apenas duas disciplinas obrigatórias: serão ofertadas como núcleo comum em todos os polos, com o uso dos materiais comuns produzidos pela rede, presencialmente pelos docentes do polo, ou semi-presencialmente, com parte das aulas a distância.

- **Cotidiano Escolar e Interdisciplinaridade**
- **Pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: métodos, tendências e inovações**

Percurso Formativo do Programa: total = 540 horas

1º Semestre – 180h

- Disciplina obrigatória 1 -90h/a: **Cotidiano Escolar e Interdisciplinaridade**
- Disciplina(s) eletiva(s) do polo - 60h/a
- Seminários e Orientação de Dissertação I -30h/a

2º Semestre – 180h

- Disciplina obrigatória 2- 60h/a: **Pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: métodos, tendências e inovações.**
- Disciplina(s) Eletiva(s) do polo - 30h/a
- Seminários e Orientação de Dissertação II - 30h/a
- Estágio Supervisionado em Projeto Integrado de Pesquisa I /Dissertação I - 60h/a

3º Semestre – 120h

- Disciplina(s) Eletiva(s) geral ou do polo -30h/a
- Seminários e Orientação de Dissertação III 30h/a
- Estágio Supervisionado em Projeto Integrado de Pesquisa II /Dissertação II - 60h/a

4º Semestre – 60h

- Dissertação III 60h/a

Título a ser outorgado: **Mestre em Ensino**, emitido pela IFEE responsável pelo polo.

MATRIZ DE LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA

A matriz curricular do PROFENSINO dialoga fortemente com as quatro linhas de pesquisa e com os 16 macroprojetos do PROFENSINO, e inova em diversos aspectos:

a) Traz apenas 2 disciplinas obrigatórias, relativas à reflexões sobre o cotidiano na escola e sobre metodologia de pesquisa em ensino.

b) Traz um grande repertório de disciplinas eletivas (mais de 250), que combina as propostas gerais sugeridas pela equipe da sede e demais Colégios de Aplicação que nuclearam a ideia do curso, com as sugestões de disciplinas enviadas pelos demais polos, que foram solicitados a fornecer 3 a 4 eletivas. Dessa forma a matriz reflete:

(i) uma sinalização do que os Colégios de Aplicação consideram relevante para a formação continuada dos professores da Educação Básica; e

(ii) o que cada polo considera como sua principal contribuição na proposta.

c) O conjunto bastante diversificado de disciplinas sugeridas pelos polos foi incorporado quase em sua totalidade, para permitir que:

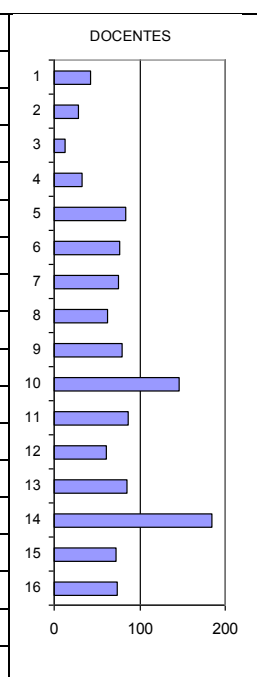
(i) na fase de organização da implementação do PROFENSINO, os grupos interajam no 1º Seminário Nacional do PROFENSINO e, eventualmente, compartilhem ou agreguem disciplinas similares, num real processo de integração, a ser acompanhado pela Comissão Acadêmica Nacional do Programa;

(ii) os Programas de Mestrado Profissional e Acadêmicos locais sejam responsáveis apenas por ministrar, como conteúdo comum e novo às suas práticas docentes anteriores, apenas as 2 disciplinas obrigatórias (além dos componentes diretos de formação em pesquisa).

(iii) as disciplinas já oferecidas nos programas locais possam ser inspiradoras de temas para o PROFENSINO, ou mesmo integralmente compartilhadas com ele, otimizando assim a oferta local e valorizando os conteúdos e as experiências de cada polo, nas diversas regiões do país.

A tabela e o histograma abaixo consolidam o número de polos e de docentes que atuam e oferecem capacidade de orientação em cada um dos 16 projetos do PROFENSINO. Em função da vasta experiência da Área no Ensino de Ciências e Matemática, destacam-se os projetos 10 e 14, mas em todos os projetos há razoável oferta, e em todas as regiões do país, como mostrado na matriz dos polos e projetos na página a seguir.

OFERTA DE ORIENTAÇÃO		Número de	
Projetos do PROFENSINO	Polos	Docentes	
1) Linguagem - Educação Infantil	16	43	
2) Ciências da natureza - Educação Infantil	15	28	
3) Matemática - Educação Infantil	15	13	
4) Ciências humanas Educação Infantil	15	32	
5) Linguagem Ensino Fundamental Anos Iniciais	17	83	
6) Ciências da natureza EF Anos Iniciais	19	76	
7) Matemática EF Anos Iniciais	22	75	
8) Ciências humanas EF Anos Iniciais	18	62	
9) Linguagem Ensino Fundamental Anos Finais	19	80	
10) Ciências da natureza EF Anos Finais	25	146	
11) Matemática EF Anos Finais	26	87	
12) Ciências humanas EF Anos Finais	20	61	
13) Linguagem Ensino Médio	21	85	
14) Ciências da natureza - Ensino Médio	29	184	
15) Matemática Ensino Médio	26	73	
16) Ciências humanas Ensino Médio	20	74	



		Docentes	Educ. infantil				Fundamental I				Fundamental II				Ensino Médio			
			1-Lin	2-Cie	3-Mat	4-Hum	1-Lin	2-Cie	3-Mat	4-Hum	1-Lin	2-Cie	3-Mat	4-Hum	1-Lin	2-Cie	3-Mat	4-Hum
		429																
REGIÃO SUDESTE: 10 polos	1. Polo Rio de Janeiro 1- UERJ/Cap (RJ)	33	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	2. Polo Rio de Janeiro 2- IFRJ (RJ)	16		X		X		X		X		X		X		X		X
	3. Polo Niterói 1- UFF – Div Inclu (RJ)	12	X	X			X	X			X	X			X	X		
	4. Polo Niterói 2- UFF - Química (RJ)	6														X		
	5. Polo Seropédica - UFRJ (RJ)	10			X				X				X				X	
	6. Polo Juiz de Fora - UFJF/Cap (MG)	9	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	7. Polo Uberlândia - UFU/ESEBA (MG)	11	X		X	X	X		X	X	X		X	X	X		X	X
	8. Polo Santo André - UFABC (SP)	8	X	X	X	X					X	X	X	X	X	X	X	X
	9. Polo Campinas - UNICAMP (SP)	7		X				X				X				X		
	10. Polo Guaratinguetá - UNESP (SP)	18		X	X			X	X			X	X			X	X	
REGIÕES NORTE E CENTRO OESTE: 12 polos	11. Polo Belém 1 - UFPA/Cap (PA)	17	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	12. Polo Belém 2- UEPA (PA)	27					X		X	X	X		X	X	X	X	X	
	13. Polo Marabá – UNIFESSPA (PA)	6		X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	14. Polo Ji-Paraná - UNIR (RO)	13				X				X		X	X	X		X	X	X
	15. Polo Araguaína - UFT (TO)	16										X				X		
	16. Polo Arraias - UFT (TO)	12	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	17. Polo Porto Nacional - UFT (TO)	7									X	X		X	X	X		X
	18. Polo Cáceres - UNEMAT (MT)	9			X	X		X	X	X		X	X	X		X	X	X
	19. Polo Cuiabá –UFMT (MT)	15							X				X				X	
	20. Polo Sinop - UFMT (MT)	8						X	X			X	X			X	X	
	21. Polo Goiânia- UFG/IME (GO)	8			X				X				X				X	
	22. Polo Inhumas – IFG (GO)	10													X	X	X	X
REGIÃO NORDESTE: 8 polos	23. Polo Ilhéus: UESC – UFSB (BA)	9							X				X					
	24. Polo Salvador - UFBA-UEFS-UFSB (BA)	15	X				X	X	X		X	X	X		X	X	X	
	25. Polo Maceió - UFAL - UFPE (AL-PE)	10	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	26. Polo Pau dos Ferros/Patu - UERN (RN)	8	X			X	X			X	X			X	X			X
	27. Polo Mossoró – UERN (RN)	7	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	28. Polo Assu – UERN (RN)	6				X	X			X	X				X			
	29. Polo Fortaleza - UFC (CE)	8		X	X			X	X			X	X			X	X	
	30. Polo São Luís -UFMA (MA)	8										X	X			X	X	
REGIÃO SUL: 08 polos	31. Polo Londrina: UEL (PR)	17		X	X			X	X			X	X			X	X	
	32. Polo Curitiba: UFPR-UTFPR (PR)	13	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	33. Polo Paranaíba - UNESPAR- IFPR (PR)	13						X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	34. Polo Ponta Grossa - UTFPR (PR)	7	X				X				X				X			
	35. Polo Maringá- UEM-Cap (PR)	11										X				X		
	36. Polo Florianópolis 1- UFSC/Cap (SC)	7	X			X	X			X	X			X	X			X
	37. Polo Florianópolis 2- IFSC (SC)	7	X										X	X	X	X	X	X
	38. Polo Pelotas- IFSul/CAVg (RS)	5	X				X	X	X	X		X	X	X		X	X	X
Total de polos que oferecem linhas e projetos			16	15	15	15	17	19	22	18	19	25	26	20	21	29	26	20

EMENTAS DAS DISCIPLINAS E ATIVIDADES OBRIGATÓRIAS

O Catálogo de Disciplinas do PROFENSINO segue anexo ao seu Regimento Geral. Nele encontram-se todas as ementas e bibliografias das diversas disciplinas obrigatórias e eletivas. Nesta síntese, apresentamos apenas as ementas do componente obrigatório para uma percepção do perfil comum do Programa.

COTIDIANO ESCOLAR E INTERDISCIPLINARIDADE – 90 HORAS

EMENTA: O cotidiano escolar como lócus de ação e investigação. Sujeitos da escola. Cultura e conhecimento na escola: as diretrizes curriculares da Educação Básica e o cotidiano escolar. Currículo como construção cotidiana. Significados de interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade no cotidiano escolar: principais abordagens epistemológicas e práticas pedagógicas na Educação Básica. Temas interdisciplinares emergentes e repercussões no cotidiano escolar (exemplos: “bullying”, violência, resiliência, gênero, ética, inclusão, saúde, dentre outros). Integração teórico-metodológica dos conteúdos disciplinares específicos com os didáticos, histórico-filosóficos da Ciência, as teorias de aprendizagem e de tecnologias de informação e comunicação em práticas profissionais. Construção de abordagens para o Ensino em situações de aprendizagem (momentos curriculares) na atuação profissional, com bases científicas em pesquisas de didáticas específicas (exemplos: Transposição Didática, Modelagem no Ensino e aprendizagem, Unidades Didáticas, Sequências Didáticas, Ilhas de racionalidade, Unidades Estruturantes, Situações de Aprendizagem, dentre outros). O Plano Nacional de Educação 2014-2024: desafios e oportunidades para transformação no cotidiano escolar.

PESQUISA EM ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE: MÉTODOS, TENDÊNCIAS E INOVAÇÕES - 60 HORAS

EMENTA: O conceito de campo científico. Perspectivas clássicas da ciência: empirismo, racionalismo, positivismo, funcionalismo, estruturalismo, fenomenologia e pós-modernismo. Perspectivas contemporâneas de pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: paradigma indiciário, paradigma emergente. O Ensino como campo de investigação e de pesquisa-ação. A Área de Ensino no Brasil e na CAPES, desenvolvimento e perspectivas: discussão sobre os princípios, valores e práticas da Área de Ensino da CAPES e comparações com as demais Áreas; diferenças e convergências entre as Áreas de Ensino e de Educação. Abordagens teórico-metodológicas no ensino e na aprendizagem nos diferentes segmentos da Educação Básica: ciências, artes e tecnologias. Saber comum e saber científico; verdade, evidência e certeza. Formação de professores a partir de construção de repertórios e contextualizações, de conhecimento didático plurimetodológico do conteúdo e saberes prático-reflexivos. Metodologia científica; abordagens quantitativas e qualitativas para análise de dados; elaboração da pesquisa e tipos de pesquisa; hipóteses; conceito de variável; terminologia científica; análise e síntese; a importância dos modelos em ciências; ciência e refutabilidade; análises de discursos: métodos clássicos e inovações. Criatividade e interdisciplinaridade: manifesto arteciência e a metaformação do método científico; modelagem simbólica 5D e aplicações na Educação Básica. Discussão de teses, dissertações e artigos científicos e/ ou divulgação científica. Dissertações e produtos/processos: escolha do tema; estrutura da dissertação e planejamento do produto. Abordagem dos conceitos básicos de investigação científica, dos métodos e das técnicas de coleta e análise de dados com aplicação ao ensino.

SEMINÁRIOS E ORIENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO I – 30H- OBR- COMUM

EMENTA: Problemática da realidade, formulação de problemas de pesquisa e elaboração teórico-metodológico de um projeto integrado (pesquisa – ensino - extensão) inovador. Bases conceituais e históricas da metodologia científica. Dinâmica do conhecimento científico e suas implicações nos níveis social e individual. Seminários regulares dos grupos de pesquisa e dos programas de pós-graduação em ensino e interdisciplinaridade ofertados na localidade presencialmente, ou pela rede do PROFENSINO à distância, realizados no primeiro semestre do curso. Integração prática de conhecimentos abordados nas disciplinas obrigatórias e eletivas do PROFENSINO. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

SEMINÁRIOS E ORIENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO II – 30H- OBR- COMUM

EMENTA: Definição e elaboração de intervenções didático-pedagógicas a serem desenvolvidas no campo de atuação profissional. Delimitação de objetos de investigação. Indução e dedução. Formulação de hipóteses verificáveis. Aspectos Éticos. Abordagens qualitativas e quantitativas escolhidas para o projeto. Etapas de elaboração e desenvolvimento de Projeto de Pesquisa e do desenvolvimento do produto possível para o mestrando; Identificação e contextualização dos problemas. Justificativa e relevância do problema em diferentes campos (e.g. acadêmico, socioambiental, econômico, entre outros). Teses e hipó-Teses. Articulação entre os campos teóricos e empíricos da pesquisa: sínteses possíveis. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

SEMINÁRIOS E ORIENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO III – 30H- OBR- COMUM

EMENTA: Apresentação formal do projeto a ser pesquisado. Recursos humanos e infraestrutura necessários e disponíveis, e seu papel na seleção da abordagem metodológica da pesquisa. Desenho de pesquisa/experimental; Estratégias de captação de recursos para fomento do projeto. Discussão coletiva dos projetos dos discentes locais. Seminários regulares dos grupos de pesquisa e dos programas de pós-graduação em ensino e interdisciplinaridade ofertados na localidade presencialmente, ou pela rede do PROFENSINO à distância, realizados no segundo semestre do curso. Integração prática de conhecimentos abordados nas disciplinas obrigatórias e eletivas do PROFENSINO. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA I /DISSERTAÇÃO I -60H

EMENTA: Aplicação do Projeto Integrado no campo de atuação profissional. Interpretação e análise de dados. Divulgação de resultados. Formação de recursos humanos. Planejamento de retorno de resultados à sociedade. Discussão coletiva dos projetos dos discentes locais. Críticas Científicas. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA II/DISSERTAÇÃO II -60H

EMENTA: Aplicação do Projeto Integrado no campo de atuação profissional. Interpretação e análise de dados. Divulgação de resultados. Formação de recursos humanos. Retorno à sociedade. Discussão dos projetos. Críticas Científicas. Articulação entre os campos teóricos e empíricos da pesquisa: sínteses possíveis. Apresentação formal do projeto a ser pesquisado. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização.

DISSERTAÇÃO III

EMENTA: Análise e interpretação dos dados obtidos na aplicação do Projeto Integrado. Elaboração da dissertação e do produto final do Mestrado Profissional. Produção de artigo a ser publicado, quando for o caso. Defesa Pública.

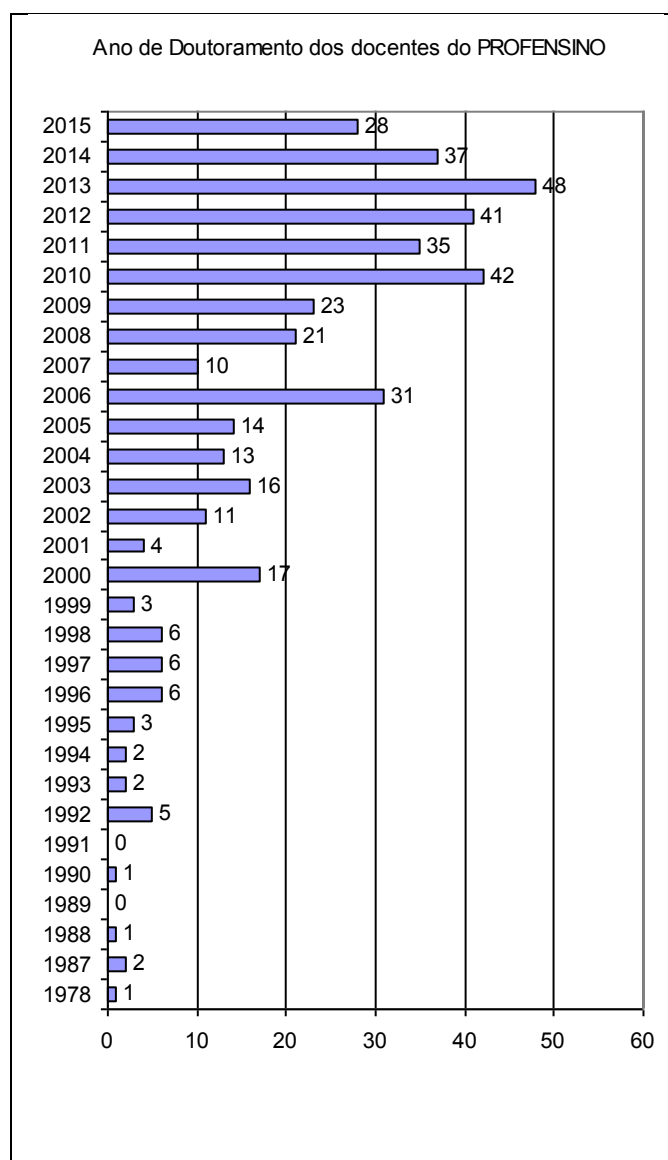
DISCIPLINAS ELETIVAS – mais de 250 – ver Catálogo de Disciplinas:

Todo o repertório de disciplinas eletivas do PROFENSINO combina ofertas de aprofundamento de conteúdos trabalhados na Educação Básica, com aprofundamento de temas de docência e outros. As disciplinas relativas à docência abordam aspectos como avaliação, currículo, inclusão, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, entre outras. Dentre as disciplinas eletivas sobre conteúdos, contemplam-se as ciências da natureza, as ciências humanas, as Linguagens e Códigos, Matemática. Disciplinas em “Tópicos Atuais de/em” abordam diversos temas. Há ainda as disciplinas eletivas que trabalham Tecnologias na/para a Educação e Políticas Públicas para o Ensino.

PERFIL DO CORPO DOCENTE EM JULHO DE 2015

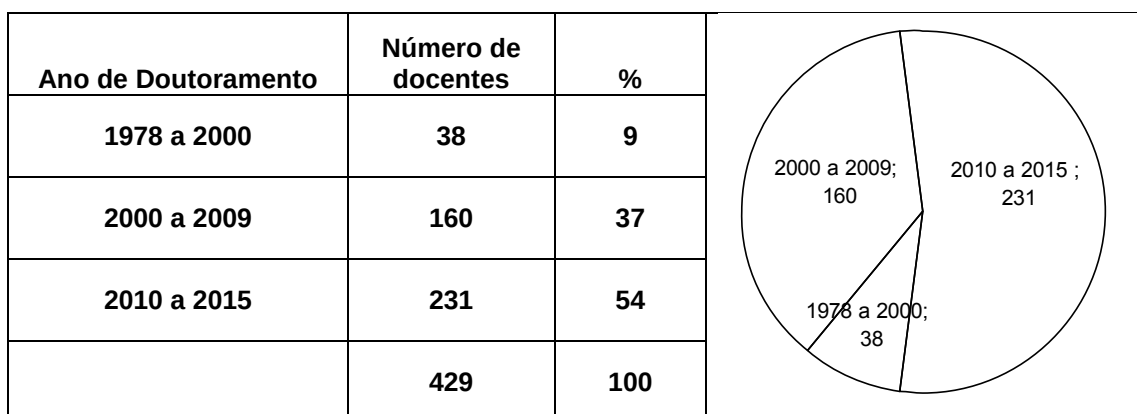
O PROFENSINO foi apresentado à CAPES no cronograma regular de 2015 com 429 docentes, dos quais 366 na categoria de PERMANENTES (83%) e 63 na categoria de COLABORADORES (17%), indicadores que atendem os padrões praticados pela Área de Ensino. De modo geral, os docentes que permaneceram na categoria de Colaboradores se enquadram no perfil de pequena carga horária disponível, ou atuação como permanente em 3 Programas, ou experiência de orientação a ser completada em 2015/2016. De modo geral, o corpo docente tem vasta experiência em orientação, tendo sido responsável pela formação de mais de 1.700 especialistas e 800 mestres, para não destacar doutores, que não são objeto de formação no PROFENSINO.

Uma das características mais marcantes do corpo docente é a sua juventude, em termos de tempo de titulação, como mostram as Figuras ao lado e abaixo. Considera-se esse aspecto um grande diferencial do PROFENSINO, que engaja jovens doutores num projeto de impacto nacional e lhes permite construir compartilhadamente os próximos passos e, portanto, o futuro do Programa. Como a experiência prévia de orientação pré-mestrado ou doutorado foi tomada como critério de inclusão para Docente Permanente, o PROFENSINO permitirá que tais doutores ganhem sua experiência de orientação em nível *stricto sensu* no âmbito das atividades do curso, permitindo o crescimento do programa já com sua plena identidade e com menor influência de outras Áreas. Os doutores bem recentes (2014 e 2015) deverão ter a requerida experiência no início do 1º edital de chamada de vagas (2º semestre de 2016 ou 1º semestre de 2017).



Muitos destes jovens doutores ingressaram nas Instituições Federais e Estaduais de Ensino através dos recentes concursos realizados no Brasil, sobretudo no interior dos estados. E a esse conjunto de jovens doutores, o PROFENSINO combina **uma série de pesquisadores de grande senioridade, sendo 14 bolsistas de produtividade do CNPq, outros membros (atuais ou anteriores) do Comitê de Educação do CNPq e coordenadores de Área da CAPES.** Dentre

os pesquisadores mais experientes e referentes para a área, o PROFENSINO conta com nomes tais como: Elizabeth Fernandes de Macedo (UERJ), Marcelo de Carvalho Borba (UNESP), Tânia Araújo-Jorge (Fiocruz), Olival Freire (UFBA) e Irinéa Batista (UEL).



A agregação dos docentes pelo seu ano de titulação (acima) mostra que os docentes com maior senioridade e experiência de atuação doutoral (1 ou 2 décadas) poderão exercer forte influência sobre os mais jovens, visando ao aperfeiçoamento do Programa.

Finalmente, outro aspecto relevante do perfil docente, obtido pela própria consolidação do APCN, é a sua diversidade de formação e atuação. Grande parte dos docentes (ao menos 213) já apresenta algum tipo de vínculo à Programa(s) de Pós-graduação, sobretudo nas Áreas de Ensino (150) ou Educação (50), mas também em Programas nas Áreas: Interdisciplinar (10), Química (5), Física/Astronomia (5), Geografia/Geociências (8), Letras (5), Biotecnologia (4), Biodiversidade (2), Ciências Ambientais (4), Ciências Biológicas II (3), Economia (2). Outras Áreas também aparecem com ao menos um docente do quadro do PROFENSINO, tais como Matemática, Engenharias III, Engenharias IV, Planejamento Urbano, Medicina II, Enfermagem, Odontologia, Educação Física, Zootecnia, Ciências de Alimentos, História, Psicologia, Filosofia, Administração.

A formação e atuação doutoral variada e diversa dos docentes, permitirá que o PROFENSINO atenda com relativo conforto as diferentes áreas do conhecimento que devem se integrar nos temas e conteúdos abordados na Educação Básica, tanto no escopo das disciplinas específicas, como na perspectiva e nas potencialidades de atuação interdisciplinar, fortalecendo assim a formação de professores para atuação em contextos diversos da Educação Básica na esfera pública.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO:

A decisão de propor o PROFENSINO foi de um coletivo grande da Área de Ensino, e certamente a proposta permitirá muitas ampliações futuras. No 1o semestre de 2015 a DAV-CAPES acelerou a indução, sinalizando com realização de reuniões em Brasília para avanços na discussão da proposta. Pesou para isso o fato do PROFENSINO ser o único em rede diretamente voltado para TODOS os segmentos da Educação Básica, da creche ao Ensino

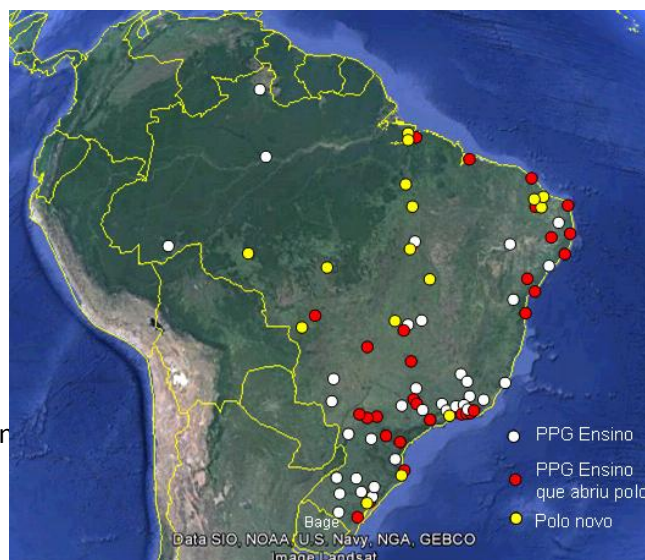
Médio. Essa focalização explica, por exemplo, porque não foi inserida uma linha de pesquisa sobre “formação de professores”, mais aplicável ao Ensino Superior, nem uma linha de pesquisa sobre “gestão escolar”. Os dois temas são plenamente aderentes às necessidades das escolas da Educação Básica, mas dispersaria o foco que se pretendeu dar ao PROFENSINO. Por outro lado, a ideia da interdisciplinaridade e a grande experiência no Ensino de Ciências e Matemática levou o grupo a incluir o Ensino Médio no escopo da proposta, uma vez que passaria a complementar perfeitamente a oferta das demais redes disciplinares que se seguiram à experiência do ProfMat.

A proposta veio sendo construída coletivamente, em algumas reuniões presenciais e em muitas conversas virtuais. As reuniões em Brasília foram custeadas pela CAPES e pela UERJ. Foi consumido algum tempo antes da definição do nome do Programa: ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

A receptividade da Área à ideia não poderia ter sido melhor, como se pode notar no mapa de localização geográfica dos Programas e Polos. Dos 38 polos, 15 são novos, onde a Área ainda não tem PPG local. Os demais 23 polos são polos ancorados em IFEE e municípios onde já existem PPG da Área, tanto MPs como Acadêmicos. Desse modo o PROFENSINO, além de relevante para a Educação Básica, é estruturante para a Área, em sintonia com o Plano de Trabalho da Coordenação para o quadriênio. Muitos Programas Acadêmicos viram no PROFENSINO a oportunidade de abrir uma modalidade Profissional, integrada nacionalmente e, portanto, bem impactante. Muitos MP locais viram no PROFENSINO uma oportunidade de otimizar os esforços que já fazem localmente e de captar fomento para sua sustentabilidade.



Distribuição geográfica dos Programas de Pós-graduação da Área de Ensino (2015)



Distribuição de Programas da Área de Ensino e de polos do PROFENSINO (julho de 2015)

A expectativa na Área com a proposta é grande, e interlocuções com a comunidade organizada em algumas sociedades científicas foram iniciadas, no sentido de disseminar a ideia, angariar apoios e construir perspectivas de expansão. Também foram feitos contatos com a Diretoria

da Educação Básica da CAPES, e com a Secretaria de Educação Básica do MEC, para percepção de demandas e expectativas. O processo pretende ser continuado durante o 2º semestre de 2015 com dois objetivos: (i) preparar propostas de expansão para polos que iniciaram a configuração mas não conseguiram completar seus processos internos a tempo de cumprir os requisitos para compor o APCN na data limite de julho de 2015, como previsto no calendário da CAPES; (ii) aprofundar dois temas da maior importância na proposta, mas ainda tratados com alguma timidez, por falta de acúmulo de debate no grupo proponente: a interdisciplinaridade (e a transdisciplinaridade) na Educação Básica, que pretende ser um dos eixos estruturantes da proposta, e a dimensão da afetividade e da construção de cidadania na escola, essenciais para uma educação emancipadora. Estes dois temas são abordados parcialmente nas disciplinas obrigatórias (ver ementas), e também em algumas disciplinas eletivas, mas demandam ações de integração para ganharem potência e concretude. A opção pela abordagem interdisciplinar é uma meta, mas não uma utopia, pois ela nasce da reflexão crítica sobre os componentes altamente disciplinares presentes em toda a Educação Básica. Mas tais aprofundamentos serão objeto de seminários de atualização e integração da rede, quando ela passar da ideia-proposta, para a ação-realização após a conclusão do processo de avaliação na CAPES e a obtenção de fomento.

ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO

Na atual conjuntura de contenção orçamentária, muito diferente do cenário em que se constituiu o PROFMAT, o primeiro programa em rede nacional (2011), as condições para sustentabilidade e expansão do PROFENSINO são essenciais. A proposta foi constituída com a perspectiva de bolsas da CAPES, como já operam os demais Mestrados Profissionais em rede Nacional desenhados segundo as disciplinas do Ensino Médio (Matemática, Física, Letras, Artes, História, Química). Mas considera-se essencial que seja complementada com recursos estaduais e municipais pela articulação com o Sistema Nacional de Educação. Trabalha-se com a expectativa de que os Planos Estaduais e Municipais de Educação, que acabam de ser aprovados como desdobramento do PNE, possam receber emendas ou regulamentações que prevejam esse investimento, com base nas recomendações do documento final da CONAE que diz (grifos nossos):

2.14. (...)Garantir a formação continuada de docentes, através da criação de programas de acesso gratuito aos cursos de pós-graduação, inclusive mestrado e doutorado, para professores que atuam na educação básica pública municipal e estadual nas diversas áreas do conhecimento. (p. 72)

O Brasil tem uma grande dívida com os profissionais da educação, particularmente no que se refere à sua valorização. Para reverter a situação, as políticas de valorização não podem dissociar formação, salários justos, carreira e desenvolvimento profissional, que devem integrar um subsistema nacional de formação e valorização profissional, por meio de Lei Complementar ao PNE (...) direito ao aperfeiçoamento profissional contínuo por meio de programas de formação continuada de curta e longa duração, incluindo cursos *lato* e *stricto sensu*. (...) Para tanto, faz-se necessário maior empenho dos governos, sistemas e gestores públicos no pagamento do piso salarial profissional

nacional (PSPN) e na implementação de planos de carreira, cargo e remuneração que valorizem efetivamente os profissionais da educação básica e superior. Os planos devem estimular o ingresso por meio de concurso público à carreira docente, mediante regime estatutário, com regime próprio previdenciário, a formação inicial em nível de graduação para os que se encontram em exercício e, no entanto, ainda não possuem habilitação superior e a formação continuada, inclusive em nível de pós-graduação - elementos essenciais ao pleno exercício da docência e condição para o desenvolvimento e compromisso com a garantia de educação de qualidade social para todos. Deve-se estimular a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na educação superior (p 87)

PROPOSIÇÕES E ESTRATÉGIAS (p. 92)

1. Profissionais da educação: formação inicial e continuada

1.1. Ampliar e garantir a oferta de bolsas de estudo para pós-graduação dos professores e das professoras e demais profissionais da educação básica

1.7. Consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior.

1.8. Garantir a formulação e a efetividade de políticas públicas que ampliem a mobilidade docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista a qualificação da formação de nível superior.

1.12. Definir e implementar uma política de formação inicial e continuada dos profissionais da educação nos estados, DF e municípios pautada pelos princípios e diretrizes nacionais. (p 93)

1.20. Formar em nível de pós-graduação 50% dos/as professores/as da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos os profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos respectivos sistemas de ensino. (p 94)

A ideia, portanto, é buscar ativamente apoio nos níveis Federal, Estaduais e Municipais. A Comissão pretende preparar uma minuta de PL para que as Câmaras Municipais e Estaduais aprovem o investimento na meta 16. Também pretende fazer mediações com as FAPS e outras instâncias que possam ajudar na captação de recursos.

PLANO DE IMPLANTAÇÃO

Fase 1- durante a tramitação na CAPES: diálogo com o SNE/MEC para busca ativa de fomento (bolsas e custeio); 1º Seminário Nacional – alinhamento de disciplinas eletivas e planejamento de materiais educativos a preparar; preparação da 1ª onda de expansão de polos (já aderentes, mas que não conseguiram completar o processo até 7 de julho)

Fase 2 – 1º semestre após a aprovação: 2º Seminário Nacional: compartilhamento de práticas inovadora e interdisciplinares e preparação do 1º edital

Fase 3- 1º edital de chamada publica – 800 vagas.

PARTE II

TEXTOS INSERIDOS NA PLATAFORMA SUCUPIRA

CONTEXTUALIZAÇÃO INSTITUCIONAL E REGIONAL DA PROPOSTA (Tela 3)

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA QUE MOTIVAM E MOBILIZAM PARA O PROFENSINO:

Nos últimos 20 anos a educação brasileira passou por muitos avanços e mudanças, que vão das reformas curriculares à implantação de instrumentos e sistemas nacionais e estaduais de avaliação. Diversos estudos, no entanto, evidenciam que a fragilidade da formação inicial e continuada dos professores da Educação Básica ainda é um dos problemas mais críticos. O Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica – PROFENSINO- é uma proposta conjunta de 36 instituições públicas de ensino para ampliar a escala de oferta de formação continuada para professores da Educação Básica em nível de Pós-graduação *stricto sensu*. Está calcada e se justifica plenamente pela análise dos desafios da educação brasileira, expressos nas 20 metas do Plano Nacional de Educação 2014-2024 (PNE).

A Educação Básica é um direito assegurado constitucionalmente no Brasil, com obrigatoriedade de 4 a 17 anos (EC nº 59/2009), meta de universalização para toda a população, e responsabilidade direta de Municípios e Estados, regulada pelo governo Federal. Segundo os dados do INEP de 2012, sua desafiadora escala envolve 1,8 milhões de professores e 46 milhões de crianças e jovens (29 milhões no Ensino Fundamental, 7,6 na Educação Infantil, 8,3 no Ensino Médio e 1,1 na Educação Profissional). O princípio fundamental das políticas públicas para a Educação Básica e Superior é fazer valer o direito constitucional à educação de qualidade social, pública, gratuita e laica. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN-EB) estabelecem: “Educação Básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Um dos fundamentos do projeto de Nação que se quer construir, a formação escolar é o alicerce indispensável, e condição primeira, para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos. A educação deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças” (DCN-EB 2013). As mudanças nas DCN-EB ampliaram os direitos à educação das crianças e adolescentes brasileiros, e também de todos aqueles que não tiveram oportunidade de estudar quando estavam nessa fase da vida.

Alguns dados situam um cenário de avanços e são relevantes para a precisão do problema da elevação da qualidade da Educação Básica no Brasil, através da formação de seus professores. De 1991 a 2010 o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) médio do Brasil, ainda que com fortes diferenças entre seus estados, subiu de 0,493 para 0,727. Dos três componentes do IDH, a educação avançou mais do que a renda e a longevidade, passando de 0,279 em 1991 para 0,637 em 2010. No entanto, apesar dessas e de outras melhorias no padrão socioeconômico do país, o Brasil continua caracterizado por grandes contrastes. Segundo dados do IBGE, 66% das famílias vivem com menos de dois mil reais mensais, e a renda dos 10% mais ricos é 39 vezes maior do que a dos 10% mais pobres. No nível de escolaridade da população a desigualdade também se revela perversa: 69% (ou seja, 130 dos 200 milhões habitantes) têm no máximo o Ensino Fundamental, apenas 24% completam o ensino médio e a ínfima parcela de 7,4% tem nível superior (sendo 0,4% com mestrado e 0,1% com doutorado). Além disso, a baixa qualidade da Educação Básica é corroborada pelos resultados obtidos em avaliações nacionais e internacionais (IDEB e PISA, por exemplo).

Os proponentes deste a APCN têm a forte convicção de que para melhorar a Educação no Brasil é crucial enfrentar o problema da qualidade do ensino ministrado no país, não bastando acrescer de recursos o Sistema Nacional de Educação.

Cresce cada vez mais a percepção de que a Educação Superior, em nível de graduação, não tem acompanhado a rápida evolução do conhecimento e tem encontrado sérias dificuldades

para atender, de maneira satisfatória, a crescente população de ingressantes oriundos da Educação Básica. Por outro lado, e por diversas razões, o contingente de professores da Educação Básica é sabidamente deficitário em termos quantitativos e qualitativos. Assim, um paradoxo se materializa nas IFEE: o vigoroso crescimento quantitativo e qualitativo da produção científica, tida como valor prioritário pela academia nas últimas décadas, acaba por induzir a supervalorização das áreas de conhecimentos específicos e por relegar para segundo plano a área de Ensino, cujo foco é a integração de conteúdos específicos e pedagógicos.

É certo que este fenômeno não é atípico, ocorrendo no Brasil e no exterior. Mas o sistema de Educação Superior Brasileiro possui outra singularidade: se encontra em processo de expansão acelerada de oferta de oportunidades de acesso a beneficiários carentes de formação básica adequada. Administrar esse paradoxo é outro desafio para a educação superior brasileira, que não está suficientemente preparada para as grandes dificuldades encontradas por esse novo contingente de ingressantes. O desafio é ainda maior dado o atual momento histórico, marcado por rápidas mudanças nos campos tecnológico, econômico, psicossocial e outros.

A 2ª Conferência Nacional de Educação (CONAE 2014) recomendou a articulação entre acesso, permanência, valorização dos profissionais, gestão democrática, padrão de qualidade e piso salarial profissional, norteadas por princípios como: “II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, (...); V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, (...) ; VII - garantia de padrão de qualidade (EC nº 53/2006)”.

No entanto, apesar dos avanços legais, em todo o Brasil permanecem desigualdades no acesso, qualidade e permanência de estudantes, em todos os níveis, etapas e modalidades da Educação. Desde a Educação Infantil os problemas se agravam gradativamente até atingir fortemente o Ensino Médio. O PNE apresenta metas para a valorização de professores da Educação Básica através de formação e qualificação, com destaque para: a meta 16, para que 50% dos professores da Educação Básica (cerca de 900 mil professores) tenham Pós-graduação lato ou strictu sensu como formação continuada; a meta 17, que se refere ao grave problema dos baixos salários pagos aos professores, pretendendo aproximar o rendimento médio do profissional com mais de onze anos do rendimento médio dos demais profissionais; e a meta 18, que prevê em dois anos a implantação de planos de carreira para os profissionais da educação em todos os sistemas. As atividades do PROFENSINO contribuem diretamente para estas metas.

Além deste alinhamento, o PROFENSINO também se alinha à missão da CAPES (Lei nº 11.502/2007), no esforço de assegurar a qualidade da formação dos professores da Educação Básica para aumentar a qualidade do ensino público. Foi reafirmado na CONAE 2014: “A formação inicial e continuada, entendida como processo permanente que articula as instituições de educação básica e superior (...), tem uma concepção de formação que considera os profissionais da Educação Básica como sujeitos com conhecimentos, experiências, habilidades e possibilidades, os credencia a integrar os programas das universidades e demais instituições formadoras, exercendo um papel fundamental nos processos formativos”.

O PAPEL DOS MESTRADOS PROFISSIONAIS EM ENSINO (MPE):

A modalidade de Mestrados Profissionais atende perfeitamente a formação continuada de professores, mantendo-os em serviço na escola e desenvolvendo sua formação com foco na própria prática profissional, com o desenvolvimento de um produto que lhes permita intervir e melhorar as escolas.

A Área de Ensino da CAPES foi pioneira na organização e avaliação de MPE de diversos conteúdos. Desde o primeiro, criado em 2001, até junho de 2015, a Área avaliou e credenciou 77 Programas de MPE. Estes MPE cresceram exponencialmente titulando 163 mestres no triênio 2004-2006, 702 no triênio 2007-2009 e 1162 no triênio 2010-2012. Com os outros 54 Mestrados Acadêmicos em Ensino, a Área oferece cerca de 2000 vagas anuais de mestrado em Ensino, nos seus programas locais. Mas nem todas essas vagas são focadas e dirigidas especificamente para a Educação Básica, abrangendo também o Ensino da graduação. Motivados pelos desafios descritos e pela competência instalada na Área, e tomando a melhoria da Educação Básica como eixo estruturante da Área, seus três MPE focados no Ensino na Educação Básica iniciaram a proposição que se configura no presente APCN.

SÍNTESE DA PROPOSTA: A proposta associa 429 doutores, componentes de uma rede de Colégios de Aplicação/Escolas de Educação Básica de Universidades Públicas, associada a uma rede de Instituições Federais e Estaduais de Ensino (IFEE) que já operam com Ensino de vários conteúdos, em programas profissionais e acadêmicos, com destaque para o ensino de Ciências, de Matemática, de Saúde e de Humanidades. Este APCN segue as orientações da Área de Ensino, e da Portaria 17/2009 do MEC para Mestrados Profissionais em Rede. Os polos consideraram o Ofício 01/2015-DAV/DED/CAPES, tais como: 1) caráter gratuito do programa na IFEE, 2) quadro de docentes permanentes que assegure a regularidade e a qualidade das atividades de ensino e orientação, 3) infraestrutura adequada para o desenvolvimento das atividades previstas, 4) dispor de infraestrutura e acesso a equipamentos de informática atualizados, ligados à rede mundial de computadores e a fontes de informação multimídia para os docentes e discentes; 5) apresentar resultados do Índice Geral de Cursos (IGC-MEC) maior ou igual a 3; 6) estar integrada ao sistema da UAB;

DIFERENCIAIS DA PROPOSTA:

O PROFENSINO foi constituído exclusivamente com doutores experientes em Ensino, experiência esta atestada ou por formação doutoral ou pós-doutoral em Ensino/Educação, ou por atuação direta como docente na Educação Básica (nos colégios/escolas universitários de Educação Básica e nos Institutos Federais participantes), ou ainda por produção acadêmica e técnica de materiais educativos aplicados à Educação/Ensino formal e não formal. Cria condições para a oferta mínima de 800 vagas anuais dirigidas exclusiva e diretamente para professores da Educação Básica. Seu projeto pedagógico inovador oferece aos candidatos Linhas de Pesquisa relacionadas ao segmento da Educação Básica em que eles atuam (Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio) e lhes propõe como macrotema de projeto algum conteúdo contido nas atuais DCN-EB (Ciências naturais, matemática, ciências humanas, linguagens e códigos) e suas tecnologias, temas transversais e processos e estratégias de inclusão e equidade. O professor que chegará ao PROFENSINO trará uma história profissional, um saber de experiência acumulado e uma produção de conhecimento em contextos complexos de prática, que, embora naturalizados, são tomados em consideração e ponto de partida pelo curso de MP como um pressuposto. Desse modo o PROFENSINO toma como objeto de estudo, análise e problematização a própria prática profissional desses professores (vigente e/ou inovadora). Os conhecimentos acadêmicos não são o ponto de partida desse processo, mas uma mediação importante, uma “caixa de ferramentas” para problematizar e compreender as possibilidades e os limites dessa prática. Desse modo, o professor mestrando no PROFENSINO vem aos seus polos universitários em busca de outros olhares e conhecimentos, em busca de novos saberes que o habilitem a promover as mudanças possíveis de si e de sua prática e de seu campo profissional. Nesse sentido, o PROFENSINO focaliza a pesquisa do professor sobre a sua prática e o desenvolvimento de produtos e processos que façam sentido nessa prática profissional. Esse processo pode produzir a transformação qualificada das práticas de ensinar e aprender nas diferentes áreas de conhecimento do currículo escolar e, para os pesquisadores e formadores

da universidade, novas compreensões e possibilidades de promover a formação e a aprendizagem docente e o desenvolvimento profissional dos professores em serviço. Tal dimensão se concretiza na natureza e no processo da dissertação do Curso. Claramente diferenciada dos mestrados acadêmicos, a perspectiva do PROFENSINO é de tomar a aplicação da teoria à prática no sentido mesmo da práxis. Sendo assim, há pesquisa a ser realizada sobre esta prática da sala de aula, e dela indissociável, em que as metodologias participativas são indispensáveis. Como consequência dessa pesquisa ocorre o trabalho com conteúdos, uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC), e desenvolvimento de produtos e procedimentos educacionais, e o acompanhamento de sua implementação em estágios nas escolas, supervisionados pelo (a) orientador (a) no desenvolvimento da dissertação. A pesquisa busca também aproveitar resultados já existentes e os traz para aplicação nas salas de aula (pesquisa translacional, segundo o documento da Área de Ensino). E procura trabalhar conteúdos atualizados e desenvolver estratégias instrucionais contemporâneas, nas quais os mestrados passam a dominar melhor os conteúdos e a incorporar as TIC em suas práticas. Ao lado disso, a dissertação com que o mestrando conclui o curso é um relato crítico desta prática, associado à geração de um produto técnico concreto para ser disponibilizado ao sistema de ensino. O Regimento Geral do PROFENSINO, anexo, detalha seu modo de operação.

Cabe comentar também que o PROFENSINO não concorre nem com os MPE locais das Áreas de Ensino nem de Educação, que lhes complementam, nem com nenhum outro MP em rede nacional em funcionamento ou autorizado a funcionar, uma vez que são dirigidos exclusivamente a professores licenciados para atuar nas disciplinas específicas do Ensino Médio. Desse modo, o PROFENSINO será o primeiro MP em rede nacional que ofertará vagas para os todos os segmentos da Educação Básica, complementando em seus polos, quando couber, os demais programas em rede no segmento de ensino médio.

Potencial: A rede do PROFENSINO tem grande potencial de expansão, seja pela agregação e adesão dos demais MPE da Área de Ensino, ou pela formação de novos polos. No curto período de tempo em que a proposta foi construída (9 meses, sendo acelerada apenas nos 3 últimos), a agregação de 36 IFEE e 38 polos é um indicador de sucesso na capacidade de mobilizar docentes para os desafios citados. Como as condições de fomento para a viabilização da proposta são essenciais, o PROFENSINO traz outra iniciativa inovadora, que se refere à mobilização dos entes federados componentes do Sistema Nacional de Educação para um comprometimento adicional ao investimento em bolsas e suporte operacional possível pela CAPES, negando uma paralisia frente a situações adversas. Assim, todas as comissões do PROFENSINO participarão do esforço de articulação das condições de fomento. Fará parte das atividades do Comitê Gestor do PROFENSINO o diálogo com órgãos legislativos e executivos estaduais e municipais e com o Fórum Nacional de Educação, para a construção de projetos de lei nacionais, estaduais e municipais que assegurem localmente o direito constitucional acima referido, , para desonerar ao máximo a CAPES com a demanda de bolsas.

Contextos Regionais e potência da Rede Nacional:

Pelo exposto acima, considera-se que no contexto nacional a proposta está amplamente justificada. Todavia, como o Curso apresenta polos em todas as regiões brasileiras, cabe descrever o impacto esperado do PROFENSINO nos seus contextos regionais.

A oferta do PROFENSINO ocorre através de uma rede de polos articulados no território nacional, integrada por Instituições Federais e Estaduais de Ensino (IFEE) participantes do Sistema Nacional de Pós-Graduação, do Sistema Universidade Aberta do Brasil, e de outras Instituições Públicas de Ensino Superior que objetivam integração à UAB. Todas as atuações retratadas na sede do PROFENSINO ocorrerão integral ou parcialmente nos seus diversos polos. A potência de uma rede articulada nacionalmente segue a tendência contemporânea de

cooperação de instituições acadêmicas em ensino, com exemplos positivos como os demais MPE disciplinares já em operação, ou outras redes como a Rede Nacional Educação e Ciência, a Rede Nacional Ciência para a Educação e a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, redes de pesquisa (como, por exemplo, os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia - INCTs, Rede Nacional de Ensino e Pesquisa) e redes de extensão (como a Rede Nacional de Extensão).

Em diversos polos instalados no Centro Oeste e na Amazônia, o PROFENSINO colhe os frutos do trabalho realizado pela REAMEC, a Rede Amazônica de Educação de Ciências e Matemática, um Programa de Doutorado que associou 26 instituições dos 8 Estados que integram a Amazônia Legal, constituindo uma rede de formação de doutores na área de Ensino, que pudessem atuar no âmbito das licenciaturas em Física, Química, Biologia, Matemática e Pedagogia, e em Mestrados Profissionais. Assim, diversos doutores já egressos dessa iniciativa, e outros que nela já orientam, participam de diversos polos na região, contribuindo assim para regionalizar a Área de Ensino. O mapa no Documento anexo mostra os avanços trazidos pelo PROFENSINO para o Centro Oeste e a Amazônia.

A SEDE E A REDE DE COLÉGIOS PÚBLICOS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE EXCELÊNCIA

A sede do PROFENSINO será o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP/UERJ, no Rio de Janeiro, originado no Colégio de Aplicação da UERJ, fundado em 1957. Ao longo de sua existência, o CAP/UERJ vem ocupando uma posição de vanguarda, destacando-se como um centro de excelência de ensino, pesquisa, extensão e campo de estágio, notadamente reconhecido pelas Secretarias de Educação, pelas comunidades universitárias e em geral. Em 2001 formalizou-se a criação do Instituto de Aplicação, como mais uma Unidade Acadêmica da UERJ (resolução nº 005/01 do Conselho Universitário).

Suas bases se voltam ao aprendizado da docência - formação inicial e continuada. O CAP-UERJ integra o colegiado das licenciaturas da UERJ desde a sua criação e recebe a maioria dos estudantes provenientes dos cursos de licenciaturas da Universidade. Possui corpo docente amplamente qualificado e titulado, se diferenciando das demais escolas regulares, pois, além de campo de estágio, oferece direcionamento para atividades acadêmicas de pesquisa e extensão universitárias. Destacam-se também as ações no campo da Iniciação Científica Júnior, permitindo parcerias e inserções dos estudantes do ensino básico em instituições de pesquisa e de ensino renomadas (Fiocruz, Cenpes, CBPF, IMPA e Universidades).

Mais recentemente, como fruto das discussões iminentes na conjuntura educacional brasileira, o CAP-UERJ ampliou sua ação no campo da formação docente da UERJ, compondo de forma efetiva a formação inicial dos estudantes das licenciaturas (resoluções CSEPE nº 021/2005, nº 027/2005 e nº 60/2006). Este fato, um novo momento na história da Instituição e da Universidade, foi coroado com a aprovação pelo CTC-ES da CAPES, com nota inicial 4, de seu MP em Ensino em Educação Básica, em 16/7/2013, completando a atuação do CAP/UERJ em todos os níveis de Educação Básica e Superior, da creche à pós-graduação.

O CAP/UERJ teve grande protagonismo na construção do PROFENSINO, que conseguiu agregar à rede escolas/colégios similares em Belém, Uberlândia, Juiz de Fora e Florianópolis. Deste, além do CAP-UERJ, apenas o CEPAE-UFG em Goiânia e o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, já tem MP local funcionando, e a participação no PROFENSINO possibilitará o necessário amadurecimento destas instituições para constituírem futuramente também MPs locais. O PROFENSINO agrega também Institutos Federais que atuam em diversas modalidades da Educação Básica. O Documento Anexo descreve detalhadamente os polos do PROFENSINO, e o papel que poderão exercer em suas regiões.

HISTÓRICO DO CURSO: (Tela 3)

O PROFENSINO foi gerado no amadurecimento das experiências dos mais de 130 Programas de Mestrado, Doutorado e Mestrado Profissional da Área de Ensino, e traz da Área sua identidade central: Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica. A Área de Ensino teve origem em 2011, na expansão do escopo da antiga Área de Ensino de Ciências e Matemática que, por sua vez, foi criada pela CAPES em 2000 para fortalecer as vertentes dos conhecimentos educativos trabalhados no ensino e em suas diferentes práticas, nos diversos níveis.

Inserida desde 2008 na Grande Área Multidisciplinar, a Área de Ensino assume a interdisciplinaridade como pressuposto que ancora todas as suas propostas, e coopera com sua área mãe, a Educação, inserida na Grande Área de Ciências Humanas. As experiências de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Educação Matemática, já ultrapassaram uma década, como ocorre, por exemplo, com os programas da UnB e da UFRGS. Desse modo, nutrido-se dessas experiências e dos seus referenciais epistemológicos, as perspectivas da Área vêm atraindo propostas de instituições universitárias de todo o país, ganhando concretude em cursos intitulados como Ensino de “Ciências”, “Física”, “Matemática”, “Biociências”, “Ciências da Terra”, ou “Tecnologia e Educação”, “Práticas de Educação Básica”, “História e Filosofia”, “Saúde e Meio Ambiente”, “Diversidade e Inclusão”, “Formação Docente Interdisciplinar”, entre outros que têm a interdisciplinaridade como foco.

Analisando os desafios da Educação no Brasil, as metas do Plano Nacional de Educação e a missão maior da Área de Ensino, em 2014, a plenária do Seminário de Acompanhamento (www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/3_Seminario_Acompanhamento.pdf) dos Programas da Área orientou a adoção do apoio à melhoria da Educação Básica do Brasil, tomando-o como seu principal eixo estruturante. Delegou, então, aos três Mestrados Profissionais já constituídos na Área com o foco na Educação Básica, na UERJ, UFG e no Colégio Pedro II, a iniciativa de pensar e propor um APCN, visando um Mestrado em Rede Nacional para a Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

No segundo semestre de 2014, a primeira versão dessa proposta foi elaborada e no início de 2015, incentivados pela citada prioridade governamental para a melhoria da Educação, lideranças da Área aceleraram o debate, tendo em vista a construção de uma proposta vigorosa e robusta, que ora se expressa neste APCN. São 38 polos cobrindo todas as regiões do país em diferentes IFEE associadas, complementando a oferta já existente nos demais 77 Mestrados Profissionais locais, e em movimento para a constituição da rede de pós-graduação proposta. Desse modo, articulando suas duas redes, a de polos do PROFENSINO, ora proposto, com a já existente, será possível oferecer entre 800 a 1000 vagas anuais para os professores da Educação Básica, atingindo, estruturadamente, pela primeira vez, todos os seus segmentos, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Assim, se constituiu uma proposta que complementa o esforço que a CAPES já está fazendo para a melhoria do Ensino Médio, com a operação dos Mestrados Profissionais em Rede Nacional disciplinares, a saber: Matemática, Física, Letras, História, Artes e Química.

A matriz curricular do PROFENSINO foi concebida a partir dos seus dois maiores patrimônios de experiências: o acúmulo dos programas profissionais e acadêmicos da Área de Ensino e a atuação direta em várias das melhores escolas de Educação Básica pública do país, expressas por diversos Colégios de Aplicação Universitários, como o CAP UERJ, o ESEBA, o CEPAE-UFG, entre outros. Estas escolas têm demonstrado, cabalmente, que é possível ter educação pública de qualidade na Educação Básica no Brasil. O PROFENSINO traz uma proposta simples, com 540 horas, passível de ser implementada em nível nacional, com polos em todas as regiões do Brasil.

Sem negar nem concorrer com demais iniciativas em curso, e ainda destacando sua relevância, o PROFENSINO busca complementar, cooperar e ampliar seu impacto local ou disciplinar. Com a proposta do Mestrado Profissional em Rede Nacional será possível ampliar o número de docentes da Educação Básica a serem beneficiados, e incluir, pela primeira vez numa rede nacional, os professores da Educação Infantil e os professores dos dois segmentos do Ensino Fundamental.

A proposta de constituição e de consolidação de uma rede nacional no PROFENSINO se justificou porque:

- a) O Brasil vem sendo classificado em níveis muito baixos quanto ao desempenho na Educação Básica, tanto em avaliações entre os países do mundo, quanto naquelas que comparam as distintas localidades do país, ressalvadas as diferenças regionais já sobejamente conhecidas.
- b) Após um amplo enfrentamento do problema do acesso à Educação Básica, com melhoria dos indicadores nacionais de matrículas nos diversos segmentos, é urgente o enfrentamento do problema da qualidade da Educação e da formação de professores e de alunos. A qualidade é reflexo direto da formação dos professores atualmente na rede, reconhecidamente deficiente. A qualificação dos professores da Educação Básica mediante ação cooperativa com as Instituições Federais e Estaduais de Ensino por meio da pós-graduação *stricto sensu* é uma das condições necessárias para uma curva acentuada e ascendente na resolução do problema da qualidade da formação das gerações futuras de brasileiros e de brasileiras, hoje ingressando na escola ou transitando por ela.
- c) A priorização da carreira acadêmica e a excessiva especialização temática dos objetos de investigação nos diversos campos do conhecimento vêm colocando a formação dos docentes da Educação Básica em um plano secundário.
- d) O acesso à formação de pós-graduação *stricto sensu* é um direito do professor da Educação Básica, da creche ao Ensino Médio - e não apenas ao professor do Ensino Superior-, para lhe proporcionar valorização intelectual, profissional e salarial e, conseqüentemente, sua fixação na escola e na carreira do magistério pela nobreza dessa função.
- e) É importante estabelecer um equilíbrio entre as atividades de ensino e pesquisa, com o objetivo de formar professores com autonomia e criatividade para o exercício de suas atividades docentes.
- f) A elaboração de material de síntese, como livros didáticos, implica em complexidades e desafios, pois os currículos dos quatro grandes campos da Educação Básica impõem um alargado e aprofundado conhecimento tanto do conteúdo em si, como um conhecimento pedagógico do conteúdo, com estratégias e metodologias próprias de cada campo, que só podem ser desenvolvidas na prática do fazer-pesquisar-desenvolver-aprender.

HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DOS POLOS NAS DIVERSAS REGIÕES

Duas iniciativas da CAPES foram decisivas para a promoção de encontros e diálogos que permitiram a constituição dos polos do PROFENSINO articulados regionalmente. Primeiro, a realização dos Seminários de Acompanhamento de Programas, desde 2012, que permitiu um maior entrosamento e conhecimento dos coordenadores dos diversos Programas da Área, e a identificação de identidades em problemas e desafios. Segundo, a proposição de escolha de um coordenador/a adjunto/a para os Mestrados Profissionais, que permitiu acelerar a identificação de propostas de interesse comum. Em 2013 e 2014 foram realizados Grupos de Trabalho reunindo os MPE para tratar dos problemas de carência de bolsas e de valorização de livros e de materiais educativos diversos. Na avaliação de 2013 foi definido o trabalho em comissão separada dos programas acadêmicos, de modo a gerar indicadores e métricas específicas para a avaliação dos MPE. Em 2014 foi definida a necessidade de maior integração

entre os MPE e escolhida a estratégia de realização de um Seminário Nacional específico, que foi realizado em junho de 2015 em Goiânia. Em paralelo, houve intensa atividade científica e tecnológica apresentada em eventos nacionais, regionais e internacionais organizados por sociedades científicas atuantes em Ensino (ABRAPEC e outras), por sociedades multidisciplinares como a SBPC e a ABC, ou outras sociedades atentas à questão do Ensino (SBBq, e outras), possibilitando trocas de experiências. Durante o I Seminário Nacional em Goiânia, foi possível fazer uma reunião de trabalho com diversos polos do PROFENSINO presentes e finalizar algumas medidas para solucionar dificuldades sentidas na preparação da proposta deste APCN.

Um componente importante na composição dos polos foi a definição do perfil docente e do requisito do número mínimo de cinco doutores para a constituição de um polo. Para o credenciamento de docentes considerou-se o atendimento de cinco quesitos cumulativos: titulação, vínculo, disponibilidade de tempo, experiência de orientação e formação/atuação profissional em Ensino (ver Regimento). Na inclusão de docentes orientadores do PROFENSINO valorizou-se a experiência em desenvolvimento de propostas de ensino, materiais, e pesquisa aplicada em seus conteúdos específicos, particularmente com professores da Educação Básica.

O primeiro requisito para docente do PROFENSINO é ser Doutor, pois todo o quadro docente terá essa titulação como mínimo. Recém-doutores poderão ser incorporados em qualquer categoria de docentes. O segundo é ter vínculo trabalhista (não bolsista) no quadro da IFEE, para docente permanente (DP). Bolsistas poderão ser caracterizados como docentes colaboradores (DC). O terceiro é a disponibilidade de tempo semanal a dedicar ao Programa (disciplinas e orientação): no mínimo 10 horas semanais para DP. Uma disponibilidade menor só será aceita para DC. O quarto requisito é a experiência de orientação concluída, mínima de dois alunos de Graduação (PIBIC, PIBID, PIBIT ou TCC) ou de Ensino Médio (Provoc, PIBIC Junior ou similar), e/ou de Especialização (TCC) lato sensu, ou então mínima de um aluno de stricto sensu (mestrado/doutorado), no momento do início da orientação pretendida. E finalmente, o quinto requisito é a experiência de formação e/ou profissional em Ensino: ter mestrado ou doutorado em Ensino/Educação, e/ou ter atuação profissional como professor/docente na Educação Básica e/ou nas Licenciaturas, e/ou ter produção acadêmica/técnica na Área de Ensino, considerando seus critérios de classificação de periódicos, livros, eventos e produtos, nos últimos 4 anos. O PROFENSINO acompanha a métrica da Área, pontuando seus produtos do seguinte modo: artigos (A1=100 pontos, A2=85, B1=70, B2=55, B3=40, B4= 25, B5=10), livros (L1=10 pontos; L2=25; L3= 50; L4=75), capítulos de livros (C1=5; C2=12,5; C3=25; C4=35,5), materiais educativos (T1=10 pontos), trabalhos completos em Eventos (E1=5 pontos). Buscou-se assegurar que os docentes do polo apresentassem 120 pontos totais/DP/ano, correspondente ao conceito BOM na avaliação trienal da Área de Ensino em 2013 para os MPE. Buscou-se evitar concentração da produção em poucos docentes. Equivalências também foram consideradas: na produção de artigos: 30 pontos em periódicos A1-B1/DP/ano ou 65 pontos A1-B5/DP/ano); na produção de técnica ou de materiais educativos: >1,5 produtos educativos/DP/ano. Também se solicitou que a produção técnica estivesse registrada no CV-Lattes, em alguma das oito modalidades de produtos consideradas: 1. Mídias educacionais como vídeo aulas, blogs, sites, áudio livros, entre outros; 2. Protótipos como modelos, maquetes, experimentos, entre outros; 3. Propostas de ensino; 4. Material textual como fascículos, guias, livros didáticos e paradidáticos, entre outros-; 5. Materiais interativos como jogos e outros; 6. Atividades de extensão como cursos curtos, coordenação de projetos, orientação em extensão e outros; 7. Desenvolvimento de aplicativos; 8. Programa/entrevista de rádio e TV.

Os polos foram configurados inicialmente por alguns docentes dos Programas locais, acadêmicos ou profissionais, muitas vezes incorporando novos docentes interessados, sob a

coordenação de uma liderança. Dois Programas acadêmicos nota 6, dos quatro existentes na Área, participaram da concepção do PROFENSINO. E além do CAP-UERJ, que sedia a proposta, também foram incorporados ao PROFENSINO Escolas Públicas de Educação Básica ou Colégios de Aplicação: na região sudeste, as escolas da UFU, e da UFJF, respectivamente em Uberlândia e em Juiz de Fora; na região sul, a escola da UFSC em Florianópolis; na região norte, o CAP da UFPA, em Belém. Algumas outras escolas não conseguiram consolidar informações a tempo, ficando com a “intenção” de ingressar nas chamadas de expansão subseqüentes: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ-CAP (Rio); Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS-CAP (Porto Alegre); Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/CAP (Belo Horizonte), Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro- FAETEC- ISERJ (Rio de Janeiro), Universidade Federal de Viçosa -UFV/CAP (Viçosa), Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAP (Recife), Universidade Federal de Sergipe- UFSE/CAP (Aracaju), Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN/CAP/NEI (Natal).

No item relativo à Cooperação, toda a rede está presente, bem como suas estratégias de interação e cooperação.

UM DESTAQUE PARA A REGIÃO AMAZÔNICA NA HISTÓRIA DO PROFENSINO

No processo de construção do PROFENSINO cabe destacar o papel da REAMEC na constituição dos polos da região norte, todos novos, em relação aos sete MPE existentes. A Rede de Ensino de Ciências e Matemática na Amazônia (REAMEC) foi criada em 2010, associando 26 instituições da região e agregando 38 docentes aptos a orientar Doutorado, para a formação, até 2020, de 150 doutores em Ensino. Este trabalho iniciou com a chamada para a primeira turma de doutorandos em 2011 e já gerou egressos que, associados aos doutores já atuantes nestas IFEE, vem nucleando grupos de pesquisa e Programas de Mestrado para todos os estados da Amazônia legal. A rede se constitui na mais importante ação para a consolidação dos programas de mestrado existentes na Região e assegura a possibilidade de expansão com a criação de novos programas nos Estados que ainda não possuem cursos de pós-graduação na Área de Ensino.

A coordenação da REAMEC funciona a partir de três polos, um na sua sede em Cuiabá, na UFMT, outro em Belém, junto aos Programas de Mestrado Profissional e de Mestrado e Doutorado Acadêmico da UFPA, e outro na UEA, em Manaus. As coordenações dos polos de Cuiabá e de Belém se envolveram na divulgação e mobilização de docentes participantes, e de egressos, estimulando a configuração dos polos de Sinop, Cuiabá e Cáceres (MT), envolvendo as Universidades Federal e Estadual de Mato Grosso (UFMT e UNEMAT), bem como o polo de Rondônia em Ji-Paraná, na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A partir de Belém foi incentivada a formação de mais dois polos, na UEPA e no Colégio de Aplicação da UFPA, do polo de Marabá, com perspectivas de constituição futura de outros polos no interior do Estado, também em Macapá, na Universidade Federal do Amapá.

Por outro lado, para a criação de três polos em Tocantins, docentes do experiente Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da UnB se mobilizaram e, com o apoio do recém-aprovado Programa de Mestrado Acadêmico em Palmas, em Ensino em Ciências e Saúde, e forte envolvimento das direções de pós-graduação dos respectivos campi, estimularam a organização de polos para o PROFENSINO em Araguaína, Arraias e Porto Nacional, em Tocantins.

Até 2014, os 10 programas da Área de Ensino situados na Amazônia compunham apenas 8,6% dos programas de PG em operação na região, expondo uma especial fragilidade na oferta de formação continuada para o Ensino. O primeiro Programa da Área foi criado em 2001 na UFPA, em Belém, na modalidade de Mestrado Acadêmico, e em 2009 abriu um curso de Doutorado.

Em 2006 a UEA iniciou um Mestrado Profissional (MP) em Manaus e em 2010 desativou o MP e iniciou um Mestrado Acadêmico. No mesmo ano (2010) a UFMT também abriu um MP e sediou a criação de um Doutorado em rede, em associação com a UFPA e a UEA. Portanto, em 10 anos, apenas 5 Programas em Ensino funcionaram na região. Mais recentemente novos programas foram criados, como descrito no item cooperação deste APCN. Portanto, os dez novos polos do PROFENSINO, agora constituídos na Amazônia, são fruto deste trabalho e dobram a oferta de programas de Pós-Graduação *stricto sensu* na região.

A descrição do processo aqui relatado se complementa perfeitamente com os dados extraídos do relatório do I Seminário Regional de Programas da Área de Ensino na Amazônia, realizado em julho de 2014 durante a reunião da SBPC no Acre, que segue abaixo:

Os desafios da Pós-Graduação na Amazônia são de tal monta que mereceram um item especial no capítulo de “Desafios Brasileiros” do Plano Nacional de Pós Graduação (PNPG), referente a Recursos Humanos. “A desigualdade regional foi enfatizada, evidenciando a necessidade de que as instituições de ensino e pesquisa da Amazônia recebessem maior atenção, sobretudo na formação e fixação de recursos humanos.” (PNPG, p.27).

Desde sua introdução (AMAZÔNIA, PNPG vol I, p. 208-211), o PNPG já aponta: A Amazônia Verde não é assunto para uma só disciplina e deverá promover a aproximação de várias áreas do conhecimento. (PNPG, p.19).

A Amazônia se estende por oito países da América do Sul, mas cerca de 60% da Floresta Amazônica estão no Brasil. O conceito de Amazônia Brasileira compreende uma área de 3,7 milhões de Km² e tem sido substituído no Brasil por Amazônia Legal, que é um conceito essencialmente geopolítico, e que aumenta 1,3 milhões de Km² a área da Amazônia Brasileira, englobando nela uma longa faixa de vegetação de transição, com cerca de 700 mil Km², como os cerrados ao sul e os campos ao norte, em Roraima, Pará e Amapá. Dessa forma, a Amazônia Legal Brasileira abrange os Estados do Amazonas, Amapá, Acre, Mato Grosso, oeste do Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, com uma superfície de aproximadamente 5 milhões de Km², ou seja, 60% do território nacional. Essa região abriga 25 milhões de habitantes (13,7% da população brasileira), cerca de 22 mil comunidades isoladas e apenas 4% do quadro de doutores da federação.

A Região concentra 13,7% da população brasileira, colabora com aproximadamente 8% do PIB, mas tem recebido apenas 4% dos recursos de C&T do país. A Amazônia Legal abriga metade das espécies conhecidas de plantas tropicais, uma variedade de peixes maior que a do oceano Atlântico e a maior bacia hidrográfica do mundo, com aproximadamente 80 mil quilômetros de rios navegáveis. Há baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) e baixa produtividade em C&T, que têm origem no número escasso de cursos de pós-graduação de nível de doutorado aí implantados, situação agravada pela ausência de políticas eficientes para a fixação de doutores e as deficiências em todos os níveis de ensino. São pouco mais de 4.000 doutores, metade dos quais não está envolvida com a produção de informações e qualificação de pessoal em nível de pós-graduação. Um esforço significativo em telecomunicações é necessário para superar o isolamento digital, que dificulta a fixação de novos pesquisadores para as instituições de C&T da região, o que restringe empreendimentos de base tecnológica e a formação em nível de pós-graduação.

Além da inclusão social e geração de renda e, portanto, ampliação da soberania na região, é necessária uma ampliação dos seus programas de PG, consolidando e ampliando os existentes, e induzindo a instalação de novos programas. Em se tratando de uma região de vital importância para o Brasil, são recomendáveis ações para promover a cooperação nacional e a indução de novos programas de pós-graduação na região. A coordenação das ações deve ter como alvo a hegemonia brasileira nas questões amazônicas e a inclusão social e geração de renda para os povos amazônicos.

COOPERAÇÃO E INTERCÂMBIO: (Tela 3)

AOS AVALIADORES:

SOLICITA-SE A LEITURA DOS DOCUMENTOS EM ANEXO PARA UMA VISÃO MAIS DETALHADA DOS POLOS DO PROFENSINO, SUAS CARACTERÍSTICAS, DISCIPLINAS E PRODUÇÃO.

A REDE COOPERATIVA DO PROFENSINO: REQUISITO PARA SEU IMPACTO SOCIAL

Frente às questões objetivas do sistema educacional público do país, a formação continuada tem assumido um caráter de urgência, desafiando instituições formadoras e responsáveis por políticas públicas a buscarem soluções de caráter, muitas vezes, emergenciais.

Também é urgente a construção de uma cultura docente na qual a formação continuada seja incorporada como uma demanda permanente e um direito dessa categoria profissional. O acesso à formação de pós-graduação *stricto sensu* é um direito do professor da educação básica, da creche ao ensino médio, e não apenas ao professor do ensino superior. Essa formação, comum nos países em que a educação é mais solução do que problema, proporciona ao professor valorização intelectual, profissional e salarial, e consequentemente, sua fixação na escola e na carreira do magistério, pela nobreza dessa função que a valorização evidencia. Ao privilegiar professores das redes públicas federal, estadual e municipal de diferentes regiões brasileiras, o PROFENSINO obtém um amplo escopo de abrangência e, por conseguinte, impacto social.

O PROFENSINO se propõe a enfrentar este desafio através da composição de uma rede cooperativa de IFEE em todo o país. Desse modo as estratégias de cooperação se constituem em diferentes camadas, desde a cooperação numa mesma IFEE e polo, passando pela cooperação entre vários polos e várias IFEE, em âmbito estadual, regional e nacional, e ainda a cooperação que cada membro introduz na rede a partir de suas iniciativas nacionais e internacionais. Além disso, por ter se originado na Área de Ensino da CAPES, potencializa a cooperação intra Área, com outros Mestrados Profissionais em Ensino (MPE) locais que (ainda) não são membros do PROFENSINO, e outros programas acadêmicos além dos que aderiram ao processo.

Assim, a cooperação se expressará na articulação da Pós-graduação com a Graduação, de diferentes Programas de Pós-Graduação, e da Educação Superior com a Educação Básica. As IFEE públicas numa cidade, estado ou região, cooperam então para otimizar ações e resultados. Isso evidenciará o importante papel a ser desempenhado pela Universidade na formulação e execução de políticas públicas de formação docente para todos os níveis da Educação Básica, indo para além da sua tradicional atuação na formação inicial de docentes ao agir também na formação continuada de professores. Nesse sentido o PROFENSINO pretende ser um curso que mobilize a sensibilidade, a criatividade e a autoconfiança do professor que atua no chão da escola e transforma a sua prática docente.

COOPERAÇÃO REGIONAL E NACIONAL NA REDE:

A articulação cooperativa de todos os polos do PROFENSINO com os demais MPE locais, a Área de Ensino pode oferecer concretamente mais de 100 localidades com cursos de Mestrado Profissional em Ensino em todo o Brasil, de modo a contribuir para a formação continuada de qualidade aos professores da Educação Básica. No dossiê em anexo os polos estão descritos em maior detalhe, e um mapa geral pode ser consultado. A lista regional dos polos e MPE locais, abaixo, mostra os nós desta rede na qual o PROFENSINO pretende impulsionar a cooperação das seguintes IFEE:

REGIÃO SUDESTE:

A) Polos em IFEE Associadas no PROFENSINO = 10

Polo Rio de Janeiro 1- UERJ/Cap - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (RJ);

Polo Rio de Janeiro 2- IFRJ - Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (RJ)

Polo Niterói 1- UFF - Universidade Federal Fluminense– Inclusão e Diversidade (RJ)

Polo Niterói 2- UFF - Universidade Federal Fluminense – Química (RJ)

Polo Seropédica - UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RJ)

Polo Juiz de Fora - UFJF/Cap - Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)

Polo Uberlândia - UFU/Cap ESEBA - Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (MG)

Polo Santo André - UFABC- Universidade Federal do ABC (Santo André/SP)

Polo Campinas - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (Campinas/SP)

Polo Guaratinguetá - UNESP/RC - Universidade Estadual Paulista (SP)-integrado a Bauru e Rio Claro

B) IFEE PÚBLICAS COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES COM POLOS DO PROFENSINO = 09

Rio de Janeiro: Programas de Mestrado Profissional em: Práticas de Educação Básica (Colégio Pedro II), Ensino de Física (UFRJ), Ensino de Química (UFRJ), Ensino em Biociências e Saúde (Fiocruz), Ensino de Ciências e Matemática (CEFET/RJ)

Vitória: Ensino de Física (UFES), Educação em Ciência e Matemática (IFES)

Juiz de Fora: Educação Matemática (UFJF)

Uberlândia: Ensino de Ciências e Matemática (UFU)

C) IFEE COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES SEM POLOS DO PROFENSINO = 19

Vitória – Educação em Ciências e Matemática, Ensino de Humanidades (IFES)

Volta Redonda: Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente (UniFOA)

Vassouras: Educação Matemática (USS)

Duque de Caxias: Ensino das Ciências (UNIGRANRIO)

Ouro Preto: Educação Matemática, Ensino de Ciências (UFOP)

Belo Horizonte: Ensino (PUC/MG)

Itajubá: Ensino de Ciências (UNIFEI)

Bauru: Docência para a Educação Básica (UNESP/BAU)

São Paulo: Educação Matemática (PUC/SP); Ensino de Ciências e Matemática (UNICSUL);

Ensino de Ciências e Matemática (IFSP) Ensino em Ciências da Saúde (UNIFESP);

São Carlos: Ensino de Ciências Exatas (UFSCAR);

Santos: Práticas Docentes no Ensino Fundamental (UNIMES)

São Paulo: Formação Interdisciplinar em Saúde (USP)

Lorena: Projetos Educacionais de Ciências (USP/EEL)

Ribeirão Preto: Saúde e Educação (UNAERP)

D) IFEE COM COLÉGIOS DE APLICAÇÃO COM PERSPECTIVA DE INTEGRAR A REDE = 04

Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/Cap - (RJ)

Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro/FAETEC- ISERJ (RJ)

Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Cap (MG)

Viçosa: Universidade Federal de Viçosa - UFV/Cap (MG)

REGIÃO NORTE

A) Polos em IFEE Associadas no PROFENSINO = 07

Polo Belém 1 - UFPA/ Cap - Escola de Aplicação / Universidade Federal do Pará (PA)

Polo Belém 2- UEPA - Universidade Estadual do Pará (PA)

Polo Marabá – UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PA)
Polo Ji-Paraná - UNIR - Univ Federal de Rondônia (RO)
Polo Araguaína- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)
Polo Arraias- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)
Polo Porto Nacional- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)

B) IFEE PÚBLICAS COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES COM POLOS DO PROFENSINO = 05

Manaus - Ensino de Ciências na Amazônia (UEA)
Manaus - Ensino Tecnológico (IFAM)
Belém - Docência em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA/PA)
Belém - Ensino de Matemática; Ensino em Saúde na Amazônia (UEPA)

C) IFEE COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES SEM POLOS DO PROFENSINO = 02

Boa Vista - Ensino de Ciências (UERR)
Rio Branco - Ensino de Ciências e Matemática (IFAC/AC)

REGIÃO CENTRO-OESTE

A) Polos em IFEE Associadas no PROFENSINO = 05

Polo Cáceres - UNEMAT - Universidade do Estado De Mato Grosso (MT)
Polo Cuiabá –UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso (MT)
Polo Sinop - UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso (MT)
Polo Goiânia- UFG/IME- Universidade Federal de Goiás – Inst.de Matemática e Estatística (GO)
Polo Inhumas – IFG/UEG- Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia de Goiás (GO)
Universidade Estadual de Goiás (GO)

B) IFEE PÚBLICAS COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES COM POLOS DO PROFENSINO = 4

Brasília - Ensino de Ciências (UNB/DF)
Goiânia - Ensino na Educação Básica; Ensino na Saúde (UFG/GO)
Cuiabá - Ensino de Ciências Naturais (UFMT/MT)

C) IFEE COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES SEM POLOS DO PROFENSINO = 3

Dourados- Ensino em Saúde; Educação Científica e Matemática (UEMS/MS)
Campo Grande- Ensino de Ciências (UEMS/MS)
Anápolis - Ensino de Ciências (UEG/GO)

REGIÃO NORDESTE

A) Polos em IFEE Associadas no PROFENSINO = 08

Polo Ilhéus/Porto Seguro: UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz; UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia (BA)
Polo Salvador/Feira de Santana/Vitoria da Conquista -UFBA Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Feira de Santana –UEFS (BA)
Polo Maceió/Recife/Caruaru -UFAL -Universidade Federal de Alagoas (AL) / Universidade Federal de Alagoas- UFPE
Polo Pau dos Ferros/Patu - UERN- Univ Estadual do Rio Grande do Norte (RN)
Polo Mossoró - UERN – Univ Estadual do Rio Grande do Norte (RN)
Polo Assu - UERN – Univ Estadual do Rio Grande do Norte (RN)
Polo Fortaleza - UFC - Universidade Federal do Ceará (CE)
Polo São Luis -UFMA - Universidade Federal do Maranhão (MA)

B) IFEE COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES SEM POLOS DO PROFENSINO = 05

Feira de Santana- Ensino de Astronomia (UEFS/BA)
João Pessoa - Ensino de Ciências e Matemática (UEPB/PB)
Natal - Ensino de Ciências Naturais e Matemática; Ensino na Saúde (UFRN/RN)
Recife - Educação para o Ensino na Área de Saúde (FPS/PE)
D) IFEE COM COLÉGIOS DE APLICAÇÃO COM PERSPECTIVA DE INTEGRAR A REDE= 03
Recife -UFPE/CAP - Universidade Federal de Pernambuco (PE)
Aracaju - UFSE/CAP - Universidade Federal de Sergipe (SE)
Natal - UFRN/CAP/NEI - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN)

REGIÃO SUL

A) Polos em IFEE Associadas no PROFENSINO = 08
Polo Londrina: UEL/ Universidade Estadual de Londrina (PR)
Polo Curitiba: UFPR-UTFPR (polo misto)/Universidade Federal do Paraná e Universidade Federal Tecnológica do Paraná (PR)
Polo Paranaíba: UNESPAR- IFPR (polo misto)/Universidade Estadual do Paraná e Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia do Paraná(PR)
Polo Ponta Grossa: UTFPR/Universidade Federal Tecnológica do Paraná (PR)
Polo Maringá: UEM-CAP/ Universidade Estadual de Maringá– (PR)
Polo Florianópolis-1: UFSC/CAP – Universidade Federal de Santa Catarina (SC)
Polo Florianópolis-2: IFSC/ Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (SC)
Polo Pelotas: IFSul/CaVG / Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (RS)

B) IFEE PÚBLICAS COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES COM POLOS DO PROFENSINO = 07
Ponta Grossa: Ensino de Ciência e Tecnologia; Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (UTFPR)
Curitiba: Formação Científica, Educacional e Tecnológica (UTFPR)
Pelotas: Ensino de Ciências e Matemática (UFPEL-Universidade Federal de Pelotas)
Florianópolis: Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias (UDESC Univ do Estado de Santa Catarina)
Porto Alegre: Ensino de Física, Ensino de Matemática (UFRGS)
Porto Alegre: Ensino na Saúde (UFCSPA-Univ. Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

C) IFEE COM MESTRADOS PROFISSIONAIS LOCAIS DA ÁREA DE ENSINO EM CIDADES SEM POLOS DO PROFENSINO = 08
Guarapuava: Ensino de Ciências Naturais e Matemática (UNICENTRO/ PR);
Lajeado: Ensino de Ciências Exatas (UNIVATES/RS)
Santo Ângelo: Ensino Científico e Tecnológico (URI- Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/RS)
Bagé: Ensino de Ciências (UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa/RS)
Passo Fundo: Ensino de Ciências e Matemática (FUPF- Universidade de Passo Fundo/RS)
Caxias do Sul: Ensino de Ciências e Matemática (UCS- Universidade Caxias do Sul/RS)
Santa Maria: Ensino de Ciências e Matemática (UNIFRA/RS)
Blumenau: Ensino de Ciências Naturais e Matemática (FURB- Universidade de Blumenau/SC)

ATIVIDADES DE INTEGRAÇÃO E ARTICULAÇÃO DA REDE:

A primeira seleção será realizada no 2º semestre do ano de início do funcionamento do PROFENSINO, para que no primeiro semestre possam ocorrer atividades de articulação e integração da rede.

Dentre as várias possibilidades, prevê-se:

- (i) a produção compartilhada dos materiais necessários às disciplinas obrigatórias,
- (ii) o desenvolvimento de disciplinas em modalidade a distância, em plataforma moodle ou similar, com os polos que são mais experientes nestas tecnologias;
- (iii) a seleção de pelo menos uma disciplina eletiva por polo para ser desenvolvida em ambiente virtual de aprendizagem;
- (iv) seminários de integração dos docentes com oficinas para exercícios de práticas correntes nos polos consideradas interessantes para serem replicadas nos demais polos;
- (v) cursos internacionais curtos no modelo de Escola de Altos Estudos, em temas como Educação Básica comparada, Inovação e Criatividade, entre outros.

Tais atividades poderão ser consideradas como estágios ou eventos de pós-doutorado, pois serão dirigidas aos doutores que compõem o PROFENSINO, no sentido de gerar a maior identidade possível na rede. Além disso, um levantamento completo da formação pós-doutoral na rede será realizado, bem como o inventário de oportunidades para aumento continuado da qualificação dos docentes do PROFENSINO. A atividade de Pós-Doutorado é exatamente aquela que promove cooperação e atualização entre pesquisadores, não tendo, por isso, o caráter de curso, a figura de orientador ou de aluno. Representa uma interseção entre as áreas de ensino e pesquisa, quando o Doutor aproveita e participa ativamente desses vários contextos. Além dos seminários e cursos da rede, também será possível a mobilidade para estágios curtos (6 meses) ou longos (até 24 meses) nos diversos polos da rede do PROFENSINO, com o objetivo de possibilitar a permanência temporária de orientadores da rede nos diversos laboratórios e espaços criativos do Programa, a consolidação e atualização de seus conhecimentos em processos de construções inter e transdisciplinares, e/ou a reorientação de uma linha de pesquisa para maior convergência de processos e produtos na rede. O reconhecido nível de excelência do grupo que ofertar tais atividades é sempre requisito o escopo do pós-doutorado.

Após o início das atividades (o primeiro processo seletivo), a cada biênio serão realizadas atividades integradoras de avaliação e qualificação em nível de pós-doutorado, assegurando ao corpo docente permanente atualização e integração.

PARTICIPAÇÃO EM OUTRAS REDES DE PROGRAMAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA:

- 1- Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR
- 2- Pacto Nacional pelo Ensino Médio – PNEM
- 3- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC
- 4- Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC): com o objetivo de ampliar a titulação de doutores em Ensino: UFMT-UFPA-UEA
- 5- Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal-(BIONORTE): UFMT
- 6- Rede Nacional de Educação e Ciência
- 7- Parcerias com Secretarias Estaduais de Educação:
- 8- Parcerias com outros cursos em rede nacional: ProFis, ProfMat, ProfLetras, ProfArtes, ProfHistoria, ProfQuímica.
- 9- Polos UAB com cursos de especialização a distância
- 10- Programa Ensino Médio com Intermediação tecnológica (Emitec), que transmite em tempo real aulas de todos os componentes curriculares para escolas rurais ou de difícil acesso, atendendo 15 mil estudantes.
- 11- Rede Anísio Teixeira (RedeAT), que produz, cataloga, avalia e disponibiliza conteúdos digitais na rede mundial de computadores, acessíveis a qualquer professor do mundo.
- 12- Programa de Formação de Professores e Licenciaturas Interdisciplinares (LI) pautadas na valorização e fixação das pessoas nos locais onde vivem, interiorizando o ensino.

13- Projeto Geo-Escola (UNICAMP), aproximação com as Secretarias Municipais de Educação e docentes de escolas estaduais

14- Projeto Ensino de Ciência do Sistema Terra e formação de professores: intercâmbio com escolas estaduais, órgãos de Secretarias Estaduais de Educação, e outras Universidades locais.

ALGUMAS EXPERIENCIAS DE COOPERAÇÃO NOS ESTADOS:

As ricas experiências acumuladas em todos os polos da rede do PROFENSINO estão parcialmente descritas no Documento Anexo – parte II, que apresenta brevemente as características de cada polo. Recomenda-se fortemente sua leitura, pois a limitação de caracteres dos campos da plataforma impede que tal descrição possa ocorrer neste espaço.

ALGUMAS EXPERIENCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NOS ESTADOS:

Também no Documento Anexo – parte II estão descritas as experiências de cooperação internacional das diversas IFEE participantes da rede, com destaque para as IFEE que desenvolvem Mestrado e Doutorado Acadêmicos, notas 5 e 6, que vêm trabalhando fortemente essa vertente da internacionalização e oferecem à rede inúmeras portas de acesso a cooperação com pesquisadores e grupos no exterior.

Novamente, recomenda-se fortemente sua leitura pois, a limitação de caracteres dos campos da plataforma impede que tal descrição possa ocorrer neste espaço. Especial destaque deve ser dado a egressos do programa “Ciências sem Fronteiras (CsF)”, nos diversos polos, que também poderão ser potencialmente demandantes do PROFENSINO, uma vez que muitos grupos de pesquisa dos polos já tem “egressos” do CsF.

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO E LINHAS DE PESQUISA (Tela 4)

Área de Concentração

Ensino na Educação Básica e suas tecnologias

LINHAS DE PESQUISA

Linha 1- Ensino e aprendizagem na Educação Infantil

Descrição: Nesta linha, o PROFENSINO faz pesquisa e desenvolvimento tecnológico sobre o processo de ensino e aprendizagem dos diferentes conteúdos da Educação Básica e suas tecnologias, nas dimensões da técnica e da prática. Tais atividades consideram as especificidades dos saberes e práticas presentes na escola, particularmente no segmento da Educação Infantil, segundo os eixos de desenvolvimento das interações e das brincadeiras essenciais a este momento da vida das crianças. As pesquisas focalizam as condições de formação da criança, a ampliação do seu conhecimento de mundo, articulando o desenvolvimento de sua criatividade e as potencialidades de aprendizagem em Ciências da Natureza, Matemática, Linguagem e códigos e Ciências Humanas. O desafio transversal da construção dos valores éticos, da inclusão de crianças com necessidades educativas especiais, e dos cuidados com a saúde e o ambiente também se expressam na especificidade do trabalho educativo na faixa etária da educação infantil, em creches, pré-escolas e demais espaços de desenvolvimento infantil. Pretende-se, nesta linha, articular pesquisas voltadas para a inserção de tecnologias sociais, educativas, de informação e comunicação, com vistas não só ao domínio técnico, mas também à apropriação de diferentes ferramentas que oportunizem a aplicação e uso nas áreas de conhecimento de modo interdisciplinar.

Linha 2- Ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Descrição: Nesta linha o PROFENSINO faz pesquisa e desenvolvimento tecnológico sobre o processo de ensino e aprendizagem dos diferentes conteúdos da Educação Básica e suas tecnologias, nas dimensões da técnica e da prática, considerando as especificidades dos saberes e práticas articuladas na escola, especificamente nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Nesta etapa, as crianças de 1º ao 5º ano estruturam seus processos de alfabetização e de letramentos, articulando o desenvolvimento de sua criatividade e as potencialidades de aprendizagem em Ciências da Natureza, Matemática, Linguagem e códigos e Ciências Humanas e a ampliação de seu conhecimento de mundo e sistêmicos. As pesquisas focalizam as condições de desenvolvimento e de aprendizagem desta criança que inicia o processo de formalização de conhecimentos e saberes concomitante ao aprendizado sobre si, particularmente relacionado à transição para a adolescência. As investigações visam também o universo do ensino nessa fase para o público jovem e adulto. Pretende-se, nesta linha, articular pesquisas voltadas para a inserção de tecnologias sociais, educativas, de informação e comunicação, com vistas não só ao domínio técnico, mas também à apropriação de diferentes ferramentas que oportunizem a aplicação e uso nas áreas de conhecimento de modo interdisciplinar.

Linha 3- Ensino e aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental

Descrição: Nesta linha, o PROFENSINO faz pesquisa e desenvolvimento tecnológico sobre o processo de ensino e aprendizagem dos diferentes conteúdos e suas tecnologias, nas dimensões da técnica e da prática, no campo das Ciências da Natureza, Matemática, Linguagem e códigos, e Ciências humanas, propostos para o processo que transcorre do 6º ao 9º ano de escolarização. Considera as especificidades dos saberes e práticas mobilizadas pela escola para a adolescência, do 6º ao 9º ano, quando no ensino regular, e jovens e adultos, quando atendido o público da EJA. As pesquisas focalizam as condições de desenvolvimento e na aprendizagem desse grupo de sujeitos, seus interesses e questionamentos, e o processo de amadurecimento para o ensino médio e a educação profissional. O desafio transversal da construção dos valores éticos, da inclusão social, dos cuidados com a saúde e com ambiente, que se expressam na especificidade do trabalho educativo na faixa de escolaridade do segundo segmento do ensino fundamental. Pretende-se, nesta linha, articular pesquisas voltadas para a inserção de tecnologias sociais, educativas, de informação e comunicação, com vistas não só ao domínio técnico, mas também à apropriação de diferentes ferramentas que oportunizem a aplicação e uso nas áreas de conhecimento de modo interdisciplinar.

Linha 4- Ensino e aprendizagem no Ensino Médio

Descrição: Nesta linha, o PROFENSINO faz pesquisa e desenvolvimento tecnológico sobre o processo de ensino e aprendizagem dos diferentes conteúdos e suas tecnologias, nas dimensões da técnica e da prática, no campo das Ciências da Natureza, Matemática, Linguagem e códigos, e Ciências humanas, com foco especial nas estratégias transversais e interdisciplinares que possibilitarão uma formação integral e significativa para o jovem ou o adulto que cursa o Ensino Médio. As pesquisas buscam estratégias de retenção desse jovem na escola, de mobilização de seus interesses e confiança no processo educativo como algo essencial tanto para o sucesso de sua vida pessoal e familiar como para a sua adequada inserção social no âmbito das necessidades coletivas e oportunidades de desenvolvimento do país, que se apresentam na profissionalização em nível médio e na ascensão ao nível superior. O desafio transversal da construção dos valores éticos, da Educação de Jovens e Adultos, da inclusão social e dos cuidados com a saúde e o ambiente também se expressam na especificidade do trabalho educativo na faixa etária do ensino médio. As investigações visam também o universo dos processos de ensino e aprendizagem nessa fase para o público adulto que retoma os estudos, resgatando o direito à escolarização completa na Educação Básica. Pretende-se, nesta linha, articular pesquisas voltadas para a inserção de tecnologias sociais,

educativas, de informação e comunicação, com vistas não só ao domínio técnico, mas também à apropriação de diferentes ferramentas que oportunizem a aplicação e uso nas áreas de conhecimento de modo interdisciplinar.

CARACTERIZAÇÃO DO CURSO (Tela 5)

OBJETIVO DO CURSO/PERFIL DO PROFISSIONAL A SER FORMADO

O PROFENSINO visa à qualificação de professores para o exercício da docência, preferencialmente da rede pública de ensino, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na Educação Básica no país, em seus subníveis e modalidades - educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos, inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais- com os seguintes objetivos gerais:

a) proporcionar e promover a formação continuada de professores, num processo de mobilização da sensibilidade, criatividade e autoconfiança, fundamentado na reflexão e na transformação da própria prática docente, de modo a contribuir de forma significativa para a melhoria referenciada da qualidade na Educação Básica;

b) formar profissionais da educação capazes de promover inovação na escola, ao mesmo tempo em que, de forma crítica e responsável, refletir acerca de questões relevantes sobre diferentes aplicações e das ciências presentes na sociedade contemporânea e diferentes trabalhos com elas.

Tal qualificação visa a diversos objetivos específicos tais como:

a) aumentar a qualidade do ensino na Educação Básica, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência dos alunos no que se refere às habilidades em ciências da natureza, humanas, matemática, linguagens e códigos.

b) contribuir para o declínio das atuais taxas de evasão durante a Educação Básica;

c) promover a alfabetização e o letramento científicos, culturais e digitais exigidos no mundo globalizado com a presença da internet, com o desenvolvimento de múltiplas competências comunicativas dos professores em ambiente on-line e off-line;

d) desenvolver pedagogias que efetivem a proficiência em ciências naturais, humanas e matemática compatível aos quinze anos cursados durante a educação básica, da educação infantil ao ensino médio, com ênfase nos nove anos do ensino fundamental, desenvolvendo os meios para trabalhar ferramentas apropriadas ao ensino das diferentes ciências, em suportes digitais e não digitais;

e) fornecer e desenvolver compartilhadamente instrumental para que os mestrandos/cursistas possam conduzir o processo de avaliação crítica da realidade em suas múltiplas facetas;

f) instrumentalizar os mestrandos/professores da educação básica de maneira que eles passem a bem conduzir classes heterogêneas, seja do ponto de vista de níveis de competências dos alunos nas diversas ciências e matemática, seja no que tange aos quadros de desenvolvimento atípicos que os alunos apresentem;

g) instrumentalizar os docentes a elaborar material didático inovador que lance mão, quando conveniente e relevante, de recursos tecnológicos modernos à disposição.

Perfil do profissional a ser formado (egresso): um profissional da Educação Básica que expresse:

- Autonomia para trabalhar em sua área específica de ensino, articulando sua prática de modo analítico e reflexivo às teorizações a respeito de aprendizagem, ensino, cultura escolar, inclusão na escola e tecnologias, analisando e avaliando individual e coletivamente sua prática didático-pedagógica.
- Formação teórica e prática em Ensino na Educação Básica de modo a propiciar a qualidade na sua atuação docente disciplinar e na realização de projetos educativos em diferentes espaços socioculturais;
- Sólida formação sobre os princípios políticos e éticos pertinentes à profissão docente e compromisso com a promoção e fortalecimento da cidadania;
- Domínio de tecnologias de comunicação e informação;
- Capacidade de comunicação com pares e com instituições de ensino e de pesquisa;
- Capacidade e segurança para produzir conhecimento, projeto profissional e bens culturais (incluindo propostas pedagógicas e materiais de apoio à educação).
- Capacidade de gerir suas demandas de formação, manter-se atualizado em questões educativas, da sua área de conhecimento e da produção científica e cultural; e
- Reconhecimento e respeito às diferenças na escola e espaços socioculturais.

Créditos Disciplinas: 18

Créditos Tese/Dissertação: 4

Outros Créditos: 14

Vagas por seleção: 800

Equivalência hora/crédito: 15 horas

DESCRIÇÃO SINTÉTICA DO ESQUEMA DE OFERTA DE CURSO

Disciplinas: A Matriz Curricular foi estruturada com 540 horas de atividades, sendo 270 em disciplinas e 270 em atividades relativas à formação em estágio de pesquisa de campo (na escola) e geração do produto final dos mestrados. As disciplinas serão ofertadas de modo presencial/semipresencial nos polos, e complementarmente, à distância, pelos polos que puderem desenvolver tais procedimentos. A Comissão Acadêmica Nacional é a responsável pelas 2 disciplinas obrigatórias, que totalizam 150 horas, comuns para todos os alunos em todos os polos, e lá oferecidas de modo presencial e/ou a distância, a saber: (1) Cotidiano Escolar e Interdisciplinaridade – 90 HORAS e (2) Pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: métodos, tendências e inovações – 60 HORAS. Serão oferecidas com todos os recursos que propiciem sua adoção em todos os polos e caracterizarão o perfil geral e comum do PROFENSINO, que se diversifica com as diferentes linhas de pesquisa e projetos desenvolvidos pelos discentes com seus orientadores. As demais 120 horas se completam com disciplinas eletivas (de 15 a 60 horas), oferecidas presencialmente nos polos de acordo com as competências e necessidades locais e com as linhas de pesquisa ali desenvolvidas.

O repertório de disciplinas eletivas estará acessível a todos os polos, seja por ofertas a distância, seja por mecanismos de intercâmbio e cooperação com mobilidade presencial. De modo geral, os polos oferecerão um número maior de disciplinas eletivas do que o mínimo requerido para completar o percurso formativo dos alunos. Haverá a possibilidade de cursar algumas disciplinas à distância, na medida em que vídeo-aulas e outros materiais forem disponibilizados pelo corpo docente dos diferentes polos. As disciplinas eletivas por polo e os projetos desenvolvidos em cada polo, alinhados à matriz comum dos projetos, imprimirão “em campo” a especificidade e o componente tutorial e formativo do PROFENSINO.

As 270 horas de atividades relativas à formação em serviço/geração do produto final dos mestrandos serão constituídas conforme as definições locais. Incluem (1) os Seminários de dissertação I, II e III, com 30 horas cada, atividade do grupo de pesquisa ou do coletivo de docentes do polo local na qual os mestrandos discutam artigos e resultados relativos às pesquisas ali desenvolvidas, e já inseridas na rotina do cursista deste o primeiro semestre do curso; (2) o Estágio supervisionado em atividade de Pesquisa/Dissertação I e II, com 60 horas cada, que se refere ao trabalho de campo na escola com presença, ao menos parcial, do orientador no contexto prático do desenvolvimento da dissertação do mestrando, assegurando uma orientação e supervisão em campo, tal como previsto e explicitado no documento de Área do Ensino para os Mestrados Profissionais (exigência praticada por todos os MPs da Área); e a (3) Dissertação III, quando o professor conclui a redação da dissertação, nela encartando seu produto desenvolvido, ou o material ou link que dá acesso a este produto.

Todas as atividades discentes serão computadas como créditos para integralizar o curso, mesmo que ultrapassem o mínimo necessário.

Percurso do Programa: total = 540 horas

1º Semestre – 180h

- Disciplina obrigatória 1 -90h/a: Cotidiano Escolar e Interdisciplinaridade
- Disciplina(s) Eletiva(s) do polo - 60h/a
- Seminários e Orientação de Dissertação I -30h/a

2º Semestre – 180h

- Disciplina obrigatória 2 : Pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: métodos, tendências e inovações - 60 HORAS
- Disciplina(s) Eletiva(s) do polo - 30h/a
- Seminários e Orientação de Dissertação II (30h/a)
- Estágio Supervisionado em Projeto Integrado de Pesquisa I /Dissertação (60h)

3º Semestre- 120h

- Disciplina(s) Eletiva(s) geral ou do polo -30h/a
- Seminários e Orientação de Dissertação III (30h/a)
- Estágio Supervisionado em Projeto Integrado de Pesquisa II /Dissertação II (60h)

4º Semestre – 60h

- Dissertação III (60h/a)

Título a ser outorgado: Mestre em Ensino, emitido pela IFEE responsável pelo polo.

PROJETOS DE PESQUISA (Tela 09)

Cada Linha de Pesquisa comporta quatro Projetos, com caráter agregador de Macroprojetos. Todos foram incluídos com a citação de Fomento: Capes, Mec, Secretarias de Educação, Faps, CNPq

16 PROJETOS:

1) Linguagem e códigos e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos na Educação Infantil

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo em ciências da natureza ,especificamente na Educação Infantil, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências naturais (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); propostas para uso em ambientes educacionais: metodologias ativas, aprendizagem significativa, aprendizagem baseada em problemas; uso de atividades experimentais, sequencias didáticas investigativas e Abordagem CTSA (Ciência Tecnologia, Sociedade e Ambiente); formação de professores de ciências da Natureza e de matemática (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); Utilização da historia e filosofia das ciências naturais e da matemática em sala de aula; diálogos de ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TICs no ensino); relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; compreender processos de ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza, em seus múltiplos aspectos e contextos, usando diferentes materiais, métodos e tecnologias; avaliar e produzir recursos didáticos, consideradas as necessidades dos alunos.

2) Ciências da natureza e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos na Educação Infantil

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo em ciências da natureza, especificamente na Educação Infantil, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências naturais (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); propostas para uso em ambientes educacionais: metodologias ativas, aprendizagem significativa, aprendizagem baseada em problemas; uso de atividades experimentais, sequencias didáticas investigativas e Abordagem CTSA (Ciência Tecnologia, Sociedade e Ambiente); formação de professores de ciências da Natureza e de matemática (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); Utilização da historia e filosofia das ciências naturais e da matemática em sala de aula; diálogos de ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TICs no ensino); relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; compreender processos de ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza, em seus múltiplos aspectos e contextos, usando diferentes materiais,

métodos e tecnologias; avaliar e produzir recursos didáticos, consideradas as necessidades dos alunos.

3) Matemática e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos na Educação Infantil

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos que trabalham as principais questões de ensino e aprendizagem da Matemática, no que tange à ampliação do conhecimento matemático do professor, à medida que ele participa da elaboração e experimentação de propostas de ensino inovadoras. Focaliza especificamente a Educação Infantil, e busca abordagens interdisciplinares, transversais e inclusivas. Tem por objetivo a pesquisa e o desenvolvimento de estratégias inovadoras de ensino capazes de propiciar uma efetiva melhoria na qualidade de ensino de Matemática na educação básica, e o desenvolvimento de metodologias e tecnologias de informação para o aprendizado da matemática visando auxiliar na compreensão de definições, conceitos e aplicações da matemática.

4) Ciências humanas e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos na Educação Infantil

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam aspectos diversos e relevantes ao ensino contemporâneo em ciências humanas, especificamente na Educação Infantil, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências humanas (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); formação de professores de ciências humanas (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); história e filosofia das ciências humanas em sala de aula; diálogos de humanidades, ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TIC no ensino); estratégias para ensino de conteúdos sobre história, geografia, filosofia, ciências sociais e suas inter-relações em abordagens inter e transdisciplinares; relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; análises qualitativas sobre representações e práticas sociais apoiadas no referencial teórico das ciências sociais e humanas.

5) Linguagem e códigos e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo de linguagens e códigos, especificamente nos anos iniciais do Ensino Médio, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: entendimento dos processos de leitura escrita de textos e imagens, linguagem musical e cênica, bem como ao movimento corporal, nas interações sociais nas quais elas se constituem, particularmente no contexto educacional, buscando formas alternativas de trabalhar aulas de diversos conteúdos; ensino e aprendizagem de linguagens diversas; Estudo das linguagens usadas no contexto escolar; Didática e Inclusão no ensino de linguagens; Formação de professores em linguagens, códigos e suas tecnologias; tecnologias da informação no ensino de linguagens (recursos didáticos e midiáticos, TICs); produção e

recepção discursiva de materiais educativos e de divulgação, na mídia e nas práticas escolares; relações escola-sociedade: linguagem em espaços não formais.

6) Ciências da natureza e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo em ciências da natureza, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências naturais (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); propostas para uso em ambientes educacionais: metodologias ativas, aprendizagem significativa, aprendizagem baseada em problemas; uso de atividades experimentais, sequências didáticas investigativas e Abordagem CTSA (Ciência Tecnologia, Sociedade e Ambiente); formação de professores de ciências da Natureza e de matemática (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); Utilização da história e filosofia das ciências naturais e da matemática em sala de aula; diálogos de ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TICs no ensino); relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; compreender processos de ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza, em seus múltiplos aspectos e contextos, usando diferentes materiais, métodos e tecnologias; avaliar e produzir recursos didáticos, consideradas as necessidades dos alunos;

7) Matemática e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos que trabalham as principais questões de ensino e aprendizagem da Matemática, no que tange à ampliação do conhecimento matemático do professor, à medida que ele participa da elaboração e experimentação de propostas de ensino inovadoras. Focaliza especificamente os anos iniciais do Ensino Fundamental, e busca abordagens interdisciplinares, transversais e inclusivas. Tem por objetivo a pesquisa e o desenvolvimento de estratégias inovadoras de ensino capazes de propiciar uma efetiva melhoria na qualidade de ensino de Matemática na educação básica, e o desenvolvimento de metodologias e tecnologias de informação para o aprendizado da matemática visando auxiliar na compreensão de definições, conceitos e aplicações da matemática.

8) Ciências humanas e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam aspectos diversos e relevantes ao ensino contemporâneo em ciências humanas, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências humanas (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); formação de professores de ciências humanas (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); história e filosofia das ciências humanas em sala de aula; diálogos de humanidades, ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TICs no ensino); estratégias para ensino de conteúdos sobre história, geografia, filosofia, ciências sociais e suas

inter-relações em abordagens inter e transdisciplinares; relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; análises qualitativas sobre representações e práticas sociais apoiadas no referencial teórico das ciências sociais e humanas.

9) Linguagem e códigos e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos finais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo de linguagens e códigos, especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: entendimento dos processos de leitura escrita de textos e imagens, linguagem musical e cênica, bem como ao movimento corporal, nas interações sociais nas quais elas se constituem, particularmente no contexto educacional, buscando formas alternativas de trabalhar aulas de diversos conteúdos; ensino e aprendizagem de linguagens diversas; Estudo das linguagens usadas no contexto escolar; Didática e Inclusão no ensino de linguagens; Formação de professores em linguagens, códigos e suas tecnologias; tecnologias da informação no ensino de linguagens (recursos didáticos e midiáticos, TIC); produção e recepção discursiva de materiais educativos e de divulgação, na mídia e nas práticas escolares; relações escola-sociedade: linguagem em espaços não formais.

10) Ciências da natureza e suas tecnologias : estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos finais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo em ciências da natureza, especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências naturais (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); propostas para uso em ambientes educacionais: metodologias ativas, aprendizagem significativa, aprendizagem baseada em problemas; uso de atividades experimentais, sequências didáticas investigativas e Abordagem CTSA (Ciência Tecnologia, Sociedade e Ambiente); formação de professores de ciências da Natureza e de matemática (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); Utilização da história e filosofia das ciências naturais e da matemática em sala de aula; diálogos de ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TICs no ensino); relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; compreender processos de ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza, em seus múltiplos aspectos e contextos, usando diferentes materiais, métodos e tecnologias; avaliar e produzir recursos didáticos, consideradas as necessidades dos alunos;

11) Matemática e suas tecnologias: : estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos finais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos que trabalham as principais questões de ensino e aprendizagem da Matemática, no que tange à ampliação do conhecimento matemático do professor, à medida que ele participa da elaboração e experimentação de propostas de ensino inovadoras. Focaliza especificamente os anos finais do Ensino Fundamental, e busca abordagens interdisciplinares, transversais e inclusivas. Tem por objetivo a pesquisa e o desenvolvimento de estratégias inovadoras de ensino capazes de propiciar uma efetiva melhoria na qualidade de ensino de Matemática na educação básica, e o

desenvolvimento de metodologias e tecnologias de informação para o aprendizado da matemática visando auxiliar na compreensão de definições, conceitos e aplicações da matemática.

12) Ciências humanas e suas tecnologias: : estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos nos anos finais do Ensino Fundamental

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam aspectos diversos e relevantes ao ensino contemporâneo em ciências humanas, especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências humanas (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); formação de professores de ciências humanas (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); história e filosofia das ciências humanas em sala de aula; diálogos de humanidades, ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TIC no ensino); estratégias para ensino de conteúdos sobre história, geografia, filosofia, ciências sociais e suas inter-relações em abordagens inter e transdisciplinares; relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; análises qualitativas sobre representações e práticas sociais apoiadas no referencial teórico das ciências sociais e humanas.

13) Linguagem e códigos e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos no Ensino Médio

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo de linguagens e códigos, especificamente no Ensino Médio, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: entendimento dos processos de leitura escrita de textos e imagens, linguagem musical e cênica, bem como ao movimento corporal, nas interações sociais nas quais elas se constituem, particularmente no contexto educacional, buscando formas alternativas de trabalhar aulas de diversos conteúdos; ensino e aprendizagem de linguagens diversas; Estudo das linguagens usadas no contexto escolar; Didática e Inclusão no ensino de linguagens; Formação de professores em linguagens, códigos e suas tecnologias; tecnologias da informação no ensino de linguagens (recursos didáticos e midiáticos, TIC); produção e recepção discursiva de materiais educativos e de divulgação, na mídia e nas práticas escolares; relações escola-sociedade: linguagem em espaços não formais.

14) Ciências da natureza e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos no Ensino Médio

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam diversos aspectos relevantes ao ensino contemporâneo em ciências da natureza, especificamente no Ensino Médio, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências naturais (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); propostas para uso em ambientes educacionais: metodologias ativas, aprendizagem significativa, aprendizagem baseada em problemas; uso de atividades experimentais, sequências didáticas investigativas e Abordagem CTSA (Ciência Tecnologia, Sociedade e Ambiente); formação de professores de ciências da

Natureza e de matemática (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); Utilização da história e filosofia das ciências naturais e da matemática em sala de aula; diálogos de ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TIC no ensino); relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; compreender processos de ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza, em seus múltiplos aspectos e contextos, usando diferentes materiais, métodos e tecnologias; avaliar e produzir recursos didáticos, consideradas as necessidades dos alunos.

15) Matemática e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos no Ensino Médio

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos que trabalham as principais questões de ensino e aprendizagem da Matemática, no que tange à ampliação do conhecimento matemático do professor, à medida que ele participa da elaboração e experimentação de propostas de ensino inovadoras. Focaliza especificamente no Ensino Médio, e busca abordagens interdisciplinares, transversais e inclusivas. Tem por objetivo a pesquisa e o desenvolvimento de estratégias inovadoras de ensino capazes de propiciar uma efetiva melhoria na qualidade de ensino de Matemática na educação básica, e o desenvolvimento de metodologias e tecnologias de informação para o aprendizado da matemática visando auxiliar na compreensão de definições, conceitos e aplicações da matemática.

16) Ciências humanas e suas tecnologias: estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos no Ensino Médio

Descrição: Este é o macroprojeto do PROFENSINO que agrega todos os projetos individuais dos docentes e discentes que abordam aspectos diversos e relevantes ao ensino contemporâneo em ciências humanas, especificamente no Ensino Médio, e prioritariamente em estudos interdisciplinares, transversais e inclusivos. Alguns de seus principais objetos de investigação são: ensino e aprendizagem de ciências humanas (processos de construção do conhecimento na escola, desenvolvimento curricular, didática, e inclusão); formação de professores de ciências humanas (elementos e metodologias de ensino, epistemologia da prática pedagógica); história e filosofia das ciências humanas em sala de aula; diálogos de humanidades, ciência e arte em sala de aula; linguagens educacionais e tecnologias da informação no ensino (recursos didáticos e midiáticos, TIC no ensino); estratégias para ensino de conteúdos sobre história, geografia, filosofia, ciências sociais e suas inter-relações em abordagens inter e transdisciplinares; relações escola-sociedade: ensino em espaços não formais; análises qualitativas sobre representações e práticas sociais apoiadas no referencial teórico das ciências sociais e humanas.

INFRAESTRUTURA (Tela 12)

Infraestrutura administrativa exclusiva para o programa?

Salas para docentes? sim

Número de salas: 38 (o número de polos)

Salas para alunos, equipadas com computadores? SIM

Número de salas: 38 (o número de polos)

Laboratórios para pesquisa: sim

Biblioteca ligada à rede mundial de computadores? SIM

Em caso afirmativo, informe o número de computadores na biblioteca – 300

Caracterização do acervo da biblioteca :

O acervo das bibliotecas está descrito em detalhes no Documento Anexo

FINANCIAMENTOS (Tela 12)

Todos os polos têm docentes com experiências de captação de recursos, conforme descrito no Documento Anexo.

ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO

Na atual conjuntura de contenção orçamentária, condições para sustentabilidade e expansão do PROFENSINO são essenciais. A proposta prevê a oferta de bolsas da CAPES, como os demais MP de Ensino em rede Nacional, desenhados segundo as disciplinas do Ensino Médio. Mas considera-se essencial que seja complementada com recursos estaduais e municipais pela articulação com o Sistema Nacional de Educação. Trabalha-se com a expectativa de que os Planos Estaduais e Municipais de Educação, que acabam de ser aprovados como desdobramento do PNE, possam receber emendas ou regulamentações que prevejam esse investimento, com base nas recomendações do documento final da CONAE que diz (grifos nossos):

2.14. (...)Garantir a formação continuada de docentes, através da criação de programas de acesso gratuito aos cursos de pós-graduação, inclusive mestrado e doutorado, para professores que atuam na educação básica pública municipal e estadual nas diversas áreas do conhecimento. (p. 72)

O Brasil tem uma grande dívida com os profissionais da educação, particularmente no que se refere à sua valorização. Para reverter a situação, as políticas de valorização não podem dissociar formação, salários justos, carreira e desenvolvimento profissional, que devem integrar um subsistema nacional de formação e valorização profissional, por meio de Lei Complementar ao PNE (...) direito ao aperfeiçoamento profissional contínuo por meio de programas de formação continuada de curta e longa duração, incluindo cursos *lato* e *stricto sensu*. (...) Para tanto, faz-se necessário maior empenho dos governos, sistemas e gestores públicos no pagamento do piso salarial profissional nacional (PSPN) e na implementação de planos de carreira, cargo e remuneração que valorizem efetivamente os profissionais da educação básica e superior. Os planos devem estimular o ingresso por meio de concurso público à carreira docente, mediante regime estatutário, com regime próprio previdenciário, a formação inicial em nível de graduação para os que se encontram em exercício e, no entanto, ainda não possuem habilitação superior e a formação continuada, inclusive em nível de pós-graduação - elementos essenciais ao pleno exercício da docência e condição para o desenvolvimento e compromisso com a garantia de educação de qualidade social para todos. Deve-se estimular a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na educação superior (p 87)

PROPOSIÇÕES E ESTRATÉGIAS (p. 92)

1. Profissionais da educação: formação inicial e continuada

1.1. Ampliar e garantir a oferta de bolsas de estudo para pós-graduação dos professores e das professoras e demais profissionais da educação básica

1.7. Consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior.

1.8. Garantir a formulação e a efetividade de políticas públicas que ampliem a mobilidade docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista a qualificação da formação de nível superior.

1.12. Definir e implementar uma política de formação inicial e continuada dos profissionais da educação nos estados, DF e municípios pautada pelos princípios e diretrizes nacionais. (p 93)

1.20. Formar em nível de pós-graduação 50% dos/as professores/as da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos os profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos respectivos sistemas de ensino. (p 94)

A ideia, portanto, é buscar ativamente apoio nos níveis Federal, Estaduais e Municipais. A Comissão pretende preparar uma minuta de PL para que as Câmaras Municipais e Estaduais aprove o investimento na meta 16. Também pretende fazer mediações com as FAPS e outras instâncias que possam ajudar na captação de recursos.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (Tela 13)

1- COMISSÃO ACADÊMICA NACIONAL PRO-TEMPORE

O PROFENSINO foi consolidado pela comissão organizadora (listada no Documento Anexo 05) que operou na condição de Comissão Acadêmica Nacional Pró-Tempore, e que continuará nesta configuração até a aprovação final do APCN. Do mesmo modo, em cada polo há um Coordenador local Pró-Tempore, e regionalmente também foram indicadas lideranças para dar sequência ao trabalho.

2- PLANO DE IMPLANTAÇÃO

Fase 1- durante a tramitação na CAPES: diálogo com o SNE/MEC para busca ativa de fomento (bolsas e custeio); 1º Seminário Nacional – alinhamento de disciplinas eletivas e planejamento de materiais educativos a preparar; preparação da 1ª onda de expansão de polos (já aderentes, mas que não conseguiram completar o processo até 14 de julho)

Fase 2 – 1º semestre após a aprovação: 2º Seminário Nacional: compartilhamento de práticas inovadora e interdisciplinares e preparação do 1º edital

Fase 3- 1º edital de chamada publica – 800 vagas.

3- PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE CONVERGÊNCIAS NO PROFENSINO

O PROFENSINO optou por buscar unidade em seus projetos de pesquisa, que foram unificados em apenas 16, aos quais os docentes dos diversos polos aderiram, conforme relatado na Tela 11 e no Documento 05 Anexo. Por outro lado, optou-se por fazer uma chamada ampla de oferta de disciplinas, para que o potencial e a experiência nos polos fosse revelada. Os avaliadores poderão verificar a existência de diversas disciplinas com conteúdos (ementas) relativamente similares. A comissão organizadora fez muito poucas fusões (só 31 propostas não foram inseridas), bem como muito pouca revisão de textos nas ementas. Está programado o 1º seminário Nacional do PROFENSINO para o 1º semestre após sua aprovação, e, entre

outros pontos, um trabalho de aglutinação e convergência de disciplinas afins está previsto. Também está previsto um trabalho de preparação compartilhada de materiais educativos, a partir da identificação dos temas mais relevantes para a sala de aula na Educação Básica. Será interessante debater, por exemplo a proposta preparada pelo polo da UEPA, que aprofunda mais os tópicos de conteúdos do que os tópicos de metodologias de pesquisa e de docência. Assim, por exemplo, esses colegas defendem que, “a primeira vista, pode parecer que há muitas disciplinas de cada bloco disciplinar, tais como Ensino de Língua Portuguesa mas na realidade é devido a tentativa de uniformizar a estrutura do projeto de Linguagem e assim os colegas de ensino de Língua Portuguesa optaram por estas disciplinas; independente da linha de pesquisa em que o mestrando se insira, se estiver ligado ao projeto de Linguagens, fará somente 02 disciplinas de Ensino de Língua Portuguesa e uma de Tópicos. Por isso, neste caso, as disciplinas ficam distribuídas da seguinte maneira: (1) Ensino de Língua Portuguesa I para Anos Iniciais e projeto de Linguagem; (2) Ensino de Língua Portuguesa II para os Anos e projeto de Linguagem; (3) Ensino de Língua Portuguesa III para os Anos Finais e projeto de Linguagem; (4) Ensino de Língua Portuguesa IV para os Anos Finais e projeto de Linguagem; (5) Ensino de Língua Portuguesa V para o Ensino Médio e projeto de Linguagem (neste nível há a oferta de Ensino de Literatura o que completa as duas disciplinas de ensino).” Deste modo, apesar do perfil de disciplinas do polo UEPA estar muito diferente dos demais polos, resolve-se transformar isso numa oportunidade de debate na rede, inserindo este ponto de pauta no 1º seminário nacional do programa, antes de seu início.

Além destas, com a finalidade de construir convergências, o Seminário também debaterá outras diferenças em concepções relativas, por exemplo, a: (a) abrangência da ementa (algumas mais longamente descritivas e outras extremamente sintéticas); (b) volume de referências bibliográficas (algumas relativamente escassas e outras relativamente extensas demais); (c) conceitos de “ementa”, “plano de trabalho”, “conteúdo programático”, “programa”; entre outros.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: OBSERVAÇÕES (Tela 13)

ALGUMAS LIMITAÇÕES

1) **GESTÃO DA COMPLEXIDADE – ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO:** A concepção do programa é de grande complexidade. O número de participantes é grande, e não há ainda acúmulo de trabalho em parceria/rede entre os polos, que podem ter filosofia e comportamentos profissionais heterogêneos. Nesse sentido, a Comissão Acadêmica Nacional prevê a necessidade de estar atenta de forma permanente, e de criar indicadores para acompanhamento e avaliação do PROFENSINO. Isso é importante para que na segunda edição, com um número maior de participantes, ele possa ser aperfeiçoado. Tal magnitude e complexidade certamente demandarão a identificação de possíveis erros ou distorções para serem corrigidos em futuras edições. Também se prevê interação com as coordenações dos demais PROFs, para encontrar as melhores práticas e soluções para eventuais problemas. Finalmente, o tema “Acompanhamento e avaliação do curso, nos polos e na totalidade”, também será objeto de debate no 1º Seminário Nacional, no sentido de delinear as estratégias, orientações e planejamento sobre esses temas, que não foram ainda consolidados e por isso não foram apresentados no corpo da proposta.

2) **A NECESSIDADE DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL:** É na Educação Infantil, onde tudo começa, e onde se delineiam sucessos e fracassos. É fundamental que no centro da aprendizagem até os seis anos estejam "as brincadeiras". Os temas deverão ser tratados no contexto e na realidade das crianças (seu cotidiano), guiados pelo lema: "aprender se divertindo" e/ou "gostar de aprender", preparando e trabalhando com elas valores e virtudes.

Nesse sentido, e como é justamente nessa Linha de Pesquisa que o PROFENSINO tem sua menor densidade de doutores e polos, atenção especial deve ser dada pela Comissão Acadêmica Nacional para as vagas ofertadas nessa linha, e para a expansão de polos e docentes que trabalhem essa linha. Identificar nas teses e dissertações da área as experiências de trabalho nesse segmento, para dinamizá-los e divulgá-los, será especialmente relevante. Também, contatos e parcerias com outros movimentos com foco na Educação infantil (por exemplo, o Movimento “Pedagogia das Virtudes”) serão também úteis.

3) DIFICULDADES PARA AÇÕES EFETIVAS INTERDISCIPLINARES: A opção da abordagem interdisciplinar, expressa desde o título do Programa até os detalhes de seus projetos e a constituição de seu corpo docente, não é isenta de dificuldades. Apesar da relevância, a interdisciplinaridade consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais do CNE como uma “possibilidade metodológica”, aberta, a critério das escolas (CAPÍTULO I, Art. 13, § 3º, III - escolha da abordagem didático-pedagógica disciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar pela escola). As grades escolares são disciplinares, assim como os livros didáticos, e muitas vezes essa abordagem é praticada desvinculado da realidade escolar. Nesse sentido, também assume grande importância a ação de prospectar na produção acadêmica e técnica da Área de Ensino as experiências interdisciplinares de sucesso, identificar e disseminar as reflexões teóricas já sistematizadas sobre este tema, e promover investigação na própria rede sobre as abordagens já desenvolvidas. Identificar a motivação dos professores para o trato do tema, buscar sua conceituação teórica de embasamento, e identificar exemplos práticos da operacionalização do tema. Será interessante estudar as ementas substanciais das disciplinas que trazem interdisciplinaridade no título, nos itens e sugestões bibliográficas, e seus possíveis desdobramentos por fases do ensino (nas várias disciplinas/áreas desse ensino, já que não é possível dispensá-las e fazer apenas uma grande disciplina inter ou transdisciplinar). Outro ponto a desenvolver deve ser a o cuidado para que a interdisciplinaridade conste mais especificamente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por onde será mais factível sua inclusão no currículo.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (Tela 13): CRÍTICAS E SUGESTÕES

1- SOLICITA-SE LEITURA DO DOCUMENTO ANEXO

O documento Anexo a esta proposta é de leitura ESSENCIAL, com uma síntese qualitativa que não se obtém facilmente a partir apenas dos dados inseridos na plataforma Sucupira. Como ela foi idealizada para cursos locais, e como a experiência de associação em redes para oferta de vagas e pós-graduação ainda é relativamente pequena no país, a inserção de dados no volume do PROFENSINO, e a sua articulação, fica prejudicada. Os avaliadores poderão encontrar algumas inconsistências entre os dados inseridos na plataforma e os relatos no Documento Anexo, e deverão considerar como mais corretas as informações do documento.

2- SOBRE A PRODUÇÃO INTELECTUAL

A produção intelectual dos docentes foi inserida sem que fosse possível emitir relatório consolidado para conferência (ver ponto de críticas e sugestões). Pelo grande número de docentes não foi possível a revisão e eventual correção de falhas, seja por lacunas, seja por duplicações na produção. Do mesmo modo, a associação de docentes a disciplinas levava muito tempo, que, somado à instabilidade do sistema, impediu que para algumas disciplinas que implicavam vários docentes, alguns não tenham sido associados. Mas o catálogo de

Disciplinas anexo ao Regimento detalha também as duplas, trios e equipes maiores atuantes em disciplinas eletivas ou obrigatórias.

3- A EXPERIÊNCIA COM A PLATAFORMA:

A experiência de inserção de uma proposta da dimensão e complexidade do PROFENSINO na plataforma Sucupira revelou seus pontos fortes e frágeis. Como ponto forte da plataforma pode-se elencar: a) a integração dos dados em âmbito nacional; b) a facilidade de operação simultânea da plataforma por diversas pessoas; c) a possibilidade de importação de dados do CV Lattes; d) a possibilidade de inserção gradual dos dados no sistema, que são salvos a medida que o processo evolui.

No entanto, como pontos frágeis, a serem corrigidos na medida do possível, evidenciaram-se:

a) a impossibilidade de alocação de senha para cada operador , que impede que as alterações feitas na plataforma possam ser identificadas;

b) a não importação dos dados quantitativos totais de produção do CV Lattes (Tela 11), que precisam ser inseridas manualmente, inclusive a experiência de orientação;

c) a falta de diálogo entre os dados da plataforma e o Qualis CAPES, que impedem a avaliação ponderada da produtividade;

d) a impossibilidade de gerar relatórios parciais por tela. No caso do PROFENSINO, a partir do momento em que se começou a importar os dados de produção dos docentes a plataforma travou e não permitiu a geração de relatório, dificultando demasiadamente a conferência dos dados. Para que isso fosse feito, foi necessário o artifício de copiar da tela as listagens inseridas, e colar numa planilha Excel externa. Caso cada tela gerasse uma planilha Excel independente, seria mais fácil a conferência e correção de dados.

PARTE III

DESCRIÇÃO DOS POLOS, POR REGIÃO

Polos: a dimensão Nacional do PROFENSINO

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste dossiê é facilitar a apresentação dos polos regionais do PROFENSINO, numa dimensão mais ampla do que a possível num espaço com limitação de caracteres. Assim, listaremos as características de cada polo, inseridas por Região Geográfica do país.

- A) Região Sudeste, onde se localiza a sede - UERJ
- B) Região Norte e Centro Oeste (efeito REAMEC)
- C) Região Nordeste
- D) Região Sul



Página

POLOS DA REGIÃO SUDESTE – ESTADO DO RIO DE JANEIRO

- Polo 01 Rio de Janeiro 1- UERJ/CAP – Inst. de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
- Polo 02 Rio de Janeiro 2- IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro.....
- Polo 03 Niterói 1- UFF - Universidade Federal Fluminense - Inclusão e Diversidade.....
- Polo 04 Niterói 2- UFF - Universidade Federal Fluminense -Química.....
- Polo 05 Seropédica - UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.....

03

POLOS DA REGIÃO SUDESTE – ESTADO DE MINAS GERAES

- Polo 06 Juiz de Fora - UFJF/CAP - Universidade Federal de Juiz de Fora.....
- Polo 07 Uberlândia - UFU/CAP ESEBA - Escola de Ed. Básica da Universidade Federal de Uberlândia.....

POLOS DA REGIÃO SUDESTE – ESTADO DE SÃO PAULO

- Polo Santo André - UFABC- Universidade Federal do ABC (Santo André/SP) ..
- Polo Campinas - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (Campinas/SP).....
- Polo Guaratinguetá – UNESP – Univ. Estadual Paulista (SP) – com Bauru e Rio Claro.....

1) Polo Rio de Janeiro 1 - UERJ/CAP

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Unidade acadêmica responsável: Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
Coordenação local: **ANDREA DA SILVA MARQUES RIBEIRO**
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3577656696505060>
Email: andrea.marques@gmail.com

Número de docentes: **33**

Biblioteca/acervo: Títulos de livros: 26.211; Exemplares de livros: 309.400; Títulos de periódicos: 4.279; fascículos de periódicos: 197.933; Títulos de teses e projetos: 14.648; Livros eletrônicos: 25.181; Títulos de outros materiais (CD-ROM, disquetes, DVD, fitas de vídeo, mapas, normas e patentes, pré-print, folhetos): 6.434.

PPG local na Área de Ensino: SIM - Ensino em Educação Básica (MP)

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em		DOCENTE	Doutor em
1	Andrea da Paixão Fernandes	2012	19	Lincoln Tavares Silva	2012
2	Andrea da Silva Marques Ribeiro	2010	20	Lúcio Paulo Crivano Machado	2009
3	Andrea Espinola de Siqueira	2010	21	Magui Aparecida Vallim da Silva	2010
4	Anna Carolina da Matta Machado	2010	22	Marcelo Moreira Antunes	2013
5	Carolina Tavares Schumann	2009	23	Marcio Luiz Braga Correa de Mello	2013
6	Christiane de Faria Pereira Arcuri	2014	24	Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto	1997
7	Cláudia Hernandez Barreiros Sonco	2006	25	Maria Cristina Ferreira dos Santos	2013
8	Elizabeth Fernandes De Macedo	1997	26	Maria Da Conceição de Carvalho Rosa	2011
9	Esequiel Rodrigues Oliveira	2006	27	Maria Teresa Tedesco	2002
10	Fabio Merçon	1998	28	Patrícia Souza Lima	2006
11	Gianne Maria Montedônio Chagastelles	2015	29	Rejane Cristina de Araújo Rodrigues	2007
12	Helena Maria Marques Araújo	2012	30	Rosa Cuba Riche	1996
13	Hilton Meliande de Oliveira	2013	31	Rosane Moreira Silva de Meirelles	2003
14	Johannes Andreas Valentin	2009	32	Sonia Melo de Jesus Ruiz	2009
15	Jonê Carla Baião	2006	33	Suellem Barbosa Cordeiro	2014
16	José Roberto Rodrigues	2011			
17	Leonardo Freire Marino	2010			
18	Leonardo Padilha	2010			

Infraestrutura local:

O conjunto de **laboratórios de atividades de ensino** compreende as áreas de: a) ciências naturais – biologia(1), física(1) e química(1) para o ensino fundamental II; b) disciplinas do núcleo comum do ensino fundamental I – Salas *Revoluti*(2); c) desenho e linguagem visual(1); salas de aula (6).

Descrição das unidades de ensino da sede:

- a) Ciências naturais – o Laboratório de Ciências Naturais foi reformado e ampliado com fomento do MCT/FINEP/FNDCT. Possui uma área total de 250m², composta de três unidades de 50m² cada destinadas aos laboratórios de área (Física, Química e Biologia); um miniauditório de 50m² equipado com 40 assentos e um projetor multimídia; banheiros e recepção.
- b) Salas *Revoluti* (modelo de Sala de Aula do Futuro desenvolvida pela Habto Design e pela FEBF) - servirão de plataforma estudos de novos modelos de Educação e de Comunicação. Parte do pressuposto que em curto espaço de tempo todas as salas de aula serão completamente informatizadas e que há uma deficiência de pesquisas a respeito das alterações e das interações que passarão a fazer parte desse novo cotidiano. As salas *Revoluti* têm 40m² de área e são compostas de 20 mesas duplamente articuladas para proporcionar diferentes *layouts* de sala, rompendo com a organização do espaço tradicional em forma de fileiras de auditório e propondo a atividade de ensinar e aprender de forma descentralizada, participativa e interativa, viabilizando produções colaborativas. Cada mesa comporta ainda um computador com acesso às redes intranet e internet. O projeto de instalação das salas foi contemplado com fomento FAPERJ.
- c) Desenho e linguagem visual - equipado com 22 computadores; projetor multimídia e quadro digital distribuídos em dois ambientes – um com 40m² destinado atividades de ensino e testagem de materiais didáticos.
- d) Salas de aulas – as salas de aula convencionais instaladas em 40m² de área são compostas de 24 mesas com cadeiras; projetor multimídia e computador.

O conjunto de **laboratórios de pesquisa no ensino** compreende as áreas de; a) Geografia; b) Matemática; c) linguagem verbal, linguagem visual e comunicação; d) Laboratório de Formação em diálogo.

Descrição das unidades de pesquisa do CAp/UERJ:

- (i) Geografia – o Laboratório de Ensino de Geografia abriga o Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica, GPEG e ocupa uma área de 20m². Está equipado com 5 computadores, mesas e cadeiras, e foi montado para investigar e desenvolver estratégias metodológicas que possam colaborar com as práticas cotidianas de Educação Geográfica.
- (ii) Matemática – Laboratório de ensino de matemática, LEMAT, ocupa uma área de 20m² e desenvolve pesquisa em Educação Matemática.
- (iii) Desenho – o Laboratório de Ensino de Desenho, Linguagem visual e comunicação, abriga o Grupo Linguagem e Educação: Ensino e Ciência, LEDEN e ocupa uma área 60m². Está equipado com laboratório de informática com 22 computadores distribuídos em dois ambientes – um com 40m² destinado atividades de ensino e teste de materiais didáticos e outro de 20m² destinado à pesquisa das linhas Comunicação, Linguagem Visual e Verbal; e Linguagem visual, Interdisciplinaridade e Ensino. O laboratório de informática foi ampliado com recursos do MEC/FNDE.

- (iv) Formação em diálogo – o Laboratório abriga o Grupo de Pesquisas Formação em Diálogo: narrativas de professoras, currículos e culturas (GPFORMADI). Instalado em sala com 30m² de área, foi equipado com fomentos FAPERJ.

O **Núcleo de Pesquisa, Extensão e Editoração, NEPE**, instalado numa sala de 40 m², reúne toda atividade de pesquisa, ensino e extensão e conta com seis coordenações: Coordenação de Extensão e Formação Continuada (CEFOC), Coordenação de Projetos de Graduação (COPG), Coordenação de Projetos Tecnológicos e Didáticos (CTEDI), Coordenação de Memória Institucional (COM), Coordenação de Acervo Bibliográfico (CAB), Coordenação de Iniciação Científica e Monitoria Junior (CICIM). O **auditório** tem capacidade para 120 pessoas e está equipado com projetores multimídia, computador e sistema de som.

Além disso, temos as áreas reservadas às aprendizagens das linguagens artísticas com salas ambiente de Música, Artes Plásticas, Fotografia, Design e Artes Cênicas. Todas possuem em média 40 m².

Para o desenvolvimento das atividades técnico-administrativas o Programa dispõe do Núcleo Administrativo constituído de quatro espaços: a) secretaria com 30m² de área, 3 mesas com cadeiras, 1 arquivo e 3 computadores, onde atuarão três servidores técnico-administrativos com formação em nível superior; b) salas da Coordenação do Programa com 18m², 2 mesas com cadeiras e 1 computador; c) Sala de reunião do colegiado, com 30 m², 20 assentos e projetor multimídia; d) mecanografia para suporte às reproduções administrativas e acadêmicas (duas máquinas com alta capacidade de reprodução).

O Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração (NEPE) é responsável pelo acompanhamento e divulgação das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas no CAP-UERJ. Dessa forma, empreende esforços para a constituição de projetos integrados que contemplem, em todas as suas fases ou em parte delas, ações conjuntas e inter-relacionadas nos campos de ensino/pesquisa/extensão, pesquisa/extensão, pesquisa/ensino ou ensino/extensão; promover a articulação entre as pesquisas de caráter interno, visando à implantação de renovadas metodologias e práticas técnico-educativas na Educação Básica e Superior; estimular e subsidiar a produção e a edição de material didático e acadêmico, inclusive de projetos interdisciplinares, visando à implantação de novas tecnologias; divulgar, incentivar e promover a realização de eventos científicos no CAP-UERJ, em parceria ou não com outras instituições educativas; realizar e divulgar eventos e publicações de publicação Institucional de divulgação Artístico, Científico e Cultural; organizar Seminários Internos e Externos para a divulgação, avaliação, acompanhamento e troca de experiências sobre os projetos realizados no CAP-UERJ; incentivar o Intercâmbio de Projetos de Pesquisa e Trabalhos Científicos, tanto com as demais Unidades Acadêmicas da UERJ, como com outras instituições.

As ações de extensão se consolidam, inclusive por meio de parcerias, através de projetos em diferentes escalas territoriais. Alcançamos o entorno próximo através do projeto CAP-Social: articulações e redes no Rio Comprido, no qual temos como parceiros entidades do Projeto Apostando no Futuro e as comunidades do entorno. Em outra dimensão temos o InterCap com a colaboração de diferentes prefeituras do Estado tem possibilitado a formação continuada de professores em diferentes níveis, atuando a cada dois anos consecutivos em municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvendo metodologias e colaborando com a reestruturação contextualizada dos projetos pedagógicos de escolas e sistemas de ensino. Também se destacam ações de ensino-pesquisa-extensão dos projetos Ah!

Banda (música) e do Rio Jovem (fotografia) que inserem estudantes da educação básica e superior em atividades que são reconhecidas em espaços culturais de grande projeção na Cidade do Rio de Janeiro. Estas ações atuam no campo da formação artística e cultural, congregando estudantes de diversos anos e escolaridade, fornecendo ferramentas para o desenvolvimento da ousadia e da criatividade em atuações individuais e coletivas. Como espaço de troca, aproximação e fortalecimento dos laços acadêmicos entre os diferentes Departamentos, Coordenações e Núcleos, desde 2002 o NEPE do Instituto realiza anualmente seu Simpósio Interno, denominado Educação e Sociedade Contemporânea, através do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Editoração de Unidade, que registra as ações em CD-ROM, publicizando-as. Ainda nas ações extensionistas, desenvolvemos uma série de cursos para a atualização profissional de professores, como Práticas Alfabetizadoras, O cotidiano nos anos iniciais do ensino fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Matemática numa abordagem cultural, entre outros. Destacamos os cursos de aperfeiçoamento: Como lidar com a diferença na escola e A imagem na sala de aula. O CAP-UERJ também sedia e organiza vários eventos como o I Simpósio Inter-regional (SE-S) e Regional (SE) de Institutos, Colégios, Escolas de Aplicação do Brasil (SICEA) realizado em 2012. Coerente com suas atribuições, coube ao NEPE a criação da primeira revista do Instituto, a e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do CAP-UERJ. Finalmente, os grupos de pesquisa ativos no CAP têm sido contemplados com recursos da FAPERJ (APQ1, APQ3, APQ5).

2) Polo Rio de Janeiro 2 - IFRJ

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Unidade acadêmica responsável: - **Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Rio de Janeiro**

Coordenação local: **MARCUS VINICIUS DA SILVA PEREIRA**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7374980263691850>

Email: marcus.pereira@ifrj.edu.br

Número de docentes: **16**

Biblioteca/acervo: Títulos de livros: 26.211; Periódicos: consulta via web; área física: 195 m²;

Outros: Espaço Ciência InterAtiva (ECI- campus Mesquita)

PPG local na Área de Ensino: SIM- Ensino de Ciências (MP e MA)

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Alessandra Ciambarella Paulon	2007
2	Alexandre Lopes de Oliveira	2003
3	Alexandre Maia do Bomfim	2006
4	Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira	2004
5	Eline Deccache Maia	2009
6	Fátima Kzam Damaceno de Lacerda	2012
7	Giselle Rôças de Souza Fonseca	2004
8	Grazielle Rodrigues Pereira	2014
9	Livia Baptista Nicolini	2013
10	Marcus Vinicius da Silva Pereira	2013
11	Maria Cristina do Amaral Moreira	2013
12	Marta Ferreira Abdala Mendes	2006
13	Maylta Brandão dos Anjos	2003
14	Pâmella Santos dos Passos	2013
15	Roseantony Rodrigues Bouhid	2015
16	Tânia Goldbach	2006

Dados institucionais:

O IFRJ é uma autarquia Federal multicampi, fundada em 1945, que hoje tem 11 campi, 12 Programas de Pós-Graduação e diversos cursos de graduação em áreas afim com o PROFENSINO, tais como, desde 2007: Licenciaturas em Física, Matemática e Química, Bacharelado em Ciências Biológicas (desde 2009), e Bacharelado em Química com Atribuições Tecnológicas (desde 2011).

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, o IFRJ estará disponibilizando 4 salas para docentes, 2 salas equipadas com computadores para alunos, 3 Laboratórios para pesquisa e 3 Laboratórios com equipamentos multiusuários, além de Biblioteca com 17 computadores no Campus de funcionamento do polo.

Descrição dos recursos laboratoriais disponíveis:

- LABTEC: o Laboratório de Pesquisa em Tecnologia, Educação e Cultura no Campus Rio de Janeiro (Maracanã) conta com 5 estações de trabalho para docentes e/ou discentes, sendo um iMac para trabalho com edição de áudio, imagem e vídeo, além de equipamentos de captação desses recursos, e 2 notebooks.
- NEDIC: o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Divulgação de Ciências no Campus Rio de Janeiro (Maracanã) conta com duas mesas redondas para 5 pessoas cada, que são utilizadas para estudo e/ou reuniões por docentes e/ou discentes, além de 4 estações de trabalho com computadores fixos, além de 3 notebooks. Possui grande acervo de recursos didáticos como livros, jogos, CD-Roms etc., muitos desses desenvolvidos no âmbito do curso de Especialização em Ensino de Ciências existente há 10 anos nesse Campus do IFRJ.
- NUCA: o Núcleo de Criação Audiovisual no Campus Nilópolis conta com duas ilhas de edição não-linear com máquinas da Apple rodando o software de edição FinalCut Pro.

A biblioteca conta com recurso institucional de custeio do próprio Campus para aumento do acervo, além de projetos encaminhados especificamente por pesquisadores para compra de títulos de suas respectivas áreas. Em particular na área de ensino de ciências, há financiamento de projetos junto à FAPERJ nos quais há compra de livros para biblioteca. A biblioteca possui climatização, oferece atendimento de 2ª a 6ª feira nos três turnos, possui rede wireless e acesso a outras bases de dados licenciadas ou compradas.

O Polo IFRJ do Mestrado Profissional Nacional em Ensino e suas Tecnologias (Mestrado em Rede) será constituído a partir da parceria entre os campi Rio de Janeiro (Maracanã), Nilópolis e Mesquita, sendo o primeiro a sede do polo.

O Campus Rio de Janeiro, atualmente, oferece o curso de Especialização em Ensino de Ciências, criado em 2005 (o qual deixará de existir para dar lugar ao Mestrado em Rede em Ensino), e o curso de Bacharelado em Ciências Biológicas.

O Campus Nilópolis oferece os cursos de Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências, além das Licenciaturas nas áreas de Física, Química e Matemática e o Bacharelado em Química.

O Campus Mesquita sedia um centro de ciências, o Espaço Ciência InterAtiva (ECI), que tem como foco a divulgação científica, além de oferecer o curso de Especialização em Educação e Divulgação Científica.

Em termos regionais, visa-se a atender uma mesorregião da Região Metropolitana do Rio de Janeiro que é composta pelos municípios de Belford Roxo, Cachoeiras de Macacu, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Rio Bonito, Rio de Janeiro, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A Escola Técnica Federal de Química (ETFQ) foi fundada na primeira década de 1940 por meio do Decreto-Lei nº 4.127, ofertando, até o final da década de 1990, cursos técnicos de nível médio da área de Química, Biotecnologia e Controle Ambiental, dentre outros. A educação profissional em nível médio começou a ser repensada e discutida a partir desse período, culminando, em 1999, na elaboração do Parecer 16 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que converteu a ETFQ em Centro Federal de Educação Tecnológica de Química (CEFETEQ). No decorrer dos anos subsequentes, observou-se que os CEFETs possuíam vocação e alcance mais amplos do que aqueles circunscritos ao ensino médio técnico. Dentre vários fatores, devemos ressaltar que a estrutura de avaliação, criação e aprovação de cursos frente às demandas das comunidades era mais dinâmica, permitindo assim responder em tempo menor às necessidades das regiões. Dessa forma, cursos de graduação e pós-graduação passam a fazer parte do currículo dos CEFETs. Nessa trajetória, no CEFETEQ, grupos de pesquisa foram criados e cadastrados no CNPq, sendo estimulada a busca por financiamentos em órgãos de fomento, a criação de programas internos de bolsa de iniciação científica (PIBIC e PIBITI), fomento institucional de taxa de bancada para pesquisadores (PROCIÊNCIA), criação de diversos cursos de graduação e pós-graduação. Em 2004, após nova avaliação governamental, os CEFETs passam a ser considerados Instituições de Ensino Superior (IES) – ingressando de forma mais ativa no cenário de pesquisa e pós-graduação do país –, quando, então, em 2005, se iniciou o curso de pós-graduação lato sensu em Ensino de Ciências na Unidade Maracanã (atualmente Campus Rio de Janeiro do IFRJ), um dos primeiros a ser ofertados na instituição. Em 2009, o CEFETEQ tornou-se Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) por meio da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008 e da Portaria nº 04 de 6 de janeiro de 2009, instituição que tem como um dos objetivos, em sua lei de criação, ofertar cursos de formação de professores, inicial e continuada, de acordo com o Art. 7º.

O IFRJ possui, atualmente, campi em funcionamento nos municípios do Rio de Janeiro, Nilópolis, Duque de Caxias, São Gonçalo, Paracambi e Mesquita (em ordem de criação), e, no plano de expansão, em Niterói e São João de Meriti. Sendo assim, a escolha da sede do polo do IFRJ para o Mestrado Profissional Nacional em Ensino e suas Tecnologias considerou a menor distância entre os municípios, ou seja, o campus mais central dentre os demais – o Campus Rio de Janeiro (Maracanã). Soma-se a isso, a expertise dos campi Rio de Janeiro, Nilópolis e Mesquita com a oferta de cursos de graduação e pós-graduação na área de ensino das ciências da natureza e matemática e afins.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

- IFRJ e UFRJ: O desenvolvimento de metodologias, para a gestão da inovação, transferidas da COPPE para o IFRJ por meio do Projeto IDEA.
- IFRJ e INPI: promover oficinas de disseminação da cultura inovadora, além de prospecção de projetos de pesquisa com potencial de inovação.
- IFRJ e EMBRAPA: promover o fortalecimento de programas de pós-graduação (Mestrado e/ou Doutorado) ministrados pelo IFRJ, bem como de programas de pesquisas da Embrapa, mediante a utilização de recursos humanos e materiais disponíveis, na área de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, condizente com as próprias atividades-fim da sua Unidade Embrapa Agroindústria de Alimentos, em perfeito proveito da Pesquisa Agropecuária, contribuindo para o incremento de tais atividades.

- IFRJ e IDOR: o convênio tem por objetivo o intercâmbio entre discentes, docentes e técnico-administrativos para desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão.
- IFRJ e VALE MAIS: o convênio visa estabelecer parcerias que possibilitem e fomentem o intercâmbio e o desenvolvimento tecnológico de forma cooperativa e compartilhada por meio de pesquisas e investigações tecnológicas aplicadas e cursos.
- IFRJ e SENAI-RJ: o convênio tem como objetivo estabelecer ampla cooperação entre as partes para o desenvolvimento de inovações e o fortalecimento dos projetos do Programa de Mestrado Profissional em Ciência e Tecnologia de alimentos do IFRJ.
- IFRJ e NORTEC Química: convênio no âmbito do Edital 17/2014 do CNPq onde o IFRJ e a NORTEC química se comprometem a fomentar o intercâmbio e o desenvolvimento tecnológico de forma cooperativa e compartilhada por meio de pesquisas e investigações tecnológicas na área de farmoquímica.
- IFRJ e FIOCRUZ: viabilizar o desenvolvimento de pesquisa básica utilizando a infraestrutura da FIOCRUZ na pesquisa e análise de rotas metabólicas por pesquisadores do IFRJ.

3) Polo Niterói 1 - UFF - IBB– Universidade Federal Fluminense

Unidade acadêmica responsável: **UFF - Instituto de Biologia e Botânica**

Coordenação local: **LUCIANE FRAGEL MADEIRA**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2409980059036490>

Email: lfragel@id.uff.br

Número de docentes: **12**

Biblioteca/acervo: Títulos de livros: 8728; Periódicos: 25.791 cobrindo as áreas de Biologia, Física, Química e Matemática; e entre teses, monografias e dissertações, 445 volumes. Área Física: 893m²

Outros: Escola de Inclusão

PPG local na Área de Ensino: SIM- Diversidade e Inclusão (MP)

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Ana Regina e Souza Campello (Surda)	2008
2	Carolina Nascimento Spiegel	2005
3	Claudia Mara Lara Melo Coutinho	1996
4	Claudia Marcia Borges Barreto	2011
5	Cristina Maria Carvalho Delou	2001
6	Edicléa Mascarenhas Fernandes	2000
7	Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira	2003
8	Helena Carla Castro Cardoso De Almeida	2000
9	Lucianne Fragel Madeira	2004
10	Sonia Regina Alves Nogueira de Sá	1990
11	Tania Cremonini de Araújo-Jorge	1987
12	Valéria da Silva Trajano	2008

Dados institucionais:

A UFF é uma autarquia Federal multicampi, fundada em 1960, que hoje tem 3 campi e mais 11 unidades isoladas, sendo 07 no interior. Tem 54 Programas de Pós-Graduação e 13 Mestrados Profissionais, 125 cursos de graduação presenciais e 4 à distância. Diversos cursos de graduação são em áreas afim com o PROFENSINO, desde 1971, especialmente as diversas Licenciaturas oferecidas.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, o Instituto de Biologia da UFF estará disponibilizando 1 sala para docentes, 1 sala equipada com computadores para alunos, com a possibilidade de parceria com o CEAD para a montagem de um Laboratório exclusivo com 30 computadores, 10

Laboratórios para pesquisa e 3 Laboratórios com equipamentos multiusuários (Escola de Inclusão), Biblioteca com 09 computadores.

Descrição dos recursos laboratoriais disponíveis:

O Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) que se propõe a alocar o POLO-CMPDI-UFF para a realização do Mestrado Profissional em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica em Rede Nacional (PROFENSINO), curso semipresencial com oferta nacional, no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que outorga o título de Mestre em Ensino, coordenado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e integrado por Instituições de Ensino Superior, denominadas Instituições Associadas, está ciente e se responsabiliza pela certificação dos alunos selecionados neste POLO. O Instituto de Biologia é dotado de condições laboratoriais adequadas e conta com a toda a instrumentação para pesquisa em Diversidade e Inclusão, à distância, uma vez que o próprio Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão já conta em seu quadro docente com especialistas nos estudos e na oferta de disciplinas sobre e na modalidade EAD. Hoje, somos um quadro inicial de professores constituído por membros do Instituto de Biologia, da Faculdade de Educação e do Instituto de Química, além dos convidados da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ), membros do, CMPDI. Os Laboratórios (n=10) dos pesquisadores que se apresentam neste projeto contam com salas de uso comum aos membros do Curso, incluindo laboratórios de instrumentação, ensaios e simulações computacionais e humanas, e os alunos terão totais condições para a execução de seus projetos em caso de produção de materiais didáticos acessíveis, simulações, modelagem, dada a estrutura material existente: computador (1) conectado a impressora Braille (1); máquina fusora Zi-fuse (1); Thermoform (1); conjunto reglete/punção (50); impressoras (03); insumos para produção de matrizes para produção de livros, apostilas e materiais em alto relevo (variados); máquina fotográfica/filmadora/tripé (1,1/1); datashow (03); Lego Mainstorm (05); máquina de corte de moldes em EVA (1); leitora ótica (2); equipamento de videoconferência (1). Além da biblioteca geral, existem também diversas outras bibliotecas de conteúdo geral e específico no campus da Universidade que poderão ser acessados pelos alunos do curso, como por exemplo, a Biblioteca de Ciências Humanas, que envolve a área de Educação.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

No plano institucional, a criação do Programa de Mestrado Profissional Nacional de Ensino em Rede está em plena aderência com as metas do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal Fluminense (UFF) que são: (1) ampliar e fortalecer os cursos de pós-graduação da Universidade; (2) integrar as atividades de graduação e pós-graduação; (3) ampliar a integração da Universidade com a rede pública de Educação Básica; (4) intensificar e aprimorar a produção de pesquisa e (5) intensificar o desenvolvimento de programas e projetos integrados aos interesses sociais vias atividades de extensão.

No plano regional, a criação do Mestrado Profissional Nacional em Ensino em Rede é muito bem-vindo uma vez que sua proposta inclusiva prevê a possibilidade de que todos os professores do nosso Estado tenham acesso a pesquisa voltada para alunos com necessidades especiais. Os dados numéricos da UFF (Relatório 2006-2014) mostram que nossa universidade, com sede no município de Niterói, conta 16 municípios do interior que oferecem juntos 126 cursos de graduação presenciais e a distância, 111 programas de pós-graduação stricto sensu,

sendo 14 mestrados profissionais, 161 cursos de pós-graduação lato sensu e realiza em média 500 ações cadastradas extensão por ano. Destaca-se nesse contexto que é urgente a formação de professores para a Educação Inclusiva, uma vez que segundo o Resumo Técnico relativo ao Censo Escolar da Educação Básica – 2012 informa que o número de matrículas de alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação vem aumentando nas classes comuns das escolas das redes públicas de ensino. Em 2007, eram 306.136 matrículas, aumentando para 620.777 em 2012. Isso significa professores despreparados para atender a essa população que representa apenas 1,23%, de uma expectativa de 5.054.505 alunos efetivamente matriculados nas redes públicas de ensino.

Assim sendo, consideramos a necessária ampliação do número de mestres preparados para atuação na educação inclusiva, reconhecendo que um curso em Rede permitirá que mais professores possam se qualificar profissionalmente.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

A UFF é uma IES com efetiva experiência em cooperação e intercâmbio oficiais o que se comprova pelas ações de sua Diretoria de Relações Internacionais, cujo objetivo é o de “estimular e facilitar o processo de internacionalização da universidade provendo suporte administrativo às atividades de intercâmbio e cooperação internacional.” As ações são desenvolvidas por meios de convênios com instituições da Alemanha (15), de Angola(2), da Argentina(16), da Áustria (4), de Barbados(1), de Bélgica(2), da Bolívia (1), do Canadá(8), da China (4), da Colômbia (17), da Coreia do Sul (2), da Costa Rica (1), da Dinamarca(1), do Equador(1), da Espanha (21), dos Estados Unidos (6), da Finlândia (1), da França(36), da Holanda (2), de Honduras (1), da Índia(1), da Irlanda(1), da Itália (21), do Japão(1), da Malásia(1), do México (8), de Moçambique(3), da Noruega (1), do Paraguai(1), do Peru(4), da Polônia (1), de Portugal(29), do Reino Unido(6), da República Dominicana (1), da República Theca (1), da Rússia (8), de São Tomé e Príncipe(1), da Suécia(3), da Suíça(1), da Turquia(1), da Ucrânia(3) e do Uruguai(3). Além disso, a UFF oferece assessoria para acesso a núcleos de estudos e habilitação do idioma Português para estrangeiros; para vinculação de alunos estrangeiros de instituições conveniadas; assistência social aos alunos estrangeiros residentes na UFF, alunos da UFF interessados em estudar em universidades estrangeiras; missões de trabalho de professores e dirigentes de instituições conveniadas; articulação com instituições universitárias e organizações internacionais e estabelecimento de acordos de cooperação internacional.

O Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão – CMPDI, do Instituto de Biologia da UFF, base para a nossa participação no PROFENSINO, possui colaboração internacional estabelecida com a Universidade do Minho, Portugal, através da colaboração de professor co-orientador. No momento estamos começando diálogos para estabelecer parceria com universidade americana que desenvolve projetos em STEM (Science-Technology-Engenharem- Match).

4) Polo Niterói 2 - UFF - IQ

Universidade Federal Fluminense

Unidade acadêmica responsável: **UFF - Instituto de Química**

Coordenação local: **FLORENCE M CORDEIRO DE FARIAS**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0084501437929831>

Email: florence.farias@globo.com

Número de docentes: **06**

Biblioteca/acervo: Títulos de livros: 8728; Periódicos: 25.791 cobrindo as áreas de Biologia, Física, Química e Matemática; e entre teses, monografias e dissertações, 445 volumes. Área Física: 893m²

PPG local na Área de Ensino: SIM- Ensino de Ciências da Natureza (MP)

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Carlos Magno Rocha Ribeiro	1992
2	Eluzir Pedrazzi Chacon	2007
3	Florence M Cordeiro de Farias	2006
4	Luiza Rodrigues de Oliveira	2003
5	Marcia Narcizo Borges	1998
6	Rose Mary Latini	1998

Dados institucionais:

A UFF é uma autarquia Federal multicampi, fundada em 1960, que hoje tem 3 campi e mais 11 unidades isoladas, sendo 07 no interior. Tem 54 Programas de Pós-Graduação e 13 Mestrados Profissionais, 125 cursos de graduação presenciais e 4 à distância. Diversos cursos de graduação são em áreas afins com o PROFENSINO, desde 1971, especialmente as diversas Licenciaturas oferecidas.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, o Instituto de Química da UFF estará disponibilizando 16 salas para docentes, 1 sala equipada com computadores para alunos, 2 Laboratórios para pesquisa, e a biblioteca com 09 computadores.

Descrição dos recursos laboratoriais disponíveis:

O Laboratório 106-A do Departamento de Físico-Química (GFQ), atualmente, utilizado para pesquisa nas áreas de Ensino de Química e Química Ambiental e, aulas experimentais das disciplinas, Metodologia e Instrumentação para o Ensino de Química I e II e Articulação de Conteúdos. O referido laboratório tem aproximadamente 36 (trinta e seis) metros quadrados, contendo, reagentes, bancada, gás, água, instalação e equipamento para produção de água destilada.

No prédio de laboratórios, anexo ao Instituto de Química, encontra-se também disponível para pesquisa em Ensino de Química parte do laboratório 106, de responsabilidade da professora Marcia Narcizo Borges. O espaço destinado a tal fim tem cerca de 30m², bancadas, pias, capelas, mobiliário, reagentes e equipamentos à disposição para experimentação como: balança, placas de agitação e aquecimento, etc.

No contexto institucional, a proposta de criação do Programa de Mestrado Profissional Nacional de Ensino em rede tem total aderência com as metas do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal Fluminense a saber: (1) ampliar e fortalecer os cursos de pós-graduação da Universidade; (2) integrar as atividades de graduação e pós-graduação; (3) ampliar a integração da Universidade com a rede pública de Educação Básica; (4) intensificar e aprimorar a produção de pesquisa e (5) intensificar o desenvolvimento de programas e projetos integrados aos interesses sociais vias atividades de extensão.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

No contexto regional vários fatores favorecem a criação do Mestrado Profissional Nacional em Ensino, embora a Universidade (UFF) tenha, no município de Niterói e 13 municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro, 94 cursos de graduação, 54 programas de pós-graduação stricto sensu e 13 mestrados profissionais, 161 cursos de pós-graduação lato sensu e 115 cursos de extensão. Eles são (a) necessidade de ampliação do número de mestres dedicados ao Ensino de Ciências no Estado do Rio de Janeiro e no país; (b) a pouca oferta regional de cursos de mestrado profissional em ensino de ciências; (c) o aumento da demanda espontânea e (d) a dificuldade, para não dizer impossibilidade, dos professores que trabalham nos diferentes níveis de ensino de acessarem os Programas de Mestrado Acadêmicos.

Ao afirmar que o Brasil e o Estado do Rio de Janeiro necessitam de mais mestres, pensados aqui no seu duplo sentido (função e título), gostaríamos de ressaltar dois pontos fundamentais: de um lado, apontar uma carência, de outro, ressaltar a importância dos educadores que já se encontram na práxis educativa, de buscar pela continuidade de suas formações. Embora a carência de professores de ciências já tenha sido diagnosticada no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil, estamos longe de um equacionamento e mais distantes ainda da completa solução para este problema. A título de exemplo, podemos considerar os indicadores e índices do PISA (Programme for International Student Assessment). Mesmo reconhecendo que não se pode imputar aos professores a causa deste drama, acreditamos que os investimentos na formação do professor sejam um diferencial importante para a melhoria do Ensino de Ciências e para romper com o analfabetismo científico. Nesta mesma direção, todos os estudos indicam que se o professor não demonstrar familiaridade com diversos conteúdos científicos, muitas vezes até de uma forma interdisciplinar, ele não conseguirá um ensino de ciências efetivo e de qualidade.

Observa-se nestes últimos anos um aumento da demanda espontânea para a realização de estudos em nível de pós-graduação stricto sensu. Vários fatores podem explicar este aumento de demanda, tais como: (a) a exigência de qualificação para melhoria de salários; (b) aumento da competitividade nos concursos para ingresso em todos os níveis de ensino; (c) pouca oferta de programas de mestrado em Ensino de Ciências; d) atualização profissional capaz de contribuir para superação das dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem de Ciências; além de e) realização pessoal e profissional.

Se todos estes fatores apontam para a responsabilidade da Universidade Pública de estar atenta para esta demanda específica e, assim, ampliar o seu quadro de programas de pós-graduação, existe uma dificuldade concreta dos professores que já estão inseridos no mercado de trabalho nos diferentes níveis de ensino, para acessarem os Programas de Mestrado Acadêmico. Esta lacuna pode ser suprida pelo Mestrado Profissional Nacional, que é voltado para professores em exercício, com o objetivo de ampliar a sua formação didático-pedagógica, em sua área específica de conhecimento. Nossa experiência mostra que os profissionais de ensino que procuravam o Programa de Pós-Graduação lato sensu em Ensino de Ciências (PGLSEC/UFF) e os que procuram o Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Natureza (PPECN/UFF) para capacitação e formação em ciências, estavam e estão em plena atividade e eram e são oriundos, principalmente, de Niterói e São Gonçalo, da cidade do Rio de Janeiro, mas também da Região dos Lagos, Região do Norte Fluminense e Região Serrana. A localização da UFF, sua abrangência acadêmica e atuação regional, é um diferencial que explica esta atração de professores oriundos de diversas regiões do Estado do Rio de Janeiro para a nossa Instituição. Alicerçados nesta conjuntura e contextualização institucional e regional, decidimos ampliar as possibilidades da pós-graduação de Ensino em Ciências, no sentido de oferecer não somente uma capacitação e formação em ciências, mas também, formar alguém que no mundo profissional externo à academia, saiba localizar, reconhecer e identificar e, sobretudo, utilizar a pesquisa de forma a agregar valor as suas atividades" (JANINE RIBEIRO R, 'O Mestrado profissional na Política Atual da CAPES'. RBPG, v.2, n.4, p. 8-15, jul. 2005). Assim, optamos pela constituição de um polo do Mestrado Profissional Nacional de Ensino em rede no Instituto de Química da Universidade Federal Fluminense.

Escola – Sociedade:

A demanda acentuada, pela necessidade de qualificação de professores de áreas da Ciência, da Educação Básica em nível de pós-graduação respaldada pelo Plano Nacional de Cursos de Pós-Graduação - PNPG 2005-2010, o qual propõe "o estímulo à criação de programas de mestrado voltados para a formação de professores em serviço, em articulação e cooperação com os sistemas de ensino";

A possibilidade, cada vez maior, de profissionais do ensino poderem participar de projetos desenvolvidos nas Universidades ou nas próprias escolas, em parcerias, sob demanda induzida de órgãos governamentais, como Secretarias e o próprio MEC. Muitos dos projetos do PPECN/UFF têm tido apoio financeiro de órgãos de fomento do Estado do Rio de Janeiro e do governo federal, como: FAPERJ, CAPES, CNPq.

Acreditamos que a criação do Mestrado Profissional Nacional em Ensino possa preencher várias lacunas institucionais e regionais, no que tange à melhoria do Ensino, em suas diferentes modalidades. Assim como o de realizar o desejo legítimo de muitos docentes que se veem impedidos de dar continuidade às suas respectivas formações, pela dificuldade de acesso a programas de qualidade, reconhecidos pela CAPES.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

O relato das experiências da Universidade Federal Fluminense com cooperação e intercâmbios oficializados pode ser traduzido no seguinte texto extraído do site da Diretoria de Relações Internacionais, <http://www.aai.uff.br/politica-de-cooperacao>:

Como filosofia de sua política de formação acadêmica, a UFF valoriza a inserção internacional de seus quadros docente e discente. Por intermédio de sua Assessoria Internacional, facilita o acesso às oportunidades de intercâmbio de seus alunos, em Instituições de Ensino e Pesquisa com as quais mantém acordos de cooperação. No desempenho da sua atividade de cooperação internacional, a UFF utiliza-se de convênios de cooperação, que objetivam formalizar o intercâmbio de alunos, professores e pessoal técnico-administrativo e/ou o desenvolvimento de outras atividades de natureza técnico-científica, respeitadas as leis e instruções normativas a que se submetem cada uma das instituições conveniadas. Os acordos e seus termos aditivos são instrumentos que viabilizam parcerias acadêmicas com instituições estrangeiras, podendo ser bilaterais ou multilaterais. Em respeito à legislação brasileira quanto aos tratados internacionais, a validade dos acordos é de cinco anos, podendo ser renovados quando do interesse das partes pactuantes.

Nesse sentido, a UFF mantém convênios com instituições da Alemanha (15), de Angola(2), da Argentina(16), da Áustria (4), de Barbados(1), de Bélgica(2), da Bolívia (1), do Canadá(8), da China (4), da Colômbia (17), da Coreia do Sul (2), da Costa Rica (1), da Dinamarca(1), do Equador(1), da Espanha (21), dos Estados Unidos (6), da Finlândia (1), da França(36), da Holanda (2), de Honduras (1), da Índia(1), da Irlanda(1), da Itália (21), do Japão(1), da Malásia(1), do México (8), de Moçambique(3), da Noruega (1), do Paraguai(1), do Peru(4), da Polônia (1), de Portugal(29), do Reino Unido(6), da República Dominicana (1), da República Theca (1), da Rússia (8), de São Tomé e Príncipe(1), da Suécia(3), da Suíça(1), da Turquia(1), da Ucrânia(3) e do Uruguai(3). Além disso, oferece assessoria para acesso a núcleos de estudos e habilitação do idioma Português para estrangeiros; para vinculação de alunos estrangeiros de instituições conveniadas; assistência social aos alunos estrangeiros residentes na UFF, alunos da UFF interessados em estudar em universidades estrangeiras; missões de trabalho de professores e dirigentes de instituições conveniadas; articulação com instituições universitárias e organizações internacionais e estabelecimento de acordos de cooperação internacional.

5) Polo Seropédica - UFRRJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Unidade acadêmica responsável: - **Departamento de Matemática – Instituto de Ciências Exatas – UFRRJ, campus Seropédica**

Coordenação local: **PEDRO CARLOS PEREIRA**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2097222516450760>

Email: pecape@ufrj.br

Número de docentes: **10**

Biblioteca/acervo: Títulos de livros: 2862, 186.989 volumes; variado acervo de títulos de livros, teses, vídeos e títulos de periódicos, além de livros e outros materiais em meio digital, que está disponível para verificação através do site <http://pergamum.ufrj.br/biblioteca/>.

Vários outros serviços podem ser verificados no site

<http://www.biblioteca.ufrj.br/index.html>. Área física: 2.470 m²

PPG local na Área de Ensino: SIM- Educação em Ciências e Matemática (MP)

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Carla Regina Gomes (1458478)	2015
2	Carlos Andres Reyna Vera-Tudela (2433643)	2003
3	Eulina Coutinho Silva do Nascimento (6387358)	2003
4	Marcelo Azevedo Neves (3289310)	2000
5	Orlando dos Santos Pereira (1529131)	2006
6	Paulo Jorge Magalhães Teixeira (3059928) (colaborador)	2012
7	Pedro Carlos Pereira	2010
8	Raimundo José Macário Costa (2117899)	2011
9	Robson Mariano da Silva (018248)	2009
10	Wallace Vallory Nunes (2521655)	2006

Dados institucionais:

A UFRRJ é uma autarquia Federal multicampi, fundada em 1913, que hoje funciona com 3 campi. Tem 31 Programas de Pós-Graduação e 55 cursos de Graduação presenciais e 4 à distância. Diversos cursos de graduação são em áreas afins com o PROFENSINO, em particular o curso de Licenciatura em Matemática, desde 1986, tema central da proposta do polo.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, o Departamento de Matemática da UFRRJ estará disponibilizando 2 salas para docentes, 02 salas equipadas com computadores para alunos, 1 Laboratório para pesquisa, 2 laboratórios com equipamentos multi-usuário e a biblioteca.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A SUA INSTITUIÇÃO

Ao se estabelecer um conjunto de parâmetros para a orientação do ensino de Matemática, pretende-se contemplar a necessidade da sua adequação para o desenvolvimento e promoção de alunos com diferentes motivações, interesses e capacidades, criando condições para a sua inserção num mundo em mudança e contribuindo para desenvolver as capacidades que deles serão exigidas em sua vida social e profissional.

Numa sociedade onde as necessidades sociais, culturais e profissionais ganham novos contornos, todas as áreas requerem alguma competência em Matemática e procedimentos que ajudem a estruturar o pensamento, fazer argumentações, organizar o raciocínio lógico-dedutivo, ferramentas indispensáveis à vida cotidiana em quase todas as atividades humanas.

Por essas razões, justifica-se o curso de Mestrado em Ensino, cuja proposta é contribuir de modo significativo para a melhoria da qualidade do ensinar e aprender matemática, por meio da discussão/reflexão/ação acerca de como ampliar o conhecimento específico e pedagógico do professor, gerando uma postura dentro e fora do contexto escolar pelo ato de produzir novos conhecimentos e aplicá-los à Educação Matemática junto aos alunos.

O curso objetiva oferecer aos professores o conhecimento de novas informações, instrumentos e técnicas necessárias ao ensino e à aprendizagem da matemática, afins com o perfil atual do alunado e com uma concepção inovadora do saber matemático.

Na estruturação do curso propõe-se em considerar a otimização do processo ensino e aprendizagem – diversos aspectos, tais como: estrutura curricular consistente, corpo docente qualificado, instalações adequadas, recursos didático-pedagógicos funcionais, uso de metodologias de ensino e aprendizagem que proporcionem aos discentes desenvolver processos de pensamento, formular raciocínio lógico, bem como adquirir habilidades e competências operacionais superiores. Desse modo, o curso ora proposto visa contribuir de maneira decisiva para a melhoria da docência em Matemática e para o alcance dos objetivos a que ela se propõe.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

A Instituição tem larga experiência em cooperação com outras Instituições do país e do exterior. Na Pós-graduação, temos um Programa de Pós-graduação em conjunto com a Universidade Nacional de Rio Cuarto (Argentina) sendo o primeiro doutorado binacional aprovado pela CAPES. O Programa de Pós-graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da UFRRJ foi uma iniciativa internacional, sendo a UFRRJ uma das 25 instituições que integram a Associação Global de Mestrados em Práticas em Desenvolvimento (Global MDP Association, <http://mdpglobal.org/>), sendo a única no Brasil e considerada importante hub para a América do Sul e países africanos de língua portuguesa. Os outros Programas de Pós-graduação da UFRRJ apresentam várias cooperações internacionais, destacando-se a cooperação com a França, Argentina e Cuba.

6) Polo Juiz de Fora - UFJF/CAP

Colégio de Aplicação João XXIII

Universidade Federal de Juiz de Fora

Unidade acadêmica responsável: **Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF**

Coordenação local: **JANAÍNA GARCIA SANCHES**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5730738392313123>

Email: janaina.sanches@ufjf.edu.br

Número de docentes: **09**

Biblioteca/acervo: variado acervo de títulos de livros, teses, vídeos e títulos de periódicos, além de livros e outros materiais em meio digital.

PPG local na Área de Ensino: **NÃO – POLO NOVO NA ÁREA DE ENSINO**

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Andréa Vassallo Fagundes	2011
2	Carolina dos Santos Bezerra Perez	2014
3	Cátia Pereira Duarte	2012
4	Gislaine Maria Rodrigues	2013
5	Janaina Garcia Sanches	2010
6	José Luiz Lacerda	2013
7	Lauriana Gonçalves de Paiva Guttierrez	2011
8	Simone da Silva\ Ribeiro	2012
9	Wilson Alviano	2012

Dados institucionais:

A UFJF é uma autarquia Federal, fundada em 1960. Tem 54 Programas de Pós-Graduação. Participará do PROFENSINO com a sua Unidade Acadêmica de Colégio de Aplicação. Diversos cursos de graduação são em áreas afins com o PROFENSINO, em particular as Licenciaturas

O Colégio de Aplicação da UFJF, por sua situação singular (elo entre o ensino superior e o básico), é um laboratório, pois cada sala de aula constitui-se num ambiente propício para a pesquisa e as práticas educacionais. Ao todo o CAP-UFJF recebe, por ano, cerca de 170 bolsistas de Treinamento Profissional, 400 estagiários e 35 bolsistas de Iniciação Científica. Esses dados revelam que o Colégio é um ambiente privilegiado para oferecer o Curso de Mestrado Profissional, pois aqui se concentram 20 projetos de pesquisas, 23 projetos de Extensão e 60 Projetos de Treinamento Profissional.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, o CAP-UFJF estará disponibilizando 11 salas para docentes, 02 salas equipadas com computadores para alunos, 1 Laboratório multiusuário para pesquisa e a biblioteca.

Recursos laboratoriais disponíveis:

- Dois laboratórios de informática: 42 computadores.
- Laboratório de Química equipado (02 agitadores magnéticos, 02 balanças eletrônica, 01 balança tríplice escala, 01 Banho-Maria, 01 capela para exaustão de gases, 01 centrífuga, 01 compressor e aspirador, 01 destilador de água, 01 estufa para secagem de material, 02 mantas aquecedoras, 01 pHmetro, 01 termo-higrômetro e 120 reagentes)
- Laboratório de Física equipados: 05 bancos ópticos, 01 compocolor de projeção, 01 conjunto de eletricidade, magnetismo e eletromagnetismo, 01 conjunto compacto de mecânica, 01 conjunto compacto de óptica, 02 conjunto compacto de termologia, 05 equipamentos pedagógicos (kits: calor, eletricidade, mecânica e óptica), 01 estroboscópio eletromecânico, 04 fontes de alimentação, 01 gerador eletrostático de correia, 01 haste com controlador de frequência, 01 painel eletrostático, 10 perfis universais com escala, 01 plano inclinado com carrinho e vaso comunicante.
- Laboratório de Biologia: 01 TV LCD 42", 01 Laptop ACER, 01 Microscópio com câmera de vídeo catura, 15 microscópios monocular, 02 microscópios binocular e acervo de animais com 150 amostras.
- Brinquedoteca: um palquinho, araras com brinquedos como bonecas, carrinhos e jogos, uma televisão, uma casinha de fantoches, prateleiras com fantoches e dedoches, dois armários contendo brinquedos pedagógicos, fantasias diversas, livros de literatura infantil, almofadas e jogos produzidos pelos professores.
- Espaços para Educação Física: 2 quadras poliesportivas com marcação para os esportes coletivos como futsal, voleibol, basquete, handebol, badmington. Material da quadra: 2 postes de voleibol, 8 tabelas de basquetes sendo 4 na altura oficial, 8 traves de gol, e uma cama elástica oficial(trampolim acrobático); Sala de tatame: um saco de soco, e 40 tatames de 1m x 1m e 0,05m de espessura. 2 bancos; Sala de dança: 4 placas de linóleo, um som, espelho em uma parede completa, uma barra de alongamento; Ginásio de Ginástica: 10 colchões tecsport 2mx1m e 0,08m de espessura, 2tumble-racks, sendo um montado e o outro apenas a armação de ferro, 3 mini tramp, 1 duplo mini tramp, uma cama elástica redonda, 36 tatames 1m x 1m x 0,05m espessura, 4 tecidos de circo, uma lira, um trapézio, uma parede de escalada com corda e mosquetão, dois plintos retangulares, 2 bancos suecos, uma barra de alongamento.
- Núcleo de Cinema e Animação - CeNA 23: computador com programas de edição de imagem, edição de vídeo e de gravação e edição de som; impressora; microfone; filmadora HD (handcam) com HD interno; tripé de alumínio para câmera fotográfica e vídeo; câmera fotográfica 14 MP; filmadora full HD (handcam) com cartão de memória; Aparelhos ópticos (taumatrópio, caleidoscópio, estroboscópio, fenacístoscópio, zootrópio).
- E ainda: Laboratório de Matemática, Sala de Rádio, três salas-ambiente para aulas de Artes Visuais.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO E PARA CONTEXTO REGIONAL

O Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, tem reconhecimento da sociedade com destaque em sua atuação no campo da Educação Básica, na qualidade de ensino e na formação de professores. Hoje é palco de inúmeros projetos de pesquisas, de ensino, extensão e gestão que visam gerar inovações pedagógicas, metodológicas, materiais didáticos, a serem aplicados em práticas escolares e formação inicial e continuada, contribuindo para os avanços e

transformações das práticas docente de modo significativo, fundamentado e refletido. Também hoje é campo de estágio para os cursos de licenciaturas da universidade, abriga inúmeros projetos de ensino e extensão com participação de graduandos bolsistas dos cursos de licenciaturas da universidade.

Atualmente, o Colégio conta com um corpo docente composto por 46 doutores, 35 mestres e 15 doutorandos, atendendo cerca de 1350 alunos, matriculados em 28 turmas de Ensino Fundamental e 09 turmas de Ensino Médio, 10 turmas do Curso de Educação de Jovens e Adultos.

O Colégio possui em funcionamento dois Cursos de Especialização Lato Sensu, atende, hoje, cerca de 440 estagiários de licenciaturas da UFJF, tem 98 projetos de treinamento profissional, 34 projetos de extensão, 52 projetos de pesquisa em andamento, um programa de Incentivo à Docência na Educação de Jovens e Adultos, programas voltados ao aluno da Educação Básica como Monitoria Jr, Iniciação Científica Jr, Aluno Assistente na Escola, Intercâmbio Internacional, além de garantir o ingresso de novos alunos exclusivamente por meio de sorteio público de vagas e, conseqüentemente, um atendimento educacional que comporta toda a diversidade social brasileira.

Após amplo processo de qualificação de nossos professores, o Colégio compreende ser este o momento de ampliar sua atuação no campo da formação continuada, reforçando sua vocação na formação de professores. Pretende-se, assim, atender a demanda de se criar políticas para formação continuada da rede pública de nossa região. Sendo assim, lança-se a mais um desafio, o de inserção no campo da Pós-Graduação stricto-sensu, por meio do PROFENSINO, nucleado pela UERJ, candidatando-se a se constituir em um dos polos de atuação.

Ressalta-se que a cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata Mineira, é um local privilegiado, pois se encontra nas fronteiras entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que permite um alcance ainda maior de docentes residentes em municípios vizinhos nos dois estados. A cidade conta com uma média de 133 escolas da rede municipal, 77 da rede estadual, 03 federais e uma grande quantidade de estabelecimentos de ensino privados que se dedicam à Educação Básica (dados retirados do IBGE/2012, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=313670>).

Há uma enorme demanda de profissionais ainda sem a titulação de mestre, atuantes em escolas, que sinalizam a necessidade de aprimorar sua formação, o que corrobora a necessária e inadiável implantação de cursos de capacitação stricto sensu diretamente relacionados a esse campo de atuação e público de interesse.

Ainda possuímos, documentado, a solicitação de parceria da Prefeitura Municipal para atendimento a demanda pela qualificação de seus professores em um mestrado profissional, com foco na Educação Básica, emitida no ano de 2014 pelo Secretário de Educação, no qual explicita seu interesse pela implantação de um programa que venha atender a tais expectativas.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

Nesses últimos anos, o CAP-UFJF participou de diversos projetos de apoio à Educação Básica em parceria com instituições do Sistema Nacional de Educação, dos quais destacam-se as atividades e resultados abaixo:

Atividade: **GESTAR II**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Programa do MEC de formação continuada de professores de Língua Portuguesa e Matemática do 6º ao 9º ano; Coordenação do Projeto e participação dos professores na formação dos Professores dos Municípios

Resultado: Formação de cerca de 65 professores tutores que levam a cerca de 2800 professores de 23 Municípios de Minas Gerais o Programa de formação do GESTAR II – MEC/SEB

Atividade: **Pacto pela Alfabetização na idade certa**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Professores formadores

Resultado: Professores participam como formadores nos cursos ofertados pelo MEC do pacto.

Atividade: **Proletramento (Alfabetização e Linguagem)**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental

Resultado: Formação de 170 tutores, que posteriormente atuarão na formação de outros professores do ensino fundamental da rede pública de Minas Gerais (Pólo de Juiz de Fora)

Atividade: **Portal do Professor**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Avaliadores e equipes de produção de aulas e de sequências didáticas postadas no Portal do Professor/MEC;

Resultado: Foram postadas cerca de 1000 aulas produzidas pelos professores do colégio.

Atividade: **EJA**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Formação Inicial de professores para EJA para desenvolvimento de Projeto.

Resultado: Desenvolvimento de uma proposta pedagógica inédita para formação de alunos da EJA desenvolvida por um projeto de formação inicial de professores com alunos bolsistas de graduação.

Atividade: **ENEM**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Professores participantes da equipe de correção

Resultado: Coordenação da equipe de correção da redação do ENEM

Atividade: **Especialização em Educação no Ensino Fundamental**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Oferecimento GRATUITO do curso a professores

Resultado: Formação concluída de 30 professores e abertura de nova turma com mais 30 professores

Atividade: **Especialização em Educação Física Escolar**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Oferecimento GRATUITO do curso a professores

Resultado: Formação concluída de 30 professores.

Atividade: **Consultoria**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Prefeitura do Município de Ewbank da Câmara

Resultado: Formação continuada de professores da rede municipal. O IDEB do Município teve elevação de 1.2.

Atividade: **Consultoria**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Prefeitura do Município de Goianá.

Resultado: Elaboração do Projeto pedagógico da Educação Infantil com a participação dos professores do Município

Atividade: **PNDL – MEC**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Programa Nacional do Livro Didático

Resultado: Professores envolvidos na avaliação dos livros

Atividade: **Biblioteca Escolar/MEC**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Avaliação de livros para o Programa de avaliação de livros para biblioteca escolar

Resultado: Participação de Professores

Atividade: **Mestrado Profissional**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Participação de 03 professores do Mestrado Profissional de Letras da CAPES

Resultado: Professores no curso

Atividade: **Formação inicial de professores**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Universidade Aberta do Brasil – Pedagogia

Resultado: Os docentes do Núcleo de Matemática atua como tutores (2), professores-formadores (2) e coordenadora (1).

Atividade: **Formação continuada de professores alfabetizadores**

Detalhamento do Programa/Pesquisa: Participação no Ceale (Centro de Alfabetização da Leitura e da Escrita) da UFMG (Universidade federal de Minas Gerais) desenvolveu a coleção “Instrumentos da Alfabetização” para que o alfabetizador desenvolva sua formação continuada, realize experiências em sala de aula e reflita sobre elas.

Resultado: Formação continuada de professores das séries iniciais do ensino fundamental.

7) Polo Uberlândia - UFU/ESEBA

Escola de Educação Básica
Universidade Federal de Uberlândia

Unidade acadêmica responsável: **Escola de Educação Básica da UFU**

Coordenação local: **ÍNIA FRANCO DE NOVAES**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3560308445525538>

Email: inianovaes@yahoo.com.br

Número de docentes: **11**

Biblioteca/acervo: variado acervo de títulos de livros, teses, vídeos e títulos de periódicos, além de livros e outros materiais em meio digital. Vários serviços para obtenção de informações, através de Bases de dados e Periódicos eletrônicos, de acesso público, acesso restrito e acesso temporário, nos terminais dos Campi da UFU; destaque para o Portal CAPES com mais de 37 mil publicações periódicas internacionais e nacionais, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual que cobrem todas as áreas do conhecimento.

PPG local na Área de Ensino: **NÃO – POLO NOVO NA ÁREA DE ENSINO**

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Ana Claudia Cunha Salum	2009
2	Analúcia de Moraes Vieira	2006
3	André Luis Bertelli Duarte	2015
4	André Luis Sabino	2013
5	Claudia Goulart Moraes	2013
6	Inia Franco De Novaes	2014
7	Luciana Soares Muniz	2015
8	Lucianna Ribeiro de Lima	2015
9	Priscila Moreira Corrêa	2014
10	Vilma Aparecida Gomes	2013
11	Zaida Barros Dias	2014

Dados institucionais:

A UFU é uma autarquia Federal multicampi, fundada em 1969, composta por 08 campi. Tem 46 Programas de Pós-Graduação (sendo 7 Mestrados Profissionais) 42 na sede e 04 em Associação. Tem 19 Doutorados na sede e 01 em Associação. Desenvolve 57 cursos de Graduação, dos quais 06 são à distância. Participará do PROFENSINO com a sua Unidade Acadêmica de Colégio de Aplicação. Diversos cursos de graduação são em áreas afins com o PROFENSINO, em particular as Licenciaturas. A Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

obteve nota 4 (quatro) no Índice Geral de Cursos (IGC), segundo indicadores de qualidade da educação superior em 2013, segundo o Instituto de Pesquisas Anísio Teixeira (Inep).

Integrada ao sistema da UAB: A Universidade Federal de Uberlândia está vinculada a Universidade Aberta do Brasil (UAB), instituída pelo decreto 5.800 de junho de 2006, que é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para a população que não têm acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância, com atendimento prioritário aos docentes que atuam na Educação Básica, seguidos dos dirigentes, gestores dos estados, municípios e do Distrito Federal.

A UAB propicia a articulação, a interação e a efetivação de iniciativas que estimulam a parceria dos três níveis governamentais (federal, estadual e municipal) com as universidades públicas e demais organizações interessadas, enquanto viabiliza mecanismos alternativos para o fomento, a implantação e a execução de cursos de graduação e pós-graduação de forma consorciada. Hoje, o Sistema é coordenado pela Diretoria de Educação a Distância (DED) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A Universidade Federal de Uberlândia possui dezesseis cursos de graduação em licenciatura nas diferentes áreas do conhecimento (Pedagogia, Matemática, História, Geografia, Física, Teatro, Química, Psicologia, Música, Letras, Filosofia, Enfermagem, Educação Física, Dança, Ciências Biológicas, Artes Visuais), também oferece Cursos Técnicos e a Educação Básica, atendendo, neste nível de ensino, 910 alunos, distribuídos na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I e II e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A UFU participa do PROFENSINO por meio da sua **Escola de Educação Básica** da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU), foi criada em 1977, é uma instituição de Educação Básica que em 2015 atende 910 alunos em 40 turmas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, selecionados por meio de sorteio público. A ESEBA é uma das 17 instituições públicas de ensino consideradas, pelo Ministério da Educação, Colégio de Aplicação. Atualmente, têm em seu quadro, 101 profissionais. Destes, 13 técnicos e 88 docentes, sendo 81 docentes efetivos (01 pós-doutora, 18 doutores, 44 mestres, 18 especialistas) e 07 docentes substitutos.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, a ESEBA/UFU estará disponibilizando 11 salas para docentes, 02 salas equipadas com computadores para alunos, 09 laboratórios para pesquisa e a biblioteca. A infra-estrutura da instituição oferece laboratórios com equipamentos multiuso nas áreas de Português, Matemática, História, Geografia, Psicologia Escolar e dois de Ciências, Físico-Química e Biologia. Os laboratórios possuem equipamentos como computadores, tablets, impressoras, lousa digital, datashow entre outros. A biblioteca conta com mais de 100 computadores conectados a internet, 150 E-readers, 100 Netbooks, 50 Tablet e 04 Scanner Planetários.

Recursos laboratoriais disponíveis:

O programa conta com dois laboratórios de informática conectados a internet, sete laboratórios das áreas de Português, Matemática, História, Geografia, Psicologia Escolar e dois de Ciências, Físico-Química e Biologia. Uma sala para oferta do serviço de Atendimento Educacional Especializado para os alunos com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação da ESEBA. Essa sala é constituída por

recursos pedagógicos e de acessibilidade, que objetivam complementar ou suplementar a educação desses alunos na nossa escola.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

Desde sua origem, a ESEBA apresenta aspectos que a diferenciam, quando comparada com as demais escolas públicas, o espaço físico, a proposta curricular, o quadro de pessoal, o regime de trabalho, o plano de qualificação docente, a organização do tempo de trabalho escolar e o número de alunos por sala de aula, o que possibilita o desenvolvimento de atividades e ações que envolvem o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão nos diferentes níveis de ensino, iniciando pela Educação Básica, colaborando com a Formação Inicial participando do Projeto de Graduação em Licenciatura Veredas e de cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em parceria com outras unidades acadêmicas da Universidade Federal de Uberlândia. Além de uma efetiva participação dos docentes em cursos, mini-cursos e atividades de extensão oferecidos aos docentes do município e região, contribuindo sobremaneira com a formação e a prática docente.

A ESEBA procura acompanhar as mudanças de paradigmas que imprimem a sociedade um ritmo mais denso, reflexo da sociedade técnico-científica-informacional que, inquestionavelmente, impõe ao cidadão, independente da faixa etária e do nível sócio-econômico-cultural, um novo ambiente mundial. Ademais, esses fatos influenciam diretamente o meio educacional, atribuindo desafios a prática docente.

Há muito o que se pensar sobre a escola, sobre o ensino, sobre o fazer pedagógico e sobre o seu papel na sociedade, em especial na Educação Básica, tais pensamentos devem ter como objetivo libertar a escola do anacronismo educacional que limita o avanço da Educação Básica e que impõe à sociedade uma visão limitada sobre as práticas sociais.

Percebe-se que, um dos fatores que depõe em desfavor da Educação Básica, é a presença de metodologias com características tradicionais, centradas na memória e descontextualizadas da realidade. Diante desses fatos, um dos grandes desafios dos educadores é o de pesquisar o processo de ensino e de aprendizagem por meio da qual conseguirão contribuir com a melhoria da educação escolarizada.

Sabe-se que a formação teórica é importante, mas é necessário refletir sobre a prática. É nesse sentido que a Educação Básica precisa efetivamente cumprir seu papel na construção dos conhecimentos. Acreditamos que, para reverter esse processo, a formação docente precisa ser (re)pensada.

A ESEBA tem uma grande contribuição para o avanço e a melhoria do ensino e da aprendizagem na Educação Básica, pois é uma das instituições de referência para o município e a região, podendo contribuir substancialmente na formação continuada de discentes e no desenvolvimento de pesquisas que contribuam para a melhoria do ensino e da aprendizagem na Educação Básica. Para tanto, a participação no Mestrado Profissional em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica possibilita o acesso ao conhecimento científico e metodológico nas diferentes áreas do conhecimento, além de possibilitar a incorporação, de uma perspectiva interdisciplinar, o que contribuirá substancialmente para a prática docente e, conseqüentemente, a aprendizagem discente.

Na realidade, precisamos possibilitar aos docentes, por meio da formação continuada, o repensar da sua prática sinalizando possibilidades de avanços que valorize os saberes na construção da prática da docência. Acreditamos que os profissionais que percorrem tal trajeto

formativo, tornar-se-ão mais capacitados para atuarem na Educação Básica, a formação deve ser (re)pensada em uma perspectiva reflexiva, revitalizando-se a pesquisa para a construção do conhecimento nos diferentes níveis de ensino de maneira interdisciplinar.

A formação do professor deve ser reflexiva, sinalizando uma nova postura docente: o aprender a ensinar, a partir da articulação dos saberes escolares, levando à construção da aprendizagem por parte do aluno, que deverá fazer uso desse conhecimento no dia-a-dia, a ESEBA tem muito a contribuir para alcançar este objetivo, pois os orientadores são docentes que possuem ampla experiência, atuação e publicações acadêmicas e técnicas aplicados na Educação Básica.

8) Polo Santo André - UFABC

Universidade Federal do ABC

Unidade acadêmica responsável: **Centro de Matemática, Computação e Cognição-UFABC**

Coordenação local: **EVONIR ALBRECHT**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6069287623413362>

Email: evoniralbrecht@gmail.com

Número de docentes: **08**

Biblioteca/acervo: Livros: 68.589; variado acervo de títulos de livros, teses, vídeos e títulos de periódicos, além de livros e outros materiais em meio digital. Área física: 2.120 m²

PPG local na Área de Ensino: SIM – Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática (Mestrado Acadêmico)

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky	2008
2	Evonir Albrecht	2012
3	Margarethe Born Steinberger-Elias	2003
4	Maria Candida Varone de Moraes Capecchi	2004
5	Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda	2004
6	Mirian Pacheco Silva Albrecht	2007
7	Patricia da Silva Sessa	2013
8	Regina Helena de Oliveira Lino Franchi	2002

Dados institucionais:

A UFABC é uma autarquia Federal, fundada em 2005, composta por 02 campi. Tem 23 Programas de Pós-Graduação e 27 cursos de Graduação. Tem diversos cursos de graduação em áreas afins à do PROFENSINO, tais como Licenciatura em Biologia, Física, Química e Matemática (2006). O polo da UFABC será oferecido a partir da experiência do Mestrado Acadêmico em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática, que oferece Mestrado Acadêmico desde 2011.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, a UFABC estará disponibilizando 10 salas para docentes (cada docente tem sua própria sala), 14 salas equipadas com computadores para alunos, mais de 30 Laboratórios multiusuários para pesquisa e a biblioteca com 20 computadores.

Recursos laboratoriais disponíveis:

Atualmente, a UFABC trabalha com um universo de dois campi nas cidades de Santo André e São Bernardo do Campo, que estão em fases diferentes de implantação. Os dois campi em funcionamento apresentam as seguintes características:

Campus Santo André: Deverá ter cerca de 142 mil m² de área construída para o atendimento de alunos de graduação e pós-graduação. Do conjunto já se encontram concluídos e em funcionamento os Blocos A, B, o Restaurante Universitário e a Biblioteca, com as seguintes instalações:

- Bloco A: com cerca de 47 mil m² onde estão localizadas as salas de aula, laboratórios didáticos e de pesquisa, salas de docentes e a direção da Universidade e sala de conselhos;
- Bloco B: com cerca de 13 mil m² onde se destaca: a pós-graduação, laboratórios didáticos e salas de docentes.
- Restaurante Universitário: com cerca de 1.600 m², e lanchonete em anexo.
- Bloco C: edifício parcialmente em construção, com cerca de 10.200 m², onde abriga a biblioteca com capacidade de 70 mil livros, livraria, salas de leitura e de estudos. Contará, ainda, com um teatro para 584 lugares e 3 auditórios para 140 lugares cada, permitindo ainda mais diversidade de atividades dentro do campus.
- Bloco E: Este conjunto integrará os edifícios esportivos do campus.

- Bloco Anexo: em projeto, deverá ter cerca de 34 mil m² e abrigará o setor administrativo (atualmente ocupando o Bloco A de forma provisória), laboratórios didáticos, salas de docentes, auditórios.

- Bloco L: em obra, deverá ter cerca de 16,6 mil m² e abrigará laboratórios de pesquisa.

Campus São Bernardo do Campo: Localizado no bairro Anchieta, a margem da rodovia Anchieta (altura do Km 17) o Campus de São Bernardo do Campo possui 30 mil m² de construção distribuídos em 6 edifícios em terreno de 120 mil m². Estes edifícios abrigam áreas administrativas, biblioteca, restaurante universitário, anfiteatros e auditórios, salas de aula, salas de estudos, salas de professores, laboratórios de pesquisa, e laboratórios didáticos de informática, úmidos e secos. Atualmente o campus atende a mais de 3 mil pessoas entre alunos de pós-graduação e de graduação, professores, técnico-administrativos e equipe terceirizada. Com a conclusão de mais 3 edifícios até o final deste ano prevê-se a totalização de 36 mil m² de área construída. Para a expansão e consolidação do Campus são previstos ainda mais três edifícios, sendo um Hangar para o curso de engenharia aeroespacial, um Centro de Convivência e um conjunto de expansão denominado Bloco Lambda.

- O Sistema de Bibliotecas da UFABC (SisBi) tem duas unidades, uma no Bloco A, em Santo André, e outra no Bloco Beta, em São Bernardo. Ambas somam área total de 2120 m², sendo 1250 m² em Santo André e 870 m² em São Bernardo. Atualmente seu acervo possui 68.589 exemplares, sendo 27.436 títulos diferentes. O SisBi tem por objetivo o apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade e atualmente presta atendimento para uma comunidade de 12.757 usuários. Há financiamentos diversos para a biblioteca, como FAPLivros (FAPESP) e financiamentos internos da própria instituição.

Além do acervo físico, o SisBi disponibiliza acesso a coleções, em diversas áreas do conhecimento, de e-books da editora Springer que contemplam o intervalo 2005 2012 e totalizam 18.418 títulos em formato eletrônico.

O SisBi também oferta (em suas dependências e remotamente) acesso ao portal de periódicos CAPES, que dispõe de 250 coleções científicas em periódicos, bases de dados, títulos completos e e-books. Há, ainda, serviços de comutação bibliográfica (COMUT) e convênios para empréstimos entre bibliotecas (EEB) para artigos e livros que não estejam disponíveis em nossos acervos, mas sim em outras bibliotecas.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A UFABC foi criada em 2006 com um projeto pedagógico inovador para seus cursos de graduação, os Bacharelados Interdisciplinares (BI). Desde então tem sido modelo de atuação para inúmeras outras instituições. Hoje mais de 20 universidades já oferecem os BIs no Brasil. Seu contexto interdisciplinar dialoga muito bem com a proposta do Mestrado Profissional que está sendo pleiteado, visto que este também foca a interdisciplinaridade. Do ponto de vista regional, a UFABC atua com papel de liderança entre as instituições de ensino superior da região do ABC paulista, e possui forte interação com as Secretarias de Educação dos municípios. Já houve demandas anteriores das prefeituras para que a UFABC passasse a atuar na área pretendida pelo PROFENSINO. Consideramos esta, portanto, uma excelente oportunidade para avançar o cenário do ensino no grande ABC.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

A UFABC já possui outros dois cursos em rede: O PROFIS e o PROFMAT. Além disso, é um polo da UAB, oferecendo cursos de especialização à distância com centenas de alunos formados.

9) Polo Campinas - UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Unidade acadêmica responsável: **Instituto de Geociências - UNICAMP**

Coordenação local: **CELSO DAL RÉ CARNEIRO**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0287343325100831>

Email: cedrec@ige.unicamp.br

Número de docentes: **07**

Biblioteca especializada/acervo: Livros: 28.708; variado acervo de títulos de livros, teses, vídeos e títulos de periódicos, além de livros e outros materiais em meio digital.

PPG local na Área de Ensino: SIM – Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática (Mestrado Acadêmico)

CORPO DOCENTE

1	Cauê Nascimento de Oliveira	2014
2	Celso Dal Ré Carneiro	1994
3	Joseli Maria Piranha	2006
4	Pedro Wagmer Gonçalves	1997
5	Roberto Greco	2010
6	Ronaldo Barbosa	2013
7	Rosely Aparecida Liguori Imbernon	1998

Dados institucionais:

A UNICAMP é uma autarquia Estadual, fundada em 1966, composta por 03 campi: Campinas, Limeira e Piracicaba. Tem 156 Programas de Pós-Graduação e 70 cursos de Graduação. Tem diversos cursos de graduação em áreas afins à do PROFENSINO, tais como Licenciatura.

A Unicamp não se limita ao campus de Barão Geraldo, onde estão 19 de seus institutos e faculdades. O complexo se estende pelas cidades de Piracicaba, sede da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), por Limeira, onde funcionam a Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), a Faculdade de Tecnologia (FT) e o Colégio Técnico de Limeira (Cotil) e por Paulínia, onde fica o Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA). Em Campinas situa-se ainda, na região central, o Colégio Técnico de Campinas (Cotuca). O Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas, o CPQBA, localizado no bairro Betel, em Paulínia, existe desde 1986, quando a Unicamp comprou da Monsanto um completo centro de pesquisas.

O polo da UNICAMP será oferecido a partir da experiência do Mestrado Acadêmico em Ensino, História e Filosofia das Ciências da Terra (PEHCT), que oferece Mestrado e Doutorado Acadêmicos desde 2004, nota 5. É um polo diferenciado, com forte interação com escolas da

Educação Básica, que propicia a formação continuada num tema que tem escassa oferta no plano nacional: as ciências da Terra.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, a UNICAMP estará disponibilizando 07 salas para docentes, 2 salas equipadas com computadores para alunos, mais de 30 Laboratório multiusuário para pesquisa e a biblioteca com 20 computadores.

Recursos laboratoriais disponíveis:

- Laboratório de Recursos Didáticos em Geociências (LRDG): faz parte do Departamento de Geologia e Recursos Naturais (DGRN). O LRDG visa pesquisar e produzir recursos que auxiliem professores de quaisquer níveis educacionais (desde o ensino fundamental ao superior) a desenvolver tópicos relacionados aos campos inovadores de estudo de Sistema Terra e Geociências. O Laboratório tem como um dos alvos mais amplos gerar novas informações sobre Educação em Ciências da Terra e promover divulgação científica na área, como por exemplo a plataforma em duas línguas: Português e Italiano, de traduções e adaptações da série Earth Learning Idea (URL: <http://www.earthlearningidea.com/>). O website denominado Geo-Ideias (URL: <http://www.ige.unicamp.br/lrdg/geoideias.html>) tem sido fonte de inspiração em Educação em Geociências tanto para professores como estudantes. No campo da pesquisa, o laboratório é ponto de convergência de investigações sobre metodologia de ensino e comunicação em Geociências, História das Ciências Geológicas no Brasil e Teoria do Conhecimento Geológico; tais campos nucleares encontraram espaço no laboratório para convergência de diretrizes a serem materializadas em vídeos e outros materiais didáticos que adquirem a orientação fornecida pelas pesquisas conduzidas por alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra. O acervo do laboratório abrange ainda produtos gerados na extinta área de Educação Aplicadas às Geociências do Programa de Pós-Graduação em Geociências do IG-Unicamp. Na fase de implantação, o laboratório recebeu financiamento da FINEP, FAPESP e CNPq para montar o suporte material. Os equipamentos destinam-se à edição de vídeos e reprodução de material educativo em diferentes suportes físicos. O laboratório auxilia a produção de teses e trabalhos científicos da área, contando com 05 microcomputadores ligados em rede, um notebook, um scanner HP 6200Cc, três máquinas fotográficas (duas digitais) - um gravador de CD, uma impressora para gravação de etiquetas em DVDs e CDs, cinco impressoras, um vídeo Panasonic NVFJ605, uma workstation com programas para edição de vídeo e placa de captura de imagem e aparelho de multi-show. Conta ainda com coleções de slides, vídeos VHS, CDs e DVDs didáticos. As facilidades possibilitam edição de recursos audiovisuais, como sequências de diapositivos, apresentações, vídeos e DVDs, que podem abordar desde estudos regionais e específicos até temas mais abrangentes. Sob essa perspectiva, são promovidas atividades de descrição e análise de material existente e levantamentos de campo que forneçam dados a serem usados na confecção de novos recursos.

- Recursos de Informática: O IG possui um conjunto de laboratórios de uso compartilhado para ensino e pesquisa. Alunos e professores do PEHCT contam com infraestrutura que facilita todas as fases de desenvolvimento da pesquisa, do acesso a bases de dados à editoração de artigos, teses e dissertações.

- Laboratório de Processamento de Informações Geo-referenciadas (LAPIG) - possui estrutura avançada de equipamentos e programas para atender as várias áreas das Geotecnologias, incluindo o sensoriamento remoto, processamento digital de imagens, sistemas de informações geográficas, cartografia digital, geoestatística e geofísica. Esta estrutura inclui microcomputadores de alto desempenho (15 unidades) e dispositivos periféricos (scanner e plotter colorido de dimensões A0, impressoras coloridas, gravadores/leitores de DVD-CD-ROM). "Os aplicativos de software abrangem os principais sistemas de PDI, SIG e Geofísica: ArcGIS, ENVI, Spring, ERDAS ER Mapper, ERDAS IMAGINE, AutoDesk Map e Geosoft Oasis Montaj disponíveis no mercado mundial.

- Laboratório de Ensino Informatizado (LEI) - é utilizado para atividades didáticas e na preparação de textos; conta com 45 microcomputadores de alta performance todos ligados em rede e com disponibilidade de impressão via rede. Os aplicativos de software abrangem os principais sistemas de PDI, SIG e Geofísica: ArcGIS, ENVI, Spring, ERDAS ER Mapper, ERDAS IMAGINE e AutoDesk Map disponíveis no mercado mundial.

- Laboratório de Geo-Informática (LAGEO) - destina-se prioritariamente ao desenvolvimento de atividades didáticas práticas; conta com 31 microcomputadores todos ligados em rede. Os aplicativos de software abrangem os principais sistemas de PDI, SIG e Geofísica: ArcGIS, ENVI, Spring, ERDAS ER Mapper, ERDAS IMAGINE e AutoDesk Map disponíveis no mercado mundial.

- Laboratório de Editoração Gráfica (LEG) destina-se à produção de material gráfico para teses e trabalhos científicos, contando com 05 microcomputadores ligados em rede, scanner, impressoras laser P&B e colorida. Os aplicativos de software abrangem os principais sistemas de PDI, SIG e Geofísica: ArcGIS, ENVI, Spring, ERDAS ER Mapper, ERDAS IMAGINE e AutoDesk Map disponíveis no mercado mundial

- O Laboratório de Análises de Incerteza Integradas (LAI) - Possui o conjunto de programas da Suite LandMark, voltado para a sísmica, geologia, simuladores de fluxo e etc, perfazendo um custo de 2 milhões de dólares em software. Para tanto o laboratório está equipado com 08 estações de trabalho com 128 Gb de memória, placa de vídeo de alta resolução, impressora colorida A3, servidor de disco e infraestrutura de rede de alto desempenho. Este laboratório é voltado para o estudo de grande quantidade de dados produzidos pela indústria de petróleo.

- Biblioteca especializada: O curso usará o Sistema de Bibliotecas da UNICAMP (SBU), composto por Biblioteca Central e 27 bibliotecas seccionais. Dentre estas, há Biblioteca "Conrado Paschoale" do IG (BIBIG). O acervo da BIBIG é regularmente atualizado por meio da assinatura de periódicos e o acervo de livros está em progressiva expansão em virtude de projetos, bem como de recursos orçamentários. Em 2014, esta biblioteca contou com 28.708 títulos de livros, 275 títulos de periódicos, 2.207 dissertações e teses, 16.061 mapas, 40 fotos aéreas e 738 publicações em formato CD-ROM. A biblioteca oferece: acesso às bases de dados nacionais e internacionais (ERL, WEB OF SCIENCE e outros), acesso aos periódicos eletrônicos através do Portal da CAPES, acesso aos catálogos "on-line" de outras bibliotecas e serviço de empréstimo entre bibliotecas. O ponto alto da Biblioteca são os periódicos. Os periódicos mais importantes da área de Ensino de Ciências e de Ensino de Geociências encontram-se no acervo da BIBIG (Enseñanza de las Ciencias, Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, Journal of Geoscience Education, Teaching Earth Sciences, Earth Science History). Além disso, o SBU assina outras revistas que são relevantes para o Programa: Science Education, Science and Education, Journal of Science Teacher Education, International Journal of Science Education,

Annals of Science, Ambix, British Journal for History of Science, etc. muitos desses títulos possuem assinatura on line e impressa em papel.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A participação do grupo de Ciências da Terra na rede nacional do PROFENSINO envolverá formação continuada dentro de um contexto de pesquisa colaborativa voltada para questões curriculares, apoiada no conhecimento do professor a respeito da natureza. O projeto de articulação em rede nacional com ênfase em conteúdos de Geociências busca articular conhecimentos de Geologia, Geociências e Ciência do Sistema Terra a questões curriculares do ensino básico da rede pública, no contexto de programa de formação continuada, caracterizado como de pesquisa colaborativa.

Serão analisadas as decorrências das práticas para implementar situações de ensino, ou seja, identificar como a concepção de natureza de professores se altera dentro de tal programa e quais são as implicações para ensino e aprendizagem dos alunos do nível básico. Busca-se contribuir para melhoria da qualidade do ensino público por meio da descrição das características da concepção de natureza e relações natureza-sociedade de professores do ensino básico, tomando-se a História da Ciência como campo de referência para compreender e descrever a concepção de natureza.

Entre o final do século XVIII e primeiras décadas do XIX, emergiram ideias positivas e progressistas de natureza diretamente vinculadas ao surgimento da Geologia como ciência moderna. Esse argumento potente desafiou, enfrentou e foi vitorioso no embate com ideias de que as mudanças naturais decorrem exclusivamente de atividades humanas.

Formação de professores: Embora os cursos de graduação oferecidos pelo IG-Unicamp contemplem apenas uma vertente de licenciatura no campo da Geografia, as pesquisas do Programa de Ensino e História de Ciências da Terra oferecido pelo Instituto, bem como uma série de ações que nasceram antes da criação do Programa, têm estabelecido conexões bastante firmes no campo do aprimoramento de professores de diferentes especialidades.

Em 2003, foi constituído o Grupo de Estudos Ciência do Sistema Terra e a formação continuada de professores, composto por docentes da rede estadual de ensino de diferentes componentes curriculares com experiência didática muito diversificada (desde professores iniciantes na carreira até muito experientes). O critério fundamental foi a adesão voluntária e a disposição de interagir com pesquisadores da universidade. Professores da Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto (SP) contribuíram para articular e promover levantamentos específicos de interesse do Grupo de Estudos. Desde o primeiro momento, os rumos dos problemas e debates foram dados pela interação dos participantes. Isso conduziu a um amplo conjunto de ações educacionais, sendo uma parte delas voltadas para os professores e outra parte destinada a alunos da escola pública. O arranjo perseguiu uma atitude investigativa frente a problemas de conteúdo e de educação.

De 2003 até hoje, reuniões semanais, viagens, cursos etc. criaram condições favoráveis para delimitar eixos curriculares que orientaram a formação dos professores e propostas de inovação curricular. A temática do ciclo geológico e suas manifestações nas escalas da cidade e do local, sob as perspectivas do Tempo Geológico e da teoria de sistemas norteou articulações de distintas disciplinas para estudar o ambiente. Os caminhos da água, da areia, das pessoas etc. serviram como fios condutores que entrelaçaram dinâmicas naturais, sociais e

históricas. A ideia sistêmica abriu a possibilidade de estudos em torno do tema “ciclos da natureza” que atualmente catalisa as intervenções que ocorrem nas escolas.

Ao longo da trajetória, os professores pesquisaram diferentes aspectos de seu trabalho; examinaram e descreveram livros didáticos, examinaram currículos, discutiram planejamento interdisciplinar de ensino, levantaram dados sobre a cidade, coletaram informações sobre seus alunos e comunidade escolar etc. Houve debates entre o grupo e participantes de escolas diferentes, nos quais as informações coletadas pelos professores foram alvo de aprofundamento com bibliografia de Currículo e Ensino de ciências da Terra. Houve planejamento de ensino coletivo feito por pequenos grupos de professores de distintas disciplinas e escolas diferentes e implementação individual de inovações curriculares. O arranjo metodológico alterou a rotina de cada professor, bem como de sua escola, ou seja, o trabalho interferiu no currículo e gestão das escolas envolvidas.

Em paralelo a esse conjunto de ações, que deu origem a núcleos situados em diferentes locais, um grupo de pesquisa vinculado ao Projeto Geo-Escola desenvolveu diversas atividades de pesquisa junto a professores de educação básica, desde 2002. Cajamar e Monte Mor são exemplos de municípios, situados nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas (SP), onde foram desenvolvidas ações nessa linha. Cajamar destaca-se na literatura geológica devido à dolina urbana formada por colapso no bairro Lavrinhas, em 12 de agosto de 1986, que levou à destruição de várias casas e moradias. O problema do chamado “buraco de Cajamar” parece ter influenciado muitos jovens que ali vivem ou estudam a ter opinião desfavorável e a construir relação de não pertencimento e desvalorização da cidade. Em Monte Mor existe quadro semelhante: a falta de conhecimentos sobre o local onde o aluno vive dificulta sua motivação e sucesso escolar. Quando os cidadãos não se sentem vinculados às suas cidades, os valores sociais perdem significado, e não se forma uma consciência dos problemas ambientais. A pesquisa nasce da hipótese de que a contribuição das Geociências pode ser feita desde a vizinhança mais imediata do estudante, e contribui para formar pessoas comprometidas com o próximo e com o planeta. Módulos do Projeto Geo-Escola desenvolvidos nessas cidades objetivaram pesquisar se a abordagem de temas geocientíficos é estratégia adequada para transformar a relação dos estudantes com o lugar onde vivem. A coleta de dados sobre importância do conhecimento local realizou-se em nível de educação básica. Distribuído nos formatos impresso e digital (URL: <http://www.geo-escola.pro.br/>), o material didático de apoio dissemina conteúdos de Geociências, com ênfase em aspectos regionais e locais.

Formou-se ambiente extremamente favorável à inovação educacional. Em Cajamar, investigou-se junto a alunos da disciplina Geografia do Ensino Médio a complexa relação que os alunos mantêm com a cidade. Munidos de dados sobre histórico da ocupação e importância da mineração de calcário para o desenvolvimento socioeconômico da região e do município, produziu-se projeto de educação socioambiental com ênfase em Geociências que recuperou valores objetivos e subjetivos. Atividades em sala de aula e visita de campo abordaram as causas do fenômeno da dolina e as consequências para a população local. A estratégia foi adequada e pertinente, porque induziu nova relação entre os estudantes e o lugar onde vivem. O Módulo Monte Mor disponibilizou imagens e mapas locais a professores de educação fundamental das redes estadual, municipal e privada. O estudo do passado recente e do passado geológico possibilitou conectar o aluno com o quadro atual. Verificou-se que, antes de trabalhar situações atuais com o aluno, é preciso ajudá-lo a problematizar e a buscar respostas

por si mesmo. As ações ampliaram o horizonte de ensino de várias disciplinas. A inovação, nos módulos Cajamar e Monte Mor, embora ainda não tenha atingido plena interdisciplinaridade, revela ser possível, por meio das Geociências, fazer as aplicações e transposições requeridas e construir pontes entre a realidade local e questões socioambientais, além de acentuar inter-relações com o contexto global. Conclui-se que uma educação voltada para a compreensão de processos naturais modificará profundamente o ensino atual, condição necessária para transformar as relações entre seres humanos, que são parte integrante e ativo agente de transformação do dinâmico planeta que habitamos.

Podemos afirmar que hoje em Campinas e Ribeirão Preto há núcleos consolidados de interação entre pesquisadores e docentes da rede de educação básica, tanto privada quanto pública. Em São José do Rio Preto e Monte Mor é necessário promover ações que ajudem a consolidar núcleos que se encontram em formação. Ao mesmo tempo, há interesse em aproximar outros grupos que trabalham com formação de professores, nomeadamente o núcleo de Porto Alegre (Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano, coordenado por Rualdo Menegat e Cleonice Carvalho Silva).

Graduação: A docência em Geologia na UNICAMP emerge como experiência até certo ponto inovadora no país. O entendimento formulado no projeto pedagógico é o de que o curso de Geologia da Unicamp deva assumir o papel decisivo de formar profissionais altamente capacitados, aqueles que serão líderes em suas atividades de atuação, tanto nos campos da pesquisa como na docência no nível superior. É preciso reconhecer que ainda não está formalizado espaço para atuação educacional de geólogos na educação básica (níveis fundamental e médio).

Os profissionais de Geologia devem estar preparados para atuar na interface entre as pressões sobre os recursos naturais e o seu aproveitamento racional, em resposta às crescentes exigências do desenvolvimento econômico. As Ciências da Terra oferecem contribuições indispensáveis e cada vez mais necessárias, em uma sociedade sustentável, para viabilização de projetos industriais e agrícolas em geral, produção de energia, abastecimento de água, edificação de obras civis, urbanização e desenvolvimento econômico em geral. Os profissionais devem receber formação básica abrangente que os capacite a entender os processos que operam nas diferentes esferas do Sistema Terra, incluindo-se as interações, cada dia mais dominantes, da sociedade com a natureza. O curso assume, como princípio, que o bacharel ou o licenciado deva ter sólida formação teórico-prática na ciência geológica, devendo ser capaz de integrar o saber e a pesquisa na sua atuação, como forma de enfrentar, de maneira criativa, os problemas emergentes de um mundo em acelerada transformação.

Pós-Graduação: A extinção recente (2014) do Departamento de Geociências Aplicadas ao Ensino, núcleo no qual foram iniciadas e consolidadas as pesquisas e estudos de Educação em Ciências da Terra paradoxalmente reforçou o Programa de Pós-Graduação de Ensino e História de Ciências da Terra, em níveis de mestrado e doutorado. Com efeito, há mais de dez anos esse tipo de pesquisa vem sendo consolidado no PPG de Ensino e História de Ciências da Terra. Em todo o Brasil e na América Latina o EHCT-Unicamp é o único grupo organizado nesse campo. Há em várias partes do mundo pesquisadores ou grupos de pesquisadores em temas equivalentes ou similares (Portugal, Espanha, Inglaterra, Austrália, Israel, E.U.A. entre os principais), porém não se tem conhecimento de programa similar de pós-graduação na temática. A origem remonta a 1996, quando teve início o curso de mestrado e no ano de 2000 o curso de doutorado em "Educação Aplicada às Geociências", como área de concentração

dentro do Programa de Geociências do Instituto de Geociências. Em 2004, a área de concentração em Educação Aplicada às Geociências transforma-se em Programa de Ensino e História de Ciências da Terra dentro do comitê de Ensino de Ciências e Matemática da CAPES.

O Programa visa a produção e difusão do conhecimento gerado interdisciplinarmente nas áreas temáticas das Geociências, da Educação e da História. Nesse processo de produção do conhecimento são considerados imprescindíveis os elementos históricos, epistemológicos e metodológicos, tanto da ciência quanto da educação/ensino. Visa-se a focalização de questões pedagógicas relativas à veiculação do conhecimento de Geociências nos vários níveis de escolaridade e no ensino não-formal. Tem-se a premissa de que a inserção das Geociências na escola básica pode melhorar a qualidade, em geral, da educação brasileira e da cultura. Carneiro et al. (2004) expõem doze razões para que se amplie a presença de Geociências nesses níveis escolares [CARNEIRO, C.D.R., TOLEDO, M.C.M. de; ALMEIDA, F.F.M. de. 2004. Dez motivos para a inclusão de temas de Geologia na Educação Básica. Rev. Bras. Geoc. 34(4):553-560. URL: sbgeo.org.br/pub_sbg/rbg/vol34_down/3404/1439.PDF]. A lista foi discutida e ampliada por Martins & Carneiro (2012) [MARTINS, J.R.S.; CARNEIRO, C.D.R. 2012. Plataforma continental jurídica, recursos do pré-sal e ensino de Geociências. Campinas, Terræ, 9(1):60-109. URL: http://www.ige.unicamp.br/terrae/V9/T_V9_A6.html].

O programa estimula colaborações com diversas instituições, nacionais e internacionais, que atuam em áreas de interesse comum, pois a experiência interdisciplinar do DGAE é pioneira nesse campo. Houve intercâmbios com a Universidad Complutense de Madrid, Universidad de Girona, Università di Genova, Rostock e, atualmente, com as universidades de Évora e Aveiro em Portugal. O Programa possui duas linhas de pesquisa consolidadas: História das Geociências e Metodologia do Ensino em Geociências. Uma linha ainda não formalizada é a de Comunicação e Ensino Não-Formal em Geociências. As duas linhas centrais, História e Metodologia do Ensino já contam com professores qualificados com título de livre docente, sendo todos os demais docentes portadores do título de doutor. O projeto em foco amplia a abordagem temática das duas linhas pela possibilidade de inclusão da pesquisa sobre ensino de mapeamento geológico e sobre história das práticas geológicas de campo.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

Marca relevante dos professores do DGAE é a busca de intercâmbios com instituições nacionais e internacionais voltadas para pesquisa em Ensino e História de Geociências e de Ciências. Há e colaboração com a Faculdade de Educação da UNICAMP principalmente junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores da Área de Ciências (FORMAR Ciências). No âmbito de HGc há várias aproximações com a "Casa de Oswaldo Cruz" (FIOCRUZ), com o Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST (MCT) no Rio de Janeiro.

Intercâmbios estão sendo construídos a partir dos projetos de pesquisa Ensino de Ciência do Sistema Terra e formação de professores, Conhecimentos escolares relacionados à ciência, à sociedade e ao ambiente em microbacia urbana e Geo-Escola abriram distintas possibilidades de colaboração com organismos públicos e privados (p.ex. Instituto Agrônomo de Campinas, Secretarias de Educação, unidades escolares etc.). Por exemplo, por meio do Projeto Ensino de Ciência do Sistema Terra e a formação de professores há um intercâmbio com escolas estaduais, órgãos da Secretaria Estadual de Educação, Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto (Mestrado em Educação) e Universidade Federal de São Carlos

(Departamento de Educação). O Projeto Geo-Escola tem reunido e aproximado Secretarias Municipais de Educação e docentes de escolas estaduais, na medida em que se criam condições para pesquisa em formação continuada de professores. Isso tem possibilitado intercâmbio com a UNESP – Campus de São José do Rio Preto. Em conjunto docentes e alunos do EHCT promovem pesquisas colaborativas que envolvem alunos de IC, mestrandos e doutorandos e, ao mesmo tempo, abrem possibilidades de professores do ensino básico realizarem pesquisas reflexivas e, mesmo, iniciarem cursos de mestrado e doutorado.

Intercâmbios internacionais: O intercâmbio internacional do Programa vem sendo intensificado nos últimos anos. Tem sido mantido um Convênio de Co-tutela entre Universidade de Girona, Espanha, e Unicamp que facilita o intercâmbio de estudantes de doutoramento entre as duas instituições. De fato, em janeiro de 2014, o aluno de doutorado Edson Souza voltou ao Brasil após um período de “doutorado-sanduiche” na universidade espanhola.

O intercâmbio com as universidades de Aveiro e Évora teve continuidade dentro das atividades de dois Convênios internacionais entre o Instituto de Geociências da Unicamp e as duas universidades portuguesas (ambos re-assinados em 2012 e mantidos em 2013-2014).

10) Polo Guaratinguetá – UNESP/GUAR

Universidade Estadual Paulista

Polo misto com os campi UNESP-Rio Claro e UNESP-Bauru

Unidade acadêmica responsável: **Faculdade de Engenharia – UNESP/Guaratinguetá**

Coordenação local: **ROSA MONTEIRO PAULO**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4340581249924621>

Email: rosa@feg.unesp.br

Número de docentes: **18**

Biblioteca: acervo com mais de 1 milhão de livros, 30 mil periódicos com quase 2 milhões de fascículos, 65 mil teses e dissertações, várias dezenas de bibliotecas digitais, 4.500 títulos de periódicos com acesso a textos completos, mais de 11 mil publicações, incluindo monografias, relatórios, e anais de eventos científicos nacionais e internacionais. Todas as bibliotecas da Unesp tem acesso ao Portal de Periódicos CAPES. Área física: Guaratinguetá – FEG: 1.251 m², Bauru: 1466 m², Rio Claro: 1.800m² (está sendo ampliado em mais 500 m²).

PPG local na Área de Ensino: **SIM – Educação Matemática (Rio Claro) e Educação para a Ciência (Bauru), com Mestrado e Doutorado Acadêmicos na Área de Ensino, ambos nota 6.**

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Alice Assis- Guaratinguetá	2006
2	Antonio Carlos Carrera de Souza- Rio Claro	1992
3	Antonio Carlos de Souza- Guaratinguetá	2013
4	Bernadete Benetti- Rio Claro	2004
5	Denise Fernandes de Mello- Bauru	1995
6	Eugenio Maria de Franca Ramos - Rio Claro	1997
7	Fabiane Mondini- Guaratinguetá	2013
8	Fernanda Rossi- Bauru	2013
9	Flávia da Silva Ferreira Asbahr	2011
10	Galeno José Sena- Guaratinguetá	1992
11	Henrique Lazari- Rio Claro	2000
12	José Ricardo de Rezende Zeni- Guaratinguetá	1992
13	Luciene Ferreira da Silva- Bauru	2002
14	Marcelo de Carvalho Borba- Rio Claro	1993
15	Marcos Jorge- Bauru	2003
16	Marcus Vinicius Maltempi- Rio Claro	2000
17	Rosa Monteiro Paulo- Guaratinguetá	2006
18	Rúbia Barcelos Amaral- Rio Claro	2007

Dados institucionais:

A UNESP é uma autarquia Estadual multicampi, fundada em 1976, composta por 23 campi. Tem 141 Programas de Pós-Graduação, sendo 16 Mestrados Profissionais, e 168 cursos de Graduação. Tem diversos cursos de graduação em áreas afins à do PROFENSINO, tais como Licenciatura. Participam desta proposta da Unesp docentes de três campi, descritos a seguir.

Campus de Bauru - Faculdade de Ciências (FC), com sítio Internet: www.fc.unesp.br/, tem 05 Programas de Pós-Graduação na Faculdade de Ciências, com 281 estudantes, e 13 cursos de Graduação com 2.318 estudantes. Tem graduação em Licenciatura em Física desde 1969, em Matemática desde 1969, em Educação Física desde 1986, em Educação Artística desde 1988, em Ciências Biológicas desde 1990, em Química desde 2001 e em Pedagogia, desde 2002.

Campus de Guaratinguetá – Faculdade de Engenharia (FEG), com sítio www2.feg.unesp.br, com 04 Programas de Pós-Graduação, sendo 01 mestrado profissional, com 426 estudantes, e 07 Cursos de Graduação, com 1655 estudantes. Também tem Licenciatura em Física, desde 1988 e em Matemática, desde 2002.

Campus de Rio Claro - Instituto de Biociências (IB) e Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) -, com sítios Internet: <http://ib.rc.unesp.br/> e <http://igce.rc.unesp.br/>, 12 cursos de doutorados e 16 cursos de mestrado, agregando 1.100 estudantes, e 10 Cursos de Graduação, com cerca de 2.200 estudantes. Também tem graduação em áreas afins ao PROFENSINO, como as Licenciaturas em Ciências Biológicas, desde 1958, em Geografia, desde 1958, em Matemática, desde 1959, em Física, desde 1963, em Educação Física, desde 1984 e em Pedagogia, desde 1989.

Infraestrutura local:

A Unesp oferece ao PROFENSINO, além da disponibilidade dos seus docentes, a infraestrutura que dispõe para ensino, pesquisa e extensão, em particular, os recursos técnicos-administrativos de suporte a pós-graduação. Para isso, a estrutura da Unesp é vasta. Todos os seus docentes tem salas próprias, individuais ou em duplas. Em todos os campi, há um grande número de salas de aulas e laboratórios para ensino, em particular, para os cursos de licenciaturas, que poderão ser usados pelo PROFENSINO. Entre os laboratórios, destacam-se os de informática, e os de ensino de ciências e de matemática. Cabe destacar ainda que todos os três campi participantes desta proposta têm seção de pós-graduação aptas a lidar com a parte administrativa (matrícula, certificados, entre outros) do curso.

Campus de Guaratinguetá – FEG: todos os docentes tem salas próprias, individuais ou em duplas, há 8 salas equipadas com computadores para alunos (Pólo computacional e Departamento de Matemática), e 3 Laboratórios para pesquisa em ensino. Dentre os recursos laboratoriais disponíveis há: 01 Laboratório de Ensino de Matemática (LEM) e 02 Laboratórios de Ensino de Física Experimental, todos com espaço para aulas com bancadas ou mesas para acomodar até 30 alunos, recursos audiovisuais, almoxarifado e acervo de experimentos e materiais didáticos. A FEG/UNESP dispõe também de 2 salas para teleconferência que podem ser utilizadas pelos professores e alunos do programa proposto. Cabe ainda destacar que, recentemente, a FEG inaugurou o prédio do INOVEE – Centro de Inovação em Eficiência Energética, cujo anfiteatro e hall podem ser usados para as atividades do PROFENSINO (o hall que é bem amplo pode ser usado para exposições de posters ou mostras de materiais didáticos).

Este prédio foi financiado pela ELETROBRÁS (CONVÊNIO ELETROBRÁS UNESP ECV-291/09), e tem entre outros objetivos, dar continuidade à realização de ações, junto aos alunos e professores de escolas públicas (“shows” e demonstrações de energia, dentre outras), e pretende-se ainda oferecer um curso para professores da rede.

Encontra-se em construção um novo prédio para acomodar o Departamento de Matemática da FEG, intitulado Centro de Educação Matemática (previsão para inauguração no final do ano de 2015). Este prédio deverá contar com salas para todos os docentes, um novo espaço para o LEM (maior e melhor), dois laboratórios de informática, um anfiteatro com capacidade para oitenta pessoas, entre outros itens. Além da obra física, um novo mobiliário foi adquirido para equipar este prédio.

Campus de Bauru - Faculdade de Ciências (FC): com 15 salas para docentes, 4 salas equipadas com computadores para alunos: e 19 Laboratórios Didáticos, para pesquisa. Dentre os recursos laboratoriais disponíveis destaca-se que, em 2008, a Faculdade de Ciências construiu um bloco de salas de aulas destinado às aulas do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência. Os departamentos que compõem a Faculdade de Ciências são responsáveis por vários laboratórios didáticos e de pesquisa que estão disponíveis para as atividades desenvolvidas pelo Programa. Esses laboratórios são listados a seguir:

Laboratórios Didáticos de Física

- 1 - Laboratório de Física Geral I (Mecânica).
2. Laboratório de Física Geral III (Hidrostática, Hidrodinâmica, Calor e Temperatura).
3. Laboratório de Física Geral IV (Eletricidade);
4. Laboratório de Física Geral II (Mecânica);
5. Laboratório de Física Geral V (Ondas e Ótica);
6. Laboratório de Eletromagnetismo;
7. Laboratório de Estrutura da Matéria;
8. Laboratório de Física Computacional;
9. Laboratório de Instrumentação para o Ensino de Física;
10. Oficina Mecânica do Departamento de Física. Espaço para a construção de material didático a ser utilizado em pesquisas desenvolvidas dentro do Programa;

Laboratórios Didáticos de Química;

Laboratório de Computação;

Laboratórios Didáticos de Biologia;

Laboratório Geral;

Laboratório de microscopia;

Laboratório de lupas;

Laboratório de Anatomia e Zoologia

Laboratório Didático da Matemática: Este laboratório é de responsabilidade do Depto. de Matemática e atende aos pesquisadores em Educação Matemática.

Laboratório de Informática: Localizado no prédio do Departamento de Educação, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas vinculadas ao Programa.

Além deste, vale observar que o Departamento de Educação recebeu da UNESP recursos para a construção de diversos laboratórios didáticos que deverão também nos próximos anos servir de suporte às atividades de Pesquisa do Programa.

Laboratório Didático de Educação Física

1. Laboratório Didático de Educação Física I;

2. Laboratório Didático de Educação Física II.

Além dos laboratórios didáticos, a Unidade (Faculdade de Ciências) conta com laboratórios de pesquisa em diversas áreas das Ciências exatas e naturais que, eventualmente, podem também ser utilizados pelo Programa.

Campus de Rio Claro - Instituto de Biociências (IB) e Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), onde todos os docentes têm salas próprias, individuais ou em duplas, há 04 salas equipadas com computadores para alunos, e 03 Laboratórios para pesquisa. Dentre os recursos laboratoriais disponíveis destacam-se o Laboratório de Ensino de Matemática e o Laboratórios de Ensino de Física Experimental.

Educação a Distância: a UNESP possui experiência no uso do EAD, com a criação do NEaD (Núcleo de Educação a Distância), o qual desenvolve ações de organização, administração, implementação e avaliação dos projetos que envolvam o uso de tecnologias no ensino, sejam eles na forma de cursos de extensão, graduação ou pós-graduação. A estrutura disponível pela UNESP conta ainda com diversos recursos tecnológicos próprios, tendo destaque o projeto “Sala Virtual”, o qual permite a realização de encontros e conferências. Hoje a UNESP possui 36 salas padronizadas para a realização de reuniões virtual, com total integração áudio-visual, proporcionando uma experiência multimídia de alta qualidade.

BIBLIOTECA: A UNESP possui uma Rede de Bibliotecas que engloba 32 Bibliotecas das Unidades Universitárias e Experimentais da UNESP, distribuídas em 23 cidades do Estado de São Paulo. A UNESP tem a administração de suas bibliotecas confiada a Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) a qual cabe o gerenciamento do funcionamento sistêmico da rede de bibliotecas, aprimorar e promover a política informacional da Universidade. A Unesp integra as 32 bibliotecas de sua rede permitindo consulta ao acervo de todas as bibliotecas da Unesp, através da base bibliográfica Athena ou através do sistema Parthenon - <http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br>. A rede de bibliotecas da Unesp dispõe do serviço de Empréstimo entre Bibliotecas (EEB), serviço pelo qual o usuário adquire um material bibliográfico, que não existe na sua biblioteca de origem, em uma outra biblioteca conveniada com a sua instituição. Além da Unesp, participam do EEB as bibliotecas da USP e UNICAMP. Também participa do COMUT que integra as diversas bibliotecas de importantes universidades brasileiras, permitindo a obtenção de cópias de documentos técnico-científicos (periódicos, teses, anais de congressos, relatórios técnicos e parte de documentos) e em serviços de informação internacional. Com a implantação do sistema de biometria, a retirada de material da biblioteca pode ser feita pelo reconhecimento da digital do usuário, sendo que este pode retirar livros em qualquer biblioteca da rede Unesp, pessoalmente, e devolver também em qualquer biblioteca da rede.

Além desses serviços, a biblioteca ainda disponibiliza aos seus usuários o treinamento para uso do acervo e base de dados, indexação de periódicos na base de dados da REBAE, normalização documentária, orientação bibliográfica, reprografia de material bibliográfico, diretrizes para apresentação de trabalhos científicos e a exposição das últimas aquisições recebidas. O serviço de Virtual Private Network (VPN) da Unesp assegura o acesso à Rede da Universidade (unespNET) a partir de computadores conectados à Internet. Desta forma, mesmo estando fora das dependências da Universidade, por meio da VPN é possível acessar serviços restritos tais como: acesso ao portal de periódicos da CAPES, E-Books e Periódicos Online. Há uma verba anual da Coordenadoria Geral de Bibliotecas ligada à Reitoria para

compras de livros didáticos para todos os cursos da Unesp. Também em cada campi, os acervos vem sendo ampliado graças a diversos projetos aprovados nos últimos anos juntos aos órgãos financiadores (CAPES/PADCT/SPEC, FUNDUNESP, Infra-IV/FAPESP, FAP/Livros). Periódicos nacionais e internacionais têm sido assinados por meio de verbas oriundas de projetos especialmente elaborados e aprovados por órgãos de fomento.

No campus **de Rio Claro**, além do acervo da biblioteca, há grupos de pesquisa que também possuem acervo especializado considerável: o Grupo de Pesquisa em História da Matemática – GPHM – conta com um acervo de cerca de 2.000 livros, incluindo obras raras de Matemática, História da Matemática, Filosofia, Epistemologia, Semiótica, Educação Matemática e outras. Também o Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática – GH OEM - mantém uma coleção com cerca de 1.000 títulos de livros didáticos, com obras do século XVII a meados do século XX.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A proposta de adesão da Unesp ao PROFENSINO visa atender com excelência e de forma integrada o trinômio Ensino, Pesquisa e Extensão ao se alinhar com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNESP (<http://unesp.br/ape/pdi/execucao/index.php>) em suas dimensões, objetivos e ações, conforme os objetivos de: (i) Investigar, discutir e incentivar, quando adequado, o oferecimento de mestrado profissional, especialmente os de caráter multidisciplinar; (ii) Contribuir com o desenvolvimento regional, nacional e internacional, sem prejuízo da pesquisa básica; (iii) Formar profissionais capazes de gerar conhecimentos e desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e sociocultural; (iv) Produzir conhecimentos científico, humanístico e de inovação tecnológica; (v) Promover condições para o desenvolvimento da pesquisa acadêmico-científica nas diversas áreas do conhecimento; (vi) Sedimentar a excelência da extensão universitária como processo educativo, cultural e científico articulador do ensino e da pesquisa; (vii) Fortalecer a cooperação com outras instituições sociais, programas e projetos institucionais.

O desenvolvimento do interior paulista exigiu a presença de universidades públicas. A UNESP foi a primeira universidade pública paulista a contribuir no desenvolvimento regional, estando presente em 23 cidades do Estado de São Paulo. A UNESP possui Pós-Graduação, com cursos de excelência em várias áreas que contribuem para o desenvolvimento regional no entorno de suas Unidades. Na Unesp foram defendidas mais de 40 mil teses e dissertações e hoje temos aproximadamente 3000 docentes atuando na Pós-Graduação e orientando mais de 12 mil alunos. Desta-se que **a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE/SP) oferece o Programa Bolsa Mestrado para os docentes da rede estadual de educação**. A oferta do PROFENSINO pela Unesp viria atender parte destes docentes.

O exercício de uma ação didática, para que possa ser plenamente exercido, necessita que os professores consigam diversificar as formas de abordagem dos conteúdos, o que muitas vezes, não se realiza, pois muitos professores apresentam defasagens conceituais importantes, ocasionadas em decorrência da precária formação inicial e em serviço. Faz-se necessário qualificar esses professores em conhecimentos específicos das disciplinas que compõem as series iniciais e, ao mesmo tempo, proporcionar conhecimentos sobre as Didáticas específicas para que possam exercitar a contextualização, a interdisciplinaridade e a problematização de

forma que as aulas teóricas e práticas permitam o desenvolvimento de um pensar mais reflexivo.

Por outro lado, os professores que atuam nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio que são formados nos cursos de Licenciaturas, normalmente conhecem profundamente os conhecimentos específicos das disciplinas, mas apresentam dificuldades em produzir uma prática pedagógica que permita aos alunos um pensar reflexivo e menos decorativo.

A proposta do PROFENSINO busca unir os saberes produzidos na universidade aos saberes da prática pedagógica dos professores que atuam em sala de aula da Educação Básica. Cabe a esse professor refletir e mobilizar sua ação pedagógica tendo por base o conhecimento científico ora produzido transformando-o em instrumentos reais e ativos na sala de aula visando a melhoria da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem aos quais os alunos estão submetidos diariamente nas escolas públicas.

Cabe ao programa de pós-graduação propiciar a possibilidade do mestrando articular as questões da sua prática pedagógica com o conhecimento e a metodologia desenvolvida no âmbito acadêmico. Propiciar aos professores atuar de maneira mais eficiente diante de circunstâncias imprevisíveis do dia a dia no ambiente de aprendizagem torna-se um meio precioso na formação docente, para proporcionar a vivência regular de experiências interativas, levando os professores a analisarem suas próprias investigações e proporem novas práticas pedagógicas.

Fazem parte desta proposta inicial de adesão da Unesp ao PROFENSINO docentes de três campi da Unesp: Bauru, Guaratinguetá e Rio Claro. É relevante, portanto, contextualizar cada um destes campi e a importância da adesão ao PROFENSINO.

Campus de Guaratinguetá – FEG: A FEG/UNESP está localizada no Vale do Paraíba, no eixo São Paulo - Rio de Janeiro, que é uma das regiões mais desenvolvidas do país no cenário científico e tecnológico, constituindo um ambiente propício para a discussão de ciências da natureza e matemática.

Existe intenção da FEG/UNESP em ampliar sua atuação na pós-graduação stricto sensu com a criação de um programa de pós-graduação na área de Ensino de Ciências da Natureza e Matemática. Assim é natural esta proposta de adesão ao programa PROFENSINO. Este programa de pós-graduação viria ampliar e complementar a atuação dos docentes e pesquisadores da FEG que já atuam na área de ensino, nos cursos de Licenciatura em Física e Licenciatura em Matemática do campus. Alguns destes docentes já atuam em programas de pós-graduação de outros campi e instituições e veem com bons olhos a possibilidade de termos uma pós-graduação na área de Ensino na FEG.

Dos docentes da FEG que participam desta proposta, quatro fazem parte do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática (GEPEM), grupo certificado pela instituição e cadastrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq desde o ano de 2010. Este é um grupo recente na história da FEG, e foi estimulado pela criação do curso de Licenciatura em Matemática em 2002, que propiciou a contratação de novos docentes com perfil para Educação Matemática. Este grupo deve ser ampliado nos próximos anos, em virtude da renovação do quadro docente do Departamento de Matemática. Destacamos que há no momento um concurso em andamento (inscrições encerradas com provas marcadas para julho), e outros dois concursos aguardando autorização da reitoria para serem realizados. Estes três concursos são para a área de Educação Matemática. Espera-se que os novos docentes que venham a ser aprovados

nestes concursos possam consolidar a pesquisa em Educação Matemática na FEG e participar do MP-RN PROFENSINO. Destacamos também que a participação da FEG no PROFENSINO será com certeza um atrativo para a capacitação de novos docentes na área de Ensino de Ciências da Natureza e Matemática.

Historicamente, a UNESP/FEG têm trabalhado em parceria com a rede pública de educação, seja ela municipal ou estadual, para a melhora da qualidade da educação básica. Esta parceria tem sido realizada através de cursos de formação continuada (como por exemplo, o Teia do Saber/SEE/SP, que capacitou cerca de 200 professores da rede estadual entre 2003 e 2007), projetos de extensão, ensino e pesquisa (como por exemplo o PIBID/CAPES, o programa Núcleo de Ensino da Unesp e o convênio com a Eletrobrás – show da Energia/Física), palestras e eventos realizados na universidade. Destacamos ainda que vários ex-alunos da FEG dos cursos de Licenciatura em Física e Licenciatura em Matemática atuam na rede pública de educação. Deste contato com os professores da rede pública de educação básica podemos afirmar que há uma grande demanda por um programa de pós-graduação nos moldes do MP-RN PROFENSINO.

Registre-se que hoje, no Vale do Paraíba há um único programa de pós-graduação na área de ensino oferecido por uma universidade pública, o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, USP, campus de Lorena. Pelo exposto, é evidente a existência de candidatos e a falta de oferta de um curso de excelência nos moldes do que está sendo proposto (MP-RN PROFENSINO) para a região de influência da FEG/UNESP, que compreende o Vale do Paraíba, em particular, as cidades de Taubaté, Pindamonhangaba, Aparecida, Guaratinguetá, Cunha, Lorena e Cruzeiro, entre outras, e pode ainda atender cidades do sul do Estado de Minas Gerais (Itajubá, Pouso Alegre e Santa Rita da Sapucaí) e também do sudoeste Fluminense.

Campus de Bauru - Faculdade de Ciências (FC): Bauru fica a 320 quilômetros de São Paulo e tem uma população de aproximadamente 380 mil habitantes. A cidade destaca-se por ser um centro universitário, dispondo de quatro universidades: a UNESP, a USP/FOB, a UNIP e a USC. A UNESP – Campus de Bauru conta com três Unidades Universitárias: 1. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação; 2. Faculdade de Ciências; 3. Faculdade de Engenharia e Tecnologia; Além de atender aproximadamente a 3.500 alunos matriculados em seus 20 Cursos de Graduação, também faz parte da UNESP – Bauru o Colégio Técnico “Isaac Portal Roldan” (CTI), onde 650 alunos da região cursam o Ensino Médio profissionalizante; a Rádio UNESP FM; o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) e o Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet).

A Faculdade de Ciências da UNESP – Campus de Bauru congrega oito departamentos (Física, Química, Ciências Biológicas, Matemática, Computação, Psicologia, Educação Física e Educação), que respondem pelas disciplinas dos cursos de Licenciaturas nas áreas de Física, Ciências Biológicas, Matemática, Educação Física, Química e Pedagogia. Também responde pela maioria das disciplinas básicas dos Cursos de Engenharia. A Faculdade conta atualmente com 152 docentes e 76 funcionários. A Unidade mantém cinco programas de Pós-Graduação, com destaque para o Doutorado e Mestrado em Educação para a Ciência e para o Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica.

Assim, tendo em vista as potencialidades do município de Bauru e região e a urgente necessidade de estimular a formação de mestres profissionais habilitados para desenvolver atividades de docência nas redes pública e privada de ensino e ainda para capacitação de mão

de obra para atuar na área de pesquisa em temas de interesse público a nível local, regional, nacional e internacional em órgãos públicos e privados, empresas, cooperativas e organizações não-governamentais, individual ou coletivamente organizados; e considerando as possibilidades a serem exploradas em áreas de demanda latente por formação de recursos humanos em cursos de pós-graduação stricto sensu com vistas ao desenvolvimento socioeconômico e cultural do País; esta proposta de mestrado profissional em Ensino em Rede vem atender os pontos acima expostos. Deve-se observar que na região de Bauru temos cerca de 5 mil professores da Educação Básica atuando nas redes Municipal e Estadual. A maioria absoluta destes profissionais possui apenas graduação da área específica de sua graduação. O desafio de melhoria da qualidade da Educação Básica passa pelo aperfeiçoamento deste quadro de profissionais da educação. Estimamos que inicialmente 20% destes profissionais frequentariam o curso de mestrado de ensino em rede ora pleiteado pela Unesp. Este número é estimado pelos dados obtidos junto ao sistema de demanda do Programa Bolsa Mestrado oferecido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Identifica-se que uma das principais dificuldades que os professores das series iniciais enfrentam, em sua atuação docente, para articularem conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer de sua vida profissional e a construção de uma pratica pedagógica, encontra-se na ausência de uma reflexão teórica sistematizada que os estudos de pós-graduação têm potencial para suprir.

Campus de Rio Claro - Instituto de Biociências (IB) e Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE): O Campus da UNESP em Rio Claro tem se preocupado, historicamente, com a formação do professor, desde sua criação, quando ainda era Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, pertencente ao sistema dos Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo. Com a criação da UNESP – Universidade Estadual Paulista, em 1976, essa faculdade foi transformada em campus de Rio Claro com dois Institutos: Geociências e Ciências Exatas e de Ciências Biológicas, porém essa preocupação se manteve constante.

Na área das Ciências Exatas, notadamente na da Matemática e na da Física, sempre houve cuidado com a formação dos professores que formavam em seus cursos de Licenciatura. O Departamento de Matemática desde o início de sua criação, em 1959, privilegiou, dentre suas atividades, aquela concernente à formação do professor de Matemática. Do projeto de “formação de professor de Matemática” faziam parte, além das disciplinas do currículo regular, a realização de seminários e de outras atividades formadoras, como as destinadas ao trabalho conjunto da disciplina de didática especial, depois denominada “prática de ensino”, junto a professores da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo. Estas últimas foram se intensificando, dando origem à atuação de professores do Departamento de Matemática, junto à CENP, para implementar os então denominados cursos de Reciclagem, na década de 1970 e começo de 1980. Nessa direção, e intensificando o trabalho realizado, foi organizado e ofertado um curso de Aperfeiçoamento em Ensino de Matemática, em 1974, com 180 horas, visando à formação do Professor de Matemática. Desse curso participaram professores da Pedagogia e da Matemática. Concomitantemente foi criada a revista “O SAPO”, que deu origem, em seu ideário, mais tarde, à revista BOLEMA (Qualis A nacional), de responsabilidade do PPGEM-Rio Claro. Em 1984 foi criado o curso de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação Matemática (cuja denominação inicial era Matemática: ensino de Matemática) e que hoje é nota 06 na CAPES. Posteriormente, foi criado o curso de Pós Graduação stricto-sensu em Ensino de Física. Ademais, nesse Campus, há também, o Departamento de Educação, alocado

no Instituto de Biociências e que mantém curso de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação, tendo, em sua história, oferecido vários cursos de especialização, com o objetivo de formação continuado do professor.

Essa preocupação histórica com a formação do professor justifica, conforme nosso entendimento, a proposta do Campus de Rio Claro da UNESP de participar do MP-RN Profensino: ensino e interdisciplinaridade da educação básica.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

A UNESP possui centenas de acordos de cooperação e intercâmbio com instituições nacionais e internacionais a fim de promover atividades de ensino, pesquisa e extensão. Grande parte delas está disponível no endereço <http://www.unesp.br/arex/convenios>.

Além dos convênios oficiais, docentes da UNESP atuam em colaboração com grupos de instituições nacionais e internacionais, promovendo o avanço das pesquisas e da formação dos recursos humanos em todas as áreas do conhecimento social, científico e tecnológico.

Pela sua natureza multicampi, a Unesp e seus docentes têm larga experiência em cooperação entre seus campi, sendo que vários projetos institucionais, tais como PIBID/Unesp, PRODOCÊNCIA/Unesp e OBEDUC/Unesp, têm sido desenvolvidos em vários campi de forma colaborativa. Destaca-se também que seus programas de pós-graduação têm se esforçado para colaborar com o desenvolvimento de outras instituições de ensino superior, através do MINTER e DINTER.

Os docentes que fazem parte desta proposta possuem experiência na captação regular de recursos de agências de fomento (FAPESP, CNPq, CAPES, FINEP, etc.), tendo sido coordenadores de projetos individuais e/ou coordenadores de subprojetos em seus campi de projetos institucionais da Unesp. Muitos destes projetos são desenvolvidos em parceria com outras universidades nacionais e internacionais.

Membros do corpo docente desta proposta atuam como assessor ad-hoc juntos as agências de fomento, elaborando pareceres em projetos submetido as mesmas. Também, são autores e revisores de alguns dos principais periódicos nacionais e internacionais da área. Regularmente participam e colaboram na organização de eventos científicos da área, tais como EPEM (Encontro Paulista de Educação Matemática), ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) e CIAEM (Conferência InterAmericana de Educação Matemática).

Destacamos ainda que a UNESP tem organizado regularmente eventos de alcance nacional ou estadual na área de Ensino e Formação de Professores, como por exemplo, o Congresso Nacional de Formação de Professores (que se encontra na sua 3ª edição) e o Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (12ª. Edição), além de eventos locais, como o Encontro Pibid/Unesp e Encontro dos Núcleos de Ensino da Unesp.

Algumas produções técnicas relevantes relacionadas ao ensino:

Os programas acadêmicos da UNESP não descuidaram de uma produção técnica relativa ao Ensino, própria e característica do que se espera nos Mestrados Profissionais. Destacam-se as seguintes:

- a) Programa de computador com registro (patente): Título do Programa: Cobrindo o Tabuleiro. Autores: JOSÉ RICARDO R. ZENI, Vagner de Sousa Beserra. Finalidade: Objeto de Aprendizagem Digital para Educação Matemática. Instituição de Registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Número do Registro: RS 10242-2.

Revista da Propriedade Industrial - Patentes. Brasília, DF, v.2068, p.178 - 178, 2010.
Observação: este software ganhou o Prêmio CONAHPA de Hiperídia para Aprendizagem, realizado na UFSC/2009. Software disponível <http://www.feg.unesp.br/difusao/Softwares.htm> Acesso 16 Abril 2015.

- b) Curso de curta duração ministrado: JORGE, M.; KOBAYASHI, M. C. M.. Experiências e vivências em projetos PIBID - UNESP, UNICAMP e UFSCAR. 2013.
- c) Curso de curta duração ministrado: ALVARENGA, S. A. V. ; NAKAZATO, R. Z. ; SENA, G. J. . Aprendizagem por Projetos: Contextualização Interdisciplinar de Conceitos da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias - Química - Módulo II. 2013.
- d) Curso de curta duração ministrado: MALTEMPI, M. V. . Contribuições das Tecnologias ao Processo de Generalização Matemática. 2010.
- e) Entrevista - Programa de rádio ou TV: MELLO, D. F. ; ARAUJO, L. C. . Tempo Seco - descargas elétricas- entrevista TV TEM. 2014.

11) Polo Belém 1- UFPA

Escola de Aplicação
Universidade Federal do Pará

Unidade acadêmica responsável: **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA**

Coordenação local: **Marcio Antonio Raiol dos Santos**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5442731812982365>

Email: marsraiol@gmail.com; mars@ufpa.br

Número de docentes: **17**

Biblioteca/acervo:

PPG local na Área de Ensino:

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Cleodir da Conceição Moraes	2014
2	Edson Barbosa da Costa	2010
3	Eliana Ramos Ferreira	2010
4	France Fraiha Martins	2014
5	Josele Leal Dias	2012
6	Lane Viana Krejcová/ Lane Coelho Viana	2014
7	Marcio Antonio Raiol dos Santos	2005
8	Maria da Conceição Gemaque de Matos	2015
9	Maria da Glória Gomes Cristino	2010
10	Maria Isaura de Albuquerque Chaves	2012
11	Marinilce Oliveira Coelho	2003
12	Mário Benjamin Dias	2007
13	Rafael Rodrigues Lima	2012
14	Ronaldo Marcos de Lima Araújo	2000
15	Tadeu Oliver Gonçalves	2000
16	Wanderleia Azevedo Medeiros Leitão	2006
17	Wilma de Nazaré Baia Coelho	2005

Dados institucionais:

A UFPA é uma autarquia Federal fundada em 1957, que hoje tem 11 campi, 67 Programas de Pós-Graduação, 78 de graduação, sendo diversos em áreas afins com o PROFENSINO, tais como o Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens, iniciado em 2009. A Unidade Acadêmica que vai sediar o PROFENSINO é o EIMCI/Campi Belém – UFPA (apoio institucional).

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, a UFPA estará disponibilizando 06 salas para docentes, 04 salas equipadas com computadores para alunos, 1 laboratório multi-usuário e 7 Laboratórios (laboratório de química, laboratório de física; laboratório de práticas corporais e novas tecnologias; laboratório de atividade física resistida; laboratório de biologia, laboratório de linguagens; laboratório de informática educativa.). Na Escola de Aplicação EIMCI-Belém, há Laboratórios para pesquisa disponíveis: Laboratório de Ensino e Produção de Multimídia; Laboratório de Ensino; Planejamento e Desenvolvimento da Aprendizagem; Ensino e Produção de Material Didático; Laboratório de Ensino Atividades Lúdicas; Laboratório de Ensino, Pesquisa e Desenvolvimento da Educação Matemática; Laboratório de Ensino de Tecnologia da Informação e Comunicação; Laboratório de Ensino de Química; Laboratório de Ensino de Ciências; Laboratório de Informática. A Biblioteca Setorial da Escola de Aplicação da UFPA está instalada em espaço físico planejado e construído para oferecer uma infraestrutura funcional e adequada para o atendimento ao público-alvo. Participa do SIBI/UFPA (Sistema Pergamum - gerenciador que contempla as principais funções de serviço de referência, possibilitando consulta online ao Catálogo Bibliográfico). E também está integrada as redes de trabalho cooperativo ativas e interativas com o SIBI/UFPA coordenado pela Biblioteca Central/UEFPA. Disponibiliza acesso ao Portal de Periódicos CAPES, ao repositório institucional e acesso às demais bases de dados assinadas pela Biblioteca Central/UFPA.

A Biblioteca/IEMCI funciona, de segunda a sexta-feira, horário interrupto de 8h30 às 20h30. A consulta ao acervo é de livre acesso aos usuários internos: corpo discente, docente, funcionários e demais usuários do SIBI/UFPA e aos externos: docentes, pesquisadores, alunos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado de outras instituições. Os usuários externos só podem ter acesso à Biblioteca mediante apresentação de documento da Instituição a que estão vinculados. O acesso às coleções especiais (acervo bibliográfico e obras raras) é limitado aos usuários internos. Para a consulta, é necessária a solicitação no Balcão de Empréstimo. As obras de referência e coleções especiais estão disponíveis ao público externo apenas para consulta na própria Biblioteca.

A biblioteca/IEMCI promove campanhas de preservação do acervo, com exposição dos livros danificados, cujo objetivo é conscientizar os alunos sobre a preservação do acervo e criar uma maior integração entre os alunos dos cursos. A Feirinha Troca-Troca de Livros, uma iniciativa de incentivo à leitura, onde o aluno doa livros infantis e tem a sua suspensão abonada em caso de atraso de devolução – Os livros são doados para a biblioteca comunitária NOSSA BIBLIOTECA.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A Amazônia é a maior região em extensão territorial do Brasil. E nela há profundos contrastes históricos, que necessitam de políticas e ações públicas para que se assegurem direitos sociais e mudanças plausíveis. Para tanto, as propostas na área de Educação Básica devem ser eficácias e comprometidas com a melhoria do sistema educacional público da região. Neste contexto, a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará reafirma em seus 52 anos de fundação, a sua missão frente às demandas sociais de trabalhar para o desenvolvimento e para as mudanças de ordem social, política e cultural da região amazônica.

Vale ressaltar que a Escola de Aplicação (EA/UFGA), fundada em 1963, antigo Núcleo Pedagógico Integrado, vem cumprindo ao longo de décadas com o seu objetivo de unidade de ensino, pesquisa, extensão e campo de estágio. A partir de 2006, mediante mudança do estatuto da UFGA, a Escola de Aplicação (artigos 46 e 47) é caracterizada como:

“Órgão de ensino, que também realiza atividades de pesquisa e extensão, e cuja natureza é a de experimentação, estágio e complemento da formação profissional em interação com as unidades acadêmicas pertinentes” (Artigo 46, DOU 12/7/2006).

Na sua estrutura atual, a EA/UFGA está contemplada em seis Coordenações, sendo quatro de ensino (Coordenação de Educação Infantil, de Ensino Fundamental I, de Ensino Fundamental II, de Ensino Médio, de Ensino Noturno), Coordenação de Estágio e Coordenação de Pesquisa e Extensão. Todas essas coordenações estão ligadas ao ensino da educação básica e ao ensino superior. Em sua trajetória, a EA/UFGA tem desenvolvido tendências marcadas pelas ciências humanas, da linguagem, ambientais, exatas e naturais. Em decorrência disso, os alunos desta escola, em geral, são envolvidos com experimentações das diferentes áreas do conhecimento, além de desenvolverem suas relações interpessoais com base na ética e nos direitos humanos.

Cientes da importância da busca de melhores condições acadêmicas e da aplicação do saber no cotidiano, os alunos são incentivados a ingressarem nos cursos da UFGA ao término da Educação Básica e a participarem das olimpíadas nacionais promovidas pelos órgãos competentes, assim como nas modalidades locais.

Essa ação pedagógica é baseada nas pesquisas realizadas pelos docentes da EA/UFGA. As pesquisas muito têm contribuído para tal empreendimento. As iniciativas de projetos de pesquisa e extensão acionam programas de fomento como, por exemplo, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC Ensino Médio), o Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica (PAPIM), Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX), Eixo Transversal, Navega Saberes. Esses projetos têm contribuído para a melhoria do ensino.

A Coordenação de Pesquisa e Extensão (COPEX) é o setor desta unidade responsável pelo registro, acompanhamento e divulgação dos projetos de pesquisa e extensão. No ano de 2014 foram registrados 52 projetos e até maio de 2015, 46. Tais projetos expressam o início de uma cultura de pesquisa e extensão na EA/UFGA. E são apresentados em dois momentos distintos, a saber: no Fórum de Pesquisa (que acontece anualmente, na própria escola e conta com a participação dos docentes, estudantes e pesquisadores); no Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação (SICEA), que acontece a cada dois anos.

Diante disso, a escola vem executando de modo satisfatório o ensino, a pesquisa e a extensão. O desafio agora, neste segundo decênio do século XXI, é fomentar a discussão e a pesquisa acerca da Educação Básica na região Norte, em especial no Estado do Pará, e conta para isso com um quadro docente qualificado, sendo 30 com o título de doutores, que desenvolvem pesquisas relacionadas às diferentes áreas do conhecimento, diferenciando-se das demais escolas públicas do Estado.

Logo, tal ação precisa ser relacionada com as demais escolas/colégios de aplicação existentes nas diversas regiões do país. A finalidade é de que através da sistematização do conhecimento produzido acelere-se o reconhecimento dos problemas da educação básica do

país, e com essa reflexão possa-se construir em rede possibilidades e estratégias para a superação de problemas crônicos da escola brasileira. Nesse sentido, a EA/UFPA insere-se na proposição encaminhada de criação de Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica curso de Mestrado Profissional, tendo nesse momento os projetos de "Ciências da Natureza e suas Tecnologias", "Matemática e suas Tecnologias" e "Linguagens, códigos e suas Tecnologias".

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

A UFPA mantém convênio com Instituto Goethe, para formação em língua Alemã, que levou vários alunos da Unidade a realizar intercambio na Alemanha.

Para citar algumas produções técnicas de destaque, listam-se com mídias educacionais como vídeo aulas, blogs, sites, áudio livros, entre outros:

ARAUJO, R. M. L. ; Wanda Meguins Matos . Ensino Médio em Dialogo - Amazônia. 2013; Tema: ensino médio. (Blog).

SANTOS, M. A. R. . Guia de saúde bucal: orientações para pais e professores. Belém: Açai, 2014 (Material de Educação em Saúde).

SANTOS, M. A. R. . Manual de saúde bucal para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Belém: Açai, 2014 (Material de Educação em Saúde).

SANTOS, M. A. R. . Traumatismo dentário: orientações para professores. Belém: Açai, 2014 (Material de Educação em Saúde).

12) Polo Belém 2- UEPA

Universidade Estadual do Pará

Unidade acadêmica responsável: **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC**

Coordenação local: **Pedro Franco de Sá**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4323922632919962>

Email: pedro.franco.sa@gmail.com

Número de docentes: **27**

PPG local na Área de Ensino: **NÃO – POLO NOVO NA ÁREA DE ENSINO**

	DOCENTE	Doutor em
1	Acylena Coelho Costa	2015
2	Alcione Santos de Souza	2012
3	Ana Cláudia Tavares Martins	2012
4	Ana D’Arc Martins Azevedo	2011
5	Ana Kelly Martins da Silva	1999
6	Carlos Alberto de Miranda Pinheiro	2015
7	Davi de Jesus Oliveira	2003
8	Ducival Carvalho Pereira	1987
9	Elisa Maria Pinheiro de Souza	2010
10	Fábio José da Costa Alves	2003
11	Gilberto Emanuel Reis Vogado	2014
12	Járlessom Gama Amazonas	2012
13	João da Silva Carneiro	2010
14	José Fernando Pereira Leal	2015
15	Josebel Akel Fares	2003
16	Marco Antonio Camelo	2010
17	Maria de Lourdes Silva Santos	2010
18	Maria do Perpetuo Socorro Cardoso da Silva	2011
19	Miguel Chaquiam	2012
20	Natanael Freitas Cabral	2010
21	Pedro Franco de Sá	2003
22	Penn Lee Menezes Rodrigues	2015
23	Raimundo Sergio Farias Junior	2014
24	Ronilson Freitas de Souza	2014
25	Rosineide de Sousa Jucá	2014
26	Sinaida Maria Vasconcelos de Castro	2010
27	Victor Wagner Bechir Diniz	2012

Dados institucionais:

A UEPA é uma autarquia Estadual fundada em 1993, que hoje tem 20 campi onde se desenvolvem 08 Programas de Pós-Graduação, além de diversos cursos de graduação

Infraestrutura local:

O programa contará com 05 salas para docentes, 03 salas equipadas com computadores para alunos, 04 Laboratórios para pesquisa. Além de 02 Laboratórios com equipamentos multi-usuários, O CCSE-UEPA dispõe de 02 laboratórios de Informática, 01 Laboratório de Biologia, 01 Laboratório de Física e 01 Laboratório de Educação Matemática que atendem as atividades de pesquisa e ensino das respectivas áreas do conhecimento.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

Para a UEPA a participação da proposta é de grande importância, devido possibilitar a ampliação da Pós-Graduação de IES principalmente na área do Ensino, o que permitirá uma participação maior de UEPA em ações para o cumprimento do estabelecidos nos Planos Nacional e Estadual de Educação nas metas que se referem a formação Pós-Graduada dos Professores da Rede Pública. Além disso, a proposta trará de forma direta e indireta maior movimentação de pesquisa e produção voltada para busca de solução de problemas do cotidiano escolar relacionados ao processo de ensino, aprendizagem e avaliação das disciplinas da educação básica, o que trará resultados favoráveis para Educação Básica do Estado do Pará.

23) Polo Ilhéus / Porto Seguro – UESC / UFSB

Universidade Estadual de Santa Cruz

Universidade Federal do Sudoeste da Bahia

Unidade acadêmica responsável: **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC**

Coordenação local: **IRENE MAURICIO CAZORLA**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4693665009250751>

Email: icazorla@uol.com.br

Número de docentes: **9**

Biblioteca/acervo: 4475 títulos e 19057 exemplares de Educação Matemática; Matemática Superior; Métodos e técnicas de pesquisa nas Ciências Sociais; Antropologia e Sociologia; Educação Inclusiva; Educação para a diversidade. Catálogo on-line de seu acervo e conta com o acesso a sistemas de bibliotecas on-line e de troca como COMUT; Periódicos CAPES; Scielo; BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

PPG local na Área de Ensino: SIM – Mestrado Acadêmico em Educação Matemática e o PROFMAT

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Célia Barros Nunes (*)	2010
2	Eurivalda Ribeiro dos Santos Santana	2006
3	Irene Mauricio Cazorla	2012
4	Luana Oliveira Sampaio	2014
5	Maria Margarete do Rosário Farias	2015
6	Rogério Fernando Pires (*)	2014
7	Rogério Ferreira	2006
8	Sandra Maria Pinto Magina	1994
9	Vera Lucia Merlini	2012

Dados institucionais:

Este é um polo misto, com docentes da UESC e da UFSB. A UESC é uma autarquia Estadual fundada em 1991, que hoje tem 23 Programas de Pós-Graduação, 44 de graduação, sendo diversos em áreas afins com o PROFENSINO, entre os quais 11 cursos especiais do PARFOR, Licenciaturas em Matemática e em Pedagogia, além de Bacharelado em Ciências da Computação. A UFSB é uma autarquia Federal recém criada em 2013, com 5 cursos graduação e ainda sem cursos de pós-graduação, dentre os quais a Licenciatura Interdisciplinar em Matemática, Computação e suas Tecnologias, criada em 2014.

A participação no PROFENSINO tem alicerce em três instituições: A Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA) cuja política de formação de professores valoriza a formação de

professores formadores; a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) que está implementando em parceria com a SEC um programa de Formação de Professores e as Licenciaturas Interdisciplinares (LI), pautadas na valorização e fixação das pessoas nos locais onde vivem, interiorizando o ensino superior e, a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), por meio de seu Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEM) que vem se consolidando como um polo de formação, em nível de mestrado, em Educação Matemática.

Infraestrutura local:

O Programa dispõe da infraestrutura básica da UESC, com Laboratório de Informática que corresponde ao espaço reservado às atividades de suporte para os cursos de Pós-Graduação. Conta, ainda, com sistema *wireless* para acesso dos alunos e professores a partir de *notebooks* em todos os ambientes (sala de aula, auditórios, laboratórios, corredores) e, por fim ainda dispõe do **laboratório interdisciplinar** de formação de educadores, com financiamento CAPES.

Recursos laboratoriais disponíveis:

- 1) Laboratório vinculado aos macroprojetos do Programa: “Laboratório de Ensino de Ciências e Matemática”, equipado com softwares livres para Educação Matemática, tais como Geogebra, Poly, Winplot; jogos didáticos, tais como, Torre de Hanoi, Tetris, Nó africano, Pentaminó, Armadilha; Sólidos geométricos em EVA e papel cartão, Quebra-cabeças poliédricos, kits para desenho geométrico (régua, compasso, esquadros, transferidores); dois computadores de mesa (desktop) com sistema operacional Windows Vista, Microsoft Office, acesso a internet; scanner de mesa; datashow; tela pra projeção grande (2,50mx2,00m); 3 armários de aço de duas portas com chave; bancadas para trabalhos em grupo e experimentos; com ar condicionado; água e gás encanados.
- 2) Laboratório de Visualização Matemática – LAVIM, equipado com mobiliário e aparelhagem tecnológica de informática adequada, incluindo data show e uma impressora 3D.
- 3) 01 Sala de Desenvolvimento de Projetos, mobiliada e equipada com 4 computadores com acesso a internet, quadro de vidro branco, tela branca e data show;
- 4) 01 Sala de estudos para estudantes e 01 Sala multiuso para reunião e desenvolvimento de projetos de docentes, mobiliadas e equipadas com computadores.
- 5) Sala de Estudos do GPEMEC, mobiliada e equipada com mesa para reuniões;
- 6) Salas para secretaria e coordenação do Programa, com computador, impressora e mobiliário de escritório.
- 7) Dois laboratórios LIFE (Laboratório Interdisciplinar para Formação de Educadores), montados e custeados pela CAPES, um dos quais disponibiliza lousa eletrônica e 15 computadores em rede. Esses laboratórios estão a disposição de todos os Cursos e Programas de Pós-Graduação voltados para a área de Ensino.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A UESC foi a primeira universidade a conseguir implementar um Programa de Mestrado Acadêmico em Educação Matemática (PPGEM), na Bahia. Iniciado em 2012. Já formou todos os estudantes da primeira turma e o nível de desenvolvimento está dentro dos limites esperados.

Na área de Ensino de Matemática, a UESC tem dois programas de Mestrado o PROFMAT - Profissional em Matemática em Rede Nacional e o PPGEM - Pós-Graduação em Educação Matemática, ambos com perfis excludentes, pois não concorrem pelo mesmo público, tendo em vista que o Profmat atende, preferencialmente, professores do Ensino Médio e professores dos Institutos Federais, e sua matriz curricular está fortemente calcada na revisão de conteúdos do Ensino Médio em nível de maior complexidade. Já o Mestrado em Educação

Matemática tem um público de professores da Educação Básica que tem preocupações também pelo ensino da Matemática e pelos processos de aprendizagem por crianças, jovens e adultos; também têm atendido alguns professores do ensino superior, em especial, os da Universidade do Estado da Bahia, isto é, vem formando pesquisadores da Educação Matemática. Estes dois programas atendem em média 15 professores por ano, o que é muito pouco para a formação de professores formadores. Além disso, e apesar de estar na constituição dos MP a “obrigação” de atender professores da Educação Básica, a implementação desses cursos sem o diálogo com a Secretaria da Educação do Estado e dos municípios não favorece o bom desenvolvimento desses programas. Nesse sentido, a proposta atual de convergência de esforços entre o caráter inovador das LI e do Programa de Formação de Professores da UFSB que tem estreita relação com a política estadual de formação de professores da SEC e a expertise em nível de mestrado da UESC culminam numa proposta com reais chances de sucesso. E outro ponto relevante para a proposta é a experiência da coordenação local do polo UESC, que esteve quatro anos a frente do Instituto Anísio Teixeira, promovendo a articulação, da Política Nacional de Formação Inicial e Continuada de Professores, em parceria com a Secretária da Educação.

A UFSB tem uma proposta inovadora com as Licenciaturas Interdisciplinares (LI), com uma arquitetura curricular em regime de ciclos, ofertadas nas áreas do ENEM: Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática, Computação e suas Tecnologias, além de Artes e suas Tecnologias.

A SEC-BA, enquanto presidência do Fórum Permanente de Apoio a Formação Docente – Forprof-BA, tem coordenado a implementação da Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, trabalhando em regime de colaboração com a União e os municípios, a oferta de cursos de Formação Inicial (presencial e EaD) e de Formação Continuada pelas IES baianas para atender a demanda advinda das redes públicas de ensino da Bahia, dentro do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

O principal destaque nesse aspecto é a relação da UESC e da UFSB com a Secretaria da Educação do Estado da Bahia, SEC-BA. Enquanto presidência do Fórum Permanente de Apoio a Formação Docente – Forprof-BA, a SEC-BA tem coordenado a implementação da Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, trabalhando em regime de colaboração com a União e os municípios, a oferta de cursos de Formação Inicial (presencial e EaD) e de Formação Continuada pelas IES baianas para atender a demanda advinda das redes públicas de ensino da Bahia, dentro do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR.

A SEC têm implementado uma Política Estadual de Formação de Professores em Serviço, reconhecendo a competência técnica do seu corpo docente oferta formação continuada para serem os formadores de professores orientadores nas escolas, que pela sua vez, trabalham de forma colaborativa na escola o planejamento e a realização dos planos de ensino do conteúdo curricular. Essa política de formação parte dos seguintes princípios: a) o reconhecimento da escola como locus de formação e produção de conhecimento; b) a valorização do conhecimento científico escolar; c) a abrangência estadual (que visa atender todas as escolas e d) a garantia do direito de aprender dos estudantes. Esta política, de dimensão estadual, implica numa rede de formação de professores, colaborativa, onde os mais experientes ou com maior qualificação/formação se encarrega da formação de seus pares. Observar que o Pacto Nacional pelo Ensino Médio – PNEM, programa universalizante do MEC, tem esse formato, com o diferencial que as universidades participam da formação dos formadores e todos os professores fazem jus à bolsa de estudos. Nessa mesma vertente, a SEC tem apoiado a implementação do PIBID, tanto com recursos financeiros para as escolas parceiras, como na realização dos seminários estaduais do PIBID.

Atualmente, a SEC possui três programas estruturantes: o Gestar na Escola, uma derivação do programa do MEC, mas com a formação e o acompanhamento dos professores em cada escola, atendendo professores do Ensino Fundamental de Matemática e Língua Portuguesa; Ciência na Escola atendendo professores do Ensino Fundamental de Ciências e Geografia e o Pacto pelo Ensino Médio, programa federal, que atende 100% dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam no Ensino Médio. Além desses dois programas, existem outros dois que não é de formação de professores, mas que vem desenvolvendo expertise na área tecnológica. Um deles, Ensino Médio com Intermediação tecnológica (Emitec) que transmite em tempo real aulas de todos os componentes curriculares para escolas rurais ou de difícil acesso, atendendo 15 mil estudantes. O outro programa é a Rede Anísio Teixeira (RedeAT) que produz, cataloga, avalia e disponibiliza conteúdos digitais na rede mundial de computadores, acessíveis a qualquer professor do mundo.

Estes programas que valorizam os professores da rede estadual de ensino, contam com professores formadores/pesquisadores, na sua maioria com cursos de especialização e com formação recebida nos programas estadual e federal, que os qualifica para serem potencialmente estudantes do curso de Mestrado Profissional em Ensino de sua área de conhecimento. A SEC-BA conta com o Instituto Anísio Teixeira (IAT) (<http://educadores.educacao.ba.gov.br/apresentacao>) que é o Centro de Formação de Professores, que implementa e desenvolve a política educacional e a formação de professores e que conta com recursos humanos, expertise e infraestrutura física e tecnológica, que poucos estados possuem.

Os diversos editais lançados pela SEC-BA apoiaram a realização de projetos vitais para a UESC, dentre os quais destacam-se o Ambiente Virtual de Apoio ao Letramento Estatístico, que desenvolveu um ambiente computacional virtual interativo na web, de código aberto, gratuito, voltado para o ensino e a aprendizagem de Probabilidade e Estatística, na Educação Básica, (<http://avale.iat.educacao.ba.gov.br/>); e o TEIAS da inclusão: traçando a Educação Inclusiva e Acessível, que produziu conhecimentos sobre desenvolvimento humano, cognição e aprendizagem de Matemática escolar por estudantes cegos, surdos e com deficiência intelectual. O projeto UESC-Escola consCiência, além de articular os projetos de pesquisa, articulou dois projetos de extensão: Caminhão com Ciência e Cais consCiência, na vertente do desenvolvimento de aulas experimentais de Física e Química em Laboratórios não Estruturados. Para essas escolas a FAPESB concedeu seis bolsas de Professor-Investigador (PI) e dez bolsas de Iniciação Científica Júnior (ICJr). Além dos editais para a pesquisa educacional, a Fapesb também lançou, em 2013, um Edital PIBID para complementar as bolsas e aumentar a capilaridade do programa.

A SEC em parceria com todas as IES baianas realizaram quatro edições do Simpósio Baiano das Licenciaturas (SBL), quatro edições do Seminário Estadual PIBID-IAT, o 19º CIAED Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, inúmeros workshops para discutir as licenciaturas por área de conhecimento: como a de Educação Matemática, Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Pedagogia. Há, portanto, uma conjuntura favorável para o desenvolvimento do PROFENSINO. Os vários MP em rede nacional voltados para professores do Ensino Médio não dão conta da demanda e muitos não levam em consideração o trabalho realizado na escola, valorizando apenas os conteúdos específicos da área de formação do professor.

Por outro lado, a iniciativa da UFSB nas Licenciaturas Interdisciplinares têm a expectativa de superar o atual modelo das licenciaturas, que não conseguem formar professores para a demanda de uma sociedade permeada pela tecnologia e mudança de paradigmas, num contexto em que é essencial estabelecer conexões entre as diversas áreas de conhecimento e o mundo real e tecnológico. Nesse sentido, a UFSB com um delineamento curricular inovador, ancorado nos Colégios Universitários, que são escolas da rede estadual, em municípios com,

no mínimo, 20 mil habitantes permitirá a chegada do mestrado ao interior do estado, bem como garantirá a participação efetivas destes professores, pois a SEC é parceira deste programa e estes professores poderão ser credenciados como quadro docente complementar da UFSB, fixando o professor na escola e permitindo sua formação continuada.

24) Polo Salvador – UFBA

Universidade Federal da Bahia

Universidade Estadual de Feira de Santana

Universidade Federal do Vitoria da Conquista

Fiocruz-Bahia

Unidade acadêmica responsável: Universidade Federal da Bahia

Coordenação local: **LUIZ MARCIO SANTOS FARIAS**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8459439898470769>

Email:

Número de docentes: **14**

Biblioteca/acervo: dispõe, além dos meios tradicionais (impresso), de dispositivos de informação em CD-Rom. O empréstimo é on-line e o usuário poderá consultar o acervo pela internet. Na sua estrutura física, a biblioteca conta com um espaço, climatizado, para acomodar os visitantes, possuindo, ainda, cabines para estudo individual, e para estudo em grupo, bem como meios para acesso à internet e para consulta da base de dados. O acervo desta biblioteca é formado por mais de 23.000 livros, e mais de 300 periódicos correntes e 200 não correntes.

PPG local na Área de Ensino: SIM – Ensino, Filosofia e História das Ciências

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	André Luis Mattedi Dias	2002
2	Benedito Gonçalves Eugênio	2009
3	Edilson Fortuna de Moradillo	2010
4	Elder Sales Teixeira	2010
5	Geilsa Costa Santos Baptista	2012
6	Gilson Bispo de Jesus	2012
7	Indianara Lima Silva	2013
8	José Vieira do Nascimento Júnior	2011
9	Luiz Marcio Santos Farias	2010
10	Marcos André Vannier dos Santos	1993
11	Maria Auxiliadora Lisboa Moreno Pires	2012
12	Olival Freire Junior	1995
13	Renato Pereira de Figueiredo	2010
14	Rosiléia Oliveira de Almeida	2008
15	Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão	2006

Dados institucionais:

A UFBA é uma autarquia Federal composta por 03 campi, fundada em 1946, que hoje tem 85 Programas de Pós-Graduação e 116 cursos de Graduação, muitos em áreas afins com o PROFENSINO, tais como Licenciaturas em: Ciências Naturais, desde 1965, Matemática e Física, desde 1952, Química, desde 1963 e Ciências Biológicas, desde 1969. Edições em curso noturno têm sido progressivamente implantadas desde 1999.

O polo funcionará ancorado no Programa Acadêmico em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC), que opera em Salvador e em Feira de Santana desde 2000, um dos sete fundadores da Área de Ensino, na parceria já antiga de docentes da UFBA e da UEFS, aos quais se associam docentes da UFSB, configurando um polo misto triplo, como o da UNESP na região Sudeste.

O convênio UFBA-UEFS para o PPGEFHC garante uma associação ampla entre as duas IES, com iguais direitos e obrigações. Na UFBA, ele envolve docentes e pesquisadores de quatro institutos, a saber, o Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Biologia e o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências e de duas faculdades, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e a Faculdade de Educação. Na UEFS, conta com a participação de docentes dos departamentos de Ciências Exatas, Educação, Física e Ciências Humanas.

Infraestrutura local:

Para o PROFENSINO, a UFBA estará disponibilizando 20 salas para docentes, individuais por docente em cada departamento e sala de reuniões no IF-UFBA e na Faculdade de Educação da UEFS, 2 salas equipadas com computadores para alunos e 8 Laboratórios para pesquisa, além de Biblioteca com 17 computadores. Dentre os recursos de Informática, o Programa conta na UFBA com duas salas de estudo equipadas por computadores em número suficiente para uso dos estudantes. Na UEFS, o Programa conta com cinco salas para uso de docentes e alunos, também com computadores em quantidade suficiente. Estas salas também dispõem de impressoras. Além disso, os discentes utilizam os recursos de informática que se encontram nos laboratórios dos docentes e na biblioteca do IF-UFBA, conforme mencionado nos itens relativos a laboratórios e bibliotecas.

Recursos laboratoriais disponíveis:

Os laboratórios são coordenados por cada um dos docentes, nas áreas de: ensino de física; ensino, filosofia e história da biologia; ensino de química; história das ciências agrárias e ambientais; história da matemática; história e filosofia da física; epistemologia; educação matemática, etc. e sistematicamente utilizados pelos docentes e discentes. Os laboratórios dispõem de computadores ligados à internet e periféricos necessários à sua utilização. Os laboratórios também estão equipados com mobiliário e recursos bibliográficos necessários à pesquisa realizada em cada uma das áreas mencionadas acima. Os laboratórios que lidam com pesquisa em educação científica também estão equipados com equipamentos para gravação de áudio e vídeo, bem como com material de consumo necessário à pesquisa de campo. Estes laboratórios estão distribuídos por diversas unidades da UFBA e da UEFS, uma vez que o Programa está vinculado a diversos departamentos das duas universidades. Existe também um Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE), localizado na Faculdade de Educação da UFBA (Edital Capes 035/2012), que atende a todos os cursos de licenciatura da instituição, dentre outros, nas outras instituições colaboradoras.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A associação UFBA-UEFS resultou do investimento direto, apoiado pela CAPES, realizado ao longo da década de 1990, para a consolidação da pesquisa em torno de temas no campo do

ensino de ciências e educação matemática, difusão das ciências, história e filosofia das ciências e da matemática e para a formação de vários doutores nessas áreas. Em 2008, teve início um Doutorado Interinstitucional (DINTER) com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e em 2012 parcerias internacionais para a consolidação de grupos de pesquisa liderados ou integrados por docentes do PPGEFHC, formação de estudantes em regime de cotutela e intercâmbio de docentes e discentes. No momento o PPGEFHC participa do projeto de cooperação com o Timor Leste colaborando para formar educadores no campo das ciências, numa parceria entre a UFBA e a UNTL. Em 2011, foi celebrado um convênio do Programa com o Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia da Bahia (IFBA) para a composição de uma turma especial para os professores dessa instituição, entre aqueles aprovados em uma seleção complementar em andamento. O convênio prevê o oferecimento de disciplinas em horários compatíveis com a carga horária dos docentes do IFBA

A UFBA também mantém há muitos anos convênio de cooperação com a Fiocruz-Bahia, Centro de Pesquisas Gonçalo Muniz, que contribui na proposta de polo com o relevante projeto de interiorização de divulgação científica “Ciência na Estrada”, e com cursos de férias para professores e com um ônibus que leva atividades experimentais a escolas no interior do Estado.

O PPGEFHC tem contribuído, de forma relevante, para a formação, desenvolvimento e fomento de núcleos e grupos de pesquisa. Grande parte de nossos alunos de pós-graduação do mestrado e doutorado atua em outras universidades, e depois de concluírem seus trabalhos retornam a suas regiões e passam a desempenhar funções relevantes de multiplicadores em outros cursos de graduação, pós-graduação ou em grupos de pesquisa ativos e permanecem vinculados aos grupos e núcleos de pesquisa, formando verdadeiras redes de cooperação.

Em 2011 o PPGEFHC firmou convenio com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) do MCT para intercâmbio docente e discente, em história das ciências e em ensino e divulgação científica, onde também desenvolve pesquisas e atividades de extensão. No final de 2012, 05 pesquisadoras do MAST passaram a integrar o corpo de pesquisadores do PPGEFHC e a partir de 2013 passarão a realizar orientação discente, lecionar cursos regulares e organizar atividades de pesquisa e extensão conjuntas entre PPGEFHC e MAST.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

O processo de internacionalização do PPGEFHC começou a se consolidar no triênio 2009-2012, com a formalização de várias ações que, até aqui, estavam baseadas exclusivamente na ação individual do pesquisador, mas que não tinham uma configuração institucional. Já foram firmados convênios gerais com 4 universidades e encontra-se em processo de implementação os aditivos com descrição de ações específicas com as seguintes universidades: Université Claude Bernard Lyon 1 (França), Universiad Del País Basco (País Basco, Espanha), Universidad de Burgos (Espanha) e MIT - Massachusetts Institute of Technology (Estados Unidos). Alguns docentes mantêm longo histórico de cooperação internacional (na Argentina, Alemanha, França, Portugal, Colômbia, Peru, África do Sul). O passo decisivo para a internacionalização foi a busca por fontes de apoio financeiro que permitissem que pesquisadores do PPGEFHC pudessem fazer visitas técnicas (e não apenas para participar de eventos e congresso) a instituições renomadas nas áreas pertinentes ao Programa, e também convidar pesquisadores estrangeiros. Uma série de pesquisadores estrangeiros tem vindo então visitar o PPGEFHC, tais como: Agustín Adúriz Bravo (Argentina), Massimiliano Badino (Espanha), Agustin Rayo (MIT, Estados Unidos), Sven Bernecker (Univers. California, Estados Unidos), Eduardo Barrio (UBA, Argentina). Convênios de cooperação acadêmica foram configurados com Univeristé Claude Bernard Lyon 1 (França), Universidad Del País Basco (País Basco, Espanha), Universidad

de Burgos (Espanha) e MIT - Massachusetts Institute of Technology (Estados Unidos), entre muitos outros.

25) Polo Maceió-Recife – UFAL/UFPE

Universidade Federal de Alagoas

Unidade acadêmica responsável: Universidade Federal de Alagoas

Coordenação local: Hilda Helena Sovierzoski

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3044840899631023>

Email: hsovierzoski@gmail.com

Número de docentes: 10

Biblioteca/acervo: A Universidade Federal de Alagoas dispõe de uma Biblioteca Central, além das bibliotecas setoriais de cada Unidade Acadêmica, assim como também a biblioteca da Usina Ciência, cujo espaço encontra-se disponibilizado para o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática. Esse último acervo conta com aproximadamente 5.000 exemplares, voltado para a área de Ensino das Ciências Básicas: Biologia, Física, Química, Matemática e Ensino. A área física da Usina Ciência possui infraestrutura e acesso ao Portal de Periódicos CAPES.

PPG local na Área de Ensino: Sim, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática

CORPO DOCENTE

	DOCENTE	Doutor em
1	Amauri da Silva Barros	2004
2	Carlos Eduardo Ferreira Monteiro	2005
3	Cinthyá Lúcia Martins Torres	2008
4	Ediel Azevedo Guerra	2000
5	Hilda Helena Sovierzoski	2000
6	Iranete Maria da Silva Lima	2006
7	Jane Maria Gonçalves Laranjeira	2004
8	Maria Joselma do Nascimento Franco	2005
9	Monica Dorigo Correia	1997
10	Paulo César Costa de Oliveira	2001

Dados institucionais:

A Universidade Federal de Alagoas, fundada em 1961, ocupa hoje três campi, o de Maceió, e instalações no interior do estado, denominados campus Maceió, Arapiraca e do Sertão, situados respectivamente na capital, Maceió, na cidade de Arapiraca e na cidade de Delmiro Gouveia. Os campi do interior do estado possuem polos, como em Viçosa e Penedo, pertencentes ao campus Arapiraca, além de Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema do campus do Sertão.

O número de Programas de Pós-Graduação ultrapassa 26 programas, com a maioria localizada no campus Maceió. Comparando com o número de cursos de graduação, cerca de 80, entre

bacharelados e licenciaturas, sendo que destes 53 estão sediados na cidade de Maceió. Aproximadamente 25.000 alunos estudam nos cursos de graduação, dos quais 20.000 frequentam o campus da capital do estado, enquanto que nos cursos de pós-graduação encontram-se matriculados mais de 3.000 estudantes.

Entre os cursos de graduação ofertados têm-se os das áreas afins, como Pedagogia, um dos mais antigos, cuja primeira turma começou em 1961, seguido de Ciências Biológicas, iniciado em 1974, mesmo ano de fundação dos cursos de Física e Matemática, enquanto o curso de Química instalou a primeira turma em 1979.

Infraestrutura local:

Os laboratórios encontram-se sediados nas Unidades Acadêmicas participantes, além do espaço da Usina Ciência. Serão cedidos para o programa em rede uma sala para atuação administrativa, uma sala de aula, sala para discentes com 3 computadores ligados a rede internet, além do uso dos espaços do atual Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), com sala de aula, auditório e biblioteca. Esse uso poderá ser compartilhado uma vez que o PPGECIM prevê funcionamento às quintas e sextas feiras.

Outros espaços para sala de aula e laboratórios também estarão sendo disponibilizados junto às Unidades Acadêmicas da Universidade Federal de Alagoas.

Descrição dos recursos laboratoriais disponíveis:

Laboratório de Biologia:

1 Microscópio Estereoscópico modelo Leica MZ12; 2 Microscópios Estereoscópicos modelo Leica Zoom 2000; 2 Microscópios Estereoscópicos modelo Bausch&Lomb; 1 Microscópio Óptico modelo Olimpos CBA; 1 Estufa de 80 litros; 1 Balança digital; 4 Microcomputadores; 1 Multifuncional; 2 GPS; 2 Câmeras digitais e 1 Data Show.

Laboratório de Ciências Anos Iniciais:

Queda Livre: 02 sensores, 01 cronômetro digital, 01 haste equipada (EDUTEC), 01 Disparador Aspach MR2 (CIDEPE); 03 Laser He-Ne com Fonte JDSU 0,5MW; 02 Gerador de Van Der Graaff; 02 Osciloscópio de dois canais 20 MHz; 01 Kit de Magnetismo (limalhas, bobinas e etc.) (Cidepe) ; 10 Termômetro de álcool 0°C até 100°C; 01 Fonte de alimentação Simples (modelo ADV ? 2552D), 04 Fonte de alimentação Simples (modelo ADV ? 2428D); 01 Capacitor de placas paralelas (AZEHEB); 02 Trena 5m; 01 Bomba a vácuo e pressão MOD-131-2VC; 01 Transformador Desmontável (AZEHEB); 01 Balança de torção: Eletromagnetismo e Mecânica (CIDEPE); 01 Física Moderna: Tubo de Geisser com suporte e válvulas (CIDEPE); 01 Mecânica Estática: Lei de Hooke, Tração, Equilíbrio do corpo rígido, Momento, peso e roldanas. (AZEHEB); 01 Mecânica do corpo rígido (CIDEPE); 01 Disco de Newton (CIDEPE); 01 Hidrostática (EDUTEC); 02 Gerador de Funções POL 40 VC 2002; 01 Interferômetro de Nunes; 01 Conjunto para projeção de espectros (CIDEPE); 01 Conjunto para Termometria, Termoelétrica, efeitos Peltier e seebeck. (CIDEPE); 01 Banco Óptico Modelo 1306000L (AZEHEB); 01 Óptica: Refratômetro com cuba para AR X Líquido (CIDEPE); 03 Fonte de alimentação icel modelo OS 1500 (corrente e tensão Variáveis); 01 Kit de Mecânica CIDEPE.

LABORATÓRIO DE FÍSICA:

Módulo Demonstrativo de Ciclos de Trabalho, Trilho de Ar, Demonstração da Lei de Ampère, Determinação de Efeitos Térmicos, Estroboscópio, Galvanômetro, Luxímetro digital portátil, Medidor de vácuo, Gaussímetro, Motor gerador, Estudo de Magnetismo, Medidor de Campo Elétrico, Laser de Nd:YAG, Laser de Argônio, Laser de Ti:Safira, Laser de HeNe, Laser de N2, Amplificador Lock-In, Amplificador Box car (com diversas gavetas), Espectrômetro, Espectrômetro (grade holográfica), Multímetro digital, Multímetro digital de bancada,

Computador, Fonte de tensão estabilizada, Sistema de baixa temperatura (criogenia), Bomba de vácuo mecânica, Bomba de vácuo difusora, Bomba hidráulica, Chopper, Osciloscópio, Medidor de baixas potências, Computadores para Processamento de alto desempenho, Equipamentos de Rede.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

O Estado de Alagoas detém um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) abaixo da média nacional, o que já revela uma séria preocupação quanto a sua desejável inserção no pacto federativo nacional. Com aproximadamente 3 (três) milhões de habitantes, tem uma única Universidade Federal fundada em janeiro de 1961, ao término do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Possue os Institutos de Ciências Básicas (Química, Biologia, Física e Matemática) e a ênfase conferida aos seus respectivos desenvolvimentos foram históricos, muito mais dados à pesquisa no sentido estrito dos conteúdos específicos dessas ciências, em detrimento das pesquisas em Ensino de Ciências, com as conexões necessárias estabelecidas com as teorias de aprendizado, com a História e a Filosofia da Ciência, tal com hoje é reconhecido em todo o mundo. É evidente que estas duas áreas de atuação devem se potencializar ao invés de se excluírem mutuamente, quando se pensa nos benefícios e repercussões sociais, sendo que este entendimento encontra enorme respaldo em amplos círculos de opinião.

Os Institutos de Ciências da Universidade Federal de Alagoas (antigos Departamentos, hoje Unidades Acadêmicas) não formaram um número suficiente de licenciados para atender à demanda sequer do ensino da cidade de Maceió e o déficit constitui um problema grave consensualmente reconhecido.

Um ensino que inclua: (1) conquistas cognitivas do século XXI; (2) um uso adequado das múltiplas mídias então disponíveis; (3) uma adequada compreensão das teorias da aprendizagem; e (4) uma conscientização histórica, filosófica e conceitual minimamente condizente com a complexidade de nossos tempos, permite considerar que a criação e implantação de um mestrado profissional em Ensino, na forma em rede nacional, constitui-se mesmo em algo muito desejável e até mesmo imprescindível.

No entanto, a expansão das Universidades Federais implicou um razoável aumento da demanda, que estava muito reprimida pelo lento desenvolvimento do país. Com a expansão da UFAL para outras cidades além de Maceió, tais como Arapiraca, Penedo, Viçosa, Delmiro Gouveia, Palmeira dos Índios e Santana de Ipanema, as necessidades de atuar no Ensino passaram a requerer obrigatoriamente uma instância qualificada para formar professores: trata-se de uma premente urgência.

Um outro fato que corrobora para esta urgência revela-se por que o Estado de Alagoas não dispõem de um número suficiente de professores para atuarem nem mesmo como tutores presenciais nos polos do Sistema UAB/UFAL (instalados nos municípios de Santana de Ipanema, Olho d'Água das Flores, São José da Laje e Maragogi). Esses dados revelam a grande carência de docentes com a formação para atuarem como professores. Para completar este cenário, deve-se atender às demandas do Programa de Ações Articuladas do Ministério da Educação, destacando-se a necessidade de formar mais de três mil professores.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

O Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática estabelece intercâmbio com vários pesquisadores brasileiros, propiciando visitas curtas para apresentação de palestras, troca de experiências e discussões acerca do curso, com outros programas de pós-graduação na área ou em áreas afins, com apoio da Universidade Federal de Alagoas.

26) Polo Pau dos Ferros / Patu – UERN

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Unidade acadêmica responsável: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Coordenação local: Maria Lúcia Pessoa Sampaio

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1621513184843973>

Email institucional: luciapessoa@uern.br/malupsampaio@hotmail.com

Número de docentes: 07

Biblioteca/acervo: A Biblioteca possui 23.237 títulos de livros, totalizando 54.579 exemplares; 1.546 títulos em periódicos nacionais e internacionais, totalizando 6.836 exemplares. Tem acesso ao Portal de Periódicos da CAPES, conta com 30 computadores e uma área física de 1.580,23 m². O PROFENSINO no campus Pau dos Ferros, a Biblioteca tem acesso ao Portal de Periódicos CAPES. Tem 10 computadores e um acervo de livros: Títulos: 8.142; exemplares: 20.061; Número de periódicos: Títulos: 131; Exemplares: 480. Possui uma área física de 800m².

PPG local na Área de Ensino: a UERN tem o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), nesse *Campus* da UERN funciona também o Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), que oferta um Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino.

CORPO DOCENTE

1. Bertulino José de Souza
2. Constantin Xypas
3. Crígina Cibelle Pereira
4. Débora Maria do Nascimento
5. Jacicleide Ferreira Targino da Cruz Melo
6. Maria Lúcia Pessoa Sampaio
7. Silvania Lúcia de Araújo Silva

Dados institucionais:

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) é uma Fundação Estadual, fundada em 1968, possui seis campi e 11 núcleos. No campo da pós-graduação oferta 22 cursos de especialização, 11 cursos de mestrado e um de Doutorado, atendendo 481 estudantes. Na graduação, a UERN oferta 31 cursos atendendo 15 mil estudantes. No Campus Pau dos Ferros de Mossoró funcionam 15 cursos de especialização, três mestrados e um de doutorado, atendendo 800 estudantes na especialização e 160 nos mestrados. Na graduação oferta 14 cursos, com 2.000 estudantes. A UERN no campus de Pau dos Ferros oferta 11 cursos de licenciatura em Pedagogia, Letras/Português, Letras/Inglês (1976), Geografia, Educação Física, Enfermagem (2004), Letras/Espanhol (2007), Ciências Biológicas, Música, Ciências Sociais e História (2011).

Infraestrutura local:

O campus conta com seis de salas para docentes; três salas equipadas com computadores para alunos e nove laboratórios para pesquisa.

O Programa disporá de laboratórios para atividades experimentais nas áreas de humanas, sociais e ambientais, como também, laboratórios utilizados como práticas pedagógicas e culturais, pertencentes ao *Campus* Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM/UERN, a exemplo, o Museu da Cultura Sertaneja, o BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), a Brinquedoteca, o Laboratório de Linguística Aplicada (LAB-LA), o Auditório Setorial de Tecnologias (ASTEC) e Laboratório de Medidas e Avaliação (LABMA), conforme descritos a seguir:

1. **Laboratório de Geologia, Sedimentologia e Solos (GEOSSOL):** espaço destinado às aulas práticas para as disciplinas da Geografia Física do CAMEAM/UERN. Sua estrutura física compõe-se de: 01 (uma) bancada central, com 08 (oito) cubas de aço inoxidável, sendo 02 (duas) grandes e 06 (seis) pequenas, com 08 (oito) torneiras e 04 (quatro) tomadas comuns; 02 (dois) espaços para condicionadores de ar; 04 (quatro) janelas de madeira e vidro, sendo 02 (duas) com 04 (quatro) divisórias e 02 (duas) com 02 (duas) divisórias; 06 (seis) luminárias com 03 (três) lâmpadas cada; paredes pintadas de cor branco gelo; piso comum de granito polido; porta de madeira grande com 02 (duas) aberturas; bancadas laterais de granito formando “u”; teto revestido com gesso; 01 (uma) tomada telefônica; 11 (onze) tomadas comuns nas paredes laterais (220 v e 110v). O laboratório conta ainda com 02 (dois) computadores completos e 01 (uma) impressora multifuncional.
2. **Laboratório de Geoprocessamento (LAGEO):** espaço destinado às disciplinas da área de Cartografia, de Geoprocessamento e outras do CAMEAM/UERN. Nesse Laboratório, há 09 (nove) computadores completos e 01 (uma) impressora multifuncional para realização de trabalhos de processamento de imagens aéreas e com trabalhos em Sistema de Informação Geográfica, tais como o SPRING e ARCGIS.
3. **Laboratório de Ensino e Cartografia (LABEC):** espaço destinado às atividades do curso de Geografia, com a função de produzir materiais didáticos pelos discentes e professores do CAMEAM/UERN. Sua estrutura física dispõe de 10 (dez) mesas para trabalhos específicos com mapas e construção de maquetes, dentre outras atividades; 20 (vinte) tamboretos, duas TVs de 40 polegadas, 1 delas de Tela Plana, 1 aparelho de DVD e 1 aparelho de Som.
4. **Museu da Cultura Sertaneja (MCS):** espaço destinado ao desenvolvimento de atividades de caráter pedagógico, acadêmico e cultural de projetos de extensão do CAMEAM/UERN, quais sejam: Núcleo de Estudos de Cultura, Literatura e Língua Portuguesa (NECLEP), Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), Grupo de Extensão em Educação de Direitos Humanos, entre muitos outros. O MCS, em seu caráter científico, constitui-se como espaço de pesquisas no âmbito da graduação e da pós-graduação, nos diversos cursos do CAMEAM/UERN, quais sejam: (i) cursos de graduação em Pedagogia, Letras/Português, Letras/Inglês, Letras/Espanhol, Ciências Econômicas, Administração, Educação Física, Enfermagem e Geografia.
5. **Brinquedoteca:** esse espaço é destinado às atividades lúdico-culturais e para a utilização de recursos pedagógicos alternativos nos processos de ensino-aprendizagem das diferentes linguagens em diversas áreas do conhecimento. Dispõe de conjuntos de fantoches, jogos educativos, tapetes EVA, acervo bibliográfico, além do mobiliário como birôs, cadeira, impressora, aparelho de DVD e armários de aço.
6. **Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE):** espaço destinado a comunidade acadêmica, dispondo dos seguintes recursos: artigos cinematográficos e audiovisuais, com mais 100 (cem) dvds sobre cultura geral e sertaneja, curiosidades, filmes, documentários; 30 (trinta) fantoches, teatro de bonecos, figurino para teatro com mais de 100 (cem) peças, incluindo adereço de artes circenses como pernas de pau; recursos e adereços para contação de histórias como perucas, gravatas, maquiagens, espelho, etc, tapete de palha e de EVA, aparelho de dvd com karaokê, projetor de multimídia, 02 (dois) notebooks, 03 (três) desktop, 03 (três) impressoras multifuncionais, 02 (duas) caixas de som, 03 (três) microfones, 01 (um) armário, 01 (um) geláguia, 01 (uma)

mesa com 20 (vinte) cadeiras e 02 (duas) banquetas e um acervo de 3.000 livros infanto-juvenis, além de um carrocinha/trailer que permite mobilidade de acervo e equipamentos.

7. **Laboratório de Linguística Aplicada (LAB-LA):** o espaço é destinado a atender professores, técnicos e alunos do CAMEAM, servindo, prioritariamente, como local de apoio para a realização de projetos de extensão, projetos de pesquisa, aulas, cursos, atividades de caráter prático de disciplinas e suas monitorias, assim como, eventos acadêmicos, que tratem dos estudos das linguagens humanas em todas as suas modalidades (verbais e não verbais) e nos mais diversos contextos sociais. No momento, o LAB-LA conta com 6 (seis) notebooks montados em uma plataforma (mesa) de vidro cumprida, uma impressora, internet *wi-fi*, um quadro branco, um bureau, carteiras para os usuários e alguns materiais de escritório.
8. **Auditório Setorial de Tecnologias (ASTEC):** espaço destinado a realização de cursos, de videoconferências, de aulas interativas, de defesas de dissertações/teses e demais atividades advindas do Setor de Pós-Graduação do *Campus*. O Auditório Setorial de Tecnologias “Acadêmico Fernando Lopes de Lima” (ASTEC), com capacidade para 70 usuários, climatizado, dispõe de recursos tecnológicos e multifuncionais, tais como sistema de videoconferência (câmeras, microfones, etc), lousa interativa, projetor de multimídia, quadro branco, computadores, TV lcd e internet (fixa e móvel).
9. **O Laboratório de Medidas e Avaliação (LABMA)** se propõe a ser um espaço para a disciplina Medidas e avaliação enquanto componente curricular obrigatório do curso de Educação Física do CAMEAM/UERN. O espaço e os equipamentos servem para avaliar e prescrever projetos de extensão, dentre os quais, o de Ginástica laboral. Suas aferições permitem avaliar, prescrever e acompanhar programas de treinamento e de desenvolvimento corporal. No âmbito da pesquisa, é um fecundo instrumento de diagnóstico, aferição, projeção e implementação de ações com diferentes públicos, especialmente com escolares. É ainda, um importante locus de avaliação da evolução bioantropométrica para a região. Conta com 01 (um) computador com software adequado aos procedimentos, 03 (três) armários fechados para arquivo e controle de materiais especializados (esfingomanômetro, balanças de precisão etc), 01 (uma) lousa grande, 01 (um) projetor multimídia e diversos equipamentos adquiridos pela parceria com a SANO – materiais esportivos e tecnologia.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A criação de um polo do curso de Mestrado Profissional em Ensino – PROFENSINO, no *Campus* da UERN, em Pau dos Ferros, se justifica pelo papel polarizador dessa cidade numa região de fronteira em que se localizam mais de setenta municípios, de três diferentes Estados (CE, PB e RN), constituindo uma população de mais de um milhão de habitantes. Justifica-se, também, por este *Campus* ser um centro de formação de recursos humanos para a educação, com diferentes cursos de graduação e pós-graduação *lato* e *stricto sensu* na área.

Além de funcionar o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), com curso de Mestrado Acadêmico e Doutorado, e o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), nesse *Campus* da UERN funciona também o Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), que oferta um Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino, com três de Linhas de Pesquisa: Ensino de Ciências Exatas e Ambientais; Ensino de Ciências Humanas e Sociais; Ensino de Línguas.

Em função da grande demanda do PPGE, de candidatos advindos de cinco diferentes Estados, justifica-se ainda, a implantação de um Mestrado Profissional em Ensino (PROFENSINO) que vem fortalecer cada vez mais a Educação Básica e Superior com a formação de profissionais que atuam nessa região do semiárido, contribuindo, assim, para a melhoria da

qualidade da educação em nosso país, em uma das regiões do Nordeste com necessidades de maiores investimentos nessa área.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

O corpo docente que constituirá o PROFENSINO tem experiência com cooperações acadêmicas nacionais e internacionais, consolidadas por meio de parcerias, intercâmbios e protocolos com várias universidades, bem como atuado ativamente em sociedades científicas. Como exemplo disso, temos na presente proposta, a participação de um professor sênior, aposentado pela Universidade Católica do Oeste da França, contratado pela UERN, como visitante. Destaca-se a eficiência dos docentes na aprovação de bolsas e de projetos como o Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), tendo atualmente um dos docentes da proposta supervisionando estágio pós-doutoral (bolsa CAPES), por meio de intercâmbio, envolvendo docente da Escola Superior de Educação de Torres Novas/Portugal, por meio do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD).

A experiência de docentes em Programas Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) na área de Ensino de Língua Portuguesa e de Pedagogia, em Editoria Chefe de periódicos, em Comitê Científico de periódicos como "Revista Diálogo das Letras", "Cadernos de Pesquisa da UFMA", "Revista Eletrônica Educare", entre outras.

Com destaque também, a equipe tem experiência na promoção e realização de eventos nacionais e internacionais (Fórum Internacional de Pedagogia - FIPED, Colóquio de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa - CMELP, Simpósio Nacional de Texto e Ensino - SINATE, entre outros) em parceria com Grupos de Pesquisa, outras IES e associações científicas. Ademais, os docentes envolvidos na proposta lideram e participam de diferentes grupos de pesquisa na área de ensino, tais como: Grupo de Pesquisa em Ensino do Texto - GPET, Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-aprendizagem - GEPPE, Grupo Formação, Memória e Políticas Educacionais - FORMEPE), Grupo de Pesquisa Educação Física, Saúde e Sociedade - GPEFSS, dentre outros.

27) Polo Mossoró – UERN

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Unidade acadêmica responsável: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Coordenação local: Jean Mac Cole Tavares Santos

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4363681764477044>

Email institucional: maccolle@pq.cnpq.br

Número de docentes: 08

Biblioteca/acervo: A Biblioteca possui 23.237 títulos de livros, totalizando 54.579 exemplares; 1.546 títulos em periódicos nacionais e internacionais, totalizando 6.836 exemplares. Tem acesso ao Portal de Periódicos da CAPES, conta com 30 computadores e uma área física de 1.580,23 m². O PROFENSINO Mossoró contará com a Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação, com aproximadamente 900 exemplares de livros, distribuídos em 568 títulos na área de educação; 350 exemplares de periódicos com 24 títulos diferentes na mesma área, além das monografias, dissertações e teses que também compõem o acervo.

PPG local na Área de Ensino: Mestrado em Educação e Mestrado Profissional em Letras.

CORPO DOCENTE

1. Alessandro Teixeira Nóbrega
2. André Victor Cavalcanti Seal da Cunha
3. Giann Mendes Ribeiro
4. Giovana Carla Cardoso Amorim
5. Jean Mac Cole Tavares Santos
6. Josildo José Barbosa da Silva
7. Maria do Socorro da Silva Batista
8. Regina Santos Young

Dados institucionais:

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) é uma Fundação Estadual, fundada em 1968, possui seis campi e 11 núcleos. No campo da pós-graduação oferta 22 cursos de especialização, 11 cursos de mestrado e um de Doutorado, atendendo 481 estudantes. Na graduação, a UERN oferta 31 cursos atendendo 15 mil estudantes. No Campus de Mossoró funcionam nove cursos de mestrado com 461 estudantes e 31s cursos de graduação, com 5.044 estudantes. A UERN oferta cursos de licenciatura em Pedagogia, História, Letras/Português, Letras/Inglês (1974), Geografia (2012).

Infraestrutura local:

O campus de Mossoró possui sete salas para docentes, duas salas equipadas com computadores para alunos; quatro laboratórios para pesquisa: (Computação, Química, Biologia e práticas pedagógicas) e um laboratórios com equipamentos multi-usuários.

A UERN tem, desde a sua criação, envidado esforços no sentido de fortalecer o ensino, a pesquisa e a extensão em todos os seus *campi*, criando condições favoráveis para a implantação de novos programas e projetos. Neste sentido, destacam-se:

- a construção de novas dependências para suportar as demandas oriundas dos novos projetos de graduação, na maioria de seus *campi*, e de pós-graduação no Campus Central em Mossoró - RN;
- a aquisição de novos terminais de computadores, com serviços de internet, inclusive com a disponibilização de redes sem fio em todos os seus *campi*;
- a revitalização e informatização de suas bibliotecas, com a capacitação de bibliotecários e a aquisição de novos títulos;
- a garantia de carga horária para os professores dos cursos de Pós-Graduação já existentes realizarem suas atividades;
- a política de apoio a grupos de pesquisa em consolidação, mediante a oferta de recursos para participação de eventos nacionais e internacionais. A título de informação, a UERN tem cadastrado, junto ao CNPq, 85 Grupos de Pesquisas: 30 na área de ciências humanas, 15 na área de letras e artes, 10 na área de ciências da saúde, 08 na área das ciências biológicas e 22 na área de exatas;
- o programa de apoio à capacitação docente, através da Resolução n.º 28/2007, de 26 de junho de 2007, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG, a qual instituiu também o Plano de Apoio à Capacitação Docente para auxiliar professores sem bolsa em seus cursos de pós-graduação stricto sensu. Em termos numéricos, cerca de 200 profissionais foram beneficiados com um investimento aproximado de 1 milhão de reais por ano;
- os cursos de graduação ofertados pela UERN: são oferecidos 30 cursos de graduação, nos quais estão matriculados 11.036 alunos.
- funcionamento, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do projeto "PIBID/UERN: um programa de integração entre Universidade e Escolas para a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica". Seis subprojetos, vinculados a esse Projeto Institucional, serão desenvolvidos através do convênio CAPES/UERN, assim distribuídos: em **Mossoró**: Física, Química, Biologia e Matemática, em **Caicó**: Filosofia, e em **Pau dos Ferros**: Letras-Português;
- o desenvolvimento de atividades extensionistas, as quais se ancoram na ideia de que é fundamental a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e extensão, sendo esta a condição de legitimidade de qualquer uma das atividades citadas;
- a política de incentivo à captação de recursos para projetos, através da gestão da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPEG - junto aos órgãos de fomento à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte, tais como a *Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte* - FAPERN - e do acompanhamento e divulgação, via comunicação eletrônica, dos editais de fomento à pesquisa disponíveis em nível nacional e internacional;
- a implantação de bolsas de produtividade da própria Universidade (UERN), a fim de valorizar a pesquisa e estimular a produção acadêmica dos professores;
- a implementação de projetos de Pós-Graduação stricto sensu em parceria com outras instituições, tais como o Mestrado Acadêmico em Ciência da Computação e o Mestrado em Física que têm como base uma parceria, no modelo de Associação Ampla, entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA;
- o apoio à publicação de revistas e livros para a dinamização da produção acadêmica, tanto da instituição UERN como de outras IES.
- O crescimento substancial de captação de recursos financeiros na CAPES (PAEP, por exemplo) e no CNPq (Universal e Ciências Humanas, por exemplo) para projetos de pesquisas institucionais e para os eventos nacionais e regionais sediados na UERN.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A UERN, que sempre teve sua história marcada pela formação de professores, cada vez mais busca contribuir com o desenvolvimento de recursos humanos na região em que atua. Endossando sua vocação, podemos observar que quase oitenta por cento dos cursos ofertados pela Instituição tem como foco a formação inicial de profissionais para atuar na educação básica. Atualmente são 31 cursos de licenciaturas: Pedagogia, História, Geografia, Química, Física, Biologia, Matemática, Letras, Filosofia, Ciências Sociais, Ciências da Religião, Música, Educação Física e Enfermagem. 11 mil alunos. A cada ano a Universidade admite, via SISU, cerca de 2500 novos alunos, distribuídos pelas 93 opções de entrada. Com efeito, ao enfatizarmos a predominância das licenciaturas na UERN, estamos enfatizando a formação inicial de professores como característica singular da função social da UERN. A constatação, evidenciada ao longo de sua existência, assim, apresenta a identidade da UERN relacionada com a formação de professores para o Estado do Rio Grande do Norte e para as cidades vizinhas dos estados do Ceará e da Paraíba.

Buscando atender sua vocação com qualidade, a UERN oferece ainda 22 cursos de especialização, frequentados por mais de 580 estudantes. Na pós-graduação stricto sensu, a UERN oferece atualmente 11 cursos de mestrado (Física, Ciência da Computação, Letras, Ciências Naturais, Educação, Serviço Social, Biologia Molecular, Ciências Sociais e Humanas e Saúde e Sociedade) e um curso doutorado em Letras, além de dois doutorados Interinstitucionais (DINTER) em Educação (com a UERJ) e em Geografia (com a UFPE). Na área de pesquisa, a instituição conta 64 grupos de pesquisa cadastrados, envolvendo 430 professores-pesquisadores. O progresso, na área do ensino e da pesquisa, também é visível no campo da extensão: são muitos os projetos aprovados, e grande o número de ações realizadas.

No entanto, os desafios ainda são muitos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Mossoró estima uma população de quase 500.000 pessoas, sendo, pois, o segundo município mais populoso do Estado e sua mesorregião, o Oeste Potiguar, possui quase 800.000 habitantes. Além disso, a região de Mossoró possui um amplo potencial econômico. Como alguns exemplos, podemos citar a fruticultura irrigada, a extração de sal e petróleo, o turismo e sua desenvolvida rede hoteleira, o comércio, o agronegócio e a indústria, representada por quase 400 empresas. Em acréscimo, os órgãos públicos, tanto no âmbito municipal, estadual como federal, representam uma boa fatia das possibilidades de trabalho na região, visando apoiar/fiscalizar as atividades econômicas citadas e proporcionar condições de uma vida digna para a população, através dos serviços públicos.

Dentre esses serviços públicos, o sistema educacional é o que se destaca. Assim, a ampliação do direito à educação para a população explícita na Constituição de 1988 e, especialmente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, que responsabiliza os municípios pelo ensino fundamental e os estados, preferencialmente, pelo ensino secundário, aponta para grandes contingentes de alunos a assumirem os bancos escolares. As referidas leis, que buscam garantir o acesso, aumentaram significativamente a demanda por profissionais da educação. A sociedade, porém, precisou exigir que esse acesso fosse acompanhado de um mínimo de qualidade. A demanda, desse modo, exige professores capacitados, críticos, situados historicamente, reflexivos, comprometidos com sua prática, com os saberes discentes e com a excelência de seu fazer.

Foi com o contínuo investimento público, respondendo a demanda existente (que, por sua vez, gerava mais demandas), que essa parte do nordeste brasileiro foi se tornando um consistente polo acadêmico, principalmente quando a UFRS (antiga ESAM) e o IFRN tomaram parte dessa construção. Com a UFRS e o IFRN, Mossoró e as cidades vizinhas foram tomadas por uma população de alunos, de docentes, de especialistas, de aprendentes em busca de oportunidades educacionais. A UERN, como parte importante deste polo acadêmico, assume o desafio. De acordo com o seu Plano de desenvolvimento Institucional da UERN (PDI), “esta constatação nos coloca diante da crescente responsabilidade de oferecer respostas às

demandas da Educação Básica no Estado, no sentido de efetivamente contribuir com a melhoria da qualidade desse nível de ensino” (SOUZA, 2008, p. 48).

Então, entendendo que a formação continua de professores está posta nas políticas educacionais brasileiras atuais como prioridade para a melhoria do ensino e da aprendizagem que vislumbramos a nossa participação no PROFENSINO. A formação do professor é um processo permanente de desenvolvimento profissional, como nos afirma Paulo Freire, e o espaço desta formação é a escola. Porém, para nós, esta escola precisa estar ancorada em práticas advindas das experiências, mas que devem ser sistematizadas. Sob essa ótica a importância da Universidade com seus cursos de pós-graduação. Formar-se é um processo que perdura toda a vida e a educação é condição básica para o seu torna-se humano, professor.

A educação, dessa forma, é condição para a construção de cidadania, do sujeito cidadão. Concernente com o pensamento freireano, nossa motivação para participar da Rede do PROFENSINO, para resumir, tem origem em três importantes sentimentos: 1. O reconhecimento de nosso potencial de atuação no nordeste brasileiro para a construção da formação de professores; 2. A certeza que o laço formativo envolve elementos da pesquisa acadêmica, mas que não pode se distanciar da reflexão e da prática escolar; quer dizer: fazer formação docente é um movimento escola-universidade, considerando que em ambas há espaço de ação e de reflexão; 3. A consciência de nossos limites. Juntos, numa Rede nacional de pesquisadores, professores, investigadores, entusiastas pela educação, a tarefa a ser executada terá mais possibilidade de êxito dado o fato de podermos contar com o intercâmbio, a experiência, a vontade e a cooperação de colegas das mais variadas universidades brasileiras, com histórias e caminhos consolidados pela práxis educacional, de forma coletiva e solidária. O PROFENSINO é para nós uma excelente oportunidade de construirmos parcerias, ao mesmo tempo que provocamos aprendizagens que serão refletidas em todos os espaços de saberes, com predominância, esperamos, na escola básica pública.

Experiências da Instituição com cooperação e intercâmbio oficializados

A UERN vem participando, sistematicamente, de efetivos programas de cooperação envolvendo, principalmente, os cursos de graduação, os programas de mestrado e doutorado, a educação básica e a comunidade escolar, de forma geral. São atividades de cooperação com órgãos públicos federais (como a CAPES, o CNPq, o MEC), com órgãos estaduais do Rio Grande do Norte (como a secretaria de educação básica, a diretoria regional de educação, as escolas e a FAPERN), com instituições de ensino superior de várias partes do Brasil (como a UERJ, a UFRJ, a UFPE, a UFC, a UFRN, a UEPB, a UECE etc.) e com instituições de cooperação internacional (como a Fundación Carolina, a Universidade de Valencia, a Universidade Complutense de Madrid). Abaixo, apresentamos os principais elementos das atividades cooperativas e de intercâmbios desenvolvidos que beneficiarão diretamente nossa participação no PROFENSINO.

1. PIBIC – EM: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (UERN/CNPq) envolve a Universidade no desenvolvimento de projetos de educação científica com estudantes do Ensino Médio nas escolas públicas de ensino regular da cidade de Mossoró e região. Anualmente a UERN, em parceria com o CNPq, disponibiliza 50 bolsas de iniciação científica júnior.
2. PIBITI: O Programa de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação foi criado em 2010 com o objetivo de contribuir para a formação e o engajamento de recursos humanos em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação. Este programa é dirigido às instituições de ensino e pesquisa que atuam na área tecnológica e de inovação e que mantêm comprovada interação com empresas e organizações sociais. O PIBITI ainda cria espaços mais definidos de atuação, especificando critérios e indicadores consistentes associados ao setor tecnológico e de inovação. Anualmente a UERN, em

parceria com o CNPq, disponibiliza 13 bolsas de iniciação científica voltadas para estudos em tecnologia e inovação.

3. PIBID: o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é promovido em parceria com a Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério de Educação (CAPES/MEC), a Secretaria de Educação Superior (SESU) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Visa integrar as universidades e as escolas públicas para a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica. O PIBID alcança todos os campi da universidade, com 16 cursos de licenciaturas em 31 subprojetos. São disponibilizadas bolsas para 668 graduandos e 132 professores das escolas.
4. Grupos de pesquisa - cooperação: Os professores elencados nessa proposta fazem parte de diversos grupos de pesquisa, cadastrados no CNPq. Os grupos têm mantido efetiva colaboração com outros grupos de pesquisa, visando realização de eventos com abrangências nacional e regional (como as três edições do Seminário Nacional do Ensino Médio – SENACEM) e a consolidação de nossa pesquisa, possibilitando a melhoria contínua da publicação qualificada do grupo. Podemos elencar, assim, parceria com grupos de pesquisa da UERJ, da UFC, da UEPB, da UNICAMP, da UFPI, da UFRN, da UFPB, entre outros.
5. Financiamento de pesquisas, eventos e bolsas: Nos últimos 5 anos, a UERN tem buscado o incremento de sua atuação com desenvolvimento contínuo da pesquisa, do ensino e da extensão. Como resultado desse empenho, os docentes da UERN, e seus respectivos grupos de pesquisa, tem alcançado boa visibilidade perante os órgãos financiadores. Especificamente relacionado ao grupo de professores PROFENSINO, podemos listar uma série de apoios financeiros advindos da FAPERN, do CNPq e da CAPES. Os apoios foram principalmente direcionados para os projetos de pesquisa, em editais de chamada nacionais, como o Universal e o de Ciências Humanas do CNPq e de apoio a eventos, como o PAEP da CAPES. Com a FAPERN, foi possível o apoio ao fortalecimento dos grupos de pesquisa da UERN e o de melhoria da escola pública numa ação que buscava aproximar a universidade do cotidiano escolar.
6. Pós-doutorados: Atividade de pós-doutorado realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no grupo de pesquisa Currículo e Cultura, sob a supervisão da Professora Dra. Alice Casimiro Lopes, com bolsa PDJ do CNPq, que propiciou o intercâmbio com um importante grupo de pesquisa em educação, e particularmente dos estudos sobre o currículo, no Brasil, com grande experiência na produção acadêmica qualificada, na intervenção nas entidades educacionais (como ANPED, ANFOP, ABCd) e com efetivo trânsito internacional. Possibilitou, assim, o aumento da produção acadêmica do docente (contribuindo com a melhoria de todo o grupo) e o intenso movimento de docentes, gerando encontros, palestras, seminários, minicursos. Por fim, a perspectiva de ampliação da cooperação se mantém efetiva, podendo contribuir muito mais para o grupo do PROFENSINO.
7. Revista Ensino Interdisciplinar (RECEI): a Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar (RECEI), periódico trimestral, revisado por pares, é uma publicação do “Grupo de Pesquisa Contexto e Educação” da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Tem como objetivo divulgar, discutir, promover e fomentar as publicações acadêmicas na área de Ensino, com foco principal no debate inter, multi e transdisciplinar da Ciência da Educação. Envolve, portanto, os estudos sobre o processo ensino-aprendizagem, os processos formativos e a própria formação docente, a avaliação na e da escola, as metodologias do ensino, as políticas públicas educacionais, a história e filosofia das disciplinas e da própria escola, as tecnologias, a escola e o desenvolvimento da sociedade contemporânea, as políticas curriculares e estudos que envolvam os sujeitos

que fazem parte da escola e de sua dinâmica de funcionamento. A mais, ainda se dedica à aspectos relacionados aos espaços não-escolares que desenvolvam, dialoguem ou mesmo neguem a função da escola na sociedade contemporânea.

28) Polo Assu – UERN

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Unidade acadêmica responsável: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Coordenação local: **FRANCILEIDE BATISTA DE ALMEIDA VIEIRA**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0771033292637600>

Email institucional: leidaalmeid@hotmail.com

Número de docentes: 06

Biblioteca/acervo:

PPG local na Área de Ensino: Mestrado profissional em Letras.

CORPO DOCENTE

1. Deny de souza Gandour
2. Francileide Batista de Almeida Vieira
3. Maria da Conceição Farias da Silva Gurgel Dutra
4. Maria da conceição Silva Dantas Monteiro
5. Marlucia Barros Lopes Cabral
6. Nádia Maria Silveira Costa de Melo

Dados institucionais:

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) é uma Fundação Estadual, fundada em 1968, possui seis campi e 11 núcleos. No âmbito da pós-graduação oferta 22 cursos de especialização, 11 cursos de mestrado e um de Doutorado, atendendo 481 estudantes. Na graduação, a UERN oferta 31 cursos atendendo 15 mil estudantes. No Campus de Assu funciona um curso de mestrado com 20 estudantes e seis cursos de graduação, com 800 estudantes. A UERN oferta cursos de licenciatura em Pedagogia, História, Letras/Português, Letras/Inglês (1974), Geografia (2012).

INFRAESTRUTURA

Serão disponibilizadas duas salas para docentes, bem como duas salas equipadas com computadores para alunos: 02 (17 computadores). O campus possui um Laboratório com equipamentos multi-usuários, um laboratório interdisciplinar -Mossoró/Assu - (adquiridos pelo edital LIFE), com diversos recursos disponíveis: Telão digital; Datashow; Computadores; Impressoras; Acervo bibliográfico; Carteiras; Birôs; Cadeiras; Mesas; Amostras de solos, rochas e minerais do RN; Mapas temáticos e acervo fotográfico do RN e materiais didáticos (PIBID).

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

A criação de um polo do curso de Mestrado Profissional em Ensino – PROFENSINO, no *Campus* da UERN, em Assú, se justifica pelo papel polarizador dessa cidade, que já atende a estudantes de vinte e dois municípios circunvizinhos. Por conseguinte, justifica-se, ainda, a presente proposta por este *Campus* ser um centro de formação de recursos humanos para a educação, com diferentes cursos de graduação e de pós-graduação *lato* e *stricto sensu* na área.

Além disso, a criação deste polo contribuirá para consolidar a meta 16 do Plano Nacional de Educação – Lei 13.005, de 25 de junho de 2014, que consiste em formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência do referido plano, garantindo a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.

Em acréscimo, constata-se uma grande demanda de candidatos interessados em cursar pós-graduação *stricto sensu*. Dessa forma, o Mestrado Profissional em Ensino (PROFENSINO) fortalecerá cada vez mais a Educação Básica e Superior na região com a formação de profissionais que nela atuam, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação em nosso país, em uma das regiões mais pobres e carentes desse nível de ensino.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

O corpo docente que constituirá o PROFENSINO tem experiência com cooperações acadêmicas consolidadas por meio de parcerias com outras universidades e sociedades científicas. Como exemplo disso, temos na presente proposta, a participação de uma professora membro do comitê gestor da Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação – AFIRSE; de pareceristas Ad-hoc para a Revista Educação em Questão (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Educação e Linguagem (Universidade Federal do Piauí).

Constata-se, ainda, a experiência de docentes em atividades de pesquisa, de extensão e de ensino, na educação básica, no ensino de licenciatura na graduação, com destaque às atividades inerentes ao PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - na área de Ensino de Língua Portuguesa e de Pedagogia e no ensino e pesquisas na pós-graduação.

Ademais, os docentes envolvidos na proposta lideram e participam de diferentes grupos de pesquisa na área, tais como: Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED), Práticas Discursivas, Linguagens e Ensino (PRADILE) e Estudos da Modernidade: processos de formação cultural.

29) Polo Fortaleza – UFC

Universidade Federal do Ceará

Unidade acadêmica responsável: Universidade Federal do Ceará

Coordenação local: **Diva Maria Borges-Nojosa**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5897985578504675>

Email: dmbnojosa@yahoo.com.br

Número de docentes: 08

Biblioteca/acervo: A Biblioteca Universitária (BU) tem um acervo de livros com 143.474 títulos e 298.459 exemplares, folhetos (2.851 títulos / 3.357 exemplares), teses (3.075 títulos / 4.205 exemplares), dissertações (10.627 títulos / 15.153 exemplares), periódicos (5742 títulos / 146262 exemplares), Fitas de Vídeo (265 títulos / 392 exemplares) e CD-ROM (143 títulos / 218 exemplares). A biblioteca tem acesso ao Portal de Periódicos CAPES.

PPG local na Área de Ensino: Mestrado Profissional de Ensino em Ciências e Matemática.

CORPO DOCENTE

1. Diva Maria Borges-Nojosa
2. Francisco Regis Vieira Alves
3. Isaías Batista de Lima
4. José Rogério Santana
5. Júlio Wilson Ribeiro
6. Maria Goretti de Vasconcelos Silva*
7. Maria Izabel Gallão
8. Maria Mozarina Beserra Almeida

Dados institucionais:

A Universidade Federal do Ceará (UFC) foi fundada em 1954 e possui sete campi: Campus do Benfica (Fortaleza), do Pici (Fortaleza), do Porangabuçu (Fortaleza), de Sobral, de Quixadá, de Crateús e de Russas. Possui 63 Programas de Pós-Graduação: (41 Especializações; 64 Mestrados; 41 Doutorados), atendendo 936 estudantes nos cursos de Especialização; 2.940 nos de Mestrado e 2.185 nos de Doutorado. A UFC tem o Programa de Mestrado Profissional de Ensino em Ciências e Matemática que fica no Campus do Pici. Em termos de cursos de graduação a UFC oferta 114 cursos.

Infraestrutura local:

A UFC, no campus de Pici, possui **uma sala para docentes, uma sala de secretaria e uma sala equipada com computadores para alunos**. Dispõe de **laboratórios dos Cursos de Graduação das áreas de Biologia (Departamento de Biologia), de Química (Departamento de Química Orgânica e Inorgânica), de Física (Departamento de Física), de Matemática (Departamento de Matemática e Departamento de Computação) e do Ensino**.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A INSTITUIÇÃO

O Mestrado Profissional em Ensino em Rede pode contribuir efetivamente para a melhoria da qualidade do ensino de ciências no Ceará, especialmente nos níveis fundamental e médio, oferecendo treinamento e apoio para professores e estudantes, num ambiente que terá como foco estimular a pesquisa e a experimentação. O estado do Ceará tem uma demanda expressiva de professores licenciados, sem nenhuma habilitação a nível de pós-graduação. Esses milhares de professores, se titulados, desenvolvendo pesquisas aplicadas em Ensino e no desenvolvimento de processos e produtos educacionais, na geração de dissertações, poderiam provocar impactos positivos nas salas de aulas das escolas da Educação Básica do Ceará. Estas inserções, que se transformam em dissertações e produtos educacionais, além de mudar o perfil dos alunos dessas escolas permitem ao professor-estudante estabelecer um ciclo de ensino e aprendizagem dinâmico, objetivo e inovador, fundamentando-se em metodologias e tecnologias apropriadas à realidade das escolas onde atuam e do cenário nacional.

30) Polo São Luís – UFMA

Universidade Federal do Maranhão

Unidade acadêmica responsável: Universidade Federal do Maranhão

Coordenação local: **MARIA CONSUELO ALVES LIMA**

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2614947342824264>

Email: **mconsuelo@ufma.br**

Número de docentes: 08

Biblioteca/acervo: A biblioteca possui livros das diversas áreas do conhecimento com 83.672 títulos e 275.966 exemplares, já o acervo na área de Física e suas interdisciplinaridades (química, matemática, biologia) apresenta 8.325 títulos e 34.234 exemplares. A biblioteca possui a assinatura de 1 periódico da área de Física com 17 exemplares; conta com o Portal de Periódicos da CAPES e assinatura de bases de dados que contém periódicos na área de Física e áreas multidisciplinares. A Biblioteca Central possui uma área física total de 2.692 m², sendo a área de 2.364m² de uso para leitura e estudo dos usuários. O acesso a todo o portal nas dependências da UFMA é livre, também é permitido acesso remoto via Café. A Biblioteca Central possui 17 computadores, sendo 10 exclusivos para autoatendimento do usuário. Todas as bibliotecas apresentam rede *wifi*.

PPG local na Área de Ensino: Ensino de Ciências e Matemática e três mestrados profissionais em Rede: PROFMAT, PROF-ARTES e em Ensino de Física - MNEPF.

CORPO DOCENTE

1. Andréa Martins Cantanhede
2. Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques
3. Joacy Batista de Lima
4. Maria Consuelo Alves Lima
5. Mariana Guelero do Valle
6. Silvete Coradi Guerini
7. Déa Nunes Fernandes[1] Docente Colaborador
8. Maria Célia Pires Costa[2] Docente Colaborador

Dados institucionais:

A UFMA é uma Universidade Federal, fundada em 1966 e conta com nove (9) campi. Tem 26 Programas de Pós-Graduação, sendo 24 no campus de São Luiz, envolvendo 1.183 estudantes de pós-graduação. Oferta 88 cursos de graduação, sendo 56 no campus de São Luiz, atende ao todo 23 mil estudantes na graduação, sendo 1.100 no campus de São Luis. Na área de ensino possui os cursos de Licenciatura em Física, Química e Matemática que foram criados em 1969 e o de Ciências Biológicas em 1981.

Infraestrutura local:

A UFRN disponibilizará oito (08) salas para docentes, três salas equipadas com computadores para alunos e um Laboratório com equipamentos multi-usuários.

IMPORTÂNCIA DA PROPOSTA PARA A SUA INSTITUIÇÃO

Os professores da rede pública da Educação Básica são responsáveis pela educação formal da grande maioria da população maranhense e, considerando que os mais altos déficits de profissionais estão nas disciplinas das ciências naturais (Física, Química, Ciências Biológicas) e da Matemática, o Mestrado Profissional em Ensino, com foco nas disciplinas citadas, pretende propiciar melhores condições para o desenvolvimento regional, Estado do Maranhão e no seu entorno, a partir da qualificação de professores da rede pública em exercício na Educação Básica.

Desde o ano de 2009 os estudantes de vários cursos de licenciatura da UFMA, dentre eles os das ciências biológicas, química, física e matemática participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Em 2014, a UFMA implantou 900 bolsas de iniciação à docência nos seus 9 *campi*. Dentre essas bolsas, 130 destinaram-se a estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas, 80 aos de Química, 50 aos de Física, 20 aos de Matemática e outras bolsas foram destinadas a estudantes dos cursos de licenciatura em Ciências Naturais, distribuídos em subprojetos multidisciplinares.

No Plano da UFMA, a implantação de um Polo do Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino será a oportunidade de continuar oferecendo qualificação para os professores graduados, interagindo com as escolas e: atendendo a grande demanda de professores da área de ciências naturais e matemática, atualmente em exercício na sala de aula de escolas na rede pública maranhense, os quais nunca teve qualquer qualificação na área profissional; estimulando os graduados para o exercício da profissão; e oferecendo perspectivas de aperfeiçoamento para os licenciandos durante a formação inicial.

Espera-se que o curso produza impacto sobre os alunos dos cursos das licenciaturas originários das três instituições públicas de ensino superior do Maranhão: Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, de áreas específicas relacionadas às ciências naturais e à matemática e, consequentemente, ocasionando maior procura pelos cursos destas licenciaturas, reduzindo a evasão e a retenção dos estudantes nos cursos das áreas a serem atendidas pelo mestrado.

Durante suas ações, o mestrado poderá promover articulações de pesquisa visando a construção de propostas de enfrentamento das dificuldades oriundas tanto das unidades escolares como das instituições de ensino superior.

Experiências da Instituição com Cooperação e intercâmbio oficializados

Atualmente a UFMA mantém em vigência 33 Convênios e/ou Programas com Universidades de 18 países. Conta com 38 Convênios e/ou Programas em processo de renovação e/ou em providências de contato.

REGIMENTO GERAL

PROFENSINO: ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL

CAPÍTULO I	- Das Finalidades
CAPÍTULO II	- Das Instituições Associadas e do Corpo Docente
CAPÍTULO III	- Da Organização e Coordenação Didática
CAPÍTULO IV	- Do Exame Nacional de Acesso e Ingresso Discente
CAPÍTULO V	- Das Atividades Curriculares e Dissertação
CAPÍTULO VI	- Dos Prazos e Requisitos para Conclusão
CAPÍTULO VII	- Das Disposições Gerais e Transitórias

CAPÍTULO I - DAS FINALIDADES

Artigo 1º - O Mestrado Profissional em Ensino e Interdisciplinaridade na Educação Básica em Rede Nacional (PROFENSINO) visa à qualificação de professores para o exercício da docência na Educação Básica, preferencialmente da rede pública de ensino, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país, tendo os seguintes objetivos gerais:

- a) proporcionar a formação continuada de professores, num processo de mobilização da sensibilidade, criatividade e autoconfiança, fundamentado na reflexão e na transformação da própria prática docente, de modo a contribuir, de forma significativa, para a melhoria referenciada da qualidade na Educação Básica;
- b) formar profissionais da educação capazes de promover inovação na escola e, de forma crítica e responsável, refletir acerca de questões relevantes sobre diferentes aplicações das ciências presentes na sociedade contemporânea, e de propor diferentes trabalhos com elas.

Artigo 2º - O PROFENSINO é um curso semipresencial com oferta nacional, no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que outorga o título de Mestre em Ensino, coordenado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e integrado por Instituições Federais e Estaduais de Ensino, denominadas Instituições Associadas.

Artigo 3º - O PROFENSINO tem como área de concentração “Ensino na Educação Básica e suas Tecnologias”, com as seguintes linhas de pesquisa:

- Linha 1- Ensino e aprendizagem na Educação Infantil;
- Linha 2- Ensino e aprendizagem nos primeiros anos do Ensino Fundamental;
- Linha 3- Ensino e aprendizagem nos últimos anos do Ensino Fundamental;
- Linha 4- Ensino e aprendizagem no Ensino Médio.

CAPÍTULO II - DAS INSTITUIÇÕES ASSOCIADAS E DO CORPO DOCENTE

Artigo 4º - O PROFENSINO é constituído por uma Rede Nacional de Instituições Federais e Estaduais de Ensino (IFEE) que atendem aos seguintes requisitos de qualidade acadêmica:

- a) Ter quadro de pessoal adequado e compatível para a oferta regular do curso com, no mínimo, 5 (cinco) docentes permanentes com titulação de Doutor, que atendam aos critérios de produção para integrar o núcleo docente;
- b) Dispor de infraestrutura adequada para a oferta regular do curso, apresentando espaço físico para coordenação e secretaria, professores, atividades didáticas, biblioteca, laboratórios e ferramentas de ensino a distância, compatíveis com o número de vagas a ser ofertado, de modo a atender no mínimo 1 (uma) linha de pesquisa do PROFENSINO;
- c) Apresentar adesão formal do dirigente máximo da instituição ou representante legalmente constituído, garantindo as condições plenas de funcionamento do curso.

§1º As IFEE que integram o PROFENSINO são denominadas de Instituições Associadas.

§2º O curso instalado pela IFEE numa determinada localidade em que ela mantenha campus acadêmico é denominado polo do PROFENSINO.

§3º A IFEE credenciada no PROFENSINO é responsável pela titulação de seus egressos.

§4º As Instituições Associadas podem instalar um ou mais polos do PROFENSINO, segundo critérios geográficos ou temáticos, ou sua organização multicampi.

§5º Diferentes Instituições podem se associar para instalar um polo do PROFENSINO, segundo critérios geográficos ou temáticos, garantidas as condições plenas de funcionamento do curso.

§6º Um polo de uma IFEE pode integrar docentes de outras IFEE, associadas ou não ao PROFENSINO, e de qualquer estado do país, na condição preferencial de docente colaborador, ou na condição de docente permanente desde que a parceria entre as instituições e a autorização da carga horária prevista para a atuação do referido docente sejam comprovadas documentalmente pelo dirigente máximo da IES ou seu representante legalmente constituído.

§7º A IFEE que não aderir ao PROFENSINO no momento da sua criação, poderá fazê-lo, atendendo a chamada pública específica, desde que cumpra os requisitos do caput deste artigo e seja aprovada pelo Comitê Gestor do PROFENSINO, tal como descrito no Capítulo III deste Regimento.

§8º Quando do lançamento da chamada de primeira turma do PROFENSINO, além das Instituições Associadas fundadoras, poderá ocorrer a inclusão de novas instituições, por meio de Chamada Pública, sob a responsabilidade do Comitê Gestor do PROFENSINO.

§9º O processo de seleção das Instituições Associadas é conduzido pelo Comitê Gestor do PROFENSINO. A avaliação das propostas está baseada, em particular, na adequação do corpo docente à proposta do PROFENSINO e da infraestrutura da instituição, bem como a contrapartida da integralização na atividade regular de ensino do docente a carga horária comprometida com o PROFENSINO, uma vez que não há remuneração adicional nem específica pela atuação docente no mestrado profissional em rede nacional.

§10º Poderá ser simplificada a associação de IFEE ao PROFENSINO com base em propostas de Programas de Pós-graduação em Ensino locais, já aprovados pela CAPES, mediante: (i) o compromisso da IFEE de ofertar as disciplinas obrigatórias do PROFENSINO, e (ii) abertura de vagas em disciplinas já ativas no Programa, que se alinhem ao escopo das linhas de pesquisa e dos projetos do PROFENSINO.

§11º A permanência de cada Instituição Associada está sujeita à avaliação quadrienal pelo Comitê Gestor do PROFENSINO, baseada fundamentalmente nos seguintes parâmetros:

- a) Efetiva execução do Projeto Pedagógico Nacional do PROFENSINO;
- b) Resultado positivo na formação de egressos;
- c) Qualidade da produção científica gerada pelo PROFENSINO na Instituição Associada;
- d) Disponibilidade de infraestrutura física e material compatível com o número de alunos;
- e) Qualidade e disponibilização das informações pertinentes para preenchimento da plataforma de avaliação da CAPES.

§12º Às Instituições Associadas caberão as despesas de deslocamento de quaisquer participantes do colegiado local, quando da necessidade de eventuais convocações.

Artigo 5º- O corpo docente do PROFENSINO em cada Instituição Associada é constituído por docentes permanentes e colaboradores.

§1º O núcleo permanente do Programa deve ter no mínimo 5 (cinco) docentes permanentes que atendam aos seguintes critérios:

- a) Ter obtido o título de Doutor;
- b) Ter vínculo contratual no quadro da/das IFEE participantes do polo, efetivo ou temporário, não sendo aceito vínculos precários;
- c) Ter disponibilidade para dedicar no mínimo 10 (dez) horas semanais às atividades de pesquisa e ensino do PROFENSINO, e preferencialmente de 12 a 20 horas, atuando em pelo menos uma das linhas de pesquisas oferecidas no respectivo polo;
- d) Ter formação acadêmica em Ensino/Educação, e/ou atuação como docente na Educação Básica e/ou nas licenciaturas, e/ou ter produção acadêmica e/ou técnica na Área de Ensino, coerente com a proposta do Programa, considerados os últimos 4 (quatro) anos, com registro na plataforma de currículos Lattes do CNPq;
- e) Comprovar no mínimo 2 (duas) experiências em orientação acadêmica concluídas na graduação (trabalho de conclusão de curso ou iniciação científica ou similar), e/ou iniciação científica no ensino médio, e/ou de pós-graduação *lato sensu*; e/ou no mínimo 1 (uma) orientação concluída de pós-graduação *stricto sensu*;
- f) Participar na condição de docente permanente de no máximo mais dois Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, além deste mestrado profissional;

g) Ser credenciado pela Comissão Acadêmica Nacional, homologado pelo Comitê Gestor do PROFENSINO e contribuir com suas Linhas de Pesquisa no seu polo Local;

§2º Poderão ser docentes colaboradores professores da IFEE polo ou de IFEE não associadas, a critério do colegiado local, com carga horária livre para dedicação ao Curso, e compromisso de atuação em disciplinas ou orientação de alunos.

§3º Os professores colaboradores devem atender ao estabelecido em portaria da CAPES, editada para tal fim.

§4º Recém-doutores sem vínculo contratual estável com a IFEE podem ser professores colaboradores em polos do PROFENSINO, compondo o quantitativo do corpo docente.

§5º A proporção entre docentes permanentes e colaboradores em cada Instituição Associada deve obedecer ao previsto no documento da área, que estipula no máximo 30% de colaboradores.

Artigo 6º - As Comissões Acadêmicas Regionais e a Comissão Acadêmica Nacional conduzirão semestralmente um processo de credenciamento, credenciamento e descredenciamento de docentes de modo a assegurar o pleno cumprimento dos requisitos referidos no §1º do Artigo 5º.

Artigo 7º - No credenciamento dos docentes deverão ser observados critérios que digam respeito a sua produção intelectual (acadêmica e técnica), a saber:

- a) Ter orientação concluída no PROFENSINO no quadriênio;
- b) Comprovar produção técnica/acadêmica resultante de orientação no PROFENSINO, segundo os parâmetros da Área de Ensino da CAPES;
- c) Ter ministrado ou colaborado em disciplina (s) no PROFENSINO no quadriênio.

CAPÍTULO III – DA ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO DIDÁTICA

Artigo 8º - O PROFENSINO, para fins operacionais e de coordenação, estrutura-se em quatro níveis, responsáveis pelo gerenciamento do curso:

- I. Comitê Gestor;
- II. Comissão Acadêmica Nacional;
- III. Comissões Acadêmicas Regionais;
- IV. Comissões Acadêmicas Locais.

§1º O Comitê Gestor do PROFENSINO poderá criar comissões temáticas de acordo com as necessidades. Tais comissões têm caráter executivo e são integradas por membros do corpo docente do Curso.

§2º As reuniões das diversas instâncias do PROFENSINO deverão ser documentadas em atas que atestem suas atividades e decisões, e que serão publicizadas no veículo

pertinente, assegurando transparência ao cumprimento de procedimentos e normas do Curso.

Artigo 9º - O Comitê Gestor constitui uma instância deliberativa e consultiva composta por cinco membros com mandato de quatro anos e possibilidade de uma recondução:

- I. Presidente, vinculado à instituição sede do PROFENSINO, e indicado pelo seu Reitor ou seu representante legalmente constituído.
- II. Um representante da Comissão Acadêmica Nacional, escolhido pelos pares, podendo ser ou não vinculado à instituição sede;
- III. Representante da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da instituição sede, indicado pela sua Reitoria, considerando-se a natureza do presente curso;
- IV. Dois representantes do conjunto de polos nos estados, indicados pela Comissão Acadêmica Nacional.

§1º O presidente do Comitê Gestor do PROFENSINO deve obrigatoriamente fazer parte da Comissão Acadêmica Nacional e é responsável pela montagem e convocação desse fórum, conforme a composição prevista nos itens II, III e IV deste Artigo.

§2º No caso de afastamento permanente ou temporário por mais de 06 (seis) meses de algum membro do Comitê Gestor do PROFENSINO, a Comissão Acadêmica Nacional deverá recompô-lo indicando sua substituição, no caso referente aos itens I e III, ou solicitando uma indicação à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da instituição sede, no caso referente ao item II.

Artigo 10º - São atribuições do Comitê Gestor:

- I. Manter o sistema de gestão do PROFENSINO;
- II. Homologar o credenciamento de Instituições Associadas, indicadas pela Comissão Acadêmica Nacional;
- III. Homologar a avaliação das Comissões Acadêmicas Locais, coordenada pela Comissão Acadêmica Nacional e executada pelas Comissões Acadêmicas Regionais, para fins de credenciamento e descredenciamento do seu corpo docente, bem como de manutenção de suas atividades;
- IV. Homologar a escolha do Coordenador Acadêmico Nacional e do Coordenador Adjunto;
- V. Homologar o Edital do Exame Nacional de Acesso ao PROFENSINO;
- VI. Garantir, em colaboração com o Coordenador Acadêmico Nacional, a elaboração e a realização dos Exames Nacionais de Acesso;
- VII. Alterar o presente regimento, por meio de proposta aprovada por maioria simples dos seus membros.

Artigo 11º - A Comissão Acadêmica Nacional é uma comissão deliberativa e executiva composta pelos seguintes membros com mandato de quatro anos e possibilidade de uma recondução:

- I. Coordenador Acadêmico, que preside a Comissão Acadêmica Nacional;
- II. Coordenador Adjunto;
- III. Coordenador da Região Norte;
- IV. Coordenador da Região Nordeste;

- V. Coordenador da Região Centro-oeste;
- VI. Coordenador da Região Sudeste;
- VII. Coordenador da Região Sul.

§ 1º - O Coordenador Acadêmico e o Coordenador Adjunto devem integrar o quadro efetivo da Instituição Gestora e atuar como docentes no PROFENSINO;

§ 2º - Os Coordenadores regionais são escolhidos pelos Coordenadores locais.

Artigo 12º - São atribuições da Comissão Acadêmica Nacional:

- I. Coordenar a organização e execução de todas as ações e atividades do PROFENSINO, visando sua excelência acadêmica e administrativa;
- II. Elaborar o Edital de Exame Nacional de Acesso ao PROFENSINO e encaminhar ao Comitê Gestor;
- III. Garantir, em colaboração com o Comitê Gestor, a elaboração e realização dos Exames Nacionais de Acesso;
- IV. Coordenar a distribuição de bolsas de estudos em consonância com os requisitos determinados pelas agências/fontes de fomento;
- V. Deliberar sobre as propostas de credenciamento e descredenciamento de docentes considerando o processo executado pelas Comissões Acadêmicas Regionais, a partir dos critérios de credenciamento estabelecidos pela Comissão Acadêmica Nacional e homologados pelo Comitê Gestor;
- VI. Apresentar proposta de credenciamento e descredenciamento de Instituição Associada, observando a finalidade do PROFENSINO e seu projeto acadêmico, em consonância com o referido nos Artigos 4º e 5º;
- VII. Coordenar um processo bienal de avaliação das Comissões Acadêmicas Locais, com base em relatório de desempenho (efetiva execução do Projeto Pedagógico Nacional do PROFENSINO, eficácia na formação de egressos, qualidade da produção científica do corpo docente e adequação da oferta de infraestrutura física e material), para fins de credenciamento do seu corpo docente e manutenção de suas atividades;
- VIII. Realizar encontro anual dos participantes do PROFENSINO;
- IX. Propor o calendário anual e a programação acadêmica;
- X. Manter a organicidade do PROFENSINO, observando sua finalidade e projeto acadêmico;
- XI. Deliberar modificações das ementas das disciplinas e dos requisitos para a conclusão do curso, propostas pelas Comissões Acadêmicas Locais;
- XII. Definir a forma e os critérios de avaliação das disciplinas;
- XIII. Definir a forma e os critérios da obrigatoriedade da frequência dos discentes em cada atividade;
- XIV. Definir os critérios de cancelamento da matrícula e desligamento de discentes no PROFENSINO;
- XV. Definir as sanções cabíveis às infrações disciplinares dos discentes;
- XVI. Definir o prazo máximo para a conclusão do mestrado pelo discente regularmente matriculado no PROFENSINO;
- XVII. Homologar a eleição do Coordenador Acadêmico Regional;
- XVIII. Elaborar e encaminhar relatório anual de gestão sobre suas atividades à Instituição sede, Instituições Associadas e Comitê Gestor.

Artigo 13º - A Comissão Acadêmica Regional é uma comissão deliberativa e executiva, composta pelos seguintes membros com mandato de quatro anos e possibilidade de uma recondução:

- I. Coordenador Acadêmico Regional, que preside a Comissão Acadêmica Regional;
- II. Coordenador Regional de Avaliação;
- III. Coordenador Regional de Bolsas;
- IV. Um representante, em nível regional, com direito à suplência, de cada uma das Linhas de Pesquisa que configuram o PROFENSINO.

§ 1º - A indicação do Coordenador Regional de Avaliação e do Coordenador Regional de Bolsas, que devem ser coordenadores acadêmicos locais, é feita pelo Coordenador Acadêmico Regional.

§ 2º - O representante de cada linha de pesquisa é um docente do PROFENSINO escolhido pelos docentes vinculados à respectiva linha.

Artigo 14º - São atribuições da Comissão Acadêmica Regional:

- I. Coordenar, organizar e executar em nível local as ações e atividades do PROFENSINO, nas Instituições Associadas;
- II. Representar, na pessoa do Coordenador Acadêmico Regional, o PROFENSINO junto aos órgãos nas instâncias federal, estadual e municipal;
- III. Constituir processos de avaliação de credenciamento e descredenciamento de Instituições Associadas e encaminhá-los à Comissão Acadêmica Nacional;
- IV. Coordenar a aplicação regional dos Exames Nacionais de Acesso ao PROFENSINO;
- V. Propor e deliberar, a cada período, a programação acadêmica regional;
- VI. Avaliar as disciplinas conforme os critérios definidos pela Comissão Acadêmica Nacional;
- VII. Apreçar e deliberar sobre recursos às deliberações das Comissões Acadêmicas Locais, conforme critérios definidos pela Comissão Nacional de Avaliação;
- VIII. Apoiar a realização de atividades complementares locais, tais como palestras e minicursos;
- IX. Executar a distribuição de bolsas de estudos em consonância com os requisitos determinados pelas agências de fomento;
- X. Coordenar processos de credenciamento e descredenciamento de docentes, a ser executados pelas Comissões Acadêmicas Locais, a partir dos critérios de credenciamento estabelecidos pela Comissão Acadêmica Nacional e homologados pelo Comitê Gestor;
- XI. Organizar atividades complementares, tais como seminários, fóruns, a serem realizadas no âmbito regional;
- XII. Garantir a articulação entre as Comissões Acadêmicas Locais;
- XIII. Homologar a eleição de Coordenador Acadêmico Local.

Artigo 15º - A Comissão Acadêmica Local é composta pelos seguintes membros:

- I. Coordenador Acadêmico local, que o preside.
- II. Um Colegiado composto pelo corpo docente.
- III. Um Representante discente.

§1º - O Coordenador Acadêmico Local é um docente permanente, escolhido pelos membros da Comissão Acadêmica Local, com mandato de quatro anos e possibilidade de uma recondução.

§2º - O Colegiado local, quando maior do que 5 (cinco) docentes, pode decidir fazer-se representar por um número menor do que o total de docentes do polo, com quantitativo decidido localmente, e escolha pelos pares.

§3º - O representante discente é escolhido pelos pares para um período de mandato de um ano.

§4º - As competências dos membros da Comissão Acadêmica Local são aquelas definidas nos Regimentos de Pós-Graduação de cada Instituição Associada.

Artigo 16º - São atribuições da Comissão Acadêmica Local:

- I. Coordenar, organizar e executar em nível local as ações e atividades do PROFENSINO, nas Instituições Associadas;
- II. Representar, na pessoa do Coordenador Acadêmico Local, o PROFENSINO junto aos órgãos da Instituição Associada;
- III. Coordenar a aplicação local dos Exames Nacionais de Acesso ao PROFENSINO;
- IV. Propor e deliberar a distribuição de carga didática entre os membros do corpo docente local;
- V. Organizar atividades complementares, tais como palestras e oficinas, a serem realizadas no âmbito do PROFENSINO;
- VI. Decidir sobre solicitações de trancamento e cancelamento de disciplinas;
- VII. Elaborar e encaminhar à Comissão Acadêmica Regional relatórios anuais de gestão sobre suas atividades e um relatório quadrienal de avaliação;
- VIII. Controlar a frequência dos discentes em cada atividade, conforme os critérios definidos pela Comissão Acadêmica Nacional;
- IX. Realizar cancelamento da matrícula e desligamento do discente no PROFENSINO, conforme os critérios definidos pela Comissão Acadêmica Nacional;
- X. Aplicar as sanções cabíveis às infrações disciplinares dos discentes, conforme definidas pela Comissão Acadêmica Nacional;
- XI. Garantir o fluxo de defesas no prazo estabelecido pela Comissão Acadêmica Nacional;
- XII. Executar processos de credenciamento e descredenciamento de docentes, coordenados pela Comissão Acadêmica Regional.

CAPÍTULO IV – DO EXAME NACIONAL DE ACESSO E INGRESSO DISCENTE

Artigo 17º A admissão de discentes no PROFENSINO se dá por meio de um Exame Nacional de Acesso, versando sobre um programa de conteúdo previamente definido e divulgado por um Edital.

§1º - O Exame Nacional de Acesso consiste num único exame, realizado pelo menos uma vez por ano, ao mesmo tempo, nas Instituições Associadas, pelas Comissões Acadêmicas Locais, sob a coordenação das Comissões Acadêmicas Regionais;

§2º - As normas de realização do Exame Nacional de Acesso, incluindo os requisitos para inscrição, os horários e locais de aplicação do exame, o número de vagas em cada Instituição Associada, e os critérios de correção são definidos por Edital elaborado pela Comissão Nacional Acadêmica;

§3º - A seleção dos discentes aprovados e a distribuição de bolsas de estudos em consonância com os requisitos determinados pelas agências de fomento se dão pela classificação dos candidatos no Exame Nacional de Acesso, consideradas separadamente as ofertas de vagas disponíveis pelas Comissões Acadêmicas Locais.

§4º - Os editais anuais de seleção explicitarão o requisito de apresentação de pré-projeto, antes ou depois do Exame Nacional de Acesso, em função de expectativas de demandas regionais diferenciadas.

Artigo 18º Podem se matricular no PROFENSINO diplomados em cursos de Licenciatura, e em cursos de Bacharelado acrescido de disciplinas pedagógicas, reconhecidos pelo Ministério da Educação, com atuação na Educação Básica que atendam às exigências do Edital de Exame Nacional de Acesso ao PROFENSINO.

Artigo 19º - Os discentes serão matriculados nas Instituições Associadas, responsáveis por emitir o Diploma de Mestre em Ensino, uma vez cumpridos todos os requisitos para conclusão deste curso.

CAPÍTULO V – DAS ATIVIDADES CURRICULARES E DISSERTAÇÃO

Artigo 20º - O PROFENSINO integralizará 540 (quinhentos e quarenta) horas de atividades, sendo 270 (duzentos e setenta) em disciplinas e 270 (duzentos e setenta) em atividades relativas à formação em estágio de pesquisa de campo (escola) e produção final dos cursistas (dissertação com produto aplicado ao ensino nos diferentes segmentos da Educação Básica).

§1º A Comissão Acadêmica Local deve garantir a oferta das disciplinas obrigatórias e eletivas, conforme definido no projeto acadêmico do PROFENSINO como um dos requisitos para integralização do curso, juntamente com a dissertação e o produto educacional.

§2º Todas as disciplinas eletivas do PROFENSINO são compartilhadas na rede, sendo facultado aos docentes a associação a disciplinas elaboradas e ofertadas por outro polo diferente do seu.

§3º A Comissão Acadêmica Local poderá validar créditos similares cursados em instituições participantes ou não do PROFENSINO, no Brasil ou no exterior, mediante reconhecimento de equivalência de conteúdo, carga horária, e respectivo docente coordenador com doutorado.

§4º O aluno que quiser cursar maior número de créditos em disciplinas eletivas poderá fazê-lo e ter seu histórico escolar integralizado com carga horária adicional à mínima (540 horas) requerida para conclusão do PROFENSINO.

§5º As descrições, ementas e bibliografias das disciplinas são discriminadas em um Catálogo de Disciplinas, anexo a este Regimento, e pode ser revisado pela Coordenação Acadêmica Nacional, sujeito à aprovação do Comitê Gestor do PROFENSINO.

§6º Os polos poderão oferecer um repertório maior de disciplinas eletivas do que o mínimo requerido para a conclusão do Curso.

Artigo 21º - A organização curricular deve observar rigorosamente o projeto acadêmico pedagógico do PROFENSINO, estruturado nas Linhas de Pesquisa referidas no Artigo 3º e estruturadas em macroprojetos que abordam, em cada segmento da Educação Básica, as seguintes temáticas:

- a) Linguagem e códigos e suas tecnologias;
- b) Ciências da natureza e suas tecnologias;
- c) Matemática e suas tecnologias;
- d) Ciências humanas e suas tecnologias.

Artigo 22º - A dissertação do PROFENSINO tem por objetivo traduzir o aprendizado ao longo do percurso de formação, bem como gerar conhecimento que possa contribuir para a reflexão sobre o ensino na Educação Básica, disseminado através de práticas pedagógicas que possam ser implantadas nas escolas.

§1º - A dissertação deve contemplar obrigatoriamente a apropriação dos estudos e debates recentes sobre os temas trabalhados no curso; a criticidade em termos do conhecimento e práticas acumuladas na área; e as possibilidades de produção e atuação na escola, que contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de Educação Básica. Para tal, ela constará de duas partes: uma parte crítico-analítica e uma parte propositiva.

§2º - A dissertação será realizada e avaliada em duas etapas. A primeira etapa corresponde ao exame de qualificação, que consiste da apresentação e defesa do projeto de dissertação, que deve contemplar necessariamente sua parte crítico-analítica. Trata-se de um texto no qual é preciso constar: a explicitação e justificativa do tema e problema de pesquisa; os objetivos do trabalho e as interlocuções teóricas privilegiadas, bem como o plano que especifica e justifica o formato da dissertação pretendida. Essa etapa deve estar concluída até o final do terceiro semestre, quando o aluno deverá apresentar e discutir o trabalho com uma banca formada por três professores, sendo um o orientador, e preferencialmente em um seminário coletivo local ou regional, onde os diversos mestrandos e respectivos orientadores possam se encontrar, interagir e dialogar, aproveitando tal momento para complementações e cooperações internas na rede do PROFENSINO. A segunda etapa corresponde à dissertação propriamente dita, em um dos formatos estabelecidos em conjunto com o orientador, que deverá ser defendido até o

final do quarto semestre do curso. A defesa deve ser feita em arguição pública, por banca qualificada, composta por três professores doutores, sendo ao menos um docente externo à Instituição Associada, da mesma cidade ou não.

§3º - O produto educacional deve ser descrito e referido na dissertação, e preferencialmente encartado como sua parte anexa, e pode assumir diferentes formatos como: Mídias educacionais – vídeo aulas, blogs, sites, áudio livros, entre outros; Protótipos – modelos, maquetes, experimentos, entre outros; Propostas de ensino; Material textual – fascículos, guias, livros didáticos e paradidáticos, entre outros; Materiais interativos – jogos e outros; Atividades de extensão – cursos curtos, coordenação de projetos, orientação em extensão e outros; Desenvolvimento de aplicativos; Programa ou entrevista de rádio e TV.

CAPÍTULO VI - PRAZOS E REQUISITOS PARA CONCLUSÃO

Artigo 23º - O curso de mestrado deverá ser concluído no prazo máximo de 24 (vinte e quatro) meses.

§1º O pedido de prorrogação de prazo para conclusão deverá ser encaminhado ao Colegiado de Curso, que analisará a solicitação tão somente à luz dos casos previstos em lei.

§2º Na solicitação de prorrogação o aluno deverá apresentar justificativa pelo não cumprimento do prazo e proposta de cronograma para conclusão do curso, acrescentando o material até então produzido.

Artigo 24º - Para a conclusão do PROFENSINO e obtenção do respectivo grau de Mestre, o discente deve integralizar, com aprovação, 36 (trinta e seis) créditos, incluindo as disciplinas obrigatórias e eletivas, o exame de qualificação do projeto e a dissertação.

Artigo 25º - A manutenção da bolsa de estudos pelo discente está condicionada à execução, em cada período letivo, do planejamento (percurso do programa) estabelecido no projeto acadêmico.

CAPÍTULO VII - DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Artigo 26º - O PROFENSINO será parcial ou plenamente implantado e desenvolvido mediante lançamento de Edital específico para chamada pública de vagas para a primeira turma, condicionado à obtenção do necessário financiamento para o custeio de bolsas para os alunos cursistas e do apoio operacional mínimo suficiente para docentes e coordenações, obtido a partir da pactuação entre instâncias do Sistema Nacional de Educação.

§1º As Instituições Associadas poderão regularizar a situação documental referente à sua participação no PROFENSINO até a data do lançamento do Edital de vagas para a primeira turma do Curso. Para polos novos é essencial a anuência institucional assinada pelo gestor máximo da Instituição ou seu representante legal. Para polos nos quais a IFEE já emite diplomas de Mestrado Profissional ou Acadêmico em Ensino, é essencial a anuência do gestor da Unidade Acadêmica que sedia o polo.

§2º Antes de cada processo seletivo, serão consideradas como prioritárias na expansão dos polos, do número de docentes e da oferta de vagas, as manifestações formais de apoio do gestor máximo da IFEE, ou de seu representante legalmente constituído, expressando a intenção de participar do PROFENSINO, após a tramitação completa do processo de análise do pedido de uma de suas Unidades Acadêmicas para constituir um polo, atendido o expostos nos Artigos 4º, 5º, 6º, 7º.

§3º Instituições que estejam com alguma pendência em sua situação referente ao IGC ou à UAB só poderão participar da oferta de vagas no primeiro edital de seleção após a regularização plena dos referidos processos e atendimento a todas as condições de associação ao PROFENSINO.

§4º Devido à dimensão do Sistema Nacional de Educação, em construção como diretriz do Plano Nacional de Educação, bem como ao interesse diferenciado de Municípios e Estados por incorporar a oferta de vagas do PROFENSINO à suas políticas expressas nos Planos Estaduais e Municipais de Educação, diferentes soluções de fomento poderão ser encontradas; as pactuações com os diversos entes federados referentes a esse tema serão conduzidas pelo Comitê Gestor do PROFENSINO, apoiado pela CAPES e pelas Comissões Acadêmicas, Nacional e Regionais.

Artigo 27º - O PROFENSINO utilizará no mínimo um semestre e no máximo um ano para a preparação do seu primeiro edital de chamada pública de vagas, incluindo atividades:

- a) De integração entre seus doutores docentes, caracterizadas como estágios curtos de pós-doutorado;
- b) De interação entre seus polos, com visitas técnicas e estágios de intercâmbio e cooperação entre Instituições Associadas na rede;
- c) De preparação de material didático para ações presenciais e a distância;
- d) De compartilhamento de estratégias e de boas práticas consagradas na experiência prévia dos Programas de Pós-Graduação da Área de Ensino;
- e) De integração com as instâncias responsáveis pela UAB para a maior facilitação possível das atividades à distância.

Artigo 28º - Em sua fase de implantação, além da atualização semestral do corpo docente prevista no Artigo 6º, poderão ocorrer chamadas públicas extraordinárias para ampliação de docentes nos polos, bem como do número de polos em municípios não constantes do PROFENSINO, de modo a aportar mais vagas e oportunidades numa implantação mais tardia, e a não prejudicar a aceleração prevista na meta 16 do Plano Nacional de Educação com a operação plena do PROFENSINO.

Artigo 29º - O Plano de Expansão do PROFENSINO levará em conta, no mínimo, consultas às seguintes instâncias e organizações:

- a) Demais cursos de Mestrado Profissional das Áreas de Ensino e de Educação;
- b) Redes de cooperação implantadas pela CAPES para fortalecimento da Educação Básica (Rede Novos Talentos, Rede Nacional de Educação e Ciência, Rede de Observatórios da Educação, Rede de Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores, Rede Nacional de Ciência para a Educação, entre outras iniciativas da CAPES, do Ministério da Educação e do Sistema Nacional de Educação);
- c) As instituições públicas envolvidas com a formação de professores em licenciaturas diversas, particularmente os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e seus campi interiorizados no país;
- d) Pesquisadores participantes de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT) com experiências de sucesso em educação e divulgação científicas;
- e) Redes diversas de educação não formal e de divulgação científica;

Artigo 30º - Uma vez submetida a proposta à CAPES, serão constituídas Comissões Pró-Tempore para todas as instâncias de estruturação do PROFENSINO, que conduzirão seu processo de organização e implantação no caso da aprovação da proposta pelas instâncias pertinentes.

Artigo 31º - Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Acadêmica Nacional, com possibilidade de recurso ao Comitê Gestor do PROFENSINO.

Artigo 31º - Este Regimento entra em vigor a partir da data da sua aprovação pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da CAPES.

ANEXO – PROFENSINO: Catálogo de Disciplinas, com ementa e carga horária.
Referente ao Artigo 20º do Regimento Geral do PROFENSINO

ANEXO

PROFENSINO: Catálogo de Disciplinas, com ementa e carga horária. Referentes ao Artigo 20º do Regimento Geral do PROFENSINO

Apresentação

O Catálogo de Disciplinas do PROFENSINO busca apresentar aos interessados no programa a lista completa, com ementas e bibliografias, de todos os seus elementos comuns, e toda a diversidade e variedade que os 38 Polos podem oferecer, expondo seu potencial. As propostas foram formuladas livremente pelos diversos Polos e serão objeto de discussão no 1º Seminário nacional do PROFENSINO, para troca de experiências e eventual convergência de conteúdos programáticos entre disciplinas afins.

INDICE

	Página
A) Disciplinas e atividades comuns a todos os polos	003
B) Disciplinas eletivas por polo geográfico , com ementas e bibliografias	
Região Sudeste	010
Regiões Norte e Centro Oeste	106
Região Nordeste	196
Região Sul	245
C) Lista de títulos das ELETIVAS	
Eletivas em ordem alfabética	281
Eletivas por Polo Geográfico	295
Eletivas para aprofundamento metodológico	309
Eletivas em Tecnologias na/para o Ensino	310
Eletivas em Dt&I E Produtos e Materiais Educativos	311

REGIÃO SUDESTE: 10 polos

1. Polo Rio de Janeiro 1- UERJ/CAP – Inst. de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (RJ)
2. Polo Rio de Janeiro 2- IFRJ - Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (RJ)
3. Polo Niterói 1- UFF - Universidade Federal Fluminense– Diversidade e Inclusão (RJ)
4. Polo Niterói 2- UFF - Universidade Federal Fluminense – Química (RJ)
5. Polo Seropédica - UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RJ)
6. Polo Juiz de Fora - UFJF/CAP - Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)
7. Polo Uberlândia - UFU/CAP ESEBA - Escola de Ed. Básica da Un. Fed. de Uberlândia (MG)
8. Polo Santo André - UFABC- Universidade Federal do ABC (Santo André/SP)
9. Polo Campinas - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (Campinas/SP)
10. Polo Guaratinguetá - UNESP/RC – Univ. Est. de São Paulo (SP)-com Bauru e Rio Claro

REGIÕES NORTE E CENTRO OESTE: 12 polos

11. Polo Belém 1 - UFPA/ CAP - Escola de Aplicação / Universidade Federal do Pará (PA)
12. Polo Belém 2- UEPA - Universidade Estadual do Pará (PA)
13. Polo Marabá – UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PA)
14. Polo Ji-Paraná - UNIR - Univ Federal de Rondônia (RO)
15. Polo Araguaína- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)
16. Polo Arraias- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)
17. Polo Porto Nacional- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)
18. Polo Cáceres - UNEMAT - Universidade do Estado De Mato Grosso (MT)
19. Polo Cuiabá –UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso (MT)
20. Polo Sinop - UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso (MT)
21. Polo Goiânia- UFG/IME- Universidade Federal de Goiás – Inst.de Matemática e Estatística (GO)
22. Polo Inhumas – GO – IFG-UEG (polo misto) – Inst. Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (GO)- Universidade Estadual de Goiás

REGIÃO NORDESTE: 8

23. Polo Ilhéus/Porto Seguro: UESC – UFSB (polo misto)/Universidade Estadual de Santa Cruz; UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia (BA)
24. Polo Salvador – UFBA-UEFS-UFVC- Universidade Federal da Bahia com Vitória da Conquista e Feira de Santana (BA)
25. Polo Maceió -UFAL -Universidade Federal de Alagoas (AL)
26. Polo Pau dos Ferros/Patu - UERN- Univ do Estado do Rio Grande do Norte (RN)
27. Polo Mossoró - UERN- Univ do Estado do Rio Grande do Norte (RN)
28. Polo Assu – UERN- Univ do Estado do Rio Grande do Norte (RN)
29. Polo Fortaleza - UFC - Universidade Federal do Ceará (CE)
30. Polo São Luís -UFMA - Universidade Federal do Maranhão (MA)

REGIÃO SUL: 08 polos

31. Polo Londrina: UEL/ Universidade Estadual de Londrina (PR)
32. Polo Curitiba: UFPR-UTFPR (polo misto)/Universidade Federal do Paraná e Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PR)
33. Polo Paranavaí - UNESPAR- IFPR (polo misto)/Univ. Estadual do Paraná e Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia do Paraná(PR)
34. Polo Ponta Grossa - UTFPR/Universidade Federal Tecnológica do Paraná (PR)
35. Polo Maringá- UEM/ Universidade Estadual de Maringá– (PR)
36. Polo Florianópolis 1- IFSC/ Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (SC)
37. Polo Florianópolis 2- UFSC/CAP – Universidade Federal de Santa Catarina (SC)
38. Polo Pelotas- IFSul/CaVG- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Visconde da Graça (RS)

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS COMUNS A TODOS OS POLOS

BLOCO COMUM:

- 150 HORAS DE DISCIPLINAS
- 270 HORAS DE ATIVIDADES DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

COTIDIANO ESCOLAR E INTERDISCIPLINARIDADE – 90 HORAS

EMENTA: O cotidiano escolar como locus de ação e investigação. Sujeitos da escola. Cultura e conhecimento na escola: as diretrizes curriculares da Educação Básica e o cotidiano escolar. Currículo como construção cotidiana. Significados de interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade no cotidiano escolar: principais abordagens epistemológicas e práticas pedagógicas na Educação Básica. Temas interdisciplinares emergentes e repercussões no cotidiano escolar (exemplos: bullying, violência, resiliência, gênero, ética, inclusão, saúde, dentre outros). Integração teórico-metodológica dos conteúdos disciplinares específicos com os didáticos, histórico-filosóficos da Ciência, as teorias de aprendizagem e de tecnologias de informação e comunicação em práticas profissionais. Construção de abordagens para o Ensino em situações de aprendizagem (momentos curriculares) na atuação profissional, com bases científicas em pesquisas de didáticas específicas (exemplos: Transposição Didática, Modelagem no Ensino e aprendizagem, Unidades Didáticas, Sequências Didáticas, Ilhas de racionalidade, Unidades Estruturantes, Situações de Aprendizagem, dentre outros). O Plano Nacional de Educação 2014-2024: desafios e oportunidades para transformação no cotidiano escolar.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): um a dois em cada polo

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRÉ, M. (org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP, Papirus, 2011.
- ANDRÉ, M. (org). Pesquisas sobre a escola e pesquisa no cotidiano da escola. EccoS, São Paulo, v. 10. N. ESPECIAL, p. 133-145, 2008.
- BARREIROS, C. H. Investigar a ação docente frente às diferenças, operando com a noção de jurisprudência pedagógica. In: Vera Candau. (Org.). Didática: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2009, v. , p. 99-120.
- BATISTA, Irinéa de Lourdes. Reconstruções Histórico-Filosóficas e a pesquisa interdisciplinar em Educação Científica e Matemática. In: A pesquisa em ensino de ciências no Brasil: alguns recortes. Organizador: Roberto Nardi. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.
- BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; Haas, C. M. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: políticas e práticas na formação de professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. 176 p.
- BRASIL, Plano Nacional de Educação – PNE. LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm
- CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DELOU, C. M. C.; GUIMARAES, I. M.; CORTES, C. E. S. OLIVEIRA, R. D. V. L.; MARINHO, L. P.; OLIVEIRA, R. M. M.; RODRIGUES, C. R.; CASTRO, H. C. . A Educação Inclusiva e a Escola de Inclusão: (In) Formando para Continuamente Formar. Fio da Ação, v. 2, p. 51-71, 2012.
- DURAN, Marília. C. G. Uma leitura do cotidiano escolar com Michel de Certeau. In: International Studies on Law and Education 12 set-dez 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto.
- FAZENDA, I. C. A. Didática e interdisciplinaridade. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 192 p.

FAZENDA, I. C. A. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 173 p.

GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Trad. Francisco Pereira, Ed. UNIJUÍ – Ujuí, 1998.

CRECCI, V. M.; FIORENTINI, D. . Desenvolvimento Profissional de Professores em Comunidades com Postura Investigativa. *Acta Scientiae*, v. 15, p. 9-23, 2013.

GLAT, R. ; PLETSCHE, Márcia Denise . O papel da Universidade no contexto da política de Educação Inclusiva: reflexões sobre a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento. *Revista Educação Especial (UFSM)*, v. 23, p. 345-356, 2010.

JAPIASSÚ, H. O Sonho Transdisciplinar e as Razões da Filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006. 240 p.

MANDARINO, Marcia. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. *Revista Brasileira de Educação*, No 26, Maio /Jun /Jul /Ago 2004.

MACEDO, E. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. *Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso)*, v. 42, p. 716-737, 2012.

MOREIRA, Marco Antonio. Unidades de Ensino Potencialmente Significativas - UEPS. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/>>.

NICOLESCU, B. O Manifesto da transdisciplinaridade. Trion: São Paulo, 1999. Disponível em <http://www.ruipaz.pro.br/textos/manifesto.pdf>, acesso de 25 fev. 2015.

NICOLESCU, Basarab & cols. *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensados praticados. In: *Revista Científica e-curriculum*, v. 9, n. 2, 2012.

PIMENTA, Selma Guarido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Guarido (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.15-38.

PHILIPPI JR., Arlindo ; FERNANDES, V. . Práticas da Interdisciplinaridade no Ensino e Pesquisa. 1. ed. São Paulo: Manole, 2014. v. org. 783p .

SANTOS, B.S. - Um discurso sobre as ciências. 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2008

SANTOS, Wildson; AULER, Décio (Org.). *CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisa*. Brasília: UNB, 2011.

TELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por definição abrangente. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, v. 18, p. 41-52, 2010.

PESQUISA EM ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE: MÉTODOS, TENDÊNCIAS E INOVAÇÕES - 60 HORAS

EMENTA: O conceito de campo científico. Perspectivas clássicas da ciência: empirismo, racionalismo, positivismo, funcionalismo, estruturalismo, fenomenologia e pós-modernismo. Perspectivas contemporâneas de pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: paradigma indiciário, paradigma emergente. O Ensino como campo de investigação e de pesquisa-ação. A Área de Ensino no Brasil e na CAPES, desenvolvimento e perspectivas: discussão sobre os princípios, valores e práticas da Área de Ensino da CAPES e comparações com as demais Áreas; diferenças e convergências entre as Áreas de Ensino e de Educação. Abordagens teórico-metodológicas no ensino e na aprendizagem nos diferentes segmentos da Educação Básica: ciências, artes e tecnologias. Saber comum e saber científico; verdade, evidência e certeza. Formação de professores a partir de construção de repertórios e contextualizações, de conhecimento didático plurimetodológico do conteúdo e saberes prático-reflexivos. Metodologia científica; abordagens quantitativas e qualitativas para análise de dados; elaboração da pesquisa e tipos de pesquisa; hipóteses; conceito de variável; terminologia científica; análise e síntese; a importância dos modelos em ciências; ciência e refutabilidade; análises de discursos: métodos clássicos e inovações. Criatividade e interdisciplinaridade: manifesto arteciência e a metaformação do método científico; modelagem simbólica 5D e aplicações na Educação Básica. Discussão de teses, dissertações e artigos científicos e/ou divulgação científica. Dissertações e produtos/processos: escolha do tema; estrutura da dissertação e planejamento do produto. Abordagem dos conceitos básicos de investigação científica, dos métodos e das técnicas de coleta e análise de dados com aplicação ao ensino.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): um a dois em cada polo

BIBLIOGRAFIA:

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1999.

ARAÚJO, J. L.; BORBA, M. C. Construindo Pesquisas Coletivamente em Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ARAÚJO-JORGE T. C. Ciência e Arte: encontros e sintonias. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004. v. 1. 296p.

ARAÚJO-JORGE T. C. e ROÇAS, G. Documento de Área – ENSINO – CAPES, 2013. Disponível em <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/documento-de-area-e-comissao>.

BACHELARD, G. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000

BAUER, Martin, W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e sons: um manual prático. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

BARROS, M. D. M.; ZANELLA, P. G. ; ARAÚJO-JORGE, T. C. A música pode ser uma estratégia para o ensino de Ciências Naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Impresso), v. 15, p. 81, 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BICUDO, M. A. V. A pesquisa interdisciplinar: uma possibilidade de construção do trabalho científico/acadêmico. Educação Matemática Pesquisa, v. 10, p. 137-158, 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/viewFile/1647/1064>.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

DEMO, Pedro. Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

EL ANDALOUSSI, Khalid. Pesquisas-Ações: ciência, desenvolvimento, democracia. Trad. de M. Thiollent. São Carlos: EdUSCar, 2004.

FOUREZ, G, et al. Alfabetización científica y tecnológica. Acerca de las finalidades de la enseñanza de las ciencias. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Colihue, 1997.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 2010.

_____. Estudo de caso. São Paulo: Atlas, 2009.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.22, n.2, p.201-210, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2010.

HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. A (1998) Organização do currículo por projetos de trabalho; o conhecimento é um caleidoscópio. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2001.

MOREIRA, Marco Antonio. Pesquisa em Ensino: aspectos metodológicos e referenciais teóricos. Editora Pedagógica e Universitária (1990).

MORIN, Edgar. A Via Para o Futuro da Humanidade. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2013.

NUNES, L. A. R. Manual da monografia: como se faz uma monografia, uma dissertação, uma tese. São Paulo: Saraiva, 2002.

ORLANDI, E. P. (1999). Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes.

POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1999.

RIBEIRO, Andrea da Silva Marques. Design e redesign de curso online na perspectiva da Teoria da Atividade. Polifonia (UFMT), v. 19, p. 59, 2012.

ROOT-BERNSTEIN, Bob; SILER, Todd; BROWN, Adam; SNELSON, Kenneth. ArtScience: Integrative Collaboration To Create a Sustainable Future Interdisciplinary. Disponível: http://www.diatrope.com/rfm/leo_thinks/root-bern11.pdf.

SOUSA, J. As sete teses equivocadas sobre conhecimento científico: reflexões epistemológicas. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/cec_vol_8_m326108.pdf>.

ZABALA, Antoni. Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo. São Paulo. Artmed. 1999.

SEMINÁRIOS E ORIENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO I – 30H- OBR- COMUM

EMENTA: Problemática da realidade, formulação de problemas de pesquisa e elaboração teórico-metodológico de um projeto integrado (pesquisa – ensino - extensão) inovador. Bases conceituais e históricas da metodologia científica. Dinâmica do conhecimento científico e suas implicações nos níveis social e individual. Seminários regulares dos grupos de pesquisa e dos programas de pós-graduação em ensino e interdisciplinaridade ofertados na localidade presencialmente, ou pela rede do PROFENSINO à distância, realizados no primeiro semestre do curso. Integração prática de conhecimentos abordados nas disciplinas obrigatórias e eletivas do PROFENSINO. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): cada docente com os discentes a ele vinculados; interação e integração de docentes e grupos de pesquisa locais

BIBLIOGRAFIA:

Conjunto de referências aberto e livre, dependendo dos temas a serem abordados e da orientação local.

Bibliografia complementar:

SILVA, Marilda e VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.) Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer Editora UNESP Cultura Acadêmica, 2010

DEMO, Pedro. Introdução à Metodologia da Ciência. Ed. Atlas 1985,

KOSSO Peter A Summary of Scientific Method. Springer, 2011

GAUCH Jr, HG. Scientific Method in Practice. Cambridge University Press, 2003.

SEMINÁRIOS E ORIENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO II – 30H- OBR- COMUM

EMENTA: Definição e elaboração de intervenções didático-pedagógicas a serem desenvolvidas no campo de atuação profissional. Delimitação de objetos de investigação. Indução e dedução. Formulação de hipóteses verificáveis. Aspectos Éticos. Abordagens qualitativas e quantitativas escolhidas para o projeto. Etapas de elaboração e desenvolvimento de Projeto de Pesquisa e do desenvolvimento do produto possível para o mestrando; Identificação e contextualização dos problemas. Justificativa e relevância do problema em diferentes campos (e.g. acadêmico, socioambiental, econômico, entre outros). Teses e hipóteses. Articulação entre os campos teóricos e empíricos da pesquisa: sínteses possíveis. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): cada docente com os discentes a ele vinculados; interação e integração de docentes e grupos de pesquisa locais

BIBLIOGRAFIA:

Conjunto de referências aberto e livre, dependendo dos temas a serem abordados e da orientação local.

Bibliografia complementar:

DEMO, P. Pesquisa como processo educativo. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. Pesquisa e Construção do Conhecimento. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1994.

_____. Pesquisa. Princípio Científico e Educativo. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2002.

FREIBERGER RM, BERBEL NAN. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. Cadernos de Educação 37: 207 – 245. 2010.

GIL A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS 2013, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO CIENTÍFICO, DISSERTAÇÃO E TESE : de cada Instituição Associada

MINAYO M. C. S. et al. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 1994.

SEMINÁRIOS E ORIENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO III – 30H- OBR- COMUM

EMENTA: Apresentação formal do projeto a ser pesquisado. Recursos humanos e infraestrutura necessários e disponíveis, e seu papel na seleção da abordagem metodológica da pesquisa. Desenho de pesquisa/experimental; Estratégias de captação de recursos para fomento do projeto. Discussão coletiva dos projetos dos discentes locais. Seminários regulares dos grupos de pesquisa e dos programas de pós-graduação em ensino e interdisciplinaridade ofertados na localidade presencialmente, ou pela rede do PROFENSINO à distância, realizados no segundo semestre do curso. Integração prática de conhecimentos abordados nas disciplinas obrigatórias e eletivas do PROFENSINO. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): cada docente com os discentes a ele vinculados; interação e integração de docentes e grupos de pesquisa locais

BIBLIOGRAFIA:

Conjunto de referências aberto e livre, dependendo dos temas a serem abordados e da orientação local.

Bibliografia complementar:

DEMO, P. Pesquisa como processo educativo. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. Pesquisa e Construção do Conhecimento. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1994.

_____. Pesquisa. Princípio Científico e Educativo. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2002.

FREIBERGER RM, BERBEL NAN. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. Cadernos de Educação 37: 207 – 245. 2010.

GIL A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS 2013, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO CIENTÍFICO, DISSERTAÇÃO E TESE : de cada Instituição Associada

MINAYO M. C. S. et al. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 1994.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA I /DISSERTAÇÃO I -60H - OBR- COMUM

EMENTA: Aplicação do Projeto Integrado no campo de atuação profissional. Interpretação e análise de dados. Divulgação de resultados. Formação de recursos humanos. Planejamento de retorno de resultados à sociedade. Discussão coletiva dos projetos dos discentes locais. Críticas Científicas. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização. A Comissão Acadêmica Local adaptará livremente a ementa às condições de oferta da atividade.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): cada docente com os discentes a ele vinculados; interação e integração de docentes e grupos de pesquisa locais

BIBLIOGRAFIA:

Conjunto de referencias aberto e livre, dependendo dos temas a serem abordados e da orientação local.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA II/DISSERTAÇÃO II -60H - OBR- COMUM

EMENTA: Aplicação do Projeto Integrado no campo de atuação profissional. Interpretação e análise de dados. Divulgação de resultados. Formação de recursos humanos. Retorno à sociedade. Discussão dos projetos. Críticas Científicas. Articulação entre os campos teóricos e empíricos da pesquisa: sínteses possíveis. Apresentação formal do projeto a ser pesquisado. Formação integrada de alunos de ensino médio, graduação e de especialização.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): cada docente com os discentes a ele vinculados; interação e integração de docentes e grupos de pesquisa locais

BIBLIOGRAFIA:

Conjunto de referencias aberto e livre, dependendo dos temas a serem abordados e da orientação local.

DISSERTAÇÃO III -60H - OBR- COMUM

EMENTA: Análise e interpretação dos dados obtidos na aplicação do Projeto Integrado. Elaboração da dissertação e do produto final do Mestrado Profissional. Produção de artigo a ser publicado, quando for o caso. Defesa Pública.

Proposta por: Comissão Acadêmica Nacional

Professor(es): cada docente com os discentes a ele vinculados; interação e integração de docentes e grupos de pesquisa locais

BIBLIOGRAFIA:

Conjunto de referencias aberto e livre, dependendo dos temas a serem abordados e da orientação local.

DISCIPLINAS DOS POLOS DA REGIÃO SUDESTE

REGIÃO SUDESTE: 10 polos

POLO	NUMERO DE DISCIPLINAS	Página
Polo 01 Rio de Janeiro 1- UERJ/CAP – Inst. de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (RJ)	28	11
Polo 02 Rio de Janeiro 2- IFRJ - Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (RJ)	03	37
Polo 03 Niterói 1- UFF - Universidade Federal Fluminense– Diversidade e Inclusão (RJ)	13	39
Polo 04 Niterói 2- UFF - Universidade Federal Fluminense – Química (RJ)	03	47
Polo 05 Seropédica - UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RJ)	04	51
Polo 06 Juiz de Fora - UFJF/CAP - Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)	08	54
Polo Uberlândia - UFU/CAP ESEBA - Escola de Ed. Básica da Un. Fed. de Uberlândia (MG)	11	69
Polo Santo André - UFABC- Universidade Federal do ABC (Santo André/SP)	02	82
Polo Campinas - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (Campinas/SP)	04	84
Polo Guaratinguetá - UNESP/RC – Univ. Est. de São Paulo (SP)-com Bauru e Rio Claro	04	99

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NA SEDE - UERJ -POLO 1- CAP-UERJ

A CULTURA VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA - DAS ABORDAGENS CURRICULARES AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS -60H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Ensino Curricular de Artes Visuais e História da Arte. Cultura visual e Novas tecnologias. Crítica e Criação Estética. Diálogos transdisciplinares e interdisciplinares. Avaliação. Referências bibliográficas.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Cristiane de Faria Pereira Arcuri

BIBLIOGRAFIA:

- ARGAN, G. Arte Moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- ARNHEIM, R. Arte e percepção visual. São Paulo, Pioneira, 1980.
- Associação Objeto Brasil. Um olhar sobre o design brasileiro. São Paulo, SENAI, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. A arte educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. Arte-Educação: conflitos/acertos. São Paulo: Max Limonad, 1984.
- _____. Arte-Educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- _____. Ensino da Arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. John Dewey e o ensino da Arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____; SALES, H. M. (Org.). O ensino da arte e sua história. São Paulo: MAC--USP, 1990.
- BARTHE, R. Sistema da moda. São Paulo, Edições 70, 1999.
- BAUDRILLARD, J. O sistema dos objetos. São Paulo, Perspectiva, 1993.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, Obras escolhidas, v.1, 1985 e 2008.
- BORDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- BRASIL. Lei n.º 5.692/71. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasília, 1971.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Documento Introdutório. Brasília: MEC/SEF, 1998c.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998d.
- BUORO, A. B. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2003.
- CHIPP, H. B. Teorias da Arte Moderna. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- COUTINHO, R. Qual o lugar da arte na educação? In CHRISTOV, L.H.S. e MATTOS, S. R. Arte-educação: experiências, questões e possibilidades. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2006.
- DERDYK, E. Formas de pensar o desenho. Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. São Paulo, Ed. 34, 1998.
- DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DUARTE JR, J. F. Por que Arte-Educação? Campinas: Papirus, 1983.
- FABBRINI, R. A arte depois das vanguardas. Campinas, UNICAMP, 2002.
- FERRAZ, M. H.; FUSARI, M. F. Metodologia do ensino da arte. São Paulo: Cortez, 1993.

FISCHER, E. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FUSARI, M. F.; FERRAZ, M. H. A arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

GARCEZ, L. Explicando a arte brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria e a prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. São Paulo, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999. 4

GOMES FILHO, J. Gestalt do objeto – sistema de leitura visual da forma. São Paulo, Escrituras, 2000.

_____. Design do objeto – bases conceituais. São Paulo, Escrituras, 1995.

HADDAD, A. A arte de fazer arte. São Paulo: Saraiva, 1990.

HERNÁNDEZ, F. Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2002.

MARTINS, M.C. et al. Didática do ensino de arte: a língua do mundo, poetizar, fruir e compreender arte. São Paulo: FTD, 1998.

OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987.

PLAZA, J. Tradução Intersemiótica. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2003.

PORCHER, L. Educação artística: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

STANGOS, N. Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

ZANINI, W. História Geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. 2 v.

ABORDAGENS REPRESENTACIONAIS: SUBSÍDIOS E FUNDAMENTAÇÕES PARA PROJETOS ESCOLARES – 60H- ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: A Escola como território representacional. Histórico das principais correntes da Teoria das Representações Sociais (TRS). Abordagens e instrumentalizações sobre a TRS. Embasamentos, processos e técnicas investigativas em Representações Sociais (RS). Aplicações da Teoria das Representações Sociais no campo educacional. Aspectos da pesquisa no cotidiano escolar, por meio dos atores e objetos que produzem ações, práticas e processos relacionais que criam e recriam, formam, mantém e transformam as condutas produtoras de saberes do senso comum e do conhecimento científico, no âmbito escolar. Processos de partilha social, construção cognitiva, afetiva e de significação das RS no ensino, na aprendizagem, na gestão e nas redes de socialização escolar.

Proposta por: Polo 01: CAp-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Lincoln Tavares Silva

BIBLIOGRAFIA:

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. & OLIVEIRA, D.C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB Ed. 2000. 2ª Ed., p. 27-38.

ALMEIDA, Leda Maria de. Representações Sociais e Prática Pedagógica no processo de construção identitária. In: SANTOS. M. F. S. S. & ALMEIDA, L. M. Diálogos com a Teoria da Representação Social. Recife: EDUFPE/EDUFAL. 2005, p.161-200.

BAUER, W. Martin & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Vozes: 2008.

CANÁRIO, Rui. O que é a escola? Um “olhar” sociológico. Porto: Porto Editora LDA., 2005.

DUVEEN, Gérard. Crianças enquanto atores sociais: as Representações Sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (Org.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1995. p.261-293.

FLAMENT, Claude. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D. (org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 173-186, 2001.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de Conteúdo. Brasília: Liber Livro Editora, Série Pesquisa, v. 6, 2008.

GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D.(Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 321-342.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). As representações Sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Os contextos do saber : representações, comunidade e cultura. Petrópolis : Vozes, 2008.

MADEIRA, Margot Campos. Representações Sociais e Educação: importância teórico-metodológica de uma relação. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). Representações Sociais: teoria e prática. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2001. p. 123-144.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003, 407p.

NÓBREGA, Sheva Maia da; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. O teste de Associação Livre de Palavras. In: COUTINHO, M. P. de L.; LIMA, A. S.; OLIVEIRA, F. B.; FORTUNATO, M. L. (orgs.). Representações sociais: abordagem interdisciplinar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 67-77.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Pontuando idéias sobre o desenvolvimento metodológico dos Estudos de Representações Sociais nas Pesquisas Brasileiras. Rev. Brasileira Enfermagem, v.58, n.1, p.86-90, 2005.

ORDAZ, Olga. & VALA, Jorge. Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In: MOREIRA, A. S. P. & OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representações sociais. Goiânia: AB-Editora, 2000. p. 87-114.

PEREIRA, Francisco José Costa. Análise de dados qualitativos aplicados às representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V. JESUINO, J. C. & NÓBREGA, S. M. Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa: UFPB, p. 25-60, 2005.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de Pesquisa em Representações Sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998(a).

SOUSA, Clarilza Prado de. Representaciones sociales y el imaginario de la escuela. In: ARRUDA, A. y ALBA, M. Espacios imaginarios y representaciones sociales: aportes desde Latinoamérica. Rubi (Barcelona): Anthropos Editorial: México, p. 199-231. 2007.

TRINDADE, Zeidi Araujo e SOUZA, Luiz Gustavo Silva. Gênero e Escola: reflexões sobre representações e práticas sociais. In: ALMEIDA, M. O. & JODELET, D. (orgs.) Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. Brasília: DF: Thesaurus, p. 225-244. 2009.

TURA, Luiz Fernando Rangel. AIDS e estudantes: a estrutura das representações sociais. In: JODELET, D. e MADEIRA, M. (orgs.) Aids e representações sociais: à busca de sentidos. Natal: Editora UFRN, 1998. p.121-54.

EMENTA: Esta disciplina aborda os processos de *(re)*produção identitária e de poder na educação e no(s) currículo(s), o que permite por sua vez a problematização da História da África especialmente frente ao Ensino Escolar e a sua relação com a Formação Inicial e Continuada de Professores. Objetiva abordar algumas das principais discussões e produções acerca do Ensino de História da África refletindo sobre conceitos fundamentais e temas no tempo e suas possíveis abordagens em sala de aula. Pontuar, para além de temas da história africana, aspectos do contexto atual da educação básica relacionando-os como os limites da perspectiva sobre o Ensino de História da África, do Currículo para a Educação Básica e seus impactos na formação, olhares e práticas docente/discente.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Hilton Meliande De Oliveira, Jose Roberto Da Silva Rodrigues, Noeci Carvalho Messias

BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. "Subsídios para uma leitura crítica dos PCNs e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africanas". SOCIEDADE MINEIRA DE CULTURA ENTIDADE MANTENEDORA DA PUC. Dirigido aos alunos do Curso ENSINO DE HISTÓRIA e CULTURA AFRO-BRASILEIRA, como parte das ações do CEFOR PUC Minas, 2006.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- APPLE, Michael W. Ideologia e Currículo. Porto: Porto Editora, 1999.
- CANDAU, Vera – Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, Vera & MOREIRA, Antônio Flávio. Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, PP 13-37.
- BELLUCCI, Beluce (coord.). Introdução à História da África e da Cultura Afro-Brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.
- BITTENCOURT, Circe Maria F. "Ensino de História: Fundamentos e Métodos" São Paulo. Ed Cortez, 2004.
- FLORENTINO, Manolo. Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e história. 7ª. edição. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GILROY, Paul. O Atlântico negro. SP: Editora 34, 2001.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/Representação da UNESCO, 2003.
- HERNANDEZ, L. L. A África na sala de aula: visita à História Contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- KI-ZERBO, J (coord.). História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. SP/Paris: Ática/UNESCO, 1982.
- LIMA, Mônica. "História da África: temas e questões para a sala de aula". Cadernos Penesb, n. 7. Niterói/Rio de Janeiro. EDUFF/Quartet, 2006.
- _____. "Como os tantãs na floresta: Reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil". In: Saberes e fazeres, v.1: modos de ver. A cor da Cultura - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MATTOS, Hebe Maria; ABREU - Em torno das "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas" – Uma conversa com historiadores. Revista Estudos Históricos, Vol. 21, No 41 2008

M'BOKOLO, Elikia. África Negra: história e civilizações. Tomo II. (Do século XIX aos nossos dias). São Paulo, Salvador: Casa das Áfricas, Edufba, 2009

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores de História: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2007.

MOREIRA, Antônio Flávio & CÂMARA, Michele Januário – Reflexões sobre currículo e identidade implicações para a prática pedagógica". In: : CANDAU & MOREIRA. Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, PP 38-65.

MUANANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.

NUNES, Selma do Carmo. Concepções de mundo no ensino da história. Campinas: Papirus, 1996.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões da literatura didática" Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº3, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. História da África e dos Africanos na Sala de aula. As perspectivas para a formação dos professores de História quando a diferença se torna obrigatoriedade curricular. (Tese de Doutorado) PUC-Rio: Departamento de Educação, 2010.

PEREIRA, Amaury Mendes - Emergência e ruptura. Uma abordagem do movimento negro na sociedade brasileira. Tese submetida ao corpo docente do curso de Pós-Graduação em História da África, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, UCAM, 1988.

SILVA, Alberto da Costa e. A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão de 1500-1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM NOS ANOS INICIAIS – 60 H- ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Dimensão histórica da relação escola e alfabetização. Concepções de alfabetização e de aprendizagem, perspectivas de abordagem dos processos de construção da leitura e da escrita: a psicolinguística, os estudos construtivistas, sócio-interacionistas e a abordagem discursiva; o conceito de letramento e suas implicações para a prática alfabetizadora. A linguagem como objeto de conhecimento: língua e linguagem. Relações entre oralidade e escrita. Variação linguística e língua padrão. O conceito de diálogo e a constituição da linguagem.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Cláudia Hernandez Barreiros Sonco, Jone Carla Baiao, Adriana Demite Stephani

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochinov). Marxismo e Filosofia da Linguagem. 8a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEF, 2007.

FERREIRO, Emília. A Psicogênese da Língua Escrita. São Paulo Artes Médica, 1980.

FOUCAMBERT, Jean. A Leitura em Questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

SOARES, Magda. Linguagem e Escola. Uma Perspectiva Social. São Paulo, Ática: 1986.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. Além da alfabetização: A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. São Paulo: Ática, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ARTES NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: A disciplina tem como objetivo contextualizar o aprendizado das artes no Ensino Médio, refletir sobre suas práticas na contemporaneidade e entender as ferramentas e tecnologias que hoje estão à disposição de alunos e professores. Panorama do aprendizado das artes no Ensino Médio: história da arte, artes visuais, fotografia e cinema. A escola na era digital: ferramentas e tecnologias. A imagem na sala de aula. Arte e interatividade: professor e alunos em rede. Projeto prático.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Johannes Andreas Valentin

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, Ana Mae, A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____, Arte/educação contemporânea. São Paulo: Cortez, 2006.

BENJAMIN, Walter, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, John, Ways of seeing. Penguin USA, 1991.

BURDICK, Anne; DRUCKER, Johanna; LUNENFELD, Peter et. al, Digital Humanities. Cambridge: MIT Press, 2012.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.), Educação e Arte: as Linguagens Artísticas Na Formação Humana. Campinas: Papirus Editora, 2008

JENKINS, Henry, Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, Pierre, Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio, Arte em Questões. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

ASPECTOS ATUAIS EM BIOLOGIA E OS DESAFIOS EM SALA DE AULA – 60 H- ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Relação do estudo da Biologia com o cotidiano e a tecnologia do século XXI. Biotecnologia e suas aplicações no cotidiano. Produção de energia e energias alternativas. O futuro da água. O problema do lixo. Produção de alimentos e agronegócios. Alimentação e doenças. Biofármacos e perspectivas em saúde. Células-tronco. Biologia forense. Biopolímeros e meio ambiente. Dentro desses temas, os pós-graduandos irão escolher notícias divulgadas tanto na mídia, quanto nas principais revistas de divulgação científica nacionais. A partir daí se dará o debate da notícia, buscando a adequação do tópico na rotina da sala de aula. A cada tópico debatido, será fornecido a base teórica necessária.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Carolina Tavares Schumann

BIBLIOGRAFIA:

Almeida, M. R.; Borém, A.; Franco, G. R. Biotecnologia e Saúde. Ed. Folha de Viçosa Ltda, 2004.
Espósito, B.P. DNA e Engenharia Genética. Ed. Atual Leff, E. Saber ambiental: sustentabilidade racionalidade, complexidade, poder. Ed. Vozes. 2001. França, J.P.; Ogliari, K.S. *Células-tronco – Ciência, Tecnologia e Ética*. Ed. Revinter. 2012.
Miller, J. Tyler, G. Ciência Ambiental. Ed. Thomson Learning. 2006.
Pierce, B.A. Genética - Um Enfoque Conceitual. Ed. Guanabara Koogan. 2011.
Ulrich, H.; Colli, W.; Ho, P. L.; Faria, M.; Trujillo, C. A. Bases moleculares da biotecnologia. Ed. Rocca, 2008.

ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOLÓGICOS QUE SUBSIDIAM O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Aspectos estruturais da língua portuguesa. Fonemas e morfemas: análise estrutural. Padrão silábico. Vocábulo fonológico. Vocábulo morfológico. Conceito de palavra. Oralidade e escrita.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Claudia Hernandez Barreiros Sonco, Adriana Demite Stephani

BIBLIOGRAFIA:

AZEREDO, José Carlos. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Publifolha, 3ª ed. 2010.
BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
CAGLIARI, Luís Carlos. Alfabetização e lingüística. São Paulo. Editora Scipione, 2000.
JUNIOR, Mattoso Câmara. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
LIMA, Rocha. Gramática normativa da Língua Portuguesa. 35ª ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1972.
CUNHA, Celso & LINDLEY, Cintra. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
LEMLE, Miriam. Guia Teórico do Alfabetizador. Editora Ática, 1990.

DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA: A TOMADA DE DECISÕES NA AÇÃO – 60 H- ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: A disciplina pretende promover a reflexão sobre os desafios que se apresentam na relação entre ensino e aprendizagem, no contexto escolar, visando discutir a necessidade da articulação de diferentes áreas de conhecimento que conjuntamente com a teoria Didática são mobilizadas na ação, diante das diversas situações que ocorrem na complexidade do cotidiano da sala de aula, possibilitando a tomada de decisões para planejar, organizar, direcionar, analisar, redirecionar e avaliar as intervenções pedagógicas desenvolvidas na prática. Como estratégia prioritária será realizado o estudo de textos e a análise de vídeos de situações reais de intervenções pedagógicas gravadas em salas de aula das séries iniciais do ensino fundamental.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Maria da Conceição de Carvalho Rosa

BIBLIOGRAFIA:

- CASTORINA, J. et ali. Piaget- Vygotsky. Novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARLOT, B. Da relação com o saber Elementos para uma teoria. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- COLL, C. et ali. O Construtivismo na Sala de Aula. São Paulo: Ática, 1998.
- FERREIRO, E. A psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. O ingresso na escrita e nas culturas do escrito. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho. O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- REGO, T. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana. In: AQUINO, J. Indisciplina na escola. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- MACEDO, L. Ensaios pedagógicos. Como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.
- PRADO, G.; SOLIGO, R. Porque escrever é fazer história. São Paulo: Alínea, 2007.
- PIAGET, J. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- SALVADOR, C. Aprendizagem escolar e construção de conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- VYGOTSKY, L. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZABALA, A. Enfoque globalizador e pensamento complexo. Uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ZUNINO, D. A Matemática na escola: aqui e agora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM PAULO FREIRE – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Quem foi Paulo Reglus Neves Freire. Concepções de educação na visão freireana. O que é educação popular. Experiências da década de 1960 e a contribuição para a educação popular. Contribuições de Paulo Freire para a educação na atualidade.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Andrea da Paixão Fernandes

BIBLIOGRAFIA:

- BEISIEGEL, Celso de Rui. Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos. Brasília: Liber Livro, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ação cultural para a liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

EMENTA: A formação do professor e seu papel na difusão do saber geográfico no nível básico de ensino. Análise crítica do currículo escolar da Geografia e das metodologias de ensino. Linguagens e metodologias aplicadas à educação geográfica.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Rejane Cristina de Araújo Rodrigues

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, R.D. de. O Espaço Geográfico. Ensino e Representação. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Brasília:MEC/SEF. 1998.
- CANDAU, V. (org).Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro:DP&A, 2000.
- CASTELLAR, S.(org).Educação geográfica:teorias e práticas.São Paulo:Contexto, 2005.
- CASTRO, I. E. et al (orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CASTROGIOVANNI, A. C. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- COSTA, M. (org). O currículo nos limiões do contemporâneo. Rio de Janeiro:DP&A, 2002.
- ESTEBAN, M. ; ZACCUR, E. (Org) Professora-pesquisadora: uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FAZENDA, Ivani (Org) Didática e interdisciplinaridade. 7ªed. Campinas: Papyrus, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. Teoria Histórico-Cultural e Metodologia de Ensino: para aprender a pensar geograficamente. Anais do XII ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA (EGAL). Universidad de la República, Montevideo, Uruguay abril/2009.
- LOPES, A. R. C.; MACEDO, E. (org.) Currículo: debates contemporâneos. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.
- MACHADO, N. J. *Educação: projetos e valores*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- MONBEIG, Pierre. Papel e Valor do Ensino da Geografia e de sua Pesquisa. Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira, São Paulo:Difel, 1957.
- MONTEIRO, Ana Maria. Professores: entre saberes e práticas. Educação & Sociedade, vol.22 no.74 Campinas Abr./2001.
- NÓVOA, Antonio. Formação de Professores e Profissão Docente. Sistema Integrado de Bibliotecas Repositório. Universidade de Lisboa. In NÓVOA, António, coord. - "Os professores e a sua formação". Lisboa : Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.
- OLIVEIRA, Cesar Alvarez Campos de. O Atlas como Recurso Instrumental para se "Pensar o Espaço". In: V ENEGE- Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor, Presidente Prudente. 2003.
- PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. 1997.
- PRADO, Maria Elisabett B.B. Pedagogia de Projetos: fundamentos e implicações. In Tecnologia, Currículo e Projeto. Portal MEC.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender geografia. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, J F & HOFFMANN J & ESTEBAN, M T. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Ed. Mediação. 2003.
- TEDESCO, Maria Teresa et alli (org.). Leitura e Escrita: a prática docente do Sistema Colégio Militar do Brasil na perspectiva dos Multiletramentos. Rio de Janeiro:Publit. 2012.
- VESENTINI , José William. Repensando a Geografia Escolar para o Século XXI. São Paulo: Plêiade. 2009.

ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO FORMAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Problematicar e conceituar espaços educativos não formais. Relacionar espaços educativos não formais ao ensino de história particularmente aos museus comunitários e ecomuseus, dando ênfase à construção da história e memória locais e ao possível fortalecimento identitário. A dimensão educativa dos museus tradicionais, comunitários e ecomuseus. Analisar os “lugares de memória” como espaços educativos não formais relacionando-os aos movimentos sociais e à produção de saberes. As parcerias com a escola.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Helena Maria Marques Araújo

BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BELLAIGUE, Mathilde. From the “integral museum” to an integrated museum. S/l, s/d (mimeo).
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiróz, 1979.
- BRANDÃO, Zaia. Os ciclos das abordagens em pesquisa e a impropriedade das ortodoxias metodológicas. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- CANDAU, Vera Maria (org.). Diferenças culturais e Educação. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. _____ . Educação Intercultural na América latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- _____. Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAZELLI, Sibeles, VERGARA, Moema. O passado e o presente das práticas de educação não formal na cidade do Rio de Janeiro. In: I Encontro de História da Educação do estado do Rio de Janeiro. Niterói - Rio de Janeiro. CD-ROM do IEHed - RJ. 2007.
- CHAGAS, Mário. MEMÓRIA E PODER: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. 2000. Site: www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.
- _____. MEMÓRIA E PODER: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia no 19, v.19, jun. 2002.
- _____. Museu, Memórias e Movimentos Sociais. In: Museus Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento. Revista Museu. 2008. ISSN 1981-6332
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo : EDUSC, 1999.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 7ª edição. Editora São Paulo: DP&A, 2002.

_____. Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais. Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rüdger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOBBSAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Los museos y sus visitantes. [Espanha]: Ediciones Trea, 1998. p. 189-222.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In: Enciclopédia Einaundi. Memória - História, v.1, 1990.

MARANDINO, Martha. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos.vol. 12 suppl.0 Rio de Janeiro: 2005. Print ISSN 0104-5970.

MESQUITA, Cláudia. Algumas reflexões sobre o potencial pedagógico dos museus da cidade do Rio de Janeiro para a construção do conhecimento em história nos ensinos fundamental e médio. Site com Anais da Anpuh,- XII Encontro Regional de História.

MOREIRA, Antonio e CANDAU, Vera (orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, n. 10, dez. 1993.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, v. 2, n.3, 1989.

PRIOSTI, Odalice Miranda. A dimensão político-cultural dos processos museológicos gestados por comunidades e populações autóctones. Mesa Redonda: Cultura, meio ambiente e museologia na construção do conceito de ecomuseu. In: Seminário de implantação do Ecomuseu da Amazônia e do pólo museológico de Belém/PA. 8-10 de junho de 2007.

_____. Ecomuseus e museus comunitários: processos de apropriação/gestão patrimonial para o desenvolvimento local e para comunidades sustentáveis. In: Segundo Congresso Internacional de casos exitosos: Educación para el desarrollo de SOCIEDADES SUSTENTABLES. Boca del Rio, Veracruz, México, mayo 2008.

_____; VARINE, Hugues de. O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. Cadernos de Museologia, no 28, 2007.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Maria Cecília T. Moura. Encontros museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. Apolo e Dionísio no Templo das Musas: Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. Dissertação de Mestrado. ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____(org). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRILLA, Jaume e GANEM, Elie. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

VARINE, Hugues de. “A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972”. In: Araújo, Marcelo M. e Bruno, Maria Cristina O. (orgs.). A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995 (mimeo).

_____. “O museu comunitário é herético?”. In: Jornal Quarteirão- no 67, Maio/Junho 2006. Rio de Janeiro: p. 12-15. Disponível em [www.interactions-online .com](http://www.interactions-online.com) – março/abril, 2005.

VIEIRA, Antonio Carlos Pinto. Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço da Maré. Dissertação de Mestrado. Memória Social, Rio de Janeiro, 2008.

**INDICADORES SOCIAIS E ENSINO DE EDUCAÇÃO BÁSICA NAS METRÓPOLES BRASILEIRAS – 60
H - ELE – Polo 01- UERJ**

EMENTA: Desigualdades e indicadores sócios educacionais fluminenses – Construção e evolução histórica. Formas de escolarização e sociabilidade – Projetos e tensões entre o poder público e a sociedade civil. Sociedade e Educação nas principais regiões metropolitanas do País. Oportunidades educacionais e formação de professores – questões atuais. Objetiva compreensão do caráter histórico e espacial dos indicadores sócio educacionais em regiões metropolitanas, bem como das associações com determinados projetos e experiências de escolarização nas últimas décadas. Evidenciar a relação entre desenvolvimento econômico-social e condições de escolarização para as regiões metropolitana à luz dos atuais desafios para a educação básica no país.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Helena Maria Marques Araujo, Jose Roberto Da Silva Rodrigues, Leonardo Ayres Padilha

BIBLIOGRAFIA:

FILHO, Luciano Mendes de Faria; VIDAL, Diana Gonçalves – Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Rev. Bras. Educ. no.14 Rio de Janeiro maio/ago. 2000.

FONSECA, S. G.; GATTI JR, D. – Perspectivas do Ensino de História: Ensino, Cidadania e Consciência Histórica. Uberlândia: Edufu, 2011.

FRANCO, C.; ALVES, F. e BONAMINO, A. - Qualidade do ensino fundamental: políticas, suas potencialidades, seus limites. Educ. & Soc., Campinas, Vol.28, n. 100 – Especial, p.989-1014, out. 2007.

FRANCO, C; BESSA, N. BONAMINO (orgs) Avaliação da Educação Básica. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2004.

FRANCO, C.; ALVES, M. T. G. – A pesquisa em Eficácia Escolar no Brasil. In: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (orgs) – A Pesquisa em Eficácia Escolar no Brasil: Origens e Trajetórias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GARCIA, A. dos S. – Desigualdades Raciais e segregação Urbana em Antigas Capitais: Salvador, Cidade de D'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum. Rio de Janeiro: Garamon, 2009.

HASENBALG, C. – Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

KOSLINSKI, M. C.; RIBEIRO, L. C. Q.; ALVES, F.; LASMAR, C. – Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares. Rio de Janeiro (Observatório das cidades), Letra Capital, 2010.

MOURA, R.; DELGADO, P. R.; RIBEIRO, L. C. Q. (org) – Integração dos Municípios Brasileiros à Dinâmica de Metropolização. Rio de Janeiro (Observatório das cidades): Letra Capital, 2014.

RIBEIRO, C. A. C. – Desigualdade de Oportunidades no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm: 2009.

RIBEIRO, L. C. Q.; KAZTMAN, Ruben. (orgs.) A cidade contra a Escola: Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

RIBEIRO, L. C. Q.; (org.) O futuro das metrópoles e governabilidade. Rio de Janeiro: Revam, 2000.

RIBEIRO, L. C. Q.; KOSLINSKI, M. C.; ALVES, Fátima - Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares. Rio de Janeiro (Observatório das cidades), Letra Capital, 2010.

RIBEIRO, M. G.; COSTA, L. G.; RIBEIRO, L. C. Q. (org) – Estrutura Social das Metrôpoles Brasileiras. Rio de Janeiro (Observatório das cidades), Letra Capital, 2013.

PAIXÃO, M.; ROSSETTO, I.; MONTOVANELE, F.; CARVANO, L. M. (orgs.) – Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil 2009-2010. Rio de Janeiro: Garamond Universitária/LAESER/ie.UFRJ, 2012.

SOARES, J. F. – Melhoria do Desempenho Cognitivo dos Alunos do Ensino Fundamental. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 135-160, jan./abr. 2007

ROMÃO, J. (org) – História da Educação do Negro e outras histórias. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: MEC, 2005.

SILVA, C. A. da; CAMPOS, A. – Metrôpoles em Mutação: Dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2008.

THEODORO, M. (org) – As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília: IPEA, 2008.

INSTRUMENTAÇÃO PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS NATURAIS EM ESPAÇOS ESCOLARES E EXTRAESCOLARES – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: A natureza das Ciências e o Ensino das Ciências Naturais no contexto escolar. Trabalhando a natureza do método científico com os alunos. Propostas de atividades de participação ativa dos alunos na construção do significado do Conhecimento Científico. Os conhecimentos biológicos, físicos, químicos, geológicos e astronômicos e a interdisciplinaridade. A Prática Pedagógica e o Alfabetismo Científico. A problemática ensino-aprendizagem em Ciências. A participação ativa dos alunos: desenvolvimento do interesse, da criatividade e do espírito crítico e reflexivo. Metodologias, recursos e produção de materiais didáticos para o ensino de ciências naturais. Atividades em espaços escolares e extraescolares. Atividades laboratoriais.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto

BIBLIOGRAFIA:

BIZZO, N. Ciências: fácil ou difícil? São Paulo: Editora Ática, 2ª ed., 2002.

CANTO, E.L. Coleção Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano. São Paulo: Moderna, 1999.

CAZELLI, S. Alfabetização Científica e Processos Educativos. *Perspicillum*. MAST-Rio de Janeiro, v.6 n.1, p.75-104, 1992.

COLL, C. e Cols. Os Conteúdos na Reforma: ensino, aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 2ª ed., 2000. Aprender Conteúdos & Desenvolver Capacidades. Porto Alegre: Artmed., 2004.

GASPAR, A. Experiências de Ciências para o 1º Grau. São Paulo, Ática, 1995.

GEPEQ. Interações e Transformações: química para o 2º grau– livro do aluno. São Paulo: EdUSP, 1996.

MAST . Brincando com a Ciência. Experimentos Interativos de Baixo Custo. Rio de Janeiro: MAST, 1996.

GIORDAN, A. e DE VECCHI, G. As Origens do Saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LEVINE, S. & GRAFTON, A. Brincando de Einstein. Atividades científicas e recreativas para sala de aula. Campinas: Papirus, 1995.

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D. Formação de Professores de Ciências. São Paulo: Cortez, 2006.

DELIZOICOV, D. Et alii. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009. 3. ed.

KRASILCHIK, Myriam. Prática de Ensino de Biologia. São Paulo: EDUSP, 2004.

LOPES, A. C. R. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____; MACEDO, Elizabeth. Teorias de Currículo. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, R. de; FALCÃO, D. Brincando com a Ciência. Experimentos Interativos de Baixo Custo. Rio de Janeiro: MAST, 1996.

NARDI, R. Ensino de ciências e matemática, I: temas sobre a formação de professores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

TRIVELATO, S. Fi; SILVA, R. L. F. Ensino de ciências - Coleção idéias em ação. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Jovens na Educação de Jovens e Adultos. Adultos na Educação de Jovens e Adultos. Relação entre Jovens, Adultos (e Idosos): Identidades Plurais. Contexto intergeracional. Relações entre jovens e adultos (e idosos) no cotidiano dos espaços educacionais.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Andrea da Silva Marques Ribeiro, Maria Cristina Ferreira dos Santos, Adão Francisco de Oliveira, Roberto de Souza Santos, George Franca dos Santos, Juliana Ricarte Ferraro, Regina Celia Padovan, Elton Carvalho de Lima

BIBLIOGRAFIA:

BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; HAAS, C. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: políticas e práticas na formação de professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. 176 p.

FAZENDA, I. C. A. Didática e interdisciplinaridade. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 192 p.

FAZENDA, I. C. A. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 173 p.

JAPIASSÚ, H. O Sonho Transdisciplinar e as Razões da Filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006. 240 p.

JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: IDENTIDADES PLURAIS E CONTEXTO INTERGERACIONAL –60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Jovens na Educação de Jovens e Adultos. Adultos na Educação de Jovens e Adultos. Relação entre Jovens, Adultos (e Idosos): Identidades Plurais. Contexto intergeracional. Relações entre jovens e adultos (e idosos) no cotidiano dos espaços educacionais.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Andrea da Paixão Fernandes

BIBLIOGRAFIA:

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNEL, Carmen. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CAMARANO, Ana Amélia. Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.
- CANÁRIO, Rui. O que é a escola? um olhar sociológico. Porto: Ed. do Porto, 2005.
- CANÁRIO, Rui. A escola: das “promessas” às “incertezas”. In: Educação UNISINOS. v. 12, nº 2, mai/ago de 2008. Disponível em: http://www.unisinios.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n2/01.pdf Acesso em 12/08/2010.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; FÁVERO, Osmar (orgs.). Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em Educação, Mídia e Ciências Sociais. Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014.
- FERNANDES, Andrea da Paixão. Memórias e representações sociais de jovens e adultos: lembranças ressignificadas da escola da infância e expectativas no retorno à escola. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- RUMMERT, Sonia; CANÁRIO, Rui; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). Políticas de formação de jovens e adultos no Brasil e em Portugal. Niterói: EdUFF, 2009.
- TURA, Luiz Fernando Rangel; SILVA, Antonia Oliveira (orgs.). Envelhecimento e representações sociais. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2012.

LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: CONCEPÇÕES E ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Concepção escolar e não escolar de leitura. Competências de leitura. Habilidades. Gêneros discursivos e tipos de textos. A mediação da leitura e o leitor. O conceito de autoria. Inferências: tipos. Intertextualidade. Espaços de leitura: o entre lugar da literatura infantil e juvenil. O verbal e o não verbal. Contos, Recontos e adaptações. Produção e recepção. Projetos de leitura e alternativas metodológicas.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu e Rosa Maria Cuba Riche

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, M. L. C. V. O. ; AQUINO, Z. G. O. Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna. 5ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAZERMAN, Charles. Gêneros Textuais, Tipificação e Interação. São Paulo: Cortez, 2005.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Obra escolhidas: magia, técnica arte e política. 4 ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, 2002, fev. n.19 p.20 - 28.

6. BRASIL.MEC/SEMTEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília, MEC/ Secretaria e Educação Média e Tecnologia, 2000. Disponível na Internet via <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>
7. BRASIL.MEC/ SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª do Ensino Fundamental.

LINGUAGEM VISUAL, COMUNICAÇÃO E ENSINO (APRENDIZAGEM) – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Conceitos básicos: língua e linguagem, texto, textos verbais e não-verbais. Linguagem visual. O campo da semiótica: relações entre o verbal e o não-verbal na produção de sentido. Experiência, percepção, sensibilidade: significação. Intertextualidade. Parâmetros de produção de texto e leitura: universalidade, intencionalidade, subjetividade. Definição de objetos de estudos em linguagem e linguagem visual, e aplicações no estudo de questões no campo do ensino.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Andrea da Silva Marques Ribeiro, Esequiel Rodrigues Oliveira

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, R. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: Revista Rua, Campinas, UNICAMP, março de 1995, nº 1, 35-48.

SANTAELLA, L (2008). Imagem: cognição, semiótica e mídia. São Paulo: Iluminuras.

LINGUAGENS E NARRATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Desenvolver a reflexão acerca dos estudos contemporâneos sobre a questão da linguagem e da narrativa histórica, considerando diferentes suportes, em especial os midiáticos, e sua atual problematização no ensino de história. Partindo da definição contemporânea de “Didática da História pelos Estudos Históricos, a disciplina busca discutir a noção contemporânea de história pública como situada em zona fronteira entre os campos da história, da comunicação social e das expressões artísticas da contemporaneidade. Importa, portanto, considerar, no âmbito das práticas e instituições sociais, as narrativas produzidas por alguns meios de comunicação social: imprensa, televisão, cinema e espaços de exposição, bem como seus produtos: periódicos, programas televisivos e artes em geral (especialmente artigos de divulgação e documentários, literatura, música, artes plásticas, filmes) e sua inter-relação com a narrativa produzida pela história escolar. Como referenciais teóricos do campo da história estão a memória e a cultura histórica.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Helena Maria Marques Araújo

BIBLIOGRAFIA:

CARRETERO, Mario. Documentos de identidades: a construção da memória histórica em um mundo globalizado. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Lisboa: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano. 1. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Portugal: Ed. DIFEL, 2002.

FERRO, Marc. A história vigiada. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrita da história e ensino da história. In GONTIJO, Rebeca; MAGALHAES, Marcelo; ROCHA, Helenice. A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 35-50.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). Estudos sobre a escrita da história. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2006.

HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

HARTOG, François. Tempo e História: “Como escrever a história da França hoje?”. História Social. Campinas: Unicamp, n.3, 1996, p.127-154.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. Passados Recompuestos: campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1998

HUYSEN, Andréas. Passados, presentes: mídia, política e amnésia. In Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000. p. 9-38.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LE GOFF; LE ROY LADURIE; DUBY et al. A Nova História. Lisboa: Edições 70, 1977.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MAIA, Rousiley. Mídia e vida pública: modos de abordagem In Mídia, Esfera Pública e Identidades coletivas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 11-46.

MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). Histórias do ensino de História do Brasil. Rio de Janeiro: Access, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Cultura política e lugares de memória. In AZEVEDO, Cecília et al. Cultura Política, memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009. 445-464.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de História: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: Trajetória e perspectivas. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, set. 92/ago.93.

MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO EF: POSSIBILIDADES CURRICULARES – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Caracterização do conhecimento matemático. Matemática: uma história de necessidades e usos. Relações entre conhecimentos e culturas. Estudos culturais, multiculturalismo e matemática. Questões do ensino de matemática nos anos iniciais: currículo, saber/ conhecimento escolar, saber/conhecimento científico e relações entre conhecimento e cultura. O ensino de matemática e a construção da cidadania. Construindo currículos multiculturais: aprendendo e ensinando etnomatemáticas. Interatividade, jogo e ludicidade no ensino de matemática.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro e Polo 16 – UFT- Arraias (TO)
 Professor(es): Cláudia Hernandez Barreiros Sonco (RJ), Idemar Vizolli (TO)

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARRAHER, Terezinha Nunes et alli (org.). Na vida dez, na escola zero. 14^a ed, SP: Cortez, 2006.
D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação matemática: da teoria à prática. Campinas, Sp: Papirus, 1996.

_____. Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KAMII, Constance & LIVINGSTON, Sally J. Desvendando a aritmética – implicações da teoria de Jean Piaget. 2^a ed.; SP, Campinas: Papirus, 1995.

KNIJINIK, Gelsa. Educação Matemática e legitimidade cultural. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LERNER, Délia. Didática da Matemática: reflexões psicopedagógicas. Rio Grande do Sul: ArtMed, 1996.

MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA E ENSINO – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Design: design instrucional, design instrucional contextualizado, esferas do design; gêneros digitais; gêneros textuais; produção de material didático: tecnologia, softwares e ambientes de aprendizagem virtuais; mediação: tipos e estratégias de mediação, ações pedagógicas e de suporte, mediação visível e invisível, interação, ferramentas de comunicação e de produção; avaliação em contextos digitais.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Andrea da Silva Marques Ribeiro

BIBLIOGRAFIA:

BAZERMAN, Charles. Onde está a sala de aula?. In: HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A.P. Gênero, agência e escrita. São Paulo: Editora Cortez, 2006. 144p.

ENGESTRÖM, Y. Activity theory and individual and social transformation. In: ENGESTRÖM, Y.; MIETINEN, R; PUNAMÄKI, R.J. Perspectives on activity theory. 1999, 462 p.

_____. From teams to knots: activity-theoretical studies of collaboration. New York: CUP, 2008. 261 p.

FILATRO, A. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. 1^a ed. São Paulo: Editora SENAC, 2004. 215 p.

GAY, G.; HEMBROOKE, H. Activity-centered design: an ecological perspective to designing smart tools and usable systems. 1^a ed. Cambridge: The MIT Press, 2004. 111 p.

KAPTELININ, V.; NARDI, B.A Acting with technology: activity theory and interaction design. 1^a ed. Cambridge: The MIT Press, 2006. 333 p.

OLIVEIRA, E. G. Educação a distância na transição paradigmática. 1^a ed. Campinas: Papirus, 2003. 143 p.

EMENTA: Aspectos legais da educação física brasileira. Organização e sistematização do conhecimento em educação física. O papel da Educação Física no contexto escolar. Avaliação e currículo em educação física escolar.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Marcelo Moreira Antunes

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luiz. O lazer no Brasil: do Nacional-Desenvolvimentismo a Globalização. Conexões, Campinas, v.3, n.1, p.36-57, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997 (área: educação física; Ciclos: 1 e 2).
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998 (área: educação física; Ciclos: 3 e 4).
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEM, 1999 (área: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias - Educação Física).
- DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- KUNZ, E. et al. Didática da educação física I. Ijuí: Unijuí, 1998.
- KUNZ, E. et al. Didática da educação física II. Ijuí: Unijuí, 2004.
- LE BOUCH, J. Psicocinética. Porto Alegre: Artmed, 1986.
- LOVISOLO, H. Educação física: a arte da mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- LUCKESI, C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAGALHÃES, C. H. F. Breve histórico da educação física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e ideias de tendências. Maringá, Revista da Educação Física / UEM, v.16, n.1, p.91-102, sem. 2005.
- MELO, V. A. História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas. 2ed. São Paulo: IBRASA, 1999.
- NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf, 2001.
- PALMA, A. P. T. V. Educação física e organização curricular: educação infantil e ensino fundamental. Londrina: EDUEL, 2008.
- PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. 10 novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, J. B. F. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. Campinas: Scipione, 1989.
- SOARES, C. L. et al. (coletivo de Autores). Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

**POR UMA DIDÁTICA INTERCULTURAL – LIDAR COM A DIFERENÇA NA ESCOLA – 60 H - ELE –
Polo 01- UERJ**

EMENTA: Educação, escola e culturas. Multiculturalismo e educação. Identidade e diferença. Questões de gênero e etnia. Diferença cultural e Direitos Humanos: tensões e perspectivas. Escola e violência. Da didática instrumental à didática intercultural: questões epistemológicas. Por uma didática intercultural: a produção do conhecimento didático. Escola e ensino.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro

Professor(es): Anna Carolina Cabral De Andrade Da Matta Machado, Cláudia Hernandez Barreiros Sonco

BIBLIOGRAFIA:

- ANTUNES, D. C. Bullying: razão instrumental e preconceito. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- BAIÃO, J. C. “Tia, existe mulher bombeira?” Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUC-Rio; 2006.
- BARREIROS, C. H. Quando a diferença é motivo de tensão – um estudo de currículos praticados em classes iniciais do ensino fundamental. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-Rio; 2006.
- CANDAU, V. (org.) Didática: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.
- _____. (org) Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- _____. (org.) Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP& A, 2005.
- _____. & SACAIVINO, S. Educar em Direitos Humanos: construir democracia. Rio de Janeiro: DP& A, 2000.
- _____.; LUCINDA, M. C. & NASCIMENTO, M. G. Escola e violência. 2 ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.
- DA SILVA, T. T. Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MCLAREN, P. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 1997a.
- _____. A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.
- OLIVEIRA, L. F. História da África e dos africanos na escola. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012.
- PERRENOUD, P. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. (orgs) Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

**PRÁTICAS JUVENIS NA PESQUISA E NA EXTENSÃO: FUNDAMENTAÇÕES E CAMINHOS – 60 H -
ELE – Polo 01- UERJ**

EMENTA: Juventude e Escola pública, Iniciação Científica e Escola Pública, Extensão e Escola Pública, Juventude e Iniciação Científica História das ações e práticas de iniciação. Organização de estruturas e projetos para iniciação de jovens na Extensão e na pesquisa. Políticas Públicas e programas institucionais. Os programas voltados para os estudantes do Ensino Médio e Fundamental: PIC-OBMEP, o IC-Jr/FAPs e o PIBIC-EM.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Lincoln Tavares Silva

BIBLIOGRAFIA:

- ÁVILA, V. F. de. Educação escolar e desenvolvimento local: realidade e abstração no currículo. Brasília: Plano, 2003.
- BARROSO, J. Para uma abordagem teórica da reforma da administração escolar: a distinção entre "direção" e "gestão". Revista Portuguesa de Educação, Minho, v.8, n. 1, p. 33-56, 1995.
- _____. A escola como espaço público local. Rev. Teoria e Prática da Educação, v.8, n.3, p.307-315, set./dez. 2005.
- BORDENAVE, J. E. D. O que é participação? São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1994.
- CANÁRIO, R. O que é a escola? Um "olhar" sociológico. Porto: Porto Editora LDA., 2005.
- CASTRO, J. A. e AQUINO, L.(orgs.). Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Texto para discussão nº. 1335, Brasília: IPEA, 2008.
- DI GIORGI, C.. Uma outra escola é possível! Uma análise radical da inserção social e da democracia na escola do mundo globalizado. Campinas: Mercado da Letras/ALB. 2004
- DEMO. P. A juventude popular na agenda da pesquisa e da extensão. <http://www.promenino.org.br/servicos/biblioteca/a-juventude-popular-na-agenda-da-pesquisa-e-da-extensao>.
- DOWBOR, L. Educação e desenvolvimento local. Abril de 2006. Disponível em <http://dowbor.org/06edulocalb.doc> - Publicado em IBAM, Municípios, Revista de Administração Municipal, fev/março
- FIOCRUZ/Observatório C&T. O que é Iniciação Científica - <http://www.juventudect.fiocruz.br/iniciacao-cientifica/o-que-e-iniciacao-cientifica>
- FERREIRA, C. A.; PERES, S. O.; BRAGA, C. N. e CARDOSO, M. L. de M. Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010, 238 p.
- IPEA. Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Situação Educacional dos Jovens Brasileiros, Rio de Janeiro, Ipea, 2009.
- KRUPPA, S. M. P.. Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano. _____ (org.). Economia solidária e educação de jovens e adultos. Inep. Brasília, DF. p. 21-30. 2005.
- LIMA, L. C. Construindo modelos de gestão escolar. Cadernos de Organização e Gestão Escolar, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, n.4, 1996. p.1-32 [boletim]
- _____. A escola como organização educativa. São Paulo: Cortez Editora, 2008, 189p.

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E TECNOLOGIAS DA IMAGEM NO ENSINO – CONSUMO E CRÍTICA – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Técnica, tecnologia e relações sociais. Tecnologias da imagem: o universo da produção industrial e o acesso da escola a esses bens; domínio técnico, sociedade e níveis de consumo. Tecnologias, multimodalidade textual e mídias. O Impacto das tecnologias da imagem no ensino/aprendizagem no Ensino Fundamental. Inovação, implementação e sustentabilidade em tecnologia educacional. Definição de objetos de estudos em tecnologias educacionais e tecnologias da imagem: aplicações no estudo de questões no campo do ensino.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Lincoln Tavares Silva

BIBLIOGRAFIA:

- BERGALA, Alain. A Hipótese-cinema. Pequeno Tratado de Transmissão do Cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ: 2008.
- BERNARDET, JC. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 1980. Coleção Primeiros Passos.
- MACHADO, A. A Televisão levada a sério. 5ª Ed., São Paulo: SENAC.
- EISENSTEIN, S. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- Filatro, A. Design Instrucional Contextualizado - Educação e Tecnologia - 3ª Ed. São Paulo: SENAC.
- SODRÉ, M. Reinventando a Educação - Diversidade, Descolonização e Redes. Petrópolis : Vozes..
- _____. Antropológica do espelho. Uma Teoria da Comunicação Linear e Em Rede. Petrópolis: Vozes.
- Ferraz, J. A. Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos. Universidade de Brasília.

TECNOLOGIAS NO ENSINO - APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Abordagens de aprendizagem que influenciam o ensino de Línguas Estrangeiras. A inserção de tecnologia no processo de ensino-aprendizagem em LE. Aprendizagem significativa nos contextos de Educação Básica. Multiletramentos na Era Digital e produção de sentidos. Hierarquização de objetivos de aprendizagem na Taxonomia de Bloom revisitada. Reflexão da prática docente na Era Digital.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Sonia Melo de Jesus Ruiz

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. D. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- ANDERSON, L. W.; KRATHWOHL, K. R. A. Taxonomy for Learning, Teaching and Assessing: a revision of Bloom's taxonomy of educational objectives. New York: Longman, 2001.
- BRASIL. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. v. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental, 1998.
- BROWN, H. D. Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy. New Jersey: Prentice Hall, 1994.

, novas finalidades. In: COLL, Cesar;

. Porto Alegre:

Artmed, 2010.

–
–
, 2009.

. Belo Horizonte: Aut , 2011.

DE SAZ, S. M. P. . , 1980.

FERRAZ, A. P. C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gestão & Produção*. [online]. v.17, n.2, p. 421-431, 2010 . Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X2010000200015>>. Acesso em: 04 out. 2013.

FREIRE, M. M. Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando. In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). *Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. v. 1, p. 13-28.

: Desafios Atuais.

@ (Santos), v. 2, p. 1-26, 2009.
 , Peter. Conocimiento

: <http://peremarques.pangea.org/competen.htm> Acesso em: 04 de janeiro de 2012

MENEZES, V. L. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

: EDUFAL, 1999.

MOITA LOPES, L. P. A nova ordem mundial, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política. In: BARBARA, L.; ROCHA, R. C. G. (Org.). *Reflexão e ações no ensino- aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 29-57.

MONTE MÓR, W. A formação de professores e alunos na sociedade digital: políticas e práticas educacionais no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. In: DALBEN, A. I. F. et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 577-594. (Coleção Didática e Prática de Ensino)

: EDUFU, 2012.

MOREIRA, M.A. e MASINI, E.A.F.S. (1982). *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. , Editora Moraes.

PRENSKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants. On the Horizon*, MCB University Press, v.9, n. 5, 2001.

RICHARDS, J. C. *Communicative Language Teaching Today*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Richards, J. C., & Lockhart, C. *Reflective teaching in second language classrooms*. New York: Cambridge University Press, 1994.

ROJO. R. *Letramentos múltiplos: escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

: diretri

: <unesdoc.unesco.org/images/0015/001562/156209por.pdf>.

Acesso em: 04 de janeiro de 2012.

TENDÊNCIAS ATUAIS DO ENSINO DA HISTÓRIA DA ARTE – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: A disciplina tem como objeto estudar as tendências atuais do ensino da História da Arte, e sua problematização na relação ensino-aprendizagem. A leitura da arte a partir de sua historicidade e espacialidade será discutida, assim como as perspectivas temáticas e conceituais de abordagem da história da arte. A análise de metodologias clássicas e contemporâneas procurará enfatizar as transformações no campo de estudos sobre as artes visuais e as implicações do olhar historiográfico para o ensino da arte.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Gianne Maria Montedônio Chagastelles

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo: Cultrix, 2006.
BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol.1,2 e 3. São Paulo: Brasiliense, 1982. (textos diversos).
BURKE, Peter. Testemunha Ocular: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.
CRARY, Jonathan. Suspensões da Percepção: Atenção, Espetáculo e Cultura Moderna. Cosac Naify, São Paulo: 2013.
ECO, Umberto. História da beleza. Rio de Janeiro: Record, 2010.
_____. História da feiúra. Rio de Janeiro: Record, 2007.
FRANCASTEL, Pierre. A realidade figurativa. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
GINZBURG, Carlo. “De A. Warburg a E.H. Gombrich: notas sobre um problema de método”. In: Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 2000.
PANOFKY, Erwin. Significado nas artes visuais. São Paulo: Perspectiva, 2004.
WÖLFFLIN, Heinrich. Conceitos Fundamentais de História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Aspectos históricos do ensino de ciências em contexto nacional e internacional. As pesquisas no campo e contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. Metodologias de ensino e materiais didáticos. As propostas curriculares para o ensino de ciências da natureza. A interdisciplinaridade e o ensino de ciências da natureza: possibilidades e desafios.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es): Maria Cristina Ferreira dos Santos, Suellem Barbosa Cordeiro, Andrea Espinola de Siqueira

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PEREZ, D. Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações. 10ª ed. São Paulo, Ed. Cortez, 2011.
CHASSOT, A.; BIZZO, N. Ensino de Ciências. ARANTES, V. A. (Org.) Coleção Pontos e Contrapontos. São Paulo, Summus Editorial, 2013.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E. ; FERREIRA, M. S. Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; VILANOVA, R. O livro didático de ciências: contextos de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012. Disponível em: http://www.nutes.ufrj.br/arquivos/O_livro_didatico_de_Ciencias.pdf

NARDI, R. (Org.) Educação em Ciências: da pesquisa à prática docente. 4ª ed. São Paulo: Ed. Escrituras, 2010.

SUSTENTABILIDADES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA – 60 H - ELE – Polo 01- UERJ

EMENTA: Noções e conceitos de ambiente e sustentabilidade. O contexto socioambiental contemporâneo e suas implicações. A Escola como ambiente. A Escola Básica como espaço-tempo de promoção de sustentabilidades (ecológica, social, política e individual). A Educação ambiental no Brasil e suas vertentes. Construção coletiva de projetos e ações educativas ambientais para uma sociedade sustentável: cuidados, necessidades e perspectivas. Unidades de partilha de vida e parcerias da escola com seu entorno. Importância da ecologia da ação nos projetos de sensibilização e participação da comunidade escolar. Principais abordagens investigativas sobre sustentabilidade.

Proposta por: Polo 01: CAP-UERJ- Rio de Janeiro
Professor(es):

BIBLIOGRAFIA:

ARRUDA, A. Representações sociais e movimentos sociais: grupos ecologistas e ecofeministas do Rio de Janeiro. In: Moreira, A. S. P. & Oliveira, D. C. (Org.). Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia: AB-Editora, 2000. p. 71-86.

_____. Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação. In: SPINK, M.J. (Org.). O conhecimento no cotidiano – As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 234-265.

BÁRCENA, A. Ciudadania ambiental mundial. México, 1997.

BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.) Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA: Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 83-92.

CRESPO, S. & LEITÃO, P. O que o brasileiro pensa da ecologia. Rio de Janeiro: Mast e Cepem/CNPq, Agência Estado /ISER, 1992.

FISCHER, G-N. Psicologia Social do Ambiente. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. 216p. (Série Perspectivas Ecológicas: 5).

LEFF, E. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2001. 240p.

LOUREIRO, C.F.B. O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

_____. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n 93, p-1473-1494, set/dez. 2005.

MATAREZI, Estruturas e Espaços Educadores. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.) Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA: Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 159-174.

MORAES, E. C., LIMA Jr., E. & SCHABERLE, F. A. Representações de meio ambiente entre estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, Edição especial temática, p. 83-96, 2000.

MORIN, E. A Cabeça Bem-Feita: reformar a reforma, reformar o pensamento. São Paulo, Ed. Bertrand Brasil, 2000, 128p.

_____.& KERN, A. B. Terra-Pátria. Lisboa, Instituto Piaget, 1996, 163p.

NASCIMENTO-SCHÜLZE, C.M. Representações sociais da natureza e do meio ambiente. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, Edição especial temática, p. 67-81, 2000.

REIGOTA, M. Meio Ambiente e Representação Social. São Paulo: Cortez, 1995. 87p.

_____. Ecologia, elites e intelligentsia na América Latina: um estudo de suas representações sociais. São Paulo: Annablume, 1999. 118p.

SANTOS, J. E. & SATO, M. Universidade e ambientalismo - encontros não são despedidas. In: _____ (Orgs.). A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora. São Carlos: Rima, 2001. p. 31-50.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

SAWAIA, B. B. Participação social e subjetividade. In: SORRENTINO, Marcos. (coord.) Ambientalismo e participação na contemporaneidade. São Paulo, EDUC: FAPESP, 2001, p. 115-134.

SPOSATI, A. Movimentos utópicos da contemporaneidade. In: SORRENTINO, Marcos. (coord.) Ambientalismo e participação na contemporaneidade. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2001. p. 57-85.

SEGURA, D. S. B. Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001. 214p.

SILVA, L. T. Os sentidos atribuídos pelos professores de Geografia à Educação Ambiental: olhares sobre a questão. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, 2003, 262f.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 2, p.251-264, maio/ago. 2005.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 2 - RIO DE JANEIRO 2-IFRJ

POLÍTICAS, CURRÍCULOS E PROGRAMAS DE ENSINO – 60h- ELE- Polo 02- Rio de Janeiro - IFRJ

EMENTA

Proposta por: Polo 02: IFRS- Rio de Janeiro

Professor(es): Alessandra Ciambarella Paulon, Alexandre Maia do Bomfim, Maylta Brandão dos Anjos

BIBLIOGRAFIA:

GOODSON, I. A Construção Social do Currículo. Lisboa: Educa, 1997.

LOPES, A. C. e MACEDO, E. (Org.). Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Teorias de Currículo. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MOREIRA, A. F. B. e SILVA, T. T. (Org.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1995.

TARDIF, M.. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS EM SALA DE AULA – 60h- ELE- Polo 02- Rio de Janeiro - IFRJ

EMENTA:

docente. Atividades interdisciplinares.

Proposta por: Polo 02: IFRS- Rio de Janeiro

Professor(es): Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias De Oliveira, Tania Goldbach, Livia Baptista Nicolini, Fatima Kzam Damaceno De Lacerda

BIBLIOGRAFIA:

ANTUNES, C. Como desenv _____ : Vozes, 2001.

_____. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GADOTTI, Moacir. A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos. São Paulo: Ática, 1993.

Paulo: Cortez, 2000.

_____, J. C.

docente _____ : Cortez, 1999.

MASETTO, _____ :
 MATOS, D. A. S.; CIRINO, S. D.; LEITE, W. L. Instrumentos de avaliação do ambiente de aprendizagem da sala de aula: uma revisão da literatura. Ensaio – pesquisa em educação em ciências, v.10, n.1, 2008.

UNESCO, _____ : 2000.
 _____. Porto Alegre: Artemed, 1999.
 _____, 2000.
 _____, D. A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem _____, 2000.
 BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. _____ -aprendizagem : Vozes, 1998.
 _____. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TECNOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO– 60h- ELE- Polo 02- Rio de Janeiro - IFRJ

EMENTA: Contextualização sócio-histórica das tecnologias. As tecnologias como ferramentas socioculturais. Tendências, perspectivas, possibilidades e limites das tecnologias de informação e comunicação aplicadas ao ensino. O ensino, as tecnologias e a sociedade da informação no século XXI: inovações tecnológicas na sala de aula. Articulação entre linguagem, mídias e ensino. Lei de direitos autorais e ensino.

Proposta por: Polo 02: IFRS- Rio de Janeiro

Professor(es): Alexandre Lopes de Oliveira, Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva, Marcus Vinicius da Silva Pereira, Pamella Santos Dos Passos, Roseantony Rodrigues Bouhid

BIBLIOGRAFIA:

ALAVA, S. (org.) Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALMEIDA, Gustavo Guimarães. Direito à Educação, Novas Tecnologias e Limites da Lei de Direitos Autorais. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/viewFile/2459/2413>>.

COSTA, Cristina. Educação, Imagem e Mídias. São Paulo: Cortez, 2005.

LÉVY, Pierre. A nova relação com o saber. In: _____. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOREIRA, A. F. e KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. Educação e Sociedade, v.28, n.100, p.1037-1057, 2007.

PRETTO, Nelson De Luca. Uma Escola sem/com Futuro: educação e multimídia. Salvador: EDUFBA, 2013.

SCHWALB, C. L. A. Materiais alternativos para inovação tecnológica em sala de aula. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. 2002.

DISCIPLINAS ELETIVAS, MINISTRADAS NO POLO 3 - NITERÓI 1- UFF – DIVERSIDADE E INCLUSÃO

**ALTAS HABILIDADES E NOTÓRIO SABER – RECONHECENDO O CONHECIMENTO – 30 H - ELE –
Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói**

EMENTA: Conceitos; Perfil Acadêmico; Legislação; Diversidade na Educação de Superdotados; Plano Individual de Ensino; Atendimento Educacional Especializado; Práticas Pedagógicas para Aceleração de Estudos.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

Professor(es): Cristina Delou

BIBLIOGRAFIA:

ALENCAR, Eunice Soriano. & FLEITH, Denise. Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento. São Paulo: EPU, 2001;

CHAGAS, Jane Farias ; FLEITH, Denise de Souza . Perfil de adolescentes talentosos e estratégias para o seu desenvolvimento. Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso), v. 27, p. 385-392, 2011;

CUPERTINO, Christina; GUENTHER, Zenita Cunha; DELOU, Cristina Maria Carvalho & PÉREZ, Susana. Diversity and gifted education: four Brazilian examples. Em: WALLACE, Belle & ERICKSSON, Gillian. Diversity in gifted education. USA and Canadá: Routledge, 2006;

DELOU, Cristina Maria Carvalho & BUENO, José Geraldo Silveira. O que Vigotski pensava sobre genialidade. Revista da Faculdade de Educação PUC – Campinas. Campinas, n.º 11, p. 97-99, nov. 2001;

FLEITH, Denise & ALENCAR, Eunice Soriano. Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores. Porto Alegre, Artes Médicas: 2007;

FREITAS, Soraia Napoleão. Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas. Porto Alegre, Editora UFSM, 2006;

FREEMAN, Joan & GUENTHER, Zenita Cunha. Educando os mais capazes: ideias e ações comprovadas .São Paulo: EPU, 2006;

GAMA, Maria Clara Sodré Salgado (Org.). Educação de Superdotados: teoria e prática. São Paulo: EPU, 2006;

GUENTHER, Zenita Cunha. Educando o ser humano. Campinas: SP, Mercado das Letras, UFLA, 1997;

SABATELA, Maria Lúcia Prado. Talento e Superdotação: problema ou solução? Curitiba: IBEP, 2005;

VIRGOLIM, Ângela Maria Rodrigues. Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais. Brasília: MEC/SEESP, 2007;

WINNER, Hellen. Crianças superdotadas. Porto Alegre, Artmed, 1998.

BASES LEGAIS, POLÍTICAS, DE ENSINO E SOCIAIS PARA INCLUSÃO ESCOLAR – 60 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: A disciplina trabalhará a visão mais atual e aplicada das bases legais, políticas, técnicas, de ensino e sociais para a inclusão escolar, utilizando diferentes perspectivas, inclusive a da divulgação científica. Temas norteadores serão explorados de forma mais especializada, sempre contemplando as perspectivas das pesquisas básica e aplicada relacionadas às linhas de pesquisa e aos macroprojetos do curso.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Cristina Maria Carvalho Delou

BIBLIOGRAFIA:

Artigos atuais de revistas qualificadas e textos oficiais sobre as questões legais.

CIENCIARTE PARA PROMOÇÃO DA CRIATIVIDADE E DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 45 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: As Ciências e as Artes: antagonismos e convergências. O método Arteciência como metaforma do método científico: sinergias e analogias. Manifesto e movimento Arteciência; Oficinas de Cienciarte para educação, inovação e interdisciplinaridade. Categorias cognitivas promotoras da criatividade e da inovação: observar, evocar imagens, abstrair, reconhecer e formar padrões, estabelecer analogias, pensar com o corpo, ter empatia, pensar de modo dimensional, criar modelos, brincar, transformar, sintetizar. Metaformação e modelagem 5D: pensar para criar. Ferramentas para promover a criatividade; Interpretação do discurso científico sob a luz de considerações estéticas. Compreensão do fazer e do desfrutar artísticos como processos cognitivos. Interfaces entre a ciência e a arte: cientistas-artistas e artistas-cientistas. Interação ciência e arte na escola e na saúde; campos de interação ciência e arte na escola, na saúde e nas comunidades. Ciência e espetáculo: experiências com teatro e música. Construção de fascículos “Com Ciência e Arte na escola” com temas locais e de interesse dos mestrados. Oficinas de Cienciarte para educação, inovação e interdisciplinaridade; Cienciarte na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Claudia Mara Lara Melo Coutinho, Tania Araujo-Jorge, Valéria da Silva Trajano (Fiocruz) e Marcio Luiz Mello (UERJ)

BIBLIOGRAFIA:

ROOT-BERNSTEIN R & ROOT-BERNSTEIN M. 2000. Centelhas de Gênios. Nobel Editora
SILER T. 1999 Pense como um gênio. Ediouro Publicações, Rio de Janeiro.
DE MEIS L 2002. Ciência educação e o conflito humano tecnológico, SENAC, São Paulo,
ARAUJO-JORGE, TC. 2004. Ciência e Arte: encontros e sintonias. Editora Senac, Rio de Janeiro, Brasil,
IANNI O. 2004. Variações sobre arte e ciência. Tempo Social – USP

NEUROEDUCAÇÃO - 60 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Visa promover a interação entre os campos das neurociências e da educação e o desenvolvimento de atividades teórico-práticas voltadas para a relação ensino-aprendizagem nos diferentes níveis acadêmicos (básico e superior). Serão abordados os seguintes temas: filosofia do conhecimento, desenvolvimento do sistema nervoso, períodos críticos, corporeidade, sensações, movimento, funções superiores (atenção, motivação, percepção, aprendizado, memória, cognição, linguagem e inteligências), distúrbios da aprendizagem e comportamento, sono e aproveitamento acadêmico. A avaliação será feita pela apresentação de relatório final referente às atividades práticas desenvolvidas ao longo da disciplina.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Lucianne Frangel Madeira

BIBLIOGRAFIA:

ARANHA, G. & SHOLL-FRANCO, A. (2010). (Org.) Caminhos da Neuroeducação. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição.

CASTRO-CALDAS A.; PETERSSON, K.M.; REIS, A.; STONE-ELANDER, S. & INGVAR, M. (1998). The Illiterate Brain. Learning to read and write during childhood influences the functional organization of the adult brain. *Brain*, 121, 1053-1063.

COSENZA, R.A. & GERRA, L.B. (2011). Neurociências e Educação – Como o Cérebro Aprende. Porto Alegre: ArtMed.

GARDNER, H. (2005). Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: ArtMed.

GAZZANICA, M.S. & HEATHERTON, T.F. (2005). Ciência Psicológica. Mente, Cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed.

Goody J. (1987). A lógica da escrita e a organização da sociedade. Lisboa: Edições 70.

KOLB, B. & WHISHAW, I.Q. (2002). Neurociência do comportamento. São Paulo: Manole.

Louzada, F. & Menna-Barreto, L. (2007). O sono na sala de aula. Tempo escolar e tempo biológico. Rio de Janeiro: Vieira & Lent.

Melo, L.E. (Org.) (2011). Cognição e Linguagem: Perspectivas interdisciplinares. Porto Alegre/RS: Editora CRV.

SCHIFFMAN, H.R. (2005). Sensação e percepção. 5ª Ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora LTC. Biologia Molecular- Arnaldo Zahar - 2007

PEDAGOGIA HOSPITALAR E ATENDIMENTO EDUCACIONAL DOMICILIAR: PRINCÍPIOS, POLÍTICAS E PRÁTICAS– 60 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Atendimento pedagógico hospitalar e atendimento domiciliar no contexto da educação brasileira. 2-O alunado público alvo do atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar. 3- Aspectos legais do atendimento pedagógico hospitalar, estudo de legislações e perspectivas contemporâneas. 3- Abordagens teóricas e prática pedagógica no contexto do atendimento pedagógico hospitalar, das classes hospitalares e atendimento domiciliar. 4- peculiaridades da Pedagogia Hospitalar e relação educação/ saúde 4- Seminário sobre bases teóricas e pesquisa de campo na produção científica sobre pedagogia hospitalar, classes hospitalares e atendimento domiciliar.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Edicléa Mascarenhas Fernandes

BIBLIOGRAFIA:

- 1-AMARAL, Daniela Patti do; SILVA, Maria Teresinha Pereira. Formação e Prática Pedagógica em Classes Hospitalares: Respeitando a cidadania de crianças e jovens enfermos; APOLINÁRIO, Sarah de Jesus;
- 2-SILVA, Rita de Fátima. Metodologias pedagógicas com crianças no ambiente hospitalar. EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama, v. 10, n. 1, p. 37-54, jan./jun. 2010;
- 3-BRASIL. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: Estratégias e orientação. Brasília:MEC, 2002;
- 4-Conferência Nacional de Educação: documento final. MEC, 2014; CECCIM, Ricardo Burg. Criança hospitalizada- atenção integral como escuta a vida. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 1997.
- 5-____. Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. Ano 3, nº10, p.43, ago/out 1999.
- 6-FERNANDES, Edicléa; ORRICO, Helio ; ISSA, Renata. (orgs) Pedagogia hospitalar: princípios, políticas e práticas de uma educação para todos. Paraná: Editora CRV, 108p.
- 7-FONTES, Rejane de Souza. O desafio da Educação no Hospital. Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v.11, n. 64, p. 21-29, jul/ago. 2005.
- 8-FONTES RS. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Rev Bras Educ [Internet]. 2005 [citado 2011 Mar 28];29:119-38.
- 9-MATOS, Elizete (org). Pedagogia Hospitalar: A Humanização integrando educação e saúde Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- 10-ORTIZ, Leodi Conceição; FREITAS, Soraia Napoleão de. Classe hospitalar: um olhar sobre sua práxis educacional. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, DF, v. 82, n. 2000/2002, p. 70-77, jan./dez. 2001.
- 11-____. Classe Hospitalar: Caminhos Pedagógicos entre saúde e Educação. – Santa Maria: Editora UFSM, 2005. PORTO, O. Psicopedagogia Hospitalar. WAK Editora.
- 12-VALENTIM, Priscila et.al. Abordagens pedagógicas hospitalares para o atendimento infantil em leitos pediátricos. VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial Londrina de 05 a 07 Novembro de 2013 - ISSN 2175-960x.
- 13-SANT'ANNA, Vera Lúcia et. al. As práticas educativas vivenciadas pelo pedagogo nos hospitais: possibilidades e desafios. Pedagogia em Ação, v. 2, n. 1, p. 1 – 103, Fev/Jun. 2010 - Semestral .
- 14-ZAIAS, E; DE PAULA, E. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. Educação Unisinos 14(3):222-232, setembro/dezembro 2010 © 2010 by Unisinos.

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL I - 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Concepções de linguagem e lingüística. Ensino de língua e fracasso escolar. Leitura, produção de texto e análise lingüística. Literatura. Sistema educacional e da educação básica e as políticas educacionais em debate.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Ana Regina e Souza Campello

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico] : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

LIBÂNEO, José C., OLIVEIRA, João F., TOSCHI, Mirza Seabra. A educação escolar pública e democrática no contexto atual: um desafio fundamental. In _____. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.p. 123-137.

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL II - 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Leitura, produção de textos e análise linguística. Pesquisa e formação do leitor e do escritor. Discurso, docência e pesquisa. Literatura. Diretrizes e projetos, em língua portuguesa e outras línguas para a escola.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Ana Regina e Souza Campello

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.

CURY, Carlos R. Jamil. LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico] : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

ILARI, Rodolfo. Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna. 2009. Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=3.

LIBÂNEO, José C., OLIVEIRA, João F., TOSCHI, Mirza Seabra. A educação escolar pública e democrática no contexto atual: um desafio fundamental. In _____. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.p. 123-137.

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL - 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Aquisição de Linguagem; Direitos Linguísticos; Educação Infantil; Atividades, Funções e Usos de Linguagem e Exploração da arte.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Ana Regina e Souza Campello

BIBLIOGRAFIA:

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil- gostosuras e bobices. São Paulo:Scipione, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira. 2. ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2012. 2v. (1620p.).

FINGER, I.; QUADROS, R. M. de. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

KARNOPP, L. & QUADROS, R. Educação Infantil para Surdos. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (orgs.). A criança de 0 a 6 anos e a Educação infantil; um retrato multifacetado. Canoas, 2001. p. 214-230. 6-QUADROS, Ronice Muller de (Org.) ;

VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org.) . Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. v. 1. 407p .

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ENSINO MÉDIO - 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

Ementa: Reflexões sobre a linguagem e códigos. A língua e as línguas. A linguagem como manifestação da cultura e como constituidora dos sujeitos sociais. A identidade da linguagem no grupo e o reconhecimento de outras linguagens. Reflexões sobre o funcionamento da linguagem vinculada à cultura local e conhecimento social. O papel da linguagem na sociedade atual e suas relações com a organização do trabalho.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Ana Regina e Souza Campello

BIBLIOGRAFIA:

BALL, Stephen J. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Orgs.). Políticas educacionais: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011. p 21-53.;
MOEHLECKE, SABRINA . O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. Revista Brasileira de Educação (Impresso), v. 17, p. 39-58, 2012.
SACRISTÁN, J. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
MINHOTO, Maria Angélica Pedra. Da disseminação da cultura de avaliação educacional: estudo sobre a institucionalização do ENEM. Rev Poiésis, Tubarão, n. 1, v. 1, p. 67-85, jan./abr. 2008.
_____. Modelação curricular do ensino médio: análise de prescrições legais e do papel da avaliação dos sistemas de ensino. Jornal de políticas educacionais, n. 5, p. 27-36, jan./jun. 2009

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL – 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: 1- Processos de desenvolvimento e aprendizagem de alunos com deficiência intelectual: concepções históricas- abordagens teóricas clássicas – o paradigma da American Association on Intellectual and Developmental Disabilities e a mudança do foco do nível da deficiência para o nível do suporte e funcionalidade. 2- Planejando o ensino para alunos com deficiência intelectual: aspectos legais da inclusão educacional- o conceito de adequações curriculares e sua aplicabilidade- acessibilidade ao currículo- práticas pedagógicas na Educação Básica e na transição dos níveis educacionais 3- Educação Profissional e transição para o mundo do trabalho. 4- A construção de redes nos sistemas escolares e nos sistemas de suporte à educação de alunos com deficiências intelectuais.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Edicléa Mascarenhas Fernandes

BIBLIOGRAFIA:

FERNANDES, E. M. & CÔRREA, M. Â. M.. Processo Ensino-Aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais: o aluno com Deficiência Mental. Primeira edição. Rio de Janeiro. UNIRIO. 2008; FERNANDES, E.M. Metodologia Científica. Primeira edição. Rio de Janeiro. UNIRIO. 2008; FERNANDES, E. M. & ORRICO, H. F. Acessibilidade e Inclusão Social.

Primeira edição. Rio de Janeiro. 2011; FERNANDES, E.M. Da deficiência à funcionalidade: novos paradigmas de avaliação e acompanhamento de pessoas com deficiência mental/ intelectual in MENDES,E; ALMEIDA,M.A. Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e praticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva. Araraquara: Junqueira e Martins Editores, 2010; FOUCAULT, M. Vigiar e punir. São Paulo: Loyola, 1971; GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Editora LTC, 1988; THOMPSON, J e cols. Supports Intensity Scale. American Association on Intellectual and Developmental Disabilities, 2004;THOMPSON, J;SHALOCK,R;AGOSTA,J;TENINTY,LFORTUNE,J. How the supports paradigma is transforming the developmental disabilities service system. Inclusion. American Association on Intellectual and Developmental Disabilities; vol 2, number 2, 85-154.

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO ACESSÍVEL - 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: 1- Conceito de acessibilidade e acessibilidade ao currículo 2- Conceito de “Universal Design for Learning”- Desenho universal de aprendizagem 3- Processo de produção de material didático acessível 4- O público alvo da educação especial: peculiaridades no desenvolvimento e considerações na acessibilidade ao currículo. 5- produção de material acessível.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói
Professor(es): Edicléa Mascarenhas Fernandes

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, C. C. S.; FERNANDES, E. M.. ESTUDO DE CASO DE TUTORIA DE APOIO A ALUNO COMDEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA. In: V Congresso Brasileiro de Educação Especial/ VII Encontro Nacional dos Pesquisadores em Educação Especial, 2012, São Carlos. Anais do V Congresso Brasileiro de Educação Especial/VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação Especial. Marília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2012. v. 1. p. 3325-3339. ISSN 1984-2279;

DA SILVA, E.A; FERNANDES, E. M.. Intérprete de Libras, professor, intérprete... Afinal, qual a função que deve ser disseminada. In: VI Congresso Brasileiro Mutidisciplinar de Educação Especial/ VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2011, Londrina. VI Congresso Brasileiro Mutidisciplinar de Educação Especial. São Paulo: ABPEE, 2011. p. 896-904. ISSN 2175-960X;

PONTE, Marina; SALVATORI, Tamara; SONZA, Andréa. Material digital acessível para deficientes visuais: ampliando o acesso à informação. Rio de Janeiro: Revista Benjamin Constant, 2012;

BASSO, Sabrina Pereira Soares; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Material Didático para Alunos Surdos: A Literatura Infantil em Libras. Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 2, nov. 2012. Relatos de Experiência. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. ISSN 1982-7199;

ROSE, David H.;GRAVEL, J. Universal Design for Learning (UDL) Guidelines. National Center on Accessing the General Curriculum (NCAC),2011;

UNIVERSAL DESIGN FOR LEARNING. Adapted from the Michigan Department of Education's Presentation of Proposed High School Graduation Requirements, November 2005.

PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE CIÊNCIAS- 60 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Possibilitar ao professor conhecer alguns fundamentos teóricos e práticos das metodologias ativas de ensino. O uso do Lúdico, da Cooperação, de Mapas Conceituais e da Aprendizagem Baseada em Problemas no Ensino de Ciências. Planejamento, desenvolvimento, produção e avaliação de projetos que incorporem metodologias ativas ao ensino de Ciências.

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

Professor(es): Carolina Nascimento Spiegel e Sonia Regina Alves Nogueira De Sá

BIBLIOGRAFIA:

1-ARONSON, E., & PATNOE, S. (2011). Cooperation in the classroom: The jigsaw method. Pinter & Martin Limited, Reino Unido. 2-HMELO-SILVER, C.E. Problem-Based Learning: What and How Do Students Learn? Educational Psychology Review, v. 16, n. 3, p. 235-266, 2004. 3-JOHNSON, D. W., & JOHNSON, R. T. (2009). An educational psychology success story: social interdependence theory and cooperative learning. Educational Research, 38(5), 365-379. 4-KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S. M. P., org. Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos. 3. ed. Petrópolis - RJ, Vozes, 1998. 5-MOREIRA, M.A. (2011). Teorias de aprendizagem. 2 ed. ampl. São Paulo: E.P.U. 242p. 6-NOVAK, Joseph D. and CAÑAS, Alberto J. (2008) The Theory Underlying Concept Maps and How to Construct and Use Them. Technical Report. Institute for Human and Machine Cognition, Pensacola. 7-SANTOS. Santa Marli Pires dos. A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 8-SAVERY, J. Overview of problem-based learning: definitions and distinctions. The interdisciplinary journal of problem-based learning. v.1, n.1, p9-20, 2006.

REDAÇÃO CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO DE RESULTADOS – 30 H - ELE – Polo 03- UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

EMENTA: Visa oferecer respostas a questões e problemas inerentes à tarefa de redação; fornecer elementos teóricos fundamentais sobre como organizar, sistematizar e instrumentalizar a tarefa de redigir principalmente artigos respeitando as normas internacionais de publicação científica; desenvolver a capacidade de análise crítica adequada e eficiente de trabalhos especializados; identificar e solucionar os problemas inerentes à edição gráfica; possibilitar o uso com a maior eficiência e eficácia dos recursos da informática (internet, intranet, base de dados da Bireme, Scielo, PubMed, Lilacs, MedLine) estimular a habilidade específica de redação de diferentes tipos de comunicação escrita da pesquisa científica (resumos de congressos, artigos originais, artigos de revisão, relato de caso, nota prévia, editorial, cartas ao editor/autor, projetos); exercitar o uso correto do idioma português do Brasil; estimular/exercitar a proficiência da redação em língua estrangeira (inglês, espanhol e francês).

Proposta por: Polo 03: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

Professor(es): Helena Carla Castro

BIBLIOGRAFIA:

Artigos recentes em revistas qualificadas de Ensino/educação/Interdisciplinaridade

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 4 - NITERÓI 2- UFF – QUÍMICA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E AMBIENTE - CTSA - 45H - ELE – Polo 04- UFF-Química- Niterói

EMENTA: A disciplina apresentará aos pós-graduandos as Além de discutir seus limites e possibilidades no contexto educacional brasileiro. Educação científica e tecnológica: origem, significado e expansão do movimento em CTSA. Origens do movimento sobre a Ciência, Tecnologia e Sociedade, seus encaminhamentos nas áreas de Ensino e de Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil. A abordagem CTSA e seu significado no ensino-aprendizagem de Ciências. Interdisciplinaridade: pressupostos teóricos e implicações para a articulação de conteúdos de ciências. Metodologias para o ensino de Ciências na perspectiva CTSA. Discussão de temas atuais: fontes e produção de energia, sustentabilidade ambiental, biodiversidade, mudanças climáticas, água, problemática dos resíduos, entre outros.

Proposta por: Polo 04: UFF-Química- Niterói
Professor(es): Marcia Narcizo

BIBLIOGRAFIA:

BAZZO, W.A.; VON LINSINGEN, I.; PEREIRA, L.T.V. (Eds.). Introdução aos Estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), Cadernos de Ibero-América. Madri: Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2000.

CACHAPUZ, A., GIL-PEREZ, D., CARVALHO, A., PRAIA, J., VILCHES, A. A necessária renovação do ensino das ciências. São Paulo: Cortez, 2005.

CHASSOT, A. Alfabetização Científica: Questões e Desafios para a Educação. Editora UNIJUÍ, 2001

contexto da educação brasileira. ENSAIO-Pesquisa em Educação.

DELIZOIKOV, D. ANGOTTI, J. A. e PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo. Cortez, 2003.

FAZENDA, I. (et al.). Interdisciplinaridade e novas tecnologias: formando professores. Campo Grande, Editora UFMS, 1999.

FREITAS, Carlos Cesar Garcia; SEGATTO, Andrea Paula. Ciência, tecnologia e sociedade pelo olhar da Tecnologia Social: um estudo a partir da Teoria Crítica da Tecnologia. Cad. EBAPE.BR. vol.12 n.2. Rio de Janeiro, Apr./June 2014;

GRANATO, Marcus; MAIA, Elias da Silva; SANTOS, Fernanda Pires. Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: descobrindo conjuntos de objetos de C&T pelo Brasi. An. mus. paul. vol.22 no.2 São Paulo July/Dec. 2014;

JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LINSINGEN, Luana Von. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. Ciência & Ensino, Campinas, v. 1, n. especial, 2007b. Não paginado.;

LINSINGEN, Irlan Von. Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de ciências sob a perspectiva CTS, Ciência & Ensino, Campinas, v. 1, n. especial, 2007a. Não paginado.;

NARDI, R. Educação em Ciências - da Pesquisa à Prática Docente. São Paulo. Escrituras, 4ª. Edição, 2010.

PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel; SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; BAZZO, Walter Antonio. Ciência, Tecnologia e Sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do ensino médio. *Ciência & Educação*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 71-84, 2007.;

RICARDO, Elio Carlos. Educação CTSA: obstáculos e possibilidades para sua implementação no contexto escolar. *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.;

ROEHRIG, Silmara Alessi Guebur; CAMARGO, Sérgio. Educação com enfoque CTS em documentos curriculares regionais: o caso das diretrizes curriculares de física do estado do Paraná. *Ciênc. educ. (Bauru)* vol.20 no.4 Bauru Oct./Dec. 2014.;

SANTOS, W.L.P.dos. MORTIMER, E.F. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência – Tecnologia- Sociedade) no

SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.;

TEIXEIRA, P. M. M. A Educação Científica sob a Perspectiva da Pedagogia Histórico - Crítica e do Movimento C.T.S. do Ensino de Ciências. *Ciência & Educação*. v.9, n.2, 2003.

TERNEIRO – VIEIRA, C. e VIEIRA, R. M. Construção de Práticas Didático - Pedagógicas com Orientação CTS: impacto de um programa de formação continuada de professores de Ciências do ensino básico. *Ciência & Educação*. v.11, n.2, 2005;

TORO-BAQUERO, Javier. Qué visiones de CTS tienen los docentes de 5º y 9º grado de Colombia? Y ¿cuál es su relación con los estándares de ciencias del Ministerio de Educación Nacional?. *Ciênc. educ.* vol.20 n. 4. Bauru, Oct./Dec. 2014.

TRIGUEIRO, M. G. S. Os novos rumos dos estudos sociais de ciência e tecnologia; continuidade e ruptura na teoria social - implicações para o Brasil e a América Latina. *Sociologias*. vol.16 n. 37. Porto Alegre, Sept./Dec, 2014.;

TRIGUEIRO, M. G. S. Sociologia da Tecnologia; bioprospecção e legitimação. São Paulo: Centauro, 2009.;

INSTRUMENTAÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NO ENSINO MÉDIO - 30 H-ELE – Polo 04- UFF-Química- Niterói

EMENTA : Planejamento, organização e aplicação de atividades envolvendo jogos didáticos, recursos experimentais, computacionais e audiovisuais para ensino/aprendizagem dos conteúdos de Ciências para o Ensino Médio numa perspectiva interdisciplinar Os PCNs e os temas motivadores do conhecimento. Estratégias para avaliação.

Fusão de duas propostas: Polo 02: UFF-Diversidade e Inclusão- Niterói

Proposta por: Polo 04: UFF-Química- Niterói

Professor(es): Eluzir Pacheco e Carlos Magno Rocha Ribeiro

BIBLIOGRAFIA:

Artigos especializados que fundamentam a proposta, extraídos de Periódicos qualificados.

Recursos Multimídia em geral (vídeos, áudios e softwares especializados) que fundamentam a proposta, encontrados no endereço eletrônico .<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br>.

EMENTA : Noções gerais sobre: behaviorismo, humanismo e cognitivismo. Aprofundamento nas teorias de Piaget, Vygotsky, Ausubel, Paulo Freire, Bachelard, Novak-Gowin e Johnson-Laird. O objetivo principal da disciplina é estudar as contribuições e influência das teorias psicológicas na Educação Matemática. A disciplina deter-se-á em dois enfoques: o Behaviorismo e o construtivismo como um contraponto a este. Dentro do primeiro enfoque as ideias de Skinner serão as mais trabalhadas. Já dentro do último enfoque, serão discutidos três pilares da Psicologia da Educação: Ausubel, Piaget e Vygotsky. Salientamos, porém que psicólogos mais recentes, cujos trabalhos voltam-se especificamente para a Educação Matemática, tais como Vergnaud, Duval e Nunes, também serão discutidos para que dessa forma o estudante tenha subsídio para avaliar criticamente os construtos teóricos do construtivismo.

Proposta por: Polo 04: UFF-Química- Niterói

Professor(es): Luiza Rodrigues Oliveira

- BACHELARD, G. O Novo Espírito Científico. Rio de Janeiro: Ed.Tempo Brasileiro, 1968.
- BEZERRA, H. e MEIRA, L. Zona de Desenvolvimento Proximal: interfaces com os processos de intersubjetivação. In Meira, L. e Spinillo A. (orgs.) Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE Ed., 2006.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 12796, de 04 de abril de 2013.
- BRITO, M. Aprendizagem Significativa e a Formação de Conceitos na Escola. In Brito, M. (Org.) Psicologia da Educação Matemática. Florianópolis: Ed. Insular, p. 69-84, 2001.
- COLL, C. et al. Psicologia da Aprendizagem no Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- COLL, PALACIOS e MARCHESI, Desenvolvimento psicológico e educação, vol. 2 - Psicologia da Educação, Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª ed., 2004.
- DUVAL, Raymond. Registro de Representações Semióticas e Funcionamento Cognitivo da Compreensão em Matemática, In MACHADO, Silvia Dias Alcântara (Org.) Aprendizagem em Matemática: Registro de Representação Semiótica. Campinas SP: Papirus, 2003. p. 11-33
- DUVAL, Raymond. Ver e Ensinar a Matemática de outra forma. São Paulo: PROEM, 2011.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz na Terra, 1996.
- FREIRE, P. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Editora Paz na Terra, 1997.
- GARNIER, C. Após Vygotsky e Piaget. Porto Alegre: Artes Médicas Editores, 1995.
- HESSEN, Jonathan. Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KELLER, P. S. Aprendizagem: Teoria do Reforço. São Paulo: Ed. EPU, 1973
- MAGINA, S., CAMPOS, T., NUNES, T. e GITIRANA, V. Repensando Adição e Subtração. PROEM . SP. 2001.
- MINGUET, P. A. (Org.). A construção do conhecimento na educação. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MONTANGERO, J. Piaget ou a Inteligência Emocional. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MOREIRA, M. A . Ensino e Aprendizagem - Enfoques Teóricos. Porto Alegre: Editora Moraes, 1983.

MOREIRA, M.; MASINI, E. F. S. Aprendizagem Significativa. A Teoria de David Ausubel. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2006

MORO, Maria Lucia. Construtivismo e Educação Matemática. Educação Matemática Pesquisa, vol. 11 No 1, pp.117-144, 2009.

MOSER, P., TROUT, J. MULDER, D. A Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NARDI, R. (Org.), Questões Atuais no Ensino de Ciências, 1a ed., Escrituras Editora, volume 2, São Paulo, 1998.

NARDI, R., BASTOS, F., DINIZ, R. E. Da S., Pesquisas em Ensino de Ciências – contribuições para a formação de professores, 5a ed. Editora Escrituras, 2005.

NUNES, T. How Mathematics Teaching Develops Pupils' Reasoning Systems. ICME 9. Plenary Lectures. pp.14-17. 2000.

NUNES, T.; CAMPOS, T. MAGINA, S. & BRYANT, P. Educação Matemática: números e operações numéricas. São Paulo: Cortez, 2005

PIAGET, J. The Essential of Piaget. Gruber e Vonèche, Nova York, Ed. Basic Book, 1977

PIAGET, Jean & INHELDER, Barbara. A Psicologia da Criança. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995

PIAGET, J. e Col. Abstração Reflexionante. Porto Alegre: Artmed, 1995.

PIAGET, Jean. Epistemologia genética. São Paulo: Martins Fontes, 2002

REGO, T. C. Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação. 19. ed. , Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

VERGNAUD, G. A Comprehensive Theory of Representation for Mathematics Education. Journal of Mathematical Behaviour. V. 17, N. 2 pp 167-181. 1998

VERGNAUD, Gerard. Teoria dos Campos Conceituais. In: Brun, J. (dir.) Didactica das Matemáticas. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001

VYGOTSKY, Lev S. A Construção do Pensamento e da linguagem. Tradução de Bezerra, P. São Paulo: Martins Fontes, 2001

VYGOTSKY, L. V. A Formação Social da Mente. SP: Ed. Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. Psicologia Pedagógica, São Paulo Ed. Martins Fontes, 2004.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 5 - SEROPÉDICA – UFRRJ

HISTORIA DA MATEMÁTICA E SUA ABORDAGEM EM SALA DE AULA – 45h - ELE – Polo 05- UFRRJ-Seropédica

EMENTA: A matemática pré-grega: os egípcios e os babilônios. O surgimento da geometria: características da matemática grega; Euclides e Os Elementos; Arquimedes e Apolônio. Diofanto. Matemáticas de estilo diferente: os chineses, hindus e maias. Algoritmos de cálculo: como faziam e se fazem contas. O desenvolvimento da trigonometria. Os números complexos. Desenvolvimento da álgebra. Os números negativos. As equações algébricas. A introdução do infinito na matemática: Arquimedes, os indivisíveis, Cavalieri, Keppler, Barrow, Newton e Leibnitz. As geometrias não-euclidianas.e fractais.

Proposta por: Polo 05: UFRRJ-Seropédica

Professor(es): Pedro Carlos Pereira, Paulo Jorge Magalhães Teixeira

BIBLIOGRAFIA:

BOYER, Carl B. História da Matemática. Ed. Edgard Blucher Ltda.

CARAÇA, Bento de Jesus. Conceitos Fundamentais da Matemática Fotogravura Nacional – Lisboa.

Coleção Tópicos de História da Matemática para uso em sala de aula. Vários autores. São Paulo, Atual.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Uma história concisa da matemática no Brasil. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

EVENS, Howard. Introdução à História da Matemática – Editora da Unicamp.

FILHO, D. C. de M. Um convite à matemática: fundamentos lógicos com técnicas de demonstração, notas históricas e curiosidades, Campina Grande, EDUFCG, 2008.

MENDES, I. A., FOSSA, J. A. e VALDÉS, J. E. N. A história como um agente de cognição na educação matemática. Porto Alegre, Sulina, 2006.

MENDES, I. A. O uso da história no ensino da matemática: reflexões e experiências. Belém, EDUEPA, 2001.

SILVA, C. P da A matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento. São Leopoldo, RS. Ed. UNISINOS, 1999.

SCHUBRING, G. Análise histórica de livros de matemática: notas de aula. Campinas, SP. Autores Associados, 2003.

VALENTE, W. R. Uma história da matemática escolar no Brasil, 1730 – 1930. São Paulo, Annablume: FAPESP, 2007.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ENSINO DA MATEMÁTICA - 45H - ELE – Polo 05- UFRRJ-Seropédica

EMENTA: Introdução básica ao uso de computadores na educação. Discussão qualitativa da utilização do computador como ferramenta de auxílio ao professor de matemática. Edição de textos matemáticos. Montagem de apresentações, palestras e aulas com recursos computacionais. Calculadoras gráficas. A Internet como ferramenta para auxílio ao professor de matemática. Estudo e análise de software educativo na área da matemática, com apresentação de proposta didática que contemple o uso da tecnologia informática no ensino e aprendizado da matemática escolar.

Proposta por: Polo 05: UFRRJ-Seropédica

Professor(es): Robson Mariano da Silva, Wallace Vallory Nunes

BIBLIOGRAFIA:

BAIRRAL, M. A. Discurso, interação e aprendizagem matemática em ambientes virtuais a distância. Seropédica, RJ, EDUR/UFRRJ, 2007.

BORBA, M. Calculadora Gráfica. Rio de Janeiro. Série Reflexões em Educação Matemática, vol.6, Publicação GEPEM, 1997.

BORBA, M.d. C., MALHEIROS, A. P. & ZULATTO, R. B. Educação a distância Online. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.

D'AMBRÓSIO U. e BARROS. J. P. D. de Computadores, escola e sociedade. São Paulo. Ed. Scipione, 1998.virtuais a distância. Seropédica, RJ, EDUR/UFRRJ, 2007.

PETERS, O. Didática do Ensino a Distância. Editora Unisinos. São Leopoldo: 2001

SANCHO, J. M.(org.) Para uma tecnologia educacional. Tra. Beatriz A. neves. Porto Alegre. ArtMed. 1998.

TENDÊNCIAS EM ENSINO DA MATEMÁTICA – 45H - ELE – Polo 05- UFRRJ-Seropédica

EMENTA: Discussão de pesquisas e projetos recentes em Educação Matemática, a nível nacional e internacional, mostrando a relevância das pesquisas e de seus resultados para a melhoria do ensino da matemática. Problematicar temas e questões da Educação Matemática, observando a natureza social, multicultural e política do conhecimento Matemático e seu ensino.

Proposta por: Polo 05: UFRRJ-Seropédica

Professor(es): Carla Regina Gomes, Eulina Coutinho Silva do Nascimento

BIBLIOGRAFIA:

CAMPOS, T. e NUNES, T. Tendências atuais do ensino aprendizagem da Matemática. EmAberto, Brasília, ano 14, n.62, 1994, p.3-7

FIORENTINI, Dario e MIORIM, Maria Ângela. (Orgs.). Por trás da porta, que

matemática acontece? Campinas: FE. UNICAMP - CEMPEM, 2001.

FIORENTINI, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino de matemática no Brasil. In: Zetetiké. Campinas. Ano 3, n.4, 1995. p. 1-37.

FIORENTINI, Dario. Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

GUILLEN, M. Pontes para o infinito: o lado humano das matemáticas. Lisboa:Gradiva, 1997.

LINS, Romulo C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, Maria A. V. Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 75-94

POWELL, A. B.; BAIRRAL, M. A. A escrita e o pensamento matemático: interações e potencialidades. Campinas; Papirus, 2006.

SADOVSKY, P. O ensino da matemática hoje – enfoque, sentidos e desafios. Tradução de Antonio de Pádua Danesi, São Paulo. Ática, 2007.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, 1995. p. 207-226.

TÓPICOS DE CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL – 45H

EMENTA: Funções polinomiais, Função Logarítmica e Exponencial, Funções Trigonométricas, Cálculo Diferencial e Integral e suas aplicações as diferentes áreas das ciências.

Proposta por: Polo 05: UFRRJ-Seropédica
Professor(es): Carlos Andres Reyna Vera-Tudela

BASSANEZI, R. C., Ensino-Aprendizagem com Modelagem Matemática: uma nova estratégia, Editora Contexto, 2002;

BOYER, Carl B. História da Matemática. Ed. Edgard Blucher Ltda.

CARAÇA, Bento de Jesus. Conceitos Fundamentais da Matemática Fotogravura Nacional – Lisboa.

MORETTIN, P. A., Hazzan, S., Bussab, W. de O., Cálculo: funções de uma e várias variáveis, Ed. Saraiva, 2003;

STEWART, J., Cálculo, Vol. I e II, Pioneira Thomson Learning, 2002;

TINOCO. Lucia A. A. (Coord.) Construindo o conceito de função no 1º grau. Editora UFRJ. 1996

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 6 - JUIZ DE FORA - UFJF/CAP

CURRÍCULO, AVALIAÇÃO E ENSINO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - 30H – Polo 06 UFJF/CAP - Juiz de Fora

EMENTA:

A disciplina perpassa questões acerca da necessidade de mudança: por que mudar o ensino de Matemática? E o que mudar no ensino de Matemática? Refletindo sobre a adoção de práticas inovadoras, que contribuíram para romper com a cultura do isolamento docente, favorecendo o trabalho colaborativo. Dentre os fatores que justificam a pesquisa visamos a necessidade de articular o conhecimento matemático de forma crítica, com autonomia. Nesta perspectiva, ressaltamos a necessidade de uma educação mais comprometida com o cidadão, que possa dar condições aos alunos de fazer reflexões sobre as tecnologias da vida moderna e sobre a importância da Matemática diante do aparato científico-tecnológico e a utilização desses conhecimentos.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora
Professor(es): Gislaine Maria Rodrigues

BIBLIOGRAFIA:

- ALRØ, H. e SKOVSMOSE, O. O diálogo e aprendizagem em Educação Matemática. Trad. Orlando Figueiredo. BH: Autêntica, 2006.
- DAY, C. Desenvolvimento profissional de professores. Porto: Ed. Porto, 2001. (Trabalho original publicado em inglês em 1999).
- GARCIA, C. M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Trad. Isabel Narciso. Porto/PT: Porto Editora, 1999.
- HARGREAVES, A. et al. Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- HOHENWARTER, M. e LAVICZA, Z. Mathematics Teacher Development With Ict: Towards An International Geogebra Institute. Florida Atlantic University, University of Cambridge, 2007. Disponível em: <<http://www.bsrlm.org.uk/IPs/ip27-3/BSRLM-IP-27-3-Full.pdf> # page = 55>. Acesso em: 02 de abril de 2011.
- IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores. Tradução. Juliana dos santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010
- _____. Formação docente e profissional - Forma-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.
- MACIEL PINTO, N. A.; BAZZO, W. A. Caso simulado no ensino-aprendizagem de matemática: ensinar sob uma abordagem crítica. Revista Bolema, Rio Claro, ano. 22, n. 32, p. 101-122, 2009.

PONTE, J. P. da. Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. Educar, Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 37-66, 2004.

EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADES – 60 H- ELE – Polo 06 Juiz de Fora

EMENTA: Fundamentos políticos, pedagógicos, sociais, econômicos e culturais da Educação do Campo. Histórico e contemporaneidade da Educação do Campo. Relações institucionais envolvendo Estado, Universidades e Movimentos Sociais do Campo. Contradições, tensões e conflitos no desenvolvimento das políticas de educação do campo. Diversidade cultural e identidade dos povos do campo. Modos de vida no campo e sua relação com os processos educativos. Práticas curriculares em escolas do campo. Currículo, desenvolvimento e as especificidades da educação do campo. Educação do campo, sustentabilidade e saberes locais. Crianças e Jovens do campo e suas demandas. Políticas Públicas para as infâncias e juventudes do Campo.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora

Professor(es): Simone da Silva Ribeiro

BIBLIOGRAFIA:

ARROYO, Miguel. Imagens Quebradas. Trajetória e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Outros Sujeitos, outras pedagogia. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. 5ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura camponesa e escola rural. O trabalho de Saber. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Sulina, 1999.

BRANDÃO, Carlos (org). A questão política da educação popular. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BRASIL. MEC. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução NE/CEB nº1, de 3 de Abril de 2002. Brasília, Distrito Federal :MEC, 2003.

CALDART, Roseli S., PALUDO, Conceição, DOLL, Johannes (orgs). Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: Ed. PRONERA/NEAD, 2006.

CALDART, Roseli Salete. A Pedagogia do Movimento Sem Terra. 2ª, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. Cartas a Cristina. 4. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. Extensão ou comunicação? 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. Pedagogia da indignação. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. Pedagogia da tolerância. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. Pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Panorama da Educação do Campo. Brasília: INEP, 2007.

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Por uma educação básica do campo – memória. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

LEITE, Sérgio Celani. Escola rural; urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, Aracy Alves; MARTINS, Maria de Fátima Almeida e ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Territórios Educativos na Educação do Campo: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MEC/GTP Educação do Campo. Referências para uma política nacional de educação do campo. Brasília: MEC, 2004.

MOLINA, Monica (org). Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ed. MDA, 2006.

MOLINA, Mônica C. a contribuição do programa nacional de educação na reforma agrária para a promoção do desenvolvimento sustentável. Brasília, 2003.

MUNARIM, Antonio. “Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil”. Educação, Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 57-72, jan./abr. 2008.

PAIVA, Vanilda. História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PAULINO, Eliane T. e FABRINI, João E. (org). Campesinato e Territórios em disputa. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005.

RIBEIRO, Simone da Silva. Conversas com professoras: desinvisibilizando as artes de fazer educação do campo na escola pública. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2012. 238f.

RIBEIRO, Marlene. Movimento Camponês- trabalho e educação- liberdade, autonomia, emancipação: princípios e fins da formação humana. Belo Horizonte: Ed. Expressão Popular, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Conhecimento Prudente para uma vida decente – ‘um discurso sobre as Ciências’ revisitado. Porto: Edições Afrontamento, 2003a.

_____. Introdução a uma ciência Pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. Gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. (Org.). A Globalização e as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Pela mão de Alice. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Um discurso sobre as ciências. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Clarice Aparecida (org). Educação do Campo: Campo - Políticas Públicas - Educação. Brasília: INCRA, MDA, 2008.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente. Perspectivas da Biodiversidade e da Biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SACHS, Wolfgang (Ed.). Dicionário do Desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder. Tradução Vera Lúcia M. Jocelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 300-316.

SILVA, Lourdes Helena da. Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. A experiência brasileira. Sísifo - revista de ciências da educação, n. 5, jan./abr. 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de et al. Sujeitos e práticas pedagógicas nas escolas rurais da Bahia: ações educativas e territórios de formação. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 1, p. 156-169, jan./jun. 2011.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

VEIGA, José Eli da. Cidades Imaginárias. O Brasil é menos Urbano do que se Calcula. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. Estudos Sociedade e Agricultura, ano 17, v. 1, p. 60-85, abr. 2009..

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM AMBIENTES VIRTUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 30H - ELE – Polo 06 Juiz de Fora

EMENTA: O impacto das tecnologias de informação e comunicação sobre a Educação tem se mostrado promissor, particularmente se considerarmos os avançados ambientes virtuais que promovem ensino e aprendizagem. Neste sentido, em consonância com as mudanças educacionais que ocorrem no ensino da disciplina de Matemática, desenvolvemos o presente projeto de pesquisa, utilizando estratégias de ensino, com o recurso do computador, na qual ressaltamos os papéis dos alunos e do professor, bem como o acesso aos conteúdos. Consideramos os alunos - como aprendizes, com diferenças individuais; o professor - com capacidade de desenvolver novas habilidades e competências e os conteúdos de aprendizagem - com possibilidade de serem reconstruídos e apresentados nos ambientes virtuais. Justifica-se nosso empreendimento para a implementação desta nova abordagem pedagógica sob três fatores. O primeiro fator, motivar os alunos na aprendizagem dos conhecimentos matemáticos com a utilização dos softwares educacionais. O segundo, adotar ações mais dinâmicas de ensino, com a finalidade de gerar procedimentos de intervenção sobre a prática com a representação visual e a manipulação de objetos de aprendizagem. E o último fator, mas não menos importante, proporcionar a integração dos alunos com a tecnologia, que ocorrerá na medida em que participa de atividades e/ou situações de aprendizagem, particularmente na utilização dos softwares educacionais. Em suma, nossa proposta é elaborar atividades e/ou situações de aprendizagem com os softwares educacionais, além de usar a internet com os seus aplicativos, tais como: os sites de busca e os ambientes virtuais de comunicação. Esses recursos contribuirão para a articulação entre a tecnologia educacional e a aprendizagem matemática. Portanto, consideramos fundamental reconstruir a nossa prática pedagógica, dentre as tendências existentes, investimos na aplicação dos recursos do computador para ensinar os conceitos matemáticos.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora
Professor(es): Gislaine Maria Rodrigues

BIBLIOGRAFIA:

- _____. Formação docente e profissional - Forma-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALRØ, H. e SKOVSMOSE, O. O diálogo e aprendizagem em Educação Matemática. Trad. Orlando Figueiredo. BH: Autêntica, 2006.
- DAY, C. Desenvolvimento profissional de professores. Porto: Ed. Porto, 2001. (Trabalho original publicado em inglês em 1999).
- GARCIA, C. M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Trad. Isabel Narciso. Porto/PT: Porto Editora, 1999.
- HARGREAVES, A. et al. Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- HOHENWARTER, M. e LAVICZA, Z. Mathematics Teacher Development With Ict: Towards An International Geogebra Institute. Florida Atlantic University, University of Cambridge, 2007.

Disponível em: <<http://www.bsrlm.org.uk/IPs/ip27-3/BSRLM-IP-27-3-Full.pdf> # page = 55>.
Acesso em: 02 de abril de 2011.

IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores. Tradução. Juliana dos santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010

MACIEL PINTO, N. A.; BAZZO, W. A. Caso simulado no ensino-aprendizagem de matemática: ensinar sob uma abordagem crítica. Revista Bolema, Rio Claro, ano. 22, n. 32, p. 101-122, 2009.

PONTE, J. P. da. Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. Educar, Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 37-66, 2004.

ESTUDOS SOBRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA - 60 H- ELE – Polo 06 Juiz de Fora

EMENTA: Dimensão histórica da formação de professores de Educação Física. Definição e caracterização da profissão docente em Educação Física. Processos de constituição da identidade profissional do professor de Educação Física. O processo de formação de professores de Educação Física na atualidade. Socialização profissional do professor de Educação Física na Educação Básica. Desenvolvimento da carreira e o ciclo de vida profissional do professor de Educação Física na Educação Básica. A questão do mal-estar docente no contexto atual.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora
Professor(es): Janaina Garcia Sanches

BIBLIOGRAFIA:

- ANTUNES, Fabiana R. A construção da identidade de professores de educação física e sua relação com o mal-estar docente. In: XVI Jornada Nacional da Educação - Educação: território de saberes, 2012, Santa Maria. Anais do XVI Jornada Nacional da Educação - Educação: território de saberes. Santa Maria: UNIFRA, 2012. v. 1. p.
- BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 343-360, maio/ago. 2008.
- BORGES, Cecília Borges; DESBIENS, Jean-François (Orgs.). Saber, formar e intervir para uma Educação Física em mudança. Campinas: Autores Associados, _____. O professor da Educação Básica e seus saberes profissionais. Araraquara: JM Editora, 2004.
- BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (Orgs.). Educação Física no Brasil e na Argentina: Identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.
- CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002.
- COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Trabalho docente e profissionalismo. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- DAVID, Nivaldo Antonio Nogueira. A formação de professores para a educação básica: dilemas atuais para a Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte (digitalizada), Campinas, v. 23, p. 119-133, 2002. Cd-ROM
- FIGUEIREDO, Zenólia Cristina C. (Org.). Formação profissional em Educação Física e mundo do trabalho. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.
- FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Experiências Profissionais, Identidades e Formação Docente em Educação Física. Revista Portuguesa de Educação, v. 23, p.

FREIRE, Elisabete dos Santos; VERENQUER, Rita de Cássia G.; REIS, Marise Cisneiros. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. Revista Mackenzie de Educação Física e esporte. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 39-46, FREITAS, Maria Nivalda de Carvalho. Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 115, p. GERALDI, Corinta Maria; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (Orgs.). Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

GARIGLIO, José Ângelo. Professores de Educação Física de uma escola profissionalizante e a sua cultura docente: as interconexões entre os saberes da base profissional e o campo disciplinar. Pensar a Prática, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 249- GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

NÓVOA, Antônio (Org.). Profissão professor. 2. Ed. Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de professores. 2. Ed. Porto: Porto Editora, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

REALI, Aline Maria de M. R.; MIZUKAMI, Maria das Graças N. (Orgs.). Formação de professores: tendências atuais. EdUFSCar: São Carlos, 1996.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Campinas, v. 22, n. 3, maio 2003.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; SHIGUNOV, Viktor (Orgs.). Educação Física: conhecimento teórico X prática pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Calude (Orgs.). Ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Calude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAVARES, José; BRZEZINSKI, Iria (Orgs.). Conhecimento profissional de professores: a práxis educacional como paradigma de construção. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2001.

ZARAGOZA, José Manuel Esteve. O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: Edusc, 1999.

(MULTI)LETRAMENTOS: PARA ALÉM DO FETICHE TECNOLÓGICO- 60 H- ELE – Polo 06 Juiz de Fora

EMENTA: Análise dos processos de ensino e aprendizagem como uma prática social e política em sua totalidade, tendo a práxis educativa como elemento fundante destes processos. Análise dos usos e funções sociais da escrita e suas implicações no processo de construção da leitura e da escrita e para a formação de professores do Ensino Fundamental. Análise crítica da inclusão digital a partir da perspectiva do (multi)letramentos. Produção e leitura de textos escolares que extrapolam o espaço escolar a partir de sua dimensão digital. Discussão crítica acerca do fetiche das tecnologias digitais no movimento de (re)contextualização destas tecnologias no espaço escolar e seus reflexos na Formação dos Professores nas práticas educativas. Limites, dilemas e contradições no uso pedagógico das tecnologias digitais e das linguagens na perspectiva do alfabetizar letrando. Possibilidades e avaliações de trabalho com as tecnologias digitais tendo em vista a prática pedagógica e a formação docente.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora
Professor(es): Lauriana Goncalves De Paiva

BIBLIOGRAFIA:

- GAYDECZKA B. ; BRITO K. (ORG.). Gêneros textuais: reflexão e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17-34.
- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. DLV: língua, linguística e literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-34, out. 2003. Disponível em: http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf Acesso em: 22 ago. 2014.
- _____. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002^a. [online] disponível em: http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf Acesso em: 25 maio 2014.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: 50^a Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002b, p. 01-47. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57043043/Generos-Textuais-Emergentes-No-Contexto-Da-Tecnologia-Digital> Acesso em: 12 jun. 2014.
- _____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; PAIVA, Lauriana G. Do giz colorido ao Data show: uma conex@odesconnect@d@. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- _____. O fetiche tecnológico na educação. Juiz de Fora: UFJF, 2014.
- ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. (Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica. In: Linguagens e Diálogos, v. 2, n. 1, p. 109-143, 2011.
- SANTOS, Rita Rosielly da Silva; ALMEIDA, Sideane Soares de. A reversibilidade de função: os gêneros digitais no livro didático. 2011. Disponível em: www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1014-GEN_DIGITAL_LIVRO.pdf Acesso em: 21 ago. 2014.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. São Paulo: Autores Associados, 2009.
- _____. História das ideias pedagógicas no Brasil. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2010.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. ed. - São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. n. 25. Jan./Fev./ Mar./ Abr. 2004. p. 5 – 17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2014
- _____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em: 08 dez. 2013.

PEDAGOGIA DA CULTURA CORPORAL – 60 H- ELE – Polo 06 Juiz de Fora

EMENTA: Nesta disciplina, a Educação Física é compreendida enquanto componente curricular inserido na área da Linguagem. Argumenta que a produção cultural manifestada pela motricidade, ou seja, a cultura corporal, é o objeto de estudo desta área do conhecimento. Em função disso, são fomentadas discussões a partir da construção teórica realizada acerca da temática corporal e a sua relação com a constituição do homem, da sociedade e da cultura, tomando como fundamento o entendimento da gestualidade como linguagem que expressa significados. Esta disciplina apresenta uma concepção de Educação

Física que busca o diálogo cultural por meio da cultura corporal e proporciona a aproximação, o estudo e a valorização de diversas formas de produção e expressão culturais da comunidade escolar e dos diversos grupos que compõem a sociedade. Contribui para que os alunos e alunas sintam-se produtores e reprodutores de um patrimônio cultural digno, que deve ser vivenciado e analisado pela instituição escolar, partilhado publicamente e respeitado por todos os grupos sociais.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora
Professor(es): Wilson Alviano Jr.

BIBLIOGRAFIA:

- ALTHUSSER, L; Aparelhos ideológicos do Estado: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE).Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- APPLE, M. W. Ideologia e currículo. Porto: Porto Editora, 1999.
- BAUDELOT, C. , ESTABLET, R. Escuela Capitalista.Mexico: Siglo XXI, 1990.
- BENITES, L. S., SOUZA NETO, S. HUNGER, D., O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 343-360, maio/ago. 2008
- BERNSTEIN, B. A estruturação do discurso pedagógico: Classe, códigos e controle. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1996
- BORGES, C. A formação dos docentes de Educação Física e seus saberes profissionais. In: BORGES, C., DESBIENS, J. F. (orgs) Saber, formar e intervir para uma Educação Física em mudança. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física, in Caderno CEDES, vol. 19 n. 48. Campinas, 1999a
- _____. Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Editora Unijuí, 1999b.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Carta Brasileira de Educação Física. Rio de Janeiro, 2000.
- CORAZZA, S. M. Diferença pura de um pós-curriculum. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). Currículo: Debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.
- CORAZZA, S. M. O construtivismo pedagógico como significado transcendental do currículo. In: VEIGA-NETO, A. (org.) Crítica pós-estruturalista e educação. Porto Alegre: Sulina, 1995. P. 211-229.
- _____. O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em Educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- CORRÊA, I. L. S. & MORO, R. L. Educação Física escolar: Reflexão e ação curricular. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- DAOLIO, J. Educação Física e o conceito de cultura. Campinas: Autores Associados, 2004.
- DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2003.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUCKUR, L. C. B. Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de Educação Física. Campinas: Autores Associados, 2004.

FENSTERSEIFER, P. E. A Educação Física na crise da modernidade. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 6 ed., 1985.

_____. M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995b.

_____. M. A ordem do discurso. 12 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. (Orgs.) Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GENTILI, Pablo. Pedagogia da exclusão: Crítica ao neoliberalismo em educação. 4ª ed. Rio de Janeiro: Petrópolis. 1998

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GHIRALDELLI JR., P. Educação Física progressista – A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. 2a ed. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIROUX, H. Atos impuros: A prática política dos Estudos Culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIROUX, H. A., McLAREN, P. Formação do professor como uma contra-esfera pública: A pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (orgs.) Currículo, cultura e sociedade. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

GOODSON, I. Currículo: Teoria e História. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GRESPLAN, M. R. Educação Física no ensino fundamental: primeiro ciclo. Campinas: Papirus, 2002.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

JEZINE, E.; BATISTA, M. S. X. Globalização e Políticas do Ensino Superior: As lutas sociais e a Lógica Mercantilista. Janeiro de 2009. Disponível em [http://cyted.riaipe.net/index.php?option=com_docman](http://cyted.riaipe.net/index.php?option=com_docman&task=task)HYPERLINK "http://cyted.riaipe.net/index.php?option=com_docman&task=task"task .Acesso em:

JOHNSON, R.; ESCOSTEGUY, A. C.; SCHULMAN, N. O que é, afinal, Estudos Culturais? 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEVY-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública. São Paulo: Loyola, 1985.

LIMA, M. E. A Educação Física no projeto pedagógico: espaço de participação e de reconhecimento da cultura dos alunos. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIPPI, B. G. Formação de professores de Educação Física no Estado de São Paulo: Quais as políticas em jogo? Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da USP. São Paulo: 2009.

LOPES, A. R. C. e MACEDO, E. Disciplinas e integração curricular: histórias e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

McLAREN, P. Multiculturalismo revolucionário: Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MOLINA NETO, V., MOLINA, R. M. K. Identidade e perspectivas da Educação Física na América do Sul: Formação profissional em Educação Física no Brasil. In: BRACHT, V., CRISORIO, R. A

Educação Física no Brasil e na Argentina: Identidade, desafios e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (orgs.) Currículo, cultura e sociedade. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

NEIRA, M. G. O currículo multicultural da Educação Física: uma alternativa ao neoliberalismo. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 5, p.75 - 83, 2006a.

NEIRA, M.G. Por um currículo multicultural da Educação Física. Presença Pedagógica. , v.12, p.31 - 40, 2006b.

NEIRA, M. G. A Educação Física em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. Currículo sem Fronteiras, v. 8, n. 2, pp.39-54, jul./dez., 2008.

NEIRA, M.G. Desvelando Frankensteins: Interpretações dos currículos de Licenciatura em Educação Física. Revista Brasileira de Docência, Ensino e pesquisa em Educação Física. Vol. 01, número 01, Cristalina: 2009.

NEIRA, M. G., NUNES, M. L. F. Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G., NUNES, M. L. F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

NUNES, M. L. F., RUBIO, K. Os currículos da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. Currículos sem fronteiras, v. 08, n. 02, pp. 55-77, Jul/Dez 2008.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.

POPKEWITZ, T. S. História do currículo, Regulação social e Poder. In. SILVA, T. T. (org.) O sujeito da educação: estudos Foucaultianos. 5ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994

POPKEWITZ, T. S. Lutando em defesa da alma: A política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: Uma reflexão sobre a prática. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SNYDERS, G. Escola, classe e luta de classes. São Paulo: Centauro, 2005.

TORRES SANTOMÉ, J. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. 7ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2008.

SCHEIBE, L.; BAZZO, V. L.. Políticas governamentais para a formação de professores na atualidade. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 22, n. 3, p. 9-22, mai. 2001.

SILVA, T. T. (org.) O sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SILVA, T. T. Currículo e identidade social: Territórios contestados. In: SILVA, T. T. (org.). Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 7ª ed. Petrópolis, R. J. : Vozes, 2008.

SILVA, T. T. Teorias do currículo: Uma introdução crítica. Porto: Porto Editora, 2000.

SILVA, T. T. Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 7ª ed. Petrópolis, R. J. : Vozes, 2008.

SILVA, T. T. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer Educação Física na escola. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/1999

VEIGA-NETO, A. Crítica pós-estruturalista e educação. Porto Alegre: Sulina, 1995.

EMENTA: Conceitos das categorias da diferença; relações dessas categorias (raça, identidade, desempenho etc) na construção da motricidade humana; reconstrução de saberes a partir das experiências de vida e profissional dos professores; construção de projetos coletivos que superem as atuais vulnerabilidades sociais da educação; Autonomia discente; Perspectivas metodológicas da Educação Física no Ensino Médio.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora

Professor(es): Cátia Pereira Duarte

BIBLIOGRAFIA:

- ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- APPLE, M. W. Ideologia e currículo. Porto: Porto Editora, 1999.
- BALL, S. La micropolítica de la escuela: hacía una teoría de la organización escolar. Barcelona: Paidós, 1989.
- _____. Education reform: a critical and post-structural approach. Buckingham: Open University Press, 1997.
- BEGHELLI FILHO, B. et al. A Educação Física no Colégio de Aplicação João XXIII: 38 anos de história. In: CUNHA Jr., C. F. F., MARTIN, E. R. H. & ZACARIAS, L. S. Educação Física: narrativas e memórias em Juiz de Fora. Juiz de Fora: EDUFJF, 2003, p. 169-184.
- BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- BORGES, C. O professor de Educação Física e o saber docente (de 5ª a 8ª série) e seus saberes profissionais. 2002. 210f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 12 de ago. 1971. [s. s.], [s. p.].
- BRASIL. Lei n. 8.745, de 09 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, nos termos do inciso IX do art. 37 da Constituição Federal, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 10 de dez. 1993. Seção 1, p. 1-2.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial, Brasília, 23 de dez. 1996. Seção 1, p. 1-9.
- BRASIL. Lei n. 10.667, de 14 de maio de 2003. Altera dispositivos da Lei n. 8.745, de 9 de dezembro de 1993, da Lei n. 10.470, de 25 de junho de 2002, e da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990, cria cargos efetivos, cargos comissionados e gratificações no âmbito da Administração Pública Federal, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 15 de mai. 2003. Seção 1, p. 1-2.
- BRASIL. Lei n. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Diário Oficial, Brasília, 07 de fev. 2006. Seção 1, p. 1-2. BRASIL.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/ SEF, 1999 (Área: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias - Educação Física).
- CARDOSO, R. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. (org). AAventura Antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p 95-105.

CARTER, K. Teachers' knowledge and learning to teach. In: HOUSTON, W.R. (org). Handbook of research on teacher education. New York: Macmillan, 1990, p.291-310.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII. Filosofia do colégio João XXIII. Juiz de Fora: Parte institucional da agenda escolar, 2010. Disponível em <<http://www.ufjf.br/joaoxxiii/institucional/filosofia>>. Acesso em 16 de set. 2010.

DUBAR, C. Formesidentitairesetsocialisationprofessionnelle. RevueFrançaise de Sociologie, [s. l.] ano XXXIII , v. 4, p. 505-529, [s. m.] 1992.

_____. À propos de l'insertionprofessionnelle: l'insertioncomme articulation temporelle du biographiqueet du structurel. RevueFrançaise de Sociologie. [s. l.] ano XXXV, v. 2, p. 283-291, [s. m.] 1994.

DUBET, François. Sociologie de l'expérience. Paris: Seuil, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARCÍA CANCLINI, N. Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Mexico: Editorial Grijalbo S. A. , 1990.

GARIGLIO, J. A. A cultura docente de professores de Educação Física de uma escola profissionalizante: saberes e práticas profissionais em contexto de ações situadas. 2004. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GASPARIN, J. L. Uma didática para pedagogia histórico-crítica. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GAUTHIER, C. et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

GAUTHIER, C; JEFFREY, D. Enseigneretséduire.Quebec :UniversitéLaval, 1999.

GEERTZ, C. Nova luz sobre antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GIROUX, H. A.; McLAREN, P. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, A. F. ; SILVA, T. T. Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 2001, p 125-154.

GOODSON, I. F. Currículo: teoria e história. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARGREAVES, A. Os professores em tempos de mudanças: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Lisboa, 1994.

LACLAU, E. Desconstrucción, pragmatismo, hegemonía. In: MOUFFE, Chantal (org.). Desconstrucción y pragmatismo. Buenos Aires: Paidós, 1998, p. 97-136.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, n. 19. Caxambu. Programa e resumos... Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2002, p. 20-28. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2010.

LELIS, I. A. Do ensino de conteúdos aos saberes do professor: mudança de idioma pedagógico? Educação & Sociedade. [s. l.], ano XXII, n. 74, p. 43-58, abr. 2001 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a04v2274.pdf>>. Acesso em 16 de set. 2010.

LIMA, R. Para entender o pós-modernismo. In: Espaço Acadêmico, [s. l.], n. 35, p. 6-12, abr. 2004.

MOLINA NETO, V; SANCHOTENE, M. V. Habitus profissional, o currículo oculto e a cultura docente: perspectivas para análise da prática pedagógica dos professores de Educação Física. Pensar a Prática. Goiânia: UFG, v. 9, n. 2, p. 267-280, jul/ dez, 2006.

NEIRA, M.G. Por um currículo multicultural da Educação Física. Presença Pedagógica. , v.12, p.31 - 40, 2006.

NEIRA, M. G. A Educação Física em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. Currículo sem Fronteiras, v. 8, n. 2, pp.39-54, jul./dez., 2008.

NEIRA, M.G. Desvelando Frankensteins: Interpretações dos currículos de Licenciatura em Educação Física. Revista Brasileira de Docência, Ensino e pesquisa em Educação Física. Vol. 01, número 01, Cristalina: 2009.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). Saberes Pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 15-34.

SACRISTÁN, J. G.; GOMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed 1998.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. In: Teaching Educational Researcher. [s. l.]: AERA Presidential Address, v. 15, n. 2, p. 4-14, feb.1986.

SILVA, A. S. Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SILVA, T. T. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. Le travail enseignant au quotidien. Québec: Presses de l'Université Laval, 1999.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n. 13, p. 5-24, jan/abr 2000.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade. [s. l.], v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

TARDIF, M. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 31-55.

TRUDEAU, F. Le lien entre l'éducation physique et la performance académique: les évidences s'accumulent. Propulsion. [s. l.], n.12, v.1, p.7, [s. m.] 1999.

VEIGA-NETO, A. Crítica pós-estruturalista e educação. Porto Alegre: Sulina, 1995.

SUBSÍDIOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA – 60H - ELE – Polo 06 Juiz de Fora

EMENTA: A formação didático-pedagógica dos professores da Educação Básica visando a inclusão é um tema que tem cada vez mais se apresentado como crucial para a melhoria da qualidade da educação básica como um todo, ao incorporar estratégias de combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação que tem como intuito adotar estratégias didático-pedagógicas e político-institucionais para a sensibilização, mobilização e acompanhamento dessas questões no tocante às diversas realidades presentes na diversidade social existente na escola e na sociedade em geral, correlacionadas às questões étnico-raciais, a gênero, à sexualidade, à tradição das culturas, à pessoas com deficiência, e à vulnerabilidade socioeconômica. Portanto, um dos eixos dessa disciplina é problematizar sobre as peculiaridades e especificidades culturais, físicas, educacionais e socioeconômicas desses

estudantes, apontando rumos e caminhos para o seu pleno desenvolvimento cognitivo, emocional, intelectual e social. É necessário rever grades curriculares, programas e novas metodologias e estratégias pedagógicas necessitam ser mobilizadas. O desafio que se apresenta não é o de apenas apontar as lacunas e dificuldades desses estudantes, e sim, apontar as lacunas e dificuldades que a escola possui frente as demandas que a contemporaneidade apresenta no sentido de garantir para além do acesso, a permanência e o sucesso escolar desses grupos na educação básica.

Proposta por: Polo 06: UFJF – Juiz de Fora
Professor(es): Carolina dos Santos Bezerra Perez

BIBLIOGRAFIA:

- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes curriculares para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BEZERRA-PEREZ. Carolina dos Santos. Saravá Jongueiro Velho!: Memória e Ancestralidade no Jongo do Tamandaré. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- _____. O imaginário sobre o negro no espaço escolar: das imagens da angústia à força da ancestralidade africana, trilhando caminhos na construção de uma educação para as relações etnicorraciais. In: MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman. Culturas Contemporâneas, Imaginário e Educação: Reflexões e Relatos de Pesquisa. São Carlos: Editora Rima, 2010.
- CARVALHO, José Jorge de. Inclusão Étnica e Racial no Brasil: A questão das cotas no Ensino Superior. São Paulo: Attar Editorial, 2005.
- CAVALLEIRO, Eliane. (org.) Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- EWALD, François. Foucault: A norma e o direito. Lisboa: Vega, 1993.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação & Realidade. v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.
- KELEMAN, Stanley. Anatomia Emocional. São Paulo: Editorial Summus, 1992.
- LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MANTOAN, Maria. Teresa. Egler, PRIETO, Rosângela. Gavioli, ARANTES Valéria. Amorim (Org.). Inclusão escolar: pontos e contrapontos, 1ed., São Paulo: Summus, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. (org). Superando o racismo na escola. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. (org.) Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Princípios para uma educação afro-brasileira. In: MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman. Culturas Contemporâneas, Imaginário e Educação: Reflexões e Relatos de Pesquisa. São Carlos: Editora Rima, 2010.

PACHECO, Lílian. Pedagogia Griô: A reinvenção da roda da vida. Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô. Lençóis, Bahia, 2006.

SANTOS, Inacyra Falcão. Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. (orgs). Epistemologias do sul. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007

SODRÉ, Muniz. Reinventando a Educação: Diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

POLIAKOV, Léon. O mito ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Editora Perspectiva/Edusp, 1974.

MEMMI, Albert. O racismo. Editorial Caminho. Coleção Nosso Mundo, 1993.

WIEVIORKA, Michel. O Racismo, uma introdução. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

MOORE, Carlos. Racismo & Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. Brandão. Programa de Educação sobre o negro na Sociedade Brasileira. Niterói: EdUFF, 2000.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 7 - UBERLÂNDIA - UFU/ESEBA

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -EJA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES - 45H - ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA – Uberlândia

EMENTA: Estudo do histórico, legislação, avaliação e políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos-EJA; Aspectos pedagógicos, estrutura Curricular, gestão e recurso da educação de jovens e adultos-EJA; Os sujeitos da educação de jovens e adultos-EJA; Demanda e atendimento dos sujeitos da educação de jovens e adultos-EJA;A educação de jovens e adultos -EJAe o mundo do trabalho; Ambiente escolar: respeito e valorização das diferenças; Promoção e valorização da diversidade; Os sujeitos da EJA.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia
Professor(es): Zaida Barros Dias

BIBLIOGRAFIA:

- BERNARDIM, Márcio L. Educação do trabalhador: da escolaridade tardia à educação necessária. Guarapuava: Unicentro, 2007.
- CUNHA, Conceição Maria Da. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.
- DI PIERRO, Maria Clara. Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: Contribuições para uma avaliação da década da Educação para Todos. São Paulo: Ação Educativa, 1999 (Paper). São Paulo. Relatório de pesquisa. São Paulo: Cedi, 1993.
- _____. & SIQUEIRA, Maria Clara Di Pierro. Diagnóstico dos estudos e pesquisas sobre políticas, estrutura e funcionamento do ensino supletivo – função suplência. Relatório final de pesquisa. São Paulo: Cedi, 1988.
- FÁVERO, Osmar, RUMMERT, Sônia Maria & VARGAS, Sônia de. Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores: A proposta da faculdade de educação da Universidade Federal Fluminense. In: Diversidade e desigualdade: Desafios para a educação na fronteira do século. 22ª Reunião Anual da Anped, São Paulo, 1999. (Cd-Rom)
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: Um cenário possível para o Brasil, acesso em 18 de janeiro de 2015.
- _____. Moacir; ROMÃO, José E. (Org.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta.
- HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na educação de jovens e adultos. Em Aberto, Brasília, out./dez. 1992, vol. 11, nº 4, p. 3-12.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgs.). Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: SEPE-RJ, 2004.
- RIBEIRO, Vera M. Masagão et al. Educação de jovens e adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo/ Brasília: Ação Educativa/MEC-SEF, 1997.
- TORRES, Rosa Maria. (1992). Educación para todos: La propuesta, la respuesta (1990-1999). Buenos Aires (apresentada no Painel Nueve años después de Jomtien, Conferência Anual da Sociedade Internacional de Educação Comparada, Toronto, 14-18 de abril, 1999. BRASIL.

Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2001 e Resolução CNE/CBE nº 1/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

_____. Mapa do Analfabetismo no Brasil. Brasília: MEC/INEP, 2003. Disponível em <http://www.inep.gov.br/estatisticas/analfabetismo/>.

_____. Congresso Nacional. Decreto nº 5.478. Instituição do Proeja. Brasília, 24 de junho de 2005.

APRENDIZAGEM CRIATIVA DA LEITURA E DA ESCRITA E O DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE HUMANA – 60H - ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA – Uberlândia

EMENTA: Concepções de aprendizagem da leitura e da escrita. Concepção de subjetividade humana. Concepção de aprendizagem criativa. O social e o individual na aprendizagem criativa. Diferentes formas de expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita. A criatividade do aluno e a criatividade do professor: estratégias e ações para seu desenvolvimento. O papel do outro para a emergência da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita. O trabalho pedagógico criativo, em prol de uma aprendizagem criativa da leitura e da escrita.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Luciana Soares Muniz

BIBLIOGRAFIA:

ABAUURRE, M. B. M.; SALEK FIAD, R.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Cenas da aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil, 1997.

BAJARD, E. Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2002.

BERNARDIN, Jacques. As crianças e a cultura escrita. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA, Maria Alice Fernandes de. Falar, ler e escrever em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2008.

CANTÚ, Gustavo. Lectura y subjetividad en el diagnóstico psicopedagógico. Buenos Aires: Noveduc, 2011.

CUPOLILLO, Mercedes Villa. Os entrelaces dos cachinhos de Gabriela: reflexões sobre psicoterapia, educação e cidadania. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREINET, Celestin. O método natural III: a aprendizagem da escrita. Lisboa: Estampa, 1977.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FRITZEN, C.; CABRAL, G. da S. (Org.). Infância: imaginação e educação em debate. São Paulo: Papirus, 2009.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; LEITE, Sérgio A. da S. A escrita como recurso mnemônico na fase inicial de alfabetização escolar: uma análise histórico-cultural. Educação & Sociedade, Campinas, ano 23, n. 78, p.143-167, abril, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

_____. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de letras, 1995. cap. 4, p. 119-143.

LARROSA, Jorge. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas: Komedi, 2008.

MANGUEL, Alberto. À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas. São Paulo: Companhias das Letras, 2009.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A criatividade como princípio funcional da aula: limites e possibilidades. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008. cap. 5, p. 115-143. 276.

_____. Aprendizagem criativa: desafios para a prática pedagógica. In: NUNES, C. Didática e formação de professores. Ijuí: Unijuí, 2012, p. 93-124.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (Org.). Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ÁLVAREZ, P. (Org.). O sujeito que aprende. Brasília, DF: Liber Livro, 2014.

Muniz, Luciana S.; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Aprendizagem da leitura e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade. *Leitura. Teoria & Prática*, v. 30, p. 1713, 2012.

Muniz, Luciana S.; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. A aprendizagem da leitura e da escrita: análise da produção científica. *Atos de Pesquisa em Educação (FURB)*, v. 8, p. 951-981, 2013.

MUNIZ, Luciana S.; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita: um estudo de caso. *Educação e Pesquisa*, 2015.

SIMÃO, L. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (Org.). O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em Psicologia. São Paulo: Thomson, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SMOLKA, A. L. B.; SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. Leitura e desenvolvimento da linguagem. Campinas: ALB, 2010.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TACCA, M. C. V. R. (Org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas: Alínea, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Pensamiento y habla. Buenos Aires: Colihue Clásica, 2007.

_____. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA, CURRÍCULO, PROPOSTA PEDAGÓGICA, PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ESPAÇO, DO TEMPO, E DAS ROTINAS EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS – 60H - ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA – Uberlândia

EMENTA: Concepções de infância e suas implicações para o trabalho pedagógico junto às crianças de até seis anos de idade. Projeto político-pedagógico e seu comprometimento com o desenvolvimento integral das crianças, com a prática inclusiva e com a valorização da diversidade sócio-cultural no cotidiano de creches e pré-escolas. Observação, registro, documentação, planejamento e avaliação na Educação Infantil: questões para a prática pedagógica. A especificidade de creches e pré-escolas no que diz respeito a: organização e gestão do espaço (instigador, flexível, relacional); organização e gestão do tempo (tempo individual, tempo de relações em pequenos grupos e no coletivo - equilíbrio entre atividades mais calmas e mais movimentadas); agrupamentos das crianças e as possibilidades de

convivência com diferentes faixas etárias; inserções e transições (casa–escola, creche–pré-escola, pré-escola–primeiro ano do Ensino Fundamental); rotinas de atividades; movimentação e circulação em diferentes espaços (áreas internas e ao ar livre) e diferentes propostas (movimentos amplos, exploração de objetos, imaginação e manifestações simbólicas, ampliação de modos de comunicação e criação de significados, expressão da curiosidade, expansão das experiências de cultura); inter-relações entre educar e cuidar, valorização e construção da autonomia, da cooperação e da solidariedade; valorização das produções infantis.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Analúcia de Moraes Vieira

BIBLIOGRAFIA:

- BRASIL. (1998). Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 2V.
- BARBOSA, M.C. & HORN, M.G.S. Projetos pedagógicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARBOSA, M.C.S. Por Amor e por Força - Rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006
- BENJAMIN, Walter.(1984) Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus.
- BONDIOLI, A. (Org). O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisas e estudos de casos. São Paulo: Cortez, 2004.
- EDWARDS, C., GANDINI, L. & FORMAN, G. As cem linguagens da criança: a aborgagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FARIA, A.L.G. O espaço físico nas instituições de educação infantil. In: FARIA, A.L.G. & PALHARES, M. S. (org), Educação Infantil pós- LDB: rumos e desafios. Campinas, Ed. Autores Associados, 1999.
- FREIRE, M. A paixão de conhecer o mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho: O Conhecimento é um Caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, Cores, Sons, Aromas: A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) (2009). Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores. 2 ed. Campinas, SP. Papirus.
- PENCE M., DAHLBERG G. & MOSS P.(orgs) (2003) Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artes Médicas.
- RINALDI, Carla.(2012) Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender. Ed Paz e Terra.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL PARA A FORMAÇÃO E ATIVIDADE DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 60H - ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA - Uberlândia

EMENTA: Interfaces entre Psicologia e Educação no Brasil. Psicologia Educacional e formação de professores. Teoria histórico-cultural e formação docente. Articulação entre condições subjetivas e objetivas, expressa pelas categorias significado e sentido como um caminho para a compreensão da atividade docente. Atividade docente e apropriação de saberes docentes no contexto cultural. O papel do professor no desenvolvimento psicológico dos alunos.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Lucianna Ribeiro de Lima

BIBLIOGRAFIA:

- ANTUNES, M. A. M. (2003). Psicologia e Educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In MEIRA, M. E. M. & ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). Psicologia escolar: teorias críticas (pp. 139-168). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. A. (Orgs.) Psicologia e Formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 44., p. 19-32, abr. 1998.
- BASTIDES, A. C. B. Formação profissional e saberes docentes: um estudo com professores da educação básica. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 2012.
- DUARTE, N. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (por que Donald Schön não entendeu Luria). Educação e Sociedade: Campinas, v. 24, n. 83, pp. 601-625. ago., 2003.
- FACCI, M. G. D. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.
- _____. A intervenção do psicólogo na formação de professores: contribuições da psicologia histórico-cultural. In: MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Org.) Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação (pp. 107-131). Campinas: Editora Alínea, 2009.
- _____. “Professora, é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil?” – Reflexões em torno do processo ensino-aprendizagem na perspectiva vigotskiana. In: Meira, E. M.; Facci, M. G. D; (Orgs.). Psicologia histórico-cultural: Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, pp. 135-156.
- FONTANA, R. A. C. Como nos tornamos professoras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HELLER, A. O cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- MALDONADO, R. M. Los saberes docentes como construcción social. La enseñanza centrada en los niños. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- MORETTINI, M. T. A aprendizagem dos professores em contexto grupo-oficina na apropriação da teoria histórico-cultural. Curitiba: Editora Appris, 2012.
- NUNES, L. G. A.; SILVA, S. M. C. A Psicologia Escolar e as professoras das séries iniciais: um olhar sobre o cotidiano docente. Revista de Educação. PUC Campinas: Campinas, n.29, pp. 211-222, jul./dez., 2010.
- SADALLA, A. M. F. A. Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações. Campinas: Editora Alínea, 1998.
- SADALLA, A. M. F. A. Construindo uma escola reflexiva: o que a psicologia tem a ver com isso? In. VICENTINI, A. A. F.; SANTOS, I. H. dos; ALEXANDRINO, R. (Orgs). O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos. Campinas: Graf. FE, 2006.
- SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. (4. ed). Campinas: Cortez/Autores Associados, 1994.
- SOUZA, M. P. R. de; ZIBETTI, M. L. T. Apropriação e mobilização de saberes na prática pedagógica: contribuição para a formação de professores. Educação e Pesquisa: São Paulo, v. 33. n. 2, pp. 247-262, 2007.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone/ Edusp, 1988.
- VIGOTSKI, L. S. Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. A Construção do pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. A formação social da mente. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed editora, 2003.

EMENTA: Pensar o ensino e refletir sobre as experimentações curriculares como mobilizadoras de pensamentos, como dimensão pedagógica, como potência educativa e como propositora de currículos tendo como meio práticas educativas que experienciam o uso das linguagens múltiplas linguagens (visuais e audiovisuais). Neste movimento de discussão e de pesquisa o que importa não é o acúmulo – de informações e conhecimentos – e sim as potências – das criações e pensamentos, os acontecimentos que ali e aqui tem lugar e que possibilitam a proliferação de pensamentos e de experimentações curriculares que derivaram de encontros, de conversas, de aulas, de ações e de movimentos diversos em espaços educativos formais e informais, permitindo que se (re)pense o currículo e como as múltiplas linguagens produzem currículos.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Ínia Franco de Novaes

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, M. J. de. A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. Pro-Posições. Campinas, v. 10, n.2 (29), jul. 1999.
- BIANCO, G. Otimismo, pessimismo, criação: pedagogia do conceito e resistência. Educação & Sociedade. Campinas, v. 26, n.93, set./dez. 2005, p.1289-1308
- _____. Gilles Deleuze educador: sobre a pedagogia do conceito. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.179-204
- BERINO, A. SOARES, C. Educação e imagens: instituições escolares, mídias e contemporaneidade. Coord. Nilda Alves. Série: Imagens e Pesquisas em Educação. Petrópolis: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ (mídia digital)
- CORAZZA, S. M. Noologia do currículo: Vagamundo, o problemático, e Assentado, o resolvido. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.131-142
- _____. Artistagens: Filosofia d: a diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 120 p.
- _____. TADEU, T. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, 132 p.
- _____. ZORDAN, P. Linhas de escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 208 p.
- CUNHA, C. M. A professora rizoma: TPM e magia na sala de aula. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.157-168
- GALLO, S. Em torno de uma Educação Menor. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.169-178
- _____. Deleuze & Educação. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 98p.
- GAUTHIER, C. Esquizoanálise do currículo. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.143-155
- HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora da
- KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. Educação & Sociedade. Campinas, v. 26, n.93, set./dez. 2005, p.1273-1288
- MOREIRA, A. F. SILVA, T. T. da (orgs.). Currículo, cultura e sociedade. 7.ed. São Paulo: Cortez, 154p.
- OLIVEIRA, I. B. de. O currículo como criação cotidiana. Petrópolis: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012, 136p.
- PARAÍSO, M. A. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre o currículo no Brasil. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 30 (1), jan./jun. 2005, p.67-82
- PETERS, M. Geofilosofia, Educação e Pedagogia do conceito. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.77-87

SACRISTAN, G. J. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, 352p.

TADEU, T. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27 (2), jul./dez. 2002, p.47-57

_____. Deleuze e a questão da literalidade: uma via alternativa. Educação & Sociedade. Campinas, v. 26, n.93, set./dez. 2005, p.1331-1338

_____. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 156p.

_____. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 117p.

_____.(org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

HISTÓRIA E CULTURAS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. – 45H - ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA - Uberlândia

EMENTA: A história da ocupação e migrações na pré-história brasileira. A história dos índios a partir do contato com as frentes de expansão colonial. As políticas de aldeamento e de apresamento e o uso da força de trabalho indígena. As formas de resistência dos índios à catequese e escravidão. O estatuto dos Índios na história republicana brasileira e suas formas de organização. Sociodiversidade contemporânea dos indígenas brasileiros. Mitologia, concepções cosmológicas fundamentais e formas de pensamento. Símbolos, ritos e imaginário: as formas de instituição da sociabilidade indígena. A oralidade: memória, forma lógica própria de produção/reprodução cultural. Alguns fundamentos da organização social dos povos indígenas: família, parentesco e as formas de cooperação econômica. A troca como instituição social: comunicação, relações de gênero e circulação de bens. A noção de cultura: origem do conceito e definição de seus usos científicos. Debate teórico em torno de algumas noções chave: mudança cultural, aculturação, etnocídio, transculturação, assimilação. Os grupos étnicos: formas de instituição e dinâmicas próprias – o caso das etnogêneses e dos ressurgimentos étnicos.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia
Professor(es): André Luis Bertelli Duarte

BIBLIOGRAFIA:

AZIAS, Jean-Marie. A antropologia contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1978.

BALANDIER, Georges. Tradição e Modernidade. In: Antropologia Política. São Paulo: Edusp, pp. 147-181.

BARTH, Frederik. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P. & STREIFF- FENART, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Unesp, 1997.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política. 5ª ed. Tradução de Theo santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1990.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras/FAPESP, 1992.

GOODY, Jack. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Tradução de Teresa Louro Péres. Lisboa: Edições 70, 1987.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. Micropolítica: cartografias do desejo. 7ª ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: 2005.

JECUPÉ, Kaka Werá. A Terra dos Mil Povos: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru, EDUSC, 2002.

LEON-PORTILLA, Miguel. A conquista da América vista pelos índios: relatos astecas maias e incas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LÉVI-STRAUSS. O pensamento selvagem. 2ª ed. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1997.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. Um Grande Cerco de Paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. Tradução Lambert Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974.

MONTEIRO, John Manuel. Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. Tese de Livre Docência. Campinas, Unicamp, 2001.

_____. Negros da terra. Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, João Pacheco de.; FREIRE, Carlos Augusto da Costa. A Presença Indígena na Formação do Brasil. Brasília: MEC, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial territorialização e fluxos culturais. In: Revista Mana, Rio de Janeiro, PPGAS - Museu Nacional, Relume-Dumará, vol, 4, nº I, abril de 1998.

OLIVIERI, AC; VILLA, MA. Cronistas do Descobrimento. São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, Aracy Lopes da.; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi [org]. A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

RIBEIRO, Darcy. Uirá sai à procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

TAUSSIG, Michel. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TODOROV, Tzvetan. O homem desenraizado. Rio de Janeiro: Record, 1999.

IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM FALADA (ORALIDADE) E DE LINGUAGEM ESCRITA (LETRAMENTO) NA ESCOLA – 60H - ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA - Uberlândia

EMENTA: Objetiva aprofundar as discussões sobre as relações entre fala/escrita e oralidade/letramento e os modos de funcionamento da fala e da escrita nos variados contextos de interação social. A primeira parte desse curso tratará de mostrar, a partir dos pressupostos da Linguística Textual, da Sociolinguística e da Análise da Conversação - e com base nos procedimentos para a retextualização - como o professor, em sala de aula, pode tratar, de forma adequada, os gêneros orais e, a partir desse tratamento, mostrar ao aluno como o falante mobiliza recursos multimodais para atribuir sentido ao que fala. As discussões também tratarão da análise de atividades de livros didáticos que abordam as relações oral/escrito e seus imbricamentos com questões da variação linguística, dos níveis de registros e dos estilos que podem ser usados com maior ou menor saliência, a depender da situação de interação, da modalidade de uso da língua e, ainda, do gênero textual em produção. Na segunda parte do curso, o Ensino da escrita perpassado por implicações da subjetividade, serão problematizadas algumas questões sobre a escrita levando em consideração uma

abordagem discursiva. Para isso, serão discutidas questões relacionadas à escrita tomando por base relevantes contribuições da Análise do Discurso pecheutiana, Psicanálise freudolacaniana e Teoria da Enunciação Benvenistiana. Ao colocar essas questões em foco, para se pensar o ensino da escrita para alunos da escola básica, sobretudo para aqueles que estão em fase de aquisição da escrita, faz-se necessário apostar na perspectiva de que esses processos exigem um trabalho de interpretação do aluno, a ser levado em consideração pelo professor. Por isso, sem perder de vista o alcance e a eficácia da prescrição normativa, esta disciplina põe em relação a questão da subjetividade na escrita, assegurando que se trata de um trabalho de interpretação mais amplo e complexo em que a singularidade certamente intervém.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Cláudia Goulart Moraes e Vilma Aparecida Gomes

BIBLIOGRAFIA

- CASTILHO, A. T. de. A língua falada no ensino de português. São Paulo: Contexto, 2000.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: Fernanda Mussalin, Anna Christina Bentes. (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
- PRETI, D. (org.). Análise de textos orais (Série Projetos Paralelos, vol. 1). São Paulo: FFLCH / USP, 1993.
- _____. Oralidade em textos escritos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2009, (Projetos Paralelos – NURC/SP, V. 10) p. 305-316.
- URBANO, H. Usos da linguagem verbal. In: Dino Preti. (Orgs). Oralidade em diferentes discursos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, (Projetos Paralelos – NURC/SP, V. 8) p. 19-56.
- Escrita/Letramento
- CALIL, E. . A língua, a reescrita e o bilhete: interferências que singularizam o texto de um aluno de 2ª série. In: Leitura, escrita e ensino. Org. ZOZZOLI, M. R. D. & OLIVEIRA, M. B. de. Maceió, EDUFAL, 2008.
- _____. (Org.) Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007.
- CORACINI, M. J. F. Discurso e escrit(u)ra: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. In: Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela. Org. Beatriz Maria Eckert-Holf e Maria José Faria Coracini. Campinas: SP. Mercado das Letras, 2010. 279 p.
- FELIPETO, C. Rasura e Equívoco: no Processo de Escrita em Sala de Aula. Londrina: EDUEL, 2008.
- OLIVEIRA, M. B (Org.). Leitura, escrita e ensino. Maceió: EDUFAL, 2008.
- LIER-DEVITTO, M.F. & ARANTES, L. (Orgs.) Faces da escrita: linguagem, clínica, escola. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

NOVAS TECNOLOGIAS, SALAS DE AULA E PROFESSORES: GEOGRAFIA, TECNOLOGIAS E CONSOLIDAÇÃO DE CATEGORIAS ESPACIAIS DE ANÁLISE – 45H- ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA – Uberlândia

EMENTA: Pensar as novas tecnologias, seu uso na vida cotidiana e seus rebatimentos na sala de aula e na prática dos professores, considerando as categorias espaciais de análise, constituem-se um importante caminho reflexivo. Considerar os vetores da globalização e da modernidade que atravessam a vida das pessoas na contemporaneidade, com rebatimentos diretos na prática dos professores em sala de aula, ao lidar com alunos imersos na sociedade do movimento e coloca em relevo a necessária reflexão acerca da sala de aula como o lugar

privilegiado do trabalho com habilidades de pensamento complexo e reflexivo, com vistas ao desenvolvimento de competências.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): André Luiz Sabino

BIBLIOGRAFIA:

CALVINO. As cidades invisíveis. São Paulo: Cia. das letras, 1990.

CANTO, Tânia Seneme do. A nova forma da mediação da cartografia no ciberespaço. Notas sobre o projecto Post Urbano. Ar@cne. Revista electrónica de recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales. [En línea. Acceso libre]. Barcelona: Universidad de Barcelona, nº 152, 1 de octubre de 2011. <<http://www.ub.es/geocrit/ aracne/aracne-152.htm>>.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Volume I. 2ª edição, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. Formação inicial e continuada em geografia: trabalho pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento. In Zanatta, Beatriz Aparecida, Souza, Vanilton Camilo de (orgs). Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino da geografia. Goiânia: Ed. Vieira/NEPEG, 2008.

COSTA, Esther Silva da e FERREIRA, Giselle Martins dos Santos. Mídias na educação: reflexões em torno da apropriação instrumental e leitura crítica das mídias. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Artigos Seção Dossiê IV Seminário Mídia e Cotidiano. Número 1, 138-154, janeiro/abril 2013. <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/26>

DEWEY, J. Como pensamos - como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. 1979, São Paulo: Editora Nacional.

FAGUNDES, L., Sato, L. & MAÇADA, D. (1999). Aprendizes do futuro: as inovações já começaram! Coleção Inform@tica para a mudança na educação. Secretaria de Educação a Distância, MEC, MCT, Governo Federal. Retirado de: www.miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Artigos/colecao_proinfo/livro03_aprendizes.pdf

GRINSPUM, Mírian P. S. Zippin (Org). Educação tecnológica: desafios e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. Colaboração de Cláudia Lopes Pocho, Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narcizo Sampaio. 2004. Ed. Petrópolis: Vozes.

LEITE, Lígia Silva; FILE, Valter; SILVA, Marco; AMORA, Dimmi; SANTOS, Edmea Oliveira dos. Tecnologia e educação: as mídias na prática docente. 2008.

LÉVY, P. (1999). Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

PERES, Mônica Regina. Competência informacional: educação e sociedade. RICI: R.Ibero-amer. Ci. Inf., ISSN 1983-5213, Brasília, v. 3, n. 1, p. 22-33, jan./jul. 2011.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2004a.

SAYAD, Alexandre Le Voci. Idade Mídia - A Comunicação Reinventada na Escola. São Paulo: Editora Aleph. 2012.

TEDESCO. Juan Carlos. (org). Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza. São Paulo: Cortez : Brasília: UNESCO, 2004.

VALENTE, José Armando (Org). Computadores e conhecimento: repensando a educação. Campinas: Gráfica da UNICAMP, 1993. Disponível para download em <http://www.nied.unicamp.br/?q=content/computadores-e-conhecimento-repensando-educa%C3%A7%C3%A3o>.

VEEN, Win; VRAKING, Bem. Homo Zappiens: educando na era digital. São Paulo: Ed. Artmed, 2009.

SITES:

Revista Brasileira de Informática na Educação (<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/index>)

Revista Informática na Educação: teoria & prática (<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/>);

Revista Novas Tecnologias na Educação (<http://seer.ufrgs.br/renote/>)

O TRABALHO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NAS REDES REGULARES DE ENSINO 60H- ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA - Uberlândia

EMENTA: Fundamentos da Educação Inclusiva. A função do atendimento educacional especializado em identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, considerando suas necessidades específicas. Análise da organização, da estrutura escolar e do trabalho dos professores em relação ao currículo, programas e procedimentos utilizados pelas redes regulares sob a perspectiva da Educação Inclusiva.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Priscila Moreira Corrêa

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto Nº 7.611, de 17 de Novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília: MEC, 2011. Disponível em : < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm>. Acesso em: 27 out. 2014.

DECHICI, C.; FERREIRA, J. M.; SILVA, L. C. (Orgs). Inclusão educacional e educação especial: múltiplos olhares e diversas contribuições. Uberlândia: Edufu, 2013.

GONZÁLEZ, J. A. T. Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

MANZINI, E. J.; CORRÊA, P. M. (Orgs). Avaliação de acessibilidade na Educação Infantil e no Ensino Superior. São Carlos: Marquezine & Manzini: ABPEE, 2014.

PADILHA, A. M. L. Práticas pedagógicas na Educação Especial – a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas: Autores Associados, 2001.

RODRIGUES, D. Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summues, 2006.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO - 60H- ELE- Polo 07 – UFU/ESEBA - Uberlândia

EMENTA: Esta disciplina tem como objetivo analisar as representações de gênero no contexto da educação básica considerando que estas podem contribuir para a transmissão e construção do conhecimento e podem influenciar na formação e transformação da identidade dos alunos. O gênero é concebido como uma construção social, cultural e histórica, conforme propõe Scott e Louro; as representações como uma modalidade de conhecimento que revelam valores,

crenças e interpretações sobre um objeto (MOSCOVICI, 1978). Histórico dos estudos de gênero, de políticas públicas dentre elas os PCNs também se fazem presentes nas discussões. Perspectivas e possibilidades de novos olhares e metodologias sobre as questões de gênero no cotidiano escolar.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia

Professor(es): Zaida Barros Dias

BIBLIOGRAFIA:

AUAD, D. Educar Meninas e Meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.
BRASIL. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer e superar preconceitos. Cadernos CECAD 4, Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. CONSULTAS. Edital de Convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD - 2008. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/pnld-consultas>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos - apresentação dos temas transversais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Referenciais para Formação de Professores. Brasília, DF: MEC/SEF, 1999.

GARCIA, C. C. Breve História do Feminismo. São Paulo: Claridade, 2011.

GONÇALVES, E. Pensando o gênero como categoria de análise. Cadernos de Área, Goiânia, CJCG, v. 7, p. 41-60, 1998. Estudos de gênero

LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.101-132, jul./dez. 1995.

_____. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 46, p. 201-218, 2008.

_____. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MACHADO, L. Z. Gênero, um novo paradigma? Cadernos Pagu, Campinas, v. 11, p. 107-125, 1998.

MEYER, D. E. E.; RIBEIRO, C.; RIBEIRO, P. R. M. Gênero, Sexualidade e Educação. "Olhares" sobre algumas das perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo G.E. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2004.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. A representação social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. O Fenômeno das Representações Sociais. In: MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, T. T. da. As relações de gênero e a pedagogia feminista. In: SILVA, T. T. da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b.

EMENTA: Relações entre educação e o mundo contemporâneo (pós-)moderno. Novas tecnologias e identidade: a incidência das chamadas novas tecnologias na constituição identitária do professor e do aluno. Educação e as “novas” tecnologias. Identidade e (pós-) modernidade. Noções de sujeito e identidade. Sujeito e a relação com as “novas” tecnologias.

Proposta por: Polo 07: UFU – Uberlândia
Professor(es): Ana Claudia Cunha Salum

BIBLIOGRAFIA:

- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CORACINI, Maria José. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias. In: MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José (Orgs.). Práticas identitárias: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 133-156.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

DISCIPLINAS ELETIVAS, MINISTRADAS NO POLO 8 - SANTO ANDRÉ – UFABC

EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE E SEXUALIDADE – 60H- ELE- Polo 08 – UFABC – Santo André (SP)

EMENTA: Saúde e Sexualidade como “descoberta, construção e busca”, numa perspectiva bio-psico-socio-cultural. Perspectiva histórica e interdisciplinar das questões de saúde e sexualidade. Dimensões da sexualidade humana. Produção de materiais didáticos envolvendo os temas saúde e sexualidade no contexto da escola básica. Elaboração de projetos educativos para espaços escolares e/ou comunitários.

Proposta por: Polo 08: UFABC – Santo André

Professor(es): Patricia da Silva Sessa

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural orientação sexual. Brasília: MEC, 1997. v.10.

BRASIL, Ministério da Saúde. A Educação profissional em Saúde e a realidade social.

Organizador: Bertolo Kruse Grande de Arruda. Instituto Infantil de Pernambuco – IMIP, Recife, 2001.

MEYER, D. Saúde e sexualidade na escola. 3 ed. Porto Alegre: Mediação. 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.

Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TÓPICOS DE ENSINO DE ASTRONOMIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA– 60H- ELE- Polo 08 – UFABC – Santo André (SP)

EMENTA: Fundamentos básicos de Astronomia para o Ensino; Reconhecimento das fases da Lua; Estações do ano; Movimento aparente do Sol; Apresentação dos aspectos interdisciplinares do Ensino de Astronomia; LDB; Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental; Parâmetros e Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio; O Universo e sua origem. Universo, Terra e Vida; Teorias de origem e evolução da vida; Uso de geometria e trigonometria na Astronomia; Origem dos elementos químicos; Reconhecimento do céu (constelações).

Proposta por: Polo 08: UFABC – Santo André

Professor(es): Evonir Albrecht

BIBLIOGRAFIA:

ABCMC - Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência: UFRJ. FCC.Casa da Ciência : Fiocruz. Museu da Vida, 2009. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/guia/files/guiacentrosciencia2009.pdf>. Acesso: 30 mai. 2012.;

ALBRECHT, E.; VOELZKE. M. R. Ensino de Astronomia: Uma Proposta para a Educação Básica. 1. ed. Saarbruecken - Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015;

BARRIO, J. B. M. El planetário: um recurso didático para la enseñanza de la astronomia. 2003. 342 f. Tese (Doutorado)-Universidade de Valladolid, Espanha, 2003; BARRIO, J. B. M. A investigação educativa em astronomia: os planetários como espaço de ensino e aprendizagem. In: LONGHINI, M. D. Educação em astronomia: experiências e contribuições para a prática pedagógica. Campinas, SP: Editora Átomo, 2010. p.159-178;

BOCZKO, R. Conceitos de astronomia. São Paulo: Editora: Edgard Blücher Ltda, 1984;

BOCZKO, R. Erros comumente encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. In: EXPOASTRO98 ASTRONOMIA: EDUCAÇÃO E CULTURA, 3., 1998, Diadema- SP. Anais... Diadema/SP: SAAD, 1998. p.29-34; CANIATO, R. (Re) Descobrindo a astronomia. Campinas, SP: Editora Átomo, 2010. 142p;

LANGHI, R. Astronomia nos anos iniciais do ensino fundamental: repensando a formação de professores. 2009. 370 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência)-Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Bauru, 2009;

LANGHI, R.; NARDI, R. Ensino de astronomia: erros conceituais mais comuns presentes em livros didáticos de ciências. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 24, p.87-111, 2007;

LANGHI, R.; NARDI, R. Ensino da astronomia no Brasil: educação formal, informal, não-formal e divulgação científica. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 4, p.4402-1 a 4402-11, 2009;

LANGHI, R.; NARDI, R..Educação em astronomia no Brasil: alguns recortes. In SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE ENSINO DE FÍSICA, 18. 2009b. Anais... Vitória, ES: SNEF, 2009;

LANGHI, R.; NARDI, R. Formação de professores e seus saberes disciplinares em astronomia essencial nos anos iniciais do ensino fundamental. Revista Ensaio, v.12, n. 02, p.205-224, maio/ago. 2010;

LEITE, C. Formação do professor de ciências em astronomia: uma proposta com enfoque na espacialidade. 2006. 274 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006;

LONGHINI, M. D.; MORA, I. M. Uma investigação sobre o conhecimento de astronomia de professores em serviço e em formação. In: LONGHINI, M. D. Educação em astronomia: experiências e contribuições para a prática pedagógica. Campinas, SP: Editora Átomo, 2010. p.87-115.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 9 – UNICAMP - CAMPINAS

HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E ENSINO – 45H- ELE - Polo 09- UNICAMP – Campinas (SP)

EMENTA: Apresentação e discussão das principais tendências historiográficas em História das Ciências. Discussão das relações entre História das Ciências e ensino de ciências, visando identificar, criticar e eventualmente incorporar seus possíveis papéis e contribuições para Educação e Geociências (caráter ilustrativo, ampliação da cultura geral dos alunos, recurso didático na organização e apresentação dos conteúdos, formação da capacidade de crítica dos alunos, etc). Elaboração e desenvolvimento de uma experiência concreta (aula, audiovisuais, textos, etc), visando sua aplicação prática.

Proposta por: Polo 09: UNICAMP – Campinas

Professor(es): Cauê Nascimento de Oliveira, Celso Dal Ré Carneiro, Pedro Wagner Gonçalves
Rosely Aparecida Liguori Imbernon, Joseli Maria Piranha, Roberto Greco, Ronaldo Barbosa

BIBLIOGRAFIA :

ADAMS, F.D. The birth and development of geological sciences. New York: Dover, 1938. (ler especialmente a “Conclusão”) BACHELARD, G. La double illusion du continuisme: la continuité du récit et la lenteur des commencements. in: PÉCHEUX, M.; FICHANT, M.. Sobre a História das Ciências. Lisboa, Ed. Estampa, 1971. (Col. Teoria, 9). p.179-180. (em português) BACHELARD, G. L'actualité de l'histoire des sciences. in: PÉCHEUX, M.; FICHANT, M.. Sobre a História das Ciências. Lisboa, Ed. Estampa, 1971. (Col. Teoria, 9). p.171-177. (em português) BERNALL, J. D. A ciência e a história. In: A ciência na história. Lisboa: Horizontes, v.7, 1977. p.1.273-1.289. BORREGO, M. J.; GARCÍA, R.; GUEDE, B.; MENÉNDEZ, E.; PACHECO, F. La utilización de la Historia de la Ciencia para trabajar problemas relacionados con los fósiles. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, Girona, v.4, n.1, p.46-52, 1996. CAMPANARIO, J. M. Dela necesidad, virtud : cómo aprovechar los errores y las imprecisiones de los libros de texto para enseñar física. Enseñanza de las Ciencias, v.21, n.1, mar2003, p.161-172. CARDOSO, W. Os obstáculos epistemológicos segundo Gaston Bachelard. Rev. da Soc. Bras. Hist. da Ciência, São Paulo, n.1, p.19-27, jan-jun 1985. COHEN, B. A sense of history in science. Science & Education, Holanda, v.2, n.3, p.251-277, 1993. COLLINS, H.; SHAPIN, S. Experiment, science teaching, and the New History and Sociology of Science. in: SHORTLAND, M.; WARRICK, A. (orgs.) Teaching the history of science. Oxford: British Soc. Hist. Science: Basil Blackwell, 1989. p.67-79. (há uma tradução para o português) COMPIANI, M.; GONÇALVES, P. W. Epistemologia e historia de la Geología como fuentes para la selección y organización del curriculum. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, Girona, v.4, n.1, p.38-45, 1996. COMTE, A. L'histoire d'une science est autre chose que l'exposé de cette science selon l'ordre historique. in: PÉCHEUX, M.; FICHANT, M.. Sobre a História das Ciências. Lisboa, Ed. Estampa, 1971. (Col. Teoria, 9). p.165-169. (em português)

DEBUS, A. A ciência e as humanidades - a função renovadora da indagação histórica. *Revista da Soc. Bras. História da Ciência*, n.5, jan-jun 1991, p.3-13. ELLENBERGER, F.. *Histoire de la géologie*. Paris: Technique et Documentation: Lavoisier, 1988 e 1994 (2 vols.) (ler especialmente a "Introdução", da qual há uma trad. para o português) FIGUEIRÔA, S. F. de M.; LOPES, M. M. La Historia de la Geología y su potencial educativo: una reflexión desde América Latina. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, Girona, v.4, n.1, p.71-76, 1996. FRANKENSTEIN, M. Various uses of history in teaching critical-mathematical literacy. in: NOBRE, S. (org.). *Proceedings of the meeting of the "International Study Group on the Relations between History and Pedagogy of Mathematics"*. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1996. p.91-98. GAGLIARDI, R. Los conceptos estructurales en el aprendizaje por investigación. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v.4, n.1, p.30-35, 1986. GAGLIARDI, R.; GIORDAN, A. La historia de las ciencias: una herramienta para la enseñanza. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v.4, n.3, p.253-58, 1986. GARCÍA C. C. M. La Historia de la Geología como hilo conductor de una unidad didáctica: tectónica de placas. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, Girona, v.4, n.1, p.59-66, 1996. HESSEN, B. Las raíces socioeconómicas de la mecánica de Newton. La Habana: Ed. Academia, 1985. 86p. (ler p.13-41). HODSON, D. Philosophy of science, science and science education. *Studies in Science Education*, University of Leeds, v.12, p.25-57, 1985. KELLY, G.J.; CARLSEN, W.S. & CUNNINGHAM, C.M. Science Education in sociocultural context: perspectives from the sociology of science. *Science Education*, New York, v.77, n.2, p.207-220, 1993. KUHN, T. A função do dogma na investigação científica. In: DEUS, J. D. de (org.) *A crítica da ciência (Sociologia e ideologia da ciência)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.53-80. LAFUENTE, A.; LÓPEZ-OCÓN, L. Bosquejos de la ciencia nacional en la América Latina del siglo XIX. *Asclepio*, Madrid, v.50, n.2, p.5-10, 1998. LATOUR, B.; WOOLGAR, S. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1987. 310p. (ler Cap. 1, p.9-34) LEDERMAN, N. G. et alli. Assessing understanding of the nature of science: a historical perspective. *Science & Education*, Dordrecht, v.7, n.6, p.595-615, nov 1998. LÓPEZ-OCÓN, L. La formación de un espacio público para la ciencia en la América Latina durante el siglo XIX. *Asclepio*, Madrid, v.50, n.2, p.205-225, 1998. MATTHEWS, M. R. Historia, filosofía y enseñanza de las ciencias: la aproximación actual. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v.12, n.2, p.255-277, 1994. McCOMAS, W. F. et alli. The role and character of the nature of science in science education. *Science & Education*, Dordrecht, v.7, n.6, p.511-532, nov 1998. MENDELSON, E.; WEINGART, P.; WHITLEY, R. (eds.). *The social production of scientific knowledge*. Dordrecht, D. Reidel Publ. Co., 1977. 293p. (ler a "Introdução") OLDROYD, D. *The arch of knowledge (An introductory study of the history of the philosophy and methodology of science)*. New York: Methuen, 1985. 413p. (ler Cap.9, p.318-327). OULTON, C., DILLON, J.; GRACE, M. M. Reconceptualizing the teaching of controversial issues. *Int. J. Science Educ.*, Taylor & Francis, v.26, n.4, p.411-423, mar 2004. PESTRE, D. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/UNICAMP*, Campinas, v.6, n.1, p.3-56, jan-jun 1996. POMEROY, D. Implications of teacher's beliefs about the nature of science: comparison of the beliefs of scientists, secondary science teachers, and elementary teachers. *Science Education*, New York, v.77, n.3, p.261-278, jun 1993. PRAIA, J. F. Epistemología e Historia de la Ciencia: contribuciones a la planificación didáctica. *La Deriva Continental*. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, Girona, v.4, n.1, p.30-37, 1996. PUMFREY, S. The concept of oxygen. Using history of science in science teaching. in: SHORTLAND, M.; WARRICK, A. (orgs.) *Teaching the history of science*. Oxford: British Soc. Hist. Science: Basil Blackwell, 1989. p.142-155.

REBOLLO, M. Una aproximación didáctica a la naturaleza de la Ciencia a través de los textos históricos. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, Girona, v.4, n.1, p.53-58, 1996. SADLER, T. D.; CHAMBERS, F. W.; ZEIDLER, D. L. Student conceptualizations of the nature of science in response to a socioscientific issue. *Int. J. Science Educ.*, Taylor & Francis, v.26, n.4, p.387-409, mar 2004. SALDAÑA, J. J.. Nuevas tendencias en la historia de la ciencia en América Latina. *Cuadernos Americanos*, México, v.2, n.38, p.69-91, mar-abr/93. SALTIEL, E.; VIENNÔT, L. Que aprendemos de las semejanzas entre las ideas historicas y el razonamiento espontaneo de los estudiantes? *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v.3, n.2, p.137-144, 1985. SARTON, G. L'histoire de la science. *Isis*, v.1, n.1, 1913, p.11-15. (trad. para o português) THE HISTORY OF SCIENCE SOCIETY (Ed.) Topical essays for teachers. Seattle, Univ. of Washington, 1995.136p. (escolher dentre os 4 textos) YOXEN, E. Play up and play the game. A simulation of hard and soft fraud in science. in: SHORTLAND, M.; WARRICK, A. (orgs.) *Teaching the history of science*. Oxford: British Soc. Hist. Science: Basil Blackwell, 1989. p.185-200.

LINGUAGEM VISUAL E PRÁTICAS DE CAMPO NO ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL – 45H - ELE- Polo 09- UNICAMP – Campinas (SP)

EMENTA: Intuição e racionalidade na construção de conhecimentos. Percepção, desenvolvimento cognitivo e artes. Trabalhos experimentais e trabalhos de campo e sua importância na construção de conhecimentos no ensino de Ciências e Educação Ambiental. Os trabalhos de campo como ferramentas geradoras de problemas no ensino/aprendizagem. As funções e os papéis didáticos das práticas de campo nas Ciências Naturais. O papel das atividades de campo e novas abordagens teórico-metodológicas nas relações entre o ensino de Ciências Naturais e Educação Ambiental. Metodologia e estratégias para o planejamento do ensino das atividades de campo.

Proposta por: Polo 09: UNICAMP – Campinas

Professor(es): Cauê Nascimento de Oliveira, Celso Dal Ré Carneiro, Pedro Wagner Gonçalves
Rosely Aparecida Liguori Imbernon, Joseli Maria Piranha , Roberto Greco, Ronaldo Barbosa

BIBLIOGRAFIA :

AB'SABER, A.N. (Re)Conceituando Educação Ambiental. Rio de Janeiro, CNPq/MAST, folder, 1991. ALDABA, J.; BARRUTI, L.; GORROTXATEGI, C.L. & JUNI, J. Una experiencia interdisciplinar en 3º de BUP basada en la geología como unidad temática central. *Henares, Revista de Geología*, (2):407-416, 1988. ALMEIDA, C. M. C. A representação de espaço e tempo no desenho da criança. *Pro-posições*, Campinas, n.1, pp. 39-52, 1990. ANGUITA, F. & ANCOCHEA, E. Prácticas de campo: alternativas a la excursión tradicional. In: SIMP. ENS. GEOL., 1, Madrid, 1980. *Memorias*, Universidad de Madrid, Madrid, p 312-326, 1981. ARNHEIM, R. Arte e percepção visual - uma psicologia da visão criadora. São Paulo: 2ª ed, Pioneira e EDUSP, 1980, 503 p. _____. *Intuizione e intelletto*. Milano: Feltrinelli Ed, 1987, 374p. BACH, J. La geología de campo como actividad interdisciplinar en la formación de profesores de EGB. In: SIMP. ENS. GEOL., 3, Barcelona, 1984. *Memorias*, Universidad de Barcelona, Barcelona, p 199-206, 1986. BACH, J. ET AL. Propuesta de una metodología y jerarquización de las observaciones del trabajo de campo em geología. *Henares, Rev, Geología*, 2: 319-325, 1988.

BARBERÁ, O. & VALDÉS, P. El trabajo práctico en la enseñanza de las ciencias: una revisión. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v. 14, n. 3, p. 365-379, 1996. BEZZI, A.; MASSA, B.; & PEDEMONTE, G.M. Perché le scienze geologiche nel biennio della scuola secondaria superiore italiana. In: EMILIANI, F.(Org.) *Il ruolo delle scienze della Terra nei curricula del biennio della scuola secondaria superiore*. Modena, Mucchi SpA, p 44-52, 1988. BONITO, J. As actividades práticas no ensino das Geociências – um estudo que procura a conceptualização. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001, 290p. BRAÑAS, M.P.; PARDO, X. & PAZ, D. Experiencias didácticas sobre el trabajo de campo en geología: una perspectiva interdisciplinar. *Henares, Revista de Geología*, (2):395-405, 1988. CARPENTER, J.R. Importance of Earth Science in the Precollege Curriculum. *Journal of Geological Education*, vol 38, p 445-451, 1990. Centro Paulista de Estudos Geológicos-CEPEGE. *Excursão a Perus - Roteiro do Aluno*, 1977. (mimeog.) CASTAÑOS, S.; LÓPEZ, J. & MORA, J. Justificación y metodología de los itinerarios geológicos. In: SIMP. S/ ENS. GEOL., 3, Barcelona, 1984. *Memorias*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 1986, p. 258-267. COMPIANI, M. O fazer geologia com ênfase no campo na formação de professores de ciências para o 1º grau (5a a 8a séries). Campinas, Dissertação de Mestrado, Fac. de Educ./UNICAMP, 1988, 238pp. COMPIANI, M. Geologia pra que te quero no ensino de Ciências. *Educação & Sociedade*, Campinas, n.36, pp.100-117, 1990. _____. A relevância das atividades de campo no ensino de geologia na formação de professores de ciências. *Cadernos do IG/UNICAMP*, Campinas, vol 1, n 2, p 2-25, 1991. _____. Fieldwork teaching and the in-service training of primary/secondary school science teachers in Brazil. In: Stow , D.A.V. and McCall, G.J.H. *Geoscience Education and Training -In Schools and Universities, for Industry and Public Awareness*. Rotterdam: A.A. Balkema Pub., 1996, p.329-340. _____. O papel do método das múltiplas hipóteses de trabalho no ensino de Ciências. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, nº extra, p.49-50, 1993. COMPIANI, M. Linguagens e as Geociências no ensino fundamental. In: ALMEIDA, M.J.P.M. de, SILVA, H.C. da (Orgs.) *Textos de palestras e sessões temáticas: III Encontro de Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência no 12º COLE*. Campinas, SP: Graf. FE/UNICAMP, 2000, p. 43-60. COMPIANI, M. & GONÇALVES, P.W. Aspectos didáticos e metodológicos de uma experiência de introdução dos alunos às atividades de campo em geologia. In: CONGR. BRAS. GEOL., 33, Rio de Janeiro, 1984. *Anais*, Rio de Janeiro, SBG, 1984a, v.5, p.185-197. _____. Análise de uma experiência educacional de campo em geologia. In: CONGR. BRAS. GEOL., 33, Rio de Janeiro, 1984. *Anais*, Rio de Janeiro, SBG, 1984b, v.5, p.198-203. COMPIANI, M. & CARNEIRO, C.D.R. Os papéis didáticos das excursões geológicas. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, Madrid, v.1, n.2, p.90-98, 1993. COMPIANI, M. & CARNEIRO, C.D.R. The didactic role played by geological excursions. In: STOW, D.A.V. & McCALL, G.J.H. (Eds.) *Geoscience Education and Training -In Schools and Universities, for Industry and Public Awareness*. Rotterdam: A.A. Balkema Pub., 1996, p.233-242. COMPIANI, M.; GONÇALVES, P.W.; LIMA, C.V. & TANAKA, M.O. Em busca da integração pesquisa e ensino através de estudos ambientais no ensino de geologia para alunos de biologia. In: SIMP. ENS. GEOL.,7, Compostela,1992. *Comunicaciones*, Inst. de Ciencias da Educ., Compostela, 1992, p. 481-493. CORRÊA, R.L. Trabalho de Campo e Globalização. In: COLOQUIO O DISCURSO GEOGRÁFICO NA AURORA DO SÉCULO XII, 1996, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, Programa de Pós Graduação em Geografia – UFSC, 1996. CUELLO, A. La geología como área interdisciplinar. *Henares, Revista de Geología*, (2):367-387, 1988. DA COSTA, L.A.M. & INDA, H.A.V. Fundamentos da geologia pós-moderna. CPRM, 1992, 8p. (Série Sinopses) FANTINEL, L. M. Práticas de campo em

Fundamentos de Geologia – A releitura de uma experiência de ensino de Geologia. Monografia apresentada na disciplina Práticas de Campo no ensino de Ciências Naturais. IG/UNICAMP, 1998, 91p. FERNANDES, A.J.; CARNEIRO, C.D.R.; RICOMINI, C. & CAMPANHA, G. Introdução dos alunos às atividades de campo. In: SIMP. NAC. ENS. GEOL., 1, Belo Horizonte, 1981. Teses, SBG, São Paulo, vol 2, p 215-228, 1981. FERREIRA, S. Figuração e realidade no desenho da criança. In: FERREIRA, S. Imaginação e linguagem no desenho da criança. Campinas: Papirus Ed., 1998. p. 19-40. FRODEMAN, R. Geological reasoning: Geology as an interpretive and historical science. GSA Bulletin, v. 107, n. 8, p. 960-968, 1995. GOODNOW, J. El dibujo infantil. Madrid: 3ªed, Ed. Morata, 1983, 215p. (Série Bruner, El desarrollo en el niño, nº 8) HAWLEY, D. 'Being there': a short review of field-based teaching and learning. In: HODSON, D. Re-thinking old ways: towards a more critical approach to practical work in school science. Studies in Science Education, n. 22, pp. 85-142, 1993. HODSON, D. Hacia un enfoque más crítico del trabajo de laboratorio. Enseñanza de las Ciencias, v. 12, n. 3, p. 299-313, 1994. IZQUIERDO, M.; SANMARTÍ, N.; ESPINET, M. Fundamentación y diseño de las prácticas escolares de ciencias experimentales. Enseñanza de las Ciencias, Barcelona, v. 17, n. 1, p. 45-59, 1999. KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. In: AGB (Org.) Teoria e método. Série Seleção de textos n. 11. 1985, p. 24-43. KINCHELOE, J.L. A natureza do pensamento pós-formal. In: KINCHELOE, J.L. A formação do professor como compromisso político. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, cap.8, pp.151-177. LOPES, M.M. Museu: uma perspectiva de educação em geologia. Campinas, Fac. Educ./UNICAMP, 1988, 163pp. (Dissertação de mestrado) _____. O Museu Dinâmico de Ciências de Campinas (Brasil) como laboratório de motivação geológica. In: SIMP. ENS. GEO., 6, Tenerife, Espanha, 1990. Anais, Universidad de la Laguna, Tenerife, 1990, pp. 223-238. MARGALEF, J. B. Percepción, desarrollo cognitivo y artes visuales. Barcelona: Ed. Anthropos, 1987, 405pp. MAYER, M. Educación Ambiental: de la acción a la investigación. Enseñanza de las Ciencias, Barcelona, Vol 16, nº 2, 1998. MILLAR, R. Bending the evidence: the relationship between theory and experiment in science education. In: MILLAR, R. (Ed.) Doing Science: Images of Science in Science Education. Taylor & Francis Press, 1989, p.38-61. MORCILLO, J.G.; HERRERO, C.; CENTENO, J. DE DIOS; ANGUITA, F. MUÑOS, F; ORTEGA, O y SANCHEZ, J. El seminario sobre metodologías en las prácticas de campo: Rascafría 96. Resultados y valoración. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, Girona, v. 5, n. 1, p. 69-76, 1997. MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Martins, F. M. e SILVA, J. M. (Orgs.) Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, pp. 19-42, 1999. NEWERLA, V.B. Roteiros didáticos e o seu papel nos trabalhos de campo. Monografia apresentada na disciplina Práticas de Campo no ensino de Ciências Naturais. IG/UNICAMP, 1997, 32p. PASCHOALE, C. Alice no país da geologia e o que ela encontrou lá. In: CONGR. BRAS. GEOL., 33, Rio de Janeiro, 1984. Anais, SBG, Rio de Janeiro, 1984a, vol. 5, p. 242-249. _____. Semiótica de mapas geológicos e geotécnicos. São Paulo, Pós-grad., PUC-SP, 1984b, 21p.(mimeografado) _____. Abdução e o método fundamental em geologia. São Paulo, Pós-Grad., PUC-SP, 1985, 14p. (mimeografado) _____. Montando um discurso da Terra. Apostila, FEL/UNICAMP, 1988, 10p. _____. Geologia como Semiótica da Natureza. São Paulo, Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1989, 138p. PICCIUTO, A.M.F. & Da Silva, S.B. Português e o estudo do meio: uma parceria com Geografia. (não publicado) PONTUSCHKA, N. N. ET AL. O "Estudo do Meio" como trabalho integrador das práticas de ensino. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, (70):45-52, 1992. PONTUSCHKA, N. N. Metodologia para a análise espacial de um bairro ou setor urbano da cidade de São Paulo - 1º grau. In: ROCKENBACH, D.

(ORG.). Projeto "O ensino da Cidade de São Paulo. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros - secção São Paulo, p. 41-51. _____. Estudo do meio: a região de Piracicaba - 2º grau. Orientação, São Paulo, Instituto de Geografia/USP, n. 5, p. 37-43, 1984. POTAPOVA, M.S., 1968. Geology as an historical science of nature. In: Interaction of sciences in the study of the Earth. Moscou, Progress Publisher, p 117-126. (Tradução: Paschoale, C.) SUERTEGARAY, D.M.A. Geografia e trabalho de campo. In: COLOQUIO O DISCURSO GEOGRÁFICO NA AURORA DO SÉCULO XXI, 1996, Florianópolis. Anais, Florianópolis, Programa de Pós Graduação em Geografia – UFSC, 1996, 12p. VICKERS, G. Rationality and intuition. In: WECHSLER, J. (Ed.) On aesthetics in Science. 2ª ed. The Massachusetts Institute of Technology, 1979, p. 143 -164.

METODOLOGIA DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA TERRA – 45H- ELE- Polo 09- UNICAMP – Campinas (SP)

EMENTA: Questões teóricas em Ensino de Ciências. Conceituações sobre metodologias das ciências. Aprofundamento teórico sobre os elementos construtivos e essenciais de uma pesquisa científica em Ensino de Ciências. Natureza ontológica, epistemológica e metodológica da pesquisa em Ensino de Ciências. Tendências e questões atuais na pesquisa em ensino de Ciências e Geociências, Pesquisa ação, Pesquisa Participante, Abordagens etnográficas. Abordagens interdisciplinares. Desafios e perspectivas de enfoques qualitativos. Métodos qualitativos da pesquisa em ensino de ciências. Estudos comparativos de pesquisas em ensino de Ciências e Geociências. Desafios da pesquisa, em Ensino de Ciências e Geociências com o enfoque Ciência/Tecnologia/Sociedade/ Natureza.

Proposta por: Polo 09: UNICAMP – Campinas

Professor(es): Cauê Nascimento de Oliveira, Celso Dal Ré Carneiro, Pedro Wagner Gonçalves
Rosely Aparecida Liguori Imbernon, Joseli Maria Piranha , Roberto Greco, Ronaldo Barbosa

BIBLIOGRAFIA :

ALMEIDA, M. J. P. M. Discursos da ciência e da escola: ideologia e leituras possíveis. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. pp. 32-70
AMARAL, I. A. Currículo de ciências: das tendências clássicas aos movimentos atuais de renovação. In: BARRETO, E. S. S. (org.). Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998, p. 201-232.
CACHAPUZ, A. F. Investigação em didática das ciências em Portugal: um balanço crítico. IN: PIMENTA, S. G. (org.). Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil em Portugal. São Paulo: Cortez Editora, 1997, p. 205-240.
CANDELA, A. A construção discursiva de contextos argumentativos no ensino de ciências. In: COLL, C. & EDWARDS, D. (Org.) Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula. Porto Alegre: ArtMed, 1998, cap. 6, p. 143-169.
CRUZ, S. M. S. C. S. e ZYLBERSZTAJN, A. O enfoque ciência, tecnologia e sociedade e a aprendizagem centrada em eventos. In: PIETROCOLA, M. (org.). Ensino de Física: conteúdo, metodologia e epistemologia em uma concepção integradora. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005, p. 171-196,

DRIVER, R. et alli. Construindo o conhecimento científico na sala de aula. Química Nova na Escola, 9, maio, 1999. (trad. de artigo publicado no Educational Research, 23 (7), 1994).

ELLIOTT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, C. et al. Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras e ALB, 1998, p. 137-152.

HODSON, D. Filosofia de la ciencia y educacion científica. In: PORLÁN, R. et al. (comp.). Constructivismo y enseñanza de las ciencias. Sevilla: Díada, 1988, p. 5-21.

HODSON, D. 1985. Philosophy of science, science and science education. Studies in Science Education, 12: 25-57

LEMKE, J. L. Analyzing verbal data: principles, methods and problems. In: FRASER, B. J. e TOBIN, K. G. (eds.). International handbook of science education. London: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 1175-1189.

LIBARKIN, J. C. e KURDZIEL, J. P. Research methodologies in Science Education: assessing students' alternative conceptions. Journal of Geoscience Education, 49 (4), p. 378-383, 2001.

LIBARKIN, J. C et alli. Qualitative Analysis of College Students' Ideas about the Earth: Interviews and Open-Ended Questionnaires. Journal of Geoscience Education, v. 53, n. 1, February, 2005, p. 17-26.

MATTHEWS, M. – History, Philosophy and Science Teaching: the present rapprochement. Science & Education, 1(1), 11-47, 1992. Traduzido em Caderno Catarinense de Ensino de Física, 12(3), 164-214, 1995.

MEGID NETO, J. Três décadas de pesquisa em Educação em Ciências: tendências de teses e dissertações (1972-2003). Mesa Redonda. VII ENPEC, Bauru: ABRAPEC, 2005.

MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H. e FERNANDES, R. C. A. O que sabemos sobre a pesquisa em Educação em Ciências no Brasil (1972-1974). Atas do VII ENPEC. Bauru: ABRAPEC, 2005.

SANTOS, Soledad E. La perspectiva histórica de las relaciones Ciencia-Tecnología-Sociedad y su papel en la enseñanza de las ciencias. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencia (Monográfico especial sobre CTS), Vol. 2, n. 3, ARTÍCULO 11 2003. Disponível em: <<http://www.saum.uvigo.es/reec/Volumenes.htm>>

SILVA, H. C. O dado de linguagem na pesquisa em ensino de ciências. Mesa Redonda: "Metodologia de Pesquisa em Ensino de Física: uma agenda para debate". IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física. Jaboticatubas, MG: SBF, 2004. (mimeo).

Bibliografia complementar

ALMEIDA, M. J. P. M. Meio século de educação em ciências: uma leitura de recomendações ao professor de física. Tese (Livre docência). Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp, 2003.

AMARAL, I. A. Bases, obstáculos e possibilidades para a constituição de um novo paradigma em ciências. Anais do IX ENDIPE, vol. 1/1. Conferências, mesas-redondas e simpósios. Águas de Lindóia, SP, 4 a 8 de maio de 1998, p. 67-88.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando qualidade e rigor. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, junho, 2001. Disponível no Scielo <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000200003&lng=en&nrm=iso>.

ANDRÉ, M.E.D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BEHRENDT, H., Dahncke, H., Duit, R., Graber, W., Komorek, M., Kross, A. and P. Reiska (Ed.). Research in Science Education - Past, Present and Future. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001.

BEVILACQUA, Fabio; GIANNETTO, Enrico & MATTHEWS, Michael R. (eds.). Science education and culture: the contribution of history and philosophy of science. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001.

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em educação. Porto, Portugal: Porto Editora, 1991.

CACHAPUZ, Antonio (coord.). Proceedings of the International Seminar on "The state of the art in Science Education Research". University of Aveiro/ Portugal. 15th -16th October, 2004. (CD-Rom).

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. A pesquisa no ensino, sobre o ensino e sobre a reflexão dos professores sobre seus ensinamentos. Educ. Pesqui., jul./dez. 2002, vol.28, no.2, p.57-67. ISSN 1517-9702. (PDF)

CARVALHO, Maria Cecília M. Construindo o saber. São Paulo: Papirus, 1994.

COMPIANI, M. Geociências no Ensino Fundamental e a formação de professores: o papel dos trabalhos de campo. Campinas, IG/UNICAMP, 2003, 99pp. (Tese de Livre-docência)

COMPIANI, M. & SCHNETZLER, R.P. Categorías de interacción y de discurso entre profesor-alumnos, un estudio de caso en Geociencias. In: BANET, E y DE PRO, A. (Coords.) Investigación e Innovación en la Enseñanza de las Ciencias. Lleida: Poblagrafia S.L., 1998, v.1, pp. 204-213.

COMPIANI, M. As Geociências no Ensino Fundamental: um estudo de caso sobre o tema: "A formação do Universo". Campinas, FE/UNICAMP, 1996, 216pp. (Tese de Doutorado)

COMPIANI, M. & GONÇALVES, P.W. Epistemología e Historia de la Geología como fuentes para la selección y organización del curriculum. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, Girona, v. 4, n. 1, pp. 38-45, 1996.

CRUZ, C. M. G. La historia de la geología como hilo conductor de una unidad didáctica: tectónica de placas. Enseñanza de las ciencias de la tierra, 4 (1), 1996, p. 59-66.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cad. Pesqui., mar. 2002, no.115, p.139-154. ISSN 0100-1574. (PDF)

ERICKSON, F. (1998). Qualitative Research Methods for Science Education, in B.J. Fraser & K.G. Tobin (eds), International Handbook of Science Education, Kluwer Academic Publishers, Great Britain, pp. 1155-1173.

EZPELETA, J. E ROCKWELL, E. Pesquisa participante. 2a ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FENSHAM, P.J. The Evolution of Science Education as a Field of Research: Defining an Identity. Springer, 2003, 264 p.

FRASER, B., & TOBIN, K. G. (eds.). International handbook of science education. London: Kluwer Academic Publishers, 1998.

FRODEMAN, Robert. Geological reasoning: as an interpretative and historical science. GSA Bulletin, v. 107, n. 8, p. 960-968, 1995.

GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D. e PEREIRA, E. M. A. (orgs.). Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB, 1998. 335p.

GRECA, Ileana Maria. Discutindo aspectos metodológicos da pesquisa em ensino de ciências: algumas questões para refletir. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2(1)73-82, 2002. Disponível em < www.fc.unesp.br/abrapec/revistas/v2n1a6.pdf >.

KULAIF, Y e NEGRÃO, O. B. M. Pós-graduação em Ensino de Geociências: o caso do Programa em Ensino e História de Ciências da Terra, Campinas, Brasil. Simpósio Ibérico de Ensino de Geologia. Aveiro, 2006.

KEEVES, J. P. Methods and processes in research in science education. In: FRASER, B. J. e TOBIN, K. G. (eds.). *International handbook of science education*. London: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 1127-1153.

LOPES, A. C. R. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MATTHEWS, M. R. 1994. *Science Teaching: The Role of History and Philosophy of Science*. Chapter 2: "Historical Debates about the Science Curriculum". New York: Routledge.

MATTHEWS, M. R., 1994 *Historia, filosofía y enseñanza de las ciencias: la aproximación actual*, *Enseñanza de las Ciencias*. 12(2), pp 255-277.

MEDEIROS, A. Metodologia da pesquisa em educação em ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 2(1), p. 73-82, 2002. (PDF em anexo). Disponível em < www.fc.unesp.br/abrapec/revistas/v2n1a5.pdf >.

MEDINA, M. E SANMARTÍN, J. (eds.). *Ciencia, tecnología y sociedad: estudios interdisciplinarios en la universidad, en la educación y en la gestión pública*. Barcelona: Anthropos; Leioa (Vizcaya): Universidad del País Vasco, 1990.

MOREIRA, M. A. Pesquisa básica em educação em ciências: uma visão pessoal. Disponível em < www.if.ufrgs.br/~moreira/Pesquisa.pdf >.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

POSNER, G. J., et all 1982. Accommodation of a scientific conception: towards a theory of conceptual change. *Science Education*, 66,pp211-227.

PRAIA, J. F. Epistemología e historia de la ciencia: contribuciones a la planificacion didactiva: la deriva continental. *Enseñanza de las ciencias de la tierra*, 4 (1), 1996, p. 30-37.

REBOLLO, M. Una aproximación didáctica a la naturaleza de la ciencia a través de los textos históricos. *Enseñanza de las ciencias de la tierra*, 4 (1), 1996, p. 53-58.

SANTOS FILHO, J. C. e GAMBOA, S. S. (orgs.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 2a ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção: Questões da nossa época).

SILVA, Henrique C. *Discursos e leituras da física na escola*. Brasília: Universa, 2004, 304 p.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educ. Pesqui.*, set./dez. 2005, vol.31, no.3, p.443-466. ISSN 1517-9702. (PDF)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Faculdade de Educação. Centro de Documentação em Ensino de Ciências. *Catálogo Analítico de teses e dissertações. 1972-1995*. Campinas : CEDOC/FE-UNICAMP. 1998, 217p.

VILLANI, A. Considerações sobre Pesquisa em Ensino de Ciência: II. Seu Significado, seus Problemas e suas Perspectivas. *Rev. Bras. Ens. Física*, n.4, p. 125-150., dez/82.

EMENTA: Análise e discussão de temas de atualidade relacionados às Geociências. A moderna Tectônica Global. Risco Geológico em zonas ativas da crosta. Desenvolvimento sustentável clima e interações humanas com o ambiente: aquecimento global, efeito estufa camada de ozônio, efeito "el niño" e "la niña". "Eras" e idades glaciais. A hipótese Gaia Erosão acelerada. Ciclo do carbono atmosférico, desflorestamento e teoria dos refúgios. A água doce como recurso finito. Solos e agricultura. Recursos minerais e energéticos disponíveis. A questão do ensino-aprendizagem dessa temática. Base conceitual requerida para apreciação crítica de obras existentes na mídia sobre tais temas. A internet como fonte de informações.

Proposta por: Polo 09: UNICAMP – Campinas

Professor(es): Cauê Nascimento de Oliveira, Celso Dal Ré Carneiro, Pedro Wagner Gonçalves Rosely Aparecida Liguori Imbernon, Joseli Maria Piranha, Roberto Greco, Ronaldo Barbosa

BIBLIOGRAFIA :

ALLÈGRE C. 1988. The behavior of the Earth. Continental and seafloor mobility. Trad. Deborah Kurmes Van Dam. Cambridge: Harvard Univ. Press. 272p.

ALMEIDA F.F.M. de. 1964. Fundamentos geológicos do relevo paulista. In: Instituto Geográfico e Geológico. Geologia do Estado de São Paulo. São Paulo: IGG. p. 167-263. (Boletim, 41)

ALMEIDA F.F.M.de 1953. Botucatu, a triassic desert of South America. In: IUGS, International Geological Congress, 19, Argel (Alger), Argélia, 1953. Comptes Rendus..., Argélia, section 19, fasc. 7, p. 9-24.

ALMEIDA F.F.M.de 1967. Origem e evolução da Plataforma Brasileira. Rio de Janeiro, DNPM-DGM, Boletim, 241, 36 p.

ALMEIDA F.F.M.de 1969. Diferenciação tectônica da Plataforma Brasileira. In: SBG, Congr. Bras. Geol., 23, Salvador, 1969. Anais..., Salvador, p. 29-46.

ALMEIDA F.F.M.de, Brito-Neves B.B.de, Carneiro C.D.R. 2000. The origin and evolution of the South American Platform. Earth-Sci Rev., 50(1-2):77-111.

ALVAREZ SUÁREZ R., BERJILLOS RUIZ P., GARCIA DE LA TORRE E., MELERO VARA J., PEDRINACI RODRIGUEZ E., SEQUEIROS SANROMÁN L. 1992a. La investigación educativa en ciencias de la Tierra y la didáctica de la Geología: unas relaciones necesarias. In: SIMPOSIO ENSEÑANZA DE LA GEOLOGÍA, 7, Santiago de Compostela, 1992. Actas... Santiago de Compostela: AEPECT, p. 145-154.

ALVAREZ SUÁREZ R., BERJILLOS RUIZ P., GARCIA DE LA TORRE E., MELERO VARA J., PEDRINACI RODRIGUEZ E., SEQUEIROS SANROMÁN L. 1992b. Treinta azones para aprender más Geología en la educación secundaria. In: SIMPOSIO ENSEÑANZA DE LA GEOLOGÍA, 7, Santiago de Compostela, 1992. Actas... Santiago de Compostela: AEPECT, p. 231-240.

AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE. 1989. Science for all Americans. Washington, D. C.: AAAS.

ANGUITA VIRELLA F. 1994. Geología, ciencias de la Tierra, ciencias de la naturaleza: paisaje de un aprendizaje global. Enseñanza de las Ciencias. 12(1):15-21.

ANGUITA VIRELLA F. 2004. Los futuros de la enseñanza de la Geología. Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra. 12(1):16-19.

ANGUITA VIRELLA F. 2005. El Power Point en el aula (de Geología): punto y final del aprendizaje crítico? *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*. 13(2):190-192.

ANGUITA VIRELLA F., MORENO SERRANO F. 1991. *Processos geológicos internos*. Madrid: Ed. Rueda. 1991. 232p.

ANGUITA VIRELLA F., MORENO SERRANO F. 1993. *Processos geológicos externos y Geología Ambiental*. Madrid: Ed. Rueda. 1993. 311p.

ASIAN DEVELOPMENT BANK. 2004. Poverty and water security. Understanding how water affects the poor. Printed in February 2003 as a working paper for the 3rd World Water Forum in Kyoto, Japan 16–23 March 2003. First published by the Asian Development Bank (ADB) in January 2004, ISBN 971-561-516-3 (Publ. Stock No. 120503, "Water for All" publication series, Water Awareness Program). URL: http://www.adb.org/Documents/Books/Water_for_All_Series/Poverty_Water_Security/Poverty_02.pdf

BABCOCK E.A. 1994. Geoscience in a changing society. *Episodes*, 17(4):101-105.

BERNKOPF R.L., Brookshire D.S., Soller D.R., McKee M.J., Sutter J.F., Matti J.C., Campbell R.H. 1993. Societal value of geological maps. Denver: U.S. Geological Survey Circular, 1111. 50p.

BOFF L. 2012. Desenvolvimento sustentável: crítica ao modelo padrão. *Envolverde*, Artigo 30/1/2012 - 09h26. URL: <http://envolverde.com.br/ambiente/artigo/desenvolvimento-sustentavelcritica-ao-modelo-padrao/>. Acesso 27.02.2012.

BOLTON T. 1989. *Geological maps. Their solution and interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. 1999. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação. 364 p.

BUSCH R.M., TASA D. 1997. *Laboratory manual on Physical Geology*. 4 ed. Upper Saddle River: American Geological Institute/ National Association of Geoscience Teachers. 280p.

CAPRA F. 2004. *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix. 256p.

CARNEIRO C.D.R. 1995. Perspectivas do profissional de geociências num cenário de retomada do crescimento econômico brasileiro. *Geonomos*, 3(2):23-33. (Texto inédito de apresentação ao CONGR. BRAS. GEOL., 37, São Paulo, 1992, Mesa Redonda "O Profissional e a Ciência").

CARNEIRO C.D.R. 1996. A informação geológica e o ambiente: bases para uma sociedade sustentável. *A Terra em Revista*, 2(2):12-18. Agosto, 1996.

CARNEIRO C.D.R. 2007. Viagem virtual ao Aquífero Guarani em Botucatu (SP): Formações Pirambóia e Botucatu, Bacia do Paraná. *Terrae Didactica*, 3(1):50-73. URL: http://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/v3n1/TD3_viagem%20virtual%20ao%20aquifero.pdf. Acesso 12.09.2008.

CARNEIRO C.D.R., BARBOSA R., PIRANHA J.M. 2007. Bases teóricas do Projeto Geo-Escola: uso de computador para ensino de geociências. *Rev. Bras. Geoc.*, 37(1):90-100. (março 2007). URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/view/10235/7188>.

CARNEIRO C.D.R., BRITO-NEVES B.B.de; AMARAL I.A.do; BISTRICHI C.A. 1994. O Atualismo como princípio metodológico em Tectônica. *Bol. Geoc. Petrobrás*. 8(2/4):275-293.

CARNEIRO C.D.R., COSTA F.G.D.da. 2006. Estruturas atectônicas da Bacia do Paraná em Campinas (SP): deformação sin-sedimentar no Subgrupo Itararé. *Terrae Didactica*, 2(1):34-53. URL: http://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/v2n1/t_didactica_2006_v02n01_p034-053_carneiro.pdf

- CARNEIRO C.D.R., CUNHA C.A.L.S., CAMPANHA G.A.C. 1993. A teoria e a prática em geologia e o eterno retorno. *Rev. Bras. Geoc.*, 23(4):339-346.
- CARNEIRO C.D.R., GONÇALVES P.W., NEGRÃO O.B.M., CUNHA C.A.L. 2008. Docência e trabalhos de campo nas disciplinas Ciência do Sistema Terra I e II da UNICAMP. *Rev. Bras. Geoc.*, 38(1):130-142. (março 2008). URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/view/9816/8972>. Acesso 27.02.2012.
- CARNEIRO C.D.R., LOPES, O.R. 2009. O jogo “Ciclo das Rochas” para ensino de Geociências. *Rev. Bras. Geoc.*, 39(1):30-41. URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/view/11681/10179>. Acesso 27.02.2012.
- CARNEIRO C.D.R., LOPES, O.R., GONÇALVES, P.W. O Ciclo das Rochas na Natureza. *Terra Didática*, 5(1):50-62 <http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>. Acesso 27.02.2012.
- CARNEIRO C.D.R., LOPES, O.R.; GONÇALVES, P.W. 2009. O Ciclo das Rochas na Natureza. *Terra Didática*, 5(1):50-62. URL: http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v5/v5_a5.html. Acesso 7.03.2012.
- CARNEIRO C.D.R., MIZUSAKI A.M.P., ALMEIDA F.F.M. de. 2005. A determinação da idade das rochas. *Terra Didática*, 1(1):6-35. URL: http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v1n1/t_didatica_2005_v01n01_p006-035_carneiro.pdf.
- CARNEIRO C.D.R., SIGNORETTI V.V. 2008. A carência de conteúdos de geociências no currículo básico comum de Geografia do ensino fundamental em Minas Gerais. Rio Claro, Assoc. Geografia Teórica, Geografia, 33(3):467-484. (set a dez 2008).
- CARNEIRO C.D.R., TOLEDO M.C.M.de; ALMEIDA F.F.M.de. 2004. Dez motivos para a inclusão de temas de Geologia na Educação Básica. *Rev. Bras. Geoc.*, 34(4):553-560.
- CARNEIRO, C.D.R., LOPES, O.R. 2009. O jogo “Ciclo das Rochas” para ensino de Geociências. *Rev. Bras. Geoc.*, 39(1):30-41. URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/view/11681/10179>. Acesso 14.03.2011.
- CARNEIRO, C.D.R.; SANTOS, L.F.dos; SILVA, J.R.B.da. 2010. Cavas Históricas de Ouro do Jaraguá: o que resta para se preservar? *Rev. Bras. Geoc.*, 41(1):108-120. URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/viewFile/17092/16710>. Acesso 27.02.2012.
- CARRILLO L., GISBERT P. (1992) Enseñar y aprender Geología. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*. 1(0):5-9.
- CHAMLEY H. 2003. *Geoscience, environment and man*. Amsterdam: Elsevier. 527p. (Devel. Earth & Environm. Sci., 1).
- COATES D.R. 1982. *Environmental Geology*. New York: Wiley.
- COHEN J.E., Bloom D.E. 2005. Cultivating minds. *Finance and Development*, 42(2):8-14.
- COMPIANI M., CARNEIRO C.D.R. 1993. Os papéis didáticos das excursões geológicas. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 1(2):90-98.
- CUELLO GIJÓN A. 1988. La geología como area interdisciplinar. *Henares, Rev. Geol.*, 2:367-387.
- DIEGUES, A.C.S. 1992. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. *São Paulo em Perspectiva*, 6(1-2):22-29.
- DOMINGO M. 1993. La última propuesta de Wilson. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 1(2):85-86.
- DOMINGO M., SEQUEIROS L. 1998. La extinción de la Geología en España: alerta roja. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 6(3):206-210.

EARTH SCIENCE CURRICULUM PROJECT (ESCP). Investigando a Terra. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1973.

FOLADORI G. 2001. Limites do desenvolvimento sustentável. Campinas, Ed. Unicamp. 221p. 301.31 F696L 570850/IG.

FRODEMAN R. 2001. A epistemologia das geociências. In: Luis Marques, João Praia, coords. Geociências nos currículos dos ensinos básicos e secundário. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001. (p. 39-57)

FRODEMAN R.L. 1995. Geological reasoning: Geology as an interpretive and historical science. Geol. Soc. Am. Bull., 107(8):960-968.

FRODEMAN R.L. ed. 2000. Earth matters: the Earth Sciences, philosophy and the claims of community. Upper Saddle River: Prentice Hall. 209p.

FYFE W.S. 1997. As ciências da Terra e a sociedade: as necessidades para o século XXI. Estudos Avançados, USP, 11(30):175-190.

GARDNER H. 2003. Multiple Intelligences After Twenty Years. ©Howard Gardner 2003. Invited Address, Am. Educ. Res. Assoc., Chicago, Illinois, April 21, 2003. URL: http://pzweb.harvard.edu/Pls/HG_MI_after_20_years.pdf. Acesso 8.03.2012.

GERHARD L.C. 2004. Climate change: Conflict of observational science, theory, and politics. AAPG Bulletin, 88(9):1211-1220.

GERHARD L.C. 2006. Climate change: Conflict of observational science, theory, and politics: Reply. AAPG Bulletin, 90(3):409-412. URL: <http://aapgbull.geoscienceworld.org/cgi/content/full/90/3/409>. Acesso 31.07.2007.

GILBERT G.K. 1887. The inculcation of scientific method by example, with an illustration drawn from the Quaternary Geology of Utah. Am. J. Sci., 1887. XXXI(181-186):284-299. (Pres. Address read before the Am. Soc. of Naturalists at Boston, Dec. 27, 1885).

GONÇALVES P.W., CARNEIRO, C.D.R. 2006-2007. Magmas e formação de rochas ígneas: importância do estudo no Brasil. São Paulo: Revista USP. 72(dez/jan/fev):62-73.

GOUDIE A., Viles H. 1997. The Earth Transformed. Oxford, Blackwell Scientific Publ. 276p. 301.31 G723e 573722/IG.

GOULD S.J. Seta do tempo, ciclo do tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. Trad. Malferrari, C.A. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. 221p.

HANEY D.C. 1993. Wake up Geologists! Geotimes, Feb. 1993, 38(2):6.

HANUSHEK E.A. 2005. Why quality matters in education. Finance and Development, 42(2):15-19.

HELENE M.E.M., Bicudo M.B. 1994. Sociedades sustentáveis. São Paulo: Scipione. 47p.

HODDER A.P.W. 1997. The transformation of Geology to Earth Sciences: an example of the appropriation of technology by science. Int. J. Sci. Educ. 19(5):553-563.

KELLER E.A. 1981. Environmental Geology. Ohio: Charles E. Merrill.

KEMP D. 1990. Global environmental issues. A climatological approach. London & New York, Routledge. 220p. 301.31 K32g 316555/IG.

KING C. 1990. Earth systems: new interdisciplinarity major looks a problems facing the planet. The Stanford Earth Scientist, p. 8-12.

KNAPP B.J., ROSS S.R.J., Crae D.L.R.Mc. 1991. Challenge of the Natural Environment. Essex: Longman, 272p.

LEVIN L.H. 1996. The earth through time. 5ª ed. Orlando.Sounders College Publish.

- LOMBORG B. 2002. O ambientalista cético. Revelando a real situação do mundo. Trad. Ivo Korytowski, Ana B. Rodrigues. Rio de Janeiro: Campus. 541p. 301.31 L838a 583817/IG.
- LOVELOCK J.E. 1987. Gaia. A new look at life on Earth. Oxford: Oxford Univ. Press. 157 p.
- LUCENA C., Fuks H. 2000. A educação na era da Internet. Rio de Janeiro, Club@dofuturo. 156p.
- MATTHEWS M.R. 1994. Science teaching. The Role of History and Philosophy of Science. Routledge, New York,
- MAYER V.J. 1993. Earth-Systems Science: a planetary perspective. *Science Teacher*. 58(1):34-39.
- MAYER V.J., TOKUYAMA A. 2003. Evolution of Global Science Literacy as a curriculum construct. In: Mayer V.J. 2003. Implementing Global Science Literacy. Columbus: The Ohio State University.
- MAYR E. 2005. Biologia: Ciência Única. Trad. Marcelo Leite. São Paulo: Cia. das Letras. 266p.
- MERRITS D., De WET A., Menking K. 1997. Environmental Geology. An Earth Systems Science approach. New York: Freeman. 452p.
- MORIN E. 2001. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 4. Ed. Trad. Catarina E.F. da Silva e Janne Sawaya; rev. técn. Edgard A. Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO. 118.
- MORIN E. 2003. A cabeça bem feita. Trad. Eloá Jacobina, 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MURCK B.W., Skinner B.J. 1999. Geology Today: understanding our planet, New York, J. Wiley. 527p.
- OELKERS E.H. & Cole D.R. 2008. Carbon Dioxide Sequestration: A Solution to a Global Problem. *Elements*, 4(5):305-310
- OFFICER C., Page J. 1993. Tales of the Earth. Paroxysms and perturbations of the blue planet. Oxford: Oxford Univ. Press. 226p.
- OZIMA M. 1991. Geo-História: a evolução global da Terra. Brasília, Ed. Unb. 166p. ISBN 85.230.030.5.
- PEDRINACI E. 2002. La Geología en el bachillerato: un análisis del nuevo curriculum. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*. 10(2):125-133.
- PIRANHA, J.M.; CARNEIRO, C.D.R. 2009. O módulo São José do Rio Preto do Projeto Geo-Escola, uma experiência educacional diferenciada. *Rev. Bras. Geoc.*, 39(3):533-543. setembro de 2009. URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/view/13847/11173>. Acesso 14.03.2011.
- POTAPOVA M.S. 1968. Geology as an historical science of nature. In: Interaction of the science in the study of the Earth. Progress, Moscow. 117-126. [Tradução] Geologia como uma ciência histórica da Natureza. Trad. Conrado Paschoale. *Terræ Didactica*, 3(1):86-90. URL: <http://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/>. Acesso 2.04.2009.
- PRESS F., SIEVER, R., GROTZINGER J., JORDAN, T.H. 2006. Para entender a Terra. 4 ed. Trad. R. Menegat, P.C.D. Fernandes, L.A.D. Fernandes, C.C. Porcher. Porto Alegre: Bookman. 656p.
- ROBINSON G. D., Spieker A.M., eds. 1978. Nature to be commanded...Earth-science maps applied to land and water management. Washington, DC: U.S. Geol. Survey Prof. Paper, 950. 95p. 551.8 N219 IG/6141. 316.603/IG
- ROCHA G.A. 1997. O grande manancial do Cone Sul. *Estudos Avançados, USP*, 11(30):191-212.
- SCHAFF A. 1995. A Sociedade Informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial. São Paulo: Ed. UNESP/Brasiliense. 155p.
- SCLIAR C. 1994. Geopolítica das minas do Brasil. Importância da mineração para a sociedade. Belo Horizonte: UFMG/IGC. 269p.

- SGARBI G.N.C. 2001. Geologia Introdutória: base para o novo conhecimento. Rev. Ci. Humanas, 1(2):153-162.
- TARDY Y. Geoquímica Global: oscilações climáticas e evolução do meio ambiente desde quatro bilhões de anos. Estudos Avançados, USP, 11(30):149-173.
- TEIXEIRA W., Toledo M.C.M.de, Fairchild T.R., Taioli F. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000. 568p.
- TONIOLO, J.C.; Carneiro, C.D.R. 2010. Processos geológicos de fixação do carbono na terra e aquecimento global. Terrae Didatica, 6(1):31-56. URL: http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v6_1/v6_1_A4.html. Acesso 2.08.2011.
- Van ANDEL T.H. 1994. New views on an old planet. A history of global change. 2 ed. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 439p. (reprinted 1995). [551.136 v26n.2 ed.]
- VIEIRA A.J.H. 2004. Humberto Maturana e o espaço relacional da construção do conhecimento. Brasília: Univ. Católica de Brasília, UCB: Humanitates, 1(2):s/p. URL: <http://www.humanitates.ucb.br/2/maturana.htm#Adriano>. Acesso 19.02.2009.
- WEINER J. 1988. O planeta Terra. Rio de Janeiro: Martins Fontes. 361p. (Cap. 1, A Máquina Viva, p. 2-49).
- WILLIAMS Jr. R.S. 2000a. A modern Earth narrative: what will be the fate of the biosphere? Technology in Society, 22:303-339.
- WILLIAMS Jr. R.S. 2000b. The modern Earth narrative: natural and human history of the Earth. In: R.L. Frodeman ed. 2000. Earth matters: the Earth Sciences, phylosophy and the claims of community. Upper Saddle River: Prentice Hall. p. 35-49.
- WILLIAMS Jr. R.S. 2002. Human Impact on the Planet: An Earth System Science Perspective and Ethical Considerations. U.S. Geological Survey Open-File Report 02-349. Online version 1.0 URL: <http://pubs.gov/of/2002/of02-349/>. Acesso 25.01.2006.
- WILSON J.T. 1993. Revolución en las Ciencias de la Tierra. Rev. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra. 1(2):72-85.
- WYLLIE P.J. 1995. A Terra. Nova Geologia global. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian. [ISBN 972-31-0648-5].

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 10 – UNESP - GUARATINGUETA UNICAMP/BAURU/RIO CLARO

APRENDIZAGEM POR PROJETOS E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL – 45h - ELE – Polo 10 UNESP- Guaratinguetá

EMENTA: Discutir as possibilidades da aprendizagem por meio de projetos e as competências básicas para o trabalho com projetos. Analisar o sentido do ensino para o desenvolvimento humano e profissional do professor. Discutir a relação entre o desenvolvimento profissional do professor e as mudanças na prática pedagógica. Analisar as possibilidades da prática pedagógica focada na investigação/colaboração. Elaborar projetos de ensino considerando a aprendizagem por meio de projetos.

Proposta por: Polo 10: UNESP- Guaratinguetá

Professor(es): Alice Assis , Antonio Carlos de Souza , Fernanda Rossi, Galeno José de Sena , Marcelo de Carvalho Borba, Marcus Vinicius Maltempi

BIBLIOGRAFIA:

- AKAMATSU, J. I.; FISCARELLI, S. H (Orgs.). The Methodology of Projects in the Environmental Education (in Portuguese). São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica Ltda, 2008, p. 19-41.
- AMIGUINHO, A. et al. Formar-se no projeto e pelo projeto. In: CANÁRIO, R. (Org.) Formação e situações de trabalho. Porto: Porto, 2003. p. 101-146.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: Parte I – Bases Legais, 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em 22 de junho de 2015.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2015.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: Parte III – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>>. Acesso em 22 de junho de 2015.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em 22 de junho de 2015.
- DAVIS, C., NUNES, M. M. R. e NUNES, S. C. A. A. Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática. Caderno de Pesquisa [online]. 2005, vol.35, n.125, pp. 205-230.
- DAY, C. O Desenvolvimento profissional dos professores em tempos de mudanças e os desafios para as universidades. Revista de Estudos Curriculares, v. 1, n. 2, p. 151-188, 2003.
- DAY, C.. A Paixão pelo ensino. Porto: Porto, 2004.

DAY, C.. Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto, 2001.

DUCH, B. J.; GROH, S. E.; ALLEN, D. E. El Poder del Aprendizaje Basado en Problemas: Una guía práctica para la enseñanza universitaria. Lima, Peru: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.

FLORES, M. et al. Possibilidades e desafios em contexto de trabalho: um estudo internacional. In: FLORES, A.; VEIGA SIMÃO, A. (Org.). Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas. Mangualde: Pedagogo, 2009, p.119-152.

FORTE, A.; FLORES, M. A. Concepções e práticas de colaboração docente. In: FLORES, M. A.; ALVES, M. P. (Org). Trabalho docente, formação e avaliação: clarificar conceitos, fundamentar práticas. Mangualde: Pedagogo, 2010. p. 53-100.

[Fundação Darcy Ribeiro, 2010]. Texto para discussão: Interdisciplinaridade. Disponível em<http://www.fundar.org.br/temas/texto__7.htm>. Acesso em dezembro de 2010.

HERNANDEZ, F. A organização do currículo por projetos de trabalho. 5a. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IMBERNÓN, F. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARKHAM, T; LARMER, J.; RAVITZ, J. (Orgs.). Aprendizagem baseada em projetos: guia para professores de ensino fundamental e médio. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ROLDÃO, M. C. Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. Noesis, n. 71, p. 24-29, out./dez. 2007.

ROQUE, G. O.; ELIA, M., MOTTA, C. L. R. Uma ferramenta para avaliação de competência baseada no desenvolvimento de projeto. Manaus: Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE'2004, 2004.

ROQUE, G.D., ELIA, M.; MOTTA, C. L. Utilização de Rubricas na Avaliação da Aprendizagem em Atividades Desenvolvidas a Distância. Anais do XXVI Congresso da SBC. Campo Grande, MS. 2006.

SACHS, J. Aprender para melhorar ou melhorar a aprendizagem: o dilema do desenvolvimento profissional contínuo dos professores. In: FLORES, A.; VEIGA SIMÃO, A. (Org.). Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas. Mangualde: Pedagogo, 2009. p. 99-118.

SENA, G. J. ; TOYOHARA, D. Q. K. ; AKAMATSU, J. I. ; Gonçalves, M. A. R. F. Contribuições para a Mudança da Prática Docente no Ensino Médio, a partir do Envolvimento em Projetos Interdisciplinares. In: Anais do IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores 2007: A Articulação dos Saberes na Sociedade Atual: O Papel do Educador e sua Formação, 2007, p. 66-76.

SENA, G. J., MERGENDOLLER, J. R., AKAMATSU, Janio Itiro, RIOS, Antônio Wellington Sales, TOYOHARA, D. Q. K. Project-Based Learning: a Web Tool for Project Planning. In: International Conference on Engineering and Computer Education - ICECE'2009, 2009, Buenos Aires.

SENA, G. J., ZENI, J. R. R., TOYOHARA, D. Q. K., GONÇALVES, M. A. R. F., SILVA, M., BARBOSA, L. C. Melhoria do processo de apropriação do conhecimento em escolas de Ensino Médio, a partir da adoção de uma metodologia de ensino-aprendizagem baseada em projetos, com enfoque interdisciplinar. In: Encontro dos Núcleos de Ensino da UNESP - 21 Anos, 2008, Águas de Lindóia - SP.

SILVA, I. B. Uma Pedagogia Multidisciplinar, Interdisciplinar ou Transdisciplinar para o Ensino/Aprendizagem da Física. Belo Horizonte: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004.

SOARES, I. M. F.; BEJARANO, N. R. R. Crenças dos professores e formação docente. Revista Faced, Salvador, n.14, p. 55-71, jul./dez. 2008.

SOUZA, A. C. O desenvolvimento profissional de educadoras da infância: uma aproximação à educação estatística. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em Ensino de ciências e Matemática)– Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2013.

VEIGA SIMÃO, A. M. et al. Formação de professores em contextos colaborativos: um projeto de investigação em curso. Sísifo: Revista de Ciências da Educação, n. 8, p. 61-74, 2009. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: abr. 2009.

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 30h - ELE – Polo 10 UNESP- Guaratinguetá

EMENTA: Analisar criticamente as transformações e concepções de avaliação. Discutir a avaliação institucional e a avaliação externa (Políticas de avaliação da Educação Básica). Analisar a inter-relação autoavaliação, currículo e planejamento disciplinar. Discutir concepções de produção do conhecimento e avaliação da aprendizagem. Instrumentos de avaliação do ensino e da aprendizagem. O tratamento da produção escrita do aluno no processo de avaliação da aprendizagem.

Proposta por: Polo 10: UNESP- Guaratinguetá

Professor(es): Antonio Carlos de Souza; Fabiane Mondini

BIBLIOGRAFIA:

ARCAS, P. H.. Implicações da progressão continuada e do SARESP na avaliação escolar: tensões, dilemas e tendências. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BARRETTO, E.S. de S. e PINTO, R.P. (Coords.). Estado da arte: Avaliação na educação básica. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasília: Inep/ Comped/PNUD, 2000.

BIAGIOTTI, L. C. M. Conhecendo e aplicando rubricas em avaliações. 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/007tcf5.pdf>> Acesso em: 25/03/2009.

BONAMINO, A. Tempos de avaliação educacional: o SAEB, seus agentes, referências e tendências. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

BROOKE, N. O futuro das políticas de responsabilização no Brasil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 377- 401, 2006.

CENEVIVA, R. Democracia, accountability e avaliação: a avaliação de políticas públicas como mecanismo de controle democrático. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2005.

CURY, H. M. As concepções de matemática dos professores e suas formas de considerar os erros dos alunos. Porto Alegre: FE-UFRGS, 1994.

ESTEVES, M. E. de P. Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo - SARESP: uma ação planejada. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

FERNANDES, R.. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. FERNANDES, R.; GREMAUD, A. Qualidade da educação básica: avaliação, indicadores e metas. In: VELOSO, Fernando et al. (Orgs.). Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FREITAS, D. N. T. de. A avaliação da educação básica no Brasil: dimensão normativa, pedagógica e educativa. Campinas: Autores Associados, 2007.

GATTI, B. A. Testes e avaliações do ensino no Brasil. Educação e Seleção. São Paulo, n. 16, p. 12-21, 1987.

HANUSHEK, E. A.; RAYMOND, M. E. Does school accountability lead to improved student performance? Journal of Policy Analysis and Management, v. 24, n. 2, p. 297-327, 2005.

LOPES, V. V. Cartografia da avaliação educacional no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, A. P. M. A Prova Brasil como política de regulação da rede pública do Distrito Federal. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

PINTO, N. B. O erro como estratégia didática. Campinas, SP : Papirus, 2000.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Educação. SARESP: documento de implantação. São Paulo: FDE, 1996.

SOUSA, S. Z.; ARCAS, P. H. Implicações da avaliação em larga escala no currículo: revelações de escolas estaduais de São Paulo. Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, v. 20, n. 35, p. 181-199, jul./dez. 2010.

ZAPONI, M.; VALENÇA, E. Política de responsabilização educacional: a experiência de Pernambuco. Abr. 2009. Disponível em: www.abave.org.br

MATERIAIS DIDÁTICOS E EXPERIMENTAIS E O ENSINO DAS CIÊNCIAS – 45h - ELE – Polo 10 UNESP- Guaratinguetá

EMENTA: A partir de um panorama da produção de materiais didáticos, pretende-se analisar aspectos de materiais didáticos experimentais e atividades práticas no Ensino das Ciências, sua importância e modalidades de uso. Estudar, a partir da análise de projetos de ensino da década de 1950 até a atualidade, um painel histórico sobre diferentes abordagens e materiais, particularmente no Brasil. Analisar a concepção epistemológica da experimentação no desenvolvimento das Ciências em contraste com sua utilização em atividades de ensino. Analisar a produção e seleção de livros didáticos. Elaborar projetos de ensino que considerem atividades práticas e materiais experimentais nas diferentes áreas de interesse.

Proposta por: Polo 10: UNESP- Guaratinguetá

Professor(es): Antonio Carlos de Souza, Bernadete Benetti, Eugenio Maria de França Ramos, Rosa Monteiro Paulo

Bibliografia:

- ALVARENGA, B. A. . Livro Didático - Análise e seleção in MOREIRA, M. A.; AXT, R. Tópicos em Ensino de Ciências, Porto Alegre, Sagra, 1991.
- ANDRADE, J. A. N. Contribuições Formativas dos laboratórios didáticos de Física sob o enfoque das racionalidades. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.
- ARAÚJO, M. S. T.; ABIB, M. L. V. S. Atividades experimentais no ensino de Física: diferentes enfoques, diferentes finalidades. Revista Brasileira de Ensino de Física, vol. 25, no. 2, Junho, 2003.
- BARBERÁ, O. y Valdés, P. El trabajo práctico en la enseñanza de las ciencias: una revision. Enseñanza de Las Ciências, 1996, 14 (3), 265-379.
- BARRA, V. M.; LORENZ, K. M. Produção de materiais didáticos de ciências no Brasil, período: 1950 a 1980, Ciência e Cultura, 38(12), 1986, 1970-1983.
- BIZZO, N. Graves erros de conceito em livros didáticos de ciência. Ciência Hoje 21(121), 26 a 35, 1996.
- BLOSSER, P. E. O Papel do laboratório no Ensino de Ciências. Cad. Cat. Ens. Fís., 5(2), p. 74 a 78, 1988.
- CARDOSO, H. B., FREIRE, P. T. C., MENDES FILHO, J. Arquimedes e a Lei da Alavanca: erros conceituais em livros didáticos. Cad. Brás. Ens. Fís., v. 23, n. 2: p. 218-237, ago. 2006.
- CARVALHO, A. M. P. de (org). ENSINO DE CIENCIAS - unindo a pesquisa e a pratica, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- CHALMERS, A. F. A fabricação da Ciência. São Paulo: EDUNESP, 1994.
- CHALMERS, A. F. O que é ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993. 225 p.
- FAINGUELERNT, Estela Kaufman; NUNES, Kátia Regina A. Matemática: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FERREIRA, N. C. Primeros pasos en química: una entrevista con Lavoisier. Enseñanza de las ciencias. 1989, 7(1), 77-83.
- FERREIRA, N. C. Proposta de laboratório para a escola brasileira – um ensaio sobre a instrumentalização no ensino médio de física. Mestrado – USP Instituto de Física e Faculdade de Educação, 1978.
- FIorentini, Dario; LORENZATO, Sérgio. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2007.
- HODSON, D. Hacia un enfoque más crítico del trabajo de laboratorio. Enseñanza de Las Ciências, 1994, 12 (3), 299-313.
- LORENZ, Karl. Os livros didáticos e o ensino de ciências na escola secundária brasileira no século XIX, Ciência e Cultura 38(3), 1986, 426-435.
- LORENZATO, Sérgio. Educação Infantil e Percepção Matemática. Campinas: Autores Associados, 2008.
- LORENZATO, Sérgio. Malba Tahan, um precursor. Educação Matemática em Revista. (SBEM) São Paulo: v.1, n.6, p. 63-62, 2004.
- LORENZATO, Sérgio. (Org.). O laboratório de ensino de Matemática na formação de professores. Campinas: Autores Associados, 2006.
- MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H. O livro didático de ciências: problemas e soluções. Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003

MOREIRA, M. A. e AXT, R. A questão das ênfases curriculares e a formação do professor de ciências. Cad. Cat. Ens. Fís. 3(2), 66 a 78, 1986.

MOREIRA, M. A.; AXT, R. O livro didático como veículo de ênfases curriculares no Ensino de Física, RBEF, 8 (1), 1986, p. 33 a 48.

PIMENTEL, J. R. Livros didáticos de ciências: a física e alguns problemas, Cad. Cat. Ens. Fís., v. 15, n. 3: p. 308-318, ago. 1998.

SERRAZINA, M. L.M. Conhecimento Matemático para ensinar: papel da planificação e da reflexão na formação de professores. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, n.1, p.266-283, mai.2012. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em 26 de junho de 2015.

SÉRÉ, M. G.; COELHO, S. M.; NUNES, A. D. O papel da experimentação no ensino de Física. Cad. Bras. Ens. Fís., v. 20, n. 1, abr. 2003.

SILVA, L. H. de A. e ZANON, L. B. A Experimentação no ensino de Ciências in Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens. Schnetzler. R.P., Aragão R.M.R. de (org.) Capes/Unimep. 2000

THOMAZ, M. F. A experimentação e a formação de professores de ciências: uma reflexão. Cad. Cat. Ens. Fís., v.17, n.3: p.360-369, dez. 2000.

ZANETIC, J. Ciência, seu desenvolvimento histórico e social - implicações para o ensino, p. 7 a 19. In São Paulo (Estado), CENP, Ciências na escola de 1º Grau: textos de apoio a proposta curricular, São Paulo: SE/CENP, 1990, 98 p.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 45h - ELE – Polo 10 UNESP- Guaratinguetá

EMENTA: Discutir sobre as políticas públicas para inserção das TIC nas escolas enfatizando a diferença entre educação tecnológica e tecnologia para a educação. Destacar aspectos relativos à avaliação e ao uso de softwares e multimídia para ensino, aprendizagem e produção do conhecimento. Explorar as possibilidades da www para o ensino e a aprendizagem. Analisar pesquisas relativas ao uso de TIC e concepções de uso. Construir proposta didática para o trabalho com as TIC na sala de aula da Educação Básica.

Proposta por: Polo 10: UNESP- Guaratinguetá

Professor(es): Fabiane Mondini ; Galeno José de Sena ; José Ricardo de Rezende Zeni ; Marcelo de Carvalho ; Marcos Jorge; Marcus Vinicius Maltempi; Rosa Monteiro Paulo; Rúbia Barcelos Amaral

BIBLIOGRAFIA:

Bairral, M. A. Interagindo, ouvindo o silêncio e refletindo sobre o papel do formador em chat com professores de matemática. Educar em Revista. Curitiba, Brasil. N. Especial 1/2011, p. 173-189, 2011, Editora UFPR.

BAZZO, W. A. ; VON LINSINGEN, I.; PEREIRA, L. T. V. Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Madri: Organização dos Estados Ibero-americanos, 2003.

BAZZO, W. A., PEREIRA, L. T., LINSINGEN, I. Educação Tecnológica: enfoques para o ensino de engenharia. Florianópolis: Edufsc, 2000.

BAZZO, W. A. Ciência, Tecnologia e Sociedade e o contexto da educação tecnológica. Florianópolis: UFSC, 1998.

BICUDO, M. A. V. Ciberespaço: Possibilidades que se abrem ao mundo da Educação. São Paulo: Livraria da Física. 2014. 421p.

Bicudo, M. A. V.; Rosa, M. Realidade e Ciberespaço – horizontes filosóficos e educacionais antevisto. Canoas: Editora ULBRA, 2010.

Bicudo, M. A. V. O estar-com o outro no ciberespaço. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.140-156, jun. 2009.

BORBA, M.C e CHIARI, A. Tecnologias Digitais e Educação Matemática. São Paulo: Livraria da Física. 2013. 382 p.

Borba, M. C.; Villarreal, M. E. Humans-With-Media and the Reorganization of Mathematical Thinking: information and communication technologies, modeling, experimentation and visualization. v. 39, New York: Springer, 2005.

Borba, M. C. The Transformation of Mathematics in On-line Courses. In.: CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL Group for the Psychology of Mathematics Education, 29, 2005, Melbourne, Proceedings...Melbourne: PME, 2005. v. 2, p. 177-184.

Borba, M. C. Coletivos seres-humanos-com-mídias e a produção de matemática. In: Simpósio Brasileiro de Psicologia da Educação Matemática. Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, PUCPR, p. 135-146, 2002.

Borba, M. C.; Malheiros, A. P. S.; Zulatto, R. B. A. Educação a distância online. (Coleção Tendências em Educação Matemática). Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BURCH, Sally. Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento. Disponível em: < <http://www.dcc.ufrj.br/~jonathan/compsoc/Sally%20Burch.pdf>. > Acesso em: 09 out. 2013.

COLL, C.; MONEREO, C. Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. O que é um polo presencial. 2012. Disponível em: < http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=30. > Acesso em: 07 dez. 2012.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FRICK, M. Niños y jóvenes en la Sociedad de la Información. Acceso y uso de Internet en América Latina. Centro Euro- Latinoamericano (CEULA). Madrid: España, 2007. Disponível em: < <http://www.nativos-digitales.net/wp-content/ninos-y-jovenes-en-la-sociedad-de-la-informacionmaria-frick.pdf>. > Acesso em: 09 out. 2013.

GARAY, E. M. La educación em la sociedad del conocimiento y del riesgo. Revista Enfoques Educativos. 5 (1), p. 107 – 114, 2003. Disponível em: < http://www.facso.uchile.cl/publicaciones/enfoques/07/Mella_LaEducacionenlaSociedaddelConocymelCambio.pdf. > Acesso em: 23 out. 2013.

LÈVY, P. A inteligência coletiva - Para uma antropologia do ciberespaço. Tradução Fátima Leal Gaspar e Carlos Gaspar, Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.

LÈVY, P. Ciber cultura. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. São Paulo: Papyrus, 2007.

PAIS, L. C. Educação escolar e as tecnologias da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PONTE, J.P. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3993/1/00-Ponte%28TIC-rie24a03%29.PDF>. Acesso em 27 de maio de 2015.

Ponte, J. P. Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que Desafios? Revista Iberoamericana de Educación. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), Madrid, España, n. 24, p. 63-90, setiembre-diciembre, 2000.

DISCIPLINAS DOS POLOS DAS REGIÕES NORTE E CENTRO OESTE

REGIÕES NORTE E CENTRO OESTE: 12 polos

POLO	NUMERO DE DISCIPLINAS	Página
Polo 11 Belém 1 - UFPA/ CAp - Escola de Aplicação / Universidade Federal do Pará (PA)	04	107
Polo 12 Belém 2- UEPA - Universidade Estadual do Pará (PA)	37	111
Polo 13 Marabá – UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PA)	04	140
Polo 14 Ji-Paraná - UNIR - Univ Federal de Rondônia (RO)	04	145
Polo 15 Araguaína- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)	07	149
Polo 16 Arraias- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)	17	156
Polo 17 Porto Nacional- UFT Universidade Federal de Tocantins (TO)	05	168
Polo 18 Cáceres - UNEMAT - Universidade do Estado De Mato Grosso (MT)	04	171
Polo 19 Cuiabá –UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso (MT)	03	177
Polo 20 Sinop - UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso (MT)	12	181
Polo 21 Goiânia- UFG/IME- Universidade Federal de Goiás – Inst.de Matemática e Estatística (GO)	04	191
Polo 22 Inhumas – GO – IFG-UEG (polo misto) – Inst. Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (GO)- Universidade Estadual de Goiás	10	196

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 11- BELÉM 1 - UFPA/CAP

INSTITUIÇÃO DA CIÊNCIA E DA EDUCAÇÃO CULTURAL LOCAL - 45H - ELE – Polo 11 - UFPA- Belém 1

EMENTA: O objetivo é conhecer a inserção da ciência e da educação na cultura local, tal como sua procedência, sua instituição e seu papel na sociedade, que no caso presente é a Amazônia. Este conhecimento será feito por meio de textos escritos, assim como do contato direto com as instituições locais, tais como as instituições escolares e científicas que se tornaram patrimônio histórico da região e ainda hoje estão em pleno funcionamento.

Proposta por: Polo 11: UFPA- Belém 1

Professor(es): France Fraiha Martins, Tadeu Oliver Gonçalves, Maria Isaura de Albuquerque Chaves, Maria da Conceição Gemaque de Matos

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, José Jerônimo de Alencar (org). Múltiplas Faces da História das Ciências na Amazônia, Belém, UFPA, 2005.
- AZEVEDO, Fernando. A transmissão da cultura. São Paulo, Melhoramento; Brasília, INI, 1976.
- BARROS, Jônatas, MACHADO, Jorge, ALVES, Jerônimo. Introdução das Ciências Modernas nas Escolas da Amazônia, o Liceu Paraense e a Escola de Química Industrial in CARUSO, Francisco (Ed.). Educação, Ciência e Desenvolvimento, São Paulo, Maluhy Co, 2012.
- FAULHABER, Priscila e TOLEDO, Peter Mann (orgs). Conhecimento e Fronteira: História da Ciência na Amazônia, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001
- MACHADO, Diego e ALVES, Jerônimo. A “Atraente Escola de Intuição”: o Jardim Zoológico e o Horto Botânico do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (1897-1900) in LOPES, M. Margareth e HEIZER, Alda (org). Colecionismos, práticas de campo e representações. Campina Grande, Eduepb, PB, 2011.
- PRAIA, João e CACHAPUZ, Antonio. Ciência Tecnologia e Sociedade. Um compromisso ético. Revista CTS, n.6, v.2, dezembro de 2005 (p.173-4)
- SANJAD, Nelson. A Coruja de Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005.
- SANTOS, Irineu. Os Fundamentos Sociais da Ciência, Polis, 1979.

EMENTA: O conceito de cultura e de linguagem. Diversidade cultural e Amazônia. Linguagem e cultura e suas interfaces com a educação em diferentes tendências e teorias. Diferenças e confluências das linguagens verbais e não verbais.

Professor(es): Ronaldo Marcos de Lima Araújo, Marinilce Oliveira Coelho, Mário Benjamin Dias, Josete Leal Dias

BIBLIOGRAFIA

- AMÂNCIO, Iris Maria da Costa e outras (orgs.). Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2008.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (org.) Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; FERRAREZI, Celso e VENERE, Mário. Intendenu as praça du brazui: por uma educação de verdade, com linguística e arte. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; PESSOA, Maria do Socorro; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo (orgs.). Educação, Cultura e Linguagem. Curitiba; PR: Editora CRV. 2010.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; TEZZARI, Neusa dos Santos (orgs.). Cultura, Leitura e Linguagem – discursos de letramentos. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2007.
- AQUINO, Julio Groppa. Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. Summus Editorial.
- BAGNO, Marcos. A Norma Oculta: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BHABA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BLANCHARD, Mercedes; MUZÁS, Maria Dolores. Propostas metodológicas para professores reflexivos: como trabalhar com a diversidade em sala de aula. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FIGUEIREDO, A. Os vândalos do apocalipse: arte e literatura no Pará nos anos 20. Belém, IAPE, 2011
- LOUREIRO, João de Jesus Paes, Cultura amazônica : uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

EMENTA:

Conceitos de ludicidade e corporeidade. O lúdico, seus fundamentos, pressupostos e princípios básicos. A função do lúdico no desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e sensorial do sujeito humano. Jogo e recreação. Diferença entre recreação e lazer. Classificação de jogos. Construção de recursos pedagógicos para as atividades recreativas, lúdicas e psicomotoras. A importância do brincar na educação infantil; as crianças e o sentido do brincar e do jogar.

Proposta por: Polo 11: UFPA- Belém 1

Professor(es): Marcio Antonio Raiol dos Santos., Wanderleia Azevedo Medeiros Leitão, Rafael Rodrigues Lima, Edson Barbosa da Costa, Lane Viana Krejcova

BIBLIOGRAFIA:

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 2008.

MORIN, Edgar, Lê Moigne, Jean-Louis. A inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

RAIOL DOS SANTOS. Ludicidade: Estudos Transdisciplinares. Belém: Editora Açai. 2013.

VYGOTSKY, L. S. A Formação social da mente. São Paulo: Martins Editora, 2007.

WINNICOTT, Donald W. O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 11 - UFPA- Belém 1

EMENTA: Conceitos, Abordagens e Contextos de Emergência do Multiculturalismo. O Multiculturalismo e suas Articulações com os Estudos de Raça/Etnia, Gênero e Formações Indenitárias na Educação Básica. O Multiculturalismo e o Currículo da Educação Básica. A Escola como organizações multiculturais. Práticas pedagógicas multiculturais.

Proposta por: Polo 11: UFPA- Belém 1

Professor(es): Wilma de Nazaré Baia Coelho, Cleodir da Conceição Moraes, Eliana Ramos Ferreira, Maria da Glória Gomes Cristino

BIBLIOGRAFIA

CANDAU, V. M. & MOREIRA, A. F. (Orgs.), Multiculturalismo, Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CANEN, A. G. & CANEN, A., Organizações Multiculturais. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2005.

CANEN, A. & SANTOS, A. R., Educação Multicultural: teoria e prática para professores e gestores em Educação. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna. 2009.

GOSH, R. Diversity and Excellence in Higher Education: is there a conflict? Comparative Education Review, v. 56, n.3, p. 349-365, 2012.

Oliveira, I. De, A Formação de Profissionais de Educação para a Diversidade Étnico-Racial. In: Muller, M. L. R & Paixão, L. P. (orgs.), Educação, diferenças e desigualdades. 2006.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 12- BELÉM 2 - UEPA

ENSINO DE ÁLGEBRA I - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: As características do pensamento algébrico. O ensino de equações do 1º grau. O ensino de sistemas de equações do 1º grau. Ensino das operações com polinômios. O ensino de equações do 2º grau. Ensino de Razão e proporção. Distinção entre problema algébrico e problema aritmético. O ensino de problemas do 1º e 2º graus.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Pedro Franco de Sá, Rosineide de Sousa Jucá

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática para 5ª a 8ª séries. BSB: MEC/SEF, 1998.

Graça, Vagner Viana da. O ensino de problemas do 1º grau por atividades. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém: EDUEPA, 2009.

SÁ, Pedro Franco de e JUCÁ, Rosineide de Sousa. Matemática por atividades: experiências didáticas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

[SÁ, Pedro Franco de](#) e FOSSA, John. Andrew. . Uma distinção entre problemas aritméticos e algébricos. Revista Educação em Questão (Online), v. 33, p. 253-278, 2008.

SILVA, Pedro Roberto Sousa da. O ensino de fatoração algébrica por atividades. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

Revista BOLEMA. <http://www2.rc.unesp.br/bolema/%3Fq%3Dinicio>

Revista: Educação Matemática em Revista. www.sbem.com.br

Revista: Boletim do GEPEM. <http://www.ufrj.br/SEER/index.php%3Fjournal%3Dgepem%3B>

EMENTA: Objetivos do ensino de álgebra no nível médio. Modelagem no Ensino de Álgebra. Ensino de Funções Polinomiais. Ensino de Funções Transcendentes. Ensino de Matrizes.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Gilberto Emanuel Reis Vogado, Miguel Chaquiam

BIBLIOGRAFIA:

BAGGIO, Gabriela; SCHOSSLER, Daniela; DULLIUS, Maria Madalena. Utilizando diferentes metodologias para o ensino de matrizes: Uso de modelagem matemática e recursos computacionais em dois ambientes escolares. Revista destaques acadêmicos, ano 2, n. 4, 2010 - CETEC/UNIVATES. 2010.

BARUFI, M. C. B.; LAURO, M. M. Funções elementares, equações e inequações: uma abordagem utilizando microcomputador. São Paulo: CAEM-IME/USP, [1999]. (Série Ensino Médio, v.1).

BASSANEZI, R. C. Modelagem Matemática: Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2015.

BORBA, R.; GUIMARÃES, G. (Orgs.). A pesquisa em educação matemática: repercussões na sala de aula. São Paulo: Cortez, 2009.

BRAGA, C. Funções: a alma do ensino da matemática. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006.

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

CARDOSO, Valdinei Cezar; KATO, Lilian Akemi; OLIVEIRA, Samuel Rocha de. Um estudo no campo conceitual de Vergnaud aplicado às matrizes: uma investigação acerca dos invariantes operatórios. In: Revista Eletrônica de Educação Matemática, v. 8. 2013, p. 95-116. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2013v8nespp95>>. Acessado em: 27/12/2013.

FONSECA, Le. Funções Trigonométricas: Elementos "DE" & "PARA" uma Engenharia Didática. São Paulo: Livraria da Física, 2012.

GRANDO, N. I. (Org.). Pesquisa em educação matemática: contribuições para o processo ensino-aprendizagem. Passo Fundo: Ed. UPF, 2006.

GREENS, C. E. (Ed.). PRECATADO, A.; GUIMARÃES, H. M. (Orgs.). Materiais para a aula de matemática. Associação de Professores de Matemática: Lisboa, 2001.

LOPES, José Marcos. Matrizes, determinantes e sistemas lineares através da metodologia de resolução de problemas para o ensino médio. In: Livro Eletrônico dos Núcleos de Ensino da UNESP (Org). São Paulo, 2008, v. 01, p. 1101-1124. 2008. Disponível em: <http://www.mat.feis.unesp.br/docentes2008/jose_marcos/MatrizesDeterminantesSistLineares.pdf>.

LOPES, Marcelo dos Reis. Matrizes: história de um conteúdo escolar. 2012. 101f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, F. L. M. Uma proposta alternativa para o ensino das funções exponenciais e logarítmicas no ensino médio. Monografia de especialização – Universidade Federal Fluminense Niterói, RJ. [s.n.], 2008.

SILVA, Silvio Tadeu Teles da. O Ensino das funções exponencial e logarítmica por atividades. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

SIQUEIRA FILHO, Aliprecídio José de. Aplicações e resoluções de problemas como metodologia para o ensino de Matrizes, Sistemas Lineares e Determinantes. 2013. 66f. Dissertação (Mestrado em Matemática/PROFMAT) – Universidade Federal do Piauí, Terezina, 2013.

Revista BOLEMA. <http://www2.rc.unesp.br/bolema/%3Fq%3Dinicio>

Revista: Educação Matemática em Revista. www.sbem.com.br

Revista: Boletim do GEPEM. <http://www.ufrrj.br/SEER/index.php%3Fjournal%3Dgepem%3B>

EMENTA: Aspectos teórico-metodológicos da prática pedagógica do ensino de Biologia. Currículo e avaliação da aprendizagem no ensino de Biologia. Estudo de recursos e materiais didáticos utilizados para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem em Biologia. Metodologia da Pesquisa no ensino de Ciências-Biologia.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Ana Cláudia Tavares Martins, Sinaida Maria Vasconcelos de Castro

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, P. et al. Filosofia da biologia. Porto Alegre: Artmed, 2010. 328p.
- BENDER, W. N.. Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014
- BORGES, R. M. R. Em debate: cientificidade e educação em ciências. 2 ed. ver. eampl. Porto Alegre: EDIPURS, 2007.
- BRASIL. MEC. Secretaria Nacional de educação básica. Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: MEC; SEF, 1999.
- BRASIL. MEC. Secretaria Nacional de educação básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: MEC; SEF, 2006.
- CACHAPUZ, A. et al. A necessária renovação do ensino de ciências. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CARVALHO, A. M. P. (Org.) Ensino de Ciências: unindo pesquisa a prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- CALDEIRA, A. M. P.; CALUZZI, J.J.; ARAÚJO, E.S.N.N. (Orgs.) Práticas Integradas para o ensino de Biologia. São Paulo: Escrituras Editora, 2008. (Educação para Ciência; 9)
- CALDEIRA, A. M. P.; ARAÚJO, E.S.N.N. (Orgs.) Introdução a didática da Biologia. São Paulo: Escrituras Editora, 2009. (Educação para Ciência; 10)
- DELIZOICOV, D., ANGOTTI, J. A., PERNAMBUCO, M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.) Currículo de Ciências em debate. Campinas, SP: Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico)
- MORAES, R.; MANCUSO, R. (Orgs.) Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção educação em ciências)
- MOREIRA, M. A. Teorias de Aprendizagem. 2 ed. São Paulo: EPU, 2011
- NARDI, R.; BASTOS, F.; DINIZ, R. E. S. Pesquisa em Ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores. 5 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. (Educação para a Ciência; 5)
- NARDI, R.; (Org.) A Pesquisa em Ensino de Ciências: alguns recortes. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.
- POZO, J. I. A aprendizagem e o ensino de Ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SADAVA, D.; HELLER, H. C.; ORIAN, G. H.; PURVES, W. K.; HILLIS, D. M. Vida: a ciência da biologia. Volume I: Célula e hereditariedade. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- SADAVA, D.; HELLER, H. C.; ORIAN, G. H.; PURVES, W. K.; HILLIS, D. M. Vida: a ciência da biologia. Volume II: Evolução, diversidade e ecologia. Porto Alegre: Artmed. 2009.

SADAVA, D.; HELLER, H. C.; ORIAN, G. H.; PURVES, W. K.; HILLIS, D. M. Vida: a ciência da biologia. Volume III: Plantas e animais. Porto Alegre: Artmed. 2009.

SEVERINO, A. J.; SEVERINO, E. S. Ensinar e Aprender com pesquisa no ensino médio. São Paulo: Cortez, 2012.

WARD, H. et al. Ensino de Ciências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

WELLER, W.; PFAFF, N. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação. Petrópolis: RJ: Vozes, 2010.

REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA:
<http://www.sbenbio.org.br/blog/categoria/revistas/>

REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: <http://revistas.if.usp.br/rbpec>

REVISTA ELETRÔNICA ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS: <http://reec.uvigo.es/>

REVISTA CIÊNCIA & ENSINO: <http://prc.ifsp.edu.br/ojs/index.php/cienciaeensino/issue/current>

REVISTA CIÊNCIA & EDUCAÇÃO:
<http://www.fc.unesp.br/#!/ciedu>

REVISTA ENSAIO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio>

ENSINO DE BIOLOGIA II - 30H - ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Fundamentos da Biologia, com ênfase na análise de suas inter-relações com temas contemporâneos, enfatizando a importância da alfabetização e letramento científicos. As relações entre ciência, tecnologia e sociedade e a construção da cultura científica. O ensino de Biologia e as tecnologias da informação e comunicação. Atividades práticas no ensino de Biologia.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Ana Cláudia Tavares Martins, Sinaida Maria Vasconcelos de Castro

BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, P. et al. Filosofia da biologia. Porto Alegre: Artmed, 2010. 328p.

BENDER, W. N.. Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014

BORGES, R. M. R. Em debate: cientificidade e educação em ciências. 2 ed. ver. eampl. Porto Alegre: EDIPURS, 2007.

BRASIL. MEC. Secretaria Nacional de educação básica. Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: MEC; SEF, 1999.

BRASIL. MEC. Secretaria Nacional de educação básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: MEC; SEF, 2006.

CACHAPUZ, A. et al. A necessária renovação do ensino de ciências. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CALDEIRA, A. M. P.; CALUZZI, J.J.; ARAÚJO, E.S.N.N. (Orgs.) Práticas Integradas para o ensino de Biologia. São Paulo: Escrituras Editora, 2008. (Educação para Ciência; 9)

CALDEIRA, A. M. P.; ARAÚJO, E.S.N.N. (Orgs.) Introdução a didática da Biologia. São Paulo: Escrituras Editora, 2009. (Educação para Ciência; 10)

CHASSOT, A. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. 4 ed. Ijuí: Ed.Unijui. 2006.

CHASSOT, A. Educação conSciência. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010

DELIZOICOV, D., ANGOTTI, J. A., PERAMBUCO, M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DUSO, L. & HOFFMAN, M. B. Docência em Ciências e Biologia: propostas para um continuado (re)iniciar. Ijuí: Unijuí, 2013.

KRASILCHIK, M. Práticas de Ensino de Biologia. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MARANDINO, M. et al. Ensino de Biologia: história e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009.

MORAES, R. (Org.) Construtivismo e ensino de ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MOREIRA, M. A. Teorias de Aprendizagem. 2 ed. São Paulo: EPU, 2011.

NARDI, R.; BASTOS, F.; ALMEIDA, M. J. P. M. (Orgs.) Analogias, leituras e modelos no ensino de ciência: a sala de aula em estudo. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. (Educação para a Ciência; 6)

NOVIKOFF, C.; PUGGIAN, C.; LOPES, J.R.; MORAIS-FILHO, Z. B. DE (Orgs.). Ensino de Ciências na educação básica: a atividade teórico-prática interdisciplinar. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2011.

POZO, J. I. A aprendizagem e o ensino de Ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SADAVA, D.; HELLER, H. C.; ORIAN, G. H.; PURVES, W. K.; HILLIS, D. M. Vida: a ciência da biologia. Volume I: Célula e hereditariedade. Porto Alegre: Artmed. 2009.

SADAVA, D.; HELLER, H. C.; ORIAN, G. H.; PURVES, W. K.; HILLIS, D. M. Vida: a ciência da biologia. Volume II: Evolução, diversidade e ecologia. Porto Alegre: Artmed. 2009.

SADAVA, D.; HELLER, H. C.; ORIAN, G. H.; PURVES, W. K.; HILLIS, D. M. Vida: a ciência da biologia. Volume III: Plantas e animais. Porto Alegre: Artmed. 2009.

WARD, H. et al. Ensino de Ciências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA:
<http://www.sbenbio.org.br/blog/categoria/revistas/>

REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: <http://revistas.if.usp.br/rbpec>

REVISTA ELETRÔNICA ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS: <http://reec.uvigo.es/>

REVISTA CIÊNCIA & ENSINO: <http://prc.ifsp.edu.br/ojs/index.php/cienciaeensino/issue/current>

REVISTA CIÊNCIA & EDUCAÇÃO:
<http://www.fc.unesp.br/#!/ciedu>

REVISTA ENSAIO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio>

ENSINO DE FÍSICA I - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: O ensino experimental de Física. Experimentos para o ensino de Mecânica. Experimentos para o ensino de termologia Experimentos para o ensino de Óptica. Experimentos para o ensino de Eletricidade e magnetismo.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Penn Lee Menezes Rodrigues, José Fernando Pereira Leal

BIBLIOGRAFIA:

AGUIAR, C.E. Ensino, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em:
<http://omnis.if.ufrj.br/carlos/ensino.html>. Acesso em: 20 de fev. de 2014

HALLOUN, I. Schematic Modeling for meaningful learning of physics. Journal of Research in Science Teaching, New York, v.33, n. 9, p. 1019-1041, Nov. 1996.

Revista Brasileira de Ensino de Física. Disponível em <http://www.scielo.br>
 Caderno Brasileiro de Ensino de Física. Disponível em <http://www.scielo.br>
 Física na Escola. Disponível em <http://www.scielo.br>
 American Journal of physics. Disponível em : <http://modeling.la.asu.edu/R&E/>
 The Physics Teacher, American Journal of Physics
 SARAIVA-NEVES, M.; CABALLERO, C. MOREIRA, M. A. Repensando o papel do trabalho experimental, na aprendizagem da física, em sala de aula: um estudo exploratório. Investigações em Ensino de Ciências, v. 11, n. 3, p. 383-401, 2006
 SIAS, D. B. E RIBEIRO-TEIXEIRA, R. M. Resfriamento de um corpo: a aquisição automática de dados propiciando discussões conceituais no laboratório didático de física no ensino médio. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 23, n. 3, p. 360-381, dez. 2006.
 SOUZA FILHO, M. P. et al. Tendências da pesquisa em ensino de física em publicações e eventos recentes. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5., 2005, Baurú Anais...Baurú: ABRAPEC, 2005 . 1 CD-ROM

ENSINO DE FÍSICA II - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A disciplina focaliza tópicos específicos relacionados à avaliação e aplicação da informática, como meio de melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem em Física. Os seguintes tópicos têm destaque: Bases epistemológicas para modelagem científica (de Mario Bunge, Ibrahim Halloun, David Hestenes, entre outros) no ensino de Física, a utilização de modelagem e simulação computacional no ensino de Física; a utilização de objetos de aprendizagem como recursos promotores de aprendizagem significativa; Ambientes virtuais de ensino e aprendizagem a distância como recursos de formação, ensino e aprendizagem em Física; aquisição automática e análise de dados utilizando microcomputadores.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Penn Lee Menezes Rodrigues, José Fernando Pereira Leal

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, C. E. Informática e Ensino de Física. Disponível em: <http://omnis.if.ufrj.br/~carlos/infoenci/notas/ip-intro/infoenci.html>
 ARAUJO, I. S.; VEIT, E. A. Uma revisão da literatura sobre estudos relativos a tecnologias computacionais no ensino de Física. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 4, n. 3, p. 5 - 18, 2004. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/abrapec/revistas/v4n3a1.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2006
 ARAUJO, I.S.; VEIT, E.A.; MOREIRA, M.A. Adaptação do Vê de Gowin para modelagem e simulação computacionais aplicadas ao ensino. In Marco Antônio Moreira(org). Mapas Conceituais & Diagramas V. Porto Alegre: Editora do autor, 2006, v.1, p.96-103.
 Artigos publicados relacionados à utilização das novas tecnologias no ensino de Física. Sugestões de fonte: Revista Brasileira de Ensino de Física, Caderno Brasileiro de Ensino de Física e Física na Escola.
 BUNGE, M. Teoria e realidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
 HALLOUN, I. Schematic Modeling for meaningful learning of physics. Journal of Research in Science Teaching, New York, v.33, n. 9, p. 1019-1041, Nov. 1996.

HALLOUN, I; HESTENES, D. Common Sense Concepts about motion. In American Journal of physics 53(11). November, 1983. Disponível em : http://modeling.la.asu.edu/R&E/Hestenes_CommonSenseConcept.pdf.
HESTENES, D. Modeling is the name of the game: conceptual models and modeling in science education. 1993. Disponível em: http://modeling.la.asu.edu/R&E/ModelingIsTheName_DH93.pdf. Acesso em 23 de março de 2009.
softwares educativos: Modellus, Powersim, Interactive Physics, Graphmatica, Winplot, Applets Java,.

ENSINO DE GEOGRAFIA - 30 H - ELE – Polo 11 - UFPA- Belém 1

EMENTA : Os caminhos do ensino da Geografia e a formação de professores. Concepções de Geografia. A Geografia como ciência. Compreensão do espaço produzido pela sociedade (espaço relacional). A relação entre Geografia e educação popular formal e não-formal. As interfaces entre Geografia e comunicação e novas tecnologias. Aspectos teórico-metodológicos do ensino da Geografia.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2
Professor(es): Alcione Santos de Souza

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza Y. O espaço geográfico: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 2005.
BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
CALLAI, Helena Copetti (org.) Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.
CARVALHO, Alcione Luis Pereira. A avaliação em geografia nas séries iniciais. Curitiba: UFPR, 2005. (Coleção Avaliação da Aprendizagem – todas as áreas) www.cinfop.ufpr.br Fone: (41)3310-2838
CASTROGIOVANNI, A.C.(org.) Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e Práticas de Ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.
CAZETTA, Valéria & OLIVEIRA Jr. Wenceslao. (Org.) Gafias do Espaço: imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.
FRANCISCHETT, M. N. . A CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA - A Aprendizagem Mediada. 1. ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2004. v. I. 198 p.
FRANCISCHETT, M. N. . A Cartografia no Ensino de Geografia - Construindo os caminhos do cotidiano. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Litteris Ed. Kroart, 2002. v. 1. 151 p.
PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. (Coletânea de artigos)
REGO, Nelson, MOLL, Jaqueline, AIGNER, Carlos (Org.) Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
TONINI, Ivaine, GOULART, Ligia, Martins, Rosa E.M.W., Castrogiovanni, Antonio C. e Kaercher, Nestor A. O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
TONINI, Ivaine Maria. Geografia Escolar – uma história de seus discursos pedagógicos. Ijuí: Unijuí, 2003.
VESENTINI, José William (Org.). Para uma Geografia Crítica na escola. 5 ed. São

Paulo: Ática, 2000.

_____. O ensino de Geografia no século XXI. Papirus: Campinas, 2004.

CARLOS, Ana Fani A. (org.). A geografia na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Novos Caminhos da Geografia. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

VESENTINI, José William (Org.). Geografia e ensino: textos críticos. 4 ed. Campinas: Papirus, 2002.

ENSINO DE GEOMETRIA I - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A natureza do conhecimento geométrico. A construção do conhecimento geométrico pela criança. O ensino de figuras e formas geométricas. O ensino de medidas de comprimento. O ensino de medidas de área. O ensino de medidas de volume. O ensino de medidas de capacidade.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Rosineide de Sousa Jucá, Acylena Coelho Costa

BIBLIOGRAFIA:

BITAR, M. & FREITAS, J.L.M. Fundamentos e metodologia de matemática para os Ciclos iniciais do ensino fundamental. Campo Grande: ed. UFMS, 20005

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática para 1ª a 4ª series. BSB: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

CARVALHO, M. & BAIRRAL, M.A. Matemática e Educação infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

FONSECA, M. C. F.R. et al. O ensino de geometria na escola fundamental: três questões para a formação do professor dos ciclos iniciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GÁLVEZ, G. A. Geometria, a psicogênese das noções espaciais e o ensino da Geometria na escola primária. In: PARRA, Cecília, SAIZ, Irma (Orgs.). Didática da Matemática: Reflexões Psicopedagógicas. Tradução por Juan AcuñaLlorens. PortoAlegre: Artes Médicas, 1996. p. 236-258

GUIMARÃES, Gilda e BORBA, Rute (Organizadoras). Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização. São Paulo: SBEM. 2009.

ITACARAMBI, R.R. & BERTON, I.C.B. Geometria brincadeiras e jogos. São Paulo: Ed. Física, 2008.

LINDQUIST, M. M. & SHULTE, A. P.(Orgs.). Aprendendo e ensinando Geometria.São Paulo: Atual, 1994.

MENDES, I., SANTOS FILHO, A. & PIRES, M.A.L. Praticas matemáticas em atividades didáticas para os anos iniciais. São Paulo: Ed. Física, 2011

MORELATTI, M. R. & SOUZA, L. H. G. de. Aprendizagem de conceitos geométricos pelo futuro professor das séries iniciais do Ensino Fundamental e as novas tecnologias. Editora UFPR, Curitiba, n. 28, p. 263-275, 2006.

MOURA, A.R. L. & LOPES, C.A.E. As crianças e as ideias de número, espaço, formas, representações gráficas e estimativa de acaso. Campinas: CEMPEM, 2003

NACARATO, A.M. et al.A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NACARATO, A.M. O ensino de geometria nas séries iniciais. Disponível em www.sbem.com.br/files/ix_enem/Palestra/PA%20-%2010.doc.

NACARATO, A.M. Práticas docentes em Educação Matemática: nos anos iniciais do ensino fundamental. Curitiba: Appris, 2013

PAVANELLO, R. M. Matemática nas series iniciais do ensino fundamental: a pesquisa em sala de aula. Coleção SBEM, vol 2, 2004. 128-143p.

SÁ, Pedro Franco de e JUCÁ, Rosineide de Sousa. Matemática por atividades: experiências didáticas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém: EDUEPA, 2009.

SILVA, M.C.L. & VALENTE, W.R. A geometria nos anos primeiros anos escolares: história e perspectivas atuais. Campinas: papiros, 2014

ZALESKI FILHO, Dirceu. Matemática e arte. Belo Horizonte: Autentica. 2013.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

ENSINO DE GEOMETRIA II - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A natureza do conhecimento geométrico. A construção do conhecimento geométrico pela criança. O ensino de medidas de comprimento. O ensino de medidas de área. O ensino de medidas de volume. O ensino de medidas de capacidade. O ensino de semelhança de triângulos. O ensino das relações métricas no triângulo retângulo. O ensino das relações trigonométricas no triângulo retângulo.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Natanael Freitas Cabral , Miguel Chaquiam

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática para 5ª a 8ª series. BSB: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

LINDQUIST, M. M. & SHULTE, A. P.(Orgs.). Aprendendo e ensinando Geometria.São Paulo: Atual, 1994.

LUNA, Ana Virginia de Almeida. O processo de ensino aprendizagem da geometria. In: GUIMARÃES, Gilda e BORBA, Rute (Organizadoras). Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização. São Paulo: SBEM. 2009, p.73-86.

MIGUEL, Antonio; BRITO, Arlete de Jesus; CARVALHO; Dione Lucchesi de e MENDES, Iran Abreu. Historia da Matemática em atividades didáticas. São Paulo: Livraria de Física/ EDUFRN. 2009.

PAULA, A. P. M.. Ensino de áreas de figuras planas por meio de malhas quadriculadas. 1. ed. Belém: SBEM-PA, 2011. 59p

SÁ, Pedro Franco de e JUCÁ, Rosineide de Sousa. Matemática por atividades: experiências didáticas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém: EDUEPA, 2009.

ZALESKI FILHO, Dirceu. Matemática e arte. Belo Horizonte: Autentica. 2013.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

ENSINO DE GEOMETRIA III - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A natureza do conhecimento geométrico. A construção do conhecimento geométrico. O ensino da Geometria Analítica. O ensino de coordenadas cartesianas. O ensino do estudo analítico da distancia entre dois pontos. O ensino do estudo analítico da reta. O ensino do estudo analítico do paralelismo e do perpendicularismo. O ensino de geometria espacial. O ensino de volume.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Miguel Chaquiam, Carlos Alberto de Miranda Pinheiro

BIBLIOGRAFIA:

HAJNAL, F.. O estudo do paralelismo no ensino de geometria plana do empírico ao dedutivo. Dissertação (Mestrado em Profissional em Ensino de Matemática). Pontifica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

RICHT, A.. Projetos em Geometria Analítica usando Software de Geometria Dinâmica. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). São Paulo: UNESP de Rio Claro. 2005.

Santos, Waldiza Lima Salgado dos. O ensino de volume por atividades. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém 2012.

SILVA, C.R.. Explorando equações cartesianas e paramétricas em um ambiente dinâmico. Dissertação (Mestrado em Acadêmico em Educação Matemática). Pontifica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

SILVA, M.B.. A geometria espacial no ensino médio a partir de atividade Webquest. Dissertação (Mestrado em Profissional em Ensino de Matemática). Pontifica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

ZALESKI FILHO, Dirceu. Matemática e arte. Belo Horizonte: Autentica. 2013.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

Revista do Professor de Matemática. Disponível em www.rpm.org.br

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA I - APLICADOS AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º AO 5º ANO) - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Discussão sobre a relação entre Alfabetização e Letramento como processo contínuo e seus desdobramentos no Ensino Fundamental. Avaliação das propostas da Escola e de sua pedagogia de inclusão. Níveis de alfabetismo. Analfabeto funcional. O papel das políticas afirmativas.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Maria do Perpetuo Socorro Cardoso da Silva, Elisa Maria Pinheiro de Souza

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J.C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.
- CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. Ensino de língua: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- CUNHA, Eugênio. Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.
- FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo, Cortez, 1985. FERREIRO, Emília. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992. GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S. Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- KLEIMAN, Ângela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- _____; MATENCIO, M. de L. M (Org.). Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- LEITE, S. A. S. (Org.) Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas: Komed/Arte Escrita, 2001.
- MAIA, Marcus A.R. (2007). Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC/SECAD), 2007, v.5000. p.268.
- MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010.
- OLIVEIRA, M. K. Analfabetos na sociedade letrada: diferenças culturais e modos de pensamento. Travessia, 1192, p. 17-20.
- ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.
- _____. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2012.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. Princípios do sistema alfabético do português. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo, Parábola, 2011.
- TFOUNI, L.V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA II - APLICADOS AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º AO 5º ANO) - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Análise dos documentos oficiais orientadores da produção textual e sua adequação à sala de aula. Elaboração de descritores de avaliação de textos de alunos. Prática de análise linguística e reescritura de textos. Protocolos para docência. Proposições metodológicas para elaboração de material didático.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Maria do Perpetuo Socorro Cardoso da Silva, Josebel Akel Fares

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Org.). Letramentos na web: gêneros, interação e ensino. Fortaleza: UFC, 2009.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 279-289.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; VAL, Maria da Graça Costa (Org.). Livros de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2004.
- BAZERMAN, Charles. Escrita, gênero e interação social. São Paulo: Cortez, 2007, p. 92-109.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005.
- DOLZ, Joaquim; DECANDIO, Fabrício; GAGNON, Roxane. Produção escrita e dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.
- GARCEZ, Lucília. A escrita e o outro. Brasília: Editora da UNB, 1998. GERALDI, João Wanderley. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GONÇALVES, Adair Vieira; BAZARIM, Milene (Org.). Interação, gêneros e letramento A(re)escrita em foco. São Carlos, SP, Claraluz, 2009.
- KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. & BRITO, K. S. Gêneros Textuais: reflexões e Ensino. Paraná: Kaygange, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002, p.149-157.
- MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008, p.26-46.
- NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.) Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos, Claraluz, 2009.
- OLSON, David. O mundo no papel. São Paulo: Ática, 1997, p.274-298. PEREIRA, Regina Celi M. (Org.) Nas trilhas do ISD: práticas de ensino-aprendizagem da escrita. São Paulo: Pontes, 2012.
- ROCHA, Gladys; VAL, Maria da Graça Costa (Org.). Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RUIZ, Eliana M. Como se corrige redação na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA III- APLICADOS AOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO) - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA:

Orientações teórico-metodológicas para as práticas de produção de texto, considerando-se as interações sociais. Reconhecimento de textos e/ou unidades linguísticas. Integração dos conhecimentos da fala no processo de aprendizagem da escrita. Estudo das fases iniciais de desenvolvimento de monitoramento estilístico-contextual. Produção oral e escrita de textos de gêneros previstos nos PCN.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Elisa Maria Pinheiro de Souza, Marco Antonio Camelo

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais –3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília, SEF/MEC, 1998.

DIONÍSIO, Angela, MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Ma. Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais e ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. GERALDI, João Wanderley. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____.; CITELLI, Beatriz (Coord.). Aprender e ensinar com textos de alunos. São Paulo: Cortez, 2002.

MOLLICA, M. C. M. ; MOURA, A. P. A. ; LEAL, M. B. Materiais didáticos para a EJA. Apostila 1 Formação de Alfabetizadores, RIO DE JANEIRO, v. 1, n. 1, p. 35-42, 2005.

MOLLICA, M. C. M. Constituição de material instrucional. Boletim da Abralín, v. 5, p. 53-59, 2000.

RUIZ, Eliana M. Como se corrige redação na escola. Campinas,SP: Mercado de Letras, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SERRANI, Silvana (Org.). Letramento, discurso e trabalho docente. Vinhedo: Horizonte, 2010.

VAL, Maria da Graça Costa; ROCHA, Gladys (Org.). Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA IV- APLICADOS AOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO) - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Competências plurilíngue e pluricultural em contexto escolar. Padronização e vernacularização: atitude, estilo, registro, crença e identidade. O imaginário coletivo e seu impacto em relação à escola. Proposições metodológicas para elaboração de material didático.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Josebel Akel Fares, Marco Antonio Camelo

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos (Org.). Norma linguística. São Paulo: Edições Loyola, 2001. BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: sobre o ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A.M.F. et al. (Org.). Crenças e ensino de línguas. São Paulo, Pontes, 2006, pp. 15- 42.

BARBOSA, Gabriela de Campos. Atitudes linguísticas e identidade na fronteira Brasil-Colômbia. Dissertação de Mestrado: UFRJ, 2004.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora. Dissertação de Mestrado: UFF, 2007. _____. Dos dialetos populares à variedade culta: a Sociolinguística na escola. Rio de Janeiro: Editora APPRIS, 2011.

CUNHA, Eugênio. Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.

COTTERON, Jany. Propostas didáticas para ensinar a argumentar no ensino fundamental. In: CAMPS, Anna et al. Propostas didáticas para aprender a escrever. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GÖRSKI, E. M. A variação estilística na ótica da sociolinguística laboviana: (re)dimensionando o papel do contexto. VI SIGET, Natal/RN, de 16 a 19 de agosto de 2011. Disponível em: Acesso em 23 de fevereiro de 2012. MARTINS, Maria Sílvia Cintra. Letramento, etnicidade e diálogo intercultural. D.E.L.T.A. [online]. 2011, vol.27, n.1, pp. 77-98.

MOLLICA, M. C. M. ; LEAL, Marisa. Crenças e atitudes no aprendizado do português e da matemática no âmbito escolar. Cadernos de Letras da UFF, v. 36, p. 95-113, 2008.

MOLLICA M. C., LOUREIRO F., MELO L., ALÍPIO R. “Comunidades urbanas e conflitos linguísticos”. Revista Gragoatá. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, n. 25, 2008.

RAMOS, R. e LESSA, A. Ensino-aprendizagem de línguas e formação de professores à luz de Representações. IN: Crenças, Discursos e Linguagem. DA SILVA, Kleber (Org.). Campinas: Pontes Editores. 2010.

RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008, p. 170-191. SEVERO, C. G. O estudo da linguagem em seu contexto social: diálogo entre Bakhtin e Labov. D.E.L.T.A., 25:2, 2009, pgs. 267-283.

_____. Entre a sociolinguística e os estudos discursivos: o problema da avaliação. Interdisciplinar. Ano VI, V. 14, jul-dez de 2011, p. 07-15.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Doa-se lindos filhotes do poodle. São Paulo: Parábola, 2005.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA V - APLICADOS AO ENSINO MÉDIO - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Objetivos do ensino de língua portuguesa no nível médio. Dificuldades do ensino de língua portuguesa no nível médio. Ensino de pontuação; paragrafação; ortografia; verbo haver; tempos verbais. Ensino de estrutura de palavras; formação de palavras; estrangeirismos. Ensino de acentuação; léxico da língua: processo de formação e classe de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronomes, verbos, advérbios; preposição, conjunção e interjeição. Ensino de sintaxe: frase, oração e período; sujeito e predicado; períodos simples e compostos. Ensino de colocação pronominal; elementos coesivos; concordância verbal e nominal; regência nominal e verbal; crase.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Josebel Akel Fares, Marco Antonio Camelo

BIBLIOGRAFIA

ADAM, J.-M. A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____. PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEB, 2002.

p.25-83. CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de análise do discurso. Coordenação de tradução de Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. Alfa, São Paulo, 57 (1): 295-314, 2013 313

RODRIGUES, M. das G. S.; SILVA NETO, J. G. da S.; PASSEGGI, L. (Org.). Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. Análise e produção de textos. São Paulo: Contexto, 2012.

ENSINO DE LITERATURA I - APLICADOS AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º AO 5º ANO) -- 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Concepções de literatura e ensino. Apreensão do literário: modelos redutores vs. crítico criativos e suas repercussões na educação literária. O ensino da literatura no Ensino Fundamental. A literatura na construção de um sujeito agente de conhecimento. O professor de literatura no contexto sociocultural. Elaboração de projetos vinculados ao ensino da literatura no material didático e na prática docente.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Marco Antonio Camelo, Josebel Akel Fares

BIBLIOGRAFIA

BASTAZIN, Vera; FURTADO, Ana Maria Garzone. Literatura infantil e juvenil: Uma proposta interdisciplinar. São Paulo: Ed. Do Autor, 2007.

BARBOSA, João Alexandre. "Leitura, ensino e crítica da literatura" In: _____. A Biblioteca Imaginária. São Paulo: Ateliê, 1996.

BARTHES, Roland. A aula. Trad. e Posfácio de L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BORGES, Jorge Luis. Cinco visões pessoais. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília: UNB, 1996.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: DANTAS, V. (Org.)

CANDIDO, Antonio. Textos de intervenção. São Paulo: Ed. 34, 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1970.

LEAHY-DIOS, Ciana. Educação literária como metáfora social. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEFEBVE, Maurice-Jean. Estrutura do discurso da poesia e da narrativa. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

OLIVEIRA, M. Rosa Duarte de et al. (Org.). Território das artes. São Paulo: EDUC, 2006.

PERRONE-MOISÉS, L. Literatura para todos. In: Literatura e Sociedade/ Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada -USP. N. 9. São Paulo: USP, 2006.

ENSINO DE LITERATURA II - APLICADOS AOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO) - 45 H-- 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A literatura infantil no universo escolar: diferentes possibilidades. Literatura infantil: linguagem e ludicidade. Principais características da literatura InfantoJuvenil. Valores socioeducacionais da literatura na escola. Literatura InfantoJuvenil: objetivos e técnicas de abordagem. Formação do leitor e o ensino da literatura e adequação do texto literário. Experiência estética e afetividade na infância e na adolescência. Proposições metodológicas para elaboração de material didático.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Marco Antonio Camelo, Josebel Akel Fares

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Lauro Maia. Tradução e adaptação – encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: UNESP, 2011.

ANTUNES, Benedito; CECCANTINI, João Luís C. T. Os clássicos: entre a sacralização e a banalização. In: PEREIRA, Rony Farto e BENITES, Sonia A. Lopes. À roda de leitura: língua e literatura. Jornal Proleitura. São Paulo: Cultura Acadêmica. Assis: ANEP, 2014.

ARROIO, Leonardo. Literatura Infantil brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil e juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. revista. São Paulo: Ática, 2014.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para crianças _ para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 2014.

BRAVO-VILLASANTE, Carmen. História da Literatura Infantil universal. Lisboa: Veja, 2015.

JESUALDO. A literatura infantil. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte; PALO, Maria José. Literatura Infantil: Voz de criança. 4. ed. São Paulo: Ática, 2014.

PALO, Maria José. Las edades de lectura: diálogo texto literário y texto imagem. Buenos Aires/Argentina, 2015.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ENSINO DE NÚMEROS E OPERAÇÕES I - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A natureza do conhecimento matemático. A construção do conhecimento matemático pela criança. Ensino de sistema de numeração. Ensino das operações aritméticas com números naturais. O ensino de problemas envolvendo as 4 operações. Ensino de frações. Ensino de números decimais.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Acylena Coelho Costa, Rosineide de Sousa Jucá

BIBLIOGRAFIA

ALVES, E. M. S. A ludicidade e o ensino da Matemática. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. 112p.

BITAR, M. & FREITAS, J.L.M. Fundamentos e metodologia de matemática para os Ciclos iniciais do ensino fundamental. Campo Grande: ed. UFMS, 2005

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Matemática: ensino de 1ª a 4ª série. Brasília, 1997

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

CARVALHO, M. & BAIRRAL, M.A. Matemática e Educação infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

GRANDO, N. I. Pesquisa em Educação matemática: contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. Passo Fundo: RS, editora da Universidade de Passo Fundo, 2006.

GUIMARÃES, Gilda e BORBA, Rute (Organizadoras). Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização. São Paulo: SBEM. 2009.

GUSSI, J. C. A operação de divisão de números naturais: um estudo. Curitiba: CRV, 2011

ITACARAMBI, R.R. Resolução de Problemas nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo, Ed. Física, 2010

[JUCA, R. S.](#) e SÁ, P. F. . Alguns aspectos históricos dos números decimais. Revista História da Matemática para professores, v. 1, p. 29-36, 2014

MENDES, I., SANTOS FILHO, A. & PIRES, M.A.L. Práticas matemáticas em atividades didáticas para os anos iniciais. São Paulo: Ed. Física, 2011

MOURA, A.R. L. & LOPES, C.A.E. As crianças e as ideias de número, espaço, formas, representações gráficas e estimativa de acaso. Campinas: CEMPEM, 2003

SÁ, Pedro Franco de e JUCÁ, Rosineide de Sousa. Matemática por atividades: experiências didáticas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém: EDUEPA, 2009.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

Revista BOLEMA. <http://www2.rc.unesp.br/bolema/%3Fq%3Dinicio>

Revista: Educação Matemática em Revista. www.sbem.com.br

Revista: Boletim do GEPEM. <http://www.ufrrj.br/SEER/index.php%3Fjournal%3Dgepem%3B>

ENSINO DE NÚMEROS E OPERAÇÕES II - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A natureza do conhecimento matemático. A construção do conhecimento matemático pela criança. Ensino de sistema de numeração. Ensino das operações aritméticas com números naturais. O ensino de problemas envolvendo as 4 operações. Ensino de frações. Ensino de números decimais. O ensino de números negativos. Ensino das dízimas periódicas. Ensino de números irracionais. Ensino de radicais. Ensino de números reais. Ensino de números complexos.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Acylena Coelho Costa, Rosineide de Sousa Jucá

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática para 5ª a 8ª séries. BSB: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

[JUCA, R. S.](#) e SÁ, P. F. . Alguns aspectos históricos dos números decimais. Revista História da Matemática para professores, v. 1, p. 29-36, 2014

JUCA, R.S. Um estudo das competências e habilidades na resolução de problemas aditivos e multiplicativos com os números decimais. Tese de doutorado. (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática). Rede Amazônica de Educação, Ciências e Matemática: UFPA, 2014

SALGADO, R.C.S. . A CONSTRUÇÃO DAS REGRAS OPERATÓRIAS DOS NÚMEROS INTEIROS COM A CALCULADORA. EM TEIA: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, v. 2, p. 1-16, 2011.

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém:EDUEPA, 2009.

SÁ, Pedro Franco de e JUCÁ, Rosineide de Sousa. Matemática por atividades: experiências didáticas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

SÁ, P. F. ; FOSSA, J. A. . Uma distinção entre problemas aritméticos e algébricos. Educação em Questão, v. 33, p. 253-278, 2008.

SÁ, P. F. ; COSTA, A. C. ; BARROS NETO, A. J. ; OLIVEIRA, M. S. S. ; AGUILA, M.J.S. . O ensino das operações com frações a partir de situações problemas. Traços (UNAMA), v. 11, p. 125-149, 2009.

SILVA, R. C ; BARROS NETO, A. J. ; ALVES, F. J. C. . Ensino de números relativos por meio de atividades com calculadoras e jogos de regras. Boletim GEPEM, v. 54, p. 121-138, 2009.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

Revista BOLEMA. <http://www2.rc.unesp.br/bolema/%3Fq%3Dinicio>

Revista: Educação Matemática em Revista. www.sbem.com.br

Revista: Boletim do GEPEM. <http://www.ufrj.br/SEER/index.php%3Fjournal%3Dgepem%3B>

ENSINO DE QUIMICA I - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: O ensino experimental de Química. Experimentos com pilhas e baterias. Experimentos com medicamentos. Experimentos com alimentos. Experimentos com cosméticos. Experimentos com solo. Experimentos com água.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Ronilson Freitas de Souza, Davi José de Oliveira

BIBLIOGRAFIA

Química Nova na escola. Disponível em <http://www.scielo.br>

Química Nova. Disponível em <http://www.scielo.br>,

Journal Brazilian Chemical Society . Disponível em <http://www.scielo.br>

Journal of Chemical Education. Disponível em <http://pubs.acs.org/journal/jceda8>

Revista Brasileira de Farmacognosia. Disponível em <http://www.scielo.br>

Phytochemistry. Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Tetrahedron. Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Synthetic Communications Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

ENSINO DE QUIMICA II - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Avaliação de Software para o ensino de Química. Avaliação de Apps para o ensino de Química. Construção de objetos de aprendizagens para Química.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Davi José de Oliveira, Ronilson Freitas de Souza

BIBLIOGRAFIA

Manual do BioEstat disponível em <http://www.mamiraua.org.br/pt-br/downloads/programas/manual-do-bioestat/>;

Journal of Chemical Education. Disponível em <http://www.scielo.br>

Química Nova na Escola. Disponível em <http://www.scielo.br>

Química Nova. Disponível em <http://www.scielo.br> e
Journal Brazilian Chemical Society. Disponível em <http://www.scielo.br>
Revista Ambiente & Água, Sociedade e Natureza. Disponível em <http://www.scielo.br>
Ambiente e Sociedade. Disponível em <http://www.scielo.br>
Tetrahedron Letters. Disponível em <http://www.scielo.br>
Synthetic Communications. Disponível em <http://www.scielo.br>
Revista Brasileira de Pesquisas Pedagógicas. Disponível em <http://www.scielo.br>

ENSINO DO TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO I - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: As características do conhecimento estatístico. O ensino da Leitura e interpretação de informações apresentadas de maneira sistematizada. O ensino da Interpretação de dados apresentados por meio de tabelas e gráficos. O ensino de média aritmética. O ensino experimental de combinações. O ensino experimental de probabilidade.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Rosineide de Sousa Jucá, Natanael Freitas Cabral

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática para 1ª a 4ª series. BSB: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

GUIMARÃES, Gilda e BORBA, Rute (Organizadoras). Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização. São Paulo: SBEM. 2009.

GUIMARÃES, Gilda. Refletindo sobre a educação estatística na sala de aula. In: GUIMARÃES, Gilda e BORBA, Rute (Organizadoras). Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização. São Paulo: SBEM. 2009, p.87-100.

MOURA, A.R. L. & LOPES, C.A.E. As crianças e as ideias de número, espaço, formas, representações gráficas e estimativa de acaso. Campinas: CEMPEM, 2003

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém:EDUEPA, 2009.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

ENSINO DO TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO II - 30 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: As características do conhecimento estatístico. O ensino da Leitura e interpretação de informações apresentadas de maneira sistematizada. O ensino da Interpretação de dados apresentados por meio de tabelas e gráficos. O ensino da construção de gráficos e tabelas. O ensino de média aritmética e media ponderada. O ensino de porcentagem. O ensino experimental de probabilidade.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2
Professor(es): Rosineide de Sousa Jucá, Natanael Freitas Cabral

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática para 5ª a 8ª séries. BSB: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referencia, tópicos e descritores: MEC/SAEB: Inep, 2011

GUIMARÃES, Gilda. Refletindo sobre a educação estatística na sala de aula. In: GUIMARÃES, Gilda e BORBA, Rute (Organizadoras). Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização. São Paulo: SBEM. 2009, p.87-100.

SÁ, Pedro Franco de. Atividades para o ensino de matemática no nível fundamental. Belém: EDUEPA, 2009.

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.cibem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

Anais da Conferencia Interamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

MÉTODOS ESTATÍSTICOS DA PESQUISA EM ENSINO- 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Análise exploratória dos dados. Correlação e regressão. Distribuições de probabilidades. Técnicas de amostragem. Distribuição amostral das médias. Dimensionamento da amostra. uso dos software: Excel, SPSS e R. Intervalos de confiança. Testes de hipóteses paramétricos e não paramétricos. Aplicações com ousos dos software: Excel, SPSS e R

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2
Professor(es): Fábio José da Costa Alves, Miguel Chaquiam

BIBLIOGRAFIA:

BARBETTA, P. A. Estatística Aplicada às Ciências Sociais. 5ª edição. Florianópolis. Editora da UFSC, 2003.

BUSSAB, W. O & MORETTIN, p. A. Estatística Básica. 3ª edição. São Paulo: Atual, 1986

FIELD, A. Descobrindo a Estatística usando o SPSS. 2ª edição. Porto Alegre, 2009

SIEGEL, S. & CASTELLAN, N. J. Estatística não-paramétrica para ciência do comportamento. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SMAILES, J. & MCGRANE, A. Estatística Aplicada à Administração com Excel. 1ª edição. São Paulo: Atlas, 2007

TÓPICOS DE BIOLOGIA – 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Histórico dos marcos pragmáticos na área da Biologia do século XIX ao XX. O Método Científico nas ciências biológicas. A diversidade de abordagens no estudo da vida: a evolução, a ecologia, a genética, a diversidade biológica e a biotecnologia. A experimentação no ensino de biologia. A transposição didática. Pressupostos da Educação Ambiental.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Sinaida Maria Vasconcelos de Castro, Ana Cláudia Tavares Martins

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M.L. & MASSABNI, V.G. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências. *Ciência & Educação*, Bauru, v.17, n.4, p. 835-854, 2011.

CAMPBELL, N.A. et al. *Biologia*. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2010. 1464p.

CARVALHO, G.S. A transposição didática e o ensino de Biologia. In: CALDEIRA, A.M.A. & ARAUJO, E.S.N.N. (Org.). *Introdução a Didática da Biologia*. São Paulo: Escrituras. Pp. 34-57. 2009.

CARVALHO, I.C.M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez. 2004.

KRASILCHIK, M. *Prática de ensino de biologia*. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2005.

LAYRARGUES, P.P. *Identidades da Educação Ambiental brasileira*. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: MMA. 2004.

ODUM, E. P; BARRET, G. W. 2007. *Fundamentos de Ecologia*. 5ª Edição. Thomson Learning. 612 p.

RIDLEY, M. *Evolução*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 752p.

SILVER, B.L. *A escalada da ciência*. 2ª ed. Tradução Arno Blass. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, 772p.

TOPICOS DE CIÊNCIAS HUMANAS - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: A proposta da disciplina é realizar uma reflexão sobre os fundamentos da pesquisa científica em ciências sociais e a sua articulação com as questões epistemológicas, com enfoque de investigações interdisciplinares. Para tanto, uma primeira parte consistirá na análise epistemológica de noções básicas envolvidas na dinâmica de construção e legitimação do conhecimento científico. Numa segunda etapa, pretende-se focalizar diferentes concepções relacionadas à natureza e ao alcance dos processos de integração inter e transdisciplinar no campo das ciências humanas e sociais. Espera-se também que a disciplina ofereça subsídios para a maturação progressiva dos projetos de dissertação de mestrados.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Alcione Santos de Souza

BIBLIOGRAFIA

CHALMERS, Alan. *A fabricação da ciência*. SP: EdUnesp, 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DENCKER, Ada de Freitas; DA VIÁ, Sarah C. Pesquisa empírica em Ciências Humanas. São Paulo: Futura, 2001.

FAZENDA, Ivani (org.). O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.

LEPETIT, Bernard. Proposições para uma prática restrita de interdisciplinaridade. In: Por uma nova história urbana. São Paulo: Edusp, 2001.

PENA, Rejane Silva. Contribuições do saber histórico para uma prática interdisciplinar. Cadernos de História, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 125-136, set. 2006/set. 2007.

RICHARDSON, Roberto J. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Fernando Teixeira da. História e Ciências sociais: zonas de fronteira. História, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 127-166, 2005.

SOARES, Luiz Eduardo. Hermenêutica e Ciências Humanas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 100-142, 1988.

TÓPICOS DE FÍSICA I - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Teoria, experimentos, demonstrações, uso de softwares e prática docente. Conceitos fundamentais de Mecânica; Leis de Newton, Leis de Conservação, cálculo variacional, função lagrangeana, equações de Maxwell e ondas eletromagnéticas.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): José Fernando Pereira Leal, Penn Lee Menezes Rodrigues

BIBLIOGRAFIA

GRIFFITHS, D.J. introduction to Electrodynamics. 3ª edição. São Paulo: Editora Prentice Hall. 1998.

GOLDSTEIN, H.; POOLE, C.P.; SAFKO, J.L. Classical Mechanics. 3ª edição. São Paulo: Editora Addison Wesley, 2002.

LANDAU, L.; LIFCHITZ, E. Mecânica. Rio de Janeiro: Editora Hemus. 2004.

MACHADO, K.D. Teoria do Eletromagnetismo. V. 1. 2ª edição. Editora UEPG. 2004.

MARION, J.B.; THORNTON, S.T. Classical Dynamics of Particles & Systems. São Paulo: Editora Saunders, 1995.

REITZ, J.R.; MILFORD, F.J.; CHRISTY, R.W. Fundamentos da Teoria Eletromagnética. 1ª edição. Campinas: Editora Campus. 1982.

SYMOM, K.R. Mecânica. Campinas: Editora Campus, 1982.

TÓPICOS DE FÍSICA II - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Ensino e aprendizagem de física moderna; teoria, experiências, demonstrações, uso do computador, abordagem histórica e prática docente supervisionada. mecânica relativística (Einstein), a quantização da energia por Planck e Einstein (modelo quântico da radiação), espectros atômicos, princípio da incerteza, dualidade onda-partícula, ondas de matéria. Equação de Schrodinger: a Mecânica Quântica não relativística - modelos atômicos e as transições eletrônicas. Estudo dos sólidos e suas aplicações tecnológicas.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Járlessom Gama Amazonas, Penn Lee Menezes Rodrigues

BIBLIOGRAFIA

- CARUSO, F.; OGURI, V. Física Moderna Origens clássicas & fundamentos quânticos. 1ª edição. : São Paulo: Editora Elsevier. 2006.
- EISBERG, R.; RESNICK, R. Física Quântica. Campinas: Editora Campus, 1979.
- FEYNMAN, R.P.; LEIGHTON, R.B; SANDS, M. Lições de Física de Feynman. Edição definitiva. São Paulo: Editora Bookman, 2008. Vol. 3.
- PIZA, A.F.R.T, Mecânica Quântica. 1ª edição. São Paulo: Editora EDUSP, 2003.
- SAKURAI, J.J. Modern Quantum Mechanics. . São Paulo: Editora Addison Wesley, 1994. Revised edition.
- TANNOUDJI, C.C.; DIU, B.; LALOE, F. Quantum Mechanics. São Paulo: Editora John Wiley & Sons, 1997.
- TIPLER, P.A.; LLEWELLYN, R.A. Física Moderna. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2001.

TÓPICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA I - APLICADOS AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º AO 5º ANO) - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Estudo de processos sociocognitivos relacionados à aquisição da linguagem e ao aprendizado e desenvolvimento da leitura e da escrita. Reflexão sobre a articulação entre as abordagens cognitivas da leitura e da escrita e as pesquisas sobre letramento. Elaboração de didáticas para o ensino de Língua Portuguesa com base na construção sociocognitiva do significado relacionada ao trato com textos orais e escritos.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Maria do Perpetuo Socorro Cardoso da Silva, Elisa Maria Pinheiro de Souza

BIBLIOGRAFIA

- BOTELHO, P. F. Textos factuais e problematizantes em livros didáticos de história: leitura e metacognição. Dissertação de Mestrado em Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 125 p., 2010.
- CHARTIER, A-M. Práticas de leitura e escrita. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2007.
- DEHAENE, S. Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução Leonor Scliar-Cabral. São Paulo: Editora Penso, 2012.
- DELL'ISOLA, R. L. P. Leitura: inferências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 230 p., 2001.
- FERRARI, L. Introdução à linguística cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. Uma visão sócio-cognitiva da avaliação em textos escolares. Educação e Sociedade. Campinas,v. 27, n. 97, p.1181- 1203, 2006.
- _____. Integração conceptual, formação de conceitos e aprendizado. Revista Brasileira de Educação, v. 16 n. 44, p. 247 - 263, 2010.
- Gerhardt, A. F. L. M.; Albuquerque, C.; Silva, I. A cognição situada e o conhecimento prévio em leitura e ensino. Ciências & Cognição, 14 (2), pp. 74 - 91, 2009.
- KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas; Pontes, 1995.
- MAIA, Heber (Org.). Neuroeducação: a relação entre saúde e educação. Rio de Janeiro: WAK Editora, Coleção Neuroeducação-vol 1, 2011.
- MAIA, Heber (Org.). Neurociências e desenvolvimento cognitivo. Rio de Janeiro: WAK Editora, Coleção Neuroeducação –vol 2, 2011.

MENEGASSI, R. J. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. Revista UNIMAR, 17, 1, p. 85-94, 1995.
TOMASELLO, M. As origens culturais da aquisição do conhecimento humano. São Paulo: Martins Fones, 2003.

TÓPICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA II - APLICADOS AOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO) - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Bases epistemológicas relativas à definição do conceito de linguagem como prática discursiva. Princípios e procedimentos de análise dos discursos. Estudo de práticas discursivas em diversos contextos escolares e não escolares. Proposições metodológicas para elaboração de material didático.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Elisa Maria Pinheiro de Souza, Marco Antonio Camelo

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1979]
_____. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 3. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993. p. 13-70.
BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. _____. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. _____. (Org.). Bakhtin: dialogismo e construção de sentido. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
CORACINI, Maria José. (Org.) O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 1995.
_____. Concepções de leitura na (pós)modernidade. In: CARVALHO, Regina Célia de; LIMA, Paschoal (Org.). Leitura: múltiplos olhares. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: UNIFEOP, 2005.
CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. Ensino de língua: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1999.
HANKS, William F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bordieu e Bakhtin: Cortez, 2008. MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.
ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
_____. (Org.). A leitura e os leitores. Campinas, SP: Pontes: 1998.
_____. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez, 2008. SILVA, L. H. O. Silenciamento dos sentidos: relatos de observação de aulas de leitura. Revista Querubim (Online), v. 01, p. 01-17, 2007.
SILVA, Marluce Pereira da; OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; ALVES, Maria da Penha Casado (Org.). Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas. Natal: EDUFRRN, 2008.
SPINK, Mary Jane P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004. VOLOCHÍNOV, V. N. (Mikhail Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1990.

EMENTA: Pontuação; paragrafação; ortografia; verbo haver; tempos verbais. Estrutura de palavras; formação de palavras; estrangeirismos. Acentuação; léxico da língua: processo de formação e classe de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronomes, verbos, advérbios; preposição, conjunção e interjeição. Sintaxe: frase, oração e período; sujeito e predicado; períodos simples e compostos. Colocação pronominal; elementos coesivos; concordância verbal e nominal; regência nominal e verbal; crase.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Elisa Maria Pinheiro de Souza, Marco Antonio Camelo

BIBLIOGRAFIA

- AZEREDO, J. C. Iniciação à sintaxe do Português. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. BECHARA, Evanildo. Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Nós chegamos na escola: e agora? São Paulo: Parábola, 2005.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. Estruturada língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. Pequena Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de Castilho. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERRAREZI JÚNIOR, Celso. Semântica para a educação básica. São Paulo: Parábola, 2008.
- FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo “gramática”? São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português. São Paulo: Contexto, 2011.
- GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português. Campinas: Pontes, 1987.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília. Língua Portuguesa, educação & mudança. Rio de Janeiro: Europa, 2008.
- HORA, Dermeval da. Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti, 2004.
- KATO, Mary; NASCIMENTO. Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença. Vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. MOLLICA, Maria Cecília. Da linguagem coloquial à escrita padrão. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- MOLLICA, M. C. M. ;RONCARATI, C. N. Gramática , ensino e formação profissional. Revista da ANPOLL, Universidade de São Paulo, v. 14, p. 11-29, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERINI, Mário. Gramática descritiva do português. São Paulo: Ática, 2001. _____. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.
- ROSA, Maria Carlota. Introdução à Morfologia. São Paulo: Contexto, 2000. SANDMAN, Antônio José. Morfologia geral. São Paulo: Contexto, 1990. _____. Morfologia lexical. São Paulo: Contexto, 1991.
- SILVA, Rosa Virgínia M. e Silva. Contradições no ensino de português: a língua que se fala x a língua que se ensina. São Paulo: Contexto, 1997.
- SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1999.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º. E 2º. Graus. São Paulo: Cortez, 2002.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo Brandão. Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

_____. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

TÓPICOS DE LITERATURA - APLICADOS AO ENSINO MÉDIO - 45 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Concepção de literatura e seu ensino. O ensino da literatura como experimentação: entre a leitura e a crítica. Processos de hibridização dos gêneros. O livro e o leitor: prazer e conhecimento. Práticas pedagógicas direcionadas à formação do leitor do texto literário. Proposições metodológicas para elaboração de material didático.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Josebel Akel Fares, Marco Antonio Camelo

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. Leitura, história e história da leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

ANTUNES, Benedito; CECCANTINI, João Luís C. T. Os clássicos: entre a sacralização e a banalização. In: PEREIRA, Rony Farto e BENITES, Sonia A. Lopes. À roda de leitura: língua e literatura. Jornal Proleitura. São Paulo: Cultura Acadêmica. Assis: ANEP, 2004.

BARBOSA, J. A. A Biblioteca Imaginária. São Paulo: Ateliê, 1996.

BLOOM, H. Como e por que ler. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORGES, Jorge Luis. Cinco visões pessoais. Brasília: UNB, 1996.

COLOMER, T. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo; Global, 2003.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191. COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Belo Horizonte: UFMG, 2009. COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Mariza. Literatura: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LIMA, Luiz Costa (Org.). A literatura e o leitor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LOPES, Silvina Rodrigues. Literatura, defesa do atrito. Lisboa: Vendaval, 2003. MAGALHÃES, Hilda G. D.; BARBOSA, Eliziane de P. S. Letramento literário na alfabetização. In: SILVA, Wagner R.; MELO, L. C. (Org.) Pesquisa & ensino de língua materna: diálogos entre formador e professor. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MELO, Livia Chaves de; MAGALHÃES, H. G. D. A literatura em sala de aula: investigando materiais de apoio didático. In: SILVA, Wagner R.; MELO, L. C. (Org.) Pesquisa & ensino de língua materna: diálogos entre formador e professor. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

PAIVA, Aparecida et. al. (Org.). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces –o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007. RAMOS, Dernival Venâncio; ANDRADE, Karylleila S.; PINHO, Maria José de. (Org.). Ensino de língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares. 1a. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. , p. 81-92.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

TÓPICOS DE MATEMÁTICA I - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Evolução dos sistemas de numeração. Desenvolvimento histórico das operações aritméticas com números naturais. Interpretação geométrica das operações com frações. Desenvolvimento histórico dos números decimais. A interpretação geométrica do espaço e das formas. As medidas de comprimento, área e volume ao longo da história. O tratamento da informação.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Pedro Franco de Sá, Rosineide de Sousa Jucá

BIBLIOGRAFIA

CREASE, Robert. A medida do Mundo. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

IFHAR, Georges. A História universal dos algarismos. V.1 e 2. São Paulo: contexto

IFHAR, Georges. Números a historia de uma grande invenção. RJ: Editora Globo. 2009

JANOS, Michel. Matemática para pais e interessados. V. 1 e 2. São Paulo: Livraria da Física. 2011.

JUCÁ, Rosineide de Souza e SÁ, Pedro Franco de Sá. A História dos números decimais. In: Anais do IX Seminário Nacional de História da Matemática. Anais. 1cd. Aracaju 2011 Disponível em Revista do Professor de Matemática. Disponível em www.rpm.org.br

Revista WebMat. Disponível em www.uepa.br/webmat

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

TÓPICOS DE MATEMÁTICA II - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Evolução dos sistemas de numeração. Desenvolvimento histórico das operações aritméticas com números naturais. Interpretação geométrica das operações com frações. Desenvolvimento histórico dos números decimais. A interpretação geométrica do espaço e das formas. As medidas de comprimento, área e volume ao longo da história. O tratamento da informação. Evolução histórica da Álgebra. Evolução Histórica da Geometria. A evolução histórica e lógica dos conjuntos numéricos.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Pedro Franco de Sá, Acylena Coelho Costa

BIBLIOGRAFIA

CONTADOR, Paulo Roberto Martins. História da Matemática. 2 ed.. V. 1, 2 e 3. São Paulo: Livraria da Física. 2006.

CREASE, Robert. A medida do Mundo. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

IFHAR, Georges. A História universal dos algarismos. V.1 e 2. São Paulo: Contexto

IFHAR, Georges. Números a historia de uma grande invenção. RJ: Editora Globo. 2009.

FERREIRA, Jamil. A construção dos números. Rio de Janeiro: SBM. 2010.

JANOS, Michel. Matemática para pais e interessados. V. 1 e 2. São Paulo: Livraria da Física. 2011.

JUCÁ, Rosineide de Souza e SÁ, Pedro Franco de Sá. A História dos números decimais. In: Anais do IX Seminário Nacional de História da Matemática. Anais. 1cd. Aracaju. 2011. Disponível em Revista do Professor de Matemática. Disponível em www.rpm.org.br

Revista WebMat. Disponível em www.uepa.br/webmat

Anais do Seminário Nacional de História da Matemática. Disponível em www.sbhmat.org.br

Anais da Conferencia Iberoamericana de Educação Matemática. Disponível em www.ciaem.org.

Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Disponível em www.sbem.com.br

TÓPICOS DE MATEMÁTICA III - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA: Matrizes e álgebra matricial. Determinantes. Sistemas de equações lineares. Espaços vetoriais, dimensão e estrutura. Transformações lineares, geometria dos operadores, núcleo e imagem. Ortogonalidade e diagonalização. Autovalores e autovetores. Formas quadráticas. Aplicações da álgebra linear.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Ducival Carvalho Pereira, Miguel Chaquiam

BIBLIOGRAFIA

ANTON, Howard e BUSBY, Drexel C. Álgebra Linear Contemporânea. Tradução de Claus Ivo Doering. Porto Alegre: Bookman, 2006.

ANTON, Howard e RORRES, Chris. Álgebra Linear com Aplicações. Tradução de Claus Ivo Doering. Porto Alegre: Bookman, 2001.

FONSECA, Manuel Alcino R. da. Álgebra Linear Aplicada a Finanças, Economia e Econometria. São Paulo: Manole, 2003.

HEFEZ, A. e FERNANDES, C. Introdução à Álgebra Linear. Rio de Janeiro: SBM, 2012.

HOFFMAN, Kenneth e KUNZE, Ray. Álgebra Linear. Tradução de Adalberto Panobianco Bergamasco. São Paulo: EDUSP e Polígono, 1970.

KOLMAN, Bernard. Introdução à Álgebra Linear com aplicações. Auxílio de David R. Hill. Tradução de Valéria de Magalhães Lório. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil Ltda, 1998.

LANG, Serg. Álgebra Linear para graduação. Tradução de Luiz Pedro Jutuca. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

LAY, David C. Álgebra Linear e suas aplicações. Tradução de Ricardo Camelier e Valéria de Magalhães Lório. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LEON, Steven J. Álgebra Linear com Aplicações. Tradução de Valéria de Magalhães Lório. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

POOLE, David. Álgebra Linear. Tradutoras técnicas Martha Salerno Monteiro (Coord.) etall. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TÓPICOS DE QUÍMICA I - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA : Compostos Inorgânicos. Análise e discussão da estrutura, propriedades e reatividade de compostos inorgânicos. Compostos Inorgânicos e o meio ambiente. Compostos Inorgânicos e tecnologia. Compostos Inorgânicos e sociedade.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): João da Silva Carneiro, Victor Wagner Bechir Diniz

BIBLIOGRAFIA

Atkins, Peter; Jones, Loretta. Princípios de Química - Questionando A Vida Moderna e o Meio Ambiente - 5ª Ed. Editora Bookman, 2011.

Química Nova na Escola. Disponível em <http://www.scielo.br>

Química Nova. Disponível em <http://www.scielo.br>

Ambiente e Sociedade. Disponível em <http://www.scielo.br>

Ciência e Educação. Disponível em <http://www.scielo.br>

Journal Brazilian Chemical Society. Disponível em <http://www.scielo.br>

Revista Ambiente & Água. Disponível em <http://www.scielo.br>

Sociedade e Natureza. Disponível em <http://www.scielo.br>

Journal of Chemical Education. Disponível em <http://pubs.acs.org/journal/jceda8>

TÓPICOS DE QUÍMICA II - 60 H- ELE – Polo 12 - UEPA- Belém 2

EMENTA : Compostos orgânicos. Análise e discussão da estrutura e reatividade de compostos orgânicos. Compostos orgânicos e o meio ambiente. Compostos orgânicos e os impactos na sociedade moderna.

Proposta por: Polo 12: UEPA- Belém 2

Professor(es): Victor Wagner Bechir Diniz, João da Silva Carneiro

BIBLIOGRAFIA

Atkins, Peter; Jones, Loretta. Princípios de Química - Questionando A Vida Moderna e o Meio Ambiente - 5ª Ed. Editora Bookman, 2011.

Química Nova na Escola. Disponível em <http://www.scielo.br>

Química Nova. Disponível em <http://www.scielo.br>

Ambiente e Sociedade. Disponível em <http://www.scielo.br>

Ciência e Educação. Disponível em <http://www.scielo.br>

Journal Brazilian Chemical Society. Disponível em <http://www.scielo.br>

Revista Ambiente & Água, Sociedade e Natureza. Disponível em <http://www.scielo.br>

Revista Brasileira de Farmacognosia Disponível em <http://www.scielo.br>

Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences.. Disponível em <http://www.scielo.br>

Journal of Chemical Education. <http://pubs.acs.org/journal/jceda8>

Phytochemistry Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Tetrahedron Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Tetrahedron Letters Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Synthetic Communications Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 13- MARABÁ – UNIFESSPA

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA - 60 H- ELE – Polo 13 – UNIFESSPA - Marabá

EMENTA: Elementos teóricos e metodológicos da Geografia contemporânea na formação do professor. Dimensões teóricas sobre a construção do conhecimento do professor de Geografia: fundamentos teóricos e metodológicos da formação docente, os saberes docentes na formação profissional e as práticas de ensino na Geografia. Fundamentos teóricos da docência na formação crítica do professor de Geografia relação teoria e prática na formação docente, situação problema na pesquisa e no ensino de geografia, pesquisas sobre a formação de professores de geografia na atualidade e a prática do ensino de geografia pela pesquisa. A Pesquisa associada ao Ensino. Metodologias de Ensino em Geografia e a Prática da Sala de aula: didática da Geografia, Práticas Escolares e Novas Tecnologias; Geografia Escolar Instituída, Saberes Pedagógicos.

Proposta por: Polo 13: UNIFESSPA - Marabá
Professor(es): Marcus Vinicius Mariano de Souza

BIBLIOGRAFIA:

- CALLAI, H. C. A formação do profissional da Geografia. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTELLAR, Sônia (org). Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). Geografia Escolar Contextualizando a sala de aula. Curitiba: Editora CRV, 2014. v. 1000.
- CASTROGIOVANNI, A.C. et al. (Org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 1998.
- CAVALCANTI, LANA. O ensino de Geografia na escola. Papirus: Campinas, 2012.
- _____. (org). Formação de Professores: Concepções e Práticas em Geografia. Goiânia: Vieira, 2006.
- DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.
- KULLOK, M. G. B. Formação de professores para o próximo milênio: novo locus? São Paulo: Annablume, 2000.
- LACOSTE, Yves. A Geografia. Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Trad. Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 2002.
- NÓVOA, António (Org.) Os Professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote – Instituto Inovação Educacional, Nova Enciclopédia, 1992.
- OLIVEIRA, A. U. (org). Para Onde Vai o Ensino de Geografia? São Paulo: Editora Contexto. 2003.
- PASSINI, Elza. Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas: profissão docente e formação. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PASSINI, Elza. Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007. 211p.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas: profissão docente e formação. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SCHOUMAKER, B.M. Didáctica da geografia. Porto: ASA, 1999.

VENTURI, Luis Antônio Bittar (org). Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

VENTURI, Luis Antônio Bittar (org). Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Editora Sarandi, 2011. v. 1. 528 p.

ZANATTA, Beatriz Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo (orgs). Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino da Geografia. Goiânia: NEPEG/Ed.Vieira, 2008. 180p.

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE QUÍMICA - 60 H- ELE – Polo 13 – UNIFESSPA - Marabá

EMENTA: Relações entre as concepções sobre a natureza da ciência e a prática docente. Concepções alternativas dos estudantes relacionadas aos conteúdos de Química. Estratégias para o ensino de Química. Abordagens inovadoras para o ensino de Química. Análise das concepções e relações existentes entre a ciência, a tecnologia e a sociedade. Ilhas interdisciplinares de racionalidade, etc. O papel da experimentação no ensino de Química: características da experimentação; experimentação como elemento fundamental para a aprendizagem; elaboração, desenvolvimento e aplicação de experimentos no ensino de química. Papel da história da química no ensino de Química. Papel e função da avaliação da aprendizagem no ensino de Química.

Proposta por: Polo 13: UNIFESSPA - Marabá
Professor(es): Wagner Soares de Alencar

BIBLIOGRAFIA:

ALVES-MAZZOTTI, ALDA JUDITH & GEWANDSZNAJDER, FERNANDO. O método das ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thonsom, 2002.

ASTOLFI, J. P.; DEVELAY, M. A didática da ciência. Campinas: Papirus, 1995.

CARVALHO A.M.P. (org.). Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática. Pioneira Thomson Learning, São Paulo, 2004.

CÉSAR COLL SALVADOR Psicologia do ensino. Porto Alegre – ARTMED, 2000.

CHASSOT, A. Educação conSciência. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

COLL, CESAR; PALACIOS, JESUS E MARCHESI, ALVARO. Desenvolvimento Psicológico e educação: psicologia da educação. Porto Alegre - Artes Médicas, 2001.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

FOUREZ, G.; LECOMPTE, V.E; GROOTAERS, D.; MATHY, P. e TILMAN, F. Alfabetización científica y tecnológica: acerca de las finalidades de la enseñanza de las ciencias. Trad. E.G. Sarría. Buenos Aires: Colihue, 1997.

LEAL, M. C. Didática da Química: fundamentos e práticas para o Ensino Médio. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

MACHADO, ANDRÉA H. Aula de Química: Discurso e Conhecimento. Ed. UNIJUÍ, Ijuí, 1999.

MALDANER, O.A. A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química. Ed. Unijuí, Ijuí, 2000.

MALDANER, OTÁVIO A. A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química. Ed. UNIJUI, Ijuí, 2000.

MOREIRA M. A. A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília - Editora Unb, 2006.

PERALES, F. e CANAL, P. (Orgs.). Didáctica de las Ciencias Experimentales. Alcoy: Marfil, 2000.

SANTOS, W. L. P. e SCHNETZLER, R. P. Educação em química: compromisso com a cidadania. Ijuí : Editora da Ijuí, 2003.

SCHNETZLER, R. P.; SANTOS, W. Educação em química: compromisso com a cidadania. Ijuí: Unijuí, 2000.

SCHNETZLER, R.P. E ARAGÃO, R.M. (orgs.). Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens. Campinas: R. Vieira Editora, 2000.

TEORIAS DE APRENDIZAGEM, ENSINO DE MATEMÁTICA E DIVERSIDADE DE SUJEITOS E DE CULTURAS - 60 H- ELE – Polo 13 – UNIFESSPA - Marabá

EMENTA: Estudo dos pressupostos epistemológicos que fundamentam os processos de ensino da matemática, a partir das principais teorias de aprendizagem. Aportes teóricos da etnomatemática e reflexões sobre a construção do conhecimento matemático e os desafios do ensino de matemática no contexto da diversidade e heterogeneidade de sujeitos. Estratégias de ensino com base nas práticas socioculturais históricas, investigação e problematização matemática. Pesquisa sobre conhecimento matemático em contextos socioculturais diversos: possibilidades metodológicas.

Proposta por: Polo 13: UNIFESSPA - Marabá

Professor(es): Ana Clédina Rodrigues Gomes, Narciso das Neves Soares

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Julio Groppa (Org.). Diferenças e preconceito na escola. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BICUDO M A V. Educação Matemática: pesquisa em movimento. Editora Cortez. Belo Horizonte. 2004

BOAS, Franz. A mente do ser humano primitivo. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação como Cultura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CANAU, Vera Maria (Org.). Didática Crítica Intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARRARA, Kester (Org.) Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Educação matemática: da teoria à prática. Campinas: Papirus, 2007.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: EdUNESP, 2005.

FLORES, Cláudia Regina; CASSIANI, Suzani (Org.) Tendências Contemporâneas nas Pesquisas em Educação Matemática e Científica: Sobre linguagens e práticas culturais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013

FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido. (Orgs.) Didática. Embates contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Geometria dos Trançados Bora na Amazônia Peruana, Livraria da Física, São Paulo, 2011.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. O Jogo das Diferenças. O multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Org.). Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Birura, 2003.

HUETE, J. C. Sánches; BRAVO, J. A. Fernández. O Ensino da Matemática: Fundamentos teóricos e bases psicopedagógicas. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães (Org.). Diálogos com a Diversidade. Desafios da formação de educadores na contemporaneidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

LA TAILLE, Ives; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.) Multiculturalismo. Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. Ed Scipione. São Paulo, 1997.

PAIS, Luis Carlos. Ensinar e Aprender Matemática. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2006.

SANTOS, Ana Cristina Souza dos (Orgs.). Diversidade e transversalidade nas práticas educativas. Rio de Janeiro: NAU; EDUR, 2010.

TEXTO, LINGUAGENS E ENSINO - 60 H- ELE – Polo 13 – UNIFESSPA - Marabá

EMENTA: Estudo da organização do texto e sua relação com as condições de produção em diversas esferas discursivas. Relações entre texto e discurso: noções de cotexto, contexto e multimodalidade; noções de enunciação e enunciado; gêneros do discurso como ações sociais. Fatores de textualidade, noções de sequência textual, processos de referenciação, organização tópica e suas funções na leitura e na escrita, processos intertextuais e relações interdiscursivas. Plurisssemiose e hipertexto na textualização e produção de sentidos. Avaliação do papel do texto nas aulas de disciplinas da educação básica. Análise de práticas de ensino mediadas por texto. Proposições metodológicas para elaboração de material didático tendo por base a leitura e a produção textual nas mais diversas disciplinas da educação básica.

Proposta por: Polo 13: UNIFESSPA - Marabá

Professor(es): Ronaldo Barros Ripardo, Paulo da Silva Lima

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Jean-Michel. A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BITENCOURT, Iara Conceição Neves et al. Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

CAVALCANTE, Mônica. Os sentidos do texto. São Paulo, Contexto, 2012.

DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. e MACHADO, A. R. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ELIAS, Vanda M. (Org.) Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, I. . Introdução à Linguística Textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

KÖCHE, V. S. et alii. Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor. Petrópolis-RJ: 2010.

LEE, C. El lenguaje en el aprendizaje de las matemáticas. Madrid: Ediciones Morata, 2010.

LIMA, Paulo da Silva. A reescrita de textos na escola: trabalhando com gêneros e sequências didáticas. Tese. (Doutorado Estudos Linguísticos). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, E. L. (Org.) Gêneros Textuais: a Didática das Línguas aos Objetos de Ensino. São Carlos-SP: Claraluz, 2009.

PAULIUKONIS, M. A. L. A questão do texto: texto e contexto. In: BRANDÃO, Silvia et al. (Org.). Gramática, descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p.237-256.

PAULIUKONIS, Ma. Aparecida L.; SANTOS, Leonor W. dos (Org.). Estratégias de leitura: texto e leitor. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

RABELO, E. H. Produção e interpretação de textos matemáticos: um caminho para um melhor desempenho na resolução de problemas. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

PIMM, D. El lenguaje matemático en el aula. 3 ed. Madrid: Ediciones Morata, 2002.

RIPARDO, R. B. Escrever bem aprendendo matemática: tecendo fios para uma aprendizagem matemática escolar. 2014. 314f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 14- JI-PARANÁ - UNIR

ESCOLA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO CONTEXTO AMAZÔNICO - 60 H - ELE – Polo 14- UNIR-Ji-Paraná

EMENTA: Conceitos de cultura, interculturalidade e hibridação cultural. Pluralidade cultural na Amazônia. Práticas educativas dos Povos da Floresta em Rondônia: indígenas, quilombolas, extrativistas e ribeirinhos. Identidade cultural e educação. O saber local. Etnoconhecimentos. Currículo e interculturalidade. Diálogos de saberes. Fundamentos da Educação Escolar em perspectiva indígena, quilombola, extrativista e ribeirinha. Didática intercultural.

Proposta por: Polo 14: UNIR- Ji-Paraná

Professor(es): Kécio Gonçalves Leite, Josélia Gomes Neves, Aparecida Augusta da Silva.

BIBLIOGRAFIA:

- BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, Brasília: MEC, 2002.
- BRASIL. Pluralidade Cultural. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANCLINI, N. G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 2011.
- D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DA MATTA, R. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FERREIRA, M. K. L. (Org). Ideias matemáticas de povos culturalmente distintos. São Paulo: Global, 2002.
- FLEURI, R. Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GEERTZ, C. Saber local: novos ensaios em Antropologia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- GONDIM, N. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- LOUREIRO, J. J. P. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.
- MELO, W. F. Educação escolar em Comunidades Quilombolas. In: Educação Quilombola. Salto para o futuro. Brasília: MEC, 2007.
- MINDLIN, B. Nós Paíter: Os Suruí de Rondônia. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NEVES, J. G. Cultura escrita em contextos indígenas. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2009.
- OLIVEIRA, A. U. Amazônia: monopólio, expropriação e conflito. São Paulo: Papyrus, 1990.
- PERDIGÃO, F.; BASSEGIO, L. Migrantes Amazônicos: Rondônia, a trajetória da ilusão. São Paulo: Loyola, 1992.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNAT, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

RIBEIRO, D. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, D. Os índios e a civilização. Petrópolis: Vozes, 1977.

SANTANA, V. O. Reservas Extrativistas Estaduais de Rondônia: uma história em construção. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.

SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. (orgs.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília/MEC, 1995.

SILVA, J. C. (Org.). Nos banheiros do rio: ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: Edufro, 2002.

SILVA, M. G. S. N. O espaço ribeirinho. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

VILAÇA, A. Quem somos nós: os Wari encontram os brancos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS DA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS -90 H -- ELE – Polo 14- UNIR-Ji-Paraná

EMENTA: Perspectivas clássicas da ciência: empirismo, racionalismo, positivismo, funcionalismo, estruturalismo, fenomenologia e pós-modernismo. O conceito de campo científico. Abordagens metodológicas e tipos de pesquisa. Coleta e tratamento estatístico de dados em pesquisas quantitativas. Coleta e tratamento de dados em pesquisas qualitativas. Dimensão ética da pesquisa. Planejamento da pesquisa: projeto. Relatórios de pesquisa: artigo, monografia, dissertação e tese.

Proposta por: Polo 14: UNIR- Ji-Paraná

Professor(es): Bianca Santos Chisté, Lenilson Sergio Candido, Sérgio Candido de Gouveia Neto.

BIBLIOGRAFIA:

BACHELARD, G. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. Para uma sociologia da ciência. Lisboa: Edições 70, 2015.

CHALMERS, A. F. O que é ciência afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.

DELEUZE, G. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELIZOICOV, D. Pesquisa em ensino de ciências como ciências humanas aplicadas. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, n. 21, p. 145-175, 2004.

FOUCAULT, M. A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JAPIASSU, H. F. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, C. D. P. Infância, Experiência e Tempo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2003.
 MARTINS, G. A. Manual para elaboração de monografias e dissertações. São Paulo: Atlas, 2002.
 MASSCHELEIN, J. Educando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. Educação e Realidade. v. 33, n. 1, jan/jun. 2008.
 NUNES, L. A. R. Manual da monografia: como se faz uma monografia, uma dissertação, uma tese. São Paulo: Saraiva, 2002.
 POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1999.
 SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
 SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

MATERIAIS DIDÁTICOS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - 60 H - ELE – Polo 14- UNIR-Ji-Paraná

EMENTA: Tipos de materiais didáticos (apostilas, tabelas, mapas, maquetes, gráficos, painéis, vídeos, jogos, livros etc). Aspectos teóricos e metodológicos da produção de materiais didáticos. Materiais didáticos e a transposição didática de conteúdos. Avaliação de livros didáticos. Fases da organização e produção de materiais didáticos: elaboração crítica de objetivos, seleção crítica de conteúdos, contextualização, redação, ilustração, edição, publicação. A produção de objetos virtuais de aprendizagem. Materiais didáticos específicos para a educação inclusiva. Laboratório didático na Educação Básica.

Proposta por: Polo 14: UNIR- Ji-Paraná

Professor(es): Alex Mota dos Santos, Lenilson Sergio Candido, Marlos Gomes de Albuquerque, Dilson Henrique Ramos Evangelista.

BIBLIOGRAFIA:

BATISTA, A. A. G. Recomendações para uma política pública de livros didáticos. Brasília: MEC/FAE, 2001.
 CHALMERS, A. F. O que é a ciência afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.
 CHILINGUE, M. B. As salas de recursos multifuncionais e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência visual no município de Nova Iguaçu-RJ. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014.
 CORACINI, M. J. (org.). Interpretação, autoria e legitimação do livro didático. São Paulo: Pontes, 1999.
 COSTA, M. V. (org.). O Currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
 DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
 FARIA, A. L. G. Ideologia no livro didático. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1994.
 FERNANDES, S.; HEALY, L. A inclusão de alunos cegos nas aulas de matemática: explorando área, perímetro e volume através do tato. Bolema, v. 28, n. 37, p. 1111-1135, 2010.
 FILATRO, A. Design instrucional na prática. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.
 FRACALANZA, H.; MEGID NETO, J. (Orgs.). O Livro Didático de Ciências no Brasil. Campinas: Komedi, 2006.
 HEILY, L. Escola Inclusiva: linguagem e mediação. Campinas: Papyrus, 2004.
 LATOUR, B.; WOOLGAR, S. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumar, 1997.
 LORENZATO, S. O laboratório de ensino de matemática na formação de professores. Campinas: Autores Associados, 2006.

MÉNDEZ, M. C. O livro e a educação: aspectos políticos da produção do livro didático. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PINHO ALVES, J. Regras da transposição didática aplicadas ao laboratório didático. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 174-188, 2000.

SILVA, C. C. (Org.). História e Filosofia da Ciência no Ensino de Ciências: da teoria à sala de aula. São Paulo: Livraria da Física, 2006.

SILVA, M. (org). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.

TOLENTINO NETO, L. C. B. O processo de escolha do livro didático de ciências por professores de 1ª a 4ª séries. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, USP, 2003.

TRANSVERSALIDADES E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA - 60 H - ELE – Polo 14- UNIR-Ji-Paraná

EMENTA: Diversidade étnico-cultural e suas implicações na escola. Conceito de Gênero. Interfaces de gênero e educação na perspectiva dos estudos culturais. Representações de gênero em livros didáticos da educação básica. Práticas educacionais e políticas culturais sobre igualdade e diferenças. Violência contra a mulher e educação. Diversidade sexual. Valores, crenças e comportamentos da sexualidade. Homofobia. Origem e fundamentos da educação inclusiva. Políticas e legislações nacionais e internacionais basilares da educação inclusiva. Modalidades alternativas e abordagens metodológicas da educação inclusiva na escola.

Proposta por: Polo 14: UNIR- Ji-Paraná

Professor(es): Josélia Gomes Neves, João Carlos Gomes, Aparecida Augusta da Silva.

BIBLIOGRAFIA:

AUAD, D. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

CARVALHO, R. E. Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2008.

COSTA, V. B. Inclusão escolar do aluno com deficiência visual no ensino regular. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

FOUCAULT, M. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

HEILY, L. Escola Inclusiva: linguagem e mediação. Campinas: Papirus, 2004.

LOURO, G. (org.). Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2004.

MARTINS, L. A. R. et al (Org.). Inclusão: compartilhando saberes. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2011.

MITTLER, P. J. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PERROT, M. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru-SP: Edusc, 2005.

Petrópolis: Vozes, 2012.

SAFIOTI, H. Gênero, Patriarcado, Violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.

SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VEIGA-NETO, A. (org.). Crítica pós-estruturalista e educação. Porto Alegre, Sulina, 1995.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 15- ARAGUAÍNA - UFT

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS - 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: A construção do objeto de pesquisa. Objeto percebido e objeto construído. Hierarquia epistemológica. Objetividade versus subjetividade.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína

Professor(es): Sandro Estevan Moron, Adriana Kazue Takako, Priciane Cristina Correa Ribeiro
Sílvia Leitão Dutra

BIBLIOGRAFIA:

BOURDIEU, Pierre. La Noblesse d'Etat - Grandes Écoles et Esprit de Corps. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989. A Economia das Trocas Simbólicas, São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. A Miséria do Mundo. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, 3.ed.

CHAMBOREDON, Jean Claude, PASSERON. Jean-Claude, A Profissão de Sociólogo; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DURKHEIM, Emile, As Regras do Método Sociológico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987, 3.ed.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARX, Karl. "O Método da Economia Política" (texto 20) e Natureza e História (texto 12) In BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean Claude, PASSERON. Jean-Claude, A Profissão de Sociólogo; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MONTEIRO, Filomena Ma. de Arruda e MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. "Professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental: percursos e processos de formação" In MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti e REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues (orgs.) Formação de Professores, práticas pedagógicas e escola. São Paulo: Edufscar/INEP/COMPED, 2002.

MULLER, Lúcia. As Construtoras da Nação: professoras primárias na Primeira República. Niterói, RJ: Intertexto, 1999.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. A Leitura e os Textos Literários infantis no Contexto de Escolas Concessionárias. Tese de Doutorado, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Iolanda. Desigualdades Raciais: construções da infância e da juventude. Niterói, RJ: Intertexto, 1999.

SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2000.

FUNDAMENTOS DE CIÊNCIAS NATURAIS APLICADOS AO COTIDIANO - 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: Fenômenos biológicos, físicos e químicos no cotidiano doméstico. Interações biológicas diárias e necessárias. Aulas práticas e a compreensão de fenômenos naturais.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína

Professor(es): Lilyan Rosmery Luizaga de Monteiro, Claudia Scareli dos Santos, Domênica Palomaris Mariano de Souza, Vivian Eliana Sandoval Gómez, Tatiane Marinho Vieira Tavares

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, R. A alegria de ensinar. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BIZZO, N. M. V. História da ciência e ensino: onde terminam os paralelos possíveis? Em Aberto, v.11, n.55, p.29-35, 1992.
- BORDENAZE, J.D. e PEREIRA, A.M. Estratégias de ensino-aprendizagem. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. (5a. a 8a. Séries).
- MOREIRA, M A e BUCHWEITZ, B Mapas conceituais: instrumentos didáticos de avaliação e análise de currículo, São Paulo: Editora Moraes, 1987.
- MOREIRA, M A Pesquisa em ensino: O vê epistemológico de Gowin, São Paulo: EPU, 1990.
- MOREIRA, M A Aprendizagem significativa, Brasília: Editora UnB, 1999.
- MOREIRA, M A e MASINI, E F S Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel, São Paulo: Centauro Editora, 2002.
- NOVAK, J; GOWIN, D. B. Aprender a aprender. Lisboa: Plátano, 1994.
- RIOS, T. A. Compreender a ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2005.

METODOLOGIA DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS - 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: Estudos dos conceitos fundamentais de Investigação Científica, dos Métodos e das Técnicas de Coleta e Análise de Dados com aplicação ao Ensino de Ciências Naturais e sua relação com a construção do Projeto de Pesquisa.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína

Professor(es): Gecilane Ferreira

BIBLIOGRAFIA:

- APPOLINÁRIO, Fabio. Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2007.
- BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Trad. de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARBIER, René. A Pesquisa-Ação. Brasília: Liber Livro, 2007.

BAUER, Martin. W.; GASKELL, George (Eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. de Maria J. Alves; Sara B. dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Pesquisa de métodos mistos. Trad. de Magda F. Lopes. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

COSTA, Sérgio Francisco. Estatística aplicada à pesquisa em educação. Brasília: Plano Editora, 2004.

DEMO, Pedro. Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

EL ANDALOUSSI, Khalid. Pesquisas-Ações: ciência, desenvolvimento, democracia. Trad. de M. Thiollent. São Carlos: EdUSCar, 2004.

FRANCO, Maria L. P. Barbosa. Análise de conteúdo. 3ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008. (Série Pesquisa, v. 6).

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIBBS, Graham. Análise dos dados qualitativos. Trad. de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Estudo de caso. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 2010.

GRESSLER, Lori Alice. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GUERRA, Isabel Carvalho. Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso. CASCAIS/PT: Princípiá, 2006.

JUNG, Carlos Fernando. Metodologia para pesquisa e desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produção e processos. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil Editora, 2004.

LEVIN, Jack; FOX, James Alan. Estatística para ciências humanas. 9ª ed. Trad. Alfredo Alves de Farias. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MOREIRA, Marco Antonio. Pesquisa em ensino: aspectos metodológicos e referenciais teóricos à luz do Vê epistemológico de Gowin. São Paulo: EPU, 1990.

_____. Pesquisa básica em educação em ciências: uma visão pessoal. Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2013.

NERI DE SOUZA, Francislê; ALMEIDA, Patrícia A. (2009). Investigação em educação em ciência baseada em dados provenientes da internet. XIII Encontro Nacional de Educação em Ciências. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco 24-26 de Setembro, Castelo Branco. Disponível em: . Acesso em: 10 nov. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria A. Santoro (Orgs.). Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. vols. 1 e 2. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ROSA, Paulo Ricardo da Silva. Um curso de metodologia da pesquisa em ensino de ciências. Campo Grande: UFMS, 2010. Disponível em: . Acesso em: 09 out. 2013.

SAMPIER, Roberto Hernández. Metodologia de pesquisa. Trad. De Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystler Ladiera. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVERMAN, David. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Trad. de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

THIOLLENT, M. Metodologia de pesquisa-ação. SP: Cortez, 2007.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set/dez. 2005.

VERGA, Sylvia Constant. Métodos de coleta de dados no campo. São Paulo: Atlas, 2009.
VIANNA, Heraldo Marelím. Pesquisa em Educação: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.
VIEIRA, Sonia; HOSSNE, William Saad. Metodologia científica para a área de saúde. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.
SZYMANSKI, Heloisa (Org.). A entrevista na educação: a prática reflexiva. 4ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011. (Série Pesquisa, v.4).
YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Trad. de Ana Thorell. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

TÓPICOS DE BIOLOGIA- 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: Estudo da transposição didática e técnicas de ensino dos principais temas da Biologia, envolvendo os conceitos fundamentais dessa disciplina.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína

Professor(es): Sandro Estevan Moron, Adriana Kazue Takako, Priciane Cristina Correa Ribeiro
Sílvia Leitão Dutra, Lilyan Rosmery Luizaga de Monteiro, Claudia Scareli dos Santos, Domênica Palomaris Mariano de Souza, Vivian Eliana Sandoval Gómez, Tatiane Marinho Vieira Tavares

BIBLIOGRAFIA:

Artigos das principais revistas de ensino de biologia e ciências, principalmente: International Journal of Science Education, Science Education, Enseñanza de Las Ciencias, Investigações em Ensino de Ciências, Experiências em Ensino

TÓPICOS DE FÍSICA CLÁSSICA - 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: Discutir os principais temas da Física Clássica, envolvendo os conceitos fundamentais de Mecânica, Termodinâmica, Eletromagnetismo, Óptica e Ondulatória, com vistas à melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína

Professor(es): Luis Juracy Rangel Lemos, Shirlei Nabarrete Dezidério

BIBLIOGRAFIA:

ALONSO, M.; FINN, E. J. Física, um Curso Universitário. São Paulo: Edgard Blucher, 2004.
ALVARES, B. A. Curso de Física. São Paulo: Harbra, 1987.
AMALDI, U. Imagens da Física. São Paulo: Scipione, 1995.
ARAGÃO, M. J. História da Física. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.
BERNSTEIN, J. An Introduction to Cosmology. New York: Prentice Hall, 1995. CALLEN, H. B. Thermodynamics and an Introduction to Thermostatistics. New York: John Wiley & Sons, 1985.
CAMPOS, A. A.; ALVES, E. S.; SPEZIALI, N. L. Física Experimental Básica na Universidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
CHERMAN, A. Sobre os Ombros de Gigantes: uma história da Física. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
COUPER, H.; HENBEST, N. Big Bang - A história do universo. São Paulo: Moderna, 1998.

CUTNELL, J. D.; JOHNSON, K. Física. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2006.

EISBERG, R.; RESNICK, R. Física Quântica. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

FEYNMAN R. P.; LEIGHTON, R. B.; SANDS, M. The Feynman Lectures on Physics. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1964.

GASPAR, A. Física. São Paulo: Ática, 1999.

GRAF - Grupo de Reelaboração do Ensino de Física. Física. São Paulo: Edusp, 1991.

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; KRANE. S. Física. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1996.

HECHT, E. Óptica. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2002.

NUSSENZVEIG, H. M. Curso de Física Básica. São Paulo: Edgard Blucher, 2002.

RIVAL, M. Os Grandes Experimentos Científicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ROBINSON, M. R. Cosmology. Oxford: Clarendon Press, 1996.

ROZENBERG, L. M. Problemas de Física. São Paulo: Nobel, 1969.

SERWAY, R. A. Física. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1992.

SYMON, K. R. Mecânica. New York: John Wiley & Sons, 1989.

TIPLER, P. A.; MOSCA, G. Física para Cientistas e Engenheiros. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2006.

VENCATO, I.; PINTO, A. V. A. Física Experimental II. Eletromagnetismo. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. Sears e Zemansky: Física. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2006.

Periódicos Caderno Brasileiro de Ensino de Física. UFSC, Brasil. Ciência & Educação. Unesp, Brasil.

TÓPICOS DE FÍSICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA - 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: Discutir os principais temas da Física Contemporânea, envolvendo os conceitos fundamentais de Relatividade e Mecânica Quântica, bem como desenvolvimentos recentes da ciência relevantes para o ensino médio. A evolução dos conceitos de tempo, espaço e massa. A Radiação eletrodinâmica em Maxwell. A Relatividade Restrita de Einstein: relatividade galileana; experimentos de Michelson-Morley; as Transformações de Lorentz e Relatividade Restrita e aplicações. Noções de Relatividade Geral. Fundamentos da Mecânica Quântica: dualidade da matéria; princípio de incerteza de Heisenberg e Equação de Schrödinger e aplicações.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína; Polo 21: UFMT- Sinop (MT) (FUSÃO DE EMENTAS)
Professor(es): Luis Juracy Rangel Lemos, Shirlei Nabarrete Dezidério (TO), Yuri Alexandrovish Barbosa (MT)

BIBLIOGRAFIA:

ADDISON-WESLEY e SAKURAI, J. J. Modern Quantum Mechanics. 1994.

ALLONSO, M., FINN, E. J. Física Geral. São Paulo, Addison Wesley, 1986.

ANDERY, M. A. et all. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. (5ª ed.)- São Paulo: Tempo e Espaço, 1994.

BERNSTEIN, J. An Introduction to Cosmology. New York: Prentice Hall, 1995.

BRAZ, D. J. Física Moderna: tópicos para o ensino médio. Campinas: Companhia da Escola, 2002.

BREHM, J. J.; MULIN, W. J. Introduction to the Structure of Matter. A Course in Modern Physics. New York: John Wiley & Sons, 1989.

BRENNAN, R. Gigantes da Física: uma história da Física Moderna através de oito biografias. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CALLEN, H. B. Thermodynamics and an Introduction to Thermostatistics. New York: John Wiley & Sons, 1985.

CHUNG, K. C. Introdução à Física Nuclear. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

COUPER, H., HENBEST, N. Big Bang - A história do Universo. São Paulo: Moderna, 1998.

DAVIDOV, A. S. Quantum Mechanics. Pergamon Press

DYSON, Freeman J. Mundos imaginados. Tradução de Cláudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

EINSTEIN, Albert. Como vejo o mundo. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. A teoria da relatividade especial e geral. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

EISBERG, R. M. Fundamentos da Física Moderna. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1979.

ÉVORA, F. R. R. A revolução Copernicano-Galileana: a revolução Galileana. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1993b. (Coleção CLE, v.4).

DAVID, J. J. Eletrodinâmica Clássica. Guanabara dois. 2ª ed.

FEYNMAN R. P.; LEIGHTON, R. B.; SANDS, M. The Feynman Lectures on Physics. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1964.

FOCK, V. Princípios da Mecânica Quântica. Editora "Mir"

FREIRE JR., O. David Bohm e a controvérsia dos quanta. Coleção CLE, Volume 27.

FRENCH, A. P. Relatividad Especial. Editorial Reverté, 1974

GALILEI, G. Diálogo sobre dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano. Tradução, introdução e notas de Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Discurso editorial, 2001.

GALINDO, A. E PASCUAL, P. Mecânica cuántica. Madrid, Alhambra, 1978. Primeira edição.

GAMOW, George. O incrível mundo da Física Moderna. 2. ed. Tradução de E. Jacy Monteiro. São Paulo: IBRASA, 1980.

GAZZINELLI, R. Teoria da Relatividade Especial. ISBN: 8521203578 Editora Edgar Blücher, 2005

GRIFFITHS, D. J. Mecânica Quântica. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2011.

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; KRANE. S. Física 4. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1996.

HAWKING, Stephen Willian. Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros. Tradução de Maria Helena Torres, Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. O universo numa casca de noz. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Mandarim, 2001.

_____. Os gênios da ciência: sobre os ombros de gigantes. Tradução de Marcos Moriconi. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005^a.

HAWKING, Stephen Willian; MLODINOV, Leonard. Uma nova história do tempo. Tradução de Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005b.

HEISENBERG, Werner et all. Problemas da Física Moderna. 2 ed. Tradução de Gita K. Guinsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990. (Coleção Debates).

HEISENBERG., Werner. Física e Filosofia. 4 ed. Tradução de Jorge Leal Ferreira. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999. (Edições Humanidades).

HERBERT, N., A Realidade Quântica. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1989 (orig. 1985).

<http://www.if.ufrgs.br/spin/2004/spin406/Relatividade%20restrita%201.pdf>. Os resultados negativos do experimento de Michelson-Morley

<http://www.lulu.com/content/1933054> Roberto de Andrade Martins. Teoria da Relatividade Especial

KAKU, Michio. O Cosmo de Einstein: como a visão de Albert Einstein transformou nossa compreensão de espaço e tempo. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KOYRÉ, A. Estudos Galilaicos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986. (Coleção Opus – Biblioteca de Filosofia).

_____. Estudos de história do pensamento científico. 2. ed. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

LANDAU, L. D. E LIFSHITS, E. M. Mecânica Quântica. Editora “Mir”.

MARION. J. B. Classical Dynamics of Particles and Systems. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1982.

MATSUURA, O. T. Teoria da Relatividade. Coleção: Para Saber Mais. Editora Abril, SP Volume 8.

MELISSINOS, A. C. Experiments in Modern Physics. New York: Academic Press, 1966.

MOURÃO, R. R. F. Explicando a Teoria da Relatividade. Edit. Ediouro

NUSSENZVEIG, H. M. Curso de Física Básica – Vol. 4: Óptica, Relatividade e Física Quântica. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2002.

OMNÈS, Roland. Filosofia da ciência contemporânea. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

PIETTRE, Bernard. Filosofia e ciência do tempo. Tradução de Maria Antonia Pires C. de Figueiredo. Bauru, SP: EDUSC, 1997.

RESNICK, R. Introdução à Relatividade Especial. São Paulo: EDUSP, 1971. RIVAL, M. Os Grandes Experimentos Científicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ROBINSON, M. R. Cosmology. Oxford: Clarendon Press, 1996. SAKURAI, J. J. Modern Quantum Mechanics. Reading: Addison Wesley Publishing Company, 1994.

SERWAY, R. A. Física 4. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1992.

WILLIAMS, W. S. C. Nuclear and Particle Physics. New York: Oxford University Press, 1992.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. Sears e Zemansky: Física IV, Óptica e Física Moderna. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2006.

Periódicos Caderno Brasileiro de Ensino de Física. UFSC, Brasil. Ciência & Educação. Unesp, Brasil.

TÓPICOS DE QUÍMICA - 30 H - ELE – Polo 15- UFT - Araguaína

EMENTA: Estudo da transposição didática e técnicas de ensino dos principais temas da Química, envolvendo os conceitos fundamentais dessa disciplina.

Proposta por: Polo 15: UFT- Araguaína
Professor(es): Daniel Augusto Barra de Oliveira

BIBLIOGRAFIA:

Artigos das principais revistas de ensino de química e ciências, principalmente: International Journal of Science Education, Science Education, Enseñanza de Las Ciencias, Química Nova na Escola, Investigações em Ensino de Ciências, Experiências em Ensino de Ciências

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 16- ARRAIAS - UFT

AVALIAÇÃO DOS SISTEMAS EDUCACIONAIS - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraías

EMENTA: Formação dos sistemas de avaliação de aprendizagem. Sistemas de avaliação no Brasil: concepções e técnicas. Avaliação como meio de regulação da aprendizagem. Sistemas de avaliação e políticas educacionais: avaliação de impacto de políticas educacionais e políticas de responsabilização. Impacto dos sistemas de avaliação sobre práticas escolares e estudos. Avaliação de aprendizagem e estudos em eficácia escolar.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraías (TO)

Professor(es): George Leonardo Seabra Coelho; Gilberto Paulino de Araújo; João Nunes da Silva; Magda Suely Pereira Costa e Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva.

BIBLIOGRAFIA

BONAMINO, A. C. Tempos de avaliação educacional: O SAEB, seus agentes, referências e tendências. Rio de Janeiro: Quartet. 2002.

BONAMINO, A. C.; BESSA, N. & FRANCO, C. (org.) (2004) Avaliação da Educação Básica. Rio de Janeiro: Edições Loyola.

BROOKE, N.; SOARES, J. F (org.) Marcos históricos na reforma da educação. Belo Horizonte: Fino Traço Editora.2012.

BROOKE, N.; SOARES, J. F. (org.). Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias. Belo Horizonte: Editora UFMG.2008.

SOUSA, S. Z., & OLIVEIRA, R. P. (2010). Sistemas estaduais de avaliação: uso dos resultados, implicações e tendências. Cadernos de Pesquisa, 40(141), 793-822.

SOUZA, A. M. (org.). Dimensões da Avaliação Educacional. Petrópolis: Editora Vozes.2005.

CURRÍCULOS E PROGRAMAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraías

EMENTA: O campo do currículo: perspectiva histórica. Currículo como espaço de luta. A produção de sujeitos, identidades e subjetividades. Currículo e cultura. Propostas curriculares e organização curricular. Planejamento e avaliação para a educação básica.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraías (TO)

Professor(es): Adriana Demite Stephani; Idemar Vizolli; Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior; Magda Suely Pereira Costa; Antonivaldo de Jesus; Sonia Maria de Sousa Fabrício Neiva.

BIBLIOGRAFIA:

APPLE, M. Ideologia E Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GABRIEL, C.T. & COSTA, W. . Currículo de História, Política da Diferença e Hegemonia: diálogos possíveis. Educação e Realidade, v. 36, p. 127-146, 2011.

GOODSON, I. F. Currículo: Teoria E História. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda. (Org.). Temas de Pedagogia: diálogos entre Didática e Currículo. São Paulo: Cortez, p. 227-241, 2012.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Org.). Currículo: Debates Contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Alice; DIAS, Rosanne; ABREU, Rozana. (Org.). Discursos nas políticas de currículo. 1 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2011, p. 19-45.

MATOS, O. C. F. A Escola De Frankfurt: Luzes E Sombras Do Iluminismo. Moderna: São Paulo, 1993.

MONTEIRO, A. M. F.C. Professores: entre saberes e práticas. Educação & Sociedade (Impresso), Campinas, v. XXV, n. XII, p. 121- 142, 2001.

MONTEIRO, A. M. Professores: entre saberes e práticas. Educação & Sociedade, n. 74, abril 2001, p. 121-142.

MOREIRA, A. F. A crise da teoria curricular crítica. In: COSTA, M. V. (org.) O Currículo nos Limiares do Contemporâneo. RJ: DP&A, 1998 (p. 11-36).

MOREIRA, A. F. B. Currículos E Programas No Brasil. Campinas: Papirus, 1990.

SILVA, T. T. Documentos De Identidade: Uma Introdução Às Teorias Do Currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SILVA, T. T. O Currículo Como Fetice: A Poética E A Política Do Texto Curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, T. T., MOREIRA, A. F. B. (Orgs.) Territórios Contestados: O Currículo E Os Novos Mapas Políticos Culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

VEIGA, I.; NAVES, M. L. P. (Orgs). Currículo E Avaliação Na Educação Superior. Junqueira&Marin: Araraquara, 2005.

DEBATES CONCEITUAIS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Evolução histórica da questão ambiental. Diferentes Perspectivas sobre a relação humanidade, natureza e desenvolvimento. Questões relativas à formação, à transversalidade do tema e à legislação sobre Meio Ambiente e Educação. Desafios atuais para a relação entre Trabalho, Meio Ambiente e Educação. Educação Ambiental Crítica. Análises de políticas públicas que envolvam Educação, Ambiente e Saúde. Análise de experiências/experimentações concretas entre Educação, Ambiente e Saúde.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Antonivaldo de Jesus; George Leonardo Seabra Coelho; João Nunes da Silva; Magda Suely Pereira Costa

BIBLIOGRAFIA:

BOMFIM, A. M. O (Sub)Desenvolvimento (In)Sustentável: A Questão Ambiental nos países periféricos latino-americanos. In: Trabalho Necessário, Rio de Janeiro, ano 8, nº10. Rio de Janeiro, UFF, 2010.

BOMFIM, A. M. Trabalho, Meio Ambiente e Educação: apontamentos à Educação Ambiental a partir da Filosofia da Práxis. In: XIV ENDIPE, 2008, Porto Alegre. XIV ENDIPE. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008. p. 1-14.

CHESNAIS, F. SERFATI, C. "Ecologia" e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas. Crítica Marxista. nº 16. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

DELUIZ, N.; NOVICKI, V. Trabalho, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: implicações para uma proposta de formação crítica. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 19-29, maio/ago. 2004.

FOLADORI, G. Limites do desenvolvimento sustentável. Campinas: Unicamp, 2001.

FOSTER, J. B. A Ecologia de Marx: materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA E O MOVIMENTO CTS(A) - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Origens do movimento CTS(A). Fundamentos filosóficos, sociológicos e históricos dos estudos CTS. O movimento CTS(A) e o processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais e Matemática. Reflexões sobre as discussões atuais relativas às relações Ciência-Tecnologia-Sociedade e Ambiente. As questões sociocientíficas no ensino de Ciências e Matemática. Pressupostos freirianos e o enfoque CTS(A). Propostas metodológicas com ênfase CTS(A)

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): IDEMAR VIZOLLI, CARMEN WOBETO

BIBLIOGRAFIA:

BAZZO, W.; LINSINGEN, I. von; PEREIRA, L. T. DO V. (eds.). Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Cadernos de Ibero-América. Madro: Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2003.

CARVALHO, L. M. O.; CARVALHO, W. L. P.(orgs). Formação de professores e questões sociocientíficas no ensino de ciências. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2007

SANTOS, W. L. P.; AULER, D. (orgs). CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

VIANNA, D. M. (org). Temas para o ensino de física com abordagem CTS (ciência/Tecnologia/Sociedade). Rio de Janeiro: Bookmakers, 2012.

ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Estudos que tratam da sistematização teórica e prática do processo social e a ação concreta dos homens enquanto campo de ensino das ciências sociais. A prática de ensino como espaço/processo de construção de identidade profissional. Temas básicos das ciências sociais: trabalho e sociedade; diferença e desigualdade; cultura e alteridade; democracia, cidadania e justiça social; Estado, partidos e governo.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Francisco Gilson Rebouças Porto Junior; George Leonardo Seabra Coelho; João Nunes da Silva; Magda Suely Pereira Costa e Noeci Carvalho Messias

BIBLIOGRAFIA:

BLACKBURN, R. (Org.) Ideologia na ciência social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEC. Sociologia: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MÉSZÁROS, I. A Educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005.

SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis- RJ: Vozes, 2009.

ENSINO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Estudos das concepções e articulações entre didática e conhecimentos específicos da área de ciências humanas e sociais; das metodologias de ensino e aprendizagem. Visões sobre interdisciplinaridade nas ciências humanas e sociais e seus desafios educacionais. Discussões interdisciplinares sobre noções fundamentais em ciências humanas e sociais e suas repercussões para educação básica, como natureza e cultura, narrativa, subjetividade e alteridade, memória e temporalidade.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Adriana Demite Stephani Carvalho; Antonivaldo de Jesus; George Leonardo Seabra Coelho; Gilberto Paulino de Araújo; Idemar Vizolli; Magda Suely Pereira Costa

BIBLIOGRAFIA:

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

CIAVATTA, Maria; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). Ensino médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC: SEMTEC, 2004.

COMENIUS, J. A. Didática magna. Lisboa: Fundação Calouste Glubenkian, 1987.

DUARTE, Newton. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, abr. 1998.

FAZENDA, Ivani (org.). O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

TAVARES, F.; GUEDES, S. L.; CAROSO, C. Experiências de ensino e prática em Antropologia no Brasil. Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2010.

EPISTEMOLOGIA DO ENSINO: IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Estudos das principais vertentes da epistemologia do ensino; das concepções fenomenológicas, antropológicas, construtivistas, crítico-sociais, histórico-críticas e pós-modernas; da problematização de paradigmas do ensino e implicações para Educação Básica.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Admário Luiz de Almeida; Adriana Demite Stephani Carvalho; Eudes Antonio da Costa; George Leonardo Seabra Coelho; Gilberto Paulino de Araújo; João Nunes da Silva; Magda Suely Pereira Costa e Noeci Carvalho Messias

BIBLIOGRAFIA:

- CHARLOT, Bernard. Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HABERMAS, J. Conhecimento e interesse, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LIBÂNEO, José C. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. In: VEIGA, Ilma P.A. e d'ÁVILA, Cristina (orgs.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas (SP): Papirus, 2008.
- LOPES, Alice C. Epistemologia e currículo. Ijuí: Unijui, 2007.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Formação de professores para a educação básica: desafios do contexto atual. Complexidade e singularidade na formação de professores: ação e reflexão. A construção da competência profissional. Os saberes docentes. Formação e desenvolvimento permanente dos professores e avaliação.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Adriana Demite Stephani; Idemar Vizolli; Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior; Magda Suely Pereira Costa e Antonivaldo de Jesus.

BIBLIOGRAFIA:

- BARRETTO, Elba Siqueira de Sa (Org.). Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 4 ed., Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.
- GARCIA, Regina Leite. Currículo na contemporaneidade. SP: Cortez, 2003.
- GERALDI, C. M.; FIORENTI, D; MONTEIRO, P. E. A.(Orgs). Cartografias Do Trabalho Docente: Professor (A)- Pesquisador(A). São Paulo: Mercado Das Letras, 1998.
- GIROUX, H. A. Os Professores Como Intelectuais. Rumo A Uma Pedagogia Crítica Da Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HOFFMAN, Jussara. Avaliação emancipatória. São Paulo, SP: Cortez, 1998.
- HUBERMAN, A. M. Como Realizam As Mudanças Em Educação: Subsídios Para O Estudo Da Inovação. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 7 ed., São Paulo, SP: Cortez, 1998.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional: para além do autoritarismo. São Paulo, SP: Cortez, 1998.
- MOREIRA, Antonio Flavio. Currículos e programas no Brasil. 4 ed., Campinas, Papirus, 1999.
- NÓVOA, A. Os Professores e a Sua Formação, Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, A. Vidas de Professores. Porto: Porto Editora, 1995.
- PERRENOUD, P. Práticas Pedagógicas, Profissão Docente E Formação. Perspectivas Sociológicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- PIMENTA, S. G., GHEDIN, E. Professor Reflexivo No Brasil: Gênese E Crítica De Um Conceito. São Paulo: Cortez, 2002.
- TARDIF, M. Saberes Docentes & Formação Profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR NO CONTEXTO ATUAL - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Complexidade e singularidade na formação de professores para atuara na educação básica. Ação e reflexão. A construção da competência profissional. Os saberes docentes. Formação e desenvolvimento permanente dos professores.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Admário Luiz de Almeida; Francisco Gilson Rebouças Porto Junior; Idemar Vizolli; Magda Suely Pereira Costa; Noeci Carvalho Messias; Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva

BIBLIOGRAFIA:

GERALDI, C. M.; FIORENTI, D; MONTEIRO, P. E. A.(Orgs). Cartografias do trabalho docente: Professor (A)- Pesquisador(A). São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
GIROUX, H. A. Os Professores como intelectuais. Rumo a uma Pedagogia Crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
HUBERMAN, A. M. Como realizam as mudanças em Educação: subsídios para o estudo da inovação. São Paulo: Cultrix, 1973.
NÓVOA, A. Os professores e a sua formação, Lisboa: Dom Quixote, 1995.
NÓVOA, A. Vidas De Professores. Porto: Porto Editora, 1995.
PERRENOUD, P. Práticas Pedagógicas, Profissão docente e formação: perspectivas Sociológicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
PIMENTA, S. G., GHEDIN, E. Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.
TARDIF, M. Saberes Docentes & Formação Profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: A construção histórica da organização do trabalho didático e da didática. Vertentes teóricas que orientam a prática pedagógica na formação do(a) profissional professor(a) e na construção da identidade docente. A função da escola na sociedade e a relação com a prática docente. A sala de aula: a relação educativa (professor-aluno); conteúdos escolares; instrumentos, recursos e tecnologias; avaliação.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Adriana Demite Stephani, Idemar Vizolli, Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior, Magda Suely Pereira Costa e Antonivaldo de Jesus

BIBLIOGRAFIA:

ASTOLFI, J.P. A didatica das ciências. Campinas SP: Papirus, 1990.
BRIZUELA, Barbara M. Desenvolvimento matemático na criança: explorando notacoes. RS: Artmed, 2006.
CANDAU, Vera Maria. (Org.). Didática, currículo e saberes escolares. RJ: DP&A, 2000.
CARVALHO, Dione. Metodologia do ensino de matemática. 2 ed., SP: Cortez, 2001.
DALVA E.Goncalves et.alli. Didáticas e praticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos.Rio de Janeiro:DP&A,2002.

KRASILCHIK, M. Práticas de ensino de Biologia. São Paulo, SP. Editora Harbra, 1986.

LIBANEO, Jose Carlos. Organização e gestão: teoria e pratica. 4 ed. Goiania-GO: Alternativa, 2001.

LIBANEO. Jose Carlos. Didática. 12a reimpressao, SP: Cortez, 1994.

MARTINS, Pura Lucia Oliver. As didáticas e as contradições da Pratica. Pratica. Campinas, SP: Papirus, 1998

MORAES, M.C. O paradigma educacional eco-sistemico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. (2004).

Moraes, M.C. O paradigma educacional emergente. Campinas/SP: Papirus. 8a Ed. (1997).

MORAES, R. Unidades Experimentais: Uma contribuição para o ensino de ciências. Porto Alegre: Sagra, 1992.

MORIN, E.; ROGER, E. & MOTTA, R. D. Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de Aprendizagem pelo erro da Incerteza humana. São Paulo: Cortez Editora Unesco. (2003)

RIBEIRO, V. M. Ensinar ou Aprender? São Paulo, Papirus, 1993.

ROSA NETO, Ernesto. Didática da matemática. SP: Ática, 2002.

ROSA, D. E.; SOUZA, V. C. De (orgs) Didática e pratica de ensino: interfaces em diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SMOLKA, A. L. e GOES, C. A. A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construcao do conhecimento. Campinas, SP: Papirus, 1993.

TEBEROSKY, Ana. e CARDOSO, B. (Orgs.). Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita. SP: Trajetória/UNICAMP, 1989.

VASCONCELOS, Celso dos S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto politico-pedagogico. 15 ed. Sao Paulo: Libertad Editora, 2006.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.) Didática: o ensino e suas relações. São Paulo: Papirus, 1996

POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Políticas públicas: conceitos e concepções. As relações entre sociedade e Estado nas políticas públicas educacionais. O ordenamento legal e institucional da educação no Brasil. A organização dos sistemas de ensino, o financiamento e a gestão da educação brasileira. Reformas educacionais nos séculos XX/XXI. Políticas educacionais e o direito à educação. Políticas de ação afirmativa.

Proposta por: Polo 16: UFT – Arraias (TO)

Professor(es): Adriana Demite Stephani; Idemar Vizolli; Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior; Magda Suely Pereira Costa e Antonivaldo de Jesus.

BIBLIOGRAFIA

ALTMANN, H. Influências do Banco Mundial no projeto educacional brasileiro. São Paulo, Educação e Pesquisa vol28, jan-jun de 2003, p.77-89.

AZEVEDO, J. M. L. A educação como política pública. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BUCCI-GLUKSMANN, C. Gramsci e o Estado. SP: Paz e Terra, 1980.

CORAGGIO, J. L. Desenvolvimento humano e educação. São Paulo: Cortez, 1996.

COUTINHO, C. N. A democracia na batalha das ideias e nas lutas políticas do Brasil de hoje. In: Fávero, O. e Semeraro, G. (orgs) Democracia e a construção do público no pensamento educacional brasileiro. Petrópolis: Vozes, 2002.

CRESPIGNY, A.; CRONIN, J. (orgs.) Ideologias políticas. Brasília: Editora da UnB, 1998.

FONTES, V. Sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980.

GIDDENS, A. Admirável mundo novo: o novo contexto da política In: MILIBAND, D. (org). Reinventado a esquerda. SP: ED UNESP, 1997.

LEHER, R. 25 Anos de Educação Pública: notas para um balanço do período In: Revista Trabalho, Educação e Saúde - 25 anos de Formação Politécnica no SUS, RJ: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2010, v.1, p. 29-72.

LOSURDO, D. Marx, a Tradição Liberal e a Construção Histórica do Conceito Universal de Homem. Educação e Sociedade, v. 17, n. 57, especial, dez. 1996

OSGA, J. Investigação sobre políticas educacionais. Porto, Porto Editora: 2000.

PERONI, V. M. V. Política educacional e papel do Estado: no Brasil nos anos 90. São Paulo: Xamã, 2003.

SAVIANI, D. A nova Lei da Educação. São Paulo: Cortez Ed. e Autores Associados, 2003.

SAVIANI, D. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto do MEC Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1231-1255, out. 2007.

SHIROMA, E. O. Política educacional. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

SILVA JR., J. R.; SGUISSARDI, V. Novas faces da educação superior no Brasil – Reforma do Estado e mudança na produção. Bragança Paulista: Edusf. 1999.

TOMMASI, L., WARDE, M. J.; HADDAD, S. (orgs.). O Banco Mundial e as políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2000.

WOOD, E. M. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. SP: Boitempo, 2003).

POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraías

EMENTA: Políticas públicas: conceitos e concepções. As relações entre sociedade e Estado nas políticas públicas educacionais. O ordenamento legal e institucional da educação no Brasil. A organização dos sistemas de ensino, o financiamento e a gestão da educação brasileira. Reformas educacionais nos anos 1990. Políticas educacionais e o direito à educação. Políticas de ação afirmativa.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraías (TO)

Professor(es): Admário Luiz de Almeida; Antonivaldo de Jesus; Francisco Gilson Rebouças Porto Junior; George Leonardo Seabra Coelho; João Nunes da Silva; Magda Suely Pereira Costa e Noeci Carvalho Messias

BIBLIOGRAFIA:

ALTMANN, H. Influências do Banco Mundial no projeto educacional brasileiro. São Paulo, Educação e Pesquisa vol28, jan-jun de 2003, p.77-89.

AZEVEDO, J. M. L. A educação como política pública. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GAJARDO, M. Reformas educativas na América Latina. Balanço de uma década. Santiago, Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe. Caderno no 15, julho de 2000. Documento eletrônico disponível em: Acesso em 2005.

MAUES, O. Reformas internacionais da educação e formação de professores. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 118, p.89-117, mar. 2003.

SHIROMA, E. O. Política educacional. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

TEDESCO, J. C. Nuevas estrategias de cambio educativo en América Latina y El Caribe. Boletín Provento Principal de Educación, no 28, 1992, p.7-24.

TOMMASI, L., WARDE, M. J.; HADDAD, S. (orgs.). O Banco Mundial e as políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2000.

POLÍTICAS, PROCESSOS DE FORMAÇÃO E CURRÍCULOS PÓS-PROCESSO DE BOLONHA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Educação e ensino no século XXI: Profissionalização e perfil do professor; relação entre o local e o global na formação em educação; Políticas e processos de formação em educação na União Europeia: processo de bolonha.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior; João Nunes da Silva

BIBLIOGRAFIA:

BERGEN DECLARATION. The European Higher Education Area - Achieving the Goals. Communiqué of the Conference of European Ministers Responsible for Higher Education, Bergen, 19-20 May 2005. p. 1-6.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOLOGNA DECLARATION. Joint declaration of the European Ministers of Education. Bologna, 19 June 1999. p. 1-6.

BOLOGNA PROCESS STOCKTAKING REPORT 2007. Report from a working group appointed by the Bologna Follow-up Group to the Ministerial Conference in London. London: Department for Education and Skills, May 2007. p. 1-81.

BORGES, Maria C. A. Articulação entre discursos globais e locais na definição da interpretação legítima de universidade nas propostas de reforma da educação superior no Brasil. 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BPF. Beyond the Bologna Process: creating and connecting national, regional and global higher education areas. Bucharest: Third Bologna Policy Forum, 27 Apr. 2012. p. 1-3.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHEPS. The Bologna Process Independent Assessment the first decade of working on the European Higher Education Area: case studies and appendices. Austria: Center for Higher Education Policy Studies (CHEPS)/International Centre for Higher Education Research Kassel (INCHER-Kassel)/ECOTEC, 2010b. v. 2. p. 1-223.

CIPPITANI, Roberto; GATT, Suzanne. Legal Developments and Problems of the Bologna Process within the European Higher Education Area and European Integration. Higher Education in Europe, UNESCO-CEPES/EUROPEAN CENTRE FOR HIGHER EDUCATION, v. XXXIV, n. 3-4, , p. 385-398, 2009.

CORTEZ, Joana Travassos. O papel do federalismo como fonte da construção europeia. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

COSTA, José M. B. P. Europa - política comum de segurança e defesa ou potência civil?: o contributo do processo europeu para a “governança” global. 2011. 355 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

LOURTIE, Pedro. Furthering the Bologna Process: Report to the Ministers of Education of the signatory countries. Praga: Report commissioned by the Follow-up group of the Bologna Process, 2001. Disponível em: <http://www.bologna-bergen2005.no/Docs/00-Main_doc/0105Lourtie_report.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2011.

PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE MATERIAIS DE ENSINO - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Estudos dos princípios gerais para a produção, avaliação e análise de material didático-pedagógico para a sala de aula. Preparação de jogos, mapas conceituais, unidades didáticas e plano de aula; materiais didáticos para diferentes mídias, ambientes virtuais e colaborativos de ensino e aprendizagem.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Adriana Demite Stephani Carvalho; Eudes Antonio da Costa; George Leonardo Seabra Coelho; Gilberto Paulino de Araújo; Idemar Vizolli; João Nunes da Silva; Magda Suely Pereira Costa e Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva

BIBLIOGRAFIA:

- ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das inteligências múltiplas. 7 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. Ed. Scipione. São Paulo, 2006.
- FRIEDMANN, A. (et. al.). O direito de brincar. 4. ed. São Paulo: Edições Sociais: Abrinq.1998.
- HAETINGER, Max Gunther. O universo criativo da criança: na educação. Brasil: Instituto Criar, 2005.
- KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S. M. P., org. Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos. 3. ed. Petrópolis - RJ, Vozes, 1998.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Pedagogia da animação. 2. ed. Campinas-SP: Papyrus,1997.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo; CHADWICK, Clifton. Aprender e Ensinar. São Paulo: Global, 2001.
- SANTOS. Santa Marli Pires dos. A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SANTOS. Santa Marli Pires dos. O lúdico na formação do educador. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- WEISS, Luise. Brinquedos e engenhocas: atividades lúdicas com sucata. São Paulo: Scipione, 1997.

TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS AO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Educação, ciência e tecnologia: espaços da construção social de saberes, linguagens, valores e cidadania. Ciência e tecnologia: elementos centrais nas relações entre conhecimento e cultura. Produção e Representações das ciências: as tecnologias como ferramentas socioculturais. Relações interdisciplinares entre educação, ciência, tecnologia e sociedade: implicações para a formação, o desenvolvimento de currículos e a prática profissional docente.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Francisco Gilson Rebouças Porto Junior; George Leonardo Seabra Coelho; João Nunes da Silva e Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva

BIBLIOGRAFIA:

- ALAVA, S. (org.) Ciberespaço E Formações Abertas: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed. 2002.
- ALMEIDA, M. E. B. Educação e tecnologias no Brasil e em Portugal em três momentos de sua história. Educação, Formação & Tecnologias; n.1, v.1, p. 23-36, maio 2008. Disponível em: <<http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/19/11>>
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini.; VALENTE, José Armando. Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.
- BARRETO, R. G. Discursos, tecnologias, educação. Rio de Janeiro: Eduerj. 2009.
- BARRETO, R. G. Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- BARRETO, R. G. Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- SANTOMÉ, J. T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artmed. 1998.

TÓPICOS DE DIDÁTICA DA MATEMÁTICA – 90H - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Apresentação de um quadro geral da Didática da Matemática francesa, destacando: a Teoria Antropológica do Didático, a Teoria das Situações Didáticas, Contrato Didático, Registros de Representação Semiótica, Dialética Ferramenta-Objeto, Engenharia Didática.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Gilson Bispo De Jesus, Idemar Vizolli

BIBLIOGRAFIA:

- ALMOULOU, S. A.. Fundamentos da Didática da Matemática. Curitiba: Editora UFPR, 2010.
- BRUN, J.. Didáctica das Matemáticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- CHEVALLARD, Y.; BOSCH, M.; GASCÓN, J.. Estudar Matemáticas. O elo perdido entre o ensino e a aprendizagem. Artmed Editora Ltda, Porto Alegre, 2001.
- D'AMORE, B.. Elementos de Didática da Matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2007.
- MACHADO, S. A. D.. Educação Matemática: Uma introdução. 2ª Ed., EDUC: São Paulo 2008.
- MACHADO, S. A. D.. Aprendizagem em matemática. Registros de representação semiótica. Campinas: Papirus, 2003. 11.
- PARRA, C.; SAIZ, I.. Didática da Matemática. Porto Alegre: ARTMED, 1996.
- PIRES, C. M. C.. Currículos de Matemática: da concepção linear à idéia de rede. FTD. São Paulo. 2000.

TRANSDISCIPLINARIDADE E ECOFORMAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA – 60h - ELE – Polo 16 - UFT- Arraias

EMENTA: Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade. Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação. Educação e sustentabilidade. A teoria da complexidade: a Ciência do século XXI. A abordagem transdisciplinar no ensino e na aprendizagem das Ciências Naturais e da Matemática.

Proposta por: Polo 16: UFT –Arraias (TO)

Professor(es): Idemar Vizolli

BIBLIOGRAFIA

MAGALHÃES, S. M. O.; DOUZA, R. C. C. R de. (orgs.) Formação de professores: elos da dimensão complexa e transdisciplinar. Goiânia: Ed. da PUC, Liber Livros Editora, 2012.

MORAES, M. C. Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. MORAES, C. M.; NAVAS, J. M. B. (orgs.) Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010 MORAES, M. C.; SUANNO, J. H. (orgs.) O pensar complexo na educação – sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

PUJOL, M. A.; ,MORAES, M. C. (orgs.). Transdisciplinaridade e ecoformação: um novo olhar sobre a educação. 1. Ed. São Paulo: TRIOM, 2008.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 17- PORTO NACIONAL - UFT

AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM - 60H - ELE – Polo 17 - UFT- Porto Nacional

EMENTA: Estuda a Avaliação do Ensino e Aprendizagem estabelecendo as relações entre os diversos elementos que constituem o processo de ensino. Analisa os fatores intra e extra escolares que permeiam o processo avaliativo. Examina a prática avaliativa, evidenciando seus fundamentos teórico-metodológicos e criando um quadro de referências que suscite a reelaboração crítica da avaliação do ensino e aprendizagem.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Juliana Ricarte Ferraro; Adão Francisco de Oliveira e Regina Célia Padovan

BIBLIOGRAFIA:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Avaliação e erro construtivo libertador: uma teoria - prática incluída em avaliação, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

ALLAL, L., CARDINET, J. e PERRENOUD, P. (orgs.) A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Almedina.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, Ed. Vozes, 1989

HOFFMAN, Jussara, Avaliação mediadora: uma prática em construção - da pré-escola à universidade, Porto Alegre, Educação e Realidade, 1993.

LIMA, Adriana de Oliveira. Avaliação escolar: julgamento e construção, Petrópolis, Editora Vozes, 1994

LUCKESI, C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1995.

MORETTO, Vasco Pedro. Prova: um momento privilegiado de estudo / não um acerto de contas, Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

DIDÁTICA E METODOLOGIA DO ENSINO EM CIÊNCIAS HUMANAS - 60H - ELE – Polo 17 - UFT- Porto Nacional

EMENTA: Os fundamentos da didática e da metodologia em ciências Humanas relacionados à docência, discutindo a relação da teoria com as práticas de ensino em seus diferentes níveis da educação básica.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Elizeu Ribeiro Lira; Juliana Ricarte Ferraro; Regina Célia Padovan e Roberto Souza Santos

BIBLIOGRAFIA:

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

CANDAU, V M. (Org). A didática em questão. Petrópolis, Vozes, 1983.

CANDAU, V.M. Rumo a uma nova didática. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DALVA E. Gonçalves et. al. Didáticas e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LIBÂNEO, José C. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. In: VEIGA, Ilma P.A. e d'ÁVILA, Cristina (orgs.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas (SP): Papirus, 2008

LIBÂNEO, José C. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.

PIMENTA, S. G.: GONÇALVES, L. G. Saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed., São Paulo, Cortez, 2002.

VEIGA, I. P.A.. Repensando a didática. Campinas: Papirus, 1988.

ZABALA, A. A prática educativa. Como ensinar. Porto alegre: Artes Médicas, 1998

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: TERRITÓRIO E CULTURA - 60H - ELE – Polo 17 - UFT-Porto Nacional

EMENTA: Conceitos de território e cultura na história social dos quilombos no Brasil. Educação Quilombola e diálogo entre os conhecimentos tradicionais, global, nacional, regional e o local. Educação quilombola e etnodesenvolvimento. Território e cultura das comunidades remanescentes de quilombos no Tocantins. Abordagem sobre os conceitos de território e cultura na perspectiva da história social dos quilombos no Brasil. Significação das práticas e processos de resistências no território, que resultaram nas comunidades remanescentes de quilombos, suas tradições e rituais.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Elizeu Ribeiro Lira, Roberto Souza Santos, George França dos Santos

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, R. A. Relatório Antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade Quilombola Magalhães. Distrito Federal, 2007.

ANDRADE, Karylleila dos Santos Andrade; Francisco Patrício Esteves; Sibéria Salles Queiroz de Lima. Perfil Sociolinguístico e Socioeconômico das Comunidades Remanescentes De Quilombolas Do Estado Do Tocantins: Considerações Iniciais. Revista EntreLetras Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – nº 1 – 2010/II

APOLINÁRIO, J. R. Escravidão Negra no Tocantins Colonial: Vivências escravistas em Arraiais (1739-1800). 2 ed. Goiânia: Kelps, 2007.

AWDRIN, J. M. “Os Sertanejos que eu Conheci”, Rio do Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1963.

BAIOCHI, Mari de Nasaré. Negros de Cedro. São Paulo: Ática; Pró-memória- INL, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Peões, Pretos e Congos: trabalho e identidade étnica em Goiás. Goiânia: Universidade Federal Brasília, 1977.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, Brasília, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Quilombos: Espaço de resistências de homens e mulheres negros. CIBEC/INEP: Brasília, 2005.

FREIRE, Márcia Gomes. Mostra de experiências pedagógicas na implementação da Lei nº 10639. Anais da VI Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, UFMT: Cuiabá – MT, 2012. Fundação Cultural Do Estado Do Tocantins. Relação das comunidades reconhecidas comoremanescentes de quilombos – Tocantins. 2010.

GOMES, Elvanir Matos. Rosário dos Congos na Festa do Carmo. Porto Nacional: Pote,

GOMES, Horieste. Geografia: Goiás e Tocantins. Goiânia: EDUFG, 1988.

GOMES, Horieste. Revistando um Quilombo Brasileiro. UCG, Goiânia-GO, 2004.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Anablume, 2005.

IANNI, Octávio. Estado e planejamento econômico no Brasil. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. Experiências Históricas Dos Quilombolas No Tocantins: Organização, Resistência E Identidades. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.1, p. 107-126 - out. 2009. Tocantins: Africanidade e resistência cultural. Mineo: 2003.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MATUS, Carlos. Política, Planejamento e governo. 2 Ed. Brasília-DF: IPEIA, Tomo I, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia. Campinas: Papirus, 1991.

SEPPPIR, Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE): Brasília – DF, 2011.

TEXEIRA, Aldenice; BARROS, Maria das Dores. Educação Quilombola: Um direito a ser efetivado. Centro de Cultura Luiz Freire: Olinda – PE, 201

ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS - 60H - ELE – Polo 17 - UFT- Porto Nacional

EMENTA: Conceito de Estado e de políticas públicas. Classificação das políticas públicas e os principais problemas relativos à sua implementação. Políticas públicas educacionais no contexto da globalização e do neoliberalismo.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Adão Francisco de Oliveira; George França dos Santos; Regina Célia Padovan e Elton Carvalho de Lima.

BIBLIOGRAFIA:

FRANCISCO DE OLIVEIRA, Adão. Políticas públicas de educação: conceito e contextualização numa perspectiva didática. In: FRANCISCO DE OLIVEIRA, Adão (et. all.) Fronteiras da educação: desigualdades, tecnologias e políticas. Goiânia: PUC Goiás, 2010.

IANNI, Octávio. A era do globalismo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SADER, Emir; GENTILLI, Pablo (orgs.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SOARES, Laura T. Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina. São Paulo: Cortez, coleção “Questões de nossa época”, n. 78, 2000.

TOURAINÉ, Alain. Como sair do liberalismo? São Paulo: EDUSC, 1999.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 18- CÁCERES - UNEMAT

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES: ESTUDO DA REGIÃO GEOEDUCACIONAL DE CÁCERES -30H - POLO 18 – UNEMAT - CÁCERES

EMENTA: Aspectos da legislação em Educação Ambiental. Métodos e técnicas do ensino de Educação Ambiental e suas práticas em espaço Formal e não Formal. Marcos teóricos de uma Educação Ambiental ética, interdisciplinar e transversal. A transversalidade e o educador ambiental no contexto da educação interdisciplinar para ciências e matemática. A educação ambiental nos currículos escolares. Os livros didáticos e as propostas de educação ambiental. Atividades e materiais didáticos em Educação Ambiental interdisciplinar. Práticas interdisciplinares de educação ambiental e formação de professores de ciências e matemática.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Arno Rieder, Solange Ikeda Castrillon

BIBLIOGRAFIA:

- AMARAL, I. A. Em busca da planetização do ensino de Ciências para a Educação Ambiental. Campinas/SP: UNICAMP, 1995 (Tese de Doutorado).
- BARCELOS, V.H. de L. & NOAL, F.O. A temática Ambiental e a Educação: uma aproximação necessária. In: NOAL, F.O et alii (orgs). Tendências da Educação Ambiental Brasileira. Santa Cruz do Sul,RS: EDUNISC, 1998.
- BRUGGER P. Educação ou Adestramento Ambiental? Florianópolis. Letras Contemporâneas, 1997.
- CASCINO, F. Princípios interdisciplinares para a construção de uma educação ambiental. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC-SP. 1998.
- CRESPO, S. O que o brasileiro pensa sobre meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade. Brasília/Rio de Janeiro, MMA/Mast/Iser, 1997.
- CUÉLLAR, Javier Pérez (org.). Nossa diversidade criadora: relatório da comissão mundial de cultura e desenvolvimento. SP: Papirus-UNESCO, 1997.
- CURRIE, Karen. Meio ambiente: interdisciplinaridade na prática. Campinas, SP: Papirus, 1998 (coleção papirus educação)
- D'AMBRÓSIO, U. Transdisciplinaridade. SP: Palas Athena, 1997.
- FAZENDA, Ivani Catarina A. Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria.. São Paulo/SP. Loyola. 1999.
- FLICK Maria Esther Pereira CENED - Centro Nacional de Educação Ambiental: Educação Ambiental e formação de professores. Disponível em www.cenedcursos.com.br . Acesso em 25 de maio de 2015.
- FONTANA R A C. Mediação Pedagógica na Sala de aula. Campinas Editora Autores Associados, 1996.
- GONÇALVES. Carlos Walter Porto. Os (des)caminho do meio ambiente. São Paulo, Contexto, 1989.
- GRUNN, M. Ética e educação ambiental: a conexão necessária. SP: Papirus, 1996.
- JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. Educação e Pesquisa. Vol.31 n.2, maio-agosto 2005. São Paulo: USP.
- LÜCK, Heloísa. Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARTINS, Í. T. Manual de educação ambiental. 2 ed. Porto Alegre: Síntese, 1997.

MARTINS, L.C. & MELLO, M. I. S. Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 2007.

MATTOS, Suzi. A Educação Ambiental na escola: Teoria X Prática sob o ponto de vista interdisciplinar. II Fórum Ambiental da Alta Paulista 25 28 de outubro de 2006. www.amigosdanatureza.org.br acesso em 20 maio de 2015.

MEGID-NETO, J. O Ensino de Ciências no Brasil: catálogo analítico de teses e dissertações:1972-1995. Campinas, SP: UNICAMP/FE/CEDOC, 1998.

NOGUEIRA, R, N. Interdisciplinaridade Aplicada. São Paulo: Érica, 1998.

PENTEADO, H. D. Meio ambiente e formação de professores. SP: Cortez, 1994.

PEREIRA, J.E.D. Formação de Professores: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REIGOTA M. A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós- moderna. SP: Cortez, 1999.

REIGOTA M. Meio ambiente e representação social. São Paulo Ed. Cortez 1995.

REIGOTA M. O que é Educação Ambiental São Paulo Ed. Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, V. (org.). Muda o mundo, Raimundo! Educação ambiental no ensino básico do Brasil. Brasília: WWF/MMA, 1997.

SORRENTINO, M. Educação Ambiental e Universidade: um estudo de caso. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995.

TAMOI, I. Mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e favela do Flamengo. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP. 2000.

WEIL, P. et al. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. SP: Summus, 1993.

INFORMÁTICA NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - 30H - POLO 18 – UNEMAT - CÁCERES

EMENTA: Aspectos da informática aplicados ao ensino de ciências naturais e da matemática, em relação as formas de uso, interação e desenvolvimento em tecnologias digitais, tais como: internet, vídeos interativos, hipermídias, jogos digitais e objetos de aprendizagem em geral. Tecnologias da informação e da comunicação (TIC) no campo do ensino, suas consequências para a prática docente e para os processos de aprendizagem. O papel da escola frente às tecnologias e a sociedade do conhecimento. Estudo e análise de softwares educativos na área de ciências e matemática. O uso do computador e os softwares educacionais: abordagens, exemplos e avaliação. Recursos da informática aplicados ao ensino. Elaboração de objetos de aprendizagem voltados para a sala de aula no contexto sociocultural das escolas.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres
Professor(es): Rebeca Alemeida Sena, Josimar de Sousa

BIBLIOGRAFIA:

AFONSO, Paulo. Ensino e aprendizagem de Matemática em Ambiente de e-learning. Coimbra. Portugal. Ed. Coimbra. 2004

AYRES, Dalvina Amorim. Software Educativo: Uma reflexão sobre a avaliação e utilização no ambiente escolar. 2009. <http://www.redem.org/boletin/boletin310709f.php>.

BEHAR, P. Avaliação de softwares educacionais no processo de ensino-apredizagem computadorizado: estudo de caso. CPGCC/UFRGS, 1993 (Dissertação de mestrado).

CANAVARRO, Ana Paula; MOREIRA, Darlinda; ROCHA, Maria Isabel.(orgs). Tecnologias e Educação Matemática. Lisboa – Portugal. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Secção de Educação Matemática. 2008

FRAIHA-MARTINS, F. ; GONCALVES, T. V. O. Informática na Educação Matemática e Científica dos Anos Iniciais de Escolaridade: um estudo sobre as pesquisas da área Ensino de Ciências e Matemática. Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Online), v. 14, p. 213-331, 2012.;

FREIRE, F. M. P.; PRADO, M. E. B. Projeto pedagógico: pano de fundo para escolha de um software educacional. In: Valente, J. A. (org.). O computador na Sociedade do conhecimento, São Paulo: NIED, p. 87-98, 1999.

GIORDAN, M. Computadores e linguagens nas aulas de ciências. Ijuí: Unijuí, 2008.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. Guia do professor para a Internet: completo e fácil. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IUNES, Silvana Maria Silva; SANTOS, Gilberto Lacerda. Contratos e destratos entre Informática e Educação Matemática. Ciências e Educação (Bauru) vol.19 no.2 Bauru, 2013.

LEVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Loyola, 1998.

LITWIN, E. (org.) Tecnologia educacional: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NOSS, R. E HOYLES, C. (eds) Windows on Mathematical Meanings. Kluwer Academic Publishers, 1996.

PAPERT, S. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PRATA, C. L.; NASCIMENTO, A.C.A.A. (orgs.) Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico. Brasília: MEC, SEED, 2007.;

RODRIGUES, C.R. ; COELHO, S.M. ; AQUINO, A. S. . Ensino de Física nas Séries Iniciais: um Estudo de Caso Sobre Formação Docente. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 26, p. 575-608, 2009.

SANT'ANA, Claudinei de Camargo; AMARAL, Rúbia Barcelos; BORBA, Marcelo de Carvalho. O uso de softwares na prática profissional do professor de matemática. Ciências e Educação (Bauru) vol.18 no.3 Bauru 2012;

SANTOS, G. L. Uma pesquisa longitudinal sobre professores e computadores. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 43-59, set./dez. 2011;

SANTOS, G. L.; ANDRADE, J. B. F. de. Virtualizando a escola: migrações docentes rumo à sala de aula virtual. Brasília: Liber Livros, 2010.

SCHEIN, Z.P.; COELHO, S.M.. O Papel do Questionamento: intervenções do professor e do aluno na construção do conhecimento. Caderno Brasileiro de Ensino de Física. v. 23, n. 1, p. 72-98, 2006.

SENA, R. M. Classificação de polígonos: Um estudo sobre possibilidades Lógicas In: (orgs.) SOUSA, J.; CEVALLOS, I. A formação, a atuação e os desafios profissionais do professor. Curitiba, PR: CRV, 2015, v.2, p. 91-110.

SENA, R. M., DORNELES, B. V. Ensino da Geometria: Rumos da Pesquisa (1991-2011). Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática. , v.08, n.1, p.138 - 155, 2013. <http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2013v8n1p138>, acesso 22/05/2015. ISSN 19811322

SENA, R. M.; DARSIE, M. M. P. Aprendizagem de Professores: Uso de Recursos Digitais na Matemática In: (orgs.) SOUSA, J. A formação, os saberes e os desafios do professor que ensina matemática. Curitiba, PR : CRV, 2014, v.1, p. 129-148.

TAROUÇO, L. M. R.; FABRE, M. J. M.; TAMUSIUNAS, F. R. Reusabilidade de objetos educacionais. CINTED/UFRGS, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2003.

TAVARES, N. R. B. . A história da informática educacional no Brasil observada a partir de três projetos públicos. Escola do Futuro, São Paulo, 2002.

VILLARDI, Raquel; OLIVEIRA, Eloiza Gomes de. Tecnologia na educação: uma perspectiva Sócio-Interacionista. Rio de Janeiro-RJ. Dunya, 2005

WILEY, D. Connecting learning objects to instructional design theory: definition, a metaphor, and taxonomy. 2001. Disponível em: <www.reusability.org/read/chapters/wiley.doc>. Acesso em: 11 jun. 2014.

LABORATÓRIO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – 60H - POLO 18 – UNEMAT - CÁCERES

EMENTA: O laboratório e do uso da experimentação no ensino de ciências e matemática. Tendências e pesquisas, alcance e limitações de diferentes tipos de experimentação no ensino. Implantação, uso e manutenção de laboratório de ensino. Planejamento e elaboração de experimentos didáticos. Atividades experimentais com material de baixo custo.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Vitérico Jabur Maluf, Josimar de Sousa, Marcos Francisco Borges, Rita de Cássia Pereira Borges

BIBLIOGRAFIA:

AFONSO, Paulo. O mundo mágico das conexões matemáticas. Castelo Branco: Portugal. IPCB. 2008

AFONSO, Paulo. Xavier e a magia Matemática. Associação de Professores de Matemática.APM . Lisboa- Portugal. 2010

AFONSO, Paulo. Xavier e o Pensamento Algébrico. Associação de Professores de Matemática.APM . Lisboa- Portugal. 2012.

BACHELARD, G. Formação do espírito científico. Contraponto: Rio de Janeiro, 1996.

BARBERÁ, O.; VALDÉS, P. El trabajo Práctico em la Enseñanza de Lãs Ciências: Uma Revisión. Enseñanza de Las Ciências, Barcelona, v.14, n.3, p. 365-379. 1996.

CHALMERS, A. F. O que é a ciência afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.

DAMAS, E. et al. Alicerces da matemática. Guia prático para professores e educadores. Areal. Porto- Portugal. 2010.

Galileu Galilei. O Ensaaiador. São Paulo. Abril Cultural. 1987.

HODSON, D. Hacia um Enfoque más Crítico del Trabajo de Laboratorio. Enseñanza de lãs Ciências, Barcelona, v. 12, n.3, p. 299-313. 1994.

MOREIRA, M. A.; OSTERMANN, F. Sobre o ensino do método científico. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v. 10, n. 2, p. 108-117, 1993.

NOGUEIRA, A. (org). Ciência para quem? Formação científica para quê? A Formação do professor conforme desafios regionais. Petrópolis, RJ: vozes, 1999.

PONTE, J.P., J. BROCAO, H. OLIVEIRA. Investigações Matemáticas em Sala de Aula. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

SCHNETZLER, R.P.; ARAGÃO, R.M.R. Ensino de Ciências: Fundamentos e Abordagens. Piracicaba: CAPES/UNIMEP, 2000.

PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA– 60HS- POLO 18 – UNEMAT - CÁCERES

EMENTA: Fundamentos teóricos e históricos da pedagogia de projetos. Contextualização para a aprendizagem. Tendências da área de Ensino de Ciência e Matemáticas: Ciência e Cidadania /

Ciência, Tecnologia e Sociedade. Compreensão do processo e de produtos da ciência e tecnologia e seu impacto na vida cotidiana. Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, transversalidade, dialogicidade e pesquisa como princípio educativo. Pedagogia de projetos e uso de Tecnologias da Informação e Comunicação. Diretrizes Curriculares para a Educação Básica: problematização, sistematização, fixação de conceitos e compreensão de relações. Pesquisas sobre pedagogia de projetos na prática docente.

Proposta por: Polo 18: UNEMAT – Cáceres

Professor(es): Josimar de Sousa, Marcos Francisco Borges, Rita de Cássia Pereira Borges, Ivete Cevallos, Vitérico Jabur Maluf

BIBLIOGRAFIA:

- BOMTEMPO, L. Os alunos investigadores: pedagogia de projetos faz a autonomia, da pesquisa, da experiência e da participação em grupo o caminho mais curto do saber. Caderno AMAE, Belo Horizonte, out. 2000. (Edição Especial)
- BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio. Brasília, 1999.
- BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental / Ciências Naturais. Brasília, 1998.
- CHASSOT, A e OLIVEIRA, R. (org.) Ciência e educação para a cidadania. São Leopoldo, R. S. Ed UNISINOS. 1998.
- DEMO, P. Educar pela pesquisa. SP: Cortez, 1998.
- DEMO, P. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. RJ: Tempo Brasileiro, 1997.
- DEWEY, J. Vida e educação. Trad. Anísio Teixeira. SP: Melhoramentos / RJ: Fundação Nacional do Livro Didático, 1978.
- ELLIOTT, J. El cambio educativo desde la investigación-acción. 3ed. Madrid: Morata, 2000.
- ELLIOTT, J. La investigación-acción en educación. Madrid: Morata, 1997.
- FROTA-PESSOA, O. et alii. Fundamentos Biológicos da Educação. São Paulo, Ed. Manole, 1986.
- GERALDI, C. M. G., FIORENTINI, D. e PEREIRA, E. M. A. Cartografias do trabalho docente – Professor(a)-pesquisador(a). Campinas / SP: Mercado de Letras, 1998.
- GIMENO SACRISTÁN, J. 3ed. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed., 1.998.
- GIMENO SACRISTÁN, J. e PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: ArtMed., 1998.
- HERNANDÉZ, F e VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- HERNANDÉZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1996.
- LAVAQUI, V.; BATISTA, I. L. Interdisciplinaridade em ensino de Ciências e de Matemática no Ensino Médio. Ciência e Educação (Bauru). vol.13 no.3 Bauru Sept./Dec. 2007.
- LOURENÇO FILHO, M. B. Introdução ao estudo da Escola Nova. SP: ED. Melhoramentos, 1978.
- LÜDKE, M. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, I. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. (Org.). SP: Papirus, 1995.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. SP: EPU, 1986.
- MARTINES, E. A. L. M. Análise dos PCNs na perspectiva da avaliação de currículos e da formação de professores de Ciências Naturais. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da USP. SP, 2000.
- MARTINS, Maria Cecília. (2006). Situando o uso da mídia em contextos educacionais. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. Texto disponível em CDRom do curso Mídias Integradas na Educação. MEC, Brasília.
- MORAES, R. Produção numa sala de aula com pesquisa: superando limites e construindo possibilidades. Educação. Porto Alegre, nº. 40. Abril/ 2000, pp. 09-38.

MORAN, José Manoel. (2006). Tecnologias de comunicação e interação. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. Texto disponível em CD-Rom do curso Mídias Integradas na Educação. MEC, Brasília.

MOREIRA, M. A e BUCHWEITZ, B. Novas estratégias de ensino-aprendizagem - os mapas conceituais e o Vê epistemológico. Lisboa / Portugal: Plátano Ed. Técnicas, 1993.

NOGUEIRA, N.R. Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar ao desenvolvimento das Múltiplas Inteligências. São Paulo: Érica, 2001

PEREIRA, J. E. D. e ZEICHNER, K. M. (Orgs.) A pesquisa na formação e no trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAMOS, M. G. Os significados da pesquisa na ação docente e a qualidade do ensino. Educação. Porto Alegre, nº. 40. Abril/ 2000, pp. 39-56.

STENHOUSE, J. Investigación y desarrollo del curriculum. 3ed. Madrid / Espanha: Morata, 1991.

ZABALA, A. Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 19- CUIABÁ –UFMT

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – 30H- POLO 19 – UFMT - Cuiabá

EMENTA: Percurso da avaliação no ensino aprendizagem de ciências e matemática. Concepções de avaliação segundo os modelos empirista, racionalista e construtivista. Avaliação e a inclusão escolar. Avaliação e a questão da emancipação e subordinação. O tratamento dado pelo professor ao erro no processo de aprendizagem. Instrumentos de avaliação e registros avaliativos.

Proposta por: Polo 19: UFMT – Cuiabá

Professor(es): Marta Maria Pontin Darsie, Luzia Aparecida Palaro, Rute Cristina Domingos Da Palma

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRÉ, Marli, A avaliação escolar: além da meritocracia e do fracasso. Cadernos de pesquisa. São Paulo, n.99, nov. 1996 p.16-20.
- CARDINETT, J. A avaliação formativa: um problema actual. In: ALLAL, L;
- CARDINETT, J. e PERRENOUD, PH(orgs). A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Almedina. 1986.
- DARSIE, Marta M. P. e ANDRÉ, M. E. D. A . O registro da aprendizagem dos alunos como instrumento de avaliação e de melhoria do ensino. 1998.
- DARSIE, Marta Maria P. Avaliação e Aprendizagem. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.99, pp.47-59, nov. 1996.
- DEPREBITERIS. Lea. O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos e uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.
- ESTEBAN, M. T., AFONSO, A. J. (Org.). Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre avaliação. São Paulo: Cortez, 2010
- FERREIRA, Lucinete M.S, retratos da Avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para superação. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FREIRE, Paulo; Pedagogia do oprimido. Paz e terra, 1979.
- FREIRE, Paulo; Educação como prática de liberdade. 18. ed. Rio de janeiro, Paz e terra, 1983.
- HADJI, C. A avaliação desmistificada. Porto Alegre: artemed, 2001.
- HOFMANN, Jussara. Avaliação e Construção do Conhecimento: Educação e Realidade. Porto Alegre. UFRS, 1991.
- HOFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: educação e realidade, 1993.
- HOFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: mediação, 2001.
- LUCKESI, Cipriano. Avaliação na escola de 1º Grau: uma análise sociológica. Campinas. São Paulo, 1994.
- PERRENOUD, P.. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

ROCHA, Sílvia. Turmas de Progressão: a inversão da lógica da exclusão. Sílvia Rocha, Didonet Nery (orgs.). Porto Alegre: Secretaria municipal de Educação, 1999.

ROMÃO. José Eustáquio. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001 (guia da escola cidadã).

SOUZA, Clarilza P. Avaliação do rendimento escolar, 11ª edição, Papirus, 2003.

VILLAS BOAS. Benigna Maria de Freitas (org), AVALIAÇÃO: políticas e práticas. coleção Magistério: formação e Trabalho Pedagógico, Papirus, 1999.

PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 60H- POLO 19 – UFMT - Cuiabá

EMENTA: A matemática escolar do ensino fundamental e médio: princípios e padrões, conteúdos, análise conceitual e processos de ensino-aprendizagem. Análise conceitual e metodológica dos conteúdos matemáticos comumente ensinados no ensino fundamental e médio e ensino-aprendizagem de conceitos científicos. Análise de livros didáticos, planos de ensino e propostas curriculares. Laboratório de ensino-aprendizagem de matemática aplicado ao ensino fundamental e médio. Elaboração de módulos e projetos de ensino, materiais didáticos e kits pedagógicos.

Proposta por: Polo 19: UFMT – Cuiabá

Professor(es): Demilson Benedito do Nascimento, Alexandre Silva Abido, Frederico José Andries Lopes

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, Cândida M; et al. *Cem Aulas Sem Tédio*. Santa Cruz do Sul: Editora Instituto Padre Reus, 2006.
- BARBOSA, Ruy Madsen. *Conexões e Educação Matemática: Brincadeiras, explorações e ações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BARBOSA, Ruy Madsen. *Descobrimos a Geometria Fractal para sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BARONI, Rosa L. S.; NOBRE, Sergio. A pesquisa em História da Matemática e suas relações com a Educação Matemática. In: BICUDO, Maria A. V. *Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- BARUFI, M. C. B.; LAURO, M. M. *Funções elementares, equações e inequações: uma abordagem utilizando microcomputador*. São Paulo: CAEM-IME/USP, [199-]. (Série Ensino Médio, v.1).
- BASSANEZI, Rodney. *Ensino-aprendizagem com Modelagem Matemática*. São Paulo: Contexto, 2002.
- BICUDO, Maria A. V. (Org.). *Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- BIEMBENGUT, Maria Salett; HEIN, Nelson. *Modelagem Matemática no ensino*. Ed. Contexto, 2000.
- BORBA, R.; GUIMARÃES, G. (Orgs.). *A pesquisa em educação matemática: repercussões na sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2009.
- BORBA, R.; GUIMARÃES, G. (Orgs.). *A pesquisa em educação matemática: repercussões na sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Matemática*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/ SEMTEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais - Ensino Médio: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/ SEMTEC, 2002.

BRIGHENTI, M. J. L. *Representações gráficas: atividades para o ensino e a aprendizagem de conceitos trigonométricos*. Bauru: EDUSC, 2003.

CHEVALLARD, Y; BOSCH, M.; GASCÓN, J. *Estudar matemáticas: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem*. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COURANT, R.; ROBBINS, H. *O que é matemática?: uma abordagem elementar de métodos e conceitos*. Tradução Adalberto da S. Brito. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2000.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM REVISTA. Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

EUCLIDES. *Os elementos*. Tradução e introdução de Irineu Bicudo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (org) *Idéias Matemáticas em povos culturalmente distintos*. São Paulo: Global, 2002.

FIORENTINI, Dario e MIORIM, Maria Ângela. (Orgs.). *Por trás da porta, que matemática acontece?* Campinas: FE. UNICAMP - CEMPEM, 2001.

FIORENTINI, Dario. *Alguns modos de ver e conceber o ensino de matemática no Brasil*. In: Zetetiké. Campinas. Ano 3, n.4, 1995.

GARDING, L. *Encontro com a matemática*. Trad. de Célio Alvarenga e Maria M. Alvarenga. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

GRANDO, N. I. (Org.). *Pesquisa em educação matemática: contribuições para o processo ensino-aprendizagem*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2006.

GROUWS, D. A. (Ed.). *Handbook of research on mathematics teaching and learning*. Reston: NCTM, 1992.

LORENZATO, S. (org.). *O laboratório de ensino de Matemática na formação de professores*. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARANHÃO, C. (Org.). *Educação matemática nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio: pesquisas e perspectivas*. São Paulo: Musa, 2009.

REZENDE, E. Q. F.; QUEIROZ, M. L. B. *Geometria euclidiana plana e construções geométricas*. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008.

SADOVSKY, P. *O ensino de matemática hoje: enfoques, sentidos e desafios*. Tradução Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Ática, 2007.

VAN DE WALLE, J. A. *Matemática no ensino fundamental: formação de professores e aplicação em sala de aula*. Tradução: Paulo Henrique Colonese. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

EMENTA: Estudo e análise de softwares educativos na área do ensino da matemática. Propostas didáticas com o uso da tecnologia informática no ensino e aprendizado da matemática escolar. Possibilidades da internet no ensino e aprendizagem da matemática e na educação aberta a distância.

Proposta por: Polo 19: UFMT – Cuiabá

Professor(es): Einstein Lemos de Aguiar, Alexandre Silva Abido

BIBLIOGRAFIA

- ABAR, C.A.A.P. Auto-formação do professor de Matemática pelo uso das tecnologias de informação e comunicação. Tecnologias e Educação Matemática. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2008.
- ALVARENGA, A. T.; PHILIPPI JUNIOR, A.; SOMMERMAN, A. et. al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI, Arlindo; et al. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. São Paulo: Manole, 2011. p. 03-68.
- COLL, C.; MONEREO, C. Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2007.
- KING, J. e Schattschneider, D. (eds). Geometry Turned On. Washington: Mathematical Association of America Notes 41, 1997.
- KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1962/2007.
- ORTEGA Y GASSET, J. Meditación de la técnica y otros ensayos sobre ciencia y filosofía. Madrid (ESP): Alianza, 1982.
- PAIS, L. C. Educação escolar e as tecnologias da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PETERS, O. Didática do Ensino a Distância. Editora Unisinos. São Leopoldo: 2001.
- RAYNAUT, Claude; ZANONI, Magda. Reflexões sobre princípios de uma prática interdisciplinar na pesquisa e no ensino superior. In: PHILIPPI, Arlindo; et al. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. São Paulo: Manole, 2011. p. 143-208.
- RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI, Arlindo; et al. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. São Paulo: Manole, 2011. p. 69-105.
- TOSCHI, M. S. (Org.) Leitura na Tela da mesmice à inovação. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 20 - SINOP –UFMT

ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA: TENDÊNCIAS, FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS – 60H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Tendências da área de Ensino de Ciências e Matemática: currículo, interdisciplinaridade, contextualização, dialogicidade, pesquisa como princípio educativo, projetos curriculares. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: problematização, sistematização e compreensão de relações. Reflexão sobre o cotidiano da escola, seus sujeitos, suas interações, seus espaços. A escola como espaço que sofre influência e que influencia a sociedade. Fundamentos, métodos e tendências do ensino de Ciências e Matemática.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop
Professor(es): Roseli Adriana Blümke Feistel

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Bases Legais. Parte I. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Parte III. Brasília: MEC, 2000.

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D. Formação de professores de Ciências. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHASSOT, A.; OLIVEIRA, R. (Org.) Ciência e educação para a cidadania. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DEMO, P. Educar pela pesquisa. São Paulo: Cortez, 1998.

FAZENDA, I. C. A. (org.). Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALIAZZI, M. C. Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de Ciências. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

GERALDI, C. M. G., FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. Cartografias do trabalho docente – Professor(a)-pesquisador(a). Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, J. 3. ed. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (org.). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KRASILCHIK, M. O professor e o currículo das Ciências. São Paulo: EPU, 1987.

LÜDKE, M. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, I. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. (Org.). São Paulo: Papirus, 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, R. Produção numa sala de aula com pesquisa: superando limites e construindo possibilidades. Educação. Porto Alegre, nº. 40. Abril/2000, pp. 09-38.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

MORAES, R.; MANCUSO, R. Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

PEREIRA, J. E. D.; ZEICHNER, K. M. (Orgs.) A pesquisa na formação e no trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAMOS, M. G. Os significados da pesquisa na ação docente e a qualidade do ensino. Educação. Porto Alegre, nº. 40. Abril/ 2000, pp. 39-56.

ZABALA, A. Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS – 60H- Polo 20 – UFMT - Sinop (MT)

EMENTA: Compreensão histórica da experimentação no ensino de Ciências e dos modos de desenvolvimento de atividades experimentais. A importância da experimentação no ensino de ciências. Desenvolvimento de competências necessárias para o planejamento e preparação de atividades experimentais. Concepção e elaboração de projetos didáticos de natureza experimental. Problematisação das atividades experimentais nos livros didáticos de Ciências.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Carmen Wobeto, Roseli Adriana Blümke Feistel, Mauro André Dresch

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A. M. P. de; GIL PÉREZ, D. Formação de professores de ciências. São Paulo: Cortez, 2000. 120p.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M.. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- FAGUNDES, S. M. K. Experimentação nas aulas de ciências: um meio para a formação da autonomia? In: GALIAZZI, M. C.; AUTH, M.; MORAES, R.; MANCUSO, R. (org.). Construção curricular em rede na educação em ciências: uma aposta de pesquisa em sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, p. 317 – 336.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GALIAZZI, M.C.; GONÇALVES, F. P. A natureza pedagógica da experimentação: uma pesquisa na licenciatura em Química. Química Nova, v. 27, n. 2, p. 326 – 331, 2004
- GASPAR, A. Experiências de Ciências para o Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- GONÇALVES, F. P.; GALIAZZI, M. C. A natureza das atividades experimentais no ensino de ciências: um programa de pesquisa educativa nos cursos de licenciatura. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 237 – 252.
- MALDANER, O. A. Concepções Epistemológicas no Ensino de Ciências. In: SCHNETZLER, R. P. e ARAGÃO, R. M. R. (orgs.). Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens. Piracicaba: CAPES/UNIMEP, 2000.
- ROSITO, B. A. O ensino de Ciências e a experimentação. In: ROQUE, M. (org.). Construtivismo e ensino de ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 195 – 208.
- SILVA, L. H. A. ; ZANON, L. B. A experimentação no ensino de ciências. In: SCHNETZLER, R. P.; ARGÃO, R. M. R. (orgs.). Ensino de ciências: fundamentos e abordagens. Campinas: R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, 200, p. 120 – 153
- SILVA, R. S.; MACHADO, P. F. L.; TUNES, E. Experimentar sem medo de errar. In: SANTOS, W. L. P.; MALDANER, O. A (orgs.). Ensino de Química em foco. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010, p. 231 – 262.

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS-EPISTEMOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – 60H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Educação Matemática como campo de pesquisa. Educação matemática como campo de ensino aprendizagem e profissional. Perspectiva histórica e epistemológica da Educação Matemática tendo em vista as inter-relações entre ciência, conhecimento matemático e educação. Discutir, analisar e desenvolver atividades para a inclusão da matemática do século XX e contemporânea na educação básica.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Edson Pereira Barbosa, Elizabeth Quirino de Azevedo

BIBLIOGRAFIA

- ALMOULOU, S. A. Fundamentos da Didática da Matemática. Curitiba, Editora UFPR, 2007.
- ANGELO, Claudia. L. et al. (Org.) Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história. São Paulo: Midiograf, 2012.
- BICUDO, M A. V. Educação Matemática: Moraes, São Paulo, 1989.
- CASTRO, F. M. de O. A matemática no Brasil. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1992.
- D'AMBROSIO, U. A Era da Consciência. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 1997.

D'AMBROSIO, U. Educação Matemática: Da Teoria à Prática, 4ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996. Coleção Perspectivas em Educação Matemática.

D'AMBROSIO, U. Educação para uma sociedade em transição. São Paulo: Papirus, 1999.

D'AMBRÓSIO, U. et alli. Rumo à nova transdisciplinaridade: Sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática. São Paulo: Ática, 1990.

D'AMORE B. Elementos de didática da Matemática. São Paulo: Editora da Física, 2007.

DANYLUK, O. S. (Org). Historia da Educação Matemática. Editora: Sulina, 2012

DUVAL, R. Semióse e pensamento humano: registro de representação semiótica e aprendizagens intelectuais. Tradução: Lênio F. Ley e Marisa R. A. da Silveira. Editora da Física, São Paulo, SP, 2009.

DUVAL, R. Ver e ensinar matemática de outra forma, entrar no modo matemático de pensar: os registros de representações semióticas. Organização: Tânia M. M. Campos. Tradução: Marlene Alves dias. Editora PROEM, 1ª Ed. São Paulo, 2011.

GARNICA, A. V. M. (Organizador). Cartografias Contemporâneas: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.

KILPATRICK, J. Fincando Estacas: Uma tentativa de demarcar a Educação Matemática como campo profissional e científico. IN: Revista Zetetiké. São Paulo. Nº05, 1996.

KILPATRICK, J. Investigación em Educación Matemática: su historia y algunos temas de actualidad. IN: Educación Matemática: Errores y dificultades de los estudiantes, Resolución de problemas, Evaluación, Historia. México: Grupo Editorial Iberoamérica, 1995.

KLINE, M. O fracasso da matemática moderna. São Paulo: IBRASA, 1976.

LINS, R. C. e GIMENEZ, J. Perspectivas em Aritmética e Álgebra para o século XXI. Campinas, S.P: Papirus, 1997. Coleção Perspectivas em Educação Matemática.

MACHADO, N J. Matemática e Realidade. São Paulo: Cortez, 1987.

MACHADO, N J.. Epistemologia e Didática. São Paulo: Cortez, 1999.

MIORIM, M. A Introdução à História da Educação Matemática. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1992.

OTTE, M. A realidade das ideias: uma perspectiva epistemológica para a educação matemática. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

SILVA. Jairo José da. Filosofia da Matemática. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SKOVSMOSE, Olé. Educação matemática Crítica: a questão da Democracia. Campinas: Papirus, 2001.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Euclides Roxo e a modernização do ensino da matemática no Brasil. Brasília-Df: UnB, 2004.

VERGANI, TERESA. A Criatividade como Destino - Transdisciplinaridade, Cultura e Educação. São Paulo: Editora livraria da física, 2009.

GÊNEROS DA REDAÇÃO CIENTÍFICA– 60H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Reflexão sobre o fazer ciência. Aprimoramento do conhecimento discente acerca das especificidades e características de alguns gêneros da redação científica, tais como apresentação oral (aula, conferência, mesa redonda, palestra, seminário), artigo científico, dissertação, memorial acadêmico, memorial descritivo de produto educacional, pôster, projeto de pesquisa, relatório, resenha, resumo, resumo expandido e tese. Estudo das normas da ABNT - Associação Brasileiras de Normas Técnicas). Aspectos éticos na escrita científica.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Marieta Prata De Lima Dias

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAMSOHN, Paulo. Redação Científica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- ALVES, Rubens. Filosofia da Ciência - Introdução ao Jogo e suas Regras. 12ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007. ISBN: 978-85-15-01969-4.
- ANTUNES, Celso. Inteligências Múltiplas e seus Jogos. Inteligência lógico-matemática. 4a.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um manual prático. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- COSTA, Deborah e SALCES, Claudia Dourado. Leitura e Produção de Textos na Universidade. Campinas: Alínea, 2013.
- DINTEL, Felipe. Como escrever textos técnicos e profissionais. Belo Horizonte: Gutemberg, 2011.
- FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto e TARGINO, Maria das Graças. Preparação de Revistas Científicas. Teoria e Prática. São Paulo: Reichamn & Autores, 2005.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Normas da ABNT. Comentadas para trabalhos científicos. 5ª. rev. e atualizada. Curitiba: Juruá, 2012.
- MEDEIROS, João Bosco e ANDRADE, Maria Margarida de. Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas. A Nova NBR 6023-2000 da ABNT. Exemplos e Comentários. São Paulo: Atlas, 2001.
- MOREIRA, Daniel Augusto. O Método Fenomenológico na Pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- MOTA-ROTH, Désirée e HENDGES, Graciela Rabuske. Produção Textual na Universidade. São Paulo: Parábola, 2010. ISBN 978-85-7934-025-3.
- OLIVEIRA, Jane Raquel Silva de e QUEIROZ, Salete Linhares. Comunicação e Linguagem Científica. Guia para estudantes de Química. Campinas: Átomo, 2007.
- OLIVEIRA, Jorge Leite de. Texto Acadêmico. Técnicas de redação de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, José P.M. e MOTTA, Carlos A. Paula. Como Escrever Textos Técnicos. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- PEREIRA, Maurício Gomes. Artigos Científicos – Como Redigir, Publicar e Avaliar. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Ltda. 2012. ISBN 978-85-2771928-5.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 11ª. ed. Porto: Afrontamento, 2011.
- SERRA NEGRA, Carlos Alberto e SERRA NEGRA, Elizabete Marinho. Manual de Trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- VEIGA, Itamar Soares. Linguagem científica e analogias formais – Metodologia. Porto Alegre: Clarinete, 2010.
- VOLPATO, Gilson e BARRETO, Rodrigo. Elabore Projetos Científicos Competitivos. 1ª. ed. Botucatu: Best Writing, 2014. ISBN: 978-85-64201-05-7.
- VOLPATO, Gilson. Bases Teóricas para Redação Científica. 1ª. ed. São Paulo: Ed.UNESP / Cultura Acadêmica Editora, 2007.
- VOLPATO, Gilson. Ciência: da Filosofia à Publicação. 6ª ed. São Paulo: Ed.UNESP / Cultura Acadêmica, 2013.
- VOLPATO, Gilson. Método Lógico para Redação Científica. 1ª. ed. Botucatu: Best Writing, 2011. ISBN: 978-85-64201-00-2.
- VOLPATO, Gilson. Publicação Científica. 3ª. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

EMENTA: Estudo das diferentes mídias e das tecnologias de informação (TIC) nos processos de ensino e aprendizagem de Ciências e Matemática. O Laboratório de Informática como ambiente de aprendizagem. Estudo e análise de softwares educativos, com apresentação de proposta didática que contemple o uso de novas tecnologias na Educação, em especial no ensino de Ciências e Matemática.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Edson Pereira Barbosa, Yuri Alexandrovich Barbosa

BIBLIOGRAFIA

Anais dos Simpósios Brasileiros de Informática na Educação (SBIE) da Sociedade Brasileira de Computação.

CARVALHO, Luiz Mariano; CURY, Helena N.; MOURA Carlos A. de; FOSSA, John e GIRALDO, Victor. História e Tecnologia no Ensino da Matemática. São Paulo: Editora Moderna, Revista do Instituto GeoGebra Internacional de São Paulo.

BEHAR, P. Avaliação de softwares educacionais no processo de ensino-aprendizagem computadorizado: estudo de caso. CPGCC/UFRGS, 1993 (Dissertação de mestrado).

BORBA, M. C.; MALHEIROS, A. P. S.; ZULATTO, R. B. A. Educação a Distância online. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. Informática e Educação Matemática. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL – Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p.135, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; v. 2, p. 63, 2006).

BRIGGS, A. e BURKE, P. Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. BELLONI, M. A., O que é Mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2004. GONNET, J. Educação e Mídias. Edições Loyola, 2004.

CHATEAU, J. O Jogo e a Criança. Summus Editora, 1984.

HUINZIGA, J. Homo Ludens. Editora Perspectiva, 1990.

KALINKE, M. A. Internet na Educação: quando, como, onde e porquê. Curitiba: Editora Chain, 2003.

LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

LEITE LOPES, M. M. M. e NASSER, L. (Coords.) Geometria na Era da Imagem e do Movimento. Rio de Janeiro: UFRJ/Projeto Fundação, 2002.

LÉVY, P. A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do Ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, P. A máquina do Universo, criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LEVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Loyola, 1998

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, P. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, P. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

LITWIN, E. (org.) Tecnologia educacional: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUCENA, M. Um modelo de escola aberta na Internet. Brasport livros e multimídia Ltda. 1997.

MELLO, I. C.. O Ensino de Química em Ambientes Virtuais. 01. ed. Cuiabá: Editora UFMT, 2009.

PAPERT, S. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SILVA, R. E. V. Informática na Educação e o Ensino de Ciências Naturais. Jundiaí (SP): Paco Editorial: 2011.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I. (Orgs.). Ler, Escrever e Resolver Problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TAJRA, S. F. Informática na educação - professor na atualidade. São Paulo: Érica, 1998.

VALENTE, José Armando. O computador na sociedade do conhecimento/, organizador ã Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

O CURRÍCULO DE CIÊNCIA E A EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS – 60H- ELE- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Compreensão histórica da experimentação no ensino de Ciências e dos modos de desenvolvimento de atividades experimentais. A importância da experimentação no ensino de ciências. Desenvolvimento de competências necessárias para o planejamento e preparação de atividades experimentais. Concepção e elaboração de projetos didáticos de natureza experimental. Problemática das atividades experimentais nos livros didáticos de Ciências.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop
Professor(es): Carmen Wobeto

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, A. M. P. de; GIL PÉREZ, D. Formação de professores de ciências. São Paulo: Cortez, 2000. 120p.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERAMBUCO, M. M.. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

FAGUNDES, S. M. K. Experimentação nas aulas de ciências: um meio para a formação da autonomia? In: GALIAZZI, M. C.; AUTH, M.; MORAES, R.; MANCUSO, R. (org.). Construção curricular em rede na educação em ciências: uma aposta de pesquisa em sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, p. 317 – 336.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALIAZZI, M. C.; GONÇALVES, F. P. A natureza pedagógica da experimentação: uma pesquisa na licenciatura em Química. Química Nova, v. 27, n. 2, p. 326 – 331, 2004

GASPAR, A. Experiências de Ciências para o Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

GONÇALVES, F. P.; GALIAZZI, M. C. A natureza das atividades experimentais no ensino de ciências: um programa de pesquisa educativa nos cursos de licenciatura. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 237 – 252.

MALDANER, O. A. Concepções Epistemológicas no Ensino de Ciências. In: SCHNETZLER, R. P. e ARAGÃO, R. M. R. (orgs.). Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens. Piracicaba: CAPES/UNIMEP, 2000.

ROSITO, B. A. O ensino de Ciências e a experimentação. In: ROQUE, M. (org.). Construtivismo e ensino de ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 195 – 208.

SILVA, L. H. A. ; ZANON, L. B. A experimentação no ensino de ciências. In: SCHNETZLER, R. P.; ARGÃO, R. M. R. (orgs). Ensino de ciências: fundamentos e abordagens. Campinas: R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, 200, p. 120 – 153

SILVA, R. S.; , MACHADO, P. F. L.; TUNES, E. Experimentar sem medo de errar. In: SANTOS, W. L. P.; MALDANER, O. A (orgs). Ensino de Química em foco. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010, p. 231 – 262.

PRÁTICA PEDAGÓGICA, RECURSOS DIDÁTICOS E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL EM MATEMÁTICA – 60H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Aspectos teórico-metodológicos da prática pedagógica no contexto do trabalho do professor de matemática. O processo de produção de saberes docentes e discentes na sala de aula de matemática e, nos diversos espaços de formação profissional. Estudo e análise de produtos e recursos educacionais utilizados no ensino de matemática. Análise de conteúdos matemáticos em Livros Didáticos; Revistas e Orientações Curriculares.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Edson Pereira Barbosa, Elizabeth Quirino de Azevedo

BIBLIOGRAFIA:

CASTRO, A. D.; Carvalho, A. M. P.; Pérez, D. G. Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Cengage Learning Editores, 2001.

DANTE, Luiz Roberto. Didática da Resolução de Problemas de Matemática, 12ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012.

GARCIA, C. M., Formação de Professores: para uma mudança educativa. Tradução de Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GONÇALVES, T. O. A Constituição do Formador de Professores de Matemática: a prática formadora. Belém: CEJUP Ed., 2006.

LORENZATO, S. (org). O laboratório de ensino de matemática na formação de professores. Campinas: Atores Associados, 2006, v. 1.

ONUCHIC, L. R.; ALEVATO, N. S. G. et all. (ORGS.) Resolução de Problemas: Teoria e Prática. Jundiaí (SP): Paco editorial, 2014.

PAIS, L. C. Ensinar e aprender Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PARRA, C. e SAIZ, I. (org). Didática da Matemática: reflexão psicopedagógicas. Porto Alegre: Artes médica, 1996.

PERRENOUD, Philippe. Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. Artmed Editora. Porto Alegre: 2001.

SCHLIEMANN, A e CARRAHER, D. (Org). A compreensão dos conceitos aritméticos: Ensino e Pesquisa. CampinaS: Papirus, 1998

SCHÖN, D. A. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SELVA, Ana Coelho Vieira; BORBA, Rute Elizabete de Souza. *O uso da calculadora nos anos iniciais do ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARDIF, M. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 5. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
TARDIF, M. Saberes docentes e formação de profissionais. 10. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TÓPICOS DE CIÊNCIAS NATURAIS: ENSINO E APRENDIZAGEM– 30H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Estudos sistemáticos a serem propostos a partir dos projetos de pesquisa dos mestrands, atendendo interesses específicos de temáticas de estudos. Por essa razão, constituem-se disciplinas de ementas abertas, a serem oferecidas mediante projeto e plano de atividades aprovados pelo Colegiado do Programa.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop
Professor(es): Roseli Adriana Blümke Feistel, Claudia Dos Reis

BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia será indicada no início da disciplina

TÓPICOS ESPECIAIS DE BIOLOGIA– 30H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Estudos sistemáticos a serem propostos a partir dos projetos de pesquisa dos mestrands, atendendo interesses específicos de temáticas de estudos. Por essa razão, constitui-se disciplina de ementa aberta, a ser oferecidas mediante projeto e plano de atividades aprovados pelo Colegiado do Programa.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop
Professor(es): Claudia Dos Reis

BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia será indicada no início da disciplina

TÓPICOS ESPECIAIS DE FÍSICA– 30H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Estudos sistemáticos a serem propostos a partir dos projetos de pesquisa dos mestrands, atendendo interesses específicos de temáticas de estudos. Por essa razão, constituem-se disciplinas de ementas abertas, a serem oferecidas mediante projeto e plano de atividades aprovados pelo Colegiado do Programa.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop
Professor(es): Roseli Adriana BlümkeFeistel, Alexandrovich Barbosa

BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia será indicada no início da disciplina

TÓPICOS ESPECIAIS DE MATEMÁTICA– 30H- Polo 20 – UFMT - Sinop (MT)

EMENTA: Estudos sistemáticos de tópicos de matemática a serem propostos a partir dos projetos de pesquisa dos mestrandos, atendendo interesses específicos de temáticas de estudos. Por essa razão, constitui-se disciplina de ementa aberta, a ser oferecidas mediante projeto e plano de atividades aprovados pelo Colegiado do Programa.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Edson Pereira Barbosa, Elizabeth Quirino de Azevedo

BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia será indicada no início da disciplina

TÓPICOS ESPECIAIS DE QUÍMICA– 30H- POLO 20 – UFMT - Sinop

EMENTA: Estudos sistemáticos a serem propostos a partir dos projetos de pesquisa dos mestrandos, atendendo interesses específicos de temáticas de estudos. Por essa razão, constitui-se disciplina de ementa aberta, a ser oferecidas mediante projeto e plano de atividades aprovados pelo Colegiado do Programa.

Proposta por: Polo 20: UFMT- Sinop

Professor(es): Carmen Wobetto, Mauro André Dresch

BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia será indicada no início da disciplina

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 21- GOIÂNIA- UFG/IME

CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DOCENTE SOB UMA VISÃO DA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA – 60H - ELE- Polo 21 – UFG/IME - Goiânia (GO)

EMENTA: Conjuntos numéricos e suas propriedades. Equações, inequações e sistemas lineares. Funções: polinomiais, exponenciais e logarítmicas. Áreas e volumes. Teoria e transposição para o ensino.

Proposta por: Polo 21: UFG/IME- Goiânia

Professor(es): Jhone Caldeira Silva, Kélem Gomes Lourenço, Ronaldo Antonio Dos Santos

BIBLIOGRAFIA:

ABRANTES, P., LEAL, L.C., PONTE, J.P. (org.), Investigar para aprender matemática, Frafis, Coop. de Artes Gráficas, CRL, Lisboa, 1996
BOYER, C. - História da Matemática. Edgard Blücher. 2ª ed. São Paulo, 1996.
BÚGIO, E. Z. , et al. A matemática na escola: novos conteúdos novas abordagens. Porto Alegre, UFRGS, 2012.
COXFORD, A.F. - As idéias da Álgebra. Atual, SP, 1995.
DOMINGUES, H. H. Fundamentos da Aritmética, São Paulo, Atual, 2008.
GUELLI, C. A. DOLCE, O. Conjuntos, relações, funções e inequações. São Paulo, Moderna, 2008.
LIMA, E. L. et al - A Matemática do Ensino Médio. vol. 1. Coleção do Professor de Matemática, SBM. 9ª ed. RJ, 2006.
LIMA, E. L. et al – Áreas e volumes. Coleção do Professor de Matemática, SBM. RJ, 1979.
LINS, R. C. e GIMENEZ, J. - Perspectivas em Aritmética e Álgebra para o século XXI, Papirus Campinas, Coleção Perspectiva em Educação Matemática, SP, 1997.
POLYA, G. A arte de resolver problemas. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 1986.
POZO, J.I. (org.) et all. A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender, ArtMed, Porto Alegre, 1998.
REYS, R.E, KRULIK, S., Resolução de Problemas na Matemática Escolar, São Paulo: Atual Editora, 1997.

INCLUSÃO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA– 60H- ELE- Polo 21 – UFG/IME - Goiânia (GO)

EMENTA: Políticas públicas para a inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular. Desenvolvimento profissional do professor de matemática para atuar com alunos com deficiência. O ensino da matemática para alunos com deficiência no contexto de ensino regular. A aprendizagem da matemática por alunos com deficiência. Tecnologia assistiva.

Proposta por: Polo 21: UFG/IME- Goiânia

Professor(es): Jaqueline Araújo Civardi, Elisabeth Cristina de Faria

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. MEC. O Desafio das diferenças nas escolas. Boletim 21, Nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008. MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva. Educação Inclusiva - Escolarização, Política e Formação Docente. Brasília, Liber Livro, 2011.

MAGALHÃES, Rita de C.B.P. (Org.). Educação inclusiva. Brasília: Liber, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006.

REGANHAN, Walquíria Gonçalves, MANZINI, Eduardo José. Percepção de professores do ensino regular sobre recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência. Revista "Educação Especial" v. 22, n. 34, p. 127-138, maio/ago. 2009.

ZUFFI, Edna M.; JACOMELLI, Cristiane V.; PALOMBO, Renato D. Pesquisas sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais no Brasil e a aprendizagem em Matemática. Anais do XIII CIAEM, Recife/PE, 2011. p. 1-12.

PRÁTICAS NO LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA– 60H- - ELE- Polo 21 – UFG/IME - Goiânia (GO)

EMENTA: Concepções sobre Laboratório de Educação Matemática, Laboratório de Ensino da Matemática e Laboratório de Matemática Escolar. Estrutura física de um LEMAT e de um LME. O desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão no LEMAT. A práxis docente do professor de matemática no LEMAT. Oficinas sobre temas que englobem o processo de ensino e aprendizagem da matemática valendo-se do uso de recursos como materiais concretos, TICs e tecnologias assistivas.

Proposta por: Polo 21: UFG/IME- Goiânia
Professor(es): Janice Pereira Lopes, Elisabeth Cristina De Faria

BIBLIOGRAFIA:

CAVALCANTIO, Lialda B. Laboratório de Ensino de Matemática na formação docente e educação à distância. Disponível: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1852009144419.pdf>. Acesso: 22 de jun. de 2015.

FLORES, P.; LUPIÁNEZ, J. L.; BERENGUER, L., MARIN, A.; MOLINA, M. (2011). Materiales y recursos en el aula de matemáticas. Granada: Departamento de Didáctica de la Matemática de la Universidad de Granada.

GONÇALVES, Antonio Roberto. O uso do laboratório do ensino de matemática. Disponível: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_antONIO_roberto_goncalves.pdf. Acesso: 22 de jun. de 2015.

MIORIM, Maria Ângela, FIORENTINI, Dario. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no Ensino da Matemática. Boletim SBEM-SP Ano 4 - nº 7. Disponível: <http://drb-assessoria.com.br/1UmareflexaosobreousodemateriaisconcretosejogosnoEnsinoaMatematica.pdf>. Acesso: 22 de jun. de 2015.

LORENZATO, Sergio. O laboratório de ensino de matemática na formação de professores. Autores Associados, 2006.

PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion; GAMA, Renata Prenstteter ; PINTO COELHO, Maria Aparecida Vilela Mendonça. Laboratório de Ensino de Matemática na atuação e na formação de professores de matemática. Disponível: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem15dpf/sm15ss03_04.pdf. Acesso: 22 de jun. de 2015.

STEINMERTZ Gustavo; GIOVELI, Izabel; BONOTTO, Danusa de Lara; B ASEI, Ana Maria. Laboratório de Ensino de Matemática: uma experiência envolvendo Barras de Cuisinaire. Disponível: <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vi/paper/view/619/47>. Acesso: 22 de jun. de 2015.

VARIZO, Zaíra da Cunha Melo; CIVARDI, Jaqueline Araújo. Olhares e reflexões acerca de concepções e práticas no Laboratório de Educação Matemática. Editora CRV, 2011.

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS – 60H- - ELE- Polo 21 – UFG/IME - Goiânia (GO)

EMENTA: Tecnologias: conceitos (tecnologia, TIC, mídias, multimídias entre outros), limites e funções; Integração das tecnologias na educação e na atuação docente: para além de uma inserção marginalizada e ilustrativa das tecnologias; Novos espaços de atuação do educador: demandas, desafios e novas linguagens; Recursos (calculadora, TV e vídeo, softwares, robótica, ambientes virtuais entre outros).

Proposta por: Polo 21: UFG/IME- Goiânia

Professor(es): Elisabeth Cristina De Faria, Janice Pereira Lopes

BIBLIOGRAFIA :

ALONSO, Kátia Morosov. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre redes e escolas. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 747-768, out. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 12 jan. 2009.

BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

CADERNOS CEDES. Televisão, internet e educação: estratégias metodológicas com crianças e adolescentes. Campinas: Cedes, vol. 25, n. 65, jan./abr. 2005.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. TV na escola: desafios tecnológicos e culturais. In: SANTOS, Gilberto Lacerda. Tecnologias na educação e formação. Brasília: Plano Editora, 2003. p. 141-154.

COUTINHO, Laura Maria. Imagens sem fronteiras: a gênese da TV Escola no Brasil. In: SANTOS, Gilberto Lacerda. Tecnologias na educação e formação. Brasília: Plano Editora, 2003. p. 69-98.

DEMO, Pedro. Formação Permanente e tecnologias educacionais. Petrópolis: Vozes, 2006.

FERRÉS, Joan. Vídeo e educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 2.ed. Campinas: Papirus, 2003.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 10. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. Como utilizar as tecnologias na escola. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 20 jul. 2009.

_____. A integração das tecnologias na educação. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 20 jul. 2009.

_____. As mídias na educação. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 20 jul. 2009.

_____. Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 20 jul. 2009.

PAIS, Luiz Carlos. Educação escolar e as tecnologias da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PENTEADO, Miriam. Possibilidades para a formação de professores de Matemática. In: PENTEADO, Miriam; BORBA, Marcelo C. (Org.). A informática em ação: formação de professores, pesquisa e extensão. São Paulo: Olho D'água, 2000. Cap. 2, p. 23-34.

PONTE, João Pedro; OLIVEIRA, Hélia; VARANDAS, José Manuel. O contributo das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento do conhecimento e da identidade profissional. In: FIORENTINI, Dario. (Org.). Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ROLKOUSKI, Emerson. Tecnologias no ensino de Matemática. Curitiba: IBPEX, 2011.

SANCHO, Juana María (Org.). Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANCHO, Juana María. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, Juana María et al. Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-41.

SANGIACOMO, Ligia et al. Explorando geometria elementar com o dinamismo do Cabri-Géomètre. 2. ed. São Paulo: Proem, 2002.

SANGIACOMO, Ligia et al. Geometria plana com Cabri-Géomètre: diferentes metodologias. 2. ed. São Paulo: Proem, 2002.

SANT'ANNA, Ilza Martins; SANT'ANNA, Victor Martins. Recursos educacionais para o ensino: quando e por quê? Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 22- INHUMAS –IFT

OS DOCENTES DO POLO OPTARAM POR ADOTAR DISCIPLINAS JÁ PROPOSTAS POR OUTROS POLOS, A SABER:

1. CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE → Renato Araújo Teixeira
2. CONTEÚDOS CURRICULARES DE FÍSICA NO ENSINO MÉDIO → Fernando Pereira de Sá
3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERDISCIPLINARIDADE → Elisangela Cardoso de Lima Borges
4. EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS → Marçal Antonio Ruggiero
5. IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM FALADA (ORALIDADE) E DE LINGUAGEM ESCRITA (LETRAMENTO) NA ESCOLA → Daniel Aldo Soares e James Deam Amaral Freitas
6. MATERIAIS DIDÁTICOS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA → Simone Silva Machado
7. METODOLOGIA CIENTÍFICA E ENSINO → João Baptista Chieepe Júnior
8. CURRÍCULOS E PROGRAMAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA → Daniella de Souza Bezerra
9. SUSTENTABILIDADES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA → Elisangela Cardoso de Lima Borges
10. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA → Alan Keller Gomes

DISCIPLINAS DOS POLOS DA REGIÃO NORDESTE

REGIÃO NORDESTE: 08 polos

POLO	NUMERO DE DISCIPLINAS	Página
Polo 23 Ilhéus/Porto Seguro: UESC – UFSB (polo misto)/Universidade Estadual de Santa Cruz; UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia (BA)	08	196
Polo 24 Salvador – UFBA-UEFS-UFVC- Universidade Federal da Bahia com Vitória da Conquista e Feira de Santana (BA)	16	204
Polo 25 Maceió -UFAL -Universidade Federal de Alagoas (AL)	03	222
Polo 26 Pau dos Ferros/Patu - UERN- Univ do Estado do Rio Grande do Norte (RN)	06	225
Polo 27 Mossoró - UERN- Univ do Estado do Rio Grande do Norte (RN)	05	230
Polo 28 Assu – UERN- Univ do Estado do Rio Grande do Norte (RN)	04	234
Polo 29 Fortaleza - UFC - Universidade Federal do Ceará (CE)	04	236
Polo 30 São Luis -UFMA - Universidade Federal do Maranhão (MA)	06	238

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 23- ILHÉUS/ PORTO SEGURO - UESC – UFSB

FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA ESCOLAR I: GEOMETRIA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO – 30H- – ELE – POLO 23- UESC-UFSB- ILHÉUS

EMENTA: A proposta dos Parâmetros curriculares nacionais para a Geometria; A história da geometria na sala de aula; GEOMETRIA ESPACIAL: Representação do Espaço (Localizar um ponto em uma reta, em um plano e no espaço); sistemas de eixo cartesiano; Relações topológicas, Projetivas e Métricas; Conceitos de paralelismo e perpendicularismo; Figuras Sólidas: os poliedros regulares e irregulares – prismas, pirâmides e esferas (características e propriedades). GEOMETRIA PLANA: Figuras planas poligonais e não poligonais; Os triângulos e quadriláteros (características e propriedades). GEOMETRIA DAS TRANSFORMAÇÕES: transformações rígidas e não rígidas, translação, rotação, reflexão e simetria. GEOMETRIA EUCLIDIANA: noções primitivas (ponto, reta e plano), segmento de reta, ângulos (medida, comparação, congruência e classificação), teorema de Tales e teorema de Pitágoras.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Luana Oliveira

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, S.; CARVALHO, J. P.; MILIES, F. C. P. A geometria do globo terrestre; Os três problemas clássicos da matemática grega; A matemática dos códigos de barra. Rio de Janeiro: IMPA, 2015. Disponível em: < <http://www.obmep.org.br/docs/apostila6.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLCE, O.; POMPEO, J. N. Fundamentos de Matemática Elementar, 9: geometria plana. 7. ed. São Paulo: Atual, 1993.

_____. Fundamentos de Matemática Elementar, 10: Geometria espacial. 7. ed. São Paulo: Atual, 1993.

DUVAL, Raymond. Registros de representações semiótica e funcionamento cognitivo da compreensão matemática. In: MACHADO, S. D. A. (Org.). Aprendizagem em matemática: registros de representação semiótica. Campinas: Papirus, 2003. p. 11-33.

_____. Semiós e pensamento humano: registro semiótico e aprendizagens intelectuais. Tradução de Lênio Fernandes Levy e Marisa Rosâni Abreu da Silveira. São Paulo: Livraria da Física, 2009.

LIMA, E. L.; CARVALHO, P. C. P.; WAGNER, E.; MORGADO, A.C. A Matemática do Ensino Médio. Rio de Janeiro: SBM, 1998. v. 1. (Coleção do Professor de Matemática.)

WAGNER, E. Teorema de Pitágoras e Áreas. Rio de Janeiro: IMPA, 2015. Disponível em: <<http://www.obmep.org.br/docs/apostila3.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PIRES, Célia Maria Carolino; CAMPOS, Tania Maria Mendonça. Espaço e Forma: A construções das noções geométricas. São Paulo: PROEM, 2000.

SILVA, Maria Celia Leme; VALENTE, Wagner Rodrigues. A Geometria nos Primeiros Anos Escolares. São Paulo: PAPIRO, 2014

FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA ESCOLAR II: ARITMÉTICA E ÁLGEBRA- 30H – ELE – POLO 23- UESC-UFSB- ILHÉUS

EMENTA:

Conjunto dos números naturais: Propriedades e operações; Mínimo múltiplo comum; Máximo divisor comum; Sistema decimal; Critérios de divisibilidade e multiplicidade; Números primos; O crivo de Eratóstenes. Conjunto dos números inteiros: Propriedades e operações; Paridade; Teorema Fundamental da Aritmética; Algoritmo da divisão; Algoritmo de Euclides; Critérios de multiplicidade e resto. Conjunto dos números racionais: Representações; Propriedades e operações. Conjunto dos números reais: Distinção entre um número racional e um irracional; Propriedades e operações. Dimensões da Álgebra na Educação Básica: Aritmética generalizada; Funcional; Equações; Estrutural. Diferentes usos da letra: Generalização de modelo aritmético; Variável para expressar uma relação funcional; Incógnita; Símbolo abstrato.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus

Professor(es): Maria Margarete do Rosário Farias

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998.

———. Secretaria de Educação Média. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEM, 2000.

———. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. PCN+ Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

COELHO, S. P.; MILIES, C. P.. Números: uma introdução à matemática. 3a. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. v. 1.

DOMINGUES, H. H. Fundamentos de aritmética. São Paulo: Atual, 1991.

DUVAL, R. Registros de representações semiótica e funcionamento cognitivo da compreensão matemática. In: MACHADO, S. D. A. (Org.). Aprendizagem em matemática: registros de representação semiótica. Campinas: Papyrus, 2003. p. 11-33.

———. Semiósio e pensamento humano: registro semiótico e aprendizagens intelectuais. Tradução de Lênio Fernandes Levy e Marisa Rosâni Abreu da Silveira. São Paulo: Livraria da Física, 2009.

———. Ver e ensinar matemática de outra forma: entrar no modo matemático de pensar os registros de representação semiótica. In: CAMPOS, T. M. M. (Org.). Tradução de Marlene Alves Dias. São Paulo: Proem, 2011.

COXFORD, A. F.; SHULTE, A. P. As ideias da álgebra. Tradução: Hygino H. Domingues. São Paulo: Atual, 1995.

DOMINGUES, H. H.; IEZZI, G. Álgebra moderna. São Paulo: Atual, 1999.

DUTENHEFNER, F.; CADAR, L. Encontros de Aritmética. Rio de Janeiro: IMPA, 2015. Disponível em <<http://www.obmep.org.br/docs/apostila1.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

HEFEZ, A. Iniciação à aritmética. Rio de Janeiro: IMPA, 2015. Disponível em <<http://www.obmep.org.br/docs/apostila1.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

MONTEIRO, L. H. Jacy. Elementos de álgebra. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

PIRES, R. F.; MAGINA, S. M. P. A fim de aprender função afim: uma modelação bem sucedida In: A pesquisa em Psicologia e suas implicações para a Educação Matemática. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, v.1, p. 53-88.

THOMPSON, Y. E. Álgebra al alcance de todos. México: Union Tipográfica editorial hispano-Americana, 1949.

FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA ESCOLAR III: TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO - 30H – ELE – POLO 23- UESC-UFSB- ILHÉUS

EMENTA: A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Tratamento da Informação. O papel da Estatística na leitura de mundo e pesquisa científica escolar: o letramento estatístico e as fases do ciclo investigativo (Problema, Planejamento, Dados, Análise e Conclusões). Conceitos básicos: população, amostra, variáveis. Noções de amostragem. Instrumentalização das variáveis. A coleta de dados. O tratamento da Informação: Leitura, interpretação e construção de gráficos e tabelas. Medidas de tendência central (média, moda e mediana), compreendendo seus significados para fazer inferências. Noções básicas de Probabilidade: chance e probabilidade. Construção do espaço amostral utilizando o princípio multiplicativo e o diagrama da árvore. Cálculo da probabilidade de um evento por meio da razão e frequência. Realização de experimentos e simulações para estimar e verificar probabilidades previstas.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Maria Margarete do Rosário Farias

BIBLIOGRAFIA:

BATANERO, C. Didáctica de la Estadística. Granada (Espanha): Universidad de Granada, Grupo de Educación Estadística Universidad de Granada-GEEUG, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAZORLA, I. M.; VITA, A. C. ; SANTANA, Eurivalda R dos ; NEVES, M. R. ; PEIXOTO, J. L. B. ; HORA, G. S. . Metodologia do Ensino da Matemática. 5. ed. Ilhéus: Editus, 2012. v. 1. 175p .

CAZORLA, I. M.; MAGINA, S. M. P.; GITIRANA, V.; GUIMARÃES, G. . Estatística para as séries iniciais do ensino fundamental. 1. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2011. v. 1. 120p.

CAZORLA, I. M.; KATAOKA, V. Y.; SANTANA, E. R. dos S.; CASADEMUNT, M. M.. Planeta Água. 1. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2011. v. 1. 24p .

CAZORLA, I. M. (Org.); KATAOKA, V. Y. (Org.). A Estatística vai à Escola. 1. ed. Itabuna-BA: Via Litterarum, 2011. v. 1. 59p .

CAZORLA, I. M. (Org.); SANTANA, E. R. dos S. (Org.) . Do Tratamento da Informação ao Letramento Estatístico. 1. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2010. v. 1. 160p.

LOPES, Celi Espasandin; COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva e ALMOULOUD, Saddo Ag. (Org.). Estudos e reflexões em Educação Estatística. 1ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

EMENTA: Estudos relativos aos conhecimentos matemáticos para alfabetização e suas implicações em sala de aula; didática relacionada ao ensino de matemática para formação inicial e continuada do professor alfabetizador; os processos de aprendizagem na formação dos conceitos de: número; espaço e forma, tratamento da informação, grandezas e medidas.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Eurivalda Ribeiro dos Santos Santana

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Matemática. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GITIRANA, Verônica; CAMPOS, Tânia; MAGINA, Sandra; SPINILLO, Alina. Repensando Multiplicação e Divisão: Contribuições da Teoria dos Campos Conceituais. São Paulo: PROEM, 2014.

KAMII, Constance. A criança e o número: implicações da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. 10o. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MAGINA, Sandra; CAMPOS, Tânia; NUNES, Terezinha; FERREIRA, Verônica. Repensando Adição e Subtração: Contribuições da Teoria dos Campos Conceituais. São Paulo: PROEM, 2001.

MAGINA, Sandra Maria Pinto, MALASPINA, Maria da Conceição. A Fração nos Anos Iniciais: uma perspectiva para seu ensino In: A Matemática em Sala de Aula. 1 ed. Porto Alegre : Penso Editora, 2012, v.1, p. 89-114.

MAGINA, Sandra; SANTANA, Eurivalda; CAZORLA, Irene; CAMPOS, Tânia. As Estratégias de Resolução de Problemas das Estruturas Aditivas nas Quatro Primeiras Séries do Ensino Fundamental. Zetetike (UNICAMP). , v.18, p.15 - 50, 2010.

MAGINA, Sandra. A pesquisa na sala de aula de matemática das séries iniciais do ensino fundamental: Contribuições teóricas da psicologia. Educar em Revista (UFPR), v.1, p.63 - 76, 2011.

MAGINA, Sandra; MERLINI, Vera; SANTOS, Aparecido. O Raciocínio de Estudantes do Ensino Fundamental na Resolução de Situações das Estruturas Multiplicativas. Ciência e Educação (UNESP. Impresso). , v.20, p.517 - 533, 2014.

NUNES, Terezinha; CAMPOS, Tânia; MAGINA, Sandra; BRYANT, Peter. Educação Matemática: números e operações numéricas. São Paulo: Cortez, 2009.

: PROEM, 2000.

SANTANA. Eurivalda Ribeiro dos Santos. Estruturas aditivas: suporte didático influencia a aprendizagem do estudante? Tese (Doutorado em Educação Matemática). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SERRAZINA, Lurdes; OLIVEIRA, Isolina. Novos professores: primeiros anos de profissão. Quadrante, Revista de Investigação. Vol. XI, n. 2, 2002.

SPINILLO, Alina Galvão; MAGINA, Sandra. Alguns 'mitos' sobre a educação matemática e suas consequências para o ensino fundamental. In: PAVANELLO, Regina Maria (org.) Matemática nas séries iniciais do ensino fundamental: a pesquisa e a sala de aula. São Paulo: SBEM, 2004.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. A matemática na educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco; DINIZ, Maria Ignez; CÂNDIDO, Patrícia. Brincadeiras Infantis nas Aulas de Matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

VERGNAUD, Gerard. Multiplicative conceptual field: what and why? In. Guershon, H. e Confrey, J. (Eds.). The development of multiplicative reasoning in the learning of mathematics. Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1994. p. 41-59.

_____. A Teoria dos Campos Conceituais. In BRUN, J. (Ed.) Didáctica das Matemáticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. A criança, a Matemática e a Realidade: problemas do ensino da matemática na escolar elementar; trad. Maria Lucia Moro. Curitiba: UFPR ed, 2009.

METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA I – 45 H – ELE – POLO 23- UESC- UFSB- ILHÉUS

EMENTA: Esta disciplina se dedica a promover a reflexão do pós-graduando sobre as concepções e práticas de pesquisa científica em Educação Matemática, visando subsidiar a análise de seu projeto e a tomada de decisões sobre: a adequação do problema e métodos propostos; a consistência teórico-metodológica da pesquisa, sua viabilidade e implicações éticas e políticas para a sociedade. Para isto, os estudos realizados são organizados em dois blocos: a) os paradigmas da Filosofia sobre as diversas concepções de ciência, especialmente as ciências humanas; b) características e pressupostos dos métodos de investigação, explorando tanto os métodos voltados para as pesquisas de caráter analítico qualitativo quanto quantitativo.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Célia Barros Nunes

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, V. Introdução à Filosofia. 3a edição. Armênio Amado: Lisboa, 2011.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- BOOTH, W. C. et al. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. *Investigação em Educação Matemática: Percursos teóricos e metodológicos*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FOWLER, F.J.; GROVES, R. M.; COUPER, M. P. Survey Methodology. New York: John Wiley Profession, 2009.
- GIL, A. C. Como elaborar Projetos Pesquisa, 5a edição, Ed. Atlas: São Paulo, 2010.
- GOLDFARB, A. M. História da Ciência. Coleção primeiros passos. 4a edição, São Paulo: Brasiliense, 2004.
- HESSEN, J. Teoria do Conhecimento. 4a edição. Martins Fontes: São Paulo, 2012.
- HUGUES, D. A pesquisa-ação para desenvolvimento local. Tradução de Michel Thiollent, Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- KILPATRICK, J. Fincando estacas: uma tentativa de demarcar a EM como campo profissional e científico. Zetetiké. Campinas, SP: CEMPEM - FE/UNICAMP; v. 4, n. 5, p. 99-120, jan/jun. 1996.
- LOPES, A. R. C. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- LUNA, S. V. Planejamento de Pesquisa. Educ: São Paulo, 2000
- PINTO, N. Tendências e desafios no cenário investigativo da Educação Matemática. http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_27/desafios.pdf. Acesso em 01 mar. de 2014.
- PONTE, J. P.; BROCARD, J.; OLIVEIRA, H. Investigações Matemáticas na Sala de Aula. Autêntica: Belo Horizonte, 2003.
- POPPER, K. O Mito do Contexto. Edição 70: Lisboa, 1996.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23a ed., São Paulo: Cortez, 2007.
YIN, R. K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 3a Edição. Bookman, 2006

METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA II – 45 H – ELE – POLO 23- UESC- UFSB- ILHÉUS

EMENTA: Esta disciplina se dedica a dar continuidade a reflexão do pós-graduando sobre as concepções e práticas de pesquisa científica em Educação Matemática, visando subsidiar a análise de seu projeto e a tomada de decisões sobre: a adequação do problema e métodos propostos; a consistência teórico-metodológicas da pesquisa, sua viabilidade e implicações éticas e políticas para a sociedade. Nesta disciplina, os estudos estão organizados em dois blocos: a) Forma de escrita do artigo e relatório científico; b) características e pressupostos dos métodos de investigação, explorando especificamente a análise dos resultados, seja no âmbito das pesquisas de caráter analítico qualitativo, ou quantitativo. No que tange ao segundo bloco, haverá uma sólida discussão, de caráter teórico e prático, sobre o papel da Estatística na pesquisa científica.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Rogério Fernando Pires

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, V. Introdução à Filosofia. 3a edição. Armênio Amado: Lisboa, 2011.
ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
BOOTH, W. C. et al. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. *Investigação em Educação Matemática: Percursos teóricos e metodológicos*. Campinas: Autores Associados, 2006.
FOWLER, F.J.; GROVES, R. M.; COUPER, M. P. Survey Methodology. New York: John Wiley Profession, 2009.
GIL, A. C. Como elaborar Projetos Pesquisa, 5a edição, Ed. Atlas: São Paulo, 2010.
HUGUES, D. A pesquisa-ação para desenvolvimento local. Tradução de Michel Thiollent, Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
LUNA, S. V. Planejamento de Pesquisa. Educ: São Paulo, 2000
PINTO, N. Tendências e desafios no cenário investigativo da Educação Matemática. http://www.ufrrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_27/desafios.pdf. Acesso em 01 mar. de 2014.
PONTE, J. P.; BROCARD, J.; OLIVEIRA, H. Investigações Matemáticas na Sala de Aula. Autêntica: Belo Horizonte, 2003.
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23a ed., São Paulo: Cortez, 2007.
YIN, R. K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 3a Edição. Bookman, 2006

EMENTA: O objetivo principal desta disciplina é estudar as contribuições e influência das teorias psicológicas na Educação Matemática. A disciplina deter-se-á em dois enfoques: o Behaviorismo e o construtivismo como um contraponto a este. Dentro do primeiro enfoque as ideias de Skinner serão as mais trabalhadas. Já dentro do último enfoque, serão discutidos três pilares da Psicologia da Educação: Ausubel, Piaget e Vygotsky. Salientamos, porém que psicólogos mais recentes, cujos trabalhos voltam-se especificamente para a Educação Matemática, tais como Vergnaud, Duval e Nunes, também serão discutidos para que dessa forma o estudante tenha subsídio para avaliar criticamente os construtos teóricos do construtivismo.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Vera Lúcia Merlini

BIBLIOGRAFIA:

- DUVAL, Raymond. Ver e Ensinar a Matemática de outra forma. São Paulo: PROEM, 2011.
- HESSEN, Jonathan. Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KELLER, P. S. Aprendizagem: Teoria do Reforço. São Paulo: Ed. EPU, 1973
- MOREIRA, Marco,A.; MASINI, E. F.; SALZANO, M. A Aprendizagem Significativa. Brasília: Moraes, 2002
- MORO, Maria Lucia. Construtivismo e Educação Matemática. Educação Matemática Pesquisa, vol. 11 No 1, pp.117-144, 2009.
- NUNES, T.; CAMPOS, T. MAGINA, S. & BRYANT, P. Educação Matemática: números e operações numéricas. São Paulo: Cortez, 2005
- PIAGET, Jean & INHELDER, Barbara. A Psicologia da Criança. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995
- PIAGET, Jean. Epistemologia genética. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- VERGNAUD, G. A Comprehensive Theory of Representation for Mathematics Education. Journal of Mathematical Behaviour. V. 17, N. 2 pp 167-181. 1998
- VERGNAUD, Gerard. Teoria dos Campos Conceituais. In: Brun, J. (dir.) Didactica das Matemáticas. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001
- VYGOTSKY, Lev S. A Construção do Pensamento e da linguagem. Tradução de Bezerra, P. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- VYGOTSKY, L. Psicologia Pedagógica, São Paulo Ed. Martins Fontes, 2004.
- REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES**
- BEZERRA, H. e MEIRA, L. Zona de Desenvolvimento Proximal: interfaces com os processos de intersubjetivação. In Meira, L. e Spinillo A. (orgs.) Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE Ed., 2006.
- BRITO, M. Aprendizagem Significativa e a Formação de Conceitos na Escola. In Brito, M. (Org.) Psicologia da Educação Matemática. Florianópolis: Ed. Insular, p. 69-84, 2001.
- DUVAL, Raymond. Registro de Representações Semióticas e Funcionamento Cognitivo da Compreensão em Matemática, In MACHADO, Silvia Dias Alcântara (Org.) Aprendizagem em Matemática: Registro de Representação Semiótica. Campinas SP: Papirus, 2003. p. 11-33
- MAGINA, S., CAMPOS, T., NUNES, T. e GITIRANA, V. Repensando Adição e Subtração. PROEM . SP. 2001.
- MONTANGERO, J. Piaget ou a Inteligência Emocional. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MOREIRA, M. A. Teorias de Aprendizagem. São Paulo: Ed EPU, 1999
- MOSER, P., TROUT, J. MULDER, D. A Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NUNES, T. How Mathematics Teaching Develops Pupils' Reasoning Systems. ICME 9. Plenary Lectures. pp.14-17. 2000.
- PIAGET, J. The Essential of Piaget. Gruber e Vonèche, Nova York, Ed. Basic Book, 1977

TEORIAS DA DIDÁTICA DA MATEMÁTICA – 60 HORAS– ELE – Polo 23- UESC-UFSB- ILHÉUS (BA)

EMENTA: Esta disciplina visa estudar, discutir e analisar criticamente os principais fundamentos da didática da Matemática, seu ensino, sua aprendizagem e sua epistemologia; a Transposição didática e o Ensino da Matemática; Estudo da Teoria Antropológica do Didático (TSD); Estudo da Teoria de Situações Didáticas (TSD); Estudo da Abordagem Instrumental; Estudo da Teoria de Campos Conceituais (TCC); os erros e a noção de obstáculos epistemológicos; a dialética ferramenta-objeto; Engenharia Didática; Noção de Congruência Semântica; Teoria de Registros de Representação Semiótica.

Proposta por: Polo 23: UESC-UFSB- Ilhéus
Professor(es): Rogério Ferreira

BIBLIOGRAFIA:

- ARTIGUE, M. Épistémologie et didactique. RDM, v. 10, n. 2.3, p. 241-286, 1990.
- ARTIGUE, M. Ingénierie didactique. RDM, v. 9, n. 3, p. 281-308, 1988.
- BACHELARD, I. La formation de l'esprit scientifique. Paris: VRIN. 1975.
- BROUSSEAU, G. Fondements et méthodes de la didactique des mathématiques. RDM. v. 7, n. 2, p. 33-115, 1986.
- BROUSSEAU, G. Les obstacles épistémologiques et les problèmes en mathématiques, RDM, v. 7, n. 2, p. 33-115, 1986.
- BROUSSEAU, G. Le contrat didactique: le milieu. RDM. v. 9, n. 3, p. 309-336, 1988.
- CHEVALLARD, Y. La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1985.
- CHEVALLARD, Y. Le concept de rapport au savoir. Rapport personnel, rapport institutionnel, rapport officiel. Séminaire de Grenoble. IREM d'Aix-Marseille. (1989).
- CHEVALLARD, Y. Concepts fondamentaux de la didactique : perspectives apportées par une approche anthropologique. Recherches en Didactique des Mathématiques, V. 12, n°1, 1992. P. 73-112.
- DOUADY, R. Jeux des cadres et dialectique outil-objet. RDM, v. 7, n. 2, p. 5-31, 1986.
- DUVAL, R. Sémiotique et pensée humaine: registres sémiotiques et apprentissages intellectuels. Berne. Peter Lang SA, 1995.
- LIMA, Camila Macedo ; HENRIQUES, A. ; UTSUMI, M. C. ; CAZORLA, I. M. . Análise praxeológica dos Passeios Aleatórios da Mônica. Bolema. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso) JCR, v. 24, p. 451-472, 2011.
- MACHADO, S. D. A. (Org.) Educação Matemática: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. (Org.). Aprendizagem Matemática. Campinas, São Paulo: PAPIRUS, 2003.
- MAGINA, S., et al. Repensando a Adição e Subtração: Contribuições da Teoria dos Campos Conceituais. 3. ed. São Paulo: PROEM Editora, 2008.
- VERGNAUD, G. A criança, a Matemática e a realidade. Curitiba : Ed. Da UFPR, 2009.
- _____. La théorie des champs conceptuels. RDM, v. 10, n. 2.3, p. 133-170, 1990.
- RABARDEL P. Les Hommes et les Technologies : Approche cognitive des instruments contemporains. Armand Colin Editeur, Paris. 1995.
- RABARDEL, Pierre. Le Mathématicien, le Physicien et le Psychologue: Outils pour le calcul et le traçage de courbes CNDP–DIE – Mars 1995.

**DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 24 -
SALVADOR- FEIRA DE SANTANA- VITORIA DA CONQUISTA
UFBA-UEFS-UFVC**

CONTRIBUIÇÕES DA ETNOBIOLOGIA PARA O ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS – 68H – ELE- Polo 24- Salvador (BA)

EMENTA: Contribuições da etnobiologia para a formação de professores de ciências sensíveis ao diálogo intercultural, o empoderamento e a tomada de decisões a partir do ensino de ciências; Demarcação do conhecimento científico com relação ao conhecimento tradicional, contemplando as dimensões históricas e filosóficas da ciência; Investigação dos conhecimentos tradicionais, produção de materiais didáticos e planejamentos para o ensino de ciências baseadas no diálogo intercultural.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador
Professor(es): Geilsa Costa Santos Baptista

BIBLIOGRAFIA:

- APOSTOLOU, A. e KOULALIDIS, V. Epistemology and science education: a study of epistemological views of teachers. In: Research in Science & Technological Education, v. 28, no 2, 2010, p. 149–166.
- BAPTISTA, G. C. S. A contribuição da etnobiologia para o ensino e a aprendizagem de ciências: estudo de caso em uma escola pública do estado da Bahia. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA-UEFS) em junho de 2007.
- BAPTISTA, G. C. S. Importância da demarcação de saberes no ensino de Ciências para sociedades tradicionais. In: Ciência & Educação, v.16, n0.3, 2010, p. 679-694.
- BAPTISTA, G. C. e EL-HANI, C. N. The contribution of ethnobiology to the construction of a dialogue between ways of knowing: A case study in a Brazilian public high school. In: Science & Education, v. 18, n0 3-4, 2009, p. 503-520.
- BAPTISTA, G. C. S. Do cientificismo ao diálogo intercultural na formação do professor e ensino de ciências. In: Revista Interacções, v. 10, n. 31, 2014, p. 28-53.
- BANDEIRA, F. S. F. Construindo uma epistemologia do conhecimento tradicional: problemas e perspectivas. In: COSTA-NETO, E. M. & SOUTO, F. J. B. (Orgs). Anais do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, p. 109-133.
- BERLIN, B. Ethnobiological classification: principles of categorization plants and animals in traditional societies. Princeton University Press, 1992.
- CAMPOS, M. D.. Etnociências ou etnografia de saberes, técnicas e práticas. In: AMOROSO, M. C. de M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. da. Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. São Paulo: UNESP/CNPQ, 2002, p. 46-92.
- CANAU, V. M. Diálogos entre diferença e educação. CANAU, V. M. (Org.). Educação Intercultural e Cotidiano Escolar. 1ª ed., Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 121-139.

CANEN, A. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. In: Educação & Sociedade, ano XXII, Número 77, 2001, p. 207 a 227.

COBERN, W. W. e LOVING, C. C. Defining science in a multicultural world: Implications for science education. *Science Education*, V. 85, 2001, p. 50-67.

CLÉMENT, D. 1998. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). In: *Journal of Ethnobiology*, 18(2), p. 161-187.

DIEGUES, A. C. e ARRUDA, R. S. V. (Orgs). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

EL-HANI, C. N. Por que a etnobiologia e a etnoecologia são importantes? Uma resposta do ponto de vista da educação. In: COSTA-NETO, E. M. & SOUTO, F. J. B. (Orgs). Anais do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia. Feira de Santana: UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, p. 91-108.

EL-HANI, C. N e MORTIMER, E. F. Multicultural education, pragmatism, and the goals of science teaching. In: *Culture Studies of Science Education*, v. 2, 2007, p. 657-702.

FÁVERO, A. A.; TONIETO, C.; ROMAN, M. F. A formação de professores reflexivos: a docência como objeto de investigação. In: *Educação*, v. 38, n. 2, 2013, p. 277-288.

FERRARI, M. E TAYLOR, R. S. Teach the Demarcation: Suggestions for Science Education. In: Taylor, R. S. & Ferrari, M. (Eds.), *Epistemology and Science Education: Understanding the Evolution vs. Intelligent Design Controversy*, New York: Routledge, 2010.

GIL-PEREZ, D. e CARVALHO, A.M.P. Dificultades para la incorporación a la enseñanza de los hallazgos de la investigación e innovación en didáctica de las ciencias. *Educación Química*, v.11, n.2, 2000, p.244-251.

IRZIK, G. e NOLA, R. A family resemblance approach to the nature of science for science education. In: *Science & Education*, v. 20, n0 7-8, 2011, p. 591-607.

LARSSON, A pluralist view of generalization in qualitative research. *International Journal of Research & Method in Education*, (32), 1, 2009, p.25-38.

LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecologia. In: AMOROSO, M. C. de M. et al (Organizadores). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. São Paulo: UNESP/CNPQ, 2002, p. 31-46.

MATTHEWS, M. History, Philosophy and Science Teaching: The Present Rapprochement, *Science & Education*. 1(1), 11-47, 1992. Traduzido em Caderno Catarinense de Ensino de Física., 12 (13), 1995, 164-214 p.

MEYER, X.; CRAWFORD, B.A. Teaching science as a cultural way of knowing: Merging authentic inquiry, nature of science, and multicultural strategies. In: *Cultural Studies of Science Education*, Vol. 6, 2011, p. 525-547.

NÓVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PERONI, N. Coleta e análise de dados quantitativos em etnobiologia: introdução ao uso de métodos multivariados. In: AMOROSO, M. C. de M.; MING, L. C. e SILVA, S. M. P. (Editores). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. São Paulo: UNESP/CNPQ, 2002, p. 154-180.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. 3a. Edição, Vol. 1, Petrópolis: Vozes/FINEP, 1997, p. 1-15.

POSEY, D.A. 1992. Interpreting and Applying the "Reality" of Indigenous Concepts: what is necessary to learn from the natives?. In: Redford, K.H. & Padoch, C. (eds.). *Conservation of Neotropical Forests: working from traditional resource use*. New York: Columbia University Press, p. 21-34.

RAMÍREZ, T. El rol docente-investigador en Venezuela ¿Mito o realidad? Venezuela: Ed. Núcleo de investigaciones filosóficas del IPC, 1995, 62 p.

SELLES, S. E. et al. Formação Docente em Ciências: Memórias e Práticas. Niterói: Eduff, 2003, p. 11-27.

SCHÖN, D. A. Educando o profissional reflexivo: um novo desafio para a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo da Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SOUTO, F. J. B. Uma abordagem etnoecológica da pesca do caranguejo, *Ucides cordatus*, Linnaeus, 1763 (Decapoda: Brachyura), no manguezal do Distrito de Açupe (Santo Amaro-BA). In: Biotemas, v. 20, nº 1, p. 69-80, 2007.

TOLEDO, V. M. e BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: SILVA, V. A. da; ALMEIDA, A. L. S. de; ALBUQUERQUE, U. P. de (Orgs.). Etnobiologia e etnoecologia pessoas & natureza na América Latina. Recife: NUPEEA, v. 1, 2010, p. 13-36.

TURGUT, H. The Context of demarcation in nature of science teaching: the case of astrology. In: Science & Education, v. 20, nº 5-6, 2011, p. 491-515.

VASCONCELOS, C. dos S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 7a Edição, São Paulo: Libertad, 2000.

Posey, D. A. 1986. Etnobiologia: teoria e prática. Pp. 15-25. In: Ribeiro D. (ed.). Suma Etnobiológica Brasileira. Etnobiologia. Petrópolis, Vozes/Finep.

CURRÍCULO E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 60H– ELE- Polo 24- Salvador (BA)

EMENTA: Estuda as teorias curriculares e sua relação com as práticas pedagógicas e avaliativas realizadas no interior da sala de aula da educação básica.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Luiz Marcio Santos Farias

BIBLIOGRAFIA

APPLE, Michael W. Política cultural e educação. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

APPLE, Michael W. Conhecimento oficial. A educação democrática numa era conservadora. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes.1993.

ARROYO, Miguel G. Currículo: Território em disputa. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes. 2011.

ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes, 2002.

ARROYO, Miguel G. Imagens quebradas. Trajetórias e tempos de alunos e mestres. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes, 2004.

EUGENIO, Benedito G. Práticas curriculares na educação de jovens e adultos. São Paulo: Publit, 2010.

FREITAS, Luiz C. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da Didática. 5.ed. Campinas: Papirus, 2005.

LIMA, C. Licínio. A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica. São Paulo: Cortez, 2001.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. (Orgs). Disciplinas e integração curricular: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. (Série cultura, memória e currículo, v. 2).

LOPES, Alice Cassimiro. Conhecimento Escolar.Ciência e Cotidiano. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999.

MOREIRA, Antonio F.; MACEDO, E. Currículo: práticas pedagógicas e identidades. Porto: Porto Editora, 2002.

_____. (Org.). Currículo: políticas e práticas. Campinas: Papirus, 2001.
 SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
 SACRISTÁN, J. Gimeno. GÓMEZ, A. I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
 _____. (Org) Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: ArtMed, 2013.
 _____. O aluno como invenção. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

DIDÁTICA DA MATEMÁTICA - 68H - ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

EMENTA: O objetivo desta disciplina é estudar os principais conceitos, teorias, métodos e resultados pesquisa em Didática da Matemática. Os tópicos que serão propostos são específicos para este propósito. Os trabalhos nesta disciplina estão centrados no desenvolvimento e aprofundamento de conhecimentos e capacidades na área da Didática da Matemática para Educação Básica e para o Ensino Superior. A disciplina se propõe a construir um primeiro cenário da Didática da Matemática, a partir da análise de seus campos de investigação, de sua articulação com outras ciências e das principais referências de pesquisa internacionais e nacionais. Nesse quadro amplo, a disciplina situará os fundamentos e métodos da pesquisa em Didática da Matemática. Para tal a disciplina apresentará um quadro geral da Didática da Matemática francesa, destacando a abordagem antropológica da Didática da Matemática, a teoria das situações, a dialética ferramenta-objeto, a noção de quadro, a noção de obstáculos e o contrato didático. Conceitos, teoria

, a

Quadro geral da Didática da Matemática francesa, destacando a abordagem antropológica da Didática da Matemática, a teoria das situações, a dialética ferramenta-objeto, a noção de quadro, a noção de obstáculos e o contrato didático.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Luiz Marcio Santos Farias, Maria Auxiliadora Lisboa Moreno Pires

BIBLIOGRAFIA

_____, PUC/SP, 2000.
 AR _____
 _____, v. 10, nº 2.3, p. 241-286, 1990.
 _____, Rio
 Claro: Editora UNESP, 1999.
 Sauvage, vol. 19, nº 1, p. 77-124, 1999.

Balacheff, Martin Cooper, Rosamund Sutherland, Virginia Warfield, Re
, 1998.

CHEVALLARD, Y, JOHSUA, M. A. La transposition didactique.
1991.

CHEVALLARD, Y. et all. . O elo perdido entre o ensino e a aprendizagem.
Artmed Editora Ltda, Porto Alegre, 2001.

-
, Seuil, Coll. Points Poche.

DOUADY, R. Jeux des cadres et dialectique outil-objet. Recherche en Didactiq
, vol 7.2, pp. 5-31. Grenoble. 1986.

7, 1984.

. Lille, Peter Lang, 1995.

-
. Papirus Editora. Campinas. 2003.

-
, PUF

2000.

MACHADO, S. (Org.). Aprendizag
Campinas: Papirus, 2003.

. 1999.

2000.

. Recherches en didactique des
Mathematiques.
, n° 6, vol. 10, n° 2,3, p. 138-170, 1991.

ENSINO DE QUÍMICA, HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA – 68h – ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador (BA)

EMENTA:

, as

ciências, com ênfase nos conceitos adotados pela Química. serão vistas as abordagens epistemológicas da formação dos conceitos científicos sob a ótica da crítica ao empirismo-indutivismo, segundo Allan Chalmers, Karl Popper, Thomas Kuhn e Inre Lakatos, além de uma inserção conceitual nos obstáculos na ótica de Gaston Bachelard.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador
Professor(es): José Vieira do Nascimento Júnior

BIBLIOGRAFIA:

n.10, 1999, p.43-49.

FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS – 68 H – ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador (BA)

EMENTA: Estudo das relações entre pensamento e linguagem, segundo a perspectiva histórico-cultural. Papel do signo no desenvolvimento psicológico humano, como mediador entre homem e natureza. Internalização dos signos: de processo interpsicológico a intrapsicológico. Linguagem exterior e interior. Desenvolvimento do pensamento e da linguagem: sincretismo, complexificação e conceituação. Conceitos espontâneos e científicos. Desenvolvimento e aprendizagem.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador
Professor(es): Edilson Moradillo

BIBLIOGRAFIA:

ANDERY, Maria Amália Pie Abib; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). In: ANDERY, Maria Amália et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1999. P. 395-420.

ENGLES, Friederich. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa 209ualitative em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

TULESKI, Silvana Calvo. Em defesa de uma leitura histórica de teoria vigotskiana. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias; TULESKI, Silvana Calvo; BARROCA, Sonia Mari Shima. Escola de Vigotski: contribuições para psicologia e a educação. Maringá: Eduem, 2009. P. 35-62.

VIGOTSKI, L. S. A Construção do Pensamento e da Linguagem. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FORMAÇÃO DE CONCEITOS QUÍMICOS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-FILOSÓFICA- 60H - ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador**EMENTA:**

, com ênfase nos conceitos adotados pela Química. Serão vistas as abordagens epistemológicas da formação dos conceitos científicos sob a ótica da crítica ao empirismo-indutivismo, segundo Allan Chalmers, Karl Popper, Thomas Kuhn e Inre Lakatos, além de uma inserção conceitual nos obstáculos na ótica de Gaston Bachelard.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): José Vieira do Nascimento Júnior

BIBLIOGRAFIA:

_____: Brasiliense. 1995.
_____: ica Nova na Escola, n.10, 1999, p.43-49.

Pensadores).

_____: Perspectiva. 1979.

_____, S.F. O trabalho experim
_____- SBQ, Campinas, SP, 2006.

_____. Cad. Cat. Ens. Fis., 13, 3, 1996, p.248-273.

MORTIMER, Eduardo Fleury. Linguagem e formação de conceitos no ensino de ciências. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2000.

_____: Cultrix, 2001, 9a ed.

POPPER, Karl. Conjecturas e Refutações. Tradução de Sérgio Bath. 5a ed. Editora da UNB, Brasília, 2008.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA. 68H – ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador (BA)

EMENTA: Análise sócio-histórica da formação do ser humano: o trabalho no seu sentido filosófico e histórico. As três características fundamentais do desenvolvimento do ser social. O trabalho como princípio educativo e sua relação com a teoria do conhecimento. Pressupostos históricos, ontológicos e epistemológicos para o ensino de ciências e seu desdobramento para uma teoria da aprendizagem. Questões contemporâneas do ensino de ciências: aspectos gerais. Mediação didática na perspectiva sócio-histórica: seus fundamentos, relato de experiências e produção de novas alternativas.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Edilson Fortuna de Moradillo

BIBLIOGRAFIA:

ABRANTES, Paulo César Coelho. Imagens de natureza e imagens de ciência. Campinas: Papirus, 1998.

ANDERY, M. A. et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. São Paulo: Espaço e Tempo, 1988.

CHILDE, G. A Evolução Cultural do Homem. 5. ed. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DUARTE, N. Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados. 2001.

DUARTE, N. (Org.). Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005a.

DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DUTRA, Luiz H. A. Introdução à teoria da ciência. Florianópolis: UFSC, 1998.

ENGELS, F. A. Origem da família, da propriedade privada e do estado. Disponível em: <http://www.intersindical.inf.br/formacao/engels/origem_familia_propriedade_privada_estado.pdf>. Acesso em: 10 jan.2006.

FREITAS, L. C. Crítica e organização do trabalho pedagógico e da didática. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006.

HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS FÍSICAS NO SÉCULO XX - 60H – ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador (BA)

EMENTA: Estudo histórico de conjunto do desenvolvimento das ciências físicas no Século XX: física, a astronomia, e a geofísica, além de áreas interdisciplinares nas quais a física tem aplicação. Inovações conceituais fundamentais, as aplicações tecnológicas e científicas, bem como as mudanças na estrutura da profissão, e nas relações entre a ciência e sociedade. Na análise do desenvolvimento dessas disciplinas serão considerados as dimensões relacionadas às teorias, à experimentação e à instrumentação. O programa contemplará o desenvolvimento das ciências físicas no Brasil, no referido período.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Olival Freire Junior, Elder Sales Teixeira, Indianara Lima Silva

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, A. M. R. Físicos, mésons e política: a dinâmica da ciência na sociedade. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BROMBERG, J.L. The Laser in America 1950-1970. Cambridge : The MIT Press, 1991.

BROWN, L. M.; Pais, A.; and Pippard, B. (eds). Twentieth century physics, Volume III, Bristol: Institute of Physics Publishing; New York: American Institute of Physics Press, 1995.

BENSAUDE-VINCENT, B. The construction of a discipline: Materials science in the United States. In: Historical Studies in the Physical and Biological Sciences, 31(2), 223-248, 2001.

BURGOS, M. Ciência na Periferia: a luz síncrotron brasileira. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.

CONWAY, F. & Siegelman, J. Dark hero of the information age: in search of Norbert Wiener, the father of cybernetics. New York: Basic Books, 2005.

AZEVEDO, F. de (org). As ciências no Brasil, 2 vols, 2ª ed., Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

KEVLES, D.J. The Physicists The History of a Scientific Community in Modern America, Vintage Books, New York, 1979.

KOJEVNIKOV, A. Stalin's Great Science: The Times and Adventures of Soviet Physicists. London: Imperial College Press, 2004.

KRAGH, H. Quantum Generations: a history of physics in the twentieth century. Princeton University Press, 1999.

SERRES, Michel. Elementos para uma história das ciências. Lisboa : Terramar, 1996.

Pias, A. Sutil é o senhor : a ciencia e a vida de Albert Einstein. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1995.

PATY, M. La physique du XXe siècle, Paris: EDP, 2003.

EMENTA: Introdução à ciência aristotélica: os tipos de ciências e de explicações em Aristóteles: as ciências teóricas – filosofia primeira (metafísica, teologia), filosofia segunda (física) e matemática; dialética (opinião e heurística) e ciência (dedução e demonstração). Galileu Galilei e a ciência moderna (física galileana e método experimental); as interpretações naturais; a polêmica ciência e fé – Galileu e a Igreja, os processos da Inquisição. Ciência moderna e Revolução Científica: o problema da separação entre fato e valor; a experimentação e a matematização. Panorama das ciências médicas no Brasil e na Euríopa no início do século XIX: as escolas médicas e as influências das concepções aristotélicas (a doutrina hipocrático-galênica dos humores). Panorama das ciências médicas no Brasil e na Europa em meados do século XIX: o método anatomoclínico e a medicina experimental; Louis Pasteur: a controvérsia sobre geração espontânea; o modelo microbiológico (bacteriológico); a medicina experimental.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador
Professor(es): Elder Sales Teixeira

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Ronnie Jorge Tavares de; EL-HANI, Charbel Niño. A medicina como “philosophia social”: Domingos Guedes Cabral e a tese inaugural “Funções do Cerebro” (1875) . REVISTA DA SBHC, v. 5, n. 1, p. 6-33, 2007. BENCHIMOL, Jaime Larry. A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil. Ciência e saúde coletiva, v. 5, n. 2, p. 265-292, 2000. BRITTO, Nara. Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

CARRETA, Jorge Augusto. “O micróbio é o inimigo”: debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904) . Campinas: 2006. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica), UNICAMP. CHRISTIANIDIS, Jean; DIALETIS, Dimitris; GAVROGLU, Kostas. Having a knack for the non-intuitive: Aristarchus's heliocentrism through Archimedes's geocentrism. Historia Scientia, v. 40, , p. 147-168, 2002.

COHEN, H. FLORIS. Reconceptualizing the Scientific Revolution. European Review, Vol. 15, No. 4, p. 491–502, 2007. CUKIERMAN, Henrique Luiz. Manguinhos, outras histórias: a tecnociência em terras brasileiras. Rio de Janeiro, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção).

COPPE, UFRJ. EDLER, Flávio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 9, n. 2, p. 357-385, 2002.

ÉVORA, Fátima Regina R.. Natureza e Movimento: um estudo da física e da cosmologia aristotélicas. Cadernos História e Filosofia da Ciência, Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, , p. 127-170, jan.-jun, 2005. FELDHAY, Rivka. Recent narratives on Galileo and the Church: or the three dogmas of the Counter-Reformation. Science in context, v. 14, s. 1, Galileo in context, , p. 219-237, 2001.

FEYERABEND, Paul. Contra o método. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. FREIRE JR., Olival. Física aristotélica, física medieval e física galileana: ruptura e continuidade. In: Semana de

Filosofia, II, Ilhéus, 2000. Anais. Editus - Editora da UESC, 2000, p. 63-79. GATTI, Hilary. The natural philosophy of Giordano Bruno. *Midwest Studies in Philosophy*, xxv, p. 111-123, 2002.

KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KUHN, Thomas S.. Mathematical versus experimental traditions in the development of physical sciences. In: KUHN, Thomas S.. *The essential tension*. : The University of Chicago Press, 1977, p. 31-65.

LATOUR, Bruno. Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências. In: SERRES, Michel. *Elementos para uma história das ciências*. : Terramar, 1996, p. 49-76.

LATOUR, Bruno. *The pasteurization of France*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

MACHAMER, Peter(ed.). *The Cambridge Companion to Galileo*. : Cambridge University Press, 1998.

MARICONDA, Pablo Rubén. Galileu e a ciência moderna. *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria*, v. 9, n. 16, p. 267-292, 2006.

MARICONDA, Pablo Rubén. O controle da natureza e as origens da dicotomia entre fato e valor. *Scientiae Studia*, v. 4, n. 3, p. 453-472, 2006.

MARICONDA, Pablo Rubén. O Diálogo de Galileu e a condenação. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, s. 3, v. 10, n. 1, p. 77-160, 2000. Martins, Lilian Al-Chueyr Pereira. Pasteur e a geração espontânea: uma história equivocada. *Filosofia e História da Biologia*, v. 4, p. 65-100, 2009.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: UNESP, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia. Antiguidade e Idade Média*, v. 1. São Paulo: Paulus, 1990.

ROBBINS, Louise E. *Louis Pasteur and the hidden world of microbes*. New York: Oxford Univ. Press, 2001.

ROSS, W. D.. *Aristotle*. London: Methuen & Co., 1953.

SCIENCE IN CONTEXT. *Galileo in context*, v. 14, s. 1,, 2001.

SHAPIN, Steven, SCHAFFER, Simon. *Leviathan and the air pump*. Princeton University Press, 1985.

SHAPIN, Steven. *Robert Boyle and mathematics: reality, representation and experimental practice*. *Science in context*, v. 2, n. 1, , p. 23-58, 1988.

SHAPIN, Steven. *The scientific revolution*. University of Chicago Press, 1996.

VACCARO, Daniel Silvio.. *La tensión entre estática y dinámica desde la Antigüedad hasta el Renacimiento*. *Scientia Studiae*, v. 6, n. 4, p. 509-549, 2008

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS - 34H- ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador (BA)

EMENTA: Introdução à ciência aristotélica: os tipos de ciências e de explicações em Aristóteles: as ciências teóricas – filosofia primeira (metafísica, teologia), filosofia segunda (física) e matemática; dialética (opinião e heurística) e ciência (dedução e demonstração). Galileu Galilei e a ciência moderna (física galileana e método experimental); as interpretações naturais; a polêmica ciência e fé – Galileu e a Igreja, os processos da Inquisição. Ciência moderna e Revolução Científica: o problema da separação entre fato e valor; a experimentação e a matematização. Panorama das ciências médicas no Brasil e na Europa no início do século XIX: as escolas médicas e as influências das concepções aristotélicas (a doutrina hipocrático-galênica dos humores). Panorama das ciências médicas no Brasil e na Europa em meados do século XIX: o método anatomoclínico e a medicina experimental; Louis Pasteur: a controvérsia

sobre geração espontânea; o modelo microbiológico (bacteriológico); a medicina experimental.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador
Professor(es): Indianara Lima Silva

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, A. M. R. Físicos, mésons e política: a dinâmica da ciência na sociedade. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BROMBERG, J.L. The Laser in America 1950-1970. Cambridge : The MIT Press, 1991.
- BROWN, L. M.; PAIS, A.; AND PIPPARD, B. (eds). Twentieth century physics, Volume III, Bristol: Institute of Physics Publishing; New York: American Institute of Physics Press, 1995.
- BENSAUDE-VINCENT, B. The construction of a discipline: Materials science in the United States. In: Historical Studies in the Physical and Biological Sciences, 31(2), 223-248, 2001.
- BURGOS, M. Ciência na Periferia: a luz síncrotron brasileira. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.
- CONWAY, F. & SIEGELMAN, J. Dark hero of the information age: in search of Norbert Wiener, the father of cybernetics. New York: Basic Books, 2005.
- AZEVEDO, F. de (org). As ciências no Brasil, 2 vols, 2ª ed., Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.
- KEVLES, D.J. The Physicists The History of a Scientific Community in Modern America, Vintage Books, New York, 1979.
- KOJEVNIKOV, A. Stalin's Great Science: The Times and Adventures of Soviet Physicists. London: Imperial College Press, 2004.
- KRAGH, H. Quantum Generations: a history of physics in the twentieth century. Princeton University Press, 1999.
- SERRES, Michel. Elementos para uma história das ciências. Lisboa : Terramar, 1996.
- PIAS, A. Sutil é o senhor : a ciencia e a vida de Albert Einstein. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1995.
- PATY, M. La physique du XXe siècle, Paris: EDP, 2003.

PLURALISMO CULTURAL E APRENDIZAGEM ESCOLAR EM CIÊNCIAS – 34H– ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

EMENTA: Demarcação e diálogo de saberes no ensino de Ciências. Conceitos de cultura, conhecimento científico e conhecimento cotidiano. Construtivismo contextual e Pluralismo epistemológico como fundamentos para o ensino de Ciências. Trajetória do ensino de ciências no Brasil e sua relação com a diversidade cultural. A sala de aula de Ciências como espaço multirreferencial de aprendizagem. Educação científica como cruzamento de fronteiras. A perspectiva de circularidade entre culturas. Currículo de ciências, aprendizagem da linguagem científica e alfabetização/letramento científico. Movimentos CTSA e Ciência para Todos. Investigação baseada em design didático com foco na promoção da circularidade entre as culturas. Possibilidades de articulação do plano social da sala de aula com o plano social mais amplo. Políticas curriculares voltadas para a educação intercultural.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador
Professor(es): Rosiléia Oliveira de Almeida

BIBLIOGRAFIA

- AIKENHEAD, Glen S. Educação científica para todos. Tradução de Maria Teresa Oliveira. Mangualde, Portugal: Pedagogo, 2009.
- ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Ajofo e alcoometria: as escolas diante das mudanças socioculturais ligadas à produção de cachaça artesanal na microrregião de Abaíra, Bahia, Brasil. *Ciênc. educ.*, Bauru 2012, v.18, n.1, pp. 187-214. ISSN 1516-7313.
- BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Importância da demarcação de saberes no ensino de ciências para sociedades tradicionais. In: *Ciência & Educação*, v. 16, n. 3, p. 679-694, 2010.
- CARTER, Lyn. Sociocultural influences on science education: innovation for contemporary times. In: *Science Education*, v. 92, p. 165-181, 2008.
- CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-74, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a05.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.
- COBB, Paul et al. Design experiments in educational research. *Educational Researcher*, v. 32, n. 1, p. 9-13, jan./fev. 2003.
- COBERN, William W.; LOVING, Cathleen C. Defining science in a multicultural world: implications for science education. In: *Science Education*, New York, v. 85, n. 1, p. 50-67, 2001.
- DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- EL-HANI, C. N.; BIZZO, N. Formas de construtivismo: mudança conceitual e construtivismo contextual. In: *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2002.
- EL-HANI, C. N.; MORTIMER, E. F. Multicultural education, pragmatism and the goals of science teaching. *Cult Stud of Sci Educ.* v. 2, p. 657-702, 2007.
- FIGUEIREDO, Priscila Silva de. A dinâmica discursiva nas salas de aula de ciências: contribuições teóricas e metodológicas para análise da prática de ensino sob a perspectiva do multiculturalismo na educação científica. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciência) - Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2013. p. 21-50.
- FLEURY, Reinaldo Matias (Org.). Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GEORGE, June. Worldview analysis of knowledge in a rural village: implications for science education. *Science Education*, v. 83, p. 77-95, 1999.
- GUIMARÃES, Ana Paula Miranda; MARTINS, C. B. C.; FIGUEIREDO, P. S.; ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Multiculturalismo no ensino de biologia na visão de estudantes de uma escola particular do município de Dias d'Ávila. *Indagatio Didactica*, v. 5, n. 2 p. 750-765, 2013.
- JEGEDE, O. J.; AIKENHEAD, G. S. Transcending cultural borders: implications for science teaching. *Journal for Science & Technology Education*, Normal, Illinois, v. 17, n. 1, p. 45-66, 1999.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.
- PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. 'Conhecimento tradicional' e currículo multicultural: notas com base em uma experiência com estudantes indígenas Kaiowá/Guarani. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 14, n. 3, p. 381-396, 2008.
- PLOMP, Tjeerd; NIEVEEN, Nienke. An introduction to educational design research. Proceedings of the seminar conducted at the East China Normal University, Shanghai, nov. 2007.
- SHAVELSON, Richard J. et al. On the science of education design studies. *Educational Researcher*, v. 32, n. 1, p. 25-28, jan./fev. 2003.

SIEGEL, Harvey. Multiculturalism, universalism, and science education: in search of common ground. *Science Education*, v. 86, p. 803– 820, 2002.

SOUTHERLAND, S. A. Epistemic universalism and the shortcomings of curricular multicultural science education. *Science & Education*, Dordrecht, v. 9, n. 3, p. 289-307, 2000.

TOBIN, K. G. (Ed.). *The practice of constructivism in science education*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993.

PRÁTICAS EXPERIMENTAIS NO ENSINO – 30H – ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

EMENTA: Problemas, formulação de hipóteses testáveis em ambiente escolar. Ciclo da Indagação. Planejamento e elaboração de experimentos simples e de baixo custo. Ensino de Ecologia no Pátio da Escola. Empolgação e engajamento de estudantes. Limitações e vantagens da abordagem a ser empregada. Levantamentos bibliográficos e identificação de fontes fidedignas. Confecção de materiais e execução de experimentos. Interpretação e apresentação dos resultados.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Marcos André Vannier dos Santos

BIBLIOGRAFIA:

ARANGO N., CHAVES M.E., FEINSINGER P. 2002. Guia metodológica para la enseñanza de ecología em el pátio de la escuela. Audubon – Programa para a América Latina y el Caribe.

CASTANHOS Miguel A R B, GÜNER-AKDOGAN, Gül (Editors) *The Researching, Teaching, and Learning Triangle*. 2012, Springer

CUNHA M.I. 1996. Ensino com Pesquisa: a prática do professor Universitário. *Cad. Pesq.* 97: 31-46.

DEMO, P. *Introdução à Metodologia da Ciência*. Ed. Atlas, 1995.

_____. *Pesquisa como processo educativo*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Pesquisa. Princípio Científico e Educativo*. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2002.

_____. *Pesquisa e Construção do Conhecimento*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1994.

FREIBERGER R.M., BERBEL N.A.N. 2010. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. *Cadernos de Educação* 37: 207 – 245.

GAUCH Jr. HG *Scientific Method in Practice*. Cambridge University Press, 2003.

GIL A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

KOSSO Peter *A Summary of Scientific Method*. 2011 Springer.

MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS 2013, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RANKIN Virginia. *The Thoughtful Researcher: Teaching the Research Process to Middle School Students*. 1999, Libraries Unlimited.

SILVA, M. da. VALDEMARIN, V. T. *Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer* (orgs.) Editora UNESP Cultura Acadêmica, 2010.

EMENTA: A Matemática e a Tecnologia como veículos para o diálogo interdisciplinar com as áreas humano-sociais, naturais e experimentais com vistas a refletir a docência. Processos de ensino aprendizagem interdisciplinar. A sala de aula e o seu uso como laboratório de recursos e materiais didáticos e como espaço de formação. A utilização e impacto de materiais didático-tecnológicos interdisciplinares e de ferramentas teórico/metodológicas bem como os fundamentos cognitivos e científicos que os justificam como espaço de formação. Construção e avaliação de propostas didáticas-tecnológicas interdisciplinares que visam dar maior visibilidade da relação Educação Básica e Estudos Superiores, transcendendo os projetos isolados e aprofundando as estratégias educativas.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Benedito Gonçalves Eugênio, Renato Pereira de Figueiredo, Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M.E.B. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias, Série: Pedagogia de projetos e integração de diferentes mídias, Brasília, MEC, SEED, 2003a. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>> Acesso em 25/12/2012.
- ARANHA, G. Jogos Eletrônicos como um conceito chave para o desenvolvimento de aplicações imersiva e interativas para o aprendizado. 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/m31685.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2015.
- FROSI, F. O. e SCHLEMMER, E. Jogos Digitais no Contexto Escolar: desafios e possibilidades para a Prática Docente. IX SBGames – Florianópolis – SC. Proceedings do SB Games, pp. 115 - 122, 2010.
- GODINO, J. D. (2013). Diseño y análisis de tareas para el desarrollo del conocimiento didáctico-matemático de profesores. Recuperado el 25 de noviembre de 2013, de <http://www.jvdiesproyco.es/documentos/ACTAS/1%20Ponencia%201.pdf>
- GUSMÃO, Tânia C.R.S. Desenho de tarefas para o desenvolvimento da cognição e metacognição matemática. In: I Colóquio Internacional Sobre Ensino e Didática das Ciências, Feira de Santana, 2014. p.175-180.
- MATTAR, J. Web 2.0 e Redes Sociais na Educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.
- POCHULU, M. FONT, V. e RODRIGUEZ, M. Criterios de diseño de tareas para favorecer el análisis didáctico en la formación de profesores. In: Actas del VII CIBEM. Montevideo: Uruguai. 2013.
- ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, R. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SÁNCHEZ, G.; VALCÁRCEL, M.V. Diseño de unidades didácticas en el área de Ciencias Experimentales. Enseñanza de las Ciencias, 11 (1), 33-44, 1993.
- SANT'ANA, C C. AMARAL, R. B.BORBA, M.C. O uso de software na prática profissional do professor de Matemática, Ciência & Educação, v.18, n.3, p. 527-542, 2012.
- VIEIRA, K. L. A. S. As contribuições formativas de uma sequência didática para atuação dos pedagogos no ensino da matemática nos anos iniciais. 2015. f. 175. Dissertação de Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores – Universidade Estadual da Bahia – UESB, Jequié.

WALDRIGUES, R. C. G.; PORTELA, M. S.; PINTO, N. B. Jogos como prática matemática da formação de docentes e dos alunos das series iniciais. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 2008, Curitiba PR. VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE II CONGRESSO IBERO AMERICANO. Curitiba PR: Editora Champagnat PUCPR, 2008. p. 4102-4113.

RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO – 68H ELE- Polo 24- UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

EMENTA: A Ciência e a Religião como invenções humanas: Conceitos, diferenças em quanto saberes, origens e formas. A prática científica e a religião na Antiguidade Pré-Clássica e Clássica (a obrigatoriedade de leitura no caso de história da ciência é de apenas um dos títulos). A prática científica e a religião na Idade Média (a obrigatoriedade de leitura no caso de história da ciência é de apenas um dos títulos). A prática científica e a religião na transformação da Era Medieval (a obrigatoriedade de leitura no caso de história da ciência é de apenas um dos títulos). A prática científica e a religião no Renascimento e início da Revolução Científica A prática científica e a religião durante o Empirismo e o Iluminismo (a obrigatoriedade de leitura no caso de história da ciência é de apenas um dos títulos). A prática científica e a religião durante a Revolução Industrial e século XIX (a obrigatoriedade de leitura no caso de história da ciência é de apenas um dos títulos). A prática científica e a religião no século XX. A prática científica e a religião contemporaneamente, diante da revolução científico- tecnológica do final do século XX.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): André Luis Mattedi Dias

BIBLIOGRAFIA

HENSEN, J. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
SCHRECKER, P. La estructura de la civilización. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1975.
HUME, D. História natural da religião. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
TARNAS, R. A epopéia do pensamento ocidental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
SINGER, C. A short history of science. New York: Dover Publications Inc, 1997 .
MASON, S.F. A history of the sciences. New York: Collier Books, 1962.
SANTOS, A. V., BAIARDI, A. e BAIARDI, D.C. História da Ciência: uma abordagem introdutória. Cachoeira: Mestrado em Ciências Sociais, 2010.
RUSSEL, B. História do pensamento ocidental. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
GLEISER, M. Criação imperfeita: cosmo, vida e o código oculto da natureza. Rio de Janeiro: Record, 2011.
BLACKWELL, R. Science, religion and authority: lessons from the Galileo Affair. Milwaukee: Marquette University Press, 1999. BRUNO, G. Sobre o infinito, o universo e os mundos. In: Bruno, Galileu e Campanella. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978.
DIXON, T. Science and religion: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008. MILTON, J. Paradise lost. In: English minor poems, paradise lost, Samson agonistes Areopagitica. Chicago: Encyclopaedia Britannica-Great Books of the Western World, 1952.
DARWIN, C. A origem das espécies. São Paulo: Martin Claret, 2004.
DAWKINS, R. Deus, um delírio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
FALCÃO, W. Frei Beto e Marcelo Gleiser, conversa sobre a fé e a ciência. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

ECO, U. e MARINI, C. M. Em que crêem os que não crêem? Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

HARRIS, S. Carta a uma nação cristã. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KANT, I. Fundamental principles of the metaphysics of moral. New York: Dover, Philosophical Classics, 2005

TEORIAS E MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM DIDÁTICA DA MATEMÁTICA– 60H – ELE- Polo 24- Salvador

EMENTA:

internacionais e naciona

, a

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Luiz Marcio Santos Farias

BIBLIOGRAFIA:

, PUC/SP, 2000.

- , v. 10, nº 2.3, p. 241-286, 1990.

. Rio

Claro: Editora UNESP, 1999.

. Grenoble, La Pe

Sauvage, vol. 19, nº 1, p. 77-124, 1999.

Balacheff, Martin Co

, 1998.

CHEVALLARD, Y, JOHSUA, M. A. La transposition didactique.

1991.

CHEVALLARD, Y. et all. Estudar Matem . O elo perdido entre o ensino e a aprendizagem. Artmed Editora Ltda, Porto Alegre, 2001.

, Seuil, Coll. Points Poche.

DOUADY, R. Jeux des cadres et dialectique outil-objet.
 , vol 7.2, pp. 5-31. Grenoble. 1986.

DUVAL, R. Semios 7, 1984.
 . Lille, Peter Lang, 1995.

. Papirus Editora. Campinas. 2003.

, PUF

2000.

Campinas: Papirus, 2003.

. 1999.

2000.

. Recherches en didactique des
Mathematiques. , n° 6, vol. 10, n° 2,3, p. 138-170, 1991.

EMENTA: Estudos de questões relativas ao ensino e à aprendizagem da Matemática da Escola Básica em seus diversos campos: Geometria, Grandezas e Medidas, Álgebra, Números e Operações e Tratamento da Informação.

Proposta por: Polo 24: UFBA-UEFS-UFVC – Salvador

Professor(es): Gilson Bispo de Jesus

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, J. L. M.. Geometria Euclidiana Plana. Coleção do Professor de Matemática, Sociedade Brasileira de Matemática. Rio de Janeiro: IMPA/VITAE, 1995.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental. 1998.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2008.
- BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Volume 2: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf. Acesso em: 15 fev. 2008.
- CARVALHO, P. C. P.. Introdução à Geometria Espacial. Coleção do Professor de matemática, Sociedade Brasileira de Matemática. Rio de Janeiro: IMPA/VITAE, 1993.
- CHEVALLARD, Y.; BOSCH, M.; GASCÓN, J.. Estudar Matemáticas. O elo perdido entre o ensino e a aprendizagem. Artmed Editora Ltda, Porto Alegre, 2001.
- COELHO, S. P.; MILIES, C. P.. Números: uma introdução à matemática, São Paulo: Edusp, 2000.
- COXFORD, A. F.; SHULTE, A. P.. As idéias da álgebra. National Council of Teachers of Mathematics, Tradução de H. H. Domingues, São Paulo: Editora Atual. 1995.
- NOVAES, D. V.; COUTINHO, C. Q. S.. Estatística para formação profissional. São Paulo: Editora Atlas. 2009.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 25- MACEIÓ/RECIFE/CARUARU - UFAL –UFPE

ENSINO DE ARITMÉTICA E ÁLGEBRA – 60 H- ELE- Polo 25 - UFAL-UFPE – Maceió/Caruaru

EMENTA: Raízes históricas da aritmética e da álgebra elementares: sistemas de numeração e equações polinomiais. A aritmética e a álgebra na educação básica: um pouco de história. A aritmética e a álgebra nos manuais escolares: estudo comparativo de propostas de abordagem por meio da teoria dos registros de representação semiótica. As novas tecnologias e o ensino da aritmética e da álgebra: softwares relevantes e implicações na prática de ensino. A pesquisa sobre o ensino de aritmética e da álgebra na educação básica.

Proposta por: Polo 25: UFAL-UFPE – Maceió

Professor(es): Amauri da Silva Barros, Ediel Azevedo Guerra

BIBLIOGRAFIA:

ABAR, Celina A.A.; IGLIORI, Sonia B.C. Matemática, vol. 4. Coleção A reflexão e a prática no ensino. São Paulo: Blucher, 2012.

FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha. Psicologia da educação matemática: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HEFEZ, Abramo; VILLELA, Maria Lúcia Torres. Polinômios e equações algébricas. Coleção PROFMAT. Rio de Janeiro: SBM, 2012.

LINS, Rômulo Campos; GIMENEZ, Joaquim. Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI. 7 ed. Campinas/SP: Papirus, 2006.

MACHADO, Sílvia. Aprendizagem em matemática: registros de representação semiótica. Campinas/SP: Papirus, 2007.

RIPOLL, J.B; RIPOLL, C.C; SILVEIRA, J.F.P. Números racionais, reais e complexos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

ROQUE, Tatiana. História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SESSA, Carmen. Iniciação ao estudo didático da álgebra: origens e perspectivas. Tradução: Damian Kraus. São Paulo: Edições SM, 2009.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Uma história da matemática escolar no Brasil (1730-1930). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

ENSINO DE GEOMETRIA – 60 H- ELE- Polo 25 - UFAL-UFPE – Maceió/Caruaru

EMENTA: Origem da geometria euclidiana. Fundamentação matemática: transformações geométricas (isometrias e semelhanças); superfícies de curvatura constante e os diferentes tipos de geometria. A teoria van Hiele. A geometria nos manuais escolares: estudo comparativo de propostas de abordagem. As novas tecnologias e o ensino da geometria:

softwares relevantes e implicações na prática de ensino. A pesquisa sobre o ensino de geometria na educação básica.

Proposta por: Polo 25: UFAL-UFPE – Maceió

Professor(es): Amauri da Silva Barros, Ediel Azevedo Guerra

BIBLIOGRAFIA:

ABAR, Celina A.A.; IGLIORI, Sonia B.C. Matemática, vol. 4. Coleção A reflexão e a prática no ensino. São Paulo: Blucher, 2012.

MACHADO, Sílvia. Aprendizagem em matemática: registros de representação semiótica. Campinas/SP: Papirus, 2007.

ONUCHIC, L.; ALLEVATO, N. S.G.; NOGUTI, F. C.H.; JUSTULIN, A.M. Resolução de problemas: teoria e prática. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

ROQUE, Tatiana. História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TENENBLAT, Ketí. Introdução à geometria diferencial. Brasília: editora da UNB, 1990.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Uma história da matemática escolar no Brasil (1730-1930). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

EMENTA: A disciplina visa discutir as práticas internacionais, nacionais e locais aplicadas a Educação Ambiental (EA); A história do movimento ambientalista, com os marcos teóricos no mundo e no Brasil; A necessidade do conhecimento sobre a biodiversidade mundial, brasileira e local; Conceitos e dimensões de sustentabilidade ambiental, considerando a dinâmica dos componentes bióticos, abióticos e antrópicos que compõem o meio ambiente; O contexto sócio-ambiental dos saberes e da cultura envolvendo os patrimônios naturais e culturais; A transversalidade do educador ambiental no contexto de uma educação pós-moderna; Estratégias educativas para vencer desafios pedagógicos; A prática docente com estratégias envolvendo atividades de campo e materiais didáticos direcionados ao desenvolvimento ambiental sustentável. Projetos e Pesquisas em Educação Ambiental.

Proposta por: Polo 25: UFAL-UFPE – Maceió

Professor(es): Hilda Helena Sovierzoski, Monica Dorigo Correia

BIBLIOGRAFIA:

- BORÉM, A. & GIÚDICE, M. Biotecnologia e Meio Ambiente. 2ª ed., CCD, Viçosa, 510p., 2008.
- CHAGAS, J. T. & SOVIERZOSKI, H. H. Um Diálogo Sobre Aprendizagem Significativa, Conhecimento Prévio e Ensino de Ciências. Aprendizagem Significativa em Revista, v. 4, n. 3, p. 37-52, 2014.
- LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. & CASTRO, R. S. (Org.) Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.
- MATA, S. F. (Org.) Educação Ambiental: transversalidade em questão. Rio de Janeiro, MZ Editora, 2000.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente. Identidades da Educação Ambiental Brasileira. / Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p.;
- PEDRINI, A. G. Educação Ambiental. 8ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 292p., 2011.
- PEDRINI, A. G. & SAITO, C. H. Paradigmas Metodológicos em Educação Ambiental. Petrópolis, Ed. Vozes, 278p., 2014.
- OLIVEIRA, A. P. L. & CORREIA, M. D. Aula de Campo como Mecanismo Facilitador do Ensino-Aprendizagem sobre os Ecossistemas Recifais em Alagoas. Alexandria, v. 6, n. 2, p. 163-190, 2013.
- OLIVEIRA, A. P. L.; CORREIA, M. D. & SOVIERZOSKI, H. H. Análise da Exposição sobre as Atividades das Aulas de Campo nos Ecossistemas Recifais. Revista de Educação Ambiental em Ação, v. 49, p.1-16, 2014.
- SATO, M. & CARVALHO, I. Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios. Rio de Janeiro, Artmed, 233 p., 2005.
- SILVA, L. M.; CORREIA, M. D. & SOVIERZOSKI, H. H. Percepção Ambiental sobre os Ecossistemas Recifais em duas diferentes Áreas do Litoral Nordeste do Brasil. Revista de Educação Ambiental em Ação, v. 45, p.1-13, 2013.
- SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P. & FERRARO JUNIOR, L. A. Educação ambiental como política pública. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 285-299, 2005.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 26- PAU DOS FERROS/PATU – UERN

CORPO E SUAS LINGUAGENS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZADO – 45H – ELE – Polo 26 - UERN-Pau dos Ferros (RN)

EMENTA: Diálogos filosóficos e antropológicos acerca das diferentes concepções de corpo e seus pertencimentos. Análise das estruturas de ensino aprendido nas práticas corporais. Imaginário e processos de exclusão e inclusão no ensino. Experiências exitosas e de transformação social com base em práticas educativas.

Proposta por: Polo 26: UERN – Pau dos Ferros
Professor(es): Bertulino José de Souza

BIBLIOGRAFIA:

BERREMAN, G. D. Behind many masks: ethnography and impression management. In: Ethnographic Fieldwork an Anthropological. Reaver. ROBBEN, Antonius and SLUKA, Jeffrey (edited) Boston: Blackwell Publishing, 2010.

BRETON, P. A manipulação da palavra. Tradução Maria Estela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1999.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. Tradução Paulo Neves. Revisão Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Antropologia social. Tradução Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREIRE, J.B. Métodos de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...). In: Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Ademir Gebara...et al. Wagner W. Moreira – Organizador. Campinas: Papirus, 1992. (Coleção Corpo e Motricidade).

LEVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Tradução Chaim S. Katz e Eginardo Pires. 6.ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 2003.

CURRÍCULO, ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE– 45H – ELE – Polo 26 -UERN-Pau dos Ferros (RN)

EMENTA: Concepções e teorias do currículo no pensamento educacional e suas implicações no ensino. Perspectivas teórico-epistemológicas da pesquisa no Campo da Formação docente. Profissionalização, profissionalidade e o profissionalismo docente: aspectos teóricos e práticos. Currículo, a formação e o ensino na sociedade da informação e do conhecimento. Elaboração, desenvolvimento e reflexão de propostas pedagógicas e situação de ensino-aprendizagem.

Proposta por: Polo 26: UERN – Pau dos Ferros

Professor(es): Débora Maria do Nascimento, Maria do Socorro da Silva Batista, Jacicleide Ferreira Targino da Cruz Melo

BIBLIOGRAFIA:

- BRZEZINSKI, I. Profissão professor: identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano, 2002.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROUX, H. A. Os Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre, ArtMed, 1997.
- MOREIRA, A. F. B. (Org.). Currículo: questões atuais. 8. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003.
- RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. Formar o professor profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Ed. Salinas, 2004.
- SACRISTÁN, J. G. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. São Paulo: Vozes, 2005.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. São Paulo: Vozes, 2002.
- VEIGA, I. (Org.). Caminhos da profissionalização do magistério. Campinas, SP: Papirus, 1998.

ENSINO DE LEITURA/LITERATURA E SUAS TECNOLOGIAS – 45H – ELE – Polo 26 -UERN-Pau dos Ferros (RN)

EMENTA: O ensino de literatura e de leitura na Educação Básica. O texto literário na perspectiva da formação do leitor. O uso do texto literário na escola, na sala de aula e na biblioteca. Estratégias do trabalho pedagógico com a leitura na perspectiva da mediação e das Tecnologias da Informação (TICs). Principais pesquisas e projetos internacionais e nacionais, envolvendo área de formação do leitor e suas tecnologias. Elaboração e execução de uma proposta voltada para formação de leitor em espaços formais e não formais.

Proposta por: Polo 26: UERN – Pau dos Ferros

Professor(es): Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Constantin Xypas

BIBLIOGRAFIA:

- BORTONI, Stella Maris (Org.). Leitura e mediação pedagógica. São Paulo, Parábola Editorial, 2012. P. 75 a 121.
- BLOOM, H. Como e por que ler. Trad. José Roberto O'shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CALVINO, Í. Por que ler os clássicos. Trad. Nelson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- CANDIDO, A. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e Cultura, 24(9), 1972, p.803-9.
- COMPANGNON, A. O demônio da teoria: literatura e senso comum. São Paulo: Editora UFMG, 2001.
- COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Sérgio Roberto. Interação e letramento escolar: uma (re)leitura à luz vygotskiana e bakhtiniana. Juiz de Fora: EDUFJF/MUSA, 2000
- GINZBURG, C. O queijo e os vermes. Tradução Mara Betânia; tradução dos poemas José Paulo Paes; São Paulo Companhia das letras, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de.; SANTOS, Joel Rufino dos. Quarto de despejo. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- LEITE, L. C. M. A invasão da catedral: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- MAIA, J. Literatura na formação de leitores e professores. São Paulo: Paulinas, 2007.

MICHELETTI, G. Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção. São Paulo: Cortez, 2000.

PAIVA, A. MARTINS, A. PAULINO, G. VERSIANI, Z. (org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

_____. Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

SILVA, I. M. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

ÊXITO E FRACASSO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO– 30H – ELE – Polo 26 -UERN-Pau dos Ferros (RN)

EMENTA: Êxito e fracasso escolar como categorias sociais relevantes para a pesquisa e o ensino na Educação Básica. Pesquisas e experiências exitosas de alunos de origem popular. Olhar crítico sobre as concepções do senso comum e os preconceitos sobre sucessos e fracassos escolares. Mapeamento de casos exitosos de alunos de origem desfavorecida e o papel específico dos professores.

Proposta por: Polo 26: UERN – Pau dos Ferros

Professor(es): Constantin Xypas, Maria Lúcia Pessoa Sampaio

BIBLIOGRAFIA:

- _____. Per
_____, Natal, v. 47, n. 33, p.36-58,
set./dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao>>
_____. Elementos
_____, RJ: Editora Vozes, 2013.
- _____. Escritos de educação. Tradução de Albert Stuckenbruck. Orgs. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- XYPAS, C. & SANTOS, S. C. M. O sucesso escolar de alunos de origem popular sob o olhar da teoria do reconhecimento social. Ariús. Revista de ciências humanas e artes, v. 20, n. 1, jan./jul. 2014, p. 06-20. Disponível em: www.ch.ufcg.br/arius.
- ANGELUCCI, C.B., KALMUS, J., PAPARELLI, R., PATTO, M.H.S. O estado da arte sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. Educação e pesquisa, v.30, n.1, p. 51-72, jan./abr. 2004.
- ARROYO, M.G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In ABRAMOWICS, A. e MOLL, J. (orgs.) Para além do fracasso escolar. Campinas: Papirus, 1997.
- ARROYO, Miguel G. Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. Em aberto, Brasília, v.17, n.71, p.33-40, jan. 2000.
- BOSSA, Nádia. Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FERRARO, A. Escolarização no Brasil na ótica da exclusão. In: MARCHESI, A. e GIL, C.H. (orgs.). Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004.

EMENTA: Conceitos e bases epistemológicas sobre a linguagem. Objetivos do ensino da língua/linguagem. Análise de documentos oficiais que discutem a produção de texto em contexto de sala de aula. Prática de multiletramento na formação de professores. A relação do ensino e da produção de textos e uso das TICs. Principais pesquisas e projetos internacionais e nacionais, envolvendo área de produção de texto e suas tecnologias. Elaboração de proposta metodológica sobre produção de texto.

Proposta por: Polo 26: UERN – Pau dos Ferros

Professor(es): Crígina Cibelle Pereira, Sylvania Lúcia de Araújo Silva

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/12514/mec-divulga-plano-nacional-de-educacao-2011-2020>. Acesso em: 30 mar. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

_____; GAGNON, R; DECÂNDIO, F. Produção escrita e dificuldade de aprendizagem. Tradução Fabrício Decândio e Anna Raquel Machado. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

ELIAS, V. M. (orgs). Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GUEDES, P. C. Da redação à produção textual: o ensino da escrita. São Paulo: Parábola, 2009.

GERALDI, João Wanderley (orgs). O texto em sala de aula. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (orgs). Gêneros textuais e Ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KLEIMAN, A. B. [et. al.]. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____, A. B. (Org.) Os significados do letramento. São Paulo, Mercado de Letras, 1994.

PERROTA, C. Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RUIZ, E. D. Como corrigir redação na escola. São Paulo: Contexto, 2010.

SABERES DOCENTES E A GESTÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO– 45H – ELE – Polo 26- UERN-Pau dos Ferros

EMENTA: Saberes docentes na relação com o ensinar e o aprender. Sentidos do ensinar e do aprender e sua relação com a gestão do currículo e organização pedagógica do ensino-aprendizagem. O professor reflexivo e pesquisador da própria prática. A formação e o ensino na sociedade da informação e do conhecimento. Elaboração, desenvolvimento e reflexão de situação de ensino-aprendizagem.

Proposta por: Polo 26: UERN – Pau dos Ferros

Professor(es): Débora Maria do Nascimento, Jacicleide Ferreira Targino da Cruz Melo

BIBLIOGRAFIA:

BORGES, Cecília Maria Ferreira. O professor da educação básica e seus saberes profissionais. Araraquara: JM, 2004.

CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido; GUEDIN, Evandro (Org.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 100-117.

SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TACA, Maria Carmem (Org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Alínea, 2006.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Psicologia pedagógica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 27- MOSSORÓ – UERN

A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DO PÓS-ESTRUTURALISMO – 60H – ELE – Polo 27- UERN – Mossoró (RN)

EMENTA: Bases históricas e filosóficas do estruturalismo e do pós-estruturalismo. Contribuições do pós-estruturalismo para a compreensão do processo de organização do ensino e a sua relação com a atividade pedagógica. Abordagem de aspectos históricos, filosóficos e epistemológicos que fundamentam esta abordagem e as suas implicações sobre as práticas educativas que acontecem na sala de aula.

Proposta por: Polo 27: UERN – Mossoró

Professor(es): Jean Mac Cole Tavares Santos, Giovana Carla Amorim Cardoso, Regina Santos Young, Giann Mendes Ribeiro

BIBLIOGRAFIA:

- CORAZZA, Sandra. O que quer um currículo: pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FERRAÇO, Carlos; GABRIEL, Carmem; AMORIM, Antonio (Orgs.). Teóricos e o campo do currículo. Campinas/SP: FE/UNICAMP, 2012.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios. São Paulo: Cortez, 2003.
- GOODSON, I. F. A Construção Social do Currículo. Lisboa: Educa, 1997.
- HYPOLITO, Álvaro; GANDIN, Luís. (orgs). Educação em tempos de incerteza. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOPES, Alice. Currículo e Epistemologia. Ijuí: Unijuí, 2007.
- LOPES, Alice. MACEDO, Elizabeth. Teorias de currículo. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). Currículo: Questões atuais. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Indagações sobre currículo. Brasília: MEC, 2007.
- PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: CRV, 2010.
- SANTOS, Lucíola et al. (Orgs.). Convergências e tensões no campo na formação e do trabalho docente: currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. O Currículo como Fetiche. A poética e a política do texto curricular. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 8.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

AValiação NA/DA ESCOLA: RELAÇÕES POSSÍVEIS – 60H – ELE – Polo 27- UERN – Mossoró (RN)

EMENTA: A história da avaliação na escola e da escola. Estudo da avaliação em sua articulação com os demais componentes do processo de ensino: objetivos, conteúdos, fundamentos teóricos, metodologias, relação professor-aluno; a avaliação em larga escala e os órgãos diretivos; a avaliação como um processo contínuo de análise e acompanhamento do desempenho do aluno e da escola; as práticas avaliativas nos diferentes níveis de ensino; análise e construção de instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Proposta por: Polo 27: UERN – Mossoró

Professor(es): Alessandro Teixeira Nóbrega, Regina Santos Young, Josildo José Barbosa da Silva, André Victor Cavalcanti Seal da Cunha

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Almerindo Janela. Avaliação Educacional – Regulação e Emancipação. 4 Edição. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALARCÃO, Isabel. Professores Reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2010.
- CUNHA, Maria Isabel (org.). Formatos avaliativos e concepção da docência. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- ESTEBAN, Mara Teresa. Escola, Currículo e Avaliação. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREITAS, Luiz Carlos de; SORDI, Mara Regina Lemes de (org.). Avaliação Educacional: Caminhando pela contramão. São Paulo: Vozes, 2009.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa (org.). Avaliação em larga escala: foco na escola. São Leopoldo: Oikos, Brasília: Líber Livros, 2010.
- PRADO, Clarilza e outros. Avaliação do Rendimento Escolar. São Paulo: Papyrus, 1996.
- RABELO, Edmar Henrique. Avaliação. Novos Tempos, Novas Práticas. Rio de Janeiro Ed. Vozes, 1998.
- ROSSI, Vera Lúcia Sabongi. Gestão do projeto Político-Pedagógico. Entre corações e mentes. São Paulo: Moderna, 2000.
- SOBRINHO, Dias José; BALZAN, Cesar Newton. Avaliação Institucional (org.). Teoria e experiências. 4ª Edição. São Paulo: 2008.
- VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Virando a escola do avesso por meio da avaliação. Campinas: Papyrus, 2008.

ENSINO, SABERES, TECNOLOGIAS E MÚLTIPLAS LINGUAGENS – 60H – ELE – Polo 27- UERN – Mossoró (RN)

EMENTA: Tecnologias, múltiplas linguagens e o processo ensino-aprendizagem. Sociedade tecnológica, culturas, escola e saberes: relação entre local e o global. Tecnologia Educacional, linguagens e os processos interdisciplinares de construção do conhecimento no espaço escolar. Linguagens e o uso das diversas tecnologias como subsidio para a pesquisa a formação docente e a promoção de aprendizagem significativa.

Proposta por: Polo 27: UERN – Mossoró

Professor(es): Jean Mac Cole Tavares Santos, Giovana Carla Amorim Cardoso, Alessandro Teixeira Nóbrega, Regina Santos Young, Josildo José Barbosa da Silva, André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, Giann Mendes Ribeiro

BIBLIOGRAFIA:

- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 2012.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975. 150 p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1984
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da práxis. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- KENSKI, Vani. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Petrópolis: Papirus, 2007.
- LOPES, Alice. MACEDO, Elizabeth. Teorias de currículo. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIMENO SACRISTÁN, José. Docencia y cultura escolar: reformas y modelo educativo. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1997.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos, BEHRENS, Marilda. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2003.
- MORIN, Edgar. A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NOVA, Cristiane, ALVES, Lynn (Orgs.). Educação e Tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: Editora da UNEB, 2003.
- ROLDÃO. Maria do Céu. Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor. Portugal: Fundação Manoel Leão, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.
- SAVIANE, Nereide. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas: Autores Associados, 2003.
- WEISZ, Telma e SANCHES, Ana. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.

FORMAÇÃO DOCENTE E INTERDISCIPLINARIDADE – 60H – ELE – Polo 27- UERN – Mossoró (RN)

EMENTA: O trabalho docente frente às exigências do mundo contemporâneo. A docência em contextos escolares e não-escolares. Escola pública, docência e práticas educativas inovadoras. Ciência, tecnologia e formação docente disciplinar e interdisciplinar. História das disciplinas científicas e das instituições de ensino. Formação inicial e continuada de professores. Saberes docentes e identidade profissional.

Proposta por: Polo 27: UERN – Mossoró

Professor(es): Jean Mac Cole Tavares Santos, Giovana Carla Amorim Cardoso, Alessandro Teixeira Nóbrega, Regina Santos Young

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, Nilda. Formação de professores: o pensar e o agir. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- ARROYO, Miguel. Ofício de Mestre. São Paulo: Vozes, 2005.
- BRZEZINSKI, Iria. Profissão Professores: identidade e profissionalização docente. Brasília: Ed. Plano, 2002.
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GERALDI, Corinta; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete. (orgs). Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor. Cortez, 2005.

IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, Antônio. Os professores e sua formação. Portugal: Ed. Porto, 1997.

NÓVOA, Antônio. Profissão Professor. Portugal: Ed. Porto, 1999.

PIMENTA, Selma (coord.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2007.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAMALHO, Betânia; NUÑEZ, Isauro; GAUTHIER, Clemont. Formar o Professor e Profissionalizar o Ensino: perspectivas e desafios. Porto Alegre: Ed. Salinas, 2004.

SILVA, Luiz Heron da (org.). A escola cidadã no contexto da globalização, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TARDIF, Maurice; LEWSSARD, Claude. O Trabalho Docente. São Paulo: Vozes, 2005.

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO – 60H – ELE – Polo 27- UERN – Mossoró (RN)

EMENTA: Estudo da especificidade do ato pedagógico nas suas dimensões básicas do saber, do fazer, do ser e as implicações dessa especificidade na dimensão social e política. Exercício da cidadania dos portadores de necessidades especiais. Cultura, diferenças e diversidade: cidadania e a luta política. A formação dos estigmas: exclusão e inclusão de indivíduos no grupo social. A educação especial no Brasil. Processo ensino aprendizagem: construindo saberes comuns.

Proposta por: Polo 27: UERN – Mossoró

Professor(es): Jean Mac Cole Tavares Santos, Giovana Carla Amorim Cardoso, Alessandro Teixeira Nóbrega, Regina Santos Young, André Victor Cavalcanti Seal da Cunha

BIBLIOGRAFIA:

ANETE Abramowicz; VALTER Roberto Silbério. (Org.). Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. 1. ed. Campinas: Papirus, 2005.

ANTUNES, Katiúscia C. Vargas. Educação inclusiva e acessibilidade: o espaço escolar em questão. Rio de Janeiro: Publit/Feso, 2010.

BUENO, Jose Geraldo Silveira.; MENDES, Genoveva Mendonça.; SANTOS, Roseli. A deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise. Araraquara: JM Comercial, 2008.

GLAT, Rosana. Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2011.

HOFFMANN, J. Avaliar: respeitar primeiro, educar depois. Porto Alegre: Mediação, 2008.

PLETSCH, Márcia Denise; et al. Educação especial e inclusão - escola: reflexões sobre o fazer pedagógico. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

PLETSCH, Márcia Denise. Repensando a inclusão escolar de pessoas com deficiência mental: diretrizes políticas, currículo e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

SILVA, Alberto. Um rio chamado atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SMITH, Deborah Deutsch. Introdução à educação especial. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 28- ASSU – UERN

ENSINO DE LEITURA/LITERATURA E SUAS TECNOLOGIAS – 45H – ELE – Polo 28- UERN - Assu (RN)

DISCIPLINA SIMILAR À DO POLO 26 – Pau dos Ferros

EPISTEMOLOGIA DO ENSINO: IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA – 60H – ELE – Polo 28- UERN - Assu (RN)

DISCIPLINA SIMILAR À DO POLO 16 – Arraias (TO)

LINGUAGEM, LETRAMENTO E ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTO – 45H – ELE – Polo 28- UERN - Assu (RN)

DISCIPLINA SIMILAR À DO POLO 26 – Pau dos Ferros

SABERES DOCENTES E AS ATIVIDADES DE ENSINAR E DE APRENDER NA EDUCAÇÃO BÁSICA – 45H – ELE – Polo 28- UERN - Assu (RN)

EMENTA: O docente e a construção de saberes. Ensinar e aprender como atividades principais do professor e do aluno. Estudo sobre diferentes concepções de aprendizagem e suas implicações na organização do trabalho docente na educação básica. Proposta por: Polo 28: UERN – Assu

Professor(es): Nádia Maria Silveira Costa de Melo, Marlucia Barros Lopes Cabral, Maria da Conceição Farias Silva Gurgel Dutra

BIBLIOGRAFIA:

BORGES, Cecília Maria Ferreira. O professor da educação básica e seus saberes profissionais. Araraquara: JM, 2004.

CABRAL, Marlucia Barros Lopes. Pesquisa colaborativa e prática pedagógica: aprender e ensinar como atividades principais. In: MENDES, B. M. M.; CABRAL, C. L. de O.; MENDES SOBRINHO, J. A. de C.. (Org.). Pesquisa em educação: múltiplos referenciais e suas práticas. 1ed. TERESINA, PI: EDUFPI, 2012, v. II, p. 309-323. ISBN 9788574635040.

CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

PIAGET, J. ; GRECO, P. Aprendizagem e conhecimento. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIMENTA, Selma Garrido; GUEDIN, Evandro (Org.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TACA, Maria Carmem (Org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Alínea, 2006.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, I. S. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 29- FORTALEZA – UFC

BIOLOGIA APLICADA – 96H - ELE- Polo 29 - UFC- Fortaleza (CE)

EMENTA: Correlação da biologia celular com a bioquímica, mecanismos de transporte das membranas biológicas, importância das enzimas regulatórias no metabolismo, absorção e utilização dos nutrientes pela célula, Sinalização celular, funcionamento integrado dos tecidos em condições fisiológicas e patológicas.

Proposta por: Polo 29: UFC- Fortaleza

Professores: Diva Maria Borges-Nojosa, Maria Izabel Gallão, Daniel Cassiano Lima

BIBLIOGRAFIA:

MARCOZZO, A. & TORRES BAPTISTA B. Bioquímica Básica – 2ª Ed. Guanabara Koogan, 2007;
CAMPBELL, M. K. Bioquímica – 3ª edição. Editora Artmed, 2001.

FÍSICA APLICADA – 96 H - ELE- Polo 29 - UFC- Fortaleza (CE)

EMENTA: Mecânica; Transferência de calor; Eletromagnetismo; Conteúdos a serem ministrados com Metodologias diferenciadas.

Proposta por: Polo 29: UFC- Fortaleza

Professores: Diva Maria Borges-Nojosa

BIBLIOGRAFIA:

MIKHAILOV, M. D. & ÖZISIK, M. N. Unified Analysis and Solutions of Heat and Mass Diffusion. CRC Press, FL, USA. 1993.;
LUIKOV, A. Heat and Mass Transfer, Mir Publisher. Moscow. URSS. 1980.;
J. REITZ, F.J. MILFORD & R. W. CHRISTY. Fundamentos da Teoria Eletromagnética, Ed. Campus.;
NUSSENZVEIG, H. Moysés. Curso de Física Básica 4, Ed. Edgard Blücher.;
HECHT, Eugene. Óptica. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
SYMON, Keith R. Mecânica, Ed. Campus; SEARS, F. W. & SALINGER. Termodinâmica, Teoria Cinética e Termodinâmica Estatística, Guanabara Dois; ÖZISIK, M. N. & HILL, Mc Graw. Heat Transfer, A Basic Approach, 1984.;

MATEMÁTICA APLICADA – 96 H - ELE- Polo 29 - UFC- Fortaleza

EMENTA: Modelos Matemáticos em Ciências; Campos de vetores, forças e linhas de fluxo: exemplos extraídos das Ciências. Leis de Conservação. Equações de primeira ordem. Dinâmica de populações: a Matemática da Ecologia. Equações de segunda ordem. Movimentos harmônicos e funções trigonométricas. Exemplos clássicos de modelagem matemática: a equação da onda, equação do calor, equação de Poisson. O princípio da superposição: soluções em série. Aplicações.

Proposta por: Polo 29: UFC- Fortaleza

Professores: Francisco Regis Vieira Alves, José Rogério Santana

BIBLIOGRAFIA:

J. DIEUDONNÉ. A formação da Matemática contemporânea. Presença.;
W.-Y. HSIANG. A concise introduction do Calculus. World Scientific.;
COURANT e ROBBINS. What is mathematics? Oxford University Press.;
H. M. SCHEY. Div, grad, curl and all that. Norton & Co.;
TIKHOMIROV. Stories about maxima and minima. AMS.;
D. STANAT & D. MaCALLISTER, Discrete mathematics in computerr science. Prentice Hall, 1977.;
FRALEIGH, John B. A first course in abstract algebra, Addison-Wesley, 1968; COXETER. Introduction to Geometry. Wiley.;
WEYL, H. Simetria. Edusp.; Scientific American. Gênios da Ciência.

QUÍMICA APLICADA – 96 H - ELE- Polo 29 - UFC- Fortaleza (CE)

EMENTA: Ligações químicas e estrutura molecular, envolvendo elementos representativos e de transição. Química de coordenação e organometálicos: estrutura e reatividade. Química no estado sólido e dos materiais. Aspectos básicos da Química Orgânica: modelos de ligação; grupos funcionais; interações intermoleculares; propriedades físicas; propriedades químicas; Estereoquímica. Reações orgânicas; intermediários reativos; termodinâmica e cinética das reações. Tratar conceitos fundamentais e atuais de Química Inorgânica e Orgânica, com vistas à atualização teórico-prática do professor e à melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem sob sua responsabilidade.

Proposta por: Polo 29: UFC- Fortalezas

Professores: Maria Goretti de Vasconcelos Silva, Maria Mozarina Beserra Almeida;

BIBLIOGRAFIA:

ATKINS, P.W. Química Inorgânica, 3ª edição. São Paulo, ed. Bookman, 2003.;
CLAIDEN, J.; GREEVES, N.; WARREN, S. E WOTHERS, P.; Organic Chemistry. Oxford University Press, 2001.;
McMURRY, J. Química Orgânica. Vol. 1 e 2. 6ª ed. Trad. R. B. de Alencastro. Rio de Janeiro: LTC, 2009.;
SOLOMONS, T.W. Química Orgânica. Vol. 1 e 2. 6ª ed. Trad. Horácio Macedo. Rio de Janeiro: LTC, 2009.; Manual para Atendimento de Emergências com Produtos Perigosos. ABIQUIM/Pró-Química, 4ª Ed. São Paulo, 2002.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 30- SÃO LUIS –UFMA

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA – 60 H - ELE- Polo 30- UFMA- São Luis

EMENTA: Histórico do conceito de alfabetização científica; Alfabetização científica e o currículo de ciências; Habilidades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem no contexto da alfabetização científica; Alfabetização científica na escola básica; As relações CTSA e o processo de alfabetização científica; Avaliação no processo de alfabetização científica.

Proposta por: Polo 30: UFMA- São Luis

Professor(es): Mariana Guelero do Valle, Maria Consuelo Alves Lima

BIBLIOGRAFIA:

- AULER, D. e DELIZOICOV, D. (2001). Alfabetização Científico-Tecnológica Para Quê?, Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, v.3, n.1, junho;
- BINGLE, W.H. e GASKELL, P.J. (1994). Scientific Literacy for Decisionmaking and the Social Construction of Science Knowledge, Science Education, v.78, n.2, 185-201.
- BRANDI, A.T.E. e GURGEL, C.M.A. (2002). A Alfabetização Científica e o Processo de Ler e Escrever em Séries Iniciais: Emergências de um Estudo de Investigação-Ação, Ciência & Educação, v.8, n.1, 113-125;
- CAJAS, F. (2001). Alfabetización Científica y Tecnológica: La Transposición Didáctica Del Conocimiento Tecnológico, Enseñanza de las Ciencias, v.19, n.2, 243-254;
- CARVALHO, A.M.P. e TINOCO, S.C. (2006). O Ensino de Ciências como 'enculturação'. In: Catani, D.B. e Vicentini, P.P., (Orgs.). Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores. São Paulo: Escrituras;
- CHASSOT, A. (2000). Alfabetização Científica – Questões e Desafios para a Educação, Ijuí, Editora da Unijuí; 7)
- DÍAZ, J.A.A., ALONSO, A.V. e MAS, M.A.M. (2003). Papel de la Educación CTS en una Alfabetización Científica y Tecnológica para todas las Personas, Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v.2, n.2;
- GIL-PÉREZ, D. e VILCHES-PEÑA, A. (2001). Una Alfabetización Científica para el Siglo XXI: Obstáculos y Propuestas de Actuación, Investigación en la Escuela, v.43, n.1, 27-37;
- HURD, P.D. (1998). Scientific Literacy: New Minds for a Changing World, Science Education, v. 82, n. 3, 407-416;
- KLEIMAN, A.B. (1995). Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola, In: Kleiman, A.B. (org.), Os Significados do Letramento – Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita, Campinas: Mercado das Letras;
- KRASILCHIK, M. e MARANDINO, M. (2004). Ensino de Ciências e Cidadania, São Paulo, Moderna;
- LAUGKSCH, R.C. (2000). Scientific Literacy: A Conceptual Overview, Science Education, v.84, n.1, 71-94;
- LEMKE, J.L. (2006). Investigar para el Futuro de la Educación Científica: Nuevas Formas de Aprender, Nuevas Formas de Vivir, Enseñanza de las Ciencias, v.24, n.1, 5-12; 14)
- LORENZETTI, L. e DELIZOICOV, D. (2001). Alfabetização científica no contexto das séries iniciais, Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, v.3, n.1, 37-50;

NORRIS, S.P. e PHILLIPS, L.M. (2003). How Literacy in Its Fundamental Sense is Central to Scientific Literacy, *Science Education*, v.87, n.2, 224-240;
ZANETIC, J., (1989). Física Também é Cultura, Tese de Doutorado. São Paulo: FE-USP;
ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS – 30H- ELE- Polo 30- UFMA- São Luis

EMENTA: Fundamentos teóricos para análise e desenvolvimento de recursos didáticos: atividades/materiais de natureza experimental, estratégias e mídias para o ensino de Ciências. Critérios conceituais da experimentação no ensino de ciências e a promoção da prática investigativa em sala de aula; Instrumentalização analítica para organização de trabalhos de campo, feiras de ciências e montagem/manutenção de laboratórios de ciências destinados ao ensino da educação básica; Temas e conceitos unificadores na estruturação do programa de ciências: escolha e organização de meios instrumentais, meios materiais, fontes de busca e questão de linguagem para cotidiano nos recursos didáticos; Avaliação de livros didáticos da educação básica: interação livro didático-professor segundo orientações do Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e os novos paradigmas educacionais. (863 caracteres)

Proposta por: Polo 30: UFMA- São Luis
Professor(es): JOACY BATISTA DE LIMA

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MC/SEF, 1998.
ALVARES, Beatriz Alvarenga. Livro Didático: Análise e Seleção. In: MOREIRA, BARRA, V. M.; LOREZ, K. M. Produção de materiais didáticos de ciências no Brasil, período de 1950 e 1980. *Ciência e Cultura*, v. 38, n. 12, 1986.
FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderly Ferreira da. O livro didático em questão. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
PRETTO, Nelson De Luca. A ciência nos livros didáticos. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp; Bahia: Universidade Federal da Bahia, 1995.
ZABALA, Antoni. Os materiais curriculares e outros recursos didáticos. In: ZABALA, Antoni. A prática educativa – como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.
DELIZOICOV, Demétrio. Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2009.

EDUCAÇÃO CIENTÍFICA COM ENFOQUE CTS (CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE)– 30 H- ELE- Polo 30- UFMA- São Luis

EMENTA: Apresentação das origens do movimento CTS e seus encaminhamentos nas áreas de Ensino e de Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e discutir seus limites e possibilidades no contexto educacional brasileiro. Os conteúdos temáticos envolvem: a origem da abordagem CTS e CTSA; abordagem CTS na pesquisa em ensino; abordagem CTS no contexto educacional brasileiro; pressupostos teóricos da abordagem CTS; teorias pedagógicas e a abordagem CTS; Análise de possibilidades de se trabalhar a abordagem CTS a partir dos currículos oficiais; desenvolvimento e análise de materiais didáticos, paradidáticos, projetos de ensino e outros

inspirados no movimento CTS. Examinar sua diversidade no que se refere ao foco e as intenções educativas e metodologias. Relacionar diferentes campos de conhecimentos à abordagem CTS nos ambientes escolares e as suas relações com a ética e a cidadania.

Proposta por: Polo 30: UFMA- São Luis

Professor(es): Maria Consuelo Alves Lima, Andrea Martins Cantanhede

BIBLIOGRAFIA:

- ANGOTTI, J. A. P. e AUTH, M. A. Ciência e Tecnologia: implicações sociais e o papel da educação. *Ciência & Educação*. v.7, n.1, 2001;
- ANGOTTI, J. A. P.; BASTOS, F. P. e MION, R. A. Educação em Física: Discutindo Ciência, Tecnologia e Sociedade. *Ciência & Educação*. v.7, n.2, 2001.;
- AULER, D. Enfoque Ciência-Tecnologia-Sociedade: pressuposto para o contexto brasileiro. *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.;
- AULER, D. e BAZZO, W. A. Reflexões para a Implementação do Movimento CTS no Contexto Educacional Brasileiro. *Ciência & Educação*. v.7, n.1, 2001;
- LINSINGEN, Irlan Von. Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de ciências sob a perspectiva CTS, *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007a. Não paginado.;
- LINSINGEN, Luana Von. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007b. Não paginado.;
- PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel; SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; BAZZO, Walter Antonio. Ciência, Tecnologia e Sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do ensino médio. *Ciência & Educação*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 71-84, 2007.;
- RICARDO, Elio Carlos. Educação CTSA: obstáculos e possibilidades para sua implementação no contexto escolar. *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.;
- SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. *Ciência & Ensino*, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.;
- TEIXEIRA, P. M. M. A Educação Científica sob a Perspectiva da Pedagogia Histórico - Crítica e do Movimento C.T.S. do Ensino de Ciências. *Ciência & Educação*. v.9, n.2, 2003.
- TEIXEIRA, P. M. M. A. Educação Científica e Movimento C.T.S. no Quadro das Tendências Pedagógicas no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. v3, n1, jan./abr., 2003.;
- TERNEIRO – VIEIRA, C. e VIEIRA, R. M. Construção de Práticas Didático - Pedagógicas com Orientação CTS: impacto de um programa de formação continuada de professores de Ciências do ensino básico. *Ciência & Educação*. v.11, n.2, 2005;
- SOUZA-CRUZ, Sonia Maria; ZYLBERSZTAJN, Arden. O Enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade e a Aprendizagem Centrada em Eventos. In: PIETROCOLA, M. (Org.). *Ensino de Física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora*. Florianópolis: UFSC, 2001. p. 171-196.

EPISTEMOLOGIA DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS – 60 H- ELE- Polo 30- UFMA- São Luis

EMENTA: Fundamentação sobre avaliação no processo de ensino: significado da avaliação na aprendizagem de ciências da natureza. Modelos, critérios e tipos. Conceitos e funções da avaliação. Avaliação diagnóstica, somativa, formativa e participativa. Análise das diferentes perspectivas da avaliação a partir de análises das Leis de Diretrizes e Bases/LDB, Diretrizes Curriculares e Parâmetros Curriculares. O processo de ensino e aprendizagem e os valores qualitativos. Diferentes paradigmas sobre avaliação; Concepções teóricas e a vivência. Conceituando e emprego de: Avaliação da Aprendizagem, de Sistemas e Institucional. Critérios de avaliação para garantir uma proposta educativa de qualidade. Análise das propostas de avaliações em larga escala como Prova Brasil, SAEB, PISA, ENEM e Olimpíadas de física, biologia, química e matemática.

Proposta por: Polo 30: UFMA- São Luis
Professor(es): Andrea Martins Cantanhede

BIBLIOGRAFIA:

AFONSO, A. J.. Avaliação educacional: regulação e emancipação. Para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
HAYDT, R.C.. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 2003.
HOFFMANN, J.M.L. Pontos & Contrapontos: do saber ao agir em avaliação. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
LUCKESI, C.C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 15a. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
ROMÃO, J.E. Avaliação dialógica. Desafios e perspectivas. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
SANT'ANNA, I. M.. Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos. 9ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
SILVA, J.F.; HOFFMANN, J. e ESTEBAN, M. T.. (orgs.) Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. 6ª.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.
VASCONCELLOS, C. S.. Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 18ª. ed. São Paulo: Libertad, 2008.
VIANNA, H.M. Avaliação educacional. Teoria, planejamento, Modelos. São Paulo: IBRASA, 2000.
WERNECK, H. Prova, provão, camisa de força da educação. Uma crítica aos sistemas de avaliação crivada de humor e proposta. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICOS. Conhecimentos e atitudes para a vida: resultados do PISA 2000 –Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (tradução B & C Revisão de Textos S. C. Ltda). 1. Ed. Editora Moderna, 2003.
PROGRAMA DA OCDE PARA AVALIAÇÃO DE ALUNOS - PISA: Itens liberados de Ciências. Instituto Nacional de Estatísticas Educacionais – INEP, Brasília, 2008.

EPISTEMOLOGIA, ENSINO E APRENDIZAGEM DAS MATEMÁTICAS – 60 H- ELE- Polo 30 - UFMA- São Luis

EMENTA: Enfoques teóricos relativos ao processo de Ensino e Aprendizagem no campo da matemática em caráter interdisciplinar com as outras áreas de conhecimento atendendo a perspectiva de interdisciplinaridade e contextualização. Estratégias de ensino adequadas para uma melhor aprendizagem. Influência da escola francesa para o ensino e aprendizagem das

Matemáticas como forma de contribuição ao trabalho docente. Desafios teóricos e práticos que se apresentam atualmente para o ensino das Matemáticas. Análise de conteúdos referente ao Ensino Fundamental e Médio. Pressupostos teóricos de ações pedagógicas voltadas para a formação de conceitos em Matemática a partir de proposta didático-pedagógica desenvolvida no contexto de projetos problematizadores. Livro didático de Matemática: análise de livros de matemática, meios e ambientes alternativos ao livro didático.

Proposta por: Polo 30: UFMA- São Luis

Professor(es): Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques, Dea Nunes Fernandes

BIBLIOGRAFIA:

- BROUSSEAU, Guy. Introdução ao estudo das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino. Trad. Camila Bogéa. São Paulo: Ática, 2008;
- D'AMORE, B. Elementos de didática da matemática. Tradução: Maria Cristina Bonomi. São Paulo: Livraria da Física, 2007;
- DUVAL, R. Registres de représentation sémiotique et fonctionnement cognitif de la pensée. Annales de Didactiques et de Sciences Cognitives, v. 5, p. 37-65, 1993;
- MACHADO, S. D. A. et al. Educação Matemática: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999;
- BAQUEIRO, R. Vigotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998;
- BECKER, F. A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar Porto Alegre: Artmed, 2003;
- CARRETERO, M. Construtivismo e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997;
- CASTORINA et. al. Piaget e Vigotsky. Novas contribuições para o debate. São Paulo: Ed. Ática, 2003;
- COLL, C.; EDWARDS, D. Ensino, Aprendizagem e Discurso em Sala de aula Porto Alegre: ArtMed, 1997;
- DUARTE, N. Vigotsky e o Aprender a Aprender: crítica s apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Ed. Autores Associados, 2000.;
- FREIRE, Paulo Freire. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa;
- MOREIRA, M. A. (2002) A teoria dos campos conceituais da Vergnaud, o ensino de ciências e a pesquisa nesta área. Investigações em Ensino de Ciências, v. 7, n. 1. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/ciencia>>;
- MOREIRA, M.A. (1999). Aprendizagem Significativa. Brasília: Editora da UnB.;
- MOREIRA, M.A. (1999). Teorias de Aprendizagem. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.;
- PIAGET, J. O Nascimento da Inteligência na Criança. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.;
- POZO, J.I. Teorias Cognitivistas da Aprendizagem. Porto Alegre, Artmed, 1998.;
- VIGOTSKY, L.S. A formação social da mente. Martins Fontes, 1984; WEISZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo, Ática, 2003.;
- ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed Editora, 1998.

INFORMÁTICA NO ENSINO DE CIÊNCIA E MATEMÁTICA - 30 H- ELE- Polo 30- UFMA- São Luis

EMENTA: Numa abordagem geral, serão discutidos aspectos da informática e os impactos da tecnologia digital no âmbito educacional, inseridos num breve contexto histórico. Discutir-se-ão aspectos da informática aplicados ao ensino de ciências naturais e da matemática, em relação as formas de uso, interação e desenvolvimento em diversas tecnologias digitais, tais como: internet, vídeos interativos, hipermídias, jogos digitais e objetos de aprendizagem em geral. Discutir-se-á a necessidade de incorporação das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) no campo do ensino, suas consequências para a prática docente e para os processos de aprendizagem, quando será trabalhado o papel da escola frente às novas

tecnologias e a sociedade digital do conhecimento. O estudo fornecerá suportes iniciais para a elaboração de objetos de aprendizagem voltados para o contexto sociocultural

Proposta por: Polo 30: UFMA- São Luis

Professor(es): Joacy Batista De Lima, Silvette Coradi Guerini

BIBLIOGRAFIA:

- GIORDAN, M. Computadores e linguagens nas aulas de ciências. Ijuí: Unijuí, 2008.;
- PRATA, C. L.; 2) NASCIMENTO, A.C.A.A. (orgs.) Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico. Brasília: MEC, SEED, 2007.;
- SANTOS, S.; CRISTINA, H.; HENRIQUE, R.; APARECIDA, M. Produção e Desenvolvimento de Materiais Didáticos Digitais para o Ensino de Química: uma perspectiva formativa . XV ENEQ, 2010.
- TAROUCO, L. M. R.; FABRE, M. J. M.; TAMUSIUNAS, F. R. Reusabilidade de objetos educacionais. CINTED/UFRGS, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2003.
- WILEY, D. Connecting learning objects to instructional design theory: definition, a metaphor, and taxonomy. 2001. Disponível em: <www.reusability.org/read/chapters/wiley.doc>. Acesso em: 11 jun. 2014.
- TAVARES, N. R. B. . A história da informática educacional no Brasil observada a partir de três projetos públicos. Escola do Futuro, São Paulo, 2002.
- FRAIHA-MARTINS, F. ; GONCALVES, T. V. O. . Informática na Educação Matemática e Científica dos Anos Iniciais de Escolaridade: um estudo sobre as pesquisas da área Ensino de Ciências e Matemática. Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Online), v. 14, p. 213-331, 2012.;
- VEEN, W.; VRAKKING, B. Homo Zappiens: educando na era digital. Trad. de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, F. M. P.; PRADO, M. E. B. Projeto pedagógico: pano de fundo para escolha de um software educacional. In: Valente, J. A. (org.). O computador na Sociedade do conhecimento, São Paulo: NIED, p. 87-98, 1999.
- MORAN, J. M. Como utilizar as tecnologias na escola. In: _____. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. 4. ed. São Paulo: Editora Papirus, p. 101-111, 2009.
- MUZIO, J.; HEINS, T.; MUNDELL, R. Experiences with reusable e learning objects: from theory to practice. Victoria, Canadá, 2001.

DISCIPLINAS DOS POLOS DA REGIÃO SUL

REGIÃO SUL: 08 polos

POLO	NUMERO DE DISCIPLINAS	Página
Polo 31 Londrina: UEL/ Universidade Estadual de Londrina (PR)	03	245
Polo 32 Curitiba: UFPR-UTFPR (polo misto)/Universidade Federal do Paraná e Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PR)	06	249
Polo 33 Paranavaí - UNESPAR- IFPR (polo misto)/Univ. Estadual do Paraná e Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia do Paraná(PR)	05	254
Polo 34 Ponta Grossa - UTFPR/Universidade Federal Tecnológica do Paraná (PR)	03	259
Polo 35 Maringá- UEM/ Universidade Estadual de Maringá– (PR)	03	262
Polo 36 Florianópolis 2- UFSC/CAp – Universidade Federal de Santa Catarina (SC)	04	267
Polo 37 Florianópolis 1- IFSC/ Instituto Federal de Educação em Ciência e Tecnologia (SC)	09	271
Polo Pelotas- IFSul/CaVG- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Visconde da Graça (RS)	06	277

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 31- LONDRINA: UEL

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERDISCIPLINARIDADE - 30H- ELE- Polo 31 - UEL- Londrina (PR)

EMENTA: Aspectos da legislação em Educação Ambiental. Métodos e técnicas do ensino de Educação Ambiental. Práticas de ensino de Educação Ambiental Formal e não Formal.

Proposta por: Polo 31: UEL- Londrina

Professor(es): Rosana Figueiredo Salvi; Jeani Delgado Paschoal Moura; Margarida Cássia De Campos; Eloiza Cristiane Torres; Patrícia Fernandes Paula Shinobu

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, D. F. Implementação da Educação Ambiental em escolas: uma reflexão. In: Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 4.out/nov/dez 2000.
- BOFF, Leonardo. A Guerra da Água. Artigo apresentado no 2º Fórum Mundial da Água. 2000.
- CURRIE, K. L. Meio ambiente interdisciplinaridade na prática. Campinas, Papirus, 1998.
- CARTA PACTO DAS ÁGUAS . Microbacia da sanga Mineira. Mercedes. Paraná. 2005.
- CONOCIMIENTOS Y CUIDADOS EM DIÁLOGO.MEMORIA DE ENCUENTRO DE ESPECIALISTAS EM EDUCACIÓNS AMBIENTAL DE LA CUENCA DEL PLATA . Foz do Iguazú, Brasil 29ª 31 de agosto de 2006.
- DIAS, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. São Paulo, Gaia,1992.
- DIAS, G, F. Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental São Paulo: Global-Gaia, 1994.
- DONELLA, Meadows. “Conceitos para se fazer Educação Ambiental” – Secretaria do Meio Ambiente, 1997; EDUCAÇÃO AMBIENTAL MEC, Coordenação “A implantação da Educação Ambiental no Brasil” , 1998.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz eTerra, ed. 11, 1980.
- GASPARIN, João Luiz. Metodologia histórico – crítica: Processo Dialético de Construção do Conhecimento Escolar.DPM/EUM. 2006.
- GUERRA, R. T. GUSMÃO, C. R. C. A implantação da Educação Ambiental numa escola pública de Ensino Fundamental: teoria versus prática. João Pessoa, Anais do Encontro Paraibano de Educação Ambiental 2000 – Novos Tempos. 08-10 nov 2000.
- MOURA, Jeani D. P., et. Al. Práticas em Educação Socioambiental. Londrina, PR: UEL, 2013, v.1. p.488.
- OLIVEIRA, E.M. O Que fazer Interdisciplinar. In: A Educação Ambiental uma possível abordagem.Brasília, Edições IBAMA, 2000.
- PADUA, S.M. TABANEZ, M.F. Educação Ambiental – Caminhos Trilhados no Brasil.1997.
- PERRENOUD, Philippe. Os Ciclos de Aprendizagem. Um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre (Brasil), Artmed Editora, 2004.
- PHILIPPI, Arlindo Jr. PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação Ambiental e Sustentabilidade. Editora Manole, 2005.
- PRONEA.Programa Nacional de Educação Ambiental. Secretaria do Meio Ambiente. 2003.
- SAVIANE, Dermeval. Escola e Democracia. São Paulo, Cortez, 1991.
- SATO, M. Educação Ambiental. São Carlos, Rima, 2002.
- SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. Conceitos para se fazer Educação Ambiental. 1997.

SOUZA, A. K. A relação escola-comunidade e a conservação ambiental.
TORRES, E.C. Um caminho para fazer educação ambiental. Presidente Prudente: edição do autor, 2002.
VASCONCELLOS, H. S. R. A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental. In: PEDRINI, A. G. (org). Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis, Vozes, 1997.

EDUCAÇÃO HUMANISTA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA - 30H- ELE- Polo 31 - UEL- Londrina (PR)

EMENTA: Fenomenologia e Abordagem Humanista em Educação. Experiência e Conhecimento. Imaginação, Pensamento, Sentimento e Linguagem. Dialogicidade e Formação Humanista. Lugar e Sujeito. Existencialismo, geograficidade e espacialidade humana.

Proposta por: Polo 31: UEL- Londrina

Professor(es): Rosana Figueiredo Salvi; Jeani Delgado Paschoal Moura; Margarida Cássia De Campos; Eloiza Cristiane Torres; Patrícia Fernandes Paula Shinobu

BIBLIOGRAFIA:

BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, J. N. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA Jr. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. Qual o Espaço do lugar? Epistemologia e fenomenologia São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-116
BOHN, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 1989.
BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 15 nov. 2014.
BUTTIMMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Christofletti, Antônio (org.) Perspectiva da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.
CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e Educação. In: _____. Fenomenologia e Ciências Humanas. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008. p. 119-152
DARDEL, Eric. O espaço geográfico. In: _____. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Werter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.p. 1-45.
FREIRE, Paulo. A dialogicidade: essência da educação como prática de liberdade. In: _____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 44-69
_____. O compromisso do profissional com a sociedade. In: _____. Educação e Mudança. 34ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.p.17-32.
HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. Revista TERRITÓRIO, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.
MADURO, Otto. A experiência influi em nosso conhecimento? In: _____. Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.25-56
_____. Refletir com calma sobre nosso conhecimento. In: _____. Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.57-86.
_____. Como exprimimos e compartilhamos o conhecimento? In: _____. Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.123-147.
MARANDOLA JR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: _____.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. Qual o Espaço do lugar? Epistemologia e fenomenologia São Paulo: Perspectiva, 2012.p.227-247.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. O mundo-vida: a imaginação e o desenvolvimento da experiência. In: _____. A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes Ltda, 1989. p.79-90.

RICOEUR, Paul. O sentimento. In: _____. Na escola da fenomenologia. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 251-265.

SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA JR.; E. HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.) Qual o espaço do lugar? Epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.69-92.

SERRES, Michel. Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados. (Tradução: Eloá Jacobina). São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Carlos Cardoso. A Educação e sua Dimensão Fenomenológica. In: PEIXOTO, Adão José. (org.) Interações entre Fenomenologia & Educação. Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 77-86.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Edue, 2012.

_____. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

VON ZUBEN, Newton A. A fenomenologia em questão: desafios de um projeto. In: CARVALHO, M.C.M. (org.) Paradigmas filosóficos da atualidade. Campinas: Papirus, 1989.

MODELOS CIENTÍFICOS E A COMPREENSÃO DAS CIÊNCIAS HUMANAS, TECNOLOGIAS E SEU ENSINO - 30H- ELE- Polo 31 - UEL- Londrina (PR)

EMENTA: A teorização nas ciências; o papel dos modelos científicos para a teorização científica; modelos em Ciências Humanas e Tecnologias. Movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade no Ensino de Ciências.

Proposta por: Polo 31: UEL- Londrina

Professor(es): Rosana Figueiredo Salvi; Jeani Delgado Paschoal Moura; Margarida Cássia De Campos; Eloiza Cristiane Torres; Patrícia Fernandes Paula Shinobu

BIBLIOGRAFIA:

AIKENHEAD, G. S. Science-technology-society science education development: from curriculum policy to student learning. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE ENSINO DE CIÊNCIAS PARA O SÉCULO XXI: ACT – Alfabetização em ciência e tecnologia, 1., 1990, Brasília. Atas... Brasília, jun. 1990. Mimeografado.

ANGOTTI, J. A. P.; AUTH, M. A. Ciência e tecnologia; implicações sociais e o papel da educação. Ciência & Educação, Bauru, v. 7, n. 1, p. 15-27, 2001.

AGUIAR JÚNIOR, O. O papel do construtivismo na pesquisa em ensino de ciências. Investigações em ensino de ciências, v. 3, n. 2, Agosto, 1998. Disponível em: <www.if.ufrgs.br/public/ensino/revista.htm>. Acesso em: 21 jan. 2001.

AULER, D.; BAZZO, W. A. Reflexões para a implementação do movimento CTS no contexto educacional brasileiro. Ciência & Educação, Bauru, v. 7, n. 1. p. 1-13, 2001.

BARNES, T. J. The place of Locacional Analysis: a selective and interpretative history. Progress in Human Geography. v27, n1, 2003. p.69-95.

DUTRA, Luiz Henrique. de A. Os modelos e a pragmática da investigação. Scientiae Studia, V. 3, n. 2, p. 205-232, 2005.

HAZEN, R. M.; TREFIL, J. Saber ciência. São Paulo: Cultura, 1995.

JUSTI, Rosária. La enseñanza de ciencias basada en la elaboración de modelos. Enseñanza de las ciencias, V. 24, n. 2, p. 173-184, 2006.

LUJÁN LÓPEZ, J. L. et al. *Ciencia, tecnología y sociedad: una introducción al estudio social de la ciencia y la tecnología*. Madrid: Tecnos, 1996.

MENEZES, L. C. de. et al. A formação dos professores e as várias dimensões da educação para as ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 1., 1997, Águas de Lindóia. Atas... Águas de Lindóia, 1997. p. 308-314.

MORTIMER, E. F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? *Investigações em ensino de ciências*, v. 1, n.1, abril, 1996. Disponível em: <www.if.ufrgs.br/public/ensino/revista.htm>. Acesso em: 21 jan. 2001.

MORGAN, Mary S.; MORRISON, Margaret. *Model as Mediators: perspectives on natural and social science*. Cambridge University Press, New York, 1999.

NARDI, R. (Org.). *Questões atuais no ensino de ciências*. São Paulo: Escrituras, 1998.

PINO, Germán G. *Enfoque Semántico de las Teorías Estructuralismo e Espacio de Estados: Coincidencias y Divergencias*. Madrid, 2003. Tese (Doutorado em Filosofia da Ciência) - Faculdade de Filosofia da Universidade Complutense de Madrid, Madrid. Disponível em: <<http://eprints.ucm.es/4791/>>. Acesso em: 15 setembro 2009.

ROSENBERG, Alex. *Philosophy of science: a contemporary introduction*. 2ª Ed. Routledge, 2005.

SANTOS, M. E. Encruzilhadas de mudança no limiar do século XXI: co-construção do saber científico e da cidadania via ensino CTS de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2., 1999, Valinhos. Atas... Valinhos, 1999.

SALVI, Rosana Figueiredo. *Análise da teoria nos estudos geográficos: um ensaio*. Anais do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico. ISBN: 978-85-7078-180-2. 2008. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/coloquio/textos/SALVI,%20Rosana%20Figueiredo.pdf>>. Acesso em: 21/10/2009.

STRAUSSFOGEL, D. *World-Systems Theory: toward a heuristic and pedagogic conceptual tool*. *Economic Geography*. v.73, n1, 1997. p. 118-130.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 32- CURITIBA UFPR-UTFPR

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO - 60H- ELE- Polo 32 - UFPR-UTFPR- Curitiba (PR)

EMENTA: Direitos de Aprendizagem. Alfabetização, letramento e educação matemática. Alfabetização matemática. Educação matemática e os saberes escolares. O contextual, o lúdico e a resolução de problemas na alfabetização matemática. Sistema de Numeração Decimal e materiais didáticos. O raciocínio lógico e a argumentação oral e escrita.

Proposta por: Polo 32: UFPR-UTFPR- Curitiba

Professor(es): Carlos Roberto Vianna, Emerson Rolkouski, Neila Tonin Agranionih

BIBLIOGRAFIA:

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAZERMAN, Charles. Gêneros Textuais, Tipificação e Interação. São Paulo: Cortez, 2005.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, 2002, fev. n.19 p.20 - 28.
- BORBA, M. C.; MALHEIROS, A. P. S.; ZULATTO, R. B. A. Educação a Distância online. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. Informática e Educação Matemática. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- CHATEAU, J. O Jogo e a Criança. Summus Editora, 1984.
- EVES, Vanessa Ferraz Almeida; CASTANHEIRA, Maria Lúcia; GOUVEA, Maria Cristina Soares. O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil brincadeiras diferentes. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 215-244, Mar. 2015.
- FIorentini, D.; LORENZATO, S. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2012.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008;
- KALINKE, M. A. Internet na Educação: quando, como, onde e porquê. Curitiba: Editora Chain, 2003.
- LINS, R. C. e GIMENEZ, J. Perspectivas em Aritmética e Álgebra para o século XXI. Campinas, S.P: Papirus, 1997. Coleção Perspectivas em Educação Matemática.
- PRATA, C. L.; NASCIMENTO, A.C.A.A. (orgs.) Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico. Brasília: MEC, SEED, 2007.
- SELVA, Ana Coelho Vieira; BORBA, Rute Elizabete de Souza. O uso da calculadora nos anos iniciais do ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SKOVSMOSE, Ole. Educação matemática Crítica: a questão da Democracia. Campinas: Papirus, 2001.
- VIANNA, C. R., ROLKOUSKI, E. (Orgs.) . Material de Formação de Matemática do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica, 2014. v. 13. 1096p

AS CIÊNCIAS, AS LINGUAGENS E SEUS CÓDIGOS NO ENSINO FUNDAMENTAL 1- 60H- ELE- Polo 32 - UFPR-UTFPR- Curitiba (PR)

EMENTA: Direitos de Aprendizagem. Aquisição de Linguagem e as áreas de conhecimento. Usos de Linguagem e construção de experiências nas artes e demais práticas escolares. Leitura, produção de texto e literatura no Ensino Fundamental 1. O Sistema de Escrita Alfabética e o Sistema de Numeração Decimal. Argumentações e práticas científicas.

Proposta por: Polo 32: UFPR-UTFPR- Curitiba

Professor(es): Neila Tonin Agranionih, Tania Teresinha Bruns Zimer, Viviane Do Rocio Barbosa

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil - gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2010.
- ALMEIDA, R. D. de. O Espaço Geográfico. Ensino e Representação. 8a ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.
- CANDAU, Vera Maria (org.). Diferenças culturais e Educação. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- CASTELLAR, S. (org). Educação geográfica: teorias e práticas. São Paulo: Contexto, 2005.
- CASTRO, I. E. et al (orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 2000.
- QUADROS, Ronice Muller de (Org.) ; Vasconcellos, M. L. B. de (Org.) . Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. v. 1. 407p .
- ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (orgs.). A criança de 0 a 6 anos e a Educação infantil; um retrato multifacetado. Canoas, 2001. p. 214-230.
- SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Alfabetização Científica: uma revisão bibliográfica. Investigações em Ensino de Ciências – V16(1), pp. 59-77, 2011.
- SILVERMAN, D. Interpretação de dados qualitativos – métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.
- W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático. Petrópolis: Vozes: 2012.

CURRÍCULO INTEGRADO PARA A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I- 45H- ELE- Polo 32 - UFPR-UTFPR- Curitiba (PR)

EMENTA: Currículo integrado. Interação e cooperação para o enriquecimento das disciplinas do ensino fundamental e para a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes. As práticas pedagógicas e o uso das novas tecnologias na interdisciplinaridade. Planejamento, avaliação e as relações didáticas no contexto dos projetos interdisciplinares.

Proposta por: Polo 32: UFPR-UTFPR- Curitiba

Professor(es): Professores: Marielda Ferreira Pryjma e Marcus Vinicius dos Santos Kucharski

BIBLIOGRAFIA:

- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Temas transversais: pedagogia de projetos e as mudanças na educação. São Paulo: Summus, 2014.
- BASSIT, Ana Zahira (Org.). O interdisciplinar: olhares contemporâneos. São Paulo: Factash, 2010.
- CANDAU, Vera Maria. Didática crítica intercultural. Aproximações. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: História, Teoria E Pesquisa. Campinas, SP.: Papirus Editora, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- JONNAERT, Philippe; BORGHT, Cécile Vander. Criar condições para aprender. O sociocontrutivismo na formação do professor. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013.

**PROJETO, PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE - 60H- ELE-
Polo 32 - UFPR-UTFPR- Curitiba (PR)**

EMENTA: Fundamentos teóricos para metodologias ativas de ensino. O contextual, o lúdico, a resolução de problemas e projetos no Fundamental 1. Projeto de Materiais Didáticos de acordo com as necessidades e possibilidades dos alunos. Materiais alternativos e produção em escala de materiais didáticos. Avaliação de materiais didáticos de acordo com suas propostas de uso no Ensino Fundamental 1.

Proposta por: Polo 32: UFPR-UTFPR- Curitiba

Professor(es): Neila Tonin Agranionih, Tania Teresinha Bruns Zimer, Silvia Andreis Witkoski

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOWICZ, A, LEVCOVITZ, D., RODRIGUES, T. Infâncias em Educação Infantil. Revista Pró-Posições. UNICAMP: v.20, n.3(60), set./dez. 2009.
- FREITAS, Olga. Equipamentos e materiais didáticos. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- HERNANDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- SANTOS, S. M. P. (org.) Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos. Petrópolis -RJ, Vozes, 1998.
- SANTOS. Santa Marli Pires dos. A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- TONINI, I. M., KAERCHER, N. A. (Org.). Produção de Material Didático para Diversidade. Edição do autor. 2013. v. 1. 194p

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PRÁTICA ESCOLAR - 60H- ELE- Polo 32 - UFPR-UTFPR- Curitiba (PR)

EMENTA: Aborda as categorias conceituais (tecnologias, redes sociais) considerando a sua inserção e aplicação no campo da educação, articulando-as com as demais áreas de conhecimento. Destaca aspectos relativos à gestão da educação nos níveis da administração central e setorial, dos sistemas e unidades de ensino (escolas), com ênfase no desenvolvimento e utilização das tecnologias nos ambientes educacionais e redes sociais com ênfase na dinâmica e complexidade contemporânea.

Proposta por: Polo 32: UFPR-UTFPR- Curitiba

Professor(es): Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo e Oséias Santos de Oliveira

BIBLIOGRAFIA:

CASTRO, C. M. Educação na Era da Informação. Rio de Janeiro: Banco Interamericano de Desenvolvimento: UniverCidade, 2001.

FERREIRA, António; MEIRINHOS, Manuel. Utilização de quadros interactivos multimédia numa escola do ensino básico. In: _____. Conferência ibérica: inovação na educação com TIC. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, 2011, p. 337-351.

FIALHO, Nadia Hage, NOVAES, Ivan Luiz. Sistemas de ensino e inclusão social: o papel das redes de cooperação e aprendizagem. In: HETKOWSKI, Tânia (Org.). Políticas Públicas de Inclusão Digital. ed. Salvador : EDUFBA, 2008.

HETKOWSKI, Tânia Maria. Inclusão sociodigital: da teoria à prática. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. Coleção Papirus Educação.

LEITE, Lígia Silva (org.). Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. 6ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2003.

LIMA JR, Arnaud Soares de. O impossível da Comunicação e a metáfora da linguagem: uma compreensão alternativa da relação entre as Tecnologias de Informação e Comunicação e os Processos Formativos tecida no contexto profissional IN AMORIM, Antônio; LIMA JR, Arnaud; MENEZES, Jaci (Orgs). Educação e Contemporaneidade: processos e metamorfoses. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

LIMA JR. Arnaud Soares. A escola no contexto da TIC: do dialético ao virtual. Salvador: EDUNEB, 2007.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 16a ed. Campinas: Papirus, 2009.

SEABRA, C. Tecnologias na escola. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. Disponível em: https://www.institutoclaro.org.br/banco_arquivos/Cartilha.pdf

TEORIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS - 30H- ELE- Polo 32 - UFPR-UTFPR- Curitiba (PR)

EMENTA: Concepções contemporâneas sobre aprendizagem. Desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança de 6 a 10 anos. Metacognição. Fatores interferentes no processo de aprendizagem.

Proposta por: Polo 32: UFPR-UTFPR- Curitiba

Professor(es): Maria Silvia Bacila Winkeler e Flavia Dias de Souza

BIBLIOGRAFIA:

- COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. Desenvolvimento Psicológico e Educação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GARDNER, Howard. Cinco mentes para o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GUIMARÃES, Sandra Regina Kirchner; STOLTZ, Tania (Orgs.). Tomada de consciência e conhecimento metacognitivo. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- ILLERIS, Knud. Teorias contemporâneas da aprendizagem. Porto Alegre: Penso, 2013
- LAFORTUNE, Louise; SAINT-PIERRE; Lise. A afectividade e a metacognição na sala de aula. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- PORTILHO, Evelise Maria Labatut. Como se aprende?: estratégias, estilos e metacognição. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011
- POZO, Juan Ignacio. Aprendizes e mestres. A nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- STERNBERG, Robert. Psicologia cognitiva. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 33- PARANAÍ - UNESPAR- IFPR

DIDÁTICA E NOVAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO DE QUÍMICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA- 60H- ELE- Polo 33 - UNESPAR-IFPR- Paranavaí (PR)

EMENTA: Estudos sobre os recursos didáticos para a utilização de tecnologias aplicadas ao ensino de Química na educação básica.

Proposta por: Polo 33: UNESPAR-IFPR – Paranavaí

Professor(es): Lucila Akiko Nagashima, Denis Fabrício Marchi, Carlos Eduardo Barão.

BIBLIOGRAFIA:

BELLOTI, S., H., A., FARIA, M., A., Relação professor/aluno. Saberes da educação. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 – 2010. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNlrev_Trevisan_e_Martins.pdf

BENITE, C.R.M. Avaliação de Tecnologias Educacionais no Ensino de Química em Nível Médio. Monografia (Especialização no Ensino de Ciências). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em [http://www.nebad.uerj.br/publicacoes/monografias/tecnologias_educacionais_ensino_q](http://www.nebad.uerj.br/publicacoes/monografias/tecnologias_educacionais_ensino_quimica.pdf)
uimica.pdf

GONÇALVES, F.P; GALIAZZI, M.C. A natureza das atividades experimentais no ensino de Ciências: um programa de pesquisa educativa nos cursos de Licenciatura. In: MORAES, R.; MANCUSO, R., Educação em Ciências- Produção de Currículos e Formação de Professores, Ijuí: Unijuí, 2004, p.237-252.

GONÇALVES, F. P. et al Como é ser professor de química: histórias que nos revelam. In: IV Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que fazem Investigação na sua Escola, 2005. UNIVATES, Lageado – RS. Disponível em

<http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho086.pdf>. 197 I JORNADA DE DIDÁTICA - O ENSINO COMO FOCO I FÓRUM DE PROFESSORES DE DIDÁTICA DO ESTADO DO PARANÁ ISBN 978-85-7846-145-4

GONZÁLEZ, J.F.; ESCARTÍN, N.E.; GARCÍA, J.F.R.; JIMENÉZ, T.M. (1999). ¿Cómo hacer unidades didácticas innovadoras? Sevilla: Díada Editora. Colección Investigación y Enseñanza, 1999.

HODSON, D. Hacia un enfoque más crítico del trabajo de laboratorio. Enseñanza de las Ciencias, 12 (3), 299-313, 1994. LIMA, M.E.C.C. Formação continuada de professores de química. Química Nova na Escola. n.4, 1996. Disponível em <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc04/relatos.pdf>.

LOBATO, A., C., A abordagem do efeito estufa nos livros de química: uma análise crítica. Monografia de especialização. Belo Horizonte, 2007, CECIERJ.

NUNES, A. S. ; Adorni, D.S . O ensino de química nas escolas da rede pública de ensino fundamental e médio do município de Itapetinga-BA: O olhar dos alunos.. In: Encontro Dialógico Transdisciplinar - Enditrans, 2010, Vitória da Conquista, BA. - Educação e conhecimento científico, 2010.

PENIN, S.T.S. Didática e Cultura: O Ensino Comprometido com o Social e a Contemporaneidade. In: CASTRO, A.D.; CARVALHO, A.M.P. (org). Ensinar a Ensinar – Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2001.

PREDEBON, F., PINO, J., C., Uma análise evolutiva de modelos didáticos associados às concepções didáticas de futuros professores de química envolvidos em um processo de intervenção formativa. Investigação em ensino de ciências. Vol. 14(2), pp. 237-254, 2009.

QUADROS, A.L; BARROS, J.M. Formação Continuada: Compromisso de Todos. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004. Disponível em <https://www.ufmg.br/congrext/Educa/Educa93.pdf>.

ROLISOLA, A.M.C.M. Projeto de Ensino de Química: “A Química da Limpeza”. Limeira-São Paulo, 2004. Disponível em <http://gpquae.igq.unicamp.br/quimlimp.pdf>.

198 I JORNADA DE DIDÁTICA - O ENSINO COMO FOCO I FÓRUM DE PROFESSORES DE DIDÁTICA DO ESTADO DO PARANÁ ISBN 978-85-7846-145-4 SILVA, L.H.de A.; ZANON, L.B. A experimentação no ensino de Ciências. In: SCHNETZLER, R.P.; ARAGÃO, R.M.R. Ensino de Ciências: Fundamentos e Abordagens. Piracicaba: CAPES/UNIMEP, 2000. 182 p.

SILVA, O.S. A interdisciplinaridade na visão de professores de química do ensino médio: concepções e práticas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2008. Disponível em <http://cienciaematematica.vivawebinternet.com.br/media/dissertacoes/81af424815b46cd.pdf>.

TREVISAN, Tatiana Santini e MARTINS, Pura Lúcia Oliver. A prática pedagógica do professor de química: possibilidades e limites. UNIrevista. Vol. 1, nº 2 : abril, 2006.

FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA E FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA - 60H- ELE- Polo 33 - UNESPAR-IFPR- Paranavaí (PR)

EMENTA: Instrumentalização e utilização de ferramentas tecnológicas para o ensino de Matemática e Física na educação básica.

Proposta por: Polo 33: UNESPAR-IFPR – Paranavaí
Professor(es): Shalimar Calegari Zanatta; Tânia Marli Rocha Garcia.

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, C. B. Modelagem matemática: concepções e experiências de futuros professores. Tese (doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro: 2001.

BASSANEZZI, R. C. Ensino – aprendizagem com modelagem matemática: uma nova estratégia. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

BIEMBENGUT, Maria Salett, HEIN, Nelson. Modelagem Matemática No Ensino. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BURAK, D. Modelagem matemática: ações e interações no processo de ensino e aprendizagem. Tese (doutorado educacional). Faculdade de Educação. Universidade de Campinas – Unicamp. Campinas, 1992.

CAVALCANTE M. A. e TAVOLARO C. R. C. Uma oficina de Física Moderna que vise a sua inserção no ensino médio. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v. 21, edição especial: p. 372-389, nov.2004.

GASPAR, A. Física. Volume único, 1º edição, 2º impressão. Editora Ática, 2003.

MENESES, L.C., Uma Física para o Novo Ensino Médio. Física na Escola. v. 1, n.1, p.7, out. 2000.

OSTERMANN, F.; MOREIRA, M. A. Uma revisão bibliográfica sobre a área de pesquisa "física moderna e contemporânea no ensino médio". Investigações em Ensino de Ciências, v. 5, n. 1, mar. 2001

GASPAR, A. Experiência no ensino da física, 4ª edição. Editora Ática, 1996, 232p.

PIETROCOLA, M. Ensino de Física. Florianópolis, UFSC, 2001.

SKOVSMOSE, Ole. Educação matemática crítica: a questão da democracia. Campinas: Papirus, 2004.

LINGUAGEM, CORPO, MOVIMENTO E O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS- 30H- ELE- Polo 33 - UNESPAR-IFPR- Paranavaí (PR)

EMENTA: Utilização de tecnologias para trabalhar a linguagem corporal como princípio de integração social e de formação da identidade.

Proposta por: Polo 33: UNESPAR-IFPR – Paranavaí

Professor(es): Carlos Alexandre Molena Fernandes; Meire Aparecida Lode Nunes

BIBLIOGRAFIA:

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. 2002 Revista Mackenzie da educação física e esporte, v. 01, n 01 2002 p. 73- 81.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2007.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física. Campinas,SP: Autores Associados, 2004. GALLAHUE, David; DONNELLY, Frances. Educação física desenvolvimentista para crianças. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

MATTHIESEN, Sara Quenzer - Atletismo se aprende na Escola - Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2004.

NASCIMENTO, Aida Christine Silva Lima do. Pedagogia do esporte e o atletismo: Considerações acerca da iniciação e da Especialização esportiva precoce.

**O USO DA TECNOLOGIA NAS DIFERENTES ÁREAS- 30H- ELE- Polo 33 - UNESPAR-IFPR-
Paranavaí (PR)**

EMENTA: Utilização da tecnologia para o desenvolvimento do ensino nas diferentes áreas.

Proposta por: Polo 33: UNESPAR-IFPR – Paranavaí
Professor(es): José Barbosa Dias Junior

BIBLIOGRAFIA:

DANTAS, V. A guerrilha tecnológica: a verdadeira história da política nacional de informática. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.
GALLO, S. Guia do CBBS. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
Grande Enciclopédia LAROUSSE Cultural. São Paulo: Universo, 1988.
GUIZZO, E. Internet. São Paulo: Ed. Ática, 2002. MEC/INEP. Censo do professor, 1997: perfil dos docentes de educação básica. Brasília: INEP, 1999.
_____. Estatísticas dos professores no Brasil. Brasília: INEP, 2003.
NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. São Paulo: São Paulo: Educação e Pesquisa, 1999.
PACHECO, C. ; POCHMANN, M. Transformações do Mercado de Trabalho: experiências internacional e brasileira no período recente. Campinas: CESIT/IE/UNICAMP, 1997.
UNESCO. O perfil do professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam/Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.
VALENTE, J. A. O computador na Sociedade do Conhecimento. Campinas: Unicamp/Nied, 1999.
ZAMBALDE, A. L.; ALVES, R. M. Introdução a Informática Educativa. Publicações Técnicas. Lavras: UFLA/FAEPE, 2002.

**TECNOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA-
60H- ELE- Polo 33 - UNESPAR-IFPR- Paranavaí (PR)**

EMENTA: Estudos para a compreensão e o domínio das técnicas e das novas tecnologias no ensino de Ciências Biológicas na educação básica.

Proposta por: Polo 33: UNESPAR-IFPR – Paranavaí
Professor(es): Franciele Mara. Lucca Zanardo. Bohm; Renata de Souza Panarari Antunes; Paulo Alfredo Feitoza Bohm

BIBLIOGRAFIA:

ANDERY, M. A. et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Ciências Naturais. Brasília: MEC / SEF, 1997.
CHASSOT, A. A Ciência Através dos Tempos. São Paulo: Moderna, 1994.
DELOZOICOV e ANGOTTI. Metodologia do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 1990.

Bibliografia complementar:

AMARAL, I. A.; FRACALANZA, H. e GOUVEIA, M. S. F. O ensino de ciências no 1º grau. São Paulo: Atual, 1986.

AMARAL, I. A. O ensino de ciências e o desafio do fracasso escolar. In: A universidade e o ensino de 1º e 2º graus. Campinas: Papirus, 1988.

ARROYO, Miguel Gonzáles. A função social do ensino de ciências. Brasília. Revista Em Aberto, Brasília, n. 40, 1988.

BARNIERI, Marisa Ramos. Ensino de Ciências nas Escolas: uma questão em aberto. Revista Em Aberto, Brasília, nº 40, 1988.

BRECHT, Bertold. A Vida de Galileu. São Paulo: Abril Cultural, 1977. (teatro vivo).

BACON, Francis. Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

BERNAL, J. D. Ciência na história. Lisboa: Horizonte, 1978.

BRONOSKY, J. Ciências e Valores Humanos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

CARVALHO, A. M. P. e GIL PERES, D. Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações. São Paulo: Cortez, 1993.

FRACALANZA, H. et alii. O ensino de ciências no 1º grau. São Paulo: Atual, 1986.

GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Autores Associados, 2002.

GOODFIELD, J. Brincando de Deus: a engenharia genética e a manipulação da vida. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. A Escalada do Homem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1983.

GOUVEIA, et al. Este mundo é seu: ciências 1ª a 4ª série do 1º grau. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

KRASSILCHICK, M. O professor e o currículo de ciências. São Paulo: Edusp, 1987.

KNELLER, G. F. A ciência como atividade humana. Rio de Janeiro: Zahar/Edusp, 1987.

KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1989.

PRETTO, N. de L. A Ciência nos Livros didáticos. Campinas: UNICAMP, 1985.

RENAN, Ernest. O futuro da ciência. Salvador: Progresso, 1950.

ROSSI, Paolo. Os filósofos e as máquinas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

UNESCO. Manual de la Unesco para professores de las ciencias. Editorial de la Unesco, 1981.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 34- PONTA GROSSA – UTFPR

ASPECTOS COGNITIVOS APLICADOS AOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM – 45H – ELE – Polo 34- UTFPR- Ponta Grossa (PR)

EMENTA:Temas atuais na área da Psicologia Cognitiva pertinentes à linguagem humana. Relação da linguagem humana com os processos de ensino e de aprendizagem. Aspectos cognitivos da leitura.

Proposta por: Polo 34: UTFPR – Ponta Grossa

Professor(es): Siumara Aparecida de Lima, Angela Inês Klein

BIBLIOGRAFIA:

DEHAENE, S. Reading in the brain: the science and evolution of human invention. USA: Viking, 2009.

Eysenck, M. W. & Keane, M. T. Psicologia cognitiva: Um manual introdutório (3ª Ed.). Porto Alegre: Artmed. 2007.

IZQUIERDO, I. A memória. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KLEIN, A.I. O processamento da anáfora pronominal em crianças com TDAH e em crianças disléxicas: um estudo através da análise dos movimentos oculares. 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

STERNBERG, R. Psicologia cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Bibliografia complementar:

BADDELEY, A. Working memory and language: an overview. Journal of Communication Disorders, Bristol, n. 36, p. 189-208, 2003.

EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. Manual de psicologia cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RAYNER, K.; et al. Psychology of Reading: 2. ed. New York: Psychology Press, 2012.

RODRIGUES, C.; TOMITCH, L. M. B. Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E INTERDISCIPLINARES DA TECNOLOGIA – 45H – ELE –
Polo 34- UTFPR- Ponta Grossa (PR)**

EMENTA: Introdução à filosofia da tecnologia. Natureza do conhecimento tecnológico em questão. As relações entre conhecimento científico e tecnológico e suas interfaces sociais e históricas. Abordagens clássicas da filosofia da tecnologia. O debate sobre determinismo e neutralidade tecnológica. Tecnologia, cultura e poder. Ciência e Tecnologia e o paradigma da modernidade. A construção de uma perspectiva interdisciplinar: os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia.

Proposta por: Polo 34: UTFPR – Ponta Grossa

Professor(es): Eloiza Aparecida Silva Avila de Matos, Edson Jacinski

BIBLIOGRAFIA:

- ALVARENGA, A. T.; PHILIPPI JUNIOR, A.; SOMMERMAN, A. et. al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI, Arlindo; et al. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. São Paulo: Manole, 2011. p. 03-68.
- DAGNINO, R. Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico: um debate sobre a tecnociência. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2008.
- KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1962/2007.
- RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI, Arlindo; et al. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. São Paulo: Manole, 2011. p. 69-105.
- VIEIRA, K. R. C. F.; BAZZO, W. A. Discussões acerca do aquecimento global: uma proposta CTS para abordar esse tema controverso em sala de aula. Ciência & Ensino, v. 1, número especial, 2007.
- Bibliografia Complementar
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: _____. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEMO, A. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LINSINGEN, I. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. Revista Ciência & Ensino, Campinas (SP), v. 1, n. esp., nov. 2007.
- _____. ZANONI, Magda. Reflexões sobre princípios de uma prática interdisciplinar na pesquisa e nos ensino superior. In: PHILIPPI, Arlindo; et al. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. São Paulo: Manole, 2011. p. 143-208.
- SASSERON, L. H. Alfabetização científica e documentos oficiais brasileiros: um diálogo na estruturação do ensino de Física. In: CARVALHO, A. M. P... [et al.], (Orgs.). Ensino de Física. São Paulo: Cengage Learning, 2010, (Coleção ideias em ação)
- THOMAS, H.; BUCH, A. Actos, actores y artefactos: sociología de la tecnología. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2008. p. 217-262.
- Vázquez, A.; Manassero, M.A. e J.A. Acevedo. An analysis of complex multiple-choice Science-Technology-Society items: Methodological development and preliminary results. Science Education, 90, 4, 681-706, 2006.

EMENTA:

Saberes docentes. Evolução das práticas pedagógicas. Formar para o aprender a aprender. Metodologias ativas. Aprendizagem no contexto das tecnologias. Saber pedagógico do conteúdo para o contexto das tecnologias. A utilização de recursos tecnológicos pelo aluno. A interatividade propiciada pelas tecnologias. A internet como fonte de Informação e Comunicação.

Proposta por: Polo 34: UTFPR – Ponta Grossa

Professor(es): Isabel Ribeiro Gravonski, Sílvia Gaia

BIBLIOGRAFIA:

ARAUJO, U. F. . A quarta revolução educacional: a mudança de tempos, espaços e relações na escola a partir do uso de tecnologias e da inclusão social. ETD : Educação Temática Digital, v. 12, p. 31-48, 2011.

GAIA, S. Processos Formativos da Docência e Comunidades de Professores. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

GRAVONSKI, I. R.; MOREIRA, H.; LIMA, S. A. A aprendizagem docente num ambiente virtual de ensino e aprendizagem. In: DA LUZ, N.S., DO NASCIMENTO, D. E. e QUELUZ, M.L. (Org) Tecnologia e transformação social: reflexões sobre gênero, trabalho e Educação. Curitiba: UTFPR, 2011.

KOEHLER, M. J., MISHRA, P. What is technological pedagogical content Knowledge? Contemporary Issues in Technology and Teacher Education, 9(1), 2009. Disponível em: < <http://www.citejournal.org/vol9/iss1/general/article1.cfm> > Acesso em 26 jun 2015.

VEIGA, Ilma P.A.; D'ÁVILA, Cristina. Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. São Paulo: Papirus, 2008.

Bibliografia complementar:

BALADELI, A. P. D. ; BARROS, M. S. F. ; ALTOÉ, Anair . Desafios para o professor na sociedade da informação. Educar em Revista (Impresso), v. 45, p. 155-165, 2012.

GRAVONSKI, I. R., LIMA, S. A., MOREIRA, H. A aprendizagem docente num ambiente virtual de ensino e aprendizagem In: Tecnologia e transformação social: reflexões sobre gênero, trabalho e educação. 1 ed. Curitiba: UTFPR, 2011, p. 331-341.

GRAVONSKI, I. R.; LIMA, S. A.; MOREIRA, H. Os desafios da profissão professor: um estudo de caso sobre os saberes docentes aplicados na utilização das tecnologias de informação e comunicação. In: Ciclo de estudos em Linguagem. 2009, Ponta Grossa: Anais... Ponta Grossa: UEPG, 2009.

GRAVONSKI, I. R. O Desafio de formar formadores na e para a Educação Tecnológica: o método misto de pesquisa para a análise dos saberes e da aprendizagem docente no contexto das Tecnologias de informação e Comunicação. Tese (Doutorado em tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba. 2013.

ALMEIDA, M.E.B. ; VALENTE, J.A. . Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. Currículo sem Fronteiras, v. 12, p. 57-82, 2012

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 35- MARINGÁ- UEM

A QUESTÃO DAS MÍDIAS E DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO (TIC) NO ENSINO DE CIÊNCIAS I – 60H – ELE – Polo 35- UEM- Maringá (PR)

EMENTA: Estudo das possibilidades das diferentes mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) nos processos de ensino-aprendizagem no Ensino de Ciências

Proposta por: Polo 35: UEM – Maringá

Professor(es): Dulcinéia Ester Pagani Gianotto

BIBLIOGRAFIA:

- BELLONI, M. A., O que é Mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2004.
- GONNET, J. Educação e Mídias. Edições Loyola, 2004.
- BIZ, Osvaldo; GUARESCHI, Pedrinho. Mídia, Educação e Cidadania, Editora Vozes, 2004.
- FERREIRA, L. W. Educação e Mídia: o visível, o ilusório, a imagem. EDIPUC, 2004.
- COSTA, C.; Educação, Imagem e Mídias. Editora Cortez, 2004.
- BARONE, D. Sociedades Artificiais. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- Witkowski, N. Ciência e Tecnologia Hoje. São Paulo: Ensaio, 2002.
- BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. Educação e Realidade, Porto Alegre, jan/jun. 1994.
- BORDIN, J.; GROSSI, E. P. (orgs.) Construtivismo pós-piagetiano: um novo paradigma sobre aprendizagem. Petrópolis, 1993.
- COLLIS, B. Tele-Learning in a Digital World, Int. Thomson Computer Press, London (1996).
- DEMO, P. Desafios modernos da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- DEMO, P. Questões para Teleducação. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 1998.
- FAGUNDES, L. C. A Psicogênese das condutas cognitivas da criança em interação com o computador. Tese de doutorado . IP/USP, 1986.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FURTH, H. G. Piaget e o conhecimento: fundamentos teóricos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.
- GS, A. e BURKE, P. Uma História Social da Mídia: de Gutenberg `a Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GRINGS, E. S., MAÇADA, D. L., D'AGORD, M. R. L. - A Informática Educativa na Formação Continuada de Educadores - A Teoria na Prática. In: IV Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação - RIBIE'98. 1998. Brasília .
- LÉVY, P. A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do Ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. A máquina do Universo, criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

- _____. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MATURANA, H. R. e VARELA, F. G. A árvore do conhecimento. As bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.
- PAPERT, S. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PASTERNAK, P. G. (org.) Do Caos à Inteligência Artificial: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Unesp, 1993.
- PIAGET, J. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1973.
- _____. O Nascimento da Inteligência na Criança. 4a.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- _____. O possível e o necessário. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____. Sobre a Pedagogia: Textos Inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- PORTES, L. Creating the Virtual Classroom, John Wiley & Sons, Inc. (1997).
- REITH, Runaway World (O Mundo em Descontrole), Riode Janeiro: Record, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- VALENTE, J. A. Computadores e Conhecimento: repensando a Educação. Campinas: Unicamp, 1993.
- VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1984
- WERBER, R. Diálogos com cientistas e sábios: a busca da unidade. São Paulo: Cultrix, 1991
- ZUFFO, J.A. A Infoera: O imenso desafio do futuro. São Paulo: Editora Saber Ltda, 1997.

A QUESTÃO DAS MÍDIAS E DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO (TIC) NO ENSINO DE CIÊNCIAS II – 60H – ELE – Polo 35- UEM- Maringá (PR)

EMENTA: Estudo das possibilidades de aplicação das Tecnologias de Informação (TIC) nos processos de ensino-aprendizagem na Educação em Ciências.

Proposta por: Polo 35: UEM – Maringá

Professor(es): Marcelo Maia Cirino

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, M. E. B. Informática e Educação: Diretrizes para uma formação reflexiva de professores. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1996.
- GIORDAN, M. Computadores e linguagens nas aulas de Ciências. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2008.
- _____. O computador na educação em Ciências: breve revisão crítica acerca de algumas formas de utilização. Ciência & Educação. Bauru, v. 11, n. 02, p. 279-304, 2005.
- _____. Uma perspectiva sociocultural para os estudos sobre elaboração de significados em situações de uso do computador na educação em Ciências. 2006. Tese (Livre-docência). Faculdade de Educação – USP, São Paulo, 2006.

GIORDAN, M.; GÓIS, J. Telemática educacional e ensino de química: considerações em torno do desenvolvimento de um construtor de objetos moleculares. *Revista Latinoamericana de Tecnologia Educativa*. Badajoz, v. 03, n. 02, p. 41-59, 2004.

KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2012.

MATOS, M. O que é a Sociedade da Informação? *Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação – Educação, Sociedade & Culturas*. Porto (Portugal), v. 18, p. 07- 23, 2002.

MATTAR, J. Interatividade e aprendizagem. In: FORMIGA, M.; LITTO, F. M. Educação à distância: o estado da arte. São Paulo: Prentice-Hall, p. 112-120, 2008.

MAYER, R. E.; ANDERSON, R. B. The instructive animation: helping students build connections between words and pictures in multimedia learning. *Journal of Educational Psychology*. Washington (DC), v. 84, n. 04, p. 444-452, 1992.

PAPERT, S. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAIVIO, A. Mental representations: a dual coding approach. New York (USA): Oxford University Press, 1986.

SEITZER, V. W. Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa. São Paulo: Escrituras, 2001.

SIEMENS, G. Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, v. 02, n. 01, 2004.

SIEMENS, G. Knowing Knowledge, 2006. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge_LowRes.pdf >

SIEMENS, G. Connectivism: Learning Theory or Pastime of the Self-Amused? *Elearnspace*, 2006. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism_self-amused.htm>

VALENTE, J. A. (org.). Computadores e Conhecimento: repensando a educação. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

WEISER, M. The Computer for the 21st century. *Scientific American* v. 265, n. 03, p. 94-104, 1991.

EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA E AVALIAÇÃO ESCOLAR – 60H – ELE – Polo 35-UEM- Maringá (PR)

EMENTA: Trabalho para desenvolver habilidades de avaliar processos e produtos das diferentes concepções de aprendizagem.

Proposta por: Polo 35: UEM – Maringá

Professor(es): Fernanda Peres Ramos , Josie Agatha Parrilha da Silva

BIBLIOGRAFIA:

ANDERY, M. A. et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. 12.ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2003.

ESTEBAN, M. T. (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Escola, currículo e avaliação. São Paulo: Cortez, 2003. (Série cultura, memória e currículo, v.5).

GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção educação contemporânea).

HAYDT, R. C. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. 6.ed. São Paulo: Ática, 2003.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à filosofia. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BECKER, F. Epistemologia do professor: o cotidiano da escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BEHRENS, M. A. O paradigma emergente e a prática pedagógica. 2.ed. Curitiba: Champagnat, 2000.

CAMPOS, M. C. da C.; NIGRO, R. G. Didática de ciências: o ensino-aprendizagem como investigação. São Paulo: FTD, 1999. (Conteúdo e metodologia).

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PEREZ. Formação de professores de ciências. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção questões da nossa época, v.26).

KRASILCHIK, M. Prática de ensino de biologia. 3.ed. São Paulo: Harbra, 1996.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. 8.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ARANHA, M. L. de A. Filosofia da educação. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

MACHADO, N. J.; CUNHA, M. O. Linguagens, conhecimento, ação: ensaios de epistemologia e didática. São Paulo: Escrituras, 2003. (Coleção ensaios transversais, v.23)

MATUI, J. Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. São Paulo: Moderna, 1996.

MENEZES, L. C. (Org.) Formação continuada de professores de ciências. São Paulo: Autores Associados: NUPES, 1996.

MOREIRA, M. A. Aprendizagem Significativa. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza B. (org.). Linguagem, Cultura e Cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Uma abordagem cognitivista ao ensino da física: a teoria de aprendizagem de David Ausubel como sistema de referência para a organização do ensino de ciências. Porto Alegre: UFRGS, 1983.

NOVAK, J. D. Aprender criar e utilizar o conhecimento: mas conceituaisTM como ferramentas da facilitação nas escolas e empresas. Lisboa: Plátano, 2000.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D.B. Aprender a Aprender. 2.ed. Lisboa: Plátano, 1999.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997

OSTERMANN, F.; MOREIRA, M. A. A física na formação de professores do ensino fundamental. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PIAGET, J. Para onde vai a educação. São Paulo: José Olympio, 1974.

PIETROCOLA, M. (Org.). Ensino de física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora. Florianópolis: UFSC, 2001.

PRIGOGINE, L.; STENGERS, I. A nova aliança: a metamorfose da ciência. Brasília: Universidade de Brasília, 1984.

PRO-POSIÇÕES, Campinas, v.9, n.3, nov.1998.

RABELO, E. H. Avaliação: novos tempos, novas práticas. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

REBOUL, Olivier. A filosofia da educação. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO ESCOLAR. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação. Paraná, 2002.

RODRIGO, M. J.; ARNAY, J. (Org.). Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.

ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. de (Org.). Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, B. de S. Introdução a uma ciência pós-moderna. 4.ed. Porto: Afrontamento, 1995.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 8.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

VOLPATO, G. L. Ciência: da filosofia à publicação. Jaboticabal: FUNEP, 2000.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 8. ed. São Paulo: Ícone, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

_____. Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 36- FLORIANÓPOLIS 1- UFSC/CAP

A CIDADE COMO ESPAÇO EDUCATIVO- 60H- ELE- Polo 36- UFSC/CAP - Florianópolis (SC)

EMENTA: A disciplina proposta visa apresentar o espaço urbano como um espaço de formação docente e discente. Entende-se a formação docente como um acontecimento e a possibilidade de um deslocamento dentro de um mesmo lugar, e sua prática com “um objeto impreciso, que demanda formas variadas de ação e comporta possibilidades, incertezas e resultados nem sempre previsíveis.” (PÉREZ, 2007, p. 10). A escolha do espaço urbano como um lugar possível da formação docente – e discente a posteriori – converge no sentido de educar uma mirada, de constituir um campo de saberes práticos da experiência que entre outros saberes, como já o disse Fonseca (2003, p. 63), compõe o saber docente. Pretendese dessa forma apresentar possibilidades metodológicas de se trabalhar com e na cidade, entendendo que este espaço propicia uma prática de investigação que considera a formulação incessante de questões-problema.

Proposta por: Polo 36: UFSC – Florianópolis
Professor(es): Karen Christine Rechia

BIBLIOGRAFIA:

- BARROS, José D’Assunção. Cidade e História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. v. 2. 2. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, Alexandre F. de; GALLO, Silvio. Do sedentarismo ao nomadismo: intervenções para pensar e agir de outros modos na educação. ETD: Educação Temática Digital, v. 12, p. 280-302, 2010. Disponível em: . Último acesso em: jan. 2012.
- COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Espaço, Tempo e a Cidade cinemática. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 13, p. 63-75, jan./jun. 2002. Disponível em: . Último acesso em: jan. 2012.
- DINIS, Nilson Fernandes. Educação, cinema e alteridade. Educar, Curitiba, n. 26, p. 67-79, 2005.
- DUSSEL, Inés e GUTIERREZ, Daniela (comp.). Educar la Mirada: políticas y pedagogias de La imagen. Buenos Aires: Manantial: Flacso, OSDE, 2006.
- FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História. São Paulo: Papirus, 2003.
- FRESQUET, Adriana et al. (Org.). Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2007. (Coleção Cinema e Educação).
- GALLO, Silvio. Identidade, diversidade, universalidade e educação: experimentar minorações na língua e na educação. In: SEVERINO, A. J.; ALMEIDA, C. R. S.; LORIERI, M. A. (Org.). Perspectivas da Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 2011, v. 1. p. 225-238.
- HEINZ, Alexandre de Oliveira. Formação como deformação: esgotamento entre Nietzsche e

Deleuze. Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 9, n. 1, mar. 2009.

LARROSA, Jorge. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NAZÁRIO, Luiz (Org.). A cidade imaginária. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Col. Debates).

ORLANDI, Luiz B. L. Deleuze – entre caos e pensamento. In: AMORIM, A. C.; GALLO, S.; OLIVEIRA JR., W.M. de (Orgs.). Conexões: Deleuze e Imagens e Pensamento e... Petrópolis, RJ: DP&Alli; Brasília, DF: CNPq, 2011.

PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. A Lógica e o Sentido da Formação: Heterotopias,

DOCÊNCIA, PESQUISA E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA INTERFACE UNIVERSIDADE-ESCOLA – 60H- ELE- Polo 36- UFSC/CAp - Florianópolis (SC)

EMENTA: Tem como proposta pensar de modo indissociável os processos de docência, pesquisa e inovação pedagógica que se estabelecem na interface entre universidade e escola, particularmente em atividades como prática de ensino sob a forma de estágio curricular supervisionado. A premissa básica é que tais atividades acontecem num entrelugar com características de ambos os contextos e que exatamente por essa razão tem potencial para a construção solidária e contextualizada de elementos de inovação que podem impactar a ambos contextos, especialmente quando construídas a partir de uma perspectiva capaz de abordar as relações de transversalidade dos conhecimentos e os desafios de uma educação plenamente inclusiva. Dentre os temas de interesse para as atividades deste componente curricular estão os currículos para formação docente e o lugar pensado para a educação básica em tal formação, convergências e disjunções entre universidade e escola, inovação pedagógica e processos investigativos na/da formação docente, dentre outros.

Proposta por: Polo 36: UFSC – Florianópolis
Professor(es): Hamilton de Godoy Wielewiski

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. MEC. CNE. Parecer CNE/CP 9/2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, 18 jan. 2002. Seção 1, p. 31. 2002

DARLING-HAMMOND, Linda; BRANSFORD, John. (Eds) Preparing teachers for a changing world: what teachers should learn and be able to do. San Francisco: Jossey BASS / national Academy of Education. 2005.

FOERSTE, Erineu. Parceria na formação de professores. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá (Coord.). Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. 294 p.

GORODETSKY, Malka; BARAK, Judith; HARARI, Haya. A cultural-ecological edge: a model for a collaborative community of practice. In: ZELLERMAYER, Michal; MUNTHE, Elaine (Eds.). Teachers learning in communities: international perspectives. Rotterdam: Sense Publishers, 2007, p. 99-111.

GORODETSKY, Malka; BARAK, Judith. The educational-cultural edge: a participative learning environment for co-emergence of personal and institutional growth. Teaching and Teacher

Education. v. 24, n. 7, October 2008, pp. 1907-1918. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_imagekey=B6VD8-4S02D7F-2-1&_cdi=5976&_user=687358&_pii=S0742051X08000097&_orig=browse&_coverDate=10%2F31%2F2008&_sk=999759992&view=c&wchp=dGLbVlb-zSkzV&md5=0aef22c544a75e27dc5eb04d88f899bc&ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em 04 jan. 2010. doi:10.1016/j.tate.2008.01.006

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto da; BOING, Luiz Alberto. A pesquisa do professor da educação básica em questão. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2010. doi: 10.1590/S1413-24782009000300005.

RANCIÉRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica. 2ª. ed, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes. 2005. 317 p.

ZEICHNER, Kenneth M. Rethinking the Connections Between Campus Courses and Field Experiences in College- and University-Based Teacher Education. Journal of Teacher Education. v. 61, jan.- feb. 2010. Disponível em <<http://jte.sagepub.com/cgi/reprint/61/1-2/89>>. Acesso em 04 jan. 2010. doi: 10.1177/0022487109348024.

HISTÓRIA DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA – 60H- Polo 36- UFSC/CAP - Florianópolis (SC)

EMENTA: Aspectos conceituais e estilísticos da História da Arte. Abordagens metodológicas da História da Arte para a Educação Básica.

Proposta por: Polo 36: UFSC – Florianópolis
Professor(es): Sheila Luzia Maddalozzo

BIBLIOGRAFIA:

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Livraria Pioneira editora, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva/Fundação lochpe, 1991.

BUORO, Ana Amélia Bueno. Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: ECUC/Cortez, 2002.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERRAZ, M.; FUSARI, M. Metodologia do ensino da arte. São Paulo: Cortez, 1993.

HAUSER, A. História social da literatura e da arte. Ed. Mestre Jou. 1892.

PARSONS, Michael J. Compreender a arte. Lisboa: Presença, 1992.

TREVISAN, Armindo. Como apreciar a arte. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Para os alunos da Educação Básica:

GOMBRICH, E. História da arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

STRICKLAND, Carol. Arte Comentada. São Paulo: Ediouro, 1999.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

PAZENATO, K.; GAUER, M. Introdução á história da arte. Ed. Mercado Aberto, 1991.

PROENÇA, Graça. Descobrindo a história da arte. São Paulo: Ática, 2005.

VÍDEO: Arte: O que é? Por que existe? São Paulo: Britannica.

TECNOLOGIA APLICADA À APRENDIZAGEM – 60H- ELE- Polo 36- UFSC/CAp - Florianópolis (SC)

EMENTA: Aprendizagem e tecnologias: evolução histórica e perspectivas da tecnologia aplicada à Aprendizagem. Tecnologias na formação do professor e estudante. Informática como recurso ensinoaprendizagem.

Proposta por: Polo 36: UFSC – Florianópolis

Professor(es): Emílio Takase

BIBLIOGRAFIA:

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. Ed

DISCIPLINAS ELETIVAS, MINISTRADAS NO POLO 37- FLORIANÓPOLIS 2-IFSC

EDUCAÇÃO E IMAGINAÇÃO -30 H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)

EMENTA: Práticas culturais e escola. Educação, narrativas e múltiplas linguagens na contemporaneidade. Produção narrativa e imaginário midiático.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Marizete Bortolanza Spessatto

BIBLIOGRAFIA:

- AGAMBEN, G. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005. Trad. Henrique Burigo.
- ARENDT, Hannah. Da Imaginação. In.: Lições sobre a filosofia política de Kant. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- BARTHES, R. O rumor da língua. Parte II e III. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Trad. Mario Laranjeira. 2ª Edição.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. I Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 1ª Edição.
- EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? In.: FRIETZEN, Celdon; CABRAL, Gladir S. (orgs.) Infância: imaginação e educação em debate. Campinas: Papirus, 2007.
- FRIETZEN, Celdon e CABRAL, Gladir S. (orgs.) Infância: imaginação e educação em debate. Campinas: Papirus, 2007.
- GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In.: FRIETZEN, Celdon e CABRAL, Gladir S. (orgs.) Infância: imaginação e educação em debate. Campinas: Papirus, 2007.
- JÓDAR, F.; GÓMEZ, L. Devir-criança: experimentar e explorar outra educação. Revista Educação & Realidade. Jun. /Dez. 2002, p. 31- 45.
- LÉVY, Pierre. A nova relação com o saber (capítulo X). Cibercultura. SP: Editora 34, 1993.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação (capítulo 4). Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas de comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.
- RODARI, Gianni. Histórias para brincar. São Paulo: Editora 34, 2007.
- SARAIVA, K. A babel eletrônica - hospitalidade e tradução no ciberespaço. In: SKLIAR, C. (org.) Derrida & a Educação. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

ENSINO DE PROGRAMAÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES – 30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)

EMENTA: Paradigmas de Lógica de Programação para Crianças e Adolescentes. Aspectos Pedagógicos do Ensino de Lógica de Programação para Crianças e Adolescentes. Softwares de Programação para Crianças e Adolescentes.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Douglas Paulesky Juliani

BIBLIOGRAFIA:

BORATTI, I. C.; OLIVEIRA, A. B. Introdução à Programação: 3ª Edição. Florianópolis: Visual Books, 2007.
FORBELLONE, A.; EBERSPACHER, H. Lógica da programação. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
MANZANO, J.; OLIVEIRA, J. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação. São Paulo: Érica, 2010.
PUGA, S. RISSETTI G. Lógica de Programação e Estrutura de Dados. 2. ed. São Paulo: Editora Érica, 2008.

ESCOLA, JUVENTUDE E TRABALHO - 30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)

EMENTA: A escola e seus sujeitos: condição juvenil e condição docente. culturas juvenis; Juventude, trabalho e emprego; políticas públicas para a juventude.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Marival Coan

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Guia de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República. 2006.
DAYRELL, J.T. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
_____. DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.
FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
MEIRIEU, Philippe. Frankstein educador, Barcelona: Laertes, 1998.
NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.) Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscoitos: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2003.
PERRENOUD, Philippe. Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Porto: Portugal, 1995.
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Juventude e contemporaneidade. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n.º 5; Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6
SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de Educação. Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24. p. 19-39.

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS–
30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)**

EMENTA: O ensino das humanidades na escola em transformação. Práticas escolares e pesquisa em Humanidades. As humanidades como saberes interdisciplinares nas escolas. Formação Humana integral. O ensino das humanidades na atualidade: cinema, música e pintura como estratégias. Ciências humanas e a compreensão da relação entre juventude e educação.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis

Professor(es): Maria dos Anjos Lopes Viella, Marival Coan, Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva

BIBLIOGRAFIA:

SANTOS, Antônio Carlos dos. Humanidades: o lado humano da ciência. Sociedade e Cultura [online] 2013, 16 (Julio-Diciembre) : I Acesso em: 03 jul.2015.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria da Educação; São Paulo : SEE, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio, Etapa II - Caderno II: Ciências Humanas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Alexandro Dantas Trindade... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

FAZENDA, I. (org.). O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.

ROUANET, Sérgio Paulo. Reiventando as humanidades. In: _____. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SENNETT, R.A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOMMERMAN, Américo. Inter ou transdisciplinaridade? São Paulo: Paulus, 2006.

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM LINGUAGEM E CÓDIGOS E SUAS
TECNOLOGIAS – 30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)**

EMENTA: Processos de leitura e produção textual. Gêneros discursivos. Vivências pedagógicas e curriculares no ensino de línguas. Língua materna e variações linguísticas: contribuições da Sociolinguística. Tecnologias e o ensino de língua materna. Teorias sobre linguagem e as contribuições para o espaço escolar.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis

Professor(es): Maria dos Anjos Lopes Viella

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna, a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro (coord.). A Leitura nos oceanos da internet. São Paulo, Cortez, 2003.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS – 30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)

EMENTA: Analisar criticamente as práticas educativas de matemática do ensino fundamental e médio, do ponto de vista dos conteúdos e metodologias.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Elenita Eliete de Lima Ramos

BIBLIOGRAFIA:

- ALRØ, H.; SKOVSMOSE, O. Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática. 2ª. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010
- _____. Educação Matemática Crítica: A questão da Democracia. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BORALHO, A. A Matemática na formação do professor. Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. Lisboa – Portugal, 2004.
- D’AMBROSIO, U. Educação para uma sociedade em transição. São Paulo: Editora Papirus, 1999.
- FIORENTINI, D. et al. (2002). Formação de professores que ensinam Matemática: um balanço de 25 anos de pesquisa brasileira. In Educação em Revista – Dossiê: Educação Matemática. Belo Horizonte, UFMG, n.36, p.137-160.
- FIORENTINI, Dario. (2004). A Didática e a Prática de Ensino mediadas pela investigação sobre a prática. In ROMANOWSKI, Joana; MARTINS, Pura Lucia O.; JUNQUEIRA, Sérgio R.A. (Orgs.). Conhecimento Local e Conhecimento Universal: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat. p. 243-257.
- GEPFPM. Saberes docentes: um olhar sobre a produção acadêmica brasileira na área de Educação Matemática. Comunicação Oral apresentada VII Encontro Nacional de Educação Matemática. Recife: SBEM.(2004)
- PONTE, J. P. ET AL. Atividades de Investigação na aprendizagem da matemática e na formação de professores – Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação – Lisboa – Portugal, 2002.
- PONTE, J. P. Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação e na Formação de Professores: Que Desafios? Revista Iberoamericana de Educacion, n.24, p.63-90, Set. /dec.2000. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte> .
- PONTE, J. P. Investigar a nossa própria prática: em refletir e investigar sobre a prática profissional – organização: GTI – Grupo de Trabalho de Investigação – Edição: Associação de Professores de Matemática – Portugal, 2002.
- UNESCO - Nuevas tendencias en Educación Matematica. Volumes I, II, III e IV.
- UNESCO - Estudios en educación Matemática: volumes I e II.

PESQUISA EM PROCESSOS EDUCATIVOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES – 30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)

EMENTA: Caminhos da pesquisa sobre formação de professores. Caminhos da pesquisa sobre processos educativos. Contribuições das pesquisas para inovação da prática educativa.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Gislene Miotto Catolino Raymundo

BIBLIOGRAFIA:

ANASTASIOU, L. G. C; Alves, Leonir Pessate. (orgs). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para a estratégia de trabalho em aula. Joinville: Editora da UNIVILLE, 2007.

ANDRÉ, M. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

CODO, W. (coord.). Educação, carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CUNHA, M. I. da. O bom professor e sua prática. Campinas, Sp; Papirus, 2002.

DALBEN, Ângela et al. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Educação ambiental, educação em Ciências, Educação em espaços não-escolares, Educação Matemática. Belo Horizonte : Autêntica, 2010. p. 238-264. (Coleção Didática e prática de ensino).- XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino .UFMG, abr. 2010.

GATTI, B. Formação de professores, pesquisa e problemas metodológicos. Contrapontos, v. 3, n. 3, p. 381-392, 2003.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Formação de pesquisadores na pós-graduação em educação: embates ontológicos e epistemológicos. 2006, 175 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

LENOIR, Y. Pesquisar e formar: repensar o lugar e a função da prática de ensino. Educação & Sociedade, v. 27, n. 97, p. 1299-1325, 2006.

PERRAUDEAU, Michel. Estratégias de Aprendizagem: como acompanhar os alunos na aquisição dos saberes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TECNOLOGIAS EM EDUCAÇÃO – 30H – ELE - Polo 37- IFSC - Florianópolis (SC)

EMENTA: Estudo dos fundamentos, usos, impactos e perspectivas das novas tecnologias da comunicação e informação e das redes de aprendizagem colaborativa no processo de ensinar e aprender. Tendências em inovações tecnológicas articuladas com as mídias interativas (impressa, audiovisual, digital). Os sujeitos do ensino médio e as tecnologias móveis. Os novos modos de ser e compreender no contexto das novas tecnologias.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Elenita Eliete de Lima Ramos

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, F. J. Computador Escola e vida. São Paulo: Cubzac, 2007.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 8. ed. totalmente rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

DAMÁSIO, M.J. Tecnologia e Educação: as tecnologias da informação e da comunicação e o processo educativo. Lisboa, PT: Ed. Vega, 2007.

IMBERNÓN, Francisco (Org). A Educação no século XXI. Porto Alegre, ArtMed, 2000.

LEMOES, A; JOSGRILBERG, F. (Org). Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador. EDUFUBA, 2009.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 19. ed. Campinas: Papirus, 2012.

SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP, v. 2, n1, 2010.

EMENTA: Aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. A educação de adultos e os movimentos populares. A educação de jovens e adultos na política nacional de educação. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

Proposta por: Polo 37: IFSC – Florianópolis
Professor(es): Elenita Eliete de Lima Ramos

BIBLIOGRAFIA:

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental. (1997). Disponível em > Acesso em: 01 abr. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Documento Base. Brasília, 2007.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Articulação Social. Marco de referência da educação popular para as Políticas Públicas. Brasília, DF, 2014.
- FISCHER, Maria Clara Bueno; FRANZOI, Naira Lisboa. Formação Humana e Educação profissional. Diálogos possíveis. Educação, Sociedade e Culturas, nº 29, 2009, 35-51 Disponível em www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC29/29ClaraFNairaF.pdf. Acesso em 06 fev.2014.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 46 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. Por uma Política Nacional de Educação Popular de Jovens e Adultos. São Paulo: Moderna: fundação Santilana, 2014. Disponível em <http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A8246FB74BF0146FC10A8A14E0E>. Acesso em 6 fev. 2014.
- _____. Estado e Educação Popular. Disponível em http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/eja/estado_e_educacao_popular_moacir_gadotti.PDF, acesso em 6 de junho de 2014.
- HICKENBICK, Claudia. Lembrança interesse e história substantiva: significados do ensino e aprendizagem da história para os sujeitos da educação de jovens e adultos. (Dissertação de Mestrado). Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 2009.
- KRUPPA, Sônia Maria Portella. Introdução ao estudo da relação educação e sociedade: processos de socialização e função das instituições sociais. O que torna possível a educação. In: Sociologia da educação. São Paulo: Cortez, 2002. p.23-26. Disponível em <http://aluno.projecao.br/SGARepository/Blog/Arquivos/T%C3%A2nia%20Cristina%20Alves%20de%20Siqueira/90F11DA0-561F-425D-BFF8-C4EC52D8EFFF.pdf> Acesso em maio 2014.
- KRUPPA, Sonia M. Portella (Org.). Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep, 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 12, p. 59-73, 1999.
- PAIVA, J. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação. v. 11 n. 33 set./dez. 2006.
- _____. Salto para o futuro. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletim2004/eja/meiohtm>. Acesso em: 27 dez. 2008.
- RAMOS, Elenita Eliete de Lima. Propondo práticas e desafiando certezas: um estudo em turma do Proeja numa perspectiva de Educação Matemática Crítica. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2011.
- SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DISCIPLINAS ELETIVAS MINISTRADAS NO POLO 38- PELOTAS- IFSUL

DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS – 90H – ELE - Polo 38- IFSUL/CaVG- Pelotas (RS)

EMENTA: Estudo através dos parâmetros curriculares nacionais e referenciais curriculares do Estado para os professores de ciências de formas de contextualização do ensino de ciências, sua dinâmica na construção do conhecimento associando com os fundamentos teóricos estudados nas disciplinas obrigatórias para ambas áreas de concentração.

Proposta por: Polo 38: IFSUL - Pelotas
Professor(es): Vitor Hugo Borba Manzke

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. (2000) Parâmetros Curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB.
CEBRIAN DE LA SERNA, M Ciência, tecnologia e Sociedad: uma aproximacion multidisciplinar, Málaga, Ed.Universidade de Màlaga, 2007
FORQUIN, J.C Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Teoria e Educação, 5,1992.
GOODSON.I.F A Construção Social do Currículo, Lisboa: Educa,1997
GOODSON.I.F Currículo: teoria e história. Petrópolis, RJ: Vozes,1995.
KRASILCHICK, M O Professor e O currículo das ciências. São Paulo : EPU,1987
LOPES, A.C. Conhecimento Escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ,1999.
LOPES, A.C. e MACEDO, e (orgs) Disciplinas e Integração Curricular: história e políticas Rio de Janeiro: DP&A,2002
NARDI, R Questões Atuais no Ensino de Ciências, São Paulo: Escrituras,1998.
NARDI, R, BASTOS, F e DINIZ, R.E.S.(orgs) Pesquisas em ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores. São Paulo: Escrituras, 2004
SANTOMÉ, J.T. Globalização e interdisciplinariedade: o currículo integrado. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ENSINO E APRENDIZAGEM – 30H – ELE - Polo 38- IFSUL/CaVG- Pelotas (RS)

EMENTA: Processos psicológicos da aprendizagem. Articulação entre psicologia e educação. Teorias da aprendizagem em diferentes abordagens. As Teorias da Aprendizagem e os modelos de ensino. Estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem para superar a concepção estática, linear e mecânica destes processos.

Proposta por: Polo 38: IFSUL - Pelotas
Professor(es): Vitor Hugo Borba Manzke e Nelson Reyes Marques

BIBLIOGRAFIA:

AUSUBEL, DO; NOVAK, JD; HANESIAN, H. Psicologia educacional. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980

MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa. Brasília, Editora da UnB, 2006
 MOREIRA, M. A. Uma abordagem cognitivista no ensino da Física. Porto Alegre: EDURGS, 1983
 NOVAK, J. D. Aprender, criar e utilizar os mapas conceituais como ferramentas de facilitação nas escolas. Lisboa: Ed. Plátano Universitária, 2000
 POZO, J. I. Aprender e mestres : a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médica, 2002
 WELLS, G. Indagación Dialógica. Barcelona: Paidós, 2001
 VYGOTSKY, L. S. Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fonte, 2007
 VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1989

HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA – 30H – ELE - Polo 38- IFSUL/CAVG- Pelotas (RS)

EMENTA: Concepções Positivistas da Ciências; O Falsificamento de Popper; Os Paradigmas de Kuhn; Os Programas de Pesquisas de Lakatos; A Teoria Anarquista de Feyerabend; Os obstáculos epistemológico de Bachelard; A superação do absolutismo Epistemológico. Chalmers, ciência como conhecimento derivado dos dados da experiência.

Proposta por: Polo 38: IFSUL - Pelotas
 Professor(es): Nelson Reyes Marques

BIBLIOGRAFIA:

BACHERLARD, G. A A Formação do Espírito Científico, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
 BACHERLARD, G. A O Racionalismo Aplicado, Rio de Janeiro: Zahar, 1977
 CHALMERS, A. F O que é ciências afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993
 FEYERABEND, Paul. Contra o método, Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves , 1977
 GAMA, R. História da Técnica e da Tecnologia, São Paulo: Edusp, 1985
 KUHN, T. S A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1987
 KUHN, T. S A revolução copernicana. Lisboa: Edições 70, 1989
 LAKATOS, I. La metodología de los programas de investigación científica. Madrid: Alianza, 1989
 POPPER, K. A ciência normal e seus perigos. In: LAKATOS, I; MUSGRAVE, A. (orgs) A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. São Paulo: Cultrix, 1979.
 POPPER, K, R Conhecimento objetivo, São Paulo: Edusp, 1975.
 POPPER, K, R Conjecturas e refutações. Brasília: Ed. Unib, 1982.
 ROSSI, Palo. Os Filósofos e as Máquinas. São Paulo: Cia das Letras, 1989
 Vargas M. História da Técnica e da Tecnologia no Brasil. São Paulo : UNesp/CEETEPS, 1994

METODOLOGIA PARA O ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO – 30h – ELE – Polo 38- IFSUL/CAGV- Pelotas

EMENTA: Estudo a partir dos Parâmetros Curriculares do Ensino Profissional e Tecnológico para os professores do Ensino Profissional de forma de contextualização do ensino profissional, sua dinâmica na construção do conhecimento associando com os fundamentos teóricos estudados nas disciplinas obrigatórias para ambas áreas de concentração.

Proposta por: Polo 29: UFC- Fortaleza
 Professores: Marcos Antonio Anciuti

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (2000) Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Profissional, Brasília: MEC/SETEC.

CEBRIAN DE LA SERNA.M.Ciência, Tecnologia e Sociedad: uma aproximacion multidisciplinar, Málaga, Ed. Universidad de Málaga, 2007.

FORQUIN, J.-C. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Teoria e Educação , 5,1992.

FRANCO, M.L.P. B.Ensino Médio e Ensino Técnico no Brasil e em Portugal, Campinas, SP: Autores Associados,2009.

GAMBOA.S.S.:CHAVES,M. Prática de Ensino-Formação Profissional e Emancipação . Alagoas, 2007.

GOODSON,IF.A construção Social do Currículo .Lisboa: Educa,1997.

GOODSON,IF.Currículo teoria e história.Petrópolis, RJ: Vozes,1995.

KUENZER,A.Z Ensino Médio e Profissional:As Política do Estado Noel liberal.São Paulo. Cortez.2008.

LOPES,A. C Conhecimento Escolar: ciência e cotidiano.Rio de Janeiro: EdUERJ,1999.

LOPES,A. C. e MACEDO, E.(orgs)Disciplinas de Integração Curricular, história e política.Rio de Janeiro: DP&A,2002.

MARTINS, MF. Ensino Técnico e Globalização? Cidadania ou Submissão.Campinas, SP Autores Associados, 2009.

SANTOMÉ, J T. Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre:ArtMed,1998.

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE QUALIQUANTITATIVA - 60H – ELE - Polo 38- IFSUL/CaVG- Pelotas (RS)

EMENTA: Princípios básicos e conceituais do Discurso do Sujeito Coletivo. Operadores do Discurso do Sujeito Coletivo (expressões-chave, ideias centrais, ancoragem). Estudo da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como metodologia de análise de dados na Educação Básica. Elaboração de projetos de pesquisa com o Discurso do Sujeito Coletivo. Construção e análise de discursos coletivos em diferentes contextos da Educação Básica. O uso do programa QUALIQUANTISOFT como software de apoio ao DSC.

Proposta por: Polo 38: IFSUL - Pelotas

Professor(es): Fernando Augusto Treptow Brod

BIBLIOGRAFIA:

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. Pesquisa de representação social: um enfoque quali quantitativo. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO – 90H - ELE - Polo 38-IFSUL/CaVG- Pelotas (RS)

EMENTA: Discussão sobre o termo Tecnologias na sociedade atual. Direcionamento para a construção de temáticas modernas para uma nova prática docente. Relações entre recurso tecnológicos e ensino e aprendizagem. Estruturação de modelos didáticos avançados que alterem de forma significativa a melhoria da prática docente.

Proposta por: Polo 38: IFSUL - Pelotas

Professor(es): Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

BIBLIOGRAFIA:

BASTOS, J.A.S.L. Educação e Tecnologia. Nesta Edição, 1997.

GADOTTI, M. et al. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2000

LITWIN, E. Tecnologia Educacional: Política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MONTEIRO, A.M. F.C. Professores: entre saberes e práticas. Educação & Sociedade, n74, pp121-142, Abr. 2001.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, L.N., VENTURA, P.C.S. Educação tecnológica na formação de professores: concepções discentes e docentes. Revista Educação e Tecnologia. Belo Horizonte, v.13, n2, p.60-67, maio/agos. 2008.

LISTA COMPLETA DAS DISCIPLINAS EM ORDEM ALFABÉTICA (junho de 2015)

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
A cidade como espaço educativo	60	Polo 36	Karen Christine Rechia	267
A construção do objeto de pesquisa em ensino de ciências	30	Polo 15	Sandro Estevan Moron	149
A cultura visual na educação básica - das abordagens curriculares aos procedimentos metodológicos	60	Polo 01	Christiane De Faria Pereira Arcuri	11
A Educação de jovens e adultos - EJA no contexto das políticas Públicas no Brasil: desafios e possibilidades	45	Polo 07	Zaida Barros Dias	69
A organização do currículo e as práticas pedagógicas na escola: contribuições do pós-estruturalismo	60	Polo 27	Jean Mac Cole Tavares Santos	230
A Questão das Mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) no Ensino de Ciências I	60	Polo 35	Dulcinéia Ester Pagani Gianotto	262
A Questão das Mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) no Ensino de Ciências II	60	Polo 35	Marcelo Maia Cirino	263
Abordagens representacionais: subsídios e fundamentações para projetos escolares	60	Polo 01	Lincoln Tavares Silva	12
África(s) e afro brasilidade(s) no ensino de educação básica	60	Polo 01	Jose Roberto Da Silva Rodrigues	14
Alfabetização científica	60	Polo 30	Mariana Guelero Do Valle	238
Alfabetização e linguagem nos anos iniciais	60	Polo 01	Jone Carla Baiao	15
Alfabetização matemática na perspectiva do letramento	60	Polo 32	Carlos Roberto Vianna	249
Altas Habilidades e Notório Saber – reconhecendo o conhecimento	30	Polo 03	Cristina Maria Carvalho Delou	39
Análise e desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de ciências	30	Polo 30	Maria Celia Pires Costa	239
Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e o desenvolvimento da subjetividade humana	60	Polo 07	Luciana Soares Muniz	70
Aprendizagem por Projetos e Desenvolvimento Profissional	45	Polo 10	Galeno Jose De Sena	99
Artes no ensino médio: desafios e tecnologias contemporâneas	60	Polo 01	Johannes Andreas Valentin	16
As ciências, as linguagens e seus códigos no ensino fundamental 1	60	Polo 32	Neila Tonin Agranionih	250

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Aspectos atuais em biologia e os desafios em sala de aula	60	Polo 01	Carolina Tavares Schumann	16
Aspectos cognitivos aplicados aos processos de ensino e aprendizagem	45	Polo 34	Siumara Aparecida De Lima	259
Aspectos fonológicos e morfológicos que subsidiam o processo da alfabetização	60	Polo 01	Cláudia Hernandez Barreiros Sonco	17
Avaliação da aprendizagem de ciências e matemática	30	Polo 19	Marta Maria Pontin Darsie	177
Avaliação do Ensino e Aprendizagem	60	Polo 17	Juliana Ricarte Ferraro	168
Avaliação dos sistemas educacionais	60	Polo 16	Joao Nunes Da Silva	156
Avaliação na Educação Básica	30	Polo 10	Antonio Carlos De Souza	101
Avaliação na/da escola: relações possíveis	60	Polo 27	Alessandro Teixeira Nóbrega	231
Bases Legais, Políticas, de Ensino e Sociais para Inclusão Escolar	60	Polo 03	Cristina Maria Carvalho Delou	40
Biologia aplicada	90	Polo 29	Diva Maria Borges-Nojosa	236
Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente - CTSA	45	Polo 04 Polo 22	Marcia Narcizo Borges	47
Cienciarte para promoção da criatividade e da inovação na educação básica	45	Polo 03	Tania C. de Araújo-Jorge	40
Concepções de Infância, Currículo, Proposta Pedagógica, planejamento, organização e gestão do espaço, do tempo, e das rotinas em creches e pré-escolas	60	Polo 07	Magda Suely Pereira Costa	71
Conteúdos de matemática e sua relação com a prática docente sob uma visão da transposição didática – 60h	60	Polo 21	Elizabeth Quirino De Azevedo	191
Contribuições da etnobiologia para o ensino, aprendizagem e formação de professores de ciências	60	Polo 24	Geilsa Costa Santos	204
Contribuições da Psicologia Educacional para a formação e atividade docente na Educação Básica.	60	Polo 07	Lucianna Ribeiro De Lima	72
Corpo e suas linguagens no processo ensino aprendizado	45	Polo 26	Bertulino Jose De Souza	225
Currículo e avaliação na educação básica	60	Polo 24	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	206

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Currículo integrado para a interdisciplinaridade no ensino fundamental i	45	Polo 32	Gilberto Paulino De Araujo	250
Currículo, avaliação e ensino em Educação Matemática	30	Polo 06	Idemar Vizolli	54
Currículo, ensino e formação docente	45	Polo 26	Jacicleide Ferreira Targino Da Cruz	225
Currículos e programas para a educação básica	60	Polo 16, Polo 22	Joao Nunes Da Silva	156
Debates conceituais em educação ambiental	60	Polo 16	George Leonardo Seabra Coelho	157
Desafios da prática pedagógica no cotidiano da sala de aula: a tomada de decisões na ação	60	Polo 01	Magda Suely Pereira Costa	17
Didática e novas tecnologias para o ensino de química na educação básica	60	Polo 33	Regina Celia Padovan	254
Didática da matemática	60	Polo 24	Luiz Marcio Santos Farias	207
Didática das ciências experimentais	90	Polo 38	Vitor Hugo Borba Manzke	277
Didática e Metodologia do Ensino em Ciências Humanas	60	Polo 17	Juliana Ricarte Ferraro	168
Docência, pesquisa e inovação pedagógica na interface universidade-escola	60	Polo 36	Hamilton De Godoy Wielewicki	268
Educação ambiental e interdisciplinaridade	30	Polo 31 Polo 22	Antonivaldo De Jesus	245
Educação ambiental e práticas pedagógicas interdisciplinares: estudo da região geoeducacional de cáceres	30	Polo 18	Arno Rieder, Solange Ikeda Castrillon	171
Educação científica com enfoque cts (ciência, tecnologia e sociedade)	30	Polo 30	Andrea Martins Cantanhede	239
Educação e imaginação	30	Polo 37	Marizete Bortolanza Spessatto	271
Educação e territorialidades	60	Polo 06	Simone Da Silva Ribeiro	55
Educação e transformação em Paulo Freire	60	Polo 01	Andrea Da Paixao Fernandes	18
Educação em Ciências e Matemática e Avaliação Escolar	60	Polo 35	Fernanda Peres Ramos ,	264
Educação Escolar Quilombola: território e cultura	60	Polo 17 Polo 16	Roberto De Souza Santos	169
Educação humanista na perspectiva fenomenológica	30	Polo 31	Rosana Figueiredo Salvi	246

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Educação Matemática em Ambientes Virtuais na Educação Básica	30	Polo 06	Gislaine Maria Rodrigues	57
Educação para a Saúde e Sexualidade	60	Polo 08	Patricia Da Silva Sessa	82
Ensino de Álgebra I	30	Polo 12	Pedro Franco De Sa	111
Ensino de Álgebra II	60	Polo 12	Gilberto Emanuel Reis Vogado	112
Ensino de aritmética e álgebra	60	Polo 25	Amauri Da Silva Barros	222
Ensino de Biologia I	30	Polo 12	Ana Claudia Caldeira Tavares Martins	113
Ensino de Biologia II	30	Polo 12	Ana Claudia Caldeira Tavares Martins	114
Ensino de Ciências da Natureza E Matemática e o Movimento CTSA	60	Polo 16	Idemar Vizolli	158
Ensino de ciências e matemática: tendências, fundamentos e metodologias	60	Polo 20	Roseli Adriana Blümke Feistel	181
Ensino de Ciências Sociais Na Educação Básica	60	Polo 16	Noeci Carvalho Messias	158
Ensino de Física I	45	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	115
Ensino de Física II	45	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	116
Ensino de Geografia	30	Polo 12	Alcione Santos De Souza	117
Ensino de geometria	60	Polo 25	Ediel Azevedo Guerra	222
Ensino de Geometria I	30	Polo 12	Acylena Coelho Costa	118
Ensino de Geometria II	30	Polo 12	Miguel Chaquiam	119
Ensino de Geometria III	30	Polo 12	Miguel Chaquiam	120
Ensino de leitura/literatura e suas tecnologias	45	Polo 26 Polo 28	Maria Lúcia Pessoa Sampaio	226
Ensino de Língua Portuguesa I- aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Maria Do Perpetuo Socorro Cardoso Da Silva	120
Ensino de Língua Portuguesa II - aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Maria Do Perpetuo Socorro Cardoso Da Silva	121
Ensino de Língua Portuguesa III aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Elisa Maria Pinheiro de Souza	122

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Ensino de Língua Portuguesa IV- aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Josebel Akel Fares	123
Ensino de Língua Portuguesa V - aplicados ao ensino médio	45	Polo 12	Josebel Akel Fares	124
Ensino de Literatura I - aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Marco Antonio Da Costa Camelo	125
Ensino de Literatura II - aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Marco Antonio Camelo	125
Ensino de números e operações I	30	Polo 12	Rosineide De Sousa Juca	126
Ensino de números e operações II	30	Polo 12	Acylena Coelho Costa	127
Ensino de programação para crianças e adolescentes	30	Polo 37	Douglas Paulesky Juliani	272
Ensino de Química I	30	Polo 12	Davi De Jesus Oliveira	128
Ensino de Química II	30	Polo 12	Ronilson Freitas De Souza	128
Ensino de química, história e filosofia da ciência	60	Polo 24	Jose Vieira Do Nascimento Junior	208
Ensino do tratamento da informação I	30	Polo 12	Natanael Freitas Cabral	129
Ensino do tratamento da informação II	30	Polo 12	Rosineide De Sousa Juca	129
Ensino e aprendizagem	30	Polo 38	Vitor Hugo Borba Manzke	277
Ensino e pesquisa em educação geográfica	60	Polo 01	Rejane Cristina De Araujo Rodrigues	19
Ensino Interdisciplinar Em Ciências Humanas E Sociais	60	Polo 16	George Leonardo Seabra Coelho	159
Ensino, saberes, tecnologias e múltiplas linguagens	60	Polo 27	Giovana Carla Cardoso Amorim	231
Epistemologia do ensino: implicações para educação básica	60	Polo 16 Polo 28	Francileide Batista De Almeida Vieira	159
Epistemologia do processo de avaliação no ensino de ciências	60	Polo 30	Andrea Martins Cantanhede	241
Epistemologia, ensino e aprendizagem das matemáticas	60	Polo 30	Dea Nunes Fernandes	241
Escola e educação intercultural no contexto Amazônico	60	polo 14	Kecio Goncalves Leite	145
Escola, juventude e trabalho	30	Polo 37	Marival Coan	272
Espaços educativos não formais no ensino de história: entre memórias e identidades	60	Polo 01	Noeci Carvalho Messias	20

TÍTULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Estado e Políticas Públicas Educacionais	60	Polo 17	Elton Carvalho De Lima	170
Estratégias de Ensino e Aprendizagem em Ciências Humanas e suas Tecnologias	30	Polo 37	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	273
Estratégias de ensino e aprendizagem em linguagem e códigos e suas tecnologias	30	Polo 37	Maria Dos Anjos Lopes Viella	273
Estratégias de ensino e aprendizagem em matemática e suas tecnologias	30	Polo 37	Elenita Eliete De Lima Ramos	274
Estudos sobre formação e atuação docente em Educação Física	60	Polo 06	Janaina Garcia Sanches	58
Êxito e fracasso escolar e sua relação com o ensino	30	Polo 26	Constantin Xypas	227
Experimentação no ensino de ciências	60	Polo 20 Polo 22	Carmen Wobeto,	182
Experimentações curriculares e Múltiplas linguagens: mobilização e nomadização do pensamento	45	Polo 07	Inia Franco De Novaes	74
Ferramentas tecnológicas para o ensino de matemática e física na educação básica	60	Polo 33	Shalimar Calegari Zanatta	255
Física aplicada	90	Polo 29	Diva Maria Borges- Nojosa	236
Formação de conceitos científicos	60	Polo 24	Edilson Fortuna De Moradillo	209
Formação de conceitos químicos: uma abordagem histórico-filosófica	60	Polo 24	Mauro Andre Dresch	209
Formação de professores de ciências na perspectiva sócio-histórica	60	Polo 24	Edilson Fortuna De Moradillo	210
Formação de professores para a educação básica	60	Polo 16	Adriana Demite Stephani	160
Formação de professores para docência na educação básica na perspectiva interdisciplinar no contexto atual	60	Polo 16	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	161
Formação docente e interdisciplinaridade	60	Polo 27	Giovana Carla Cardoso Amorim	232
Formação docente para o ensino de Geografia	60	Polo 13	Marcus Vinicius Mariano De Souza	140
Formação docente para o ensino de Química	60	Polo 13	Wagner Soares De Alencar	141
Fundamentos da educação especial na perspectiva da inclusão	60	Polo 27	Regina Santos Young	233

TÍTULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Fundamentos da Matemática Escolar I: Geometria	30	Polo 23	Eudes Antonio Da Costa	196
Fundamentos da Matemática Escolar II: Aritmética e Álgebra	30	Polo 23	Eudes Antonio Da Costa	197
Fundamentos da Matemática Escolar III: Tratamento da informação	30	Polo 23	Eudes Antonio Da Costa	198
Fundamentos de ciências naturais aplicados ao cotidiano	30	Polo 15	Lilyan Rosmery Luizaga De Monteiro	150
Fundamentos e metodologias da pesquisa em Ciências Humanas	60	polo 14	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	146
Fundamentos epistemológicos e interdisciplinares da tecnologia	45	Polo 34	Edson Jacinski	260
Fundamentos históricos-epistemológicos da educação matemática	60	Polo 20	Edson Pereira Barbosa	183
Gêneros da redação científica	60	Polo 20	Marieta Prata De Lima Dias	184
Gestão pedagógica na educação matemática	45	Polo 23	Eurivalda Ribeiro Dos Santos Santana	199
História da Arte para Educação Básica – 60H- Polo 36- UFSC/cap - Florianópolis (SC)	60	Polo 36	Sheila Luzia Maddalozzo	269
Historia da Matemática e sua abordagem em sala de aula	45	Polo 05	Idemar Vizolli	51
História das Ciências e Ensino	45	Polo 09	Juliana Ricarte Ferraro	84
História das ciências físicas no século xx	60	Polo 24	Olival Freire Junior	211
História e Culturas dos povos indígenas no Brasil.	45	Polo 07	Noeci Carvalho Messias	75
História e filosofia da ciência	30	Polo 38	José Vieira Do Nascimento Júnior	278
História e Filosofia da Ciência no Ensino de Ciências	30	Polo 24	Elder Sales Teixeira	212
Implicações teórico-metodológicas para o trabalho com as práticas de linguagem falada (oralidade) e de linguagem escrita (letramento) na escola	60	Polo 07 Polo 22	Claudia Goulart Moraes	76
Inclusão na Perspectiva da Educação Matemática	60	Polo 21	Jaqueline Araújo Civardi	191
Indicadores sociais e ensino de educação básica nas metrópoles brasileiras	60	Polo 01	Leonardo Ayres Padilha	21
Informática no Ensino das Ciências Naturais e da Matemática - 60H	60	Polo 18	Silvete Coradi Guerini	172

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Informática no ensino de ciências e matemática - 30h	30	Polo 30	Joacy Batista De Lima	242
Instituição da ciência e da educação cultural local.	45	Polo 11	France Fraiha Martins,	107
Instrumentação para o ensino das ciências naturais em espaços escolares e extraescolares	60	Polo 01	Rosane Moreira Silva De Meirelles	23
Instrumentação para o ensino de ciências da natureza no ensino médio	30	Polo 04	Carlos Magno Rocha Ribeiro	48
Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino e formação docente.	60	Polo 01	Andrea Da Silva Marques Ribeiro	24
Introdução à história das ciências	30	Polo 24	Indianara Lima Silva	213
Jovens, adultos e idosos: identidades plurais e contexto intergeracional	60	Polo 01	Andrea Da Paixao Fernandes	24
Laboratório de ensino de ciências e matemática – 60h	60	Polo 18	Vitérico Jabur Maluf,	174
Leitura e literatura infantil e juvenil: concepções e alternativas metodológicas	60	Polo 01	Rosa Maria Cuba Riche	25
Linguagem e Cultura na Educação Básica	30	Polo 11	Ronaldo Marcos De Lima Araújo,	108
Linguagem Visual e Práticas de Campo no Ensino de Ciências e Educação Ambiental	45	Polo 09	Cauê Nascimento De Oliveira	86
Linguagem visual, comunicação e ensino (aprendizagem)	60	Polo 01	Esequiel Rodrigues Oliveira	26
Linguagem, corpo, movimento e o uso de novas tecnologias	30	Polo 33	Carlos Alexandre Molena Fernandes	256
Linguagem, letramento e ensino de produção de texto	45	Polo 26 Polo 28	Crígina Cibelle Pereira	228
Linguagens e narrativas no ensino de história	60	Polo 01	Helena Maria Marques Araujo	26
Ludicidade e cotidiano escolar	60	Polo 11	Marcio Antonio Raiol Dos Santos	109
Matemática aplicada – 96 h - ele	90	Polo 29	Jose Rogerio Santana	237
Matemática nos anos iniciais do ef: possibilidades curriculares	60	Polo 01	Cláudia Hernandez Barreiros Sonco	27
Materiais Didáticos e Experimentais e o Ensino das Ciências	45	Polo 10	Bernadete Benetti	102
Materiais didáticos para a Educação Básica	60	Polo 14 Polo 22	Alex Mota Dos Santos	147
Mediação tecnológica e ensino	60	Polo 01	Andrea Da Silva Marques Ribeiro	28

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Metodologia da pesquisa em educação matemática I	45	Polo 23	Celia Barros Nunes	200
Metodologia da pesquisa em educação matemática II	45	Polo 23	Rogério Fernando Pires	201
Metodologia de Pesquisa em Ensino de Ciências da Terra	45	Polo 09	Celso Dal Ré Carneiro,	89
Metodologia de pesquisa em ensino de ciências naturais	30	Polo 15	Gecilane Ferreira	150
Metodologia para o ensino profissional e tecnológico	30	Polo 38	Marcos Antonio Anciuti	278
Métodos estatísticos da pesquisa em ensino	30	Polo 12	Miguel Chaquiam	130
Mídias e tecnologias no ensino de ciências e matemática	60	Polo 20	Edson Pereira Barbosa	186
Modelos científicos e a compreensão das ciências humanas, tecnologias e seu ensino	30	Polo 31	Margarida Cássia De Campos	247
(Multi)Letramentos: para além do fetiche tecnológico	60	Polo 06	Lauriana Goncalves De Paiva	59
Multiculturalismo e Educação Básica	60	Polo 11	Wilma De Nazaré Baia Coelho	110
Neuroeducação	60	polo 03	Lucianne Frangel Madeira	41
Novas tecnologias, salas de aula e professores: geografia, tecnologias e consolidação de categorias espaciais de análise.	60	Polo 07	Andre Luiz Sabino	77
O currículo de ciência e a experimentação no ensino de ciências	60	Polo 20	Carmen Wobeto	187
O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa.	60	Polo 38	Fernando Augusto Treptow Brod	279
O trabalho da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva nas redes regulares de ensino.	60	Polo 07	Priscila Moreira Correa	79
O uso da tecnologia nas diferentes áreas	30	Polo 33	Jose Barbosa Dias Junior	257
Organização do Trabalho Didático: fundamentos teóricos e práticos	60	Polo 16	Adriana Demite Stephani	161
Pedagogia da cultura corporal	60	Polo 06	Wilson Alviano Junior	60
Pedagogia de projetos no ensino de ciências e matemática	60	Polo 18	Josimar De Sousa,	174
Pedagogia hospitalar e atendimento educacional domiciliar: princípios, políticas e práticas	60	Polo 03	Edicléa Mascarenhas Fernandes	41

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Pesquisa em processos educativos e formação de professores	30	Polo 37	Gislene Miotto Catolino Raymundo	274
Planejamento, avaliação e currículo em educação física	60	Polo 01	Marcelo Moreira Antunes	29
Pluralismo cultural e aprendizagem escolar de ciências	60	Polo 24	Rosileia Oliveira De Almeida	214
Políticas educacionais para a educação básica	60	Polo 16	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	162
Políticas públicas educacionais	60	Polo 16	George Leonardo Seabra Coelho	163
Políticas, Currículos e Programas de Ensino	60	Polo 02	Alessandra Ciambarella Paulon	37
Políticas, Processos de formação e currículos pós-processo de Bolonha	60	Polo 16	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	164
Por uma didática intercultural lidar com a diferença na escola	60	Polo 01	Anna Carolina Cabral De Andrade Da Matta Machado	30
Prática pedagógica, recursos didáticos e desenvolvimento profissional em matemática	60	Polo 20	Elizabeth Quirino De Azevedo	188
Práticas de educação ambiental	60	Polo 25	Hilda Helena Sovierzoski	224
Práticas e Estratégias em Sala de Aula	60	Polo 02	Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias De Oliveira	37
Práticas experimentais no ensino	30	Polo 24	Marcos Andre Vannier Dos Santos	216
Práticas juvenis na pesquisa e na extensão: fundamentações e caminhos	60	Polo 01	Lincoln Tavares Silva	30
Práticas no Laboratório de Educação Matemática	60	Polo 21	Janice Pereira Lopes, Elisabeth Cristina De Faria	192
Processo de ensino-aprendizagem da educação fundamental I	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	42
Processo de ensino-aprendizagem da educação fundamental II	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	43
Processo de ensino-aprendizagem da Educação Infantil	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	43
Processo de ensino-aprendizagem do ensino médio	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	44
Processos de desenvolvimento e aprendizagem de alunos com deficiência intelectual	30	Polo 03	Edicléa Mascarenhas Fernandes	44
Processos de Ensino-Aprendizagem de Matemática na Educação Básica	60	Polo 19	Demilson Benedito do Nascimento	178

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Produção de material didático acessível	30	Polo 03	Edicléa Mascarenhas Fernandes	45
Produção e avaliação de materiais de ensino	60	Polo 16	Adriana Demite Stephani	165
Produção e Avaliação de Materiais Didáticos para Ensino de Ciências	60	Polo 03	Carolina Nascimento Spiegel	46
Projeto, produção e avaliação de materiais didáticos para ensino de	60	Polo 32	Tania Teresinha Bruns Zimer	251
Química aplicada	90	Polo 29	Maria Goretti De Vasconcelos Silva	237
Recursos e materiais didáticos-tecnológicos para um ensino interdisciplinar	60	Polo 24	Tania Cristina Rocha Silva	217
Redação científica e divulgação de resultados	30	Polo 03	Helena Carla Castro Cardoso De Almeida	46
Reflexos da diversidade na prática docente	60	Polo 06	Catia Pereira Duarte	64
Relações entre ciência e religião	60	Polo 24	Andre Luis Mattedi Dias	218
Representações de gênero e educação básica: reflexões e perspectivas de atuação.	60	Polo 07	Zaida Barros Dias	79
Saberes docentes e a gestão pedagógica do ensino– 45h	45	Polo 26	Débora Maria Do Nascimento,	229
Saberes docentes e as atividades de ensinar e de aprender na educação básica	45	Polo 28	Marlucia Barros Lopes Cabral	234
Saberes docentes no contexto das tecnologias	45	Polo 34	Silvia Gaia	261
Subsídios didático-pedagógicos para uma educação inclusiva	60	Polo 06	Carolina Dos Santos Bezerra Perez	66
Sujeito, identidade, educação e as “novas” tecnologias na (pós-) modernidade	45	Polo 07	Ana Claudia Cunha Salum	81
Sustentabilidades para a educação básica	60	Polo 01 e Polo 22	Lincoln Tavares Silva	35
Tecnologia Aplicada à Aprendizagem	60	Polo 36	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	270
Tecnologia da informação e comunicação na prática escolar	60	Polo 32	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	252
Tecnologias aplicadas ao ensino	60	Polo 02	Alexandre Lopes De Oliveira	38
Tecnologias aplicadas ao ensino de ciências biológicas na educação básica	60	Polo 33	Paulo Alfredo Feitoza Bohm	257
Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Básica	45	Polo 10 e Polo 22	Fabiane Mondini	104
Tecnologias da informação e comunicação no ensino	90	Polo 38	Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho	280

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Tecnologias da informação e comunicação no ensino de matemática – 60h	60	Polo 19	Einstein Lemos de Aguiar	179
Tecnologias da Informação no Ensino da Matemática	45	Polo 05	Robson Mariano Da Silva	52
Tecnologias digitais da informação e comunicação aplicadas ao ensino na educação básica	60	Polo 16	George Franca Dos Santos	165
Tecnologias educacionais	60	Polo 21	Elisabeth Cristina De Faria	193
Tecnologias educacionais e tecnologias da imagem no ensino consumo e crítica.	60	Polo 01	Andrea Da Silva Marques Ribeiro	31
Tecnologias em educação	30	Polo 37	Elenita Eliete De Lima Ramos	275
Tecnologias no ensino - aprendizagem significativo de língua estrangeira	60	Polo 01	Sonia Melo De Jesus	32
Temas Atuais em Geociências	45	Polo 09	Joseli Maria Piranha	93
Tendências atuais do ensino da história da arte	60	Polo 01	Gianne Maria Montedonio Chagastelles	33
Tendências e perspectivas no ensino de ciências da natureza	60	Polo 01	Maria Cristina Ferreira Dos Santos	34
Tendências em Ensino da Matemática	45	Polo 05	Carla Regina Gomes	52
Teorias da aprendizagem I	45	Polo 04 Polo 23	Luiza Rodrigues De Oliveira	49
Teorias da aprendizagem II	45	Polo 23 Polo 04	Vera Lúcia Merlini	202
Teorias da didática da matemática	60	Polo 23	Rogério Ferreira	203
Teorias de Aprendizagem, Ensino de Matemática e Diversidade de Sujeitos e de Culturas	60	polo 13	Ana Cledina Rodrigues Gomes	142
Teorias de ensino e aprendizagem nos anos iniciais	30	Polo 32	Maria Silvia Bacila Winkeler	252
Teorias e métodos de investigação em didática da matemática	60	Polo 24	Luiz Marcio Santos Farias	219
Texto, linguagens e ensino	60	Polo 13	Ronaldo Barros Ripardo	143
Tópicos de Biologia	60	Polo 12	Sinaida Maria Vasconcelos De Castro	131
Tópicos de Biologia	30	Polo 15	Sandro Estevan Moron	152
Tópicos de Cálculo Diferencial e Integral	45	Polo 05	Carlos Andres Reyna Vera-Tudela	53

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Tópicos de Ciências Humanas	60	Polo 12	Alcione Santos De Souza	131
Tópicos de ciências naturais: ensino e aprendizagem	30	Polo 20	Roseli Adriana Blumke Feistel	189
Tópicos de didática da matemática	90	Polo 16	Idemar Vizolli	166
Tópicos de Ensino de Astronomia na educação Básica	60	Polo 08	Evonir Albrecht	82
Tópicos de Física Clássica	30	Polo 15	Luis Juracy Rangel Lemos	152
Tópicos de Física I	60	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	132
Tópicos de Física II	60	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	132
Tópicos de Física Moderna E Contemporânea	30	Polo 15 Polo 21	Shirlei Nabarrete Dezidério	153
Tópicos de Língua Portuguesa I - aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Maria Do Perpetuo Socorro Cardoso Da Silva	133
Tópicos de Língua Portuguesa II - aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Elisa Maria Pinheiro de Souza,	134
Tópicos de Língua Portuguesa III - aplicados ao ensino médio	45	Polo 12	Marco Antonio Da Costa Camelo	135
Tópicos de Literatura - aplicados ao ensino médio	45	Polo 12	Josebel Akel Fares	136
Tópicos de Matemática I	60	Polo 12	Pedro Franco De Sa	137
Tópicos de Matemática II	60	Polo 12	Acylena Coelho Costa	137
Tópicos de Matemática III	60	Polo 12	Miguel Chaquiam	138
Tópicos de matemática para educação básica	90	Polo 24	Gilson Bispo De Jesus	221
Tópicos de Química	30	Polo 15	Daniel Augusto Barra De Oliveira	155
Tópicos de Química I	60	Polo 12	Joao Da Silva Carneiro	139
Tópicos de Química II	60	Polo 12	Victor Wagner Bechir Diniz	139
Tópicos em EJA	30	Polo 37	Elenita Eliete De Lima Ramos	276
Tópicos especiais de Biologia	30	Polo 20	Claudia Dos Reis	189
Tópicos especiais de Física	30	Polo 20	Roseli Adriana Blumke Feistel	189
Tópicos especiais de Matemática	30	Polo 20	Edson Pereira Barbosa	190
Tópicos especiais de Química	30	Polo 20	Carmen Wobeto	190

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Transdisciplinaridade e ecoformação no ensino de ciências naturais e matemática	60	Polo 16	Idemar Vizolli	166
Transversalidades e inclusão na Educação Básica	60	Polo 14	Joao Carlos Gomes	148

LISTA COMPLETA DAS DISCIPLINAS POR POLO GEOGRÁFICO (junho de 2015)

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
A cultura visual na educação básica - das abordagens curriculares aos procedimentos metodológicos	60	Polo 01	Christiane De Faria Pereira Arcuri	11
Abordagens representacionais: subsídios e fundamentações para projetos escolares	60	Polo 01	Lincoln Tavares Silva	12
África(s) e afro brasilidade(s) no ensino de educação básica	60	Polo 01	Jose Roberto Da Silva Rodrigues	14
Alfabetização e linguagem nos anos iniciais	60	Polo 01	Jone Carla Baiao	15
Artes no ensino médio: desafios e tecnologias contemporâneas	60	Polo 01	Johannes Andreas Valentin	16
Aspectos atuais em biologia e os desafios em sala de aula	60	Polo 01	Carolina Tavares Schumann	16
Aspectos fonológicos e morfológicos que subsidiam o processo da alfabetização	60	Polo 01	Cláudia Hernandez Barreiros Sonco	17
Desafios da prática pedagógica no cotidiano da sala de aula: a tomada de decisões na ação	60	Polo 01	Magda Suely Pereira Costa	17
Educação e transformação em Paulo Freire	60	Polo 01	Andrea Da Paixao Fernandes	18
Ensino e pesquisa em educação geográfica	60	Polo 01	Rejane Cristina De Araujo Rodrigues	19
Espaços educativos não formais no ensino de história: entre memórias e identidades	60	Polo 01	Noeci Carvalho Messias	20
Indicadores sociais e ensino de educação básica nas metrópoles brasileiras	60	Polo 01	Leonardo Ayres Padilha	21
Instrumentação para o ensino das ciências naturais em espaços escolares e extraescolares	60	Polo 01	Rosane Moreira Silva De Meirelles	23
Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino e formação docente.	60	Polo 01	Andrea Da Silva Marques Ribeiro	24
Jovens, adultos e idosos: identidades plurais e contexto intergeracional	60	Polo 01	Andrea Da Paixao Fernandes	24
Leitura e literatura infantil e juvenil: concepções e alternativas metodológicas	60	Polo 01	Rosa Maria Cuba Riche	25
Linguagem visual, comunicação e ensino (aprendizagem)	60	Polo 01	Esequiel Rodrigues Oliveira	26
Linguagens e narrativas no ensino de história	60	Polo 01	Helena Maria Marques Araujo	26

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Matemática nos anos iniciais do ef: possibilidades curriculares	60	Polo 01	Cláudia Hernandez Barreiros Sonco	27
Mediação tecnológica e ensino	60	Polo 01	Andrea Da Silva Marques Ribeiro	28
Planejamento, avaliação e currículo em educação física	60	Polo 01	Marcelo Moreira Antunes	29
Por uma didática intercultural lidar com a diferença na escola	60	Polo 01	Anna Carolina Cabral De Andrade Da Matta Machado	30
Práticas juvenis na pesquisa e na extensão: fundamentações e caminhos	60	Polo 01	Lincoln Tavares Silva	30
Tecnologias educacionais e tecnologias da imagem no ensino consumo e crítica.	60	Polo 01	Andrea Da Silva Marques Ribeiro	31
Tecnologias no ensino - aprendizagem significativo de língua estrangeira	60	Polo 01	Sonia Melo De Jesus	32
Tendências atuais do ensino da história da arte	60	Polo 01	Gianne Maria Montedonio Chagastelles	33
Tendências e perspectivas no ensino de ciências da natureza	60	Polo 01	Maria Cristina Ferreira Dos Santos	34
Sustentabilidades para a educação básica	60	Polo 01 e Polo 22	Lincoln Tavares Silva	35
Políticas, Currículos e Programas de Ensino	60	Polo 02	Alessandra Ciambarella Paulon	37
Práticas e Estratégias em Sala de Aula	60	Polo 02	Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias De Oliveira	37
Tecnologias aplicadas ao ensino	60	Polo 02	Alexandre Lopes De Oliveira	38
Altas Habilidades e Notório Saber – reconhecendo o conhecimento	30	Polo 03	Cristina Maria Carvalho Delou	39
Bases Legais, Políticas, de Ensino e Sociais para Inclusão Escolar	60	Polo 03	Cristina Maria Carvalho Delou	40
Cienciarte para promoção da criatividade e da inovação na educação básica	45	Polo 03	Tania C. de Araújo-Jorge	40
Neuroeducação	60	polo 03	Lucianne Frangel Madeira	41
Pedagogia hospitalar e atendimento educacional domiciliar: princípios, políticas e práticas	60	Polo 03	Edicléa Mascarenhas Fernandes	41
Processo de ensino-aprendizagem da educação fundamental I	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	42
Processo de ensino-aprendizagem da educação fundamental II	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	43

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Processo de ensino-aprendizagem da Educação Infantil	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	43
Processo de ensino-aprendizagem do ensino médio	30	Polo 03	Ana Regina E Souza Campello	44
Processos de desenvolvimento e aprendizagem de alunos com deficiência intelectual	30	Polo 03	Edicléa Mascarenhas Fernandes	44
Produção de material didático acessível	30	Polo 03	Edicléa Mascarenhas Fernandes	45
Produção e Avaliação de Materiais Didáticos para Ensino de Ciências	60	Polo 03	Carolina Nascimento Spiegel	46
Redação científica e divulgação de resultados	30	Polo 03	Helena Carla Castro Cardoso De Almeida	46
Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente - CTSA	45	Polo 04 Polo 22	Marcia Narcizo Borges	47
Instrumentação para o ensino de ciências da natureza no ensino médio	30	Polo 04	Carlos Magno Rocha Ribeiro	48
Teorias da aprendizagem I	45	Polo 04 Polo 23	Luiza Rodrigues De Oliveira	49
Historia da Matemática e sua abordagem em sala de aula	45	Polo 05	Idemar Vizolli	51
Tecnologias da Informação no Ensino da Matemática	45	Polo 05	Robson Mariano Da Silva	52
Tendências em Ensino da Matemática	45	Polo 05	Carla Regina Gomes	52
Tópicos de Cálculo Diferencial e Integral	45	Polo 05	Carlos Andres Reyna Vera-Tudela	53
Currículo, avaliação e ensino em Educação Matemática	30	Polo 06	Idemar Vizolli	54
Educação e territorialidades	60	Polo 06	Simone Da Silva Ribeiro	55
Educação Matemática em Ambientes Virtuais na Educação Básica	30	Polo 06	Gislaine Maria Rodrigues	57
Estudos sobre formação e atuação docente em Educação Física	60	Polo 06	Janaina Garcia Sanches	58
(Multi)Letramentos: para além do fetiche tecnológico	60	Polo 06	Lauriana Goncalves De Paiva	59
Pedagogia da cultura corporal	60	Polo 06	Wilson Alviano Junior	60
Reflexos da diversidade na prática docente	60	Polo 06	Catia Pereira Duarte	64
Subsídios didático-pedagógicos para uma educação inclusiva	60	Polo 06	Carolina Dos Santos Bezerra Perez	66

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
A Educação de jovens e adultos -EJA no contexto das políticas Públicas no Brasil: desafios e possibilidades	45	Polo 07	Zaida Barros Dias	69
Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e o desenvolvimento da subjetividade humana	60	Polo 07	Luciana Soares Muniz	70
Concepções de Infância, Currículo, Proposta Pedagógica, planejamento, organização e gestão do espaço, do tempo, e das rotinas em creches e pré-escolas	60	Polo 07	Magda Suely Pereira Costa	71
Contribuições da Psicologia Educacional para a formação e atividade docente na Educação Básica.	60	Polo 07	Lucianna Ribeiro De Lima	72
Experimentações curriculares e Múltiplas linguagens: mobilização e nomadização do pensamento	45	Polo 07	Inia Franco De Novaes	74
História e Culturas dos povos indígenas no Brasil.	45	Polo 07	Noeci Carvalho Messias	75
Implicações teórico-metodológicas para o trabalho com as práticas de linguagem falada (oralidade) e de linguagem escrita (letramento) na escola	60	Polo 07 Polo 22	Claudia Goulart Moraes	76
Novas tecnologias, salas de aula e professores: geografia, tecnologias e consolidação de categorias espaciais de análise.	60	Polo 07	Andre Luiz Sabino	77
O trabalho da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva nas redes regulares de ensino.	60	Polo 07	Priscila Moreira Correa	79
Representações de gênero e educação básica: reflexões e perspectivas de atuação.	60	Polo 07	Zaida Barros Dias	79
Sujeito, identidade, educação e as “novas” tecnologias na (pós-) modernidade	45	Polo 07	Ana Claudia Cunha Salum	81
Educação para a Saúde e Sexualidade	60	Polo 08	Patricia Da Silva Sessa	82
Tópicos de Ensino de Astronomia na educação Básica	60	Polo 08	Evonir Albrecht	82
História das Ciências e Ensino	45	Polo 09	Juliana Ricarte Ferraro	84
Linguagem Visual e Práticas de Campo no Ensino de Ciências e Educação Ambiental	45	Polo 09	Cauê Nascimento De Oliveira	86

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Metodologia de Pesquisa em Ensino de Ciências da Terra	45	Polo 09	Celso Dal Ré Carneiro,	89
Temas Atuais em Geociências	45	Polo 09	Joseli Maria Piranha	93
Aprendizagem por Projetos e Desenvolvimento Profissional	45	Polo 10	Galeno Jose De Sena	99
Avaliação na Educação Básica	30	Polo 10	Antonio Carlos De Souza	101
Materiais Didáticos e Experimentais e o Ensino das Ciências	45	Polo 10	Bernadete Benetti	102
Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Básica	45	Polo 10 e Polo 22	Fabiane Mondini	104
Instituição da ciência e da educação cultural local.	45	Polo 11	France Fraiha Martins,	107
Linguagem e Cultura na Educação Básica	30	Polo 11	Ronaldo Marcos De Lima Araújo,	108
Ludicidade e cotidiano escolar	60	Polo 11	Marcio Antonio Raiol Dos Santos	109
Multiculturalismo e Educação Básica	60	Polo 11	Wilma De Nazaré Baia Coelho	110
Ensino de Álgebra I	30	Polo 12	Pedro Franco De Sa	111
Ensino de Álgebra II	60	Polo 12	Gilberto Emanuel Reis Vogado	112
Ensino de Biologia I	30	Polo 12	Ana Claudia Caldeira Tavares Martins	113
Ensino de Biologia II	30	Polo 12	Ana Claudia Caldeira Tavares Martins	114
Ensino de Física I	45	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	115
Ensino de Física II	45	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	116
Ensino de Geografia	30	Polo 12	Alcione Santos De Souza	117
Ensino de Geometria I	30	Polo 12	Acylena Coelho Costa	118
Ensino de Geometria II	30	Polo 12	Miguel Chaquiam	119
Ensino de Geometria III	30	Polo 12	Miguel Chaquiam	120
Ensino de Língua Portuguesa I- aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Maria Do Perpetuo Socorro Cardoso Da Silva	120
Ensino de Língua Portuguesa II - aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Maria Do Perpetuo Socorro Cardoso Da Silva	121

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Ensino de Língua Portuguesa III aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Elisa Maria Pinheiro de Souza	122
Ensino de Língua Portuguesa IV- aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Josebel Akel Fares	123
Ensino de Língua Portuguesa V - aplicados ao ensino médio	45	Polo 12	Josebel Akel Fares	124
Ensino de Literatura I - aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Marco Antonio Da Costa Camelo	125
Ensino de Literatura II - aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Marco Antonio Camelo	125
Ensino de números e operações I	30	Polo 12	Rosineide De Sousa Juca	126
Ensino de números e operações II	30	Polo 12	Acylena Coelho Costa	127
Ensino de Química I	30	Polo 12	Davi De Jesus Oliveira	128
Ensino de Química II	30	Polo 12	Ronilson Freitas De Souza	128
Ensino do tratamento da informação I	30	Polo 12	Natanael Freitas Cabral	129
Ensino do tratamento da informação II	30	Polo 12	Rosineide De Sousa Juca	129
Métodos estatísticos da pesquisa em ensino	30	Polo 12	Miguel Chaquiam	130
Tópicos de Biologia	60	Polo 12	Sinaida Maria Vasconcelos De Castro	131
Tópicos de Ciências Humanas	60	Polo 12	Alcione Santos De Souza	131
Tópicos de Física I	60	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	132
Tópicos de Física II	60	Polo 12	Penn Lee Menezes Rodrigues	132
Tópicos de Língua Portuguesa I - aplicados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)	45	Polo 12	Maria Do Perpetuo Socorro Cardoso Da Silva	133
Tópicos de Língua Portuguesa II - aplicados aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano)	45	Polo 12	Elisa Maria Pinheiro de Souza,	134
Tópicos de Língua Portuguesa III - aplicados ao ensino médio	45	Polo 12	Marco Antonio Da Costa Camelo	135
Tópicos de Literatura - aplicados ao ensino médio	45	Polo 12	Josebel Akel Fares	136
Tópicos de Matemática I	60	Polo 12	Pedro Franco De Sa	137

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Tópicos de Matemática II	60	Polo 12	Acylena Coelho Costa	137
Tópicos de Matemática III	60	Polo 12	Miguel Chaquiam	138
Tópicos de Química I	60	Polo 12	Joao Da Silva Carneiro	139
Tópicos de Química II	60	Polo 12	Victor Wagner Bechir Diniz	139
Formação docente para o ensino de Geografia	60	Polo 13	Marcus Vinicius Mariano De Souza	140
Formação docente para o ensino de Química	60	Polo 13	Wagner Soares De Alencar	141
Teorias de Aprendizagem, Ensino de Matemática e Diversidade de Sujeitos e de Culturas	60	polo 13	Ana Cledina Rodrigues Gomes	142
Texto, linguagens e ensino	60	Polo 13	Ronaldo Barros Ripardo	143
Escola e educação intercultural no contexto Amazônico	60	polo 14	Kecio Goncalves Leite	145
Fundamentos e metodologias da pesquisa em Ciências Humanas	60	polo 14	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	146
Materiais didáticos para a Educação Básica	60	Polo 14 Polo 22	Alex Mota Dos Santos	147
Transversalidades e inclusão na Educação Básica	60	Polo 14	Joao Carlos Gomes	148
A construção do objeto de pesquisa em ensino de ciências	30	Polo 15	Sandro Estevan Moron	149
Fundamentos de ciências naturais aplicados ao cotidiano	30	Polo 15	Lilyan Rosmery Luizaga De Monteiro	150
Metodologia de pesquisa em ensino de ciências naturais	30	Polo 15	Gecilane Ferreira	150
Tópicos de Biologia	30	Polo 15	Sandro Estevan Moron	152
Tópicos de Física Clássica	30	Polo 15	Luis Juracy Rangel Lemos	152
Tópicos de Física Moderna E Contemporânea	30	Polo 15 Polo 21	Shirlei Nabarrete Dezidério	153
Tópicos de Química	30	Polo 15	Daniel Augusto Barra De Oliveira	155
Avaliação dos sistemas educacionais	60	Polo 16	Joao Nunes Da Silva	156
Currículos e programas para a educação básica	60	Polo 16, Polo 22	Joao Nunes Da Silva	156
Debates conceituais em educação ambiental	60	Polo 16	George Leonardo Seabra Coelho	157
Ensino de Ciências da Natureza E Matemática e o Movimento CTSA	60	Polo 16	Idemar Vizolli	158

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Ensino de Ciências Sociais Na Educação Básica	60	Polo 16	Noeci Carvalho Messias	158
Ensino Interdisciplinar Em Ciências Humanas E Sociais	60	Polo 16	George Leonardo Seabra Coelho	159
Epistemologia do ensino: implicações para educação básica	60	Polo 16 Polo 28	Francileide Batista De Almeida Vieira	159
Formação de professores para a educação básica	60	Polo 16	Adriana Demite Stephani	160
Formação de professores para docência na educação básica na perspectiva interdisciplinar no contexto atual	60	Polo 16	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	161
Organização do Trabalho Didático: fundamentos teóricos e práticos	60	Polo 16	Adriana Demite Stephani	161
Políticas educacionais para a educação básica	60	Polo 16	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	162
Políticas públicas educacionais	60	Polo 16	George Leonardo Seabra Coelho	163
Políticas, Processos de formação e currículos pós-processo de Bolonha	60	Polo 16	Francisco Gilson Reboucas Porto Junior	164
Produção e avaliação de materiais de ensino	60	Polo 16	Adriana Demite Stephani	165
Tecnologias digitais da informação e comunicação aplicadas ao ensino na educação básica	60	Polo 16	George Franca Dos Santos	165
Tópicos de didática da matemática	90	Polo 16	Idemar Vizolli	166
Transdisciplinaridade e ecoformação no ensino de ciências naturais e matemática	60	Polo 16	Idemar Vizolli	166
Avaliação do Ensino e Aprendizagem	60	Polo 17	Juliana Ricarte Ferraro	168
Didática e Metodologia do Ensino em Ciências Humanas	60	Polo 17	Juliana Ricarte Ferraro	168
Educação Escolar Quilombola: território e cultura	60	Polo 17 Polo 16	Roberto De Souza Santos	169
Estado e Políticas Públicas Educacionais	60	Polo 17	Elton Carvalho De Lima	170
Educação ambiental e práticas pedagógicas interdisciplinares: estudo da região geoeducacional de cáceres	30	Polo 18	Arno Rieder, Solange Ikeda Castrillon	171
Informática no Ensino das Ciências Naturais e da Matemática - 60H	60	Polo 18	Silvete Coradi Guerini	172
Laboratório de ensino de ciências e matemática – 60h	60	Polo 18	Vitérico Jabur Maluf,	174

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Pedagogia de projetos no ensino de ciências e matemática	60	Polo 18	Josimar De Sousa,	174
Avaliação da aprendizagem de ciências e matemática	30	Polo 19	Marta Maria Pontin Darsie	177
Processos de Ensino-Aprendizagem de Matemática na Educação Básica	60	Polo 19	Demilson Benedito do Nascimento	178
Tecnologias da informação e comunicação no ensino de matemática – 60h	60	Polo 19	Einstein Lemos de Aguiar	179
Ensino de ciências e matemática: tendências, fundamentos e metodologias	60	Polo 20	Roseli Adriana Blümke Feistel	181
Experimentação no ensino de ciências	60	Polo 20 Polo 22	Carmen Wobeto,	182
Fundamentos históricos-epistemológicos da educação matemática	60	Polo 20	Edson Pereira Barbosa	183
Gêneros da redação científica	60	Polo 20	Marieta Prata De Lima Dias	184
Mídias e tecnologias no ensino de ciências e matemática	60	Polo 20	Edson Pereira Barbosa	186
O currículo de ciência e a experimentação no ensino de ciências	60	Polo 20	Carmen Wobeto	187
Prática pedagógica, recursos didáticos e desenvolvimento profissional em matemática	60	Polo 20	Elizabeth Quirino De Azevedo	188
Tópicos de ciências naturais: ensino e aprendizagem	30	Polo 20	Roseli Adriana Blumke Feistel	189
Tópicos especiais de Biologia	30	Polo 20	Claudia Dos Reis	189
Tópicos especiais de Física	30	Polo 20	Roseli Adriana Blumke Feistel	189
Tópicos especiais de Matemática	30	Polo 20	Edson Pereira Barbosa	190
Tópicos especiais de Química	30	Polo 20	Carmen Wobeto	190
Conteúdos de matemática e sua relação com a prática docente sob uma visão da transposição didática – 60h	60	Polo 21	Elizabeth Quirino De Azevedo	191
Inclusão na Perspectiva da Educação Matemática	60	Polo 21	Jaqueline Araújo Civardi	191
Práticas no Laboratório de Educação Matemática	60	Polo 21	Janice Pereira Lopes, Elisabeth Cristina De Faria	192
Tecnologias educacionais	60	Polo 21	Elisabeth Cristina De Faria	193

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Fundamentos da Matemática Escolar I: Geometria	30	Polo 23	Eudes Antonio Da Costa	196
Fundamentos da Matemática Escolar II: Aritmética e Álgebra	30	Polo 23	Eudes Antonio Da Costa	197
Fundamentos da Matemática Escolar III: Tratamento da informação	30	Polo 23	Eudes Antonio Da Costa	198
Gestão pedagógica na educação matemática	45	Polo 23	Eurivalda Ribeiro Dos Santos Santana	199
Metodologia da pesquisa em educação matemática I	45	Polo 23	Celia Barros Nunes	200
Metodologia da pesquisa em educação matemática II	45	Polo 23	Rogério Fernando Pires	201
Teorias da aprendizagem II	45	Polo 23 Polo 04	Vera Lúcia Merlini	202
Teorias da didática da matemática	60	Polo 23	Rogério Ferreira	203
Contribuições da etnobiologia para o ensino, aprendizagem e formação de professores de ciências	60	Polo 24	Geilsa Costa Santos	204
Currículo e avaliação na educação básica	60	Polo 24	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	206
Didática da matemática	60	Polo 24	Luiz Marcio Santos Farias	207
Ensino de química, história e filosofia da ciência	60	Polo 24	Jose Vieira Do Nascimento Junior	208
Formação de conceitos científicos	60	Polo 24	Edilson Fortuna De Moradillo	209
Formação de conceitos químicos: uma abordagem histórico-filosófica	60	Polo 24	Mauro Andre Dresch	209
Formação de professores de ciências na perspectiva sócio-histórica	60	Polo 24	Edilson Fortuna De Moradillo	210
História das ciências físicas no século xx	60	Polo 24	Olival Freire Junior	211
História e Filosofia da Ciência no Ensino de Ciências	30	Polo 24	Elder Sales Teixeira	212
Introdução à história das ciências	30	Polo 24	Indianara Lima Silva	213
Pluralismo cultural e aprendizagem escolar de ciências	60	Polo 24	Rosileia Oliveira De Almeida	214
Práticas experimentais no ensino	30	Polo 24	Marcos Andre Vannier Dos Santos	216
Recursos e materiais didáticos-tecnológicos para um ensino interdisciplinar	60	Polo 24	Tania Cristina Rocha Silva	217
Relações entre ciência e religião	60	Polo 24	Andre Luis Mattedi Dias	218

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Teorias e métodos de investigação em didática da matemática	60	Polo 24	Luiz Marcio Santos Farias	219
Tópicos de matemática para educação básica	90	Polo 24	Gilson Bispo De Jesus	221
Ensino de aritmética e álgebra	60	Polo 25	Amauri Da Silva Barros	222
Ensino de geometria	60	Polo 25	Ediel Azevedo Guerra	222
Práticas de educação ambiental	60	Polo 25	Hilda Helena Sovierzoski	224
Corpo e suas linguagens no processo ensino aprendido	45	Polo 26	Bertulino Jose De Souza	225
Currículo, ensino e formação docente	45	Polo 26	Jacicleide Ferreira Targino Da Cruz	225
Ensino de leitura/literatura e suas tecnologias	45	Polo 26 Polo 28	Maria Lúcia Pessoa Sampaio	226
Êxito e fracasso escolar e sua relação com o ensino	30	Polo 26	Constantin Xypas	227
Linguagem, letramento e ensino de produção de texto	45	Polo 26 Polo 28	Crígina Cibelle Pereira	228
Saberes docentes e a gestão pedagógica do ensino– 45h	45	Polo 26	Débora Maria Do Nascimento,	229
A organização do currículo e as práticas pedagógicas na escola: contribuições do pós-estruturalismo	60	Polo 27	Jean Mac Cole Tavares Santos	230
Avaliação na/da escola: relações possíveis	60	Polo 27	Alessandro Teixeira Nóbrega	231
Ensino, saberes, tecnologias e múltiplas linguagens	60	Polo 27	Giovana Carla Cardoso Amorim	231
Formação docente e interdisciplinaridade	60	Polo 27	Giovana Carla Cardoso Amorim	232
Fundamentos da educação especial na perspectiva da inclusão	60	Polo 27	Regina Santos Young	233
Saberes docentes e as atividades de ensinar e de aprender na educação básica	45	Polo 28	Marlucia Barros Lopes Cabral	234
Biologia aplicada	90	Polo 29	Diva Maria Borges-Nojosa	236
Física aplicada	90	Polo 29	Diva Maria Borges-Nojosa	236
Matemática aplicada – 96 h - ele	90	Polo 29	Jose Rogerio Santana	237
Química aplicada	90	Polo 29	Maria Goretti De Vasconcelos Silva	237
Alfabetização científica	60	Polo 30	Mariana Guelero Do Valle	238
Análise e desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de ciências	30	Polo 30	Maria Celia Pires Costa	239

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
Educação científica com enfoque cts (ciência, tecnologia e sociedade)	30	Polo 30	Andrea Martins Cantanhede	239
Epistemologia do processo de avaliação no ensino de ciências	60	Polo 30	Andrea Martins Cantanhede	241
Epistemologia, ensino e aprendizagem das matemáticas	60	Polo 30	Dea Nunes Fernandes	241
Informática no ensino de ciências e matemática - 30h	30	Polo 30	Joacy Batista De Lima	242
Educação ambiental e interdisciplinaridade	30	Polo 31 Polo 22	Antonivaldo De Jesus	245
Educação humanista na perspectiva fenomenológica	30	Polo 31	Rosana Figueiredo Salvi	246
Modelos científicos e a compreensão das ciências humanas, tecnologias e seu ensino	30	Polo 31	Margarida Cássia De Campos	247
Alfabetização matemática na perspectiva do letramento	60	Polo 32	Carlos Roberto Vianna	249
As ciências, as linguagens e seus códigos no ensino fundamental 1	60	Polo 32	Neila Tonin Agranionih	250
Currículo integrado para a interdisciplinaridade no ensino fundamental i	45	Polo 32	Gilberto Paulino De Araujo	250
Projeto, produção e avaliação de materiais didáticos para ensino de	60	Polo 32	Tania Teresinha Bruns Zimer	251
Tecnologia da informação e comunicação na prática escolar	60	Polo 32	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	252
Teorias de ensino e aprendizagem nos anos iniciais	30	Polo 32	Maria Silvia Bacila Winkeler	252
Didática e novas tecnologias para o ensino de química na educação básica	60	Polo 33	Regina Celia Padovan	254
Ferramentas tecnológicas para o ensino de matemática e física na educação básica	60	Polo 33	Shalimar Calegari Zanatta	255
Linguagem, corpo, movimento e o uso de novas tecnologias	30	Polo 33	Carlos Alexandre Molena Fernandes	256
O uso da tecnologia nas diferentes áreas	30	Polo 33	Jose Barbosa Dias Junior	257
Tecnologias aplicadas ao ensino de ciências biológicas na educação básica	60	Polo 33	Paulo Alfredo Feitoza Bohm	257
Aspectos cognitivos aplicados aos processos de ensino e aprendizagem	45	Polo 34	Siumara Aparecida De Lima	259
Fundamentos epistemológicos e interdisciplinares da tecnologia	45	Polo 34	Edson Jacinski	260
Saberes docentes no contexto das tecnologias	45	Polo 34	Silvia Gaia	261

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
A Questão das Mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) no Ensino de Ciências I	60	Polo 35	Dulcinéia Ester Pagani Gianotto	262
A Questão das Mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) no Ensino de Ciências II	60	Polo 35	Marcelo Maia Cirino	263
Educação em Ciências e Matemática e Avaliação Escolar	60	Polo 35	Fernanda Peres Ramos ,	264
A cidade como espaço educativo	60	Polo 36	Karen Christine Rechia	267
Docência, pesquisa e inovação pedagógica na interface universidade-escola	60	Polo 36	Hamilton De Godoy Wielewiski	268
História da Arte para Educação Básica – 60H- Polo 36- UFSC/cap - Florianópolis (SC)	60	Polo 36	Sheila Luzia Maddalozzo	269
Tecnologia Aplicada à Aprendizagem	60	Polo 36	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	270
Educação e imaginação	30	Polo 37	Marizete Bortolanza Spessatto	271
Ensino de programação para crianças e adolescentes	30	Polo 37	Douglas Paulesky Juliani	272
Escola, juventude e trabalho	30	Polo 37	Marival Coan	272
Estratégias de Ensino e Aprendizagem em Ciências Humanas e suas Tecnologias	30	Polo 37	Sonia Maria De Sousa Fabricio Neiva	273
Estratégias de ensino e aprendizagem em linguagem e códigos e suas tecnologias	30	Polo 37	Maria Dos Anjos Lopes Viella	273
Estratégias de ensino e aprendizagem em matemática e suas tecnologias	30	Polo 37	Elenita Eliete De Lima Ramos	274
Pesquisa em processos educativos e formação de professores	30	Polo 37	Gislene Miotto Catolino Raymundo	274
Tecnologias em educação	30	Polo 37	Elenita Eliete De Lima Ramos	275
Tópicos em EJA	30	Polo 37	Elenita Eliete De Lima Ramos	276
Didática das ciências experimentais	90	Polo 38	Vitor Hugo Borba Manzke	277
Ensino e aprendizagem	30	Polo 38	Vitor Hugo Borba Manzke	277
História e filosofia da ciência	30	Polo 38	José Vieira Do Nascimento Júnior	278
Metodologia para o ensino profissional e tecnológico	30	Polo 38	Marcos Antonio Anciuti	278

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	DOCENTE (1)	Página
O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa.	60	Polo 38	Fernando Augusto Treptow Brod	279
Tecnologias da informação e comunicação no ensino	90	Polo 38	Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho	280

DISCIPLINAS ELETIVAS PARA APROFUNDAMENTO METODOLOGICO

“Pesquisa em ensino e interdisciplinaridade: métodos, tendências e inovações” – 60 horas/aula, é a disciplina obrigatória que o PROFENSINO oferece para fundamento metodológico comum a todos os polos da Rede. No entanto uma série de outras disciplinas eletivas estão disponíveis nos vários Polos, com diferentes enfoques e abordagens.

Destacam-se:

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	Página
A cidade como espaço educativo	60	Polo 36	267
A construção do objeto de pesquisa em ensino de ciências	30	Polo 15	149
A cultura visual na educação básica - das abordagens curriculares aos procedimentos metodológicos	60	Polo 01	11
Abordagens representacionais: subsídios e fundamentações para projetos escolares	60	Polo 01	12
Aprendizagem por Projetos e Desenvolvimento Profissional	45	Polo 10	99
Aspectos cognitivos aplicados aos processos de ensino e aprendizagem	45	Polo 34	259
Aspectos fonológicos e morfológicos que subsidiam o processo da alfabetização	60	Polo 01	17
Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente - CTSA	45	Polo 04 Polo 22	47
Cienciarte para promoção da criatividade e da inovação na educação básica	45	Polo 03	40
Educação e imaginação	30	Polo 37	271
Educação e transformação em Paulo Freire	60	Polo 01	18
Educação humanista na perspectiva fenomenológica	30	Polo 31	246
Ensino de Ciências da Natureza E Matemática e o Movimento CTSA	60	Polo 16	158
Ensino de ciências e matemática: tendências, fundamentos e metodologias	60	Polo 20	181
Ensino e aprendizagem	30	Polo 38	277
Epistemologia, ensino e aprendizagem das matemáticas	60	Polo 30	241
Fundamentos e metodologias da pesquisa em Ciências Humanas	60	polo 14	146
Mediação tecnológica e ensino	60	Polo 01	28
Metodologia da pesquisa em educação matemática I	45	Polo 23	200

TITULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	Página
Metodologia da pesquisa em educação matemática II	45	Polo 23	201
Metodologia de Pesquisa em Ensino de Ciências da Terra	45	Polo 09	89
Metodologia de pesquisa em ensino de ciências naturais	30	Polo 15	150
Metodologia para o ensino profissional e tecnológico	30	Polo 38	278
Métodos estatísticos da pesquisa em ensino	30	Polo 12	130
Modelos científicos e a compreensão das ciências humanas, tecnologias e seu ensino	30	Polo 31	247
O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa.	60	Polo 38	279
Pedagogia de projetos no ensino de ciências e matemática	60	Polo 18	174
Pesquisa em processos educativos e formação de professores	30	Polo 37	274
Práticas e Estratégias em Sala de Aula	60	Polo 02	37
Práticas experimentais no ensino	30	Polo 24	216
Práticas juvenis na pesquisa e na extensão: fundamentações e caminhos	60	Polo 01	30
Práticas no Laboratório de Educação Matemática	60	Polo 21	192
Redação científica e divulgação de resultados	30	Polo 03	46
Sustentabilidades para a educação básica	60	Polo 01 e Polo 22	35
Teorias e métodos de investigação em didática da matemática	60	Polo 24	219

DISCIPLINAS ELETIVAS RELACIONADAS À TECNOLOGIAS NO/PARA/EM ENSINO

“Ensino na Educação Básica e suas tecnologias” é a Área de Concentração unitária do PROFENSINO. Por isso um conjunto de disciplinas aborda especificamente os temas relativos às tecnologias aplicadas ao Ensino, em particular as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Destacam-se:

TÍTULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	Página
A Questão das Mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) no Ensino de Ciências I	60	Polo 35	262
A Questão das Mídias e das Tecnologias de Informação (TIC) no Ensino de Ciências II	60	Polo 35	263
Ensino de programação para crianças e adolescentes	30	Polo 37	272
Fundamentos epistemológicos e interdisciplinares da tecnologia	45	Polo 34	260
Fundamentos da educação especial na perspectiva da inclusão	60	Polo 27	233
Informática no Ensino das Ciências Naturais e da Matemática	60	Polo 18	172
Informática no ensino de ciências e matemática	30	Polo 30	242
Linguagem, corpo, movimento e o uso de novas tecnologias	30	Polo 33	256
Mediação tecnológica e ensino	60	Polo 01	28
Mídias e tecnologias no ensino de ciências e matemática	60	Polo 20	186
(Multi)Letramentos: para além do fetiche tecnológico	60	Polo 06	59
O uso da tecnologia nas diferentes áreas	30	Polo 33	257
Recursos e materiais didáticos-tecnológicos para um ensino interdisciplinar	60	Polo 24	
Saberes docentes no contexto das tecnologias	45	Polo 34	261
Sujeito, identidade, educação e as “novas” tecnologias na (pós-) modernidade	45	Polo 07	81
Tecnologia Aplicada à Aprendizagem	60	Polo 36	270
Tecnologia da informação e comunicação na prática escolar	60	Polo 32	252
Tecnologias aplicadas ao ensino	60	Polo 02	38
Tecnologias aplicadas ao ensino de ciências biológicas na educação básica	60	Polo 33	257
Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Básica	45	Polo 10 e Polo 22	104

TÍTULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	Página
Tecnologias da informação e comunicação no ensino	90	Polo 38	280
Tecnologias da informação e comunicação no ensino de matemática	60	Polo 19	179
Tecnologias da Informação no Ensino da Matemática	45	Polo 05	52
Tecnologias digitais da informação e comunicação aplicadas ao ensino na educação básica	60	Polo 16	165
Tecnologias educacionais	60	Polo 21	193
Tecnologias educacionais e tecnologias da imagem no ensino consumo e crítica.	60	Polo 01	31
Tecnologias em educação	30	Polo 37	275
Tecnologias no ensino - aprendizagem significativo de língua estrangeira	60	Polo 01	32

DISCIPLINAS ELETIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS EDUCATIVOS

Coerente com sua missão de contribuir para o desenvolvimento de tecnologias educacionais, algumas disciplinas também abordam especificamente esse tema, como as que se seguem:

TÍTULO DA DISCIPLINA	HORAS	POLOS	Página
Análise e desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de ciências	30	Polo 30	239
Materiais didáticos e experimentais e o ensino das ciências	45	Polo 10	102
Materiais didáticos para a educação básica	60	Polo 14 Polo 22	147
Produção e avaliação de materiais de ensino	60	Polo 16	165
Produção e Avaliação de Materiais Didáticos para Ensino de Ciências	60	Polo 03	45
Projeto, produção e avaliação de materiais didáticos para ensino de	60	Polo 32	251
Recursos e materiais didáticos-tecnológicos para um ensino interdisciplinar	60	Polo 24	217

REITORIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Reitoria

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.8541
reitoria@ufabc.edu.br

PORTARIA DA REITORIA Nº 462, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa os representantes do CCNH e do CMCC para a composição da Comissão de Ética em Uso de Animais (CEUA) da UFABC.

O VICE-REITOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria UFABC nº 98, de 11 de fevereiro de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU), Seção 2, página 15, de 13 de fevereiro de 2014, no uso de suas atribuições legais e considerando:

- ✓ Resolução ConsEPE nº 41, de 17 de novembro de 2009, que institui a Comissão de Ética em uso de animais da UFABC (CEUA);
- ✓ Resolução ConsEPE nº 123, de 16 de dezembro de 2011, que aprova o Regimento Interno da CEUA, e
- ✓ a Portaria da Reitoria nº 435, de 28 de setembro de 2015, que regulamenta as eleições dos representantes docentes, por Centro, para a composição da CEUA,

RESOLVE:

Art. 1º Nomear como representantes eleitos dos Centros CCNH e CMCC na Comissão de Ética em Uso de Animais (CEUA):

I- Maria Camila Almeida (suplente: Ana Paula de M. A. Dau), representantes do Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH);

II- Fernando Augusto de Oliveira Ribeiro (suplente: Tatiana Lima Ferreira), representantes do Centro de Matemática, Computação e Cognição (CMCC).

Art. 2º Esta Portaria revoga e substitui a Portaria da Reitoria nº 248, de 23 de abril de 2015.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

Dácio Roberto Matheus
Vice-Reitor



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC

Reitoria

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7085
reitoria@ufabc.edu.br

PORTARIA DA REITORIA Nº 463, DE 28 DE OUTUBRO DE 2015.

*Exonera, a pedido, o servidor Julio Kobayashi Santana
do cargo de Técnico de Tecnologia da Informação.*

O VICE-REITOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria UFABC nº 98, de 11 de fevereiro de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU), Seção 2, página 15, de 13 de fevereiro de 2014, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Exonerar, a pedido, nos termos do Artigo 33, inciso I, c/c Artigo 34, da Lei 8.112/90, o servidor JULIO KOBAYASHI SANTANA, SIAPE 2231375, do cargo de Técnico de Tecnologia da Informação, código de vaga 0834701, a contar de 21 de outubro de 2015.

Dácio Roberto Matheus
Vice-Reitor



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC

Reitoria

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7085
reitoria@ufabc.edu.br

PORTARIA DA REITORIA Nº 464, DE 28 DE OUTUBRO DE 2015.

Nomeia o candidato Juari de Oliveira Lira para o cargo de Administrador.

O VICE-REITOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria UFABC nº 98, de 11 de fevereiro de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU), Seção 2, página 15, de 13 de fevereiro de 2014, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Nomear, nos termos do Artigo 9º, Inciso I, c/c Artigo 10 da Lei 8.112/90, o candidato aprovado no concurso público, objeto do Edital nº 91, de 30 de julho de 2013, publicado no Diário Oficial da União nº 147, de 1º de agosto de 2013, cujo resultado foi homologado pelo Edital nº 197, de 20 de dezembro de 2013, publicado no Diário Oficial da União nº 248, de 23 de dezembro de 2013, seção 3, páginas 56 a 59, para o quadro de pessoal da Fundação Universidade Federal do ABC, conforme discriminado abaixo:

Cargo: Administrador

CLASSIF.	NOME DO CANDIDATO	CÓDIGO DA VAGA
18º	JUARI DE OLIVEIRA LIRA	0899830

Dácio Roberto Matheus
Vice-Reitor



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC

Reitoria

Rua Arcturus, 03 – jardim Antares – São Bernardo do Campo - SP
CEP 09606-070 · Fone: (11) 2320-6225
needds@ufabc.edu.br

EDITAL Nº 001/2015

Abertura de Seleção de docentes da UFABC para elaboração de artigos acadêmicos para o Livro “Desafios para o Estado no Século XXI” (título provisório).

1. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

- 1.1. O presente edital tem por finalidade estabelecer critérios e procedimentos para a seleção de oito a doze propostas formuladas por docentes da universidade para elaboração de artigos a serem publicados no Livro “Desafios para o Estado brasileiro no século XXI” (título provisório), em organização pelo Núcleo de Estudos Estratégicos sobre Democracia, Desenvolvimento e Sustentabilidade (NEEDDS/UFABC) em parceria com o Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB/UFABC).
- 1.2. Cada artigo será remunerado num valor máximo de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), o que será determinado conforme o número total de artigos aceitos.
- 1.3 A depender da qualidade das propostas o número de artigos selecionados e a serem publicados pode ser alterado.

2. DO LIVRO

- 2.1. O livro se insere na proposta do NEEDDS para o período 2015/2016 e tem como objetivo veicular informações e análises que contribuam para o debate público em torno da agenda estratégica do Estado brasileiro, particularmente nos temas que representam o escopo de atuação do Núcleo.
- 2.2. O livro será composto por oito a doze artigos aproximadamente, elaborados por diferentes autores, abordando uma ou mais das temáticas pré-selecionadas e abaixo especificadas, aqui agrupadas nos três blocos que estruturarão a publicação:

Parte I - Agenda do desenvolvimento

- a. O papel do Estado em tempos de crise
- b. Matriz produtiva e padrões de crescimento econômico
- c. Pobreza e desigualdade

- d. A questão territorial

Parte II - Reinvenção do Estado democrático

- a. Reforma Política
- b. Relação Estado-Sociedade-Mercado na provisão de serviços públicos
- c. Participação, redes sociais e governo aberto
- d. Desafios do pacto federativo brasileiro

Parte III - A sustentabilidade em questão

- a. Mudanças climáticas e governança ambiental em múltiplas escalas
- b. Políticas ambientais no Brasil
- c. Interdependências entre ecologia e economia
- d. Ética, cidadania e meio-ambiente

2.3 – Para o momento da publicação o NEEDDS se reserva o direito de reagrupar e renomear as partes do livro de forma a melhor harmonizar sua estrutura com o conteúdo dos artigos aceitos por meio deste Edital.

3. DOS OBJETIVOS DA SELEÇÃO

3.1 A seleção é voltada a docentes da UFABC que, individualmente ou de maneira colaborativa com outros pesquisadores, docentes ou discentes, desejem escrever artigos sobre os temas acima elencados.

3.2 - Ao submeter a proposta, além da redação dos artigos, os autores se comprometerão a participar de evento a ser realizado em dezembro de 2015 para debate de versão preliminar dos trabalhos elaborados.

4. DAS BOLSAS

4.1 - A bolsa será paga em cota única em dezembro de 2015 mediante a entrega da versão preliminar dos artigos a serem apresentados no evento de dezembro. Haverá remuneração de apenas uma bolsa por artigo, mesmo no caso de co-autoria.

5. DOS REQUISITOS PARA A CONCESSÃO DE BOLSA

5.1. O beneficiado pela bolsa deve pertencer ao quadro docente permanente da Instituição, sob contrato em regime de tempo integral e dedicação exclusiva.

5.2. O beneficiado pela bolsa deve ter proposta de artigo aceita pela coordenação do NEEDDS

5.3. O beneficiado pela bolsa deverá se comprometer a participar do evento a ser organizado pelo NEEDDS onde serão debatidas as versões preliminares dos artigos selecionados.

6. RESPONSABILIDADES DO BOLSISTA

6.1. Elaborar artigo selecionado até dezembro de 2015

6.2 Apresentar versão preliminar completa do artigo em evento a ser realizado em 2015

6.3 Apresentar versão revisada do artigo para publicação em livro em data a ser estipulada pela coordenação do NEEDDS.

6.4 A apresentação final do artigo não obriga a coordenação do NEEDDS a publicá-lo caso o resultado não esteja compatível com a qualidade exigida.

7. DAS INSCRIÇÕES

7.1. A inscrição deverá ser realizada pelo candidato no período de 20 de Outubro a 06 de Novembro de 2015, por e-mail a ser enviado para needds@ufabc.edu.br, incluindo no título da mensagem a seguinte especificação: proposta para edital NEEDDS 2015.

7.2 – A proposta deverá ser apresentada em um único arquivo word ou pdf com as seguintes especificações:

- Resumo do artigo com 15-20 linhas.
- Resumo expandido do artigo com até 3 páginas, além das referências bibliográficas. Os resumos expandidos deverão ser estruturados obrigatoriamente em 4 partes: I) Objetivos, II) Método; III) Resultados esperados, IV) Estrutura provisória com indicação do conteúdo previsto de cada seção.
- Relação dos autores com link para os respectivos Curriculum Lattes.

7.3 - Os artigos finais deverão ter ao menos 3 seções, cujo teor deverá estar explicitado no resumo expandido: discussão teórica sobre o tema; diagnóstico da questão nacional (e/ou internacional) do tema, propostas de políticas para o tema em questão.

7.4 – Cada professor poderá ser responsável pela submissão de apenas uma proposta, embora possa figurar como colaborador em outras propostas apresentadas.

8. DO PROCESSO SELETIVO

8.1. A seleção será realizada por comitê indicado pela coordenação do NEEDDS que elaborará pareceres e fará a indicação dos selecionados.

8.2. Serão critérios de seleção: I) aderência da proposta ao tema do livro; II) viabilidade da proposta; III) experiência prévia do proponente em pesquisas na área proposta.

São Bernardo do Campo, 16 de outubro de 2015.

Arilson da Silva Favareto

Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos sobre Democracia,
Desenvolvimento e Sustentabilidade - NEEDDS



PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC

Pró-Reitoria de Graduação

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7983
gabinete.prograd@ufabc.edu.br

PORTARIA DA PROGRAD Nº 037, DE 27 DE OUTUBRO DE 2015.

Aplica sanção para discente de graduação por transgressão disciplinar.

O PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria nº 224 de 21 de março de 2014, publicada no Diário Oficial da União, Seção 2, de 25 de março de 2014, no uso de suas atribuições legais, considerando o parecer da Comissão de Transgressões Disciplinares Discentes da Graduação, instituída pela Portaria da Prograd nº 16, de 04 de abril de 2014, acerca do caso descrito no processo administrativo 23006.000781/2015-72;

RESOLVE:

Art. 1º ADVERTIR por escrito o aluno VICTOR CRUZ DE SOUZA, RA 11148409, discente de graduação, por ter infringido os incisos V, VI e VIII do Artigo 77 da Seção II, Capítulo III, do Regimento Geral da UFABC.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

José Fernando Queiruga Rey

Pró-Reitor de Graduação



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC

Reitoria

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.8541
reitoria@ufabc.edu.br

PORTARIA DA PROGRAD Nº 038, DE 27 DE OUTUBRO DE 2015.

Torna público o Calendário de Procedimentos Administrativo-Acadêmicos da Graduação para o Ano de 2016.

O PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria nº 224 de 21 de março de 2014, publicada no Diário Oficial da União, Seção 2, de 25 de março de 2014, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º Informar as datas e/ou prazos dos Procedimentos Administrativo-Acadêmicos da Graduação, de regulamentação interna à UFABC para o ano de 2016.

§1. As datas e/ou prazos Procedimentos Administrativo-Acadêmicos da Graduação, deste calendário, estão em conformidade com o previsto nas respectivas normas.

§2. Demais procedimentos Acadêmicos, que envolvam esta pró-reitora e que dependam de regulamentação e/ou publicação de entidades externas, não estão contemplados neste calendário, assim terão suas datas e/ou prazos oportunamente divulgados no site da Prograd.

Art. 2º É de responsabilidade de cada discente ou docente acompanhar as datas e/ou prazos de ocorrência de cada procedimento, de acordo com seu interesse e/ou necessidade.

Parágrafo único. Os Procedimentos Acadêmicos, deste calendário, não serão divulgados por outro meio.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

José Fernando Queiruga Rey
Pro-Reitor de Graduação



Calendário 2016 de Procedimentos Administrativo-Acadêmicos da Graduação

JANEIRO	
Etapa 1 e 2 - ajuste matrícula 1º quadrimestre/2016	18 a 19 e 21 a 22

FEVEREIRO	
Início das aulas - 1º QUAD./2016 (veteranos)	15
Matrículas em Trabalho de Graduação das Engenharias	15 a 20
Solicitações de equivalência de disciplinas	22/02 a 05/03
Solicitação de colação de grau antecipada para fevereiro - PRAZO MÁXIMO	11
Solicitação de colação de grau de 16/04 em curso específico - PRAZO MÁXIMO	20
Entrega de Atividades Complementares de BIS para colação de grau em 16/04 – PRAZO MÁXIMO	20

MARÇO	
Inscrições para a Troca de Turno (válida para o 2º Q/2016)	2 a 4
Fim do prazo para cancelamento de disciplinas	05
Avaliação de cursos	8 a 10
Inscrições para o curso de formação específica	22 a 24
Solicitação de colação de grau antecipada para março - PRAZO MÁXIMO	10
Fim do prazo para Trancamento de matrícula sem justificativa	24

ABRIL	
Colação de Grau - concluintes do 3º quadrimestre/2015	16
Feriado Municipal em Santo André - recesso em São Bernardo	8a 9
Matrículas para o 2º quadrimestre/2016	13 a 18

MAIO	
Lançamento de conceitos e faltas	12 a 19
Avaliação de disciplinas do 1º quadrimestre/2016	17/05 a 25/06
Conclusão do 1º quadrimestre/2016	16
Solicitação de colação de grau antecipada para maio - PRAZO MÁXIMO	10
Etapa 1 e 2 - ajuste matrícula 2º quadrimestre/2016	23 a 24 e 30 a 31
Inscrições para a Transferência Externa (válida para o 3º Q/ 2016)	23 a 27

JUNHO	
Início das aulas - 2º QUAD./2016 (veteranos e ingressantes)	6
Matrículas em Trabalho de Graduação das Engenharias	6 a 10
Solicitação de colação de grau antecipada para junho - PRAZO MÁXIMO	10
Solicitação de colação de grau de 13/08 em curso específico - PRAZO MÁXIMO	11
Entrega de Atividades Complementares de BIS para colação de grau de 13/08 – PRAZO MÁXIMO	11
Solicitações de equivalência de disciplinas	13 a 25
Fim do prazo para cancelamento de disciplinas	25

JULHO	
Inscrições para o curso de formação específica	13 a 15
Fim do prazo para trancamento de matrícula sem justificativa	16
Solicitação de colação de grau antecipada para julho - PRAZO MÁXIMO	11
Matrículas para o 3º quadrimestre/2016	27/07 a 01/08

Calendário 2016 de Procedimentos Administrativo-Acadêmicos da Graduação

AGOSTO	
Colação de grau - concluintes 1º quadrimestre/2016	13
Feriado Municipal em São Bernardo - recesso em Santo André	20
Conclusão do 2º quadrimestre/2016	30
Lançamento de conceitos e faltas	29/08 a 05/09
Avaliação de disciplinas do 2º quadrimestre/2016	31/08 a 08/10

SETEMBRO	
Solicitação de colação de grau antecipada para setembro - PRAZO MÁXIMO	12
Etapa 1 e 2 - ajuste matrícula 3º quadrimestre/2016	8 a 9 e 13 e 14
Início das aulas - 3º QUAD./2016 (veteranos)	19
Matrículas em Trabalho de Graduação das Engenharias	19 a 23
Solicitações de equivalência de disciplinas	26/9 a 08/10

OUTUBRO	
Solicitação de colação de grau de 17/12 em curso específico - PRAZO MÁXIMO	1
Entrega de Atividades Complementares de BIS para colação de grau de 17/12 – PRAZO MÁXIMO	1
Solicitação de colação de grau antecipada para outubro - PRAZO MÁXIMO	10
Inscrições para a Troca de BI (válida para o 1º Q/2017)	5 a 7
Fim do prazo para cancelamento de disciplinas	08
Inscrições para o curso de formação específica	25 a 27
Fim do prazo p/Trancamento de matrícula s/ justificativa	27

NOVEMBRO	
Matrículas para o 1º quadrimestre/2017	17 a 22

DEZEMBRO	
Conclusão do 3º quadrimestre/2016	17
Lançamento de conceitos e faltas	14 a 21
Colação de grau - concluintes 2º quadrimestre/2016	17

JANEIRO DE 2017	
Avaliação de disciplinas do 3º quadrimestre/2016	19/12 a 20/2/2017
Etapa 1 e 2 - ajuste matrícula 1º quadrimestre/2017	23 a 24 e 26 a 27

Obs. As datas e ou períodos dos demais processos Administrativos Acadêmicos serão oportunamente divulgados no site da Prograd.

Calendário 2016 de Procedimentos Administrativo-Acadêmicos da Graduação

REPOSIÇÕES DOS FERIADOS				
Quadr.	Feriado		Reposição	
2016.1	25 de março	sexta-feira	9 de maio	segunda-feira
	26 de março	sábado	10 de maio	terça-feira
	8 de abril	sexta-feira	11 de maio	quarta-feira
	9 de abril	sábado	12 de maio	quinta-feira
	21 de abril	quinta-feira	13 de maio	sexta-feira
	22 de abril	sexta-feira	14 de maio	sábado
	23 de abril	sábado	16 de maio	segunda-feira
2016.2	9 de julho	sábado	29 de agosto	segunda-feira
	20 de agosto	sábado	30 de agosto	terça-feira
2016.3	12 de outubro	quarta-feira	12 de dezembro	segunda-feira
	28 de outubro	sexta-feira	13 de dezembro	terça-feira
	29 de outubro	sábado	14 de dezembro	quarta-feira
	2 de novembro	quarta-feira	15 de dezembro	quinta-feira
	14 de novembro	segunda-feira	16 de dezembro	sexta-feira
	15 de novembro	terça-feira	17 de dezembro	sábado



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Pró-Reitoria de Graduação

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7983
gabinete.prograd@ufabc.edu.br

PORTARIA DA PROGRAD Nº 039, DE 29 DE OUTUBRO DE 2015.

Revoga a Portaria da Prograd nº 027, de 15 de julho de 2015.

O PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria nº 224 de 21 de março de 2014, publicada no Diário Oficial da União, Seção 2, de 25 de março de 2014, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º Revogar a Portaria da Prograd nº 027, de 15 de julho de 2015, publicada no Boletim de Serviço nº 477, de 17 de julho de 2015, a qual designara o servidor Leonardo José Steil para exercer a função de Coordenador *pro tempore* do Bacharelado em Ciência e Tecnologia da UFABC.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

José Fernando Queiruga Rey
Pró-Reitor de Graduação



Universidade Federal do ABC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Coordenação do Bacharelado em Ciência e Tecnologia
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7983
coordenacao_bct@ufabc.edu.br

PORTARIA DO BC&T Nº 01, DE 29 DE OUTUBRO DE 2015.

Dispõe sobre a nomeação de comissão eleitoral que coordenará os trabalhos para eleição dos membros docentes, técnicos administrativos e discentes da coordenação do BC&T.

O Coordenador *pro tempore* do Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do ABC, nomeado pela portaria 27, de 15 de julho de 2015, publicado no Boletim de Serviço nº 477 de 17 de julho de 2015, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor docente Antonio Álvaro Ranha Neves, os servidores técnico-administrativos Lucas Sagi Orsatti e Leone de Sousa e Silva e o discente Julio Cesar Dias Sophi Goncalves para compor a comissão eleitoral que coordenará os trabalhos para eleição dos membros docentes, discentes e técnico-administrativos da Coordenação do Bacharelado em Ciência e Tecnologia.

Art. 2º A presidência dessa comissão será exercida pelo docente Antonio Álvaro Ranha Neves

Art. 3º Essa comissão se extinguirá após a conclusão dos processos eleitorais.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

Leonardo José Steil

Coordenador *pro tempore* do Bacharelado em Ciência e Tecnologia



Universidade Federal do ABC

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Avenida dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.0085/0086/0087
CNPJ: 07.722.779/0001-06

DELIBERAÇÕES DAS COORDENAÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Período: De 26 de maio de 2015 a 16 de outubro de 2015.

1. Aprovação da SUBSTITUIÇÃO DE COORIENTADOR.

Programa	Discente	De	Para – Data
CCM	Vinícius Eduardo Ferreira dos Santos Silva – 13019513	Rodrigo Palucci Pantoni	Nunzio Marco Torrissi – 05/05/2015

2. Aprovação da SUBSTITUIÇÃO DE ORIENTADOR.

Programa	Discente	De	Para – Data
CCM	Vinícius Eduardo Ferreira dos Santos Silva – 13019513	Nunzio Marco Torrissi	Rodrigo Palucci Pantoni – 05/05/2015
CHS	Antônio Gouveia de Sousa – 13000815	José Blanes Sala	Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho – 08/06/2015
CHS	Francine Ribeiro Santos – 13023615	Paris Yeros	Camila Nunes Dias – 15/06/2015
CHS	Mariana Silva Rangel Matthiesen – 13001515	Adriana Capuano de Oliveira	Marilda Aparecida de Menezes – 02/06/2015
CHS	Rosane de Oliveira Viana – 13022114	Daniela Theuer Linke	Sidney Jard da Silva – 18/04/2015
NMA	Asaph Armando Jacinto – 13010914	Danilo Justino Carastan	Marcia Aparecida da Silva Spinacé – 11/08/2015
NMA	Karen de Souza do Prado – 13009715	Danilo Justino Carastan	Márcia Aparecida da Silva Spinacé – 10/08/2015
PPU	Daniela Damati Ferreira – 13028814	Sérgio Rodrigo Marchiori Praça	Gabriela Sanghero Lotta – 11/05/2015

3. Aprovação do TRANCAMENTO DE MATRÍCULA NO PROGRAMA.

Programa	Discente	Nível	Período/Quadrimestre
CCM	Alessandra Morante Misura – 13017915	Mestrado	2015.2
CHS	Bianca Delpino Marchioni – 13020214	Mestrado	2015.3 até 2016.1
CHS	Josielle Martinuzzo Costa Mesquita - 13024813	Mestrado	2015.2 até 2015.3
CTA	Fernanda de Mendonça – 13023014	Mestrado	2015.3
ENE	Caroline Rodrigues da Silva - 13031013	Mestrado	2015.2
ENE	Edson Fernando Escames - 14002912	Doutorado	2015.3 até 2016.1
ENS	Rosangela Rodrigues de Oliveira – 13009714	Mestrado	2015.2
INF	Nathali de Farias Ono – 13016114	Mestrado	2015.2 até 2015.3
NMA	Claudio Roberto Passatore – 14008314	Doutorado	2015.3 até 2016.1
NMA	Maira de Lourdes Rezende – 14003013	Doutorado	2015.3 até 2016.2
NMA	Renata Hidemi Moriya – 13010115	Mestrado	2015.2
PGT	Cláudia Gibeli Gomes – 13027313	Mestrado	2015.2 até 2015.3
PGT	Guilherme Augusto Cardoso Freire da Rosa – 13027613	Mestrado	2015.3

PROFMAT	Neide Antonia Pessoa dos Santos - 13022815	Mestrado	2º semestre

4. Desligamentos de discentes.

Programa	Discente	Data
BTC	Adenir Ferreira Pinto – 13029015	05/08/2015
CCM	Juliana de Fatima Pugliese – 13018015	01/10/2015
CCM	Magno Conceição Lessa Pires – 13019115	18/05/2015
CCM	Ricardo Augusto Guimarães Filho – 13017715	01/10/2015
ENE	Mateus Alves Ângelo – 13028012	27/11/2014

5. Equivalência de **DIPLOMAS DE GRADUAÇÃO EMITIDOS NO EXTERIOR**

Programa	Discente	Origem
CCM	Juan Florencio Valdivia Guevara	Universidad Nacional de San Antonio Abad del Cusco
EEL	Carlos Mario Rocha Osorio	Universidade Nacional de Colombia
EEL	Daniel Ricardo Ojeda Girata	La Universidad Industrial de Santander
EEL	Gloria Milena Vargas Gil	La Universidad Industrial de Santander
EEL	Elmer Osman Hanco Catata	Universidad Nacional del Altiplano
EEL	Fredy Lozada González	La Universidade Distrital Francisco José de Caldas, Colômbia
EEL	Lina Constanza Osorio Molina	Universidad Nacional de Colombia
EEL	Luis Alejandro Gutierrez Gomez	La Universidad Industrial de Santander
EEL	Mauricio Nel Bolaños Peña	Escuela Colombiana de Ingeniería Julio Garavito
EEL	Michael Andrés Hernandez Navas	La Universidade Distrital Francisco José de Caldas
FIS	Angel David Masa Dominguez	Universidad del Atlántico

6. Homologação de **ALTERAÇÃO DE VÍNCULO DE COLABORADOR PARA PERMANENTE**.

Programa	Docente	Data
CHS	Gilberto Maringoni de Oliveira	08/05/2015

7. Homologação de **ALTERAÇÃO DE VÍNCULO DE PERMANENTE PARA COLABORADOR**.

Programa	Docente	Data
CHS	Daniel Pansarelli	08/05/2015
CHS	Marcos Vinicius Pó	08/05/2015
CHS	Marco Antônio Cornacioni Sávio	08/05/2015
CHS	Neusa Serra	08/05/2015
INV	Alexandre de Carvalho	03/06/2014
INV	Everton Zaccaria Nadalin	31/05/2014
MAT	Eduardo Gueron	03/08/2015
MAT	Norberto Aníbal Maidana	03/08/2015
NMA	Caetano Rodrigues Miranda	05/05/2015

NMA	Sandra Andrea Cruz	16/06/2015

8. Homologação do CREDENCIAMENTO DE DOCENTES.

Programa	Docente	Vínculo	Data	Observações
BTC	Luciana Lasry Benchimol Reis	Colaborador	08/07/2015	
BTC	Nathalia de Setta Costa	Permanente	05/08/2015	
CCM	Cristiane Maria Sato	Permanente	26/08/2014	Complemento da CI nº 141/2014
CCM	Karla Vittori	Permanente	12/06/2015	
CTA	Gabriel Zorello Laporta	Permanente	08/10/2015	
EBM	Andrea Cecília Dorion	Permanente	16/04/2015	
EBM	Ilka Tiemy Kato	Permanente	16/04/2015	
FIS	Ana Melva Champi Farfán	Colaboradora	18/09/2015	
INF	Luis Alberto Luz de Almeida	Permanente	03/09/2015	
INV	Alexandre Santaella Braga	Colaborador	12/07/2015	
INV	Cristina Fróes de Borja Reis	Permanente	14/07/2014	Incluída na APCN
INV	Danilo Tavares da Silva	Permanente	12/06/2015	
INV	Fernanda Graziella Cardoso	Permanente	14/07/2014	Incluída na APCN
INV	Idenilza Moreira de Miranda	Colaborador	12/07/2015	
INV	Mario Alexandre Gazziro	Permanente	14/07/2014	Incluído na APCN
INV	Ricardo Gaspar	Permanente	12/07/2015	
NMA	André Sarto Polo	Colaborador	12/08/2015	
NMA	Márcia Aparecida da Silva Spinacé	Permanente	15/07/2015	

9. Homologação do DESCREDENCIAMENTO DE DOCENTES.

Programa	Docente	Vínculo	Data
BTC	Pablo Alejandro Fiorito	Colaborador	05/08/2015
CHS	Donizete Aparecido Rodrigues	Colaborador	08/05/2015
CHS	Emma Cademartori Siliprandi	Colaborador	08/05/2015
CHS	Graciela de Souza Oliver	Permanente	08/05/2015
CHS	Isabela Fadul de Oliveira	Colaborador	08/05/2015
CTA	Arlson da Silva Favareto	Permanente	30/07/2015
MAT	Alexandr Kornev	Permanente	03/08/2015
MAT	Cláudio Nogueira de Meneses	Permanente	03/08/2015
MAT	Daniel Miranda Machado	Colaborador	03/08/2015
MAT	Daniel Morgato Martin	Colaborador	03/08/2015
MAT	Edson Alex Arrázola Iriarte	Colaborador	03/08/2015
MAT	Feodor Pisnitchenko	Permanente	03/08/2015
MAT	Gaetano Siciliano	Permanente	03/08/2015
MAT	Geraldine Góes Bosco	Colaborador	03/08/2015
MAT	Ilma Aparecida Marques Silva	Permanente	03/08/2015
MAT	João Paulo Pitelli Manoel	Permanente	03/08/2015

MAT	Luis Paulo Barbour Scott	Colaborador	03/08/2015
MAT	Márcio Fabiano da Silva	Permanente	03/08/2015
MAT	Rafael de Mattos Grisi	Permanente	03/08/2015
MAT	Rodney Carlos Bassanezi	Permanente	03/08/2015
MAT	Sinuê Dayan Barbero Lodovici	Permanente	03/08/2015
MAT	Tiago Pereira da Silva	Permanente	03/08/2015

10. Homologação do **RECRENCIAMENTO DE DOCENTES**.

Programa	Docente	Vínculo	Data
CHS	Adriana Capuano de Oliveira	Permanente	08/05/2015
CHS	Ana Keila Mosca Pinezi	Permanente	08/05/2015
CHS	Anapátricia de Oliveira Moraes Vilha	Permanente	08/05/2015
CHS	Camila Caldeira Nunes Dias	Permanente	08/05/2015
CHS	Claudio Luis de Camargo Penteado	Permanente	08/05/2015
CHS	Gilberto Marcos Antonio Rodrigues	Permanente	08/05/2015
CHS	Giorgio Romano Schutte	Permanente	08/05/2015
CHS	José Blanes Sala	Permanente	08/05/2015
CHS	José Paulo Guedes	Permanente	08/05/2015
CHS	Júlio Francisco Blumetti Facó	Permanente	08/05/2015
CHS	Maria Gabriela Silva Martins Cunha Marinho	Permanente	08/05/2015
CHS	Marilda Aparecida de Menezes	Permanente	08/05/2015
CHS	Paris Yeros	Permanente	08/05/2015
CHS	Ramon Vicente Garcia Fernandez	Permanente	08/05/2015
CHS	Sérgio Amadeu da Silveira	Permanente	08/05/2015
CHS	Sidney Jard da Silva	Permanente	08/05/2015
CHS	Silvia Cristina Dotta	Permanente	08/05/2015
CHS	Ricardo Batista Politi	Permanente	08/05/2015
CHS	Vitor Eduardo Schincariol	Permanente	08/05/2015
MAT	Alexi Magalhães Veneziani	Permanente	03/05/2015
MAT	Ana Carolina Boero	Permanente	03/08/2015
MAT	Cecília Bertoni Martha Hadler Chiarenti	Permanente	03/08/2015
MAT	Celso Chikahiro Nishi	Permanente	03/08/2015
MAT	Cristian Favio Coletti	Permanente	03/08/2015
MAT	Dmitry Vasilevich	Permanente	03/08/2015
MAT	Fabiano Gustavo Braga Brito	Permanente	03/08/2015
MAT	Francisco César Polcino Milies	Permanente	03/08/2015
MAT	Gisele Cristina Ducati	Permanente	03/08/2015
MAT	Igor Leite Freire	Permanente	03/08/2015
MAT	Ivan Kaygorodov	Permanente	03/08/2015

MAT	Jeferson Cassiano	Permanente	03/08/2015
MAT	Juliana Militão da Silva Berbet	Permanente	03/08/2015
MAT	Marcus Antônio Mendonça Marrocos	Colaborador	03/08/2015
MAT	Maria de Lourdes Merlini Giuliani	Permanente	03/08/2015
MAT	Mariana Rodrigues da Silveira	Permanente	03/08/2015
MAT	Maurício Firmino Silva Lima	Permanente	03/08/2015
MAT	Maurício Richartz	Permanente	03/08/2015
MAT	Rafael Ribeiro Dias Vilela de Oliveira	Permanente	03/08/2015
MAT	Roberto Venegeroles Nascimento	Permanente	03/08/2015
MAT	Rodrigo Fresneda	Permanente	03/08/2015
MAT	Roldão da Rocha Júnior	Permanente	03/08/2015
MAT	Vinícius Cifu Lopes	Permanente	03/08/2015
MAT	Vladislav Kupriyanov	Permanente	03/08/2015
MAT	Zhanna Gennadyevna Kuznetsova	Permanente	03/08/2015

11. Reconhecimento de COORIENTADOR.

Programa	Discente	Orientador	Coorientador	Nível/Data
CCM	Alexandre Greluk Szykman – 13031614	João Paulo Gois	André Luiz Brandão	Mestrado 16/04/2015
CCM	Candy Veronica Tenorio Gonzales – 13017215	Mário Alexandre Gazziro	João Paulo Gois	Mestrado 01/06/2015
CCM	Juan Valdivia Guevara – 13018314	Rodrigo de Alencar Hausen	Débora Maria Rossi de Medeiros	Mestrado 24/03/2015
CCM	Rafael Jeferson Pezzuto Damaceno – 13019014	Juliana Cristina Braga	Jesús Pascual Mena Chalco	Mestrado 01/04/2015
CCM	Rodrigo Teiske China – 13016415	Mario Alexandre Gazziro	Reginaldo Kisho Fukushi	Mestrado 19/06/2015
CTA	Maryá Cristina Rabelo – 13023314	Maria Cleofé Valverde Brambila	Vanessa Lucena Empinotti	Mestrado 01/08/2015
CTQ	Camila de Souza de Oliveira - 14001513	Álvaro Takeo Omori	Mirela Inês de Sairre	Doutorado 13/10/2015
CTQ	Edison Franco Junior – 14002012	Paula Homem de Mello	Janaina de Souza Garcia	Doutorado 06/02/2012
EEL	Gloria Milena Vargas Gil – 13039914	José Luis Azcue Puma	Alfeu Joãozinho Sguarezi Filho	Mestrado 29/09/2014
ENE	Bruna Patrícia de Oliveira – 13012514	Gilberto Martins	Luísa Helena dos Santos Oliveira	Mestrado 10/03/2014
ENE	Fabiano Ionta Andrade Silva	Sinclair Mallet Guy Guerra	Marcelo Pereira da Cunha	Doutorado 03/09/2015

ENE	Francisco César Dalmo – 14007113	Paulo Henrique de Mello Sant’Ana	Gilberto Martins	Doutorado 02/04/2015
ENE	Sebastião Vaz Júnior – 13031913	Gilberto Martins	Luciana Pranzetti Barreira	Mestrado 15/01/2015
ENS	Mikaella de Sousa – 13028214	Maria Cândida Varone de Moraes Capecchi	Maria Izabel dos Santos Garcia	Mestrado 24/03/2015
FIS	Luis Alex Huahuachampi Mamani – 14009713	Vilson Tonin Zanchin	Alex dos Santos Miranda	Doutorado 16/09/2013
NMA	Adrianne Marlise Mendes Brito – 14008214	Iseli Lourenço Nantes	Patricia Aparecida da Ana	Doutorado 27/04/2015
NMA	Flávia Letícia Silva Freitas – 14001214	Sandra Andrea Cruz	Anne Cristine Chinellato	Doutorado 01/10/2014
PGT	Leandro Bosnich – 13010915	Silvana Maria Zioni	Flavia da Fonseca Feitosa	Mestrado 12/04/2015

12. Reconhecimento de créditos por **APROVEITAMENTO DE DISCIPLINAS.**

Programa	Discente	Disciplina	Créditos	Conceito	Nível Atual
CCM	Andre Ricardo Frederico – 13016915	CCM 102 – Inteligência Artificial;	12	C	Mestrado
		CCM 203 – Mineração de Dados;	12	C	
		CCM 002 – Metodologia de Pesquisa em Ciência da Computação;	12	A	
		CCM 003 – Seminários em Computação;	2	A	
		CCM 202 – Engenharia de Software;	12	B	
		CCM 001 – Análise de Algoritmos e Estrutura de Dados.	12	C	
		CCM-204 – Redes de Computadores	12	B	
CHS	David Pimentel Barbosa de Siena – 13020614	CHS-301 – Diferenças, Diversidade e Desigualdade Social	9	A	Mestrado
CTQ	Samantha dos Santos Cipriano - 14001015	CT3034 – Química Integrada I	16	B	Doutorado
		CT3035 – Química Integrada II	16	A	

		BIS-105 – Farmacologia Básica e Etnofarmacologia	12	B	
		CT0002 – Seminários Gerais I	2	A	
		CT0003 – Seminários Gerais II	4	B	
EEL	Fernando Simplício de Sousa – 13006114	EEL-108 – Sensores e Dispositivos de Comunicação Sem Fio	12	A	Mestrado
		EEL-304 A – Tópicos Especiais de Engenharia Elétrica (Micro-Ondas e Circuitos Integrados RF CMOS)	12	A	
		EEL-302 – Métodos Numéricos	12	A	
EEL	Renan Guimarães Bulgaroni – 13007014	EEL 108 – Sensores e Dispositivos de Comunicação sem fio	12	A	Mestrado
		EEL 304 ^a – Tópicos Especiais em Engenharia Elétrica – Micro-ondas e Circuitos Integrados de RF CMOS	12	B	
		EEL 302 – Métodos Numéricos	12	B	
ENE	Thiago Ribeiro de Alencar – 14001013	ENE 101 – Fundamentos da energia	12	A	Doutorado
		ENE 102 – Energia, desenvolvimento e sustentabilidade	12	C	
		ENE 307 – Planejamento energético	12	A	
		ENE 309 – Inteligência Artificial	9	A	
		ENE 211 – Energia Solar Fotovoltaica	9	B	
		ENE 212 – Energia Eólica	9	B	

		ENE 407 – Modelagem matemática do desenvolvimento sustentável	9	B	
ENE	Walter Evaldo Kuchenbecker – 14001914	ENE 101 – Fundamentos da energia	12	B	Doutorado
		ENE 104 – Planejamento de pesquisa	6	B	
		ENE 105 – Seminários de Energia	6	A	
		ENE 206 – Energias renováveis (biomassa)	12	B	
		ENE 306B – Geração distribuída da energia	9	A	
		ENE 406 – Meio ambiente e sociedade	12	A	
		ENE 212 – Energia Eólica	9	A	
		ENE 102 – Energia, desenvolvimento e sustentabilidade	12	C	
ENS	Tatiana Laine Mendes – 13006115	ENS-110 – Tópicos em Ensino de Ciências e Matemática	12	A	Mestrado
INF	Josivan Pereira da Silva – 13015314	INF 002 – Métodos Matemáticos para a Engenharia da Informação;	12	B	Mestrado
		INF 204 – Processamento e Visualização de Imagens;	12	B	
		INF 003 – Seminários de Pesquisa.	2	A	
NCG	Camila Silveira Agostino – 13015215	NCG-003 – Ciências Cognitivas	12	A	Mestrado
NMA	Carolina Martão – 13039515	NMA-215 - Reologia	12	A	Mestrado
		NMA-204 – Cristalografia e Difração de Raios X	12	A	
NMA	Mainã Portella Garcia – 14009714	NMA-222 – Corrosão: Fundamentos, técnicas e métodos de proteção	12	A	Doutorado
		DAI-001 – Prospecção de Projeto Industrial	12	A	

NMA	Silvano Leal dos Santos – 14006613	DAI-001 – Prospecção de Projeto Industrial	12	A	Doutorado
PROFMAT	Cassio Cristiano Giordano – 13020215	MA11A – Números, Conjuntos e Funções Elementares	10	C	Mestrado
		MA12 – Matemática Discreta	10	C	
		MA13A – Geometria I	10	C	
		MA14A – Aritmética I	10	C	
		MA22 – Fundamentos de Cálculo	10	C	
		MA36 – Recursos Computacionais no Ensino de Matemática	10	C	
		MA43 – Cálculo Numérico	10	C	
		MA21 – Resolução de Problemas	10	A	
PROFMAT	Daniel Martins Gusmai – 13020315	MA11A – Números, Conjuntos e Funções Elementares	10	C	Mestrado
		MA12 – Matemática Discreta	10	B	
		MA13A – Geometria I	10	B	
		MA14A – Aritmética I	10	C	
		MA21 – Resolução de Problemas	10	A	
		MA22 – Fundamentos de Cálculo	10	C	
		MA36 – Recursos Computacionais no Ensino de Matemática	10	B	
PROFMAT	Sandro Yoshio Kuriyama – 13017411	MA12 – Matemática Discreta	10	C	Mestrado
		MA13A – Geometria I	10	A	
		MA14A – Aritmética I	10	C	
		MA37 – Modelagem Matemática	10	C	
		MA23 – Geometria Analítica	10	C	
		MA33 – Introdução à Álgebra Linear	10	C	

		MA22 – Fundamentos de Cálculo	10	C	
		MA21 – Resolução de Problemas	10	B	

13. Reconhecimento de créditos por **ATIVIDADES COMPLEMENTARES**.

Programa	Discente	Créditos	Nível
BTC	Fernanda Sant'Ana Cabral – 13007513	9	Mestrado
ENS	Bárbara Passadore de Oliveira – 13012713	08	Mestrado
ENS	Cristiane Sommer Leme – 13025413	13	Mestrado
ENS	Daniela Maria Manna Bartasevicius – 13013213	13	Mestrado
ENS	Davilson Limberg – 13028014	12	Mestrado
ENS	Debora da Silva Souza – 13025513	11	Mestrado
ENS	Eliane Cristina Couto de Lima – 13025613	64	Mestrado
ENS	Flávia Pacheco Alves de Souza – 13025913	16	Mestrado
ENS	Liliana Quintero López – 13027814	12	Mestrado
ENS	Mirtes Pacheco da Silva – 13014013	15	Mestrado
ENS	Soraia Oliveira Costa – 13014313	26	Mestrado
PGT	Ana Lia Costa Monteiro Leonel – 13026813	3	Mestrado
PGT	João Roberto Monteiro da Silva Barbosa – 13008814	2	Mestrado

14. Reconhecimento de **CRÉDITOS POR CONVALIDAÇÃO**.

Programa	Discente	Disciplina Cursada - IES	Disciplina UFABC	Créditos	Conceito	Nível
CTQ	Mariana Gonçalves Capeletto – 14000915	CTS-08 – Mecanismos de Reações Orgânicas – UNIFESP	CT3028 – Química Orgânica Avançada II	10	A	Doutorado
FIS	Patrice Audibert Camati – 14008514	Teoria Quântica de Campos I – IFT	FIS-303 – Teoria Quântica de Campos I	12	A	Doutorado
		Teoria Quântica de Campos II – IFT	FIS-304 – Teoria Quântica de Campos II	12	A	
		Mecânica Quântica I - IFT	FIS 101 – Mecânica Quântica I	18	A	
		Mecânica Quântica II - IFT	FIS 102 – Mecânica Quântica II	12	A	
		Mecânica Estatística - IFT	FIS 104 – Mecânica	12	A	

			Estatística			
NCG	Daniel Moreira Silva – 14007913	PBC037 – Estágio Docência I - UFU	NCG 005 – Estágio Docência II	2	A	Doutorado
PROFMAT	Sandro Yoshio Kuriyama – 13017411	MA11A – Números, Conjuntos e Funções Elementares - UFABC	MA11 – Números e Funções Reais	10	B	Mestrado

15. Reconhecimento de créditos por **PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSO**.

Programa	Discente	Créditos	Nível
CTQ	Thalita Soares Galhardo – 14002513	1	Doutorado
MAT	Priscila Leal da Silva – 14010014	12	Doutorado
NCG	Enver Miguel Oruro Puma – 13038212	4	Mestrado
NCG	Praful Narayan Kamble – 14005311	4	Doutorado

16. Reconhecimento de créditos por **PUBLICAÇÃO DE ARTIGO**.

Programa	Discente	Créditos	Nível
BTC	Carlos Eduardo de Castro – 13035613	18	Mestrado
EBM	Cristine Letícia Grandisoli – 13037412	4	Mestrado
ENE	Mayara Mirela Balbino de Souza – 13013114	1	Mestrado
MAT	Priscila Leal da Silva – 14010014	12	Doutorado
PGT	Marcelo Martins da Silva – 13028213	3	Mestrado

17. Reconhecimento de créditos por **TRANSFERÊNCIA DE DISCIPLINA**.

Programa	Discente	Disciplina	Instituição de origem	Créditos	Conceito	Nível
CTQ	José Matheus de Freitas Costa – 13034413	BIOTEC-18 – Tópicos Especiais em Biotecnologia	Anhanguera	02	B	Mestrado
ENE	Walter Evaldo Kuchenbecker – 14001914	PEA5751 – Teoria Geral das Máquinas Elétricas I	USP	08	A	Doutorado

NCG	Daniel Moreira Silva – 14007913	PBC022 – Processos Patológicos Gerais	UFU	04	B	Doutorado
		PBC006 – Biologia Celular	UFU	06	A	
		PBC014 – Fundamentos em Bioinformática	UFU	06	A	
		PBC016 – Imunopatologia de Doenças Infecciosas	UFU	04	A	
		PBC019 – Microscopia Avançada	UFU	04	A	
		PBC003 – Bases Celulares e Moleculares da Dor	UFU	06	A	
		PBC015 - Gametogênese	UFU	04	A	
NMA	Flavia Leticia Silva Freitas – 14001214	MTA 021 – Microbiologia e Meio Ambiente	IPT	12	B	Doutorado
		MTA 002 – Tecnologia, Desenvolvimento e Meio Ambiente	IPT	12	A	
		MTA 006 – Instrumentos de Planejamento e Gestão Ambiental	IPT	12	A	
PGT	Guilherme Carpinteiro de Carvalho – 13010815	AUP5703 – Desenho do Ambiente Urbano	USP	9	A	Mestrado
		AUP5839 – Políticas Urbanas no Brasil e na América Latina	USP	9	B	
		AUT5831 –	USP	9	B	

		Negociação e Mediação de Conflitos em Planejamento				
PROFMAT	Dimitrius Kalil Vassilopoulos – 13020515	MN014 – Aritmética	Unicamp	10	A	Mestrado

18. Reconhecimento de **ORIENTADOR**.

Programa	Discente	Orientador	Nível/ Data
BTC	Bruno Eduardo Gomes de Souza	Luciano Puzer	Mestrado 21/09/2015
CHS	Daniela Villas Boas Bazenga Vieira – 13002615	Adriana Capuano de Oliveira	Mestrado 07/07/2015
CHS	Thomas Ramiro – 13022414	Ramon Vicente Garcia Fernandez	Mestrado 10/03/2014
CTQ	Osvaldo Antônio de Sá – 13010813	Mauro Coelho dos Santos	Mestrado 11/05/2015
FIL	Mário Paes Landim – 13036915	Luiz Fernando Barrére Martin	Mestrado 21/09/2015
FIL	Paulo Luiz dos Reis – 13036815	Marilia Mello Pisani	Mestrado 21/09/2015
MAT	Julio César Nuñez Villa – 14002915	Cristian Favio Coletti	Doutorado 29/05/2015
PGT	Amanda Jodas – 13010215	Simone Rodrigues de Freitas	Mestrado 02/02/2015
PGT	Felipe Dias das Virgens – 13010415	Jeroen Johannes Klink	Mestrado 02/02/2015
PGT	Fernanda Kagan – 13010515	Vanessa Elias de Oliveira	Mestrado 05/03/2015
PGT	Guilherme Carpintero de Carvalho – 13010815	Rosana Denaldi	Mestrado 02/02/2015
PGT	Leandro Bosnich – 13010915	Silvana Maria Zioni	Mestrado 12/04/2015
PGT	Marcelo Bispo da Conceição – 13011015	Klaus Frey	Mestrado 02/02/2015
PGT	Marcus Vinicius Ferreira da Cunha Casasco – 13011115	Gerardo Alberto Silva	Mestrado 05/05/2015
PGT	Michele Monteiro Balduino – 13011215	Sandra Irene Momm Schult	Mestrado 02/02/2015
PGT	Paula Bittencourt Poggi Pollini - 13028413	Silvia Helena Facciolla Passarelli	Mestrado 01/08/2014
PGT	Patricia Maíssa Ferragioni da Cruz – 13011315	Ricardo de Sousa Moretti	Mestrado 02/02/2015
PGT	Pedro Fonseca Moreira – 13011415	Francisco de Assis Comaru	Mestrado 02/02/2015
PGT	Renan Fernando de Castro –	Gerardo Alberto da Silva	Mestrado 02/02/2015

	13011515		
PGT	Sávio Mourão Henrique – 13011715	Thiago Fonseca Morello Ramalho da Silva	Mestrado 02/02/2015
PGT	Thiago Corrêa Jacovine – 13011915	Flávia da Fonseca Feitosa	Mestrado 02/02/2015
PGT	Thiago Von Zeidler Gomes – 13012115	Silvana Maria Zioni	Mestrado 12/04/2015
PPU	Guilherme Arosa Prol Otero – 13027015	Gabriela Spanghero Lotta	Mestrado 10/08/2015

19. Reconhecimento de créditos por **PUBLICAÇÃO EM ANAIS**.

Programa	Discente	Créditos	Curso
ENS	Bárbara Passadore de Oliveira – 13012713	6	Mestrado
ENS	Debora da Silva Souza – 13025513	3	Mestrado
ENS	Eliane Cristina Couto de Lima – 13025613	25	Mestrado
ENS	Flávia Pacheco Alves de Souza - 13025913	6	Mestrado
ENS	Liliana Quintero López – 13027814	7	Mestrado
ENS	Soraia Oliveira Costa – 13014313	11	Mestrado
PGT	Leandro Wada Simone – 13029812	3	Mestrado

20. Discentes Regulares – **INGRESSO 2º QUADRIMESTRE 2015**

Programa	RA	Nome	Nível
BIS	14005615	Carina Colturato Kido	Doutorado
BIS	14005515	Débora Liliane de Souza Renó	Doutorado
BIS	13024415	Juliete Vitorino dos Santos	Mestrado
BIS	13024315	Regiane Aparecida de Andrade	Mestrado

Programa	RA	Nome	Nível
BIS	14005715	Silvia Gomes Passos	Doutorado
BTC	13029015	Adenir Ferreira Pinto	Mestrado
BTC	13027915	Adriana Ramos Moura	Mestrado
BTC	13028815	Bruno Eduardo Gomes de Souza	Mestrado
BTC	13028915	Daiana Ribeiro Bortoletto	Mestrado
BTC	13028515	Fabiana Matos Rodrigues	Mestrado
BTC	13029115	Flavia Gonçalves Benatti Kumiyoshi	Mestrado
BTC	13028015	Giselle da Silva Pedrosa	Mestrado
BTC	13028115	Juliana Lemos de Almeida Correia	Mestrado
BTC	13028215	Juscemácia Nascimento Araujo	Mestrado
BTC	13028615	Marco Aurélio Vinchi de Oliveira	Mestrado
BTC	13028715	Rafael Francisco Pereira	Mestrado
BTC	13028415	Raquel Koch	Mestrado
CHS	14007015	Claudia Elizabeth Deras Gonzalez	Mestrado
CHS	13029215	Cristhian Manuel Jimenez	Mestrado
CTQ	13029415	Sindy Vanesa Acosta Rodezno	Mestrado
ENE	14006415	Ana Paula Pereira da Silveira	Doutorado
ENE	14005815	Anderson Passos de Aragão	Doutorado
ENE	13024815	Carolina López Castrillón	Mestrado
ENE	13024515	Claudio Lima Rodrigues	Mestrado
ENE	14006215	Davi Wilkson Furtado Sozinho	Doutorado
ENE	13025115	Douglas Bellini	Mestrado
ENE	13024615	Eduardo Christiano Cecone	Mestrado
ENE	14005915	Haroldo Luiz Nogueira da Silva	Doutorado
ENE	13025015	Harue Kubo	Mestrado
ENE	14006315	Luana dos Santos Andrade	Doutorado
ENE	13024915	Marcos Henrique Gomes	Mestrado
ENE	13024715	Marina Carrato Galuzzi da Silva	Mestrado
ENE	14006115	Raquel Fernandes de Macedo	Doutorado
ENE	13025315	Sérgio Barboza Júnior	Mestrado
ENE	13025415	Tiago Vieira Ferreira	Mestrado
EVD	13007815	Bruno Garcia Piato	Mestrado
EVD	13007415	Daubian Santos	Mestrado
EVD	14002215	Felipe Theocharides Oricchio	Doutorado

Programa	RA	Nome	Nível
EVD	13029515	Guillermo Leonardo Flórez Montero	Mestrado
EVD	13007615	Karina Kitazawa de Souza	Mestrado
EVD	14002015	Kássia Mantovan Fardin	Doutorado
EVD	14001915	Mariana Monteiro de Brito	Doutorado
EVD	14002315	Mariane Tavares da Silva	Doutorado
EVD	13007715	Paula Keshia Rosa Silva	Mestrado
EVD	13007515	Renata Neves Biancalana	Mestrado
EVD	14002115	Vanessa Fuentes Suguiyama	Doutorado
INF	14006515	Andre Kliousoff Junior	Doutorado
INF	14006615	Fabrizio Ferreira Borelli	Doutorado
INF	14006715	Gabriela Martins Gonçalves de Oliveira	Doutorado
INF	14006815	Paulo Sergio Rangel Garcia	Doutorado
INF	14006915	Rodrigo Campos Bortoletto	Doutorado
MAT	14007115	Víctor Huanca Sullca	Doutorado
MEC	13025715	Alen Fabian Galvis Acero	Mestrado
MEC	13025615	Daniel Krall dos Santos	Mestrado
MEC	13025515	Eduardo de Melo Pádua	Mestrado
MEC	13025815	Guilherme Rinaldo	Mestrado
MEC	13025915	Santiago Jordan Granados Sanchez	Mestrado
NMA	13029315	Jose Eduardo Ulloa Rojas	Mestrado
NMA	14003315	Telma Zambini	Doutorado
PPU	13026315	Aline Andrade Rocha	Mestrado
PPU	13026415	Ana Carolina Almeida Santos Nunes	Mestrado
PPU	13026515	Carla Brandão da Silva	Mestrado
PPU	13026615	Daniel Tonelo	Mestrado
PPU	13026715	Fernanda Leoni	Mestrado
PPU	13026815	Fernando Santos Soares da Cunha	Mestrado
PPU	13026915	Flavio Siqueira Júnior	Mestrado
PPU	13027015	Guilherme Arosa Prol Otero	Mestrado
PPU	13027115	Gustavo Di Cesare Giannella	Mestrado
PPU	13027215	José Antonio Chinelato Zagato	Mestrado
PPU	13027315	Juliana Bruno Bressane	Mestrado
PPU	13027415	Juliana Fabbron Marin Marin	Mestrado
PPU	13027515	Layana Peres de Castro	Mestrado

Programa	RA	Nome	Nível
PPU	13027615	Melina Neves Xanthopoylos	Mestrado
PPU	13027715	Naja Domingos da Silva	Mestrado
PPU	13027815	Rodrigo Luppi dos Passos	Mestrado

21. Discentes Regulares – INGRESSO 3º QUADRIMESTRE 2015

Programa	RA	Nome	Nível
BTC	14007415	Alex Carvalho Alavarse	Doutorado
BTC	14007515	Camila Moura Santos	Doutorado
BTC	14007615	Carlos Eduardo de Castro	Doutorado
BTC	14009315	Carolina Filipchiuk Vibian	Doutorado
BTC	14007715	Daiane Salete Broch Mignoni	Doutorado
BTC	14007815	Érika Cristina dos Santos	Doutorado
BTC	13029615	Francisca Diana Alves de Sousa	Mestrado
BTC	14007915	Kelly Annes	Doutorado
CCM	14008215	Alan Claudius Maciel	Doutorado
CCM	14008315	Alexandre Miguel de Carvalho	Doutorado
CCM	14008115	Carlos Fernando Montoya Cubas	Doutorado
CCM	14008515	Danilo Carastan dos Santos	Doutorado
CCM	14008415	Luciano Rossi	Doutorado
CCM	14008015	Luis Felipe Sant'Ana	Doutorado
CTQ	13030515	Alexandre Colen de Alcantara	Mestrado
CTQ	13029715	Aline Nakagawa do Nascimento	Mestrado
CTQ	14008615	Antenor José Paulista Neto	Doutorado
CTQ	13029915	Carla Trentini Salatino	Mestrado
CTQ	14012115	Danielle da Silva Sartori	Doutorado
CTQ	13030015	Denis Gabriel Blanco Limachi	Mestrado
CTQ	14008715	Edson Carvalho da Paz	Doutorado
CTQ	13030615	Geyssa Ferreira Andrade	Mestrado

Programa	RA	Nome	Nível
CTQ	14008815	Iara Terra de Oliveira	Doutorado
CTQ	14008915	José Batista de Camargo Junior	Doutorado
CTQ	14011915	Larissa Markus Torres	Doutorado
CTQ	14009015	Marcos Lopes de Araújo	Doutorado
CTQ	13030215	Polyana Tomé de Paiva	Mestrado
CTQ	14009115	Ricardo Padilha Vianna Filho	Doutorado
CTQ	13030315	Rodrigo Silva Nascimento Mancini	Mestrado
CTQ	13030415	Samuel Santos de Oliveira	Mestrado
CTQ	14009215	Sandra Valéria Vassiliades	Doutorado
EBM	13031215	Aline Floss Weber	Mestrado
EBM	13031015	Bárbara Olivetti Artioli	Mestrado
EBM	13030915	Bruna Luciana Silverio	Mestrado
EBM	13030715	Felipe Araújo Pimenta	Mestrado
EBM	13030815	José Inácio da Silva Júnior	Mestrado
EBM	13031315	Lais Yuriko Morimoto	Mestrado
EBM	13031115	Sergio Luiz Machado dos Santos Jr.	Mestrado
EEL	13032115	André Luiz de Oliveira	Mestrado
EEL	13032515	Ariston Leite Pereira	Mestrado
EEL	13032815	Caio Rodrigo Guimarães Bulgaroni	Mestrado
EEL	13031515	Cassio Gerez	Mestrado
EEL	13032715	Claudimar Santos Chaves	Mestrado
EEL	13032015	Daniel Leandro da Silva	Mestrado
EEL	13032415	Felipe Sadami Oiwa da Costa	Mestrado
EEL	13031615	Fernanda Soares Vitor	Mestrado
EEL	13032615	Jaqueline Santos Pereira	Mestrado
EEL	13031715	Juan Carlos Colque Ccarita	Mestrado
EEL	13032215	Lucas Ribeiro Torin	Mestrado

Programa	RA	Nome	Nível
EEL	13031415	Mateus Mergl	Mestrado
EEL	13031815	Paula Andrea Osorio Molina	Mestrado
EEL	13031915	Renato Sanches Pinheiro	Mestrado
ENE	14009915	André Luiz de Lacerda Ferreira Murari	Doutorado
ENE	13033115	André Themoteo da Silva Melo	Mestrado
ENE	14009715	Carlos Mario Rocha Osorio	Doutorado
ENE	13033515	Danillo Souza Dias	Mestrado
ENE	14009515	Delano Mendes de Santana	Doutorado
ENE	14009615	Edgar Fernando Cortes Rodriguez	Doutorado
ENE	13033015	Jhuliana Marcela Gallego Ríos	Mestrado
ENE	13033215	João Daniel Cho	Mestrado
ENE	13033415	Luiz Guilherme dos Santos	Mestrado
ENE	14009815	Sérgio Eduardo Palmiere	Doutorado
ENE	13033315	Shevine Silva Oliveira Risso	Mestrado
ENS	13034215	Aline Delgado Pinheiro Cavalcante	Mestrado
ENS	13034015	Anatoli Nascimento Berdnikoff	Mestrado
ENS	13033715	Andréia Moreira da Silva	Mestrado
ENS	13034115	Angelica do Carmo da Silva Chico	Mestrado
ENS	13034315	Carolina Yumi Kakazu	Mestrado
ENS	13034415	Eduardo Eliasquevitch Mantovani	Mestrado
ENS	13034515	Emile Ferreira da Cunha Casasco	Mestrado
ENS	13034615	Fabício Cruz Florêncio da Silva	Mestrado
ENS	13034715	Giovanni Scataglia Botelho Paz	Mestrado
ENS	13034815	Gustavo Rodrigues Rosa	Mestrado
ENS	13034915	Karina Aguiar Alves	Mestrado
ENS	13033615	Kely Cristina Bueno	Mestrado
ENS	13035015	Ludmylla Ribeiro dos Santos	Mestrado

Programa	RA	Nome	Nível
ENS	13035215	Luis Henrique David	Mestrado
ENS	13035115	Luiz Gustavo Silva Salmazo	Mestrado
ENS	13035315	Malu Mineo Feitosa Luiz	Mestrado
ENS	13033815	Maria de Fatima Costa Sbrana	Mestrado
ENS	13035415	Mary Helen Silva Oliveira	Mestrado
ENS	13033915	Poliana Friolani	Mestrado
ENS	13035515	Thais Cristina Sellare de Mello	Mestrado
ENS	13035615	Thais Rocha Budrevicius	Mestrado
FIL	13037415	Adriano Vilela Mafra	Mestrado
FIL	13036715	André Trevisan	Mestrado
FIL	13037115	Bruno Reikdal Lima	Mestrado
FIL	13036215	Cristiano da Rocha Tavares	Mestrado
FIL	13037215	Diego Blanco de Souza	Mestrado
FIL	13036315	Elisney Dias Francisco	Mestrado
FIL	13036415	Gabriel Valim Alcoba Ruiz	Mestrado
FIL	13036615	Heloísa Valéria Castro	Mestrado
FIL	13037015	Lucas Dorado de Lima	Mestrado
FIL	13036915	Mário Paes Landim	Mestrado
FIL	13036015	Paluana Curvelo Luquiari	Mestrado
FIL	13036815	Paulo Luiz dos Reis	Mestrado
FIL	13036515	Sergio da Costa Oggioni	Mestrado
FIL	13037315	Tatiana Peixoto dos Santos Alves Lima	Mestrado
FIL	13036115	Thiago Henrique Cortez de Lisboa	Mestrado
FIL	13037515	Victor Fernando Paulino Moreira	Mestrado
FIL	13035915	William Dubal da Silva	Mestrado
FIS	14010315	Armando Fernandes da Silva	Doutorado
FIS	14010415	Bruno Pires Siqueira	Doutorado

Programa	RA	Nome	Nível
FIS	13037715	Felipe Garcia Ken Kamiya	Mestrado
FIS	14010615	Giovane de Souza Silva	Doutorado
FIS	13038115	Henrique Ferreira dos Santos	Mestrado
FIS	13038515	Jean de Souza Matias	Mestrado
FIS	13037915	João Lucas Miqueleto Reis	Mestrado
FIS	13038215	Raquel Malta Nunes de Almeida	Mestrado
FIS	13038315	Thiago Henrique Delfino Santos	Mestrado
FIS	13038015	Wallace Santos Teixeira	Mestrado
FIS	13037815	Wellington Luiz Ribeiro	Mestrado
FIS	14010815	William de Carvalho Vieira	Doutorado
INF	14011015	André Luiz dos Santos	Doutorado
INF	14010915	Carolina Kohutek	Doutorado
NCG	13038615	Catia Melo	Mestrado
NCG	14011215	Juliana Helena Bruno Machado	Doutorado
NCG	14011115	Keila do Socorro da Silva Rebello	Doutorado
NCG	13038915	Nadia Megumi Koyama	Mestrado
NCG	13038715	Renan Costa Vieira de Paula	Mestrado
NCG	14011315	Renata Ruggier de Mattos	Doutorado
NCG	13039015	Rodrigo San Martin	Mestrado
NCG	13038815	Soraia Fernandes das Neves Glisoi	Mestrado
NMA	13039815	Andressa Vidal Müller	Mestrado
NMA	14011715	Bruna Tosco	Doutorado
NMA	13039515	Carolina Martão	Mestrado
NMA	13039115	Daniel Victor Amaral Chiaretti	Mestrado
NMA	14011615	Douglas José Baquião Ribeiro	Doutorado
NMA	13039715	Eloana Patricia Ribeiro	Mestrado
NMA	13039615	Fernando Olmedo Carvalho Júnior	Mestrado

Programa	RA	Nome	Nível
NMA	13039215	Gabriel Ravanhani Schleder	Mestrado
NMA	13039415	Laís Bezerra Bertunes	Mestrado
NMA	14011415	Rogério Ramos de Sousa Junior	Doutorado
NMA	13039315	Victor Buratto Tinti	Mestrado

22. Aceites de orientação 2015.2 e 2015.3

Programa	Discente	RA	Orientador	Nível	Data
BTC	Adenir Ferreira Pinto	13029015	Patrícia Aparecida da Ana	Mestrado	25/05/2015
BTC	Daiana Ribeiro Bortoletto	13028915	Herculano da Silva Martinho	Mestrado	25/05/2015
BTC	Fabiana Matos Rodrigues	13028515	Emery Cleiton Cabral Correia Lins	Mestrado	25/05/2015
BTC	Flavia Gonçalves Benatti Kumiyoshi	13029115	Patrícia Aparecida da Ana	Mestrado	25/05/2015
BTC	Giselle da Silva Pedrosa	13028015	Silvia Ribeiro de Souza	Mestrado	25/05/2015
BTC	Juliana Lemos de Almeida Correia	13028115	Luciano Soares da Cruz	Mestrado	25/05/2015
BTC	Juscemácia Nascimento Araújo	13028215	Wanius José Garcia da Silva	Mestrado	25/05/2015
BTC	Marco Aurélio Vinchi de Oliveira	13028615	Jean-Jacques Bonvent	Mestrado	25/05/2015
BTC	Rafael Francisco Pereira	13028715	Arnaldo Rodrigues dos Santos Júnior	Mestrado	25/05/2015
BTC	Raquel Koch	13028415	Poliana Ramos Cardoso	Mestrado	25/05/2015
ENE	Anderson Passos de Aragão	14005815	Patrícia Teixeira Leite	Doutorado	25/05/2015
ENE	Carolina López Castrillón	13024815	Silvia Azucena Nebra de Pérez	Mestrado	25/05/2015
ENE	Claudio Lima Rodrigues	13024515	Antônio Garrido Gallego	Mestrado	25/05/2015
ENE	Davi Wilkson Furtado Sozinho	14006215	Roseli Frederigi Benassi	Doutorado	25/05/2015
ENE	Douglas Bellini	13025115	Ahda Pionkoski Grilo Pavani	Mestrado	25/05/2015
ENE	Eduardo Christiano Cecone	13024615	Douglas Alves Cassiano	Mestrado	25/05/2015
ENE	Haroldo Luiz Nogueira da Silva	14005915	Sérgio Ricardo Lourenço	Doutorado	25/05/2015

ENE	Harue Kubo	13025015	Antônio Garrido Gallego	Mestrado	25/05/2015
ENE	Juan Sebastián Solís Chaves	14006015	Alfeu Joãozinho Sguarezi Filho	Doutorado	25/05/2015
ENE	Luana dos Santos Andrade	14006315	Sérgio Brochsztain	Doutorado	25/05/2015
ENE	Marcos Henrique Gomes	13024915	Fernando Gasi	Mestrado	25/05/2015
ENE	Marina Carrato Galuzzi da Silva	13024715	Roseli Frederigi Benassi	Mestrado	25/05/2015
ENE	Raquel Fernandes de Macedo	14006115	Sinclair Mallet Guy Guerra	Doutorado	25/05/2015
ENE	Ronaldo Tamberlini Pagotto	13025215	Igor Fuser	Mestrado	25/05/2015
ENE	Sérgio Barboza Júnior	13025315	Ana Maria Pereira Neto	Mestrado	25/05/2015
EVD	Bruno Garcia Piatto	13007815	Charles Morphy Dias dos Santos	Mestrado	25/05/2015
EVD	Daubian Santos	13007415	Guilherme Cunha Ribeiro	Mestrado	25/05/2015
EVD	Guillermo Leonardo Flórez Montero	13029515	Márcio de Souza Werneck	Mestrado	25/05/2015
EVD	Kássia Mantovan Fardin	14002015	Danilo da Cruz Centeno	Doutorado	25/05/2015
EVD	Mariana Monteiro de Brito	14001915	Danilo da Cruz Centeno	Doutorado	25/05/2015
EVD	Paula Keshia Rosa Silva	13007715	Otto Müller Patrão de Oliveira	Mestrado	25/05/2015
EVD	Renata Neves Biancalana	13007515	Cibele Biondo	Mestrado	25/05/2015
EVD	Vanessa Fuentes Suguiyama	14002115	Eduardo Leite Borba	Doutorado	25/05/2015
INF	Andre Kliousoff Junior	14006515	Luis Paulo Barbour Scott	Doutorado	25/05/2015
INF	Fabrizio Ferreira Borelli	14006615	Carlos Alberto Kamienski	Doutorado	25/05/2015
INF	Gabriela Martins Gonçalves de Oliveira	14006715	Carlos Alberto Kamienski	Doutorado	25/05/2015
INF	Paulo Sergio Rangel Garcia	14006815	João Henrique Kleinschmidt	Doutorado	25/05/2015
INF	Rodrigo Campos Bortoletto	14006915	Helio Waldman	Doutorado	25/05/2015
MEC	Alen Fabian Galvis Acero	13025715	Karl Peter Burr	Mestrado	25/05/2015
BTC	Alex Carvalho Alavarse	14007415	Jean Jacques Bonvent	Doutorado	21/09/2015
BTC	Camila Moura Santos	14007515	Danilo da Cruz Centeno	Doutorado	21/09/2015
BTC	Carlos Eduardo de Castro	14007615	Fernando Carlos Giacomelli	Doutorado	21/09/2015
BTC	Daiane Salete Broch	14007715	Danilo da Cruz Centeno	Doutorado	21/09/2015

	Mignoni				
BTC	Érika Cristina dos Santos	14007815	Marcella Pecora Milazzotto	Doutorado	21/09/2015
BTC	Francisca Diana Alves de Sousa	13029615	Arnaldo Rodrigues dos Santos Junior	Mestrado	21/09/2015
BTC	Kelly Annes	14007915	Marcella Pecora Milazzotto	Doutorado	21/09/2015
CCM	Alan Claudius Maciel	14008215	Cláudio Nogueira de Meneses	Doutorado	21/09/2015
CCM	Alexandre Miguel de Carvalho	14008315	Ronaldo Cristiano Prati	Doutorado	21/09/2015
CCM	Carlos Fernando Montoya Cubas	14008115	David Correa Martins Junior	Doutorado	21/09/2015
CCM	Danilo Carastan dos Santos	14008515	Raphael Yokoingawa de Camargo	Doutorado	21/09/2015
CCM	Luciano Rossi	14008415	Jesús Pascual Mena Chalco	Doutorado	21/09/2015
CCM	Luis Felipe Sant'Ana	14008015	Raphael Yokoingawa de Camargo	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Alexandre Colen de Alcantara	13030515	Hugo Barbosa Suffredini	Mestrado	21/09/2015
CTQ	Antenor José Paulista Neto	14008615	Rodrigo Magadissian Cordeiro	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Carla Trentini Salatino	13029915	Luiz Francisco Monteiro Leite Ciscato	Mestrado	21/09/2015
CTQ	Danielle da Silva Sartori	14012115	Dalmo Mandelli	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Denis Gabriel Blanco Limachi	13030015	Wendel Andrade Alves	Mestrado	21/09/2015
CTQ	Edson Carvalho da Paz	14008715	Mauro Coelho dos Santos	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Geyssa Ferreira Andrade	13030615	Ivanise Gauber	Mestrado	21/09/2015
CTQ	José Batista de Camargo Junior	14008915	Mauro Coelho dos Santos	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Larissa Markus Torres	14011915	Wagner Alves Carvalho	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Marcos Lopes de Araújo	14009015	Káthia Maria Honório	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Polyana Tomé de Paiva	13030215	Dalmo Mandelli	Mestrado	21/09/2015
CTQ	Ricardo Padilha Vianna Filho	14009115	Káthia Maria Honório	Doutorado	21/09/2015
CTQ	Samuel Santos de Oliveira	13030415	Rodrigo Luiz Oliveira Rodrigues Cunha	Mestrado	21/09/2015
CTQ	Sandra Valéria Vassiliades	14009215	Wendel Andrade Alves	Doutorado	21/09/2015
EBM	Aline Floss Weber	13031215	Juliana Kelmy Macário de Faria Daguano	Mestrado	21/09/2015
EBM	Bárbara Olivetti Artioli	13031015	Maria Elizete Runkel	Mestrado	21/09/2015

EBM	Bruna Luciana Silverio	13030915	Andrea Cecilia Dori3n Rodas	Mestrado	21/09/2015
EBM	Felipe Ara3jo Pimenta	13030715	S3nia Maria Malmonge	Mestrado	21/09/2015
EBM	Jos3 In3cio da Silva J3nior	13030815	Diogo Coutinho Soriano	Mestrado	21/09/2015
EBM	Lais Yuriko Morimoto	13031315	Harki Tanaka	Mestrado	21/09/2015
EBM	Sergio Luiz Machado dos Santos Jr.	13031115	Patr3cia Aparecida da Ana	Mestrado	21/09/2015
EEL	Andr3 Luiz de Oliveira	13032115	Alfeu Jo3ozinho Sguarezi Filho	Mestrado	21/09/2015
EEL	Ariston Leite Pereira	13032515	Ivan Roberto Santana Casella	Mestrado	21/09/2015
EEL	Caio Rodrigo Guimar3es Bulgaroni	13032815	Ivan Roberto Santana Casella	Mestrado	21/09/2015
EEL	Cassio Gerez	13031515	Edmarcio Antonio Belati	Mestrado	21/09/2015
EEL	Daniel Leandro da Silva	13032015	Ahda Pionkoski Grilo Pavani	Mestrado	21/09/2015
EEL	Felipe Sadami Oiwa da Costa	13032415	Luiz Alberto Luz de Almeida	Mestrado	21/09/2015
EEL	Fernanda Soares Vitor	13031615	Ricardo Caneloi dos Santos	Mestrado	21/09/2015
EEL	Jaqueline Santos Pereira	13032615	Edmarcio Antonio Belati	Mestrado	21/09/2015
EEL	Lucas Ribeiro Torin	13032215	Thales Sousa	Mestrado	21/09/2015
EEL	Mateus Mergl	13031415	Marcelo Bender Perotoni	Mestrado	21/09/2015
EEL	Paula Andrea Osorio Molina	13031815	Edmarcio Antonio Belati	Mestrado	21/09/2015
EEL	Renato Sanches Pinheiro	13031915	Marcos Roberto da Rocha Gesualdi	Mestrado	21/09/2015
ENE	Andr3 Luiz de Lacerda Ferreira Murari	14009915	Alfeu Jo3ozinho Sguarezi Filho	Doutorado	21/09/2015
ENE	Andr3 Themoteo da Silva Melo	13033115	Jos3 Rubens Maiorino	Mestrado	21/09/2015
ENE	Carlos Mario Rocha Osorio	14009715	Alfeu Jo3ozinho Sguarezi Filho	Doutorado	21/09/2015
ENE	Danillo Souza Dias	13033515	Federico Bernardino Morate Trigos	Mestrado	21/09/2015
ENE	Delano Mendes de Santana	14009515	Douglas Alves Cassiano	Doutorado	21/09/2015
ENE	Edgar Fernando Cortes Rodriguez	14009615	Silvia Azucena Nebra de Perez	Doutorado	21/09/2015
ENE	Jo3o Daniel Cho	13033215	Antonio Garrido Gallego	Mestrado	21/09/2015

ENE	Luiz Guilherme dos Santos	13033415	Patrícia Teixeira Leite Asano	Mestrado	21/09/2015
ENE	Sérgio Eduardo Palmiere	14009815	Luis Alberto Martinez Riascos	Doutorado	21/09/2015
ENE	Shevine Silva Oliveira Risso	13033315	Patricia Teixeira Leite Asano	Mestrado	21/09/2015
ENS	Aline Delgado Pinheiro Cavalcante	13034215	Miriam Pacheco Silva Albrecht	Mestrado	21/09/2015
ENS	Anatoli Nascimento Berdnikoff	13034015	João Rodrigo Santos da Silva	Mestrado	21/09/2015
ENS	Andréia Moreira da Silva	13033715	Ana Maria Dietrich	Mestrado	21/09/2015
ENS	Carolina Yumi Kakazu	13034315	Maisa Helena Altarurgio	Mestrado	21/09/2015
ENS	Fabício Cruz Florêncio da Silva	13034615	Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda	Mestrado	21/09/2015
ENS	Giovanni Scataglia Botelho Paz	13034715	Sérgio Henrique Bezerra de Sousa Leal	Mestrado	21/09/2015
ENS	Gustavo Rodrigues Rosa	13034815	Charles Morphy Dias dos Santos	Mestrado	21/09/2015
ENS	Karina Aguiar Alves	13034915	Alessandro Jacques Ribeiro	Mestrado	21/09/2015
ENS	Kely Cristina Bueno	13033615	Fernanda Franzolin	Mestrado	21/09/2015
ENS	Luiz Gustavo Silva Salmazo	13035115	Marcelo Zanotello	Mestrado	21/09/2015
ENS	Malu Mineo Feitosa Luiz	13035315	Francisco José Brabo Bezerra	Mestrado	21/09/2015
ENS	Maria de Fatima Costa Sbrana	13033815	Evonir Albrecht	Mestrado	21/09/2015
ENS	Mary Helen Silva Oliveira	13035415	Ana Maria Dietrich	Mestrado	21/09/2015
ENS	Poliana Friolani	13033915	João Rodrigo Santos da Silva	Mestrado	21/09/2015
ENS	Thais Cristina Sellare de Mello	13035515	Sérgio Henrique Bezerra de Sousa Leal	Mestrado	21/09/2015
FIL	Adriano Vilela Mafra	13037415	Anastasia Guidi Itokazu	Mestrado	21/09/2015
FIL	André Trevisan	13036715	Fernando Costa Mattos	Mestrado	21/09/2015
FIL	Bruno Reikdal Lima	13037115	Daniel Pansarelli	Mestrado	21/09/2015
FIL	Cristiano da Rocha Tavares	13036215	Anastasia Guidi Itokazu	Mestrado	21/09/2015
FIL	Elisney Dias Francisco	13036315	Fernando Costa Mattos	Mestrado	21/09/2015
FIL	Gabriel Valim Alcoba Ruiz	13036415	Renato Rodrigues Kinouchi	Mestrado	21/09/2015

FIL	Heloísa Valéria Castro	13036615	Renato Rodrigues Kinouchi	Mestrado	21/09/2015
FIL	Lucas Dorado de Lima	13037015	Patrícia Del Nero Velasco	Mestrado	21/09/2015
FIL	Paluana Curvelo Luquiari	13036015	Paulo Tadeu da Silva	Mestrado	21/09/2015
FIL	Paulo Luiz dos Reis	13036815	Marília Mello Pisani	Mestrado	21/09/2015
FIL	Sergio da Costa Oggioni	13036515	Luiz Fernando Barrére Martin	Mestrado	21/09/2015
FIL	Tatiana Peixoto dos Santos Alves Lima	13037315	Daniel Pansarelli	Mestrado	21/09/2015
FIL	Victor Fernando Paulino Moreira	13037515	Paulo Tadeu da Silva	Mestrado	21/09/2015
FIL	William Dubal da Silva	13035915	Luciana Zaterka	Mestrado	21/09/2015
FIS	Armando Fernandes da Silva	14010315	Ever Aldo Arroyo Montero	Doutorado	21/09/2015
FIS	Bruno Pires Siqueira	14010415	Francisco Eugenio Mendonça da Silveira	Doutorado	21/09/2015
FIS	Felipe Garcia Ken Kamiya	13037715	Célio Adrega de Moura Júnior	Mestrado	21/09/2015
FIS	Henrique Ferreira dos Santos	13038115	Ana Melva Champi Farfán	Mestrado	21/09/2015
FIS	Jean de Souza Matias	13038515	Raquel de Almeida Ribeiro	Mestrado	21/09/2015
FIS	João Lucas Miqueleto Reis	13037915	André Gustavo Scagliusi Landulfo	Mestrado	21/09/2015
FIS	Raquel Malta Nunes de Almeida	13038215	Marcelo Augusto Leigui de Oliveira	Mestrado	21/09/2015
FIS	Thiago Henrique Delfino Santos	13038315	Luciano Soares da Cruz	Mestrado	21/09/2015
FIS	Wallace Santos Teixeira	13038015	Fernando Luis Semião da Silva	Mestrado	21/09/2015
FIS	William de Carvalho Vieira	14010815	Alex Gomes Dias	Doutorado	21/09/2015
INF	André Luiz dos Santos	14011015	Luis Paulo Barbour Scott	Doutorado	21/09/2015
INF	Carolina Kohutek	14010915	Ricardo Suyama	Doutorado	21/09/2015
NCG	Catia Melo	13038615	Maria Camila Almeida	Mestrado	21/09/2015
NCG	Juliana Helena Bruno Machado	14011215	Maria Teresa Carthery-Goulart	Doutorado	21/09/2015
NCG	Keila do Socorro da Silva Rebello	14011115	João Ricardo Sato	Doutorado	21/09/2015
NCG	Nadia Megumi Koyama	13038915	Daniel Carneiro Carretiero	Mestrado	21/09/2015
NCG	Renata Ruggier de Mattos	14011315	Elizabeth Teodorov	Doutorado	21/09/2015
NCG	Rodrigo San Martin	13039015	Cristiane Otero Reis Salum	Mestrado	21/09/2015

NCG	Soraia Fernandes das Neves Glisoi	13038815	Ruth Ferreira Santos Galduróz	Mestrado	21/09/2015
NMA	Andressa Vidal Müller	13039815	André Sarto Polo	Mestrado	21/09/2015
NMA	Bruna Tosco	14011715	José Fernando Queiruga Rey	Doutorado	21/09/2015
NMA	Carolina Martão	13039515	José Fernando Queiruga Rey	Mestrado	21/09/2015
NMA	Daniel Victor Amaral Chiaretti	13039115	Danilo Justino Carastan	Mestrado	21/09/2015
NMA	Douglas José Baquião Ribeiro	14011615	Gustavo Martini Dalpian	Doutorado	21/09/2015
NMA	Eloana Patricia Ribeiro	13039715	Renato Altobelli Antunes	Mestrado	21/09/2015
NMA	Fernando Olmedo Carvalho Júnior	13039615	Humberto Naoyuki Yoshimura	Mestrado	21/09/2015
NMA	Gabriel Ravanhani Schleder	13039215	Jeverson Teodoro Arantes Junior	Mestrado	21/09/2015
NMA	Rogério Ramos de Sousa Junior	14011415	Danilo Justino Carastan	Doutorado	21/09/2015
NMA	Victor Buratto Tinti	13039315	Danilo Zanetti de Florio	Mestrado	21/09/2015

23. RETIFICAÇÃO de reconhecimento de CRÉDITOS POR CONVALIDAÇÃO DE DISCIPLINA(S).

Programa	Discente	Disciplina	Créditos	Conceito	Curso	BS – nº, data e página.
ENE	Fábio Rubens Soares – 14002310	Economia do Meio Ambiente – ICA5728-5/1	09	B	Doutorado	167, 08/06/2011, pg. 29.

24. RETIFICAÇÃO de reconhecimento de créditos por ATIVIDADES COMPLEMENTARES.

Programa	Discente	Atividade	Créditos	Curso	BS – Nº e página.
ENS	Leandro Andrade Duarte – 13006412	Estágio em docência – Disciplina: Temas e Problemas em Filosofia	5	Mestrado	BS Nº 405 página 51 23/09/2014

25. RETIFICAÇÃO do reconhecimento de créditos por TRANSFERÊNCIA DE DISCIPLINA.

Programa	Discente	Disciplina	Créditos	Conceito	Nível	BS – Nº e página.
BTC	Sergio Xavier Soares –	TNAS755 – Tópicos Especiais	13	A	Mestrado	BS Nº 455 página 121

	13035513	de Dosimetria das Radiações				17/04/2015

26. **RETIFICAÇÃO** de homologação do **RECRENCIAMENTO DE DOCENTES**.

Programa	Docente	Vínculo	Data	BS – Nº e página.
CCM	Carlos da Silva Santos	Colaborador	26/08/2014	BS Nº 414 página 119 24/10/2014

27. **RETIFICAÇÃO** de reconhecimento de créditos por **APROVEITAMENTO DE DISCIPLINAS**.

Programa	Discente	Disciplina	Créditos	Conceito	Nível Atual	BS – Nº e página.
CCM	Karine da Silva Miras de Araujo – 13032514	CCM-003 – Seminários em Computação	2	A	Mestrado	BS Nº 425 página 47 12/12/2014
NCG	Samyr Machado Querobino – 14007314	BTC-207 – Termodinâmica e Cinética Biológica	12	A	Doutorado	BS Nº 425 página 47 12/12/2014

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO DE PESSOAS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 405, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Eduardo Scorzoni Re como substituto do Pró-reitor de Extensão no período de 28 a 30/10/2015.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Designar o servidor EDUARDO SCORZONI RE, SIAPE 1680301, para exercer o encargo de substituto do Pró-reitor de Extensão, código CD-2, durante o período de 28 a 30 de outubro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 406, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Dispensa o servidor Alfeu Joãozinho Sguarezi Filho da função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Dispensar o servidor ALFEU JOÃOZINHO SGUAREZI FILHO, SIAPE 1907748, da função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, código FCC, a contar de 05 de outubro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 407, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Dispensa o servidor Edmarcio Antonio Belati da função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Dispensar o servidor EDMARCIO ANTONIO BELATI, SIAPE 1671333, da função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, a contar de 05 de outubro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 408, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Thales Sousa para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor THALES SOUSA, SIAPE 1876380, para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, código FCC, a contar de 05/10/2015.

Art. 2º O mandato terá vigência até 30/09/2017.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 409, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Alfeu Joãozinho Sguarezi Filho para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor ALFEU JOÃOZINHO SGUAREZI FILHO, SIAPE 1907748, para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, a contar de 05/10/2015.

Art. 2º Designar o servidor como substituto eventual do Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, código FCC.

Art. 3º O mandato terá vigência até 30/09/2017.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 410, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Dispensa o servidor André Fenili da função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação Em Engenharia Mecânica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Dispensar o servidor ANDRÉ FENILI, SIAPE 1604330, da função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, código FCC, a contar de 01 de setembro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 411, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Dispensa o servidor Magno Enrique Mendoza Meza da função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Dispensar o servidor MAGNO ENRIQUE MENDOZA MEZA, SIAPE 1672967, da função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, a contar de 01 de setembro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 412, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Magno Enrique Mendoza Meza para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor MAGNO ENRIQUE MENDOZA MEZA, SIAPE 1672967, para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, código FCC, a contar de 01/09/2015.

Art. 2º O mandato terá duração de dois anos.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 413, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Juan Pablo Julca Avila para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor JUAN PABLO JULCA AVILA, SIAPE 1761050, para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, a contar de 01/09/2015.

Art. 2º Designar o servidor como substituto eventual do Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, código FCC.

Art. 3º O mandando terá duração de 02 anos.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 414, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Alberto Sanyuan Suen para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Graduação do Bacharelado em Ciências Econômicas.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Dispensar o servidor ALBERTO SANYUAN SUEN, SIAPE 1912339, da função comissionada de Coordenador *pró-tempore* do Curso de Graduação do Bacharelado em Ciências Econômicas, código FCC, a contar de 15/10/2015.

Art. 2º Designar o servidor ALBERTO SANYUAN SUEN, SIAPE 1912339, para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Graduação do Bacharelado em Ciências Econômicas, código FCC, a contar de 15/10/2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 415, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Vitor Eduardo Schincariol para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Graduação do Bacharelado em Ciências Econômicas.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor VITOR EDUARDO SCHINCARIOL, SIAPE 1580011, para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Graduação do Bacharelado em Ciências Econômicas, a contar de 15/10/2015.

Art. 2º Designar o servidor como substituto eventual do Coordenador do Curso de Graduação do Bacharelado em Ciências Econômicas, código FCC.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 416, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Pedro Galli Mercadante para exercer a função comissionada de Coordenador do Bacharelado em Ciência e Tecnologia - BC&T.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor PEDRO GALLI MERCADANTE, SIAPE 1676343, para exercer a função comissionada de Coordenador do Bacharelado em Ciência e Tecnologia - BC&T, código FCC.

Art. 2º O mandato terá duração de dois anos.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 417, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Alexandre Acácio de Andrade para exercer a função de vice-coordenador do Bacharelado em Ciência e Tecnologia - BC&T.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Designar o servidor ALEXANDRE ACÁCIO DE ANDRADE, SIAPE 1914234, para exercer a função de vice-coordenador do Bacharelado em Ciência e Tecnologia - BC&T.

Art. 2º Designar o servidor como substituto eventual do Coordenador do Bacharelado em Ciência e Tecnologia - BC&T, código FCC.

Art. 3º O mandando terá duração de 02 anos.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 418, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Giorgio Romano Schutte para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Revogar a Portaria nº 345, de 10 de junho de 2013, publicada no Diário Oficial da União nº 110, de 11 de junho de 2013.

Art. 2º Designar o servidor GIORGIO ROMANO SCHUTTE, SIAPE 1453189, para exercer a função comissionada de Coordenador do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, código FCC, a partir de 15/10/2015.

Art. 3º O mandato terá duração de dois anos.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 419, DE 26 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor José Blanes Sala para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Revogar a Portaria nº 346, de 10 de junho de 2013, publicada no Boletim de Serviços nº 283, de 14 de junho de 2013.

Art. 2º Designar o servidor JOSÉ BLANES SALA, SIAPE 1847300, para exercer a função de vice-coordenador do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, a partir de 15/10/2015.

Art. 3º Designar o servidor como substituto eventual do Coordenador do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, código FCC.

Art. 4º O mandando terá duração de 02 anos.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 420, DE 27 DE OUTUBRO DE 2015.

Concede Progressão por Mérito Profissional aos servidores Técnico-Administrativos da UFABC abaixo relacionados.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Conceder Progressão por Mérito Profissional, de acordo com a Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005, com as alterações dadas pela Lei nº 11.784, de 22 de setembro de 2008, considerando a Resolução ConsUni nº 13, de 20 de outubro de 2008, que Regulamenta o Programa de Avaliação de Desempenho dos Servidores Técnico-Administrativos da Universidade Federal do ABC - UFABC, aos servidores abaixo relacionados:

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
1	ACSA PEREIRA DE ALMEIDA	1941784	403	07/05/2015
2	ADERBAL DE MORAES JUNIOR	1827087	404	22/05/2015
3	ADILSON MIRANDA DOS SANTOS	1824141	404	03/05/2015
4	ADRIAN WILTON ROQUE	2110602	102	09/10/2015
5	ADRIANA BARIA	2097839	402	18/09/2015
6	ADRIANO GORTE	1946968	403	04/06/2015
7	ADRIENE BISPO	1763369	403	01/10/2015
8	ALAN CARDOSO FRANCO VIANA	1674569	405	03/02/2015
9	ALCIDES HERBERT ONEDA	1624629	406	28/10/2015
10	ALESSANDRA MONTEIRO DINIZ	2759439	403	14/05/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
11	ALESSANDRO ALVES	2093797	404	10/09/2015
12	ALEXANDRE BRAZILIO DE LIMA	1668077	405	05/01/2015
13	ALEXANDRE MARSON PINHEIRO	1702774	405	02/06/2015
14	ALINE ANIERI	1833329	404	26/07/2015
15	ALINE FAVERANI DE CARVALHO	1832970	404	05/07/2015
16	ALINE MAXILINE PEREIRA OLIVEIRA	1674572	405	02/02/2015
17	ALINE SANTIAGO BARBOZA	1964354	403	28/08/2015
18	ALLAN MOREIRA XAVIER	1855140	404	26/09/2015
19	AMANDA THAIS DE MATTOS	2092760	402	10/09/2015
20	AMÉLIA PAOLILLO ROSSI	1827659	404	22/05/2015
21	ANA CAROLINA TONELOTTI ASSIS	2534593	403	14/05/2015
22	ANA MARIA DE OLIVEIRA	1855145	404	28/09/2015
23	ANA PAULA SILVA MIGUEL	2091896	402	10/09/2015
24	ANÁLIA BETHSAIDA BARBOSA	1971113	403	01/10/2015
25	ANDRÉ AURELIANO PESSOA	1859923	404	13/10/2015
26	ANDREA FERNANDES DE LIMA	2110196	402	09/10/2015
27	ANDRÉIA PRANDO DA CUNHA	1668315	405	05/01/2015
28	ANDREY GONCALVES BATISTA	2110400	402	09/10/2015
29	ÂNGELA SHIMABUKURO	1707572	405	01/07/2015
30	ÂNGELO CARDOSO DE OLIVEIRA	2109030	402	09/10/2015
31	ÂNGELO LUIZ LAZARO JUNIOR	2108869	402	09/10/2015
32	APARECIDO STURARO	1668006	405	05/01/2015
33	ARLINDO FRANCISCO DA ROSA	2739294	403	11/04/2015
34	ARTUR LEONARDO IMAMURA FERREIRA DA SILVA	1661148	402	24/08/2015
35	ARTUR MARTINS DE SA	2115285	402	28/10/2015
36	AUDENI LEITE DA SILVA	1624689	406	28/10/2015
37	BÁRBARA ALONSO VIEIRA LUIZ	1626680	406	28/10/2015

Nº	NOME	SIAPÉ	PADRÃO	VIGÊNCIA
38	BEATRIZ BUARQUE FRIAS BERNARDO LOPES	1680318	405	12/02/2015
39	BEATRIZ FERNANDES NERY	1680235	405	12/02/2015
40	BRUNA ARMONAS COLOMBO	2668040	403	17/09/2015
41	BRUNA CUNHA DE CARVALHO	1827096	404	22/05/2015
42	BRUNO GONCALVES DE ARAUJO	2092550	402	10/09/2015
43	BRUNO LUIZ SCARAFIZ	2736273	403	26/07/2015
44	BRUNO ROAH RODRIGUES	1673090	405	02/02/2015
45	BRUNO SAVOINI	1941276	403	07/05/2015
46	BRUNO STACCO OLIVA	2093666	402	10/09/2015
47	CAIO CÉSAR DE MORAES	1859925	404	13/10/2015
48	CAMILA BINHARDI NATAL	2534027	404	15/04/2015
49	CARLOS ALBERTO SALERNO	2115314	402	28/10/2015
50	CARLOS DE ALMEIDA SILVA	1624695	406	28/10/2015
51	CARLOS HENRIQUE TRINDADE	1941287	403	07/05/2015
52	CARLOS ROBERTO DE CASTRO	1624619	106	28/10/2015
53	CARLOS SPINETTI MODA	2093726	102	10/09/2015
54	CAROLINA BULHOES LISBOA FERREIRA	2081516	402	17/07/2015
55	CASSIA GONCALVES DE SOUZA	2092605	405	10/09/2015
56	CATHARINE SHIZUKA KURIHARA DE OLIVEIRA	2109433	404	09/10/2015
57	CAYO ANTONIO SOARES DE ALMEIDA	2092018	405	10/09/2015
58	CECILIA SILVA VIOTO	1941288	404	07/05/2015
59	CÉLIA DIAS DO NASCIMENTO	1667983	405	05/01/2015
60	CELSE CARLOS SOARES SPUHL	1941076	403	02/05/2015
61	CELSE FERNANDO XAVIER GOMES CORRÊA DOS SANTOS	1689987	405	09/04/2015
62	CESAR DA MOTA MARCONDES PEREIRA	1827097	404	22/05/2015
63	CHRISTIAN RYU YASUHARA	1689996	405	30/03/2015
64	CINDI SPILLER DE MENDONÇA	1971234	403	02/10/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
65	CINTIA DE PAULA LEITE	1971236	403	01/10/2015
66	CLAUBER FELICIO	1680266	405	12/02/2015
67	CLÁUDIA DEISE DE MENESES PEREIRA	1824486	404	09/05/2015
68	CLÁUDIA POLIMENO	1824140	404	08/05/2015
69	CLÁUDIA SANTOS LUZ	1824596	404	08/05/2015
70	CLEBER SOARES ASSUNCAO	2108811	402	09/10/2015
71	CLEUSA FABRIS DA SILVA	1707639	405	01/07/2015
72	CONRADO EMILIO GOMES	2092783	402	10/09/2015
73	CRISTIANE CASTELLANI CHAGAS DOS SANTOS	1680274	405	12/05/2015
74	CRISTIANO DE NORONHA LOPES	2089402	402	24/08/2015
75	DANIEL DUBOSSELARD COMIN LOT	1824476	404	03/05/2015
76	DANIEL GONÇALVES DA SILVA	2803178	403	07/06/2015
77	DANIEL MORAES DE CAMPOS	1680315	405	12/02/2015
78	DANIEL PAULINO DE SOUZA	1824478	404	03/05/2015
79	DANIEL SOUZA DA FONSECA	2091616	402	10/09/2015
80	DANILO GUSTAVO SILVA MEDEIROS	2092642	402	10/09/2015
81	DANILO NUNES DAVANSO	1912712	403	06/07/2015
82	DANILO SILVÉRIO	1859904	404	13/10/2015
83	DARLENE MARTIN ALOISE	1681225	405	12/02/2015
84	DAVID BARBOSA DE ARAUJO	1736438	403	01/10/2015
85	DAVID RATCOV DA SILVA	2089379	402	24/08/2015
86	DÉBORA SILVA FERREIRA DOS SANTOS	1824461	404	03/05/2015
87	DÉCIO DE AQUINO ALMEIDA	1689995	405	09/05/2015
88	DENILSON RODRIGUES DE OLIVEIRA	1624691	406	28/10/2015
89	DENISE ANDREA ALVES SAVIOLI	1668042	405	05/01/2015
90	DENISE ENDO SENDA	1680314	405	12/02/2015
91	DENISE GUTIERREZ CASTRO	1618595	405	12/02/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
92	DEONETE RODRIGUES NAGY	1624623	406	28/10/2015
93	DERMIVALDO ALVES DE SOUZA	1668051	405	05/01/2015
94	DOUGLAS BASSI COSTA	1667996	405	05/01/2015
95	DOUGLAS ROBERTO PARANHOS CENZI	1941291	403	07/05/2015
96	ÉDER DOS SANTOS GUIMARÃES	1673030	405	02/02/2015
97	EDGARD DE OLIVEIRA NOGUEIRA	1800384	404	02/02/2015
98	EDNA MARIA DE OLIVEIRA LOUREIRO	1087911	405	26/01/2015
99	EDSON ANTÔNIO PIRES JÚNIOR	1824472	404	17/05/2015
100	EDSON GOMES DA SILVA	1667957	405	05/01/2015
101	EDUARDO BISPO DA SILVA	1668007	405	05/01/2015
102	EDUARDO MARCATE GARCIA DOS ANJOS	1913218	403	04/02/2015
103	EDUARDO SCORZONI RÉ	1680301	405	12/02/2015
104	ELAINE KONNO ROCHA	1680272	405	12/02/2015
105	ELIANE ROCHA FERFOLLI	1673016	405	02/02/2015
106	ELIZABETH FERNANDES OLIVEIRA	2092814	402	10/09/2015
107	ELZA MARINA FERRARI	1703364	405	02/06/2015
108	ENEYAS DUTRA BARBOSA	1667992	405	05/01/2015
109	ERICA TERCEIRO CARDOSO DALANESI	2622176	102	24/08/2015
110	ERNANI MEIRA VERGNIANO	1875400	403	30/06/2015
111	EVELYN CELOTO DE SOUZA	2091920	402	10/09/2015
112	FABIANA CARLOS PINTO DE ALMEIDA	1669162	405	23/01/2015
113	FABIANE DE OLIVEIRA ALVES	2736513	404	01/10/2015
114	FABIO AKIRA MONTEIRO TOYAMA	1941063	403	02/05/2015
115	FABIO DANILO FERREIRA	2091788	402	10/09/2015
116	FABIO FERRITE LISAIUSKAS	2091814	402	10/09/2015
117	FABIO MASSAYUKI UEHARA	2093830	102	10/09/2015
118	FÁBIO NEVES MARGARIDO	1827105	404	02/06/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
119	FELIPE AUGUSTO CASCALES	2092857	402	10/09/2015
120	FERNANDA ANA DA SILVA	1824685	404	03/05/2015
121	FERNANDA BERTASSO FÍGARO	1668065	405	05/01/2015
122	FERNANDA BRUMATTI GOMES NOCERA	2092871	402	10/09/2015
123	FERNANDA MARIA RODRIGUEZ	1730580	405	13/10/2015
124	FERNANDA PEREIRA DOS SANTOS	2680238	403	11/04/2015
125	FERNANDA RODRIGUES BERTUCHI	1677698	405	02/02/2015
126	FERNANDO MENDES DOS SANTOS	1632174	403	11/06/2015
127	FERNANDO RODRIGUES DOS SANTOS IANGUAS	2092885	402	10/09/2015
128	FILIPE CAETANO DA SILVA	1799698	404	19/01/2015
129	FLÁVIA ALVES DE OLIVEIRA	2875408	403	11/04/2015
130	FLÁVIO DA SILVA NOGUEIRA	1681234	405	12/02/2015
131	FRANCINE ROCHA DE ALENCAR	2092949	402	10/09/2015
132	FREDERICO DE ANDRADE CAMARGO	1707645	405	01/07/2015
133	FUJIKO YOSHIMOTO MIURA	1628524	406	28/10/2015
134	GABRIEL VALIM ALCOBA RUIZ	1971214	403	01/10/2015
135	GEOVANE OLIVEIRA DE SOUSA	2887784	403	04/09/2015
136	GERSON LUIZ GRECCO	1680294	405	12/02/2015
137	GISELDA CRISTINA FERREIRA	1671650	404	11/08/2015
138	GISELE SIMONE BANCE	1824314	404	04/05/2015
139	GIULIO GUIYTI ROSSIGNOLO SUZUMURA	1799836	404	19/01/2015
140	GRAZIELLE ARANTES RIBEIRO	1624120	402	03/07/2015
141	GUILHERME SOLCI MADEIRA	1695336	405	27/04/2015
142	HENRIQUE DE ABREU PICCOLO	1673023	405	12/02/2015
143	HEVELYM SILVA DE OLIVEIRA	1811219	403	28/03/2015
144	HILLO AUGUSTO LOPES FERNANDES	1971242	403	01/10/2015
145	ISABEL BEZERRA DE LIMA FRANCA	2875411	403	11/04/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
146	IVANIA JULIANE RIBEIRO	1832974	404	05/07/2015
147	JANAÍNA GONÇALVES	1668033	405	05/01/2015
148	JÂNIO DE SÁ GARCIA	1941321	403	07/05/2015
149	JOANA DARQUE GOMES	1824317	404	03/06/2015
150	JOÃO BATISTA JOENCK JUNIOR	1661178	403	02/05/2015
151	JOAQUIM JOSÉ FRANCISCO AGUIAR GOUVEIA	1689991	405	30/03/2015
152	JORGE DONIZETTI RODRIGUES JUNIOR	1824320	404	09/05/2015
153	JORGE LUIZ GABILAN	1486920	104	05/05/2015
154	JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA NETO	1941323	403	07/05/2015
155	JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA GOMES	1703361	405	02/06/2015
156	JOSÉ CARLOS DA SILVA	1624685	406	28/10/2015
157	JOSIANE BELLONI METZNER DA GRAGNANO	1824323	404	03/05/2015
158	JUARI DE OLIVEIRA LIRA	2652859	403	10/09/2015
159	JULIANA DIAS DE ALMEIDA	1941057	403	02/05/2015
160	JULIO CESAR FERREIRA RODRIGUES	1680297	405	12/02/2015
161	JUSSARA APARECIDA DE ALMEIDA PAGANI JUSTI	1668976	405	14/01/2015
162	KAMILA SOUZA RODRIGUES COUTINHO BANDEIRA	2109681	102	09/10/2015
163	KARINE ZEMCZAK	1681223	405	12/02/2015
164	KATIA ELLEN CHEMALLE	1941058	403	02/05/2015
165	KELLY CRISTINA GOMES	2624632	404	18/10/2015
166	KLEBER FERREIRA	1680303	405	12/02/2015
167	LAURA SATOE UENO	1971302	103	02/10/2015
168	LEANDRO ALVAREZ DE LIMA	1522036	405	29/10/2015
169	LEANDRO ANDRIOLLI ALBERTO	1676295	405	02/02/2015
170	LEANDRO GOMES AMARAL	1690002	405	30/03/2015
171	LEANDRO SUMIDA GARCIA	1680229	405	12/02/2015
172	LEONARDO BATISTA GIMENEZ	1624717	406	28/10/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
173	LEONARDO DWORACHEK ASÊNCIO	1946977	403	04/06/2015
174	LEONARDO MONTEIRO BERSAN DE ARAÚJO	1676309	405	04/02/2015
175	LÍGIA LOPES GOMES	1475546	406	20/02/2015
176	LILIAN WATARAI	1587887	406	15/07/2015
177	LINDALVA EUFRAZIO DA CONCEIÇÃO	1353654	407	24/08/2015
178	LINDAURA SANTANA DA SILVA	1824494	404	03/05/2015
179	LUANA TYO PAULI FUZIY	1824681	404	03/05/2015
180	LUCAS BARBOSA RUDGE FURTADO	1824136	404	10/05/2015
181	LUCAS SAGI ORSATTI	1947239	403	05/06/2015
182	LUCIANA MARTILIANO MILENA	2534462	404	21/09/2015
183	LUCIANA SANTOS DE CAMARGO EUGÊNIO DIAS	1942190	403	07/05/2015
184	MANUEL LEONARDO PEREIRA GAMA	1824272	404	03/05/2015
185	MANUELA SCARPELINI VIEIRA	1941333	403	07/05/2015
186	MARA LÚCIA ALMEIDA SILVA	1624668	406	28/10/2015
187	MARCELA APARECIDA SATO PINHEIRO	1824595	404	05/05/2015
188	MARCELA DOS SANTOS	1668009	405	05/01/2015
189	MARCELLA DOS SANTOS ABREU	1855155	404	02/10/2015
190	MARCELO DOS SANTOS	1668069	405	05/01/2015
191	MARCELO SARTORI FERREIRA	1943421	403	15/05/2015
192	MÁRCIA APARECIDA COSTA	1624647	406	28/10/2015
193	MÁRCIA CRISTINA DE PAULA MARCIAL ANDRADE	1674525	405	02/02/2015
194	MÁRCIA CRISTINA PIRES DE CAMPOS	2668038	403	11/04/2015
195	MARCILÉIA APARECIDA DE PAULA	1941059	403	02/05/2015
196	MÁRCIO ARLINDO	1941340	403	03/05/2015
197	MARCO AURÉLIO DOS SANTOS MIGUEL	1824841	404	10/05/2015
198	MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA FERREIRA	1800382	404	27/01/2015
199	MARIA EUNICE RIBEIRO DO NASCIMENTO	1680311	405	12/02/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
200	MARIA ISABEL MESQUITA VENDRAMINI DELCOLLI	1855158	404	21/09/2015
201	MARIA LUZILENE DE SOUZA DA SILVA	1668001	405	05/01/2015
202	MARIELLA BATARRA MIAN	1941382	403	07/05/2015
203	MARLY CONCEIÇÃO DO REGO	1824278	404	12/05/2015
204	NANCI BUENO VENTURINI	1668211	405	05/01/2015
205	NATÁLIA CARDOSO ABREU DE ARAÚJO	1825958	404	16/05/2015
206	NATÁLIA ZOBOLI BERNARDI	1855163	404	21/09/2015
207	NAZARENO DE ARAÚJO RODRIGUES	1674427	405	02/02/2015
208	NELI OSHIRO DOS SANTOS	1833359	404	06/07/2015
209	NICOLAS UEHARA	2115360	402	28/10/2015
210	NILSON JOSÉ ZOCCARATTO	1707633	405	09/07/2015
211	OSMANDO CARDOSO	1673081	405	02/02/2015
212	PAMELA ISHIKI GALLO	1833559	404	17/06/2015
213	PATRÍCIA DIAS DOS SANTOS	1667989	405	05/01/2015
214	PATRICIA GONÇALVES DE SÁ	1833354	404	07/07/2015
215	PAULA RONDINELLI	1941069	403	02/05/2015
216	PAULO OMAR AUGUSTO VIEIRA	1675849	105	04/02/2015
217	PAULO ROBERTO ZERBINATTI	1681222	405	12/02/2015
218	PAULO VICTOR FERNANDES DA SILVA	1676311	405	04/02/2015
219	PHILIPPE OTAVIO NUNES AS	2875345	402	18/09/2015
220	PRISCILA CARVALHO	1624667	406	28/10/2015
221	PRISCILA MOURA ARAKAKI	2105842	402	01/10/2015
222	QUÉLITA LIDAIANA DE SOUZA NOGUEIRA	1624703	406	28/10/2015
223	RACHEL MACEDO OLIVEIRA	1863756	403	02/06/2015
224	RAFAEL REIS DE OLIVEIRA	1680237	405	12/02/2015
225	RAFAEL RONDINA	1941079	403	02/05/2015
226	RAIL RIBEIRO FILHO	1668029	405	05/01/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
227	REGINA APARECIDA ROZAN	1824676	404	09/05/2015
228	REGINA BARBOSA DO NASCIMENTO	2479743	403	11/04/2015
229	REGINA LUCIA MARTINS	1941361	403	07/05/2015
230	RENATA CRISTIANE DE OLIVEIRA	1907608	403	09/01/2015
231	RENATA SILVA	1941364	403	07/05/2015
232	RENATA XAVIER SAVOINI	2859917	403	11/04/2015
233	RENATO MARTUCHI	1689994	405	09/04/2015
234	RENATO TSUTOMU KOGANEZAWA	1695451	405	27/04/2015
235	RENE YOSHIKI SHIMA	1668027	405	05/01/2015
236	RICARDO LUIS PATRONI	1668028	405	05/01/2015
237	RICARDO MAGNUSSON MUSSINI	1668011	405	05/01/2015
238	RICARDO NEVES DOS SANTOS	1824289	404	03/05/2015
239	ROBERTA SANTOS DA SILVA DOS SANTOS	1941366	403	07/05/2015
240	RODRIGO CABRERA	2624634	403	11/04/2015
241	RODRIGO CAMATA RIBEIRO	1624720	406	29/10/2015
242	RODRIGO FERREIRA PRATA	1584140	406	09/05/2015
243	ROGÉRIO ROMAGNOLI MENEZES	1705302	405	02/06/2015
244	RONALDE BAPTISTA DE LIMA JÚNIOR	1876326	403	11/01/2015
245	RONALDO OLIVEIRA DE CARVALHO	1621406	406	14/10/2015
246	ROSANA CAMARGO SIEIRO	1974673	403	25/10/2015
247	ROSANA MORENO QUEVEDO	1668046	405	05/01/2015
248	ROSEMEIRE HERNANDEZ RODRIGUES	1941369	403	02/05/2015
249	SAMUEL CARMO TEIXEIRA	2091865	402	10/09/2015
250	SAMUEL WERNECK DE MORAES	1587881	406	15/07/2015
251	SANDRA FELIX SANTOS	1680265	405	14/04/2015
252	SANDRA HELENA ALBUQUERQUE GIANNINI	377724	405	09/03/2015
253	SÉRGIO AUGUSTO ALONSO BALLAMINUT	1668021	405	05/01/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
254	SILVANA ALVES DA SILVA GRANDOLPHO	1824295	404	03/05/2015
255	SILVANA DE OLIVEIRA RIBEIRO DA SILVA	1824306	404	19/05/2015
256	SOLANGE GIANINI COUTINHO	1690001	405	01/04/2015
257	TALITA ANGELICA DOS SANTOS	2115380	402	28/10/2015
258	TATIANA VALERIA BORIN	2092144	102	10/09/2015
259	TATIANE LIRA DO NASCIMENTO	1824312	404	05/05/2015
260	THAIS BRAGA	2115137	102	28/10/2015
261	THIAGO FAVARO DUARTE	2093072	402	10/09/2015
262	THIAGO MARCONDES FARIA	1824132	404	03/05/2015
263	THIENE PELOSI CASSIAVILLANI	1971170	403	01/10/2015
264	TIAGO VITORINO LUCAS	1993849	402	24/08/2015
265	UBIRATÃ TAPAJÓS REIS	1669147	405	15/01/2015
266	ULISSES DEMARCHI SILVA TERRA	1669637	404	03/02/2015
267	VALDEMIR ANTONIO SPINELI	1673012	405	02/02/2015
268	VALDENOR SANTOS DE JESUS	1628528	406	28/10/2015
269	VALERIA LIMA FABRICIO	2091566	402	10/09/2015
270	VALÉRIA MARIA DIAS	1825844	404	20/06/2015
271	VANESSA DOS SANTOS FERREIRA	1971192	403	01/10/2015
272	VICTOR HUGO ALSU SANTOS	2093066	402	10/09/2015
273	VINICIUS IKEZU SAITO	1680233	105	12/02/2015
274	VINICIUS MOREIRA	1833033	404	03/07/2015
275	VITOR FIOROTTO ASTOLFI	1667995	405	05/01/2015
276	VITOR HUGO SOARES DE MELO	2093744	402	10/09/2015
277	WALKYRIA ELISSA HEIDORNE MACHADO	1833368	404	05/07/2015
278	WALTER CESÁRIO GOMES	1345588	405	02/02/2015
279	WALTER IGNÁCIO ROSA	1624693	406	28/10/2015
280	WILLIAM DOS SANTOS MELO	2115401	402	28/10/2015

Nº	NOME	SIAPE	PADRÃO	VIGÊNCIA
281	WILLIANS SILVA ZAGUINI	2093760	402	10/09/2015
282	WILSON BASSO JUNIOR	1833389	404	06/07/2015
283	WILSON DOS ANJOS	1833399	404	05/07/2015
284	YURI CRISTINA FAGUNDES	2110981	402	09/10/2015

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 421, DE 27 DE OUTUBRO DE 2015.

Designa o servidor Armando César Franco para exercer a função de Corregedor-seccional pró-tempore da UFABC.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Designar o servidor **ARMANDO CÉSAR FRANCO**, SIAPE 1552134, para exercer a função de Corregedor-seccional *pró-tempore* da UFABC, conforme Art. 7º, XIV, da Portaria da Reitoria nº 459, de 23 de outubro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 422, DE 28 DE OUTUBRO DE 2015.

*Dispensa a servidora Marcileia Aparecida de Paula da
função de Chefe da Divisão de Processamento Técnico.*

**O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)**, nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548,
de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de
2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº
229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18
e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Dispensar a servidora MARCILEIA APARECIDA DE PAULA, SIAPE 1941059, da
função de Chefe da Divisão de Processamento Técnico, a contar de 22/10/2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 423, DE 28 DE OUTUBRO DE 2015.

Institui a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 56/2015, para a área de Engenharia Aeroespacial, subárea Materiais aplicados.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 56/2015, publicado no DOU nº 68, de 10 de abril de 2015, para provimento do cargo efetivo de Professor do Magistério Superior (Professor Adjunto A - Nível 1), na área de Engenharia Aeroespacial, subárea Materiais aplicados.

Art. 2º Designar os seguintes professores para comporem, sob a presidência do primeiro, a comissão supracitada:

I - Titulares: Carlos Alberto Cimini Junior, Luiz Claudio Pardini e Cícero Ribeiro de Lima;

II - Suplentes: Marcelo Leite Ribeiro e Reyolando Manoel Lopes Rebello da Fonseca Brasil.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



Universidade Federal do ABC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 424, DE 28 DE OUTUBRO DE 2015.

Institui a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 30/2015, para a área de Engenharia de Energia, subárea Prospecção de Petróleo.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 30/2015, publicado no DOU nº 47, de 11 de março de 2015, para provimento do cargo efetivo de Professor do Magistério Superior (Professor Adjunto A - Nível 1), na área de Engenharia de Energia, subárea Prospecção de Petróleo.

Art. 2º Designar os seguintes professores para comporem, sob a presidência do primeiro, a comissão supracitada:

I - Titulares: Sergio Brochsztain, Ricardo Cabral de Azevedo e Alessandro Batezelli;

II - Suplentes: Karin Goldberg, Marcelo Modesto da Silva e Marcelo Monteiro da Rocha.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 425, DE 29 DE OUTUBRO DE 2015.

Institui a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 52/2015, para a área de Engenharia Aeroespacial, subárea Estruturas.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 52/2015, publicado no DOU nº 68, de 10 de abril de 2015, para provimento do cargo efetivo de Professor do Magistério Superior (Professor Adjunto A - Nível 1), na área de Engenharia Aeroespacial, subárea Estruturas.

Art. 2º Designar os seguintes professores para comporem, sob a presidência do primeiro, a comissão supracitada:

I - Titulares: Airton Nabarrete, Domingos Alves Rade e André Fenili;

II - Suplentes: Ruy Marcelo de Oliveira Pauletti e Wesley Góis.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

PORTARIA DA SUGEPE Nº 426, DE 29 DE OUTUBRO DE 2015.

Institui a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 83/2015, para a área de Engenharia de Energia, subárea Circuitos Elétricos e Eletrônica de Potência.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a comissão julgadora do concurso público, objeto do Edital nº 83/2015, publicado no DOU nº 93, de 19 de maio de 2015, para provimento do cargo efetivo de Professor do Magistério Superior (Professor Adjunto A - Nível 1), na área de Engenharia de Energia, subárea Circuitos Elétricos e Eletrônica de Potência.

Art. 2º Designar os seguintes professores para comporem, sob a presidência do primeiro, a comissão supracitada:

I - Titulares: Thales Sousa, Fabiano Fragoso Costa e Darlan Alexandria Fernandes;

II - Suplentes: Milana Lima dos Santos e Ahda Pionkoski Grilo Pavani.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Av. dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

RETIFICAÇÃO

Retifica a Portaria nº 387/2015/SUGEPE.

O SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria da Reitoria nº 548, de 4 de julho de 2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) nº 129, de 9 de julho de 2014, seção 2, página 7, considerando as competências delegadas pela Portaria da Reitoria nº 229, de 9 de abril de 2015, publicada no DOU nº 69, de 13 de abril de 2015, seção 1, páginas 18 e 19, e no uso das atribuições a ele conferidas,

RESOLVE:

Na Portaria nº 387, de 15 de outubro de 2015, publicada no Diário Oficial da União nº 198, de 16 de outubro de 2015, seção 2, página 15, que designou a servidora **HELVIA ARANDAS MONTEIRO E SILVA**, SIAPE 1863728, para exercer uma função gratificada, na descrição da função:

Onde se lê: Coordenadora do Biotério do campus Santo André

Leia-se: Coordenadora dos Biotérios dos *campi* Santo André e São Bernardo do Campo

Santo André, 28 de outubro de 2015.

Maurício Bianchi Wojslaw
Superintendente de Gestão de Pessoas



Universidade Federal do ABC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Superintendência de Gestão de Pessoas

Avenida dos Estados, 5001 · Bairro Santa Terezinha · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 3356.7556
sugepe@ufabc.edu.br

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Aline Santiago Barboza

Matrícula SIAPE: 1964354

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Fatima Christine da Silva

Função Substituída: Chefe da Divisão de Registro de Diplomas

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria SUGEPE nº 307 de 03/09/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 491 de 04/09/2015

Período do Afastamento: 08/09/2015 a 18/09/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005



SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Ana Cristina Martins dos Santos

Matrícula SIAPE: 1982394

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Beatriz Buarque Frias Bernardo Lopes

Função Substituída: Chefe da Divisão de Serviços Gerais da Prefeitura Universitária

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria PROAD nº 205 de 16/04/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 363 de 22/04/2014

Período do Afastamento: 28/09/2015 a 09/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Andreia Sousa Bezerra

Matrícula SIAPE: 1875388

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Maria Cristina Zomignan

Função Substituída: Chefe da Seção de Assuntos Acadêmicos da PROGRAD

Código da Função: FG-2

Ato de designação da substituição: Portaria nº 484 de 22/10/2014, publicada no Boletim de Serviço nº 414 de 24/10/2014

Período do Afastamento: 21/09/2015 a 07/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Artur Martins de Sá

Matrícula SIAPE: 2115285

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Wilson Basso Jr.

Função Substituída: Chefe da Divisão de Apoio às Coordenações de Cursos da PROPG

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria SUGEPE nº 365 de 05/10/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 500 de 06/10/2015

Período do Afastamento: 06/10/2015 a 09/10/2015 e 13/10/2015 a 27/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Felipe Gabriel de Lima Crivellari

Matrícula SIAPE: 2018268

Cargo: Técnico em Eletrônica

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Filipe Caetano da Silva

Função Substituída: Chefe da Seção de Suporte Santo André

Código da Função: FG-4

Ato de designação da substituição: Portaria PROAD nº 369 de 28/08/2014, publicada no Boletim de Serviço nº 398 de 29/08/2014

Período do Afastamento: 13/07/2015 a 17/07/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Giulio Guiyti Rossignolo Suzumura

Matrícula SIAPE: 1799836

Cargo: Técnico de Tecnologia da Informação

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Renato Martuchi

Função Substituída: Chefe da Divisão de Redes do NTI

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria nº 159 de 25/03/2014, publicada no Boletim de Serviço nº 359 de 01/04/2014

Período do Afastamento: 08/09/2015 a 25/09/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Gustavo Martini Dalpian

Matrícula SIAPE: 1544408

Cargo: Professor do Magistério Superior

Função: Pró-Reitor de Pós-Graduação

Código da Função: CD-2

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Klaus Werner Capelle

Função Substituída: Reitor

Código da Função: CD-1

Ato de designação da substituição: Portaria nº 134 de 13/02/2014, publicada no Boletim de Serviço nº 347 de 14/02/2014

Período do Afastamento: 14/09/2015 a 17/09/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: João Pereira do Carmo Filho

Matrícula SIAPE: 1736521

Cargo: Administrador

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Leonel de Miranda Sampaio

Função Substituída: Coordenador de Regulação e Informação Institucional da PROPLADI

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria PROAD nº 82 de 20/03/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 449 de 24/03/2015

Período do Afastamento: 24/08/2015 a 28/08/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Juliana Lanza Macencini

Matrícula SIAPE: 2029369

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Alessandra Monteiro Diniz

Função Substituída: Chefe da Divisão de Transportes

Código da Função: FG-2

Ato de designação da substituição: Portaria SUGEPE nº 133 de 18/06/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 471 de 23/06/2015

Período do Afastamento: 13/10/2015 a 29/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Magno Enrique Mendoza Meza

Matrícula SIAPE: 1672967

Cargo: Professor do Magistério Superior

Função: Vice-Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: André Fenili

Função Substituída: Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria nº 56 de 30/01/2014, publicada no Boletim de Serviço nº 343 de 31/01/2014

Período do Afastamento: 01/10/2015 a 14/11/2015 e 15/11/2015 a 30/11/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005



SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Marcileia Aparecida de Paula

Matrícula SIAPE: 1941059

Cargo: Bibliotecário Documentalista

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Hugo da Silva Carlos

Função Substituída: Chefe da Divisão de Processamento Técnico da Biblioteca

Código da Função: FG-2

Ato de designação da substituição: Portaria PROAD nº 554 de 15/12/2014, publicada no Boletim de Serviço nº 426 de 16/12/2014

Período do Afastamento: 13/10/2015 a 21/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Marly Conceição do Rego

Matrícula SIAPE: 1824278

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Jussara Aparecida Pagani Justi

Função Substituída: Chefe da Seção de Controle e Emissão de Documentos e Diplomas da PROPG

Código da Função: FG-2

Ato de designação da substituição: Portaria SUGPE nº 178 de 13/07/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 477 de 17/07/2015

Período do Afastamento: 20/07/2015 a 31/07/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005



SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Pamela Ishiki Galo

Matrícula SIAPE: 1833559

Cargo: Assistente em Administração

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Fernanda Pereira dos Santos

Função Substituída: Assessora Executiva do Gabinete da Reitoria

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria SUGPEPE nº 252 de 20/08/2015

Período do Afastamento: 21/09/2015 a 25/09/2015 e 28/09/2015 a 10/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005



SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Patricia Alves Moreira

Matrícula SIAPE: 1551803

Cargo: Administrador

Função: Responsável pela Coordenação de Relacionamento e Integração da Auditoria Interna

Código da Função: FG-2

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Adriana Maria Couto

Função Substituída: Chefe da Auditoria Interna da UFABC

Código da Função: CD-4

Ato de designação da substituição: Portaria nº 812 de 13/11/2013, publicada no D.O.U. nº 223 de 18/11/2013

Período do Afastamento: 13/10/2015 a 27/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Rafael de Freitas

Matrícula SIAPE: 1689993

Cargo: Administrador

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Ricardo Soares Lima

Função Substituída: Subprefeito do Campus de São Bernardo do Campo

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria SUGEPE nº 344 de 23/09/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 497 de 25/09/2015

Período do Afastamento: 13/10/2015 a 28/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Rodrigo Camata Ribeiro

Matrícula SIAPE: 1624720

Cargo: Administrador

Função: Não tem

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Willer de Gois Pereira

Função Substituída: Chefe da Divisão de Segurança Patrimonial

Código da Função: FG-2

Ato de designação da substituição: Portaria SUGEPE nº 334 de 17/09/2015, publicada no Boletim de Serviço nº 495 de 18/09/2015

Período do Afastamento: 13/10/2015 a 22/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Ronaldo Oliveira de Carvalho

Matrícula SIAPE: 1621406

Cargo: Assistente em Administração

Função: Chefe da Seção de Contratos

Código da Função: FG-3

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Simone Aparecida Pellizon

Função Substituída: Responsável pela Divisão de Contratos

Código da Função: FG-1

Ato de designação da substituição: Portaria PROAD nº 219 de 21/07/2011, publicada no Boletim de Serviço nº 174 de 27/07/2011

Período do Afastamento: 21/09/2015 a 02/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Roseli Frederigi Benassi

Matrícula SIAPE: 1646410

Cargo: Professor do Magistério Superior

Função: Vice-Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Andrea de Oliveira Cardoso

Função Substituída: Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental

Código da Função: FCC

Ato de designação da substituição: Portaria nº 878 de 16/12/2013, publicada no Boletim de Serviço nº 334 de 17/12/2013

Período do Afastamento: 22/09/2015 a 01/10/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

SUBSTITUIÇÃO REMUNERADA

Nome do Servidor: Suel Eric Vidotti

Matrícula SIAPE: 1730526

Cargo: Professor do Magistério Superior

Função: Vice-Coordenador da Agência de Inovação

Código da Função: Não tem

Órgão de Lotação: Fundação Universidade Federal do ABC

Regime Jurídico: RJU

Nome do Ocupante Titular: Anapátricia de Oliveira Morales Vilha

Função Substituída: Coordenadora da Agência de Inovação

Código da Função: CD-3

Ato de designação da substituição: Portaria nº 616 de 29/07/2014, publicada no D.O.U. nº 145 de 31/07/2014

Período do Afastamento: 08/09/2015 e 10/09/2015 a 19/09/2015

Motivo do Afastamento: Férias

Fundamento Legal: Artigo 38 da Lei nº 8.112/90 e Ofício-Circular nº 01/SRH/MP de 28/01/2005

CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Centro de Ciências Naturais e Humanas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7960
secretariaccnh@ufabc.edu.br

**PORTARIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS Nº 24,
DE 03 DE NOVEMBRO DE 2015**

Designa membros para compor Comissão Eleitoral.

O DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS (CCNH) DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria nº 835, da Reitoria da UFABC, de 27 de novembro de 2013, publicada, no Diário Oficial da União em 29 de novembro de 2013, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º Designar, em caráter *ad referendum*, o servidor técnico-administrativo Renato da Silva Correa, SIAPE 1759318; o servidor docente Flávio Leandro de Souza, SIAPE 1760527; e o discente da graduação José Leonardo de Castro Faria, RA 11105110, para comporem a Comissão Eleitoral que coordenará os trabalhos para a eleição dos coordenadores, vice-coordenadores e representantes docentes, discentes e técnicos-administrativos nas coordenações dos cursos de graduação de Bacharelados em Ciências Biológicas, Física, Química e Licenciaturas em Ciências Biológicas, Física, Química e Filosofia, sob a presidência do primeiro.

Art. 2º A comissão se extinguirá após a conclusão do processo eleitoral.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviços da UFABC.

Ronei Miotto
Diretor



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Centro de Ciências Naturais e Humanas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7960
secretariaccnh@ufabc.edu.br

**PORTARIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS Nº 25,
DE 03 DE NOVEMBRO DE 2015**

Designa membros para compor Comissão Eleitoral.

O DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS (CCNH) DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), nomeado pela Portaria nº 835, da Reitoria da UFABC, de 27 de novembro de 2013, publicada, no Diário Oficial da União em 29 de novembro de 2013, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º Designar, em caráter *ad referendum*, a servidora técnico-administrativa Priscila Moura Arakaki, SIAPE 2105842; o docente Rodrigo Maghdissian Cordeiro, SIAPE 1760527; a discente da graduação Isabella Jacob Barreiro, RA 11078012; e o discente da pós-graduação Cristiano da Rocha Tavares, RA 13036215, para comporem a Comissão Eleitoral que coordenará os trabalhos para a eleição dos representantes docentes, discentes de graduação e de pós-graduação para composição complementar do Conselho do Centro de Ciências Naturais e Humanas (ConsCCNH), sob a presidência da primeira.

Art. 2º A comissão se extinguirá após a conclusão do processo eleitoral.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviços da UFABC.

Ronei Miotto
Diretor



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Centro de Ciências Naturais e Humanas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7960
secretariaccnh@ufabc.edu.br

RESOLUÇÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS Nº 04, DE 06 DE OUTUBRO DE 2015.

Define responsabilidades de comunicação e os canais institucionais de comunicação do Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH).

O CONSELHO DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS (CONSCCNH) DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), no uso de suas atribuições e considerando:

- ✓ o teor da Resolução ConsCCNH nº 05 de 2013, a qual instituiu a Política de Comunicação do CCNH,
- ✓ as deliberações ocorridas em sua 9ª Sessão Ordinária de 2015;

RESOLVE:

Art.1º Definir como atores da comunicação do CCNH e suas responsabilidades específicas relacionadas à comunicação:

I. Servidores docentes e técnicos-administrativos do CCNH, com responsabilidade de utilizar os canais institucionais de comunicação do CCNH para informar-se em relação aos assuntos decorrentes do desempenho de seu cargo e para dar publicidade ao que for de sua responsabilidade;

II. O Conselho de Centro, com responsabilidades de normatizar a comunicação do centro e garantir a publicidade de suas deliberações;

III. A Direção, com responsabilidades de superintender a gestão da comunicação do centro, receber as demandas da comunidade do CCNH/UFABC acerca da comunicação do centro e garantir a transparência dos atos da administração do centro;

IV. A Divisão Acadêmica, com responsabilidades de gerir os canais de comunicação institucionais do centro, receber e encaminhar demandas de divulgação e informar procedimentos acadêmicos e administrativos do centro, bem como suas atualizações;

V. A Divisão Administrativa, com responsabilidade de informar procedimentos administrativos do centro, bem como suas atualizações;



Universidade Federal do ABC

VI. Os coordenadores dos cursos de graduação do CCNH, com responsabilidades de utilizar os canais institucionais de comunicação do CCNH para informar-se em relação aos assuntos do curso e para dar publicidade ao que for de sua responsabilidade, tomando medidas necessárias para a divulgação do curso, assim como supervisionar o funcionamento dos canais de comunicação institucionais do CCNH criados para o curso;

VII. Coordenações, Plenárias e Núcleos Docentes Estruturantes dos cursos de graduação do CCNH, com responsabilidade de garantir a publicidade de suas deliberações;

VIII. Coordenadores de Laboratórios de Pesquisa, com responsabilidades de utilizar os canais institucionais de comunicação do CCNH para informar-se em relação aos assuntos decorrentes de sua posição e para dar publicidade ao que for de sua responsabilidade;

IX. Coordenadores e presidentes de Grupos de Trabalho, Comissões, Comitês e afins, com responsabilidades de utilizar os canais institucionais de comunicação do CCNH para informar-se em relação aos assuntos decorrentes de sua posição e para dar publicidade ao que for de sua responsabilidade;

X. Representantes do CCNH em outras instâncias da UFABC, com responsabilidades de receber demandas pertinentes à sua representação e dar publicidade aos assuntos decorrentes de sua posição à comunidade CCNH/UFABC por meio dos canais institucionais do CCNH;

XI. Equipe de Gestão da Comunicação do CCNH (EGC) com responsabilidade de assessorar a Direção do CCNH nas questões que envolvam a comunicação do centro, gerindo a comunicação do centro, desenvolvendo planos e programas de comunicação e elaborando propostas de normatização acerca da comunicação.

§1º. Todos os atores têm a responsabilidade de manter os canais de comunicação institucionais sob sua responsabilidade funcionando, não podendo alegar a falta de informação decorrente do não cumprimento desta responsabilidade.

§2º. Todos os atores têm a responsabilidade de utilizar os canais de comunicação institucionais com regularidade.

§3º. Todos os atores têm a responsabilidade de não veicular, por meio dos canais institucionais do CCNH, informações de propaganda, caracterizadas como lixo eletrônico ou, ainda, cujo conteúdo possa denegrir a imagem de outrem.

§4º. Estas responsabilidades não eximem os atores das demais responsabilidades decorrentes da Política de Comunicação do CCNH, bem como das consequentes de outros órgãos internos e externos à UFABC.

§5º. As responsabilidades descritas nesta resolução poderão ser conferidas a outros atores que porventura não foram relacionados, mas que em algum momento passarem a ser tratados com similaridade aos atores citados.

Art.2º Definir os canais institucionais de comunicação do CCNH e suas funções:

I – Site do CCNH, onde serão disponibilizadas todas as informações públicas do centro à comunidade interna e externa;

II – Intranet, onde serão disponibilizadas informações internas do centro próprias de seus servidores, servindo também como meio para viabilizar interação entre os membros da comunidade CCNH/UFABC;

III – E-mails institucionais, sendo divididos nas seguintes categorias:

- e-mail do servidor, com a função de recebimento e envio de informações pertinentes ao desempenho de seu cargo;

- e-mails de instância, com a função de recebimento e envio de informações por servidor no desempenho de responsabilidade de uma instância (direção, coordenações, divisões);

- listas de e-mail, com função de recebimento e envio de informações pertinentes a um determinado grupo.

IV – Murais do CCNH, onde serão divulgadas informações pertinentes ao CCNH;

IV - Rede interna e de telefone da UFABC, com função de auxiliar a comunicação em assuntos pertinentes ao desempenho do cargo.

§ 1º Outros canais de comunicação institucionais criados ou aderidos pela administração do centro, por meio da Direção, posteriormente a esta resolução poderão ser utilizados para atender funções não contempladas.

Art. 3º Os casos omissos serão resolvidos pela Direção do CCNH.

Art. 4º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

Ronei Miotto
Presidente



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Centro de Ciências Naturais e Humanas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7960
secretariaccnh@ufabc.edu.br

RESOLUÇÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS Nº 05, DE 06 DE OUTUBRO DE 2015.

Extingue a Comissão Assessora de Comunicação (CAC) do Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH).

O CONSELHO DO CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS (CONSCCNH) DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC), no uso de suas atribuições e considerando:

- ✓ o teor da Resolução ConsCCNH nº 03/2013, a qual instituiu a Comissão Assessora de Comunicação do CCNH,
- ✓ as deliberações realizadas em sua 9ª Sessão Ordinária de 2015;

RESOLVE:

Art.1º Declarar encerradas as atividades da Comissão Assessora de Comunicação (CAC) do CCNH.

Art.2º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

Ronei Miotto
Presidente

CENTRO DE ENGENHARIA, MODELAGEM E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7940
secretariacecs@ufabc.edu.br

PORTARIA CECS Nº 49, DE 29 DE OUTUBRO DE 2015.

*Credencia docente ao curso de Bacharelado em
Relações Internacionais*

O DIRETOR DO CECS – CENTRO DE ENGENHARIA, MODELAGEM E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, nomeado pela Portaria nº 830, de 27 de novembro de 2013, publicada no Diário Oficial da União, em 29 de novembro de 2013, no uso de suas atribuições legais e considerando a Resolução da Comissão de Graduação nº 05, de 09 de setembro de 2014 e a Resolução ConCECS nº 27, de 19 de novembro de 2014,

RESOLVE:

Art. 1º Credenciar a pedido, o docente Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes, SIAPE nº 2226053, no curso de Bacharelado em Relações Internacionais.

Art. 2º Essa portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviços da UFABC.

Prof. Dr. Annibal Hetem Junior
Diretor do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996.7940
secretariacecs@ufabc.edu.br

PORTARIA CECS Nº 50, DE 29 DE OUTUBRO DE 2015.

*Descredencia docente do curso de Bacharelado em
Relações Internacionais*

O DIRETOR DO CECS – CENTRO DE ENGENHARIA, MODELAGEM E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, nomeado pela Portaria nº 830, de 27 de novembro de 2013, publicada no Diário Oficial da União, em 29 de novembro de 2013, no uso de suas atribuições legais e considerando a Resolução da Comissão de Graduação nº 05, de 09 de setembro de 2014 e a Resolução ConCECS nº 27, de 19 de novembro de 2014,

RESOLVE:

Art. 1º Nos termos do art. 3º, §2º da Resolução CONCECS nº 27, descredenciar, a docente Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho, SIAPE nº 1762338, do curso de Bacharelado em Relações Internacionais.

Art. 2º Essa portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviços da UFABC.

Prof. Dr. Annibal Hetem Junior
Diretor do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas.

COMISSÕES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais do
Magistério de Educação Básica
Av. dos Estados, 5001 · Bairro Bangu · Santo André - SP
CEP 09210-580

PORTARIA DO COMFOR Nº 003, DE 27 DE OUTUBRO DE 2015

Nomeia Grupo de Trabalho para discussão e elaboração de propostas para a Base Nacional Comum Curricular na UFABC.

A Coordenadora do COMFOR da Fundação Universidade Federal do ABC – UFABC, nomeada pela portaria da Reitoria nº 345, de 6 de maio de 2014, publicado no Boletim de Serviço da UFABC nº 367, de 9 de maio de 2014, no uso de suas atribuições legais, e considerando o Edital nº 002/2014, publicado no Boletim de Serviço nº 399, de 2 de setembro de 2014,

RESOLVE:

Art. 1º Nomear o Grupo de Trabalho (GT) para discussão e elaboração de propostas para a Base Nacional Comum Curricular (MEC) e apresentação das contribuições da instituição na plataforma específica do MEC, com a seguinte composição:

- I - Giselle Watanabe ;
- II - Fernando Luiz Cássio Silva;
- III - Salomão Barros Ximenes;
- IV - Patricia Sessa ;
- V - João Rodrigo Santos da Silva;
- VI - Pedro Paulo Maneschy;
- VII - Francisco José Brabo Bezerra;
- VIII - Silvio Carneiro;
- IX - Regina Helena de Oliveira Lino Franchi;
- X - Marcia Helena Alvim;
- XI - Lúcio Campos Costa.

Art 3º O GT será coordenado pelos docentes Giselle Watanabe e Fernando Luiz Cássio Silva.

Art 4º O GT terá 60 (sessenta) dias, a contar da data de publicação desta Portaria, para a conclusão de seus trabalhos.



Universidade Federal do ABC

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Boletim de Serviço da UFABC.

Virgínia Cardia Cardoso
Coordenadora do COMFOR - UFABC